



Cristiane Santos Souza

**Trajetórias de migrantes e seus descendentes:
transformações urbanas, memória e inserção na metrópole
baiana.**

**CAMPINAS
2013**



Universidade Estadual de Campinas
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Cristiane Santos Souza

**Trajetórias de migrantes e seus descendentes:
transformações urbanas, memória e inserção na metrópole
baiana.**

Orientadora: Profa. Dra. Emília Pietrafesa de Godoi

**Tese de Doutorado apresentada ao
Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas, para obtenção do Título de
Doutora em Antropologia Social.**

**ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA TESE
DEFENDIDA PELA ALUNA CRISTIANE SANTOS SOUZA,
E ORIENTADA PELA PROFA. DRA. EMÍLIA PIETRAFESA DE GODOI**

**CAMPINAS
2013**

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Marta dos Santos - CRB 8/5892

So89t Souza, Cristiane Santos, 1973-
Trajetória de migrantes e seus descendentes: transformações urbanas, memória e inserção na metrópole baiana / Cristiane Santos Souza. – Campinas, SP: [s.n.], 2013.

Orientador: Emília Pietrafesa de Godoi.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Migração interna - Salvador (BA). 2. Experiência de vida. 3. Trajetórias de vida. 4. Mobilidade espacial. 5. Memória. I. Godoi, Emília Pietrafesa, 1960-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Trajectory of migrants and their descendants: urban transformations, memory, and insert in Bahia metropolis

Palavras-chave em inglês:

Internal migration - Salvador (BA)

Life experience

Trajectories of life

Spatial mobility

Memory

Área de concentração: Antropologia Social

Titulação: Doutora em Antropologia Social

Banca examinadora:

Emília Pietrafesa de Godoi [Orientador]

Maria Suely Kofes

Susana Soares Branco Durão

Antonádia Monteiro Borges

Marilda Aparecida de Menezes

Data de defesa: 09-12-2013


Programa de Pós-Graduação: Antropologia Social




UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS


A Comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa de Tese de Doutorado, em sessão pública realizada em 09 de dezembro de 2013, considerou a candidata CRISTIANE SANTOS SOUZA aprovada.

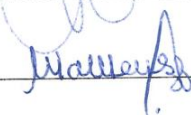
Este exemplar corresponde à redação final da Tese defendida e aprovada pela Comissão Julgadora.

Profa. Dra. Emília Pietrafesa de Godoi 

Profa. Dra. Maria Suely Kofes 

Profa. Dra. Susana Soares Branco Durão 

Profa. Dra. Antonádia Monteiro Borges 

Profa. Dra. Marilda Aparecida de Menezes 

RESUMO

O objetivo desta tese é etnografar as trajetórias de *migrantes* que saíram do *interior* do Estado da Bahia e se inseriram na cidade de Salvador, especificamente no território do Subúrbio Ferroviário, entre os anos 1940-1980; de forma articulada, busca observar as transformações urbanas e sociais pelas quais passou a cidade neste período. Em outros termos, busca contar as histórias dos migrantes e de seus descendentes através de suas memórias. E, mais, narrar como elas produziram a cidade em seus percursos e foram assim construindo estratégias ou modos para se inserirem nela. Ademais, especificamente, me mobilizei com vistas a (i) Investigar de que maneira as experiências dos *migrantes*, por um lado, e por seus filhos e netos nascidos na metrópole eram, por outro, condicionadas por aspectos identitários específicos (como condição racial e identidade local) e a participação social organizada; (ii) Investigar os mecanismos de vinculação e trânsito familiares estabelecidos por meus interlocutores com seus lugares de origem; (iii) Estudar a prevalência e a importância de estratégias coletivas de inserção, a exemplo de migração em etapas, parcelamento de lotes urbanos, transferência de habitações, reprodução de ofícios e especializações produtivas, entre outras, no âmbito da família estendida e (iv) Apreender as distintas possibilidades abertas à atuação dos sujeitos conforme o gênero, a raça e a classe e as formas encontradas para lidar com as desigualdades.

Palavras-Chave: 1. Migração interna - Salvador (BA). 2. Experiência de vida. 3. Trajetórias de vida. 4. Mobilidade espacial. 5. Memória

ABSTRACT

The objective of this thesis is to make a trajectories ethnography of *migrants* who left the *country* of Bahia State and inserted themselves in the city of Salvador, specifically to Subúrbio Ferroviário (Railway Periphery), between 1940s-1980s; in an articulated way, it pursues to observe the urban and social transformations undergone by the city in this period. In other words, it seeks to tell the stories of migrants and their descendants through their memories. And more, to narrate how they produced the city in their path meanwhile they building strategies or measure to inserted themselves. Moreover, specifically, I mobilized myself in a intent to (i) investigate how the migrant experiences on the one hand, and their children and grandchildren which born in the metropolis on the another, were conditioned by specific aspects of identity (such as racial and local identity) and organized social participation; (ii) investigate the familiar mechanisms entail and transit established by my interlocutors with their places of origin, (iii) study the prevalence and importance of insertion collective strategies, like steps migration, urban land installment, housing transference, profession and work expertise reproduction, among others, within the extended family and (iv) to apprehend the different possibilities open to the subjects activity by gender, race, class and forged ways to deal with inequalities.

Palavras-chave: 1. Internal migration - Salvador (BA). 2. Life experience. 3. Trajectories of life. 4. Spatial mobility. 5. Memory

SUMÁRIO

Agradecimentos	xv
Lista de Imagens	xxiii
Lista de mapas	xxv
lista de figuras	xxvii
INTRODUÇÃO: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS	1
Preâmbulo	1
1 - Entre diferentes relatos: experiências, memórias e narrativas	2
2 - Abrindo os Caminhos	14
3 - Fiando miçangas e produzindo guias	31
4 - Percorrendo caminhos: atravessando encruzilhadas	41
5 - Recolocando as guias: alargando o campo	45
CAPÍTULO I. [N]O <i>INTERIOR</i> DA CIDADE: MEMÓRIAS DE ITINERÂNCIAS	51
Preâmbulo	51
1.1 - Todos os Santos da Bahia: <i>um espelho virado ao céu</i>	53
1.2 - Deslocamentos e a emergência de outros tempos	56
1.3 - <i>São Salvador</i> da Baía: cidade de mobilidades	68
1.4 - Linhas, trilhos e estradas: nos caminhos da modernização	80
1.5 - Experiências de migrantes: os estudos em Salvador	89
CAPÍTULO II. ALINHAVANDO E TECENDO REDES E TRAJETÓRIAS DE MOBILIDADES	107
2.1- Abrindo as portas do <i>Subúrbio</i>	108
2.2 - Histórias de vida: territórios e enredos	112
CAPÍTULO III. “RUPTURA” COM O LUGAR DE ORIGEM: A CONSTRUÇÃO DE LUGARES DE MEMÓRIA	157
3.1 - Da <i>Conceição</i> ao <i>Pirajá</i> : uma infância vivida em Salvador	157
3.2 - O encantamento com a cidade nos primeiros anos	163
3.3 - <i>Para o Cabrito foi de barco: fincando pé</i> e constituindo pertencas	178
3.4 - Casamento e experiência racial	189
CAPÍTULO IV. ESTRATÉGIAS DE OCUPAÇÃO: EM BUSCA DA CASA PRÓPRIA..	
.....	201
4. 1. No jardim de <i>lotes e obras</i>	201
4.1.1. Nos tempos de <i>em firma</i> : o avanço do mercado imobiliário	218
4.2. No <i>movimento da luta por moradia</i> : mulheres se fazendo <i>liderança</i>	227
4.2.1. <i>Invasões</i> : produzindo enredos	227
Episódio1. <i>A fuga</i>	230
Episódio 2. O enfrentamento	231
Episódio 3. Tornando-se <i>liderança</i>	236
4.2.2. Invadir, ocupar, resistir e consolidar: passos dos <i>movimentos</i>	243

CAPÍTULO V. DESLOCAMENTOS QUE SE ATUALIZAM NA MUTUALIDADE DAS RELAÇÕES DE PARENTESCO	255
5. 1. Entre a Barra do Paraguaçu e Salvador	255
5.2. Amor e casamento entre parentes	268
5.3. O percurso pelo “mundo do trabalho”	278
5.4. Itinerâncias pela cidade e o desejo da <i>casa própria</i>	284
5.5. Parentes, trajetórias e redes que se cruzam	292
5.6. Sonhos, apadrinhamentos e obrigações	302
 CAPÍTULO VI. OS FILHOS DA CIDADE: PERCORRENDO OUTROS CAMINHOS	 315
Preâmbulo	315
6.1. Memórias de uma infância objetivada	316
6.2. Outras infâncias: brincadeiras e escola na configuração do território e a vida	325
6.3. Sonhos e projetos: jovens se deslocando do bairro, a caminho da <i>cidade</i>	336
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	 345
FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	353
APÊNDICE	375
Ensaio fotográfico 1 . Vidas Vindas do Mar	375
Ensaio fotográfico 2 . Saber fazer: o assado da castanho do cajú por Seu Hélio	382
ANEXOS	389

Inaiê, meu filho, esta tese é pra você ô, meu amor...
Para você que me fez feliz, que me fez amar!

À minha mãe e ao meu pai que me deram a vida. Ao meu pai (*In memoriam*)

Às minhas avós e aos meus avôs (*In memoriam*),
Que correram mundo e me deram o *interior*.

Agradecimentos

Inúmeros foram os caminhos trilhados até a decisão de realizar este trabalho. Do tempo da pesquisa ao da escrita da tese. Atravessá-los foi fundamental para descobrir novos horizontes da vida. Ao fim da travessia, a certeza que fica é que para concretizá-lo eu contei com o apoio e ajuda de muitas pessoas queridas e instituições fundamentais – cada uma delas do seu jeito.

Primeiro, agradeço a todas as pessoas que abriram as portas de suas casas, me receberam e compartilharam a vida e o cotidiano delas comigo.

Entre as instituições agradeço:

Ao Programa Internacional de Bolsas de Pós-Graduação da Fundação Ford (International Fellowships Program – IFP), pela bolsa concedida e por muitas outras oportunidades. Em especial agradeço a Profa. Dra. Fúlvia Rosemberg, coordenadora do Programa no Brasil, e a toda equipe da Fundação Carlos Chagas (instituição responsável pelo Programa no Brasil), dentre as quais destaco as professoras Márcia Caxeta e Marli Ribeiro.

Ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – PPGAS/UNICAMP, que recebeu a proposta deste trabalho e viabilizou uma bolsa emergencial, por seis meses, ao término da bolsa concedida pela Fundação Ford, com a qual pude continuar me dedicando à escrita e conclusão da tese.

Ao International Institut of Social History, através do South-South Exchange Programme for Research on the History of Development (SEPHIS), por ter financiado a pesquisa “Memórias Suburbanas”. Através dela pude produzir um vasto acervo oral e documental sobre a memória dos movimentos sociais no Subúrbio Ferroviário de Salvador, viabilizando, assim, parte dos objetivos desta tese.

Registro meus mais profundos e sinceros agradecimentos a todas as pessoas que de alguma forma fizeram possível o processo que resultou nesta tese.

Quero agradecer, especialmente, a Fábio Baqueiro Figueiredo, companheiro de antigas jornadas, com quem compartilhei a vida por mais de uma década. Sem ele não teria continuado a navegar pelos mares bravios do conhecimento acadêmico. As palavras e

demonstrações práticas de confiança pessoal e intelectual me mantiveram forte nos momentos em que a vida me fazia querer desistir e mudar de rumo. A ele sou grata pelo presente que me inspirou e fortaleceu nesta caminhada, nosso filho da *cidade-interior*, Inaiê.

Agradeço à professora Emília Pietrafesa de Godoi por assumir a orientação deste trabalho, pelos ricos momentos de discussão e aprendizado intelectual; pela oportunidade de poder compartilhar com outros colegas encontros memoráveis e discussões riquíssimas na linha “Processos Sociais e Territorialidades”, que me ajudaram muito a definir passos importantes deste trabalho. Especialmente, agradeço a Emília pela confiança e encorajamento nos momentos difíceis desta jornada.

Nesse caminho que começou em Salvador quero agradecer:

A minha mãe, Crisomar, e irmãs: Claudia, Daniela e Daniele, pela confiança, admiração e respeito por minhas “estranhas” escolhas.

A Maria Rosário Carvalho agradeço pelo apoio, incentivo e confiança no meu percurso na Antropologia, desde o mestrado. Sou grata pelas leituras preliminares do projeto de pesquisa, pela leitura do texto que apresentei na qualificação e, principalmente, pelas considerações e sugestões, fundamentais para o desenvolvimento do trabalho.

Agradeço a professora Mary Garcia Castro pela leitura atenta e dicas na formulação do projeto, por acreditar nas pesquisas que desenvolvo em Salvador e por me confiar participação no Núcleo de Pesquisa e Estudo sobre Juventude, Identidade e Cidadania – NPEJI/UCSAL. Através do NPEJI pude dispor do apoio institucional para desenvolver o projeto sobre a memória dos movimentos sociais, mesmo antes de dispor dos recursos financeiros. No âmbito deste núcleo apresentei algumas das ideias que desenvolvi nesta tese.

Quero agradecer profundamente a Ediane Lopes de Santana e Haroldo Silva Barbosa, parceiros de trabalho, primeiro; depois, amigos queridos que, desde 2005, acreditaram e doaram parte de suas vidas e de seus conhecimentos para compor as linhas que tecem esta tese. Eles são produtores, protagonistas de diferentes formas deste trabalho. A cumplicidade que construímos juntos nestes anos é um dos ganhos mais preciosos que conquistei. Com um forte e sincero abraço, registro o afeto que tenho por eles.

Gostaria de agradecer a Luís Henrique Sant’Ana, meu amigo e protagonista desta tese, pela confiança sempre depositada em meus trabalhos e, especialmente, pela cumplicidade neste.

A Lucylanne Oliveira da Silva (Xuxu) – amiga, comadre, socióloga e parceira de diferentes pesquisas – agradeço pelas conversas sempre tão vibrantes e enriquecedoras durante a pesquisa. E mais, agradeço pelas histórias doadas de sua família que migrou dos *sertões* de Pernambuco para Salvador nos anos 1970.

Também quero agradecer as minhas amigas-parceiras longo tempo: Ivana Tavares Muricy, Ana Carla Souto Rocha (Cacá) e Jucelia Bispo dos Santos (Jú) – sociólogas e antropólogas com as quais comecei a enveredar no campo mesmo da pesquisa –, pelas trocas intelectuais e apoio para que eu pudesse efetivar este trabalho. A Ivana agradeço por me possibilitar atravessar a Baía de Todos os Santos pela primeira vez saindo de Salvador informada com o olhar de pesquisadora. A tarefa: observar, registrar e analisar. Deste encontro nasceu o desejo de saber mais dessas veredas. Com Ana Carla (Cacá) compartilhei dúvidas acerca das trilhas que nos levavam pela Antropologia e pelas críticas às Ciências Sociais, aquelas feitas atrás dos muros “seguros” e, muitas vezes, distantes da “academia”. Quero agradecer pela amizade e o afeto de uma vida cruzada pelas voltas que o mundo deu e nos tornaram ligadas por nossos *filhos-irmãos*, queridos: Luan e Inaiê. Jú é uma filha da *ilha*, da ilha de Itaparica que atravessou as águas da Baía de Todos os Santos e, assim como outras pessoas, em diferentes gerações antes dela, deslocou-se *a caminho da cidade* para voltar-se para o seu *interior* com a competência de pesquisadora e professora que se tornou. Quero agradecer por acreditar, incentivar e pelas primeiras e provocativas leituras deste trabalho que me despertaram atenção para questões que me escapavam ao olhar.

Neste caminho, a cumplicidade e o afeto de Marcelo dos Santos Oliveira, amigo-irmão de tantos anos, foram fundamentais. Suas palavras de força e doçura que afirmavam o potencial e a importância deste trabalho me fizeram prosseguir. O abrigo afetuoso em sua casa, quando já não tinha mais uma casa minha em Salvador, foi crucial para escrever partes desta tese. Justo seria oferecer em agradecimento a ele uma poesia, mas, por ora, afirmo a amizade e afeto que lhe reservo.

A Daiana Pereira (Dai) agradeço pelo carinho e incentivo para que eu continuasse na direção deste trabalho, pelas conversas e palavras de fortalecimento, pela disposição

sempre em ajudar no que fosse necessário. As estadias confortáveis em sua casa, fazendo-me sentir como se estivesse na minha própria casa, foram fundamentais nos momentos mais conturbados desta travessia. Ideias importantes deste trabalho surgiram e outras foram amadurecidas em nossas conversas. Quero agradecer também ao meu amigo André Santos (Deco), companheiro de Dai, arquiteto e urbanista competente; amante da fotografia e do seu poder de falar da alma. A ele agradeço pelas dicas de leitura sobre a modernização de Salvador e, especialmente, por disponibilizar seu acervo de fotografias sobre a cidade em diferentes tempos para que eu pudesse escrever em imagens partes deste trabalho e, principalmente, agradeço pela generosidade e amizade de tantos anos.

Agradeço a Ana Cláudia Pacheco pelo incentivo para transformar minhas intuições em projeto e prestar a seleção para o Doutorado na UNICAMP em nossas conversas nas cantinas da Universidade Estadual de Feira de Santana, quando lá lecionávamos. Seu apoio posterior me abriu as portas de Campinas, ao me indicar uma amiga, Cacilda Reis (Cida), que se tornou uma amiga especial. A Cida agradeço por ter me recebido em sua casa durante as etapas de seleção do doutorado e, depois, durante o tempo em que procurava um lugar para morar em Campinas.

Não poderia deixar de agradecer a outros amigos e amigas de Salvador que me ajudaram a crescer como pessoa e pela cumplicidade na realização deste trabalho: Paulo de Jesus, Martha Lícia, Erik Baqueiro, Débora Menezes, Luiz Henrique Pinheiro, Dulce Castro, Juciara Dantas, Júlio Bispo e Rosângela Almeida. Gostaria de agradecer de forma especial a Sônia pela ajuda fundamental no cuidado com meu filho para que eu pudesse me dedicar ao trabalho de campo e a escrita do texto da qualificação, em Salvador; e, mais, pela cumplicidade de mais de uma década de convivência. Sem sua presença afetuosa e seus préstimos cotidianos eu não teria conseguido.

Registro meus sinceros agradecimentos a Marina Rute Pacheco, Regina Costa Faria – em 2011, estudantes de graduação do curso de Ciências Sociais da UFBA – Lucylenne, Ediane e Haroldo, responsáveis por fazer parte das transcrições das entrevistas que fazem parte desta pesquisa e do acervo “Memórias Suburbanas”. Sem o trabalho cuidadoso e competente deles parte das vozes evocadas nesta tese não se fariam ouvir.

Na travessia, já em Campinas, encontrei pessoas muito especiais na minha geração de Pós-graduação de 2009, com as quais compartilhei os meus primeiros estranhamentos e,

principalmente, um ambiente de descobertas, amizade, colaboração intelectual, de onde nasceram outros espaços de trabalho e reflexões éticas e comprometidas acerca do nosso fazer; mas, especialmente, nasceu daí a nossa *Antropologia de quinta*. Nos encontros da *Antropologia de quinta* trocamos boas conversas, comidas, músicas e largos sorrisos. Neles também compartilhamos dúvidas, angústias e descobertas com nossas pesquisas e sobre aspectos mais gerais acerca da educação, da universidade e da política no Brasil e em outros países das Américas. É difícil pontuar a importância que cada um de vocês tiveram neste percurso, então digo do meu afeto e da imensa saudade, queridos e queridas: Fabiana Mendes (Fabi Mendes), Carolina Ayala (Carol), Carmen Lúcia (Calu), Bruna Bumachar (Bru), Jimena Pichinao, Fabiane Andrade (Fabi), Larissa Nadai (Lari), Ernenek Mejià (Erne), Carlos Eduardo Henning (Cadu), Guilherme Mansur (Gui), Rafael Cremonini (Rafa), Jean Maia e José Quindel. Foi nos encontros das *quintas* que conheci e compartilhei momentos muito especiais com Mariana Petroni (Mari) e Fabiane Vinente (Bia), ambas que passaram a fazer parte de *nossa geração*. Todos vocês são afetos que ultrapassaram as salas e corredores do IFCH e seguem comigo no que cada um deixou marcado em mim.

Aos amigos-irmãos que fiz em Campinas graças ao Programa Bolsa Ford: Vinebaldo Aleixo (Vine), Josemeire Alves Pereira (Josy) e Karine Damasceno (Karine), registro meu afeto e amizade e agradecimentos por todos estes anos de apoio, cumplicidade e generosidade. Agradeço a Vine por ter preenchido meus tempos em Campinas de poesia, música, sensibilidade e muita sabedoria; pelas leituras e contribuições sempre pertinentes ao meu trabalho.

Agradeço a Josy pela cumplicidade e afeto tão importantes no conforto e tranquilidade necessários para trilhar este caminho. Nossas conversas sobre o tema e questões compartilhadas sempre foram muito instigantes e agregadores. Eu antropóloga, querendo afirmar diálogo com o fazer historiográfico, e ela, historiadora, querendo manter diálogo com a Antropologia. Com Josy aprendi tanto da capacidade de se reinventar todos os dias. Por isto, e tudo mais, agradeço pelo interesse e disposição de leitura dos meus rascunhos, experimentos e do texto final da tese.

Não poderia deixar de destacar também meus agradecimentos a Karine, mulher guerreira, com quem aprendi a reconhecer e admirar ainda mais a grandeza do aprendizado conquistado todos os dias na firmeza da labuta. Sua elegância no caminhar cotidiano nas

trilhas do saber acadêmico foram inspiradores e suas palavras de encorajamento e apoio prático foram cruciais para que eu pudesse ultrapassar uma das pontes mais frágeis desta caminhada e poder chegar neste momento final da tese.

Em Campinas morei em diferentes lugares nos cinco anos do doutorado. Primeiro, morei na *casa nordeste-sudeste* na companhia de Vine, Lorena Martinez, Maria Emília Vasconcelos (Emília) e Marcos Vinícius Santos Coelho (Marcos), aos quais agradeço pelo convívio e trocas cotidianas sobre trabalho e vida. A Emília agradeço pelas conversas e pelo afeto destinado ao meu filho. A Marcos, que conheci desde de Salvador, agradeço a amizade consolidada em terras campineiras e a confiança intelectual. Nessa estadia, as longas, densas e divertidas conversas sobre o estudo, o trabalho e a vida trouxeram mais energia, conforto e principalmente, tornaram o *banzo* de casa e dos amores mais suportável. Em tempo, agradeço a Marcos, ainda, por afirmar meu interesse de pesquisa pelos mares dos documentos historiográficos e me (re)iniciar no trabalho junto aos registros do Arquivo Público do Estado da Bahia, morada dos historiadores. Por fim, reafirmo minha gratidão a todos eles, a primeira família que construí em Campinas, pelo afeto destinado a Inaiê!

Morei também no Jardim América. Primeiro, com meus queridos amigos: Mari e Erne, pelos quais guardo muito apreço, afeto e gratidão, além de compartilhar ideias e reflexões sobre o fazer antropológicos. Aos dois agradeço por me abrigarem quando retornei do trabalho de campo, trazendo duas malas, um texto de qualificação para apresentar e meu filho. O período na casa deles foi fundamental para me reorganizar e retomar o trabalho da tese. Ao mudar de moradia, permaneci próximo deles, compartilhando uma quase meia parede, o que trouxe a sensação sempre de companhia e, principalmente, de bons momentos de convívio.

Agradeço a Patrícia Lora, que conheci e com quem troquei ideias e experiências desde o início na Unicamp, pela amizade, pelo afeto, respeito humano e intelectual que me dedicou nestes anos. Sei que nosso vínculo vai além dos muros desta instituição e do nosso fazer profissional. Sua força espiritual e palavras de afirmação e encorajamento para prosseguir com a vida e o trabalho foram fundamentais para chegar neste momento. Nossas conversas, produções e descobertas compartilhadas foram de muita grandeza. Quero agradecer ainda pelas leituras, considerações e sugestões em partes da tese.

Agradeço também a amizade, incentivo e confiança de Luanda Sito, com quem compartilho interesses de trabalho e política acerca das relações raciais e do racismo no Brasil e em outros países das Américas.

Na moradia da Unicamp encontrei outra universidade e nela conheci outras pessoas maravilhosas com as quais construí parcerias, afetos e uma rede de apoio cotidiano fundamental para concretizar este trabalho. A estas pessoas agradeço por todos os momentos ricos que tivemos: Clécia Gomes, Mauro Vitali, Mariana Lima, Luís Fernando (Alemão), Jaqueline de Freitas (Jaque), Ricardo Francé, Aneci Serra, Denis Figueiredo, Graciete Santos, João Fasina Neto (Neto), Sthefane Louise, Gilson e Vagner Matheus Silva Lopes (meu mestre de Reiki). A Jaque agradeço, especialmente, pelas muitas vezes que me resgatou da “caverna”, sinalizando para a luz que o dia nos reservava; pela ajuda diária com Inaiê e pelas boas e divertidas conversas. Também agradeço a Neto por transformar minhas ideias de cartografia em artefatos concretos.

Não poderia deixar de agradecer às crianças da moradia e às que passam por ela quase todos os dias, pela vitalidade e o brilho da ingenuidade, ainda, nos olhares: Otávio, José, Iarinha, Yucai, Gustavo (Gú), Gabriela, Pietro, Chico e Luzia. Aqui aproveito para agradecer a Nil Sena, mãe de Chico e Luzia, uma grande artista e mulher admirável, pela amizade e por me indicar outros lugares da "vida cultural" de Campinas.

Aos meus amigos e amigas da capoeira reencontrada em Campinas: Alex Maneta, Danilo Abreu, Mariana Lima, Luís Fernando (Alemão, por seus ensinamentos!), Wendel (Bigato), Fred, Emiliano (Emi), Carol e Matheus, agradeço pelos treinos e as *voltas ao mundo*, que se tornaram meu porto seguro no último ano de escrita da tese.

Nos dois últimos anos de doutorado, morando em Campinas, alarguei a rede de relações, conhecendo pessoas que foram importantes para que eu pudesse colocar a *firma*, o fecho neste trabalho. Dentre elas gostaria de agradecer a Katiani Shishito por suas palavras de encorajamento e confiança; por compartilhar o desejo de tornar as relações no ambiente da universidade diferentes e, principalmente, pelo aprendizado sobre outras formas de conhecimento humano; agradeço a Cassiana Rodrigues por compartilhar inquietações existenciais, temas e questões de pesquisa antropológicas e pela amizade; sou grata a Joseane Carina Carvalho pelo carinho e apoio.

A vida dá voltas e em uma delas reencontrei, em Campinas, Fernanda Tomaz, com quem já mantinha ligação através de amigos comuns. Reencontrá-la, no momento em que ela estava finalizando a tese, foi fortalecedor e inspirador para mim. A Fernanda agradeço pela força e sensibilidade com que me ajudou em diversos momentos. O convívio que tivemos, neste período, foi importante para afirmar nosso vínculo.

Não poderia deixar de agradecer pelo incentivo permanente dos meus queridos amigos e companheiros da turma de Bolsistas da Ford 2008: Rosa Marques, Ademar Macaubas e Ecivaldo Matos, amigos nascidos desta experiência, pelos quais guardo grande apreço.

Aos professores que conheci no PPGAS e com os quais aprendi muito, alguns como aluna: Mauro de Almeida, Omar Tomaz, Mariza Correia, Heloisa Pontes, Guita Debret, Bela Feldman Bianco e Suely Kofes. Outros: John Manuel Monteiro e Ronaldo de Almeida, eu agradeço pelo convívio e trocas corriqueiras nas atividades cotidianas e institucionais no IFCH.

Quero agradecer ainda à professora Suely Kofes por sua leitura cuidadosa, crítica e sensível do texto que apresentei na qualificação de tese. Suas considerações e sugestões mudaram, fundamentalmente, algumas direções desta tese, por minha conta e risco. Naquele momento, suas palavras me alimentaram do vigor e da paixão necessários para conduzir o trabalho. Por isto, e por todos os encontros e trocas respeitadas que tivemos depois daquela qualificação, lhe sou muito grata.

Agradeço ao professor Ronaldo de Almeida por ter aceitado participar da banca de qualificação, pela leitura, pelas considerações diretas e provocativas e pelas sugestões feitas ao trabalho, que foram fundamentais para prosseguir na escrita desta tese.

Por fim, gostaria de deixar registrado meu apreço ao prof. Dr. John Monteiro (*In memoriam*). A ele agradeço pelo convívio e o compartilhamento, durante alguns meses, em que trabalhei em sua sala e da professora Emília. Os encontros neste ambiente sempre foram de muita serenidade, respeito e aprendizado. Ali foi escrita boa parte desta tese.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01. Vista panorâmica do núcleo antigo da <i>Cidade da Bahia</i>	59
Imagem 02. No tempo dos Saveiros	61
Imagem 03. Salvador nas linhas e trilhos dos bondes	83
Imagem 04. Nos trilhos da <i>Leste</i>	112
Imagem 05. Suburbana: atravessando pelo Lobato a caminho de Paripe	113
Imagem 06. <i>Suburbana</i> : passando por Itacaranha, Escada e Periperi	135
Imagem 07. Atravessando a <i>Suburbana</i> : Chegando a Paripe	146
Imagem 08. Trecho de Plataforma, São Bartolomeu e Pirajá	163
Imagem 09. “Uma vista da cidade do Salvador”	165
Imagem 10. A Rampa do Mercado: pessoas e coisas que chegam e que saem	170
Imagem 11. “Vista parcial de Salvador”	170
Imagem 12. Dona Honorina e Seu Erotildes: pose em frente à <i>casa do Cabrito</i>	172
Imagem 13. “Identidade”: Dona Honorina numa $\frac{3}{4}$	173
Imagem 14. Dona Elizete aos dezoito anos de idade	182
Imagem 15. Recorte 1. Jornal A Tarde: antigas casas da Vila Operária da Fatbraz em Plataforma	184
Imagem 16. Recorte 2. Jornal A Tarde: Depoimentos de antigas moradoras	185
Imagem 17. Ruínas da antiga <i>casa do Cabrito</i>	186
Imagem 18. Seu Erotildes e Robson	187
Imagem 19. Foto de Seu Camilo em casa	202
Imagem 20. Frente da casa de Seu Camilo	202
Imagem 21. Exposição de quadro e porta-retratos da família de Seu Camilo e Dona Neném	206
Imagem 22. Detalhe da Exposição	206
Imagem 23. Rack com porta-retratos de Seu Camilo e Dona Neném	207
Imagem 24. Rack com porta-retratos de Seu Camilo e Dona Neném	209
Imagem 25. Recorte 3. Jornal A Tarde: O BNH serviu a quem?	221
Imagem 26. Recorte 4. Jornal A Tarde: O BNH serviu a quem?	222
Imagem 27. Recorte 5. Jornal A Tarde: “Lotes Urbanizados”	223
Imagem 28. Foto de Dona Railda	227
Imagem 29. Recortes 6. Jornal A Tarde: erguendo os <i>barracos</i> no Saboeiro	245
Imagem 30. Ritual de Crisma: Aline e Luís Henrique	263
Imagem 31. As Marias: o casamento de Dona Alice e Seu Hélio	269
Imagem 32. Cruzando o <i>interior</i> na/da cidade	289
Imagem 33. Travessia da Baía: a caminho da <i>Barra</i>	292
Imagem 34. O mural na esteira da memória: o olhar de outras gerações	298
Imagem 35. O Navio Maragogipe	301
Imagem 36. Vidas em quadrinho	327
Imagem 37. Vida em tela	342

LISTA DE MAPAS

Mapa 1. Subúrbio Ferroviário de Salvador e principais vias de acesso	36
Mapa 2. Baía de Todos os Santos e seu Recôncavo	52
Mapa 3. Recôncavo Baiano: Distribuição em Zonas de Exploração Econômica	56
Mapa 4. Salvador: Distribuição em Regiões Administrativas	68
Mapa 5. Origem/Destino: Do <i>interior</i> baiano para Salvador	103
Mapa 6 . Origem/Destino: De Salvador para o Subúrbio Ferroviário	104
Mapa 7. Origem/Destino: Do Subúrbio Ferroviário para atual moradia	105
Mapa 8. <i>Subúrbio</i> : Distribuição em Zonas de Informação	108

LISTA DE FIGURAS

Quadro 1. Dados Gerais dos Migrantes entrevistados	44
Quadro 2. Sistematização da leitura de Jornais: Imagem do Subúrbio Ferroviário	156
Diagrama 01. Família de Dona Elizete	158
Diagrama 02. Família <i>dos Silva Barbosa</i>	169
Diagrama 03. Família <i>dos Sant'Ana</i>	259
Diagrama 04. Família <i>dos Silva</i>	269
Diagrama 05. Família <i>dos Silva Sant'Ana</i>	272

INTRODUÇÃO

APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS

Preâmbulo

Ora, eu sei, e não farei nada para escondê-lo, que na realidade fui descobrindo aos poucos os princípios que guiavam minha prática, mesmo no terreno da pesquisa.¹

Esta introdução encerra o objetivo indicado nas palavras de Bourdieu, transformadas aqui em epígrafe. Narro, sem querer fazer deste espaço nada autobiográfico e, muito menos, autoafirmativo. Penso, entretanto, fazê-lo auto-indicativo, apenas, dos caminhos pelos quais “fui descobrindo aos poucos os princípios” e as noções que guiaram e guiam “minha prática, mesmo no terreno da pesquisa”. Nele fio miçangas para incidir sobre a forma como o tema foi se definindo, as questões e os problemas que o substanciam. E mais, o evidente neste percurso de pesquisa, a meu ver, é a confirmação de que ao final permaneço em encruzilhada. Terreno de onde observo e leio o mundo, atraída por diferentes possibilidades de caminhos, sentidos, significados e potenciais descobertas. Descobertas e desconstruções de questões e orientações metodológicas que reconduziram, não só este trabalho, mas algumas preocupações mais gerais que constituem minhas buscas antropológicas. Procurei, neste espaço, narrar algumas delas, em especial as que incidiram mais diretamente nesta tese.

Então, na primeira seção, pus em revelo as peças conceituais e metodológicas que conduziram a pesquisa. Na segunda, tracei os caminhos da trajetória e as experiências que me trouxeram ao tema e as questões mais gerais. Continuo, na seção seguinte, evidenciando alguns dos principais passos que esbocei na preparação do campo da pesquisa, as dúvidas, os percalços, o abandono e as [re]orientações perseguidas. Nela, por fim, apresento os sujeitos que constituíram os principais nós a partir dos quais fui traçando a rede de interlocuções deste trabalho.

¹ BOURDIEU, 2005, p. 38.

1 - Entre diferentes relatos: experiências, memórias e narrativas

O objetivo impresso nesta tese foi etnografar o “mundo das pessoas” (ZONABEND, 1980) que viveram a experiência do deslocamento do *interior*² do Estado da Bahia e as transformações pelas quais passou a cidade do Salvador entre os anos 1940-1980, mediante a participação destas pessoas. Contar as histórias delas e de seus descendentes através das memórias. E mais: narrar como elas produziram a cidade em suas errâncias. A aventura – a escrita do “mundo”. Destes mundos, vistos, sentidos, vividos, pensados e refletidos por cada uma destas pessoas. A busca aqui não foi por imprimir uma “verdade” e, menos ainda, um modelo geral. A mira esteve sempre na direção de produzir um espaço de interlocução, diálogo e de registros destas diferentes experiências no *interior* da cidade. A busca não foi também de evidenciar fatos; mas sim, possibilitar ecoar a multiplicidade de vozes, lugares, entendimentos e significados produzidos por diferentes pessoas.

Para construir esta narrativa, além das discussões e contribuições produzidas no âmbito das Ciências Sociais, em especial da Antropologia atravessei fronteiras disciplinares. Desta forma, pareceu-me importante construir um diálogo com as reflexões produzidas no âmbito da história oral, as quais, ao longo do processo, foram fundamentais para ampliar meu olhar, inclusive acerca dos seus próprios limites, especificamente para a compreensão das questões que o tema e as inquietações da pesquisa foram impondo. Por outro lado, estive atenta aos debates mais gerais fomentados pela História Social, no que diz respeito à importância da agência individual e coletiva dos sujeitos sociais nos processos históricos e da visibilidade destas diferentes vozes (THOMPSON, 1992).

Mediante estas evidências, a importância da narrativa oral nascida dos relatos de vida ganhou lugar; ocorrendo o mesmo, posteriormente, com aquelas narrativas constituídas através de outras formas de relatos, dentre os quais os visuais. O registro dos relatos orais possibilitou a análise das trajetórias das experiências pessoais e sociais dos

2 No discurso corrente no Estado, assim como em Salvador, todo e qualquer lugar que se localize fora da capital é *interior*, mesmo que esteja na faixa litorânea. Porém, como veremos mais adiante, essa noção aparece forjando múltiplos sentidos e será retida por mim enquanto categoria analítica. O interior ocupa, ao que vejo, uma dimensão identitária importante para os habitantes de Salvador; em particular, para aquelas que têm experiências constituídas a partir de múltiplos deslocamentos. Voltarei a esta reflexão em outra seção desta Introdução.

sujeitos, através da memória e das reminiscências (THOMPSON, 1992). No caso, tornou possível o registro dos deslocamentos desde a saída dos seus *interiores* e os percursos realizados na busca por um lugar social e simbólico na cidade e na vida social baiana. Sobretudo, facilitou a proximidade em relação a diferentes sentimentos sobre suas histórias após aportarem em Salvador. Neste trabalho, compreendo que os relatos de imagens (fotografias, desenhos, cartografias etc.,) se prestam ao mesmo.

Por ora, parece-me fundamental situar algumas reflexões acerca da relação entre experiência, memória e narrativa. A memória de uma pessoa, por mais individual que seja, perpassa diferentes lugares e memórias que são construídas a partir de vivências semelhantes e ou partilhadas, porém com perspectivas diferenciadas. De acordo com as reflexões de Maurice Halbwachs (2006 [1949]), a existência de memórias individuais leva em conta cada experiência anteriormente vivida. Ademais, esse conjunto de memórias que trazem à tona aspectos semelhantes, ou que, da mesma forma, silenciam outros aspectos que permanecem nas entrelinhas, só é possível pela existência da chamada memória coletiva.³

Conforme registrou Suely Kofes: “A memória se constrói no jogo entre lembranças e esquecimentos e, no plano dos agentes, no embate entre o que é lembrado e o que é esquecido, entre o narrável e o inarrável” (KOFES, 2001b, p. 12). A memória emerge, desta maneira, em sintonia com a lembrança. Então, uma série de acontecimentos do passado não vem à tona, enquanto memória, se não forem lembrados.

Para Beatriz Sarlo:

não lembrar é como se propor não perceber um cheiro, porque a lembrança, assim como o cheiro, acomete, até mesmo quando não é convocada. Vinda não se sabe de onde, **a lembrança não permite ser deslocada**; pelo contrário, obriga a uma perseguição, pois nunca está completa. **A lembrança insiste porque de certo modo é soberana e incontrolável** (em todos os sentidos dessa palavra). Poderíamos dizer que o passado *se faz presente*. E a lembrança precisa do presente porque, como assinalou Deleuze a respeito de Bergson, **o tempo próprio da lembrança é o presente: isto é, o único tempo apropriado para lembrar e, também, o tempo do qual a lembrança se apodera, tornando-o próprio.**⁴

Deixamos de fora de nossas histórias de vida inúmeras situações, eventos,

³ *Ibidem*.

⁴ SARLO, 2007, p. 10. Grifos meus.

acontecimentos que não servem à lembrança. Na relação entre narrar e lembrar é preciso considerar “a presença de embates políticos, permeando a constituição das narrativas e permeando a lembrança e o esquecimento”.⁵ Orientada por estas perspectivas fui conduzida à discussão sobre narrativa. A narrativa é compreendida com referência ao tempo presente; ao mesmo tempo, em que são também narrativas sobre o passado – construídas a partir de memórias decorrentes de lembranças, de reminiscências do passado, muitas delas vividas e outras contadas por parentes e familiares, como memórias. Narrar é contar uma história. Toda história pressupõe a configuração de enredos, tramas, diferenças, distinções, reconhecimentos e pertencimentos das pessoas e grupos sociais entre si e entre outros, conduzidas no tempo – não um tempo linear – e no espaço. Quem narra, narra de um ponto de vista, de uma perspectiva, de um lugar, num tempo e sobre um tempo. Num fluxo do tempo passado que se mostra no presente e que pode e, de certa forma o faz –, projetar o futuro. Em outros termos, a narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares e em todas as sociedades. A narrativa é um movimento ativo, ligado a um processo social de negociações, poder e conflitos. E mais, Conforme:

A narração da experiência está unida ao corpo e à voz, a uma presença real do sujeito na cena do passado. Não há testemunho sem experiência, mas tampouco há experiência sem narração: a linguagem liberta o aspecto mudo da experiência, redime-a de seu imediatismo ou de seu esquecimento e a transforma no comunicável, isto é, no *comum*. A narração inscreve a experiência numa temporalidade que não é a de seu acontecer (ameaçado desde seu próprio começo pela passagem do tempo e pelo irrepitível), mas a de sua **lembrança**. **A narração também funda uma temporalidade, que a cada repetição e a cada variante torna a se atualizar.**⁶

As lembranças, por sua vez, apontam para seu contexto temporal e, também, para o significado atribuído ao conjunto da trajetória pelos atores sociais. Refletir sobre o lugar de quem conta e sobre o que se conta, norteou meus passos na pesquisa. A preocupação subjacente era entender os diferentes sentidos atribuídos à vida, a construção dos campos de poder e as formas de dominação na produção das narrativas e das práticas forjadas pelos diferentes sujeitos. Preocupada em fugir de um lugar de observação e análise tradicionalmente presentes nos estudos das Ciências Sociais, que apreenderam a “história

5 KOFES, 2001b, p. 12.

6 *Ibidem*, p. 25. Grifos meus.

de vida”,⁷ aprioristicamente, como uma narrativa constituída por um conjunto de acontecimentos sucessivos, dotada de sentido, um movimento progressivo e linear, compartilhado pelo entrevistado e o entrevistador, busquei assento, inicialmente, nas preocupações colocadas por Bourdieu (2006). A partir delas, o autor tece suas críticas ao deslize epistemológico que estaria presente nesta conceituação e no uso metodológico da “história de vida”.

Ademais, para Bourdieu, a “história de vida”, seus relatos e discursos se expressam à luz das reticências, de afirmações e negações, frente às definições do que deve ser lembrado como significativo pelos sujeitos. As considerações do teórico dos “campos” nos conduzem à construção da noção de *trajetória*, compreendida como série de “posições” sucessivamente ocupadas por um mesmo sujeito – ou mesmo um grupo – num espaço, que é, ele próprio, um devir, sujeito a constantes transformações. É necessário levar-se em conta, nesta perspectiva, “a estrutura de rede”. Isto é, “a matriz das relações objetivas” entre as diferentes suspensões na trajetória. As “histórias de vida” são, assim, definidas por ele como “colocações” e “deslocamentos” no espaço social.⁸

É no espaço que a trajetória das pessoas acontece. É também no tempo que se dão. O desafio subjacente é romper com a narrativa linear da vida, sem perder de vista, conforme Kofes: a “impossibilidade da apreensão da vida sem o contar da história, sem a linguagem”.⁹ Então como contá-la sem cair na linearidade dos acontecimentos? E mais, sem cair nas velhas dicotomias presentes nos tratamentos interpretativos? Para tal é preciso levar em conta “as marcas que os sujeitos imprimem às suas interpretações e às suas existências, que não estão incorporadas na noção de agente social”, continua Kofes. A autora indicou outro aspecto importante deste debate, que ao falarmos de trajetória ou itinerário é dado aí o privilégio ao caminho, ao percurso. Por termo, a trajetória “pode ser utilizada, sem o traçado conceitual que lhe dá Bourdieu, sem que o sentido e a perspectiva subjetiva sejam necessariamente descartados.”¹⁰

É, pois, através da “atitude analítica” que busque não os sentidos em “categorias

7 Balanços e reflexões sobre a importância, as contribuições e as especificidades do trabalho com histórias de vida nas Ciências Sociais podem ser encontrados nos trabalhos de Thierry Lulle, Pilar Vargas e Lucero Zamudio (1998); Guita Debret (1986); Daniel Bertaux (1980); Françoise Morin (1980).

8 BOURDIEU, 2006.

9 KOFES, 2001b, p.23.

10 *Ibidem*, p. 24-25.

externas”, mas nos campos semânticos próprios dos agentes. Em outros termos, a trajetória deve ser compreendida como “o processo de configuração de uma experiência social singular”.¹¹

Nesta abordagem Kofes situa a singularidade dos sujeitos como forma de compreensão sobre o mundo social. Em outra oportunidade, a autora já sinalizava para a importância e os desafios do trabalho com as histórias de vida na pesquisa antropológica e propunha tomá-las enquanto “relatos de vida”, consideradas como narrativas que dispõem de uma lógica interna, situada na interação da investigação e em suas possibilidades analíticas (KOFES, 1998). Os “relatos de vida”, dessa forma, são fontes de informação – uma experiência que ultrapassa o sujeito que relata. São também evocações, que nos levam à subjetividade interpretativa do sujeito e a uma reflexão a partir delas produzidas e que já apresentam uma análise sobre a própria experiência vivida. Essa perspectiva nos impõe o desafio de não incorrer em interpretações meramente, de um lado, objetivistas, que compreendem os relatos apenas como informações e, por outro, subjetivistas, que os compreende exclusivamente como evocações.¹²

Refletir sobre os limites da linguagem verbal, considerar as rasuras, as contradições, as ambiguidades, as ausências, o que foge da intencionalidade e do controle das pessoas me motivou a levar mais em conta o trabalho com as imagens. Como pensar o universo das imagens e sua relação com o olhar e o fazer antropológico? Esta é uma questão que tem sido trabalhada pelos estudiosos da chamada antropologia visual. Sobre este debate, dentre outros, destaco os trabalhos de Milton Guran (2002), sobre a “bricolagem da memória” e a importância da imagem nos estudos antropológicos e o debate da “fotografia eficiente” e seu lugar enquanto campo e fonte de análise para as pesquisas em Ciências Sociais (GURAN, 1998). Inspirada nas contribuições de Guran, em outra oportunidade, conduzi a produção de um conjunto de fotografias (realizadas pelas pessoas com as quais eu estava fazendo a pesquisa, bem como por mim) e desenhos (duzentos no total),¹³ produzidos por crianças e adolescentes em espaços educacionais que

¹¹*Ibidem*, p. 27.

¹² *Ibidem*, p. 84.

¹³ Desse universo trabalhei no mestrado com dezessete desenhos que foram selecionados mediante critérios de recorrências de temas (habitação, cotidiano, paisagem, lazer, dentre outros). Agregado a esses desenhos, as

versavam sobre a forma como percebiam e sentiam o lugar que moravam (SOUZA, 2002). Tomo este material como fonte de análise no presente trabalho.

O trabalho com imagens, em especial com fotografias, apesar de já ter certo caminho percorrido nas Ciências Sociais, entretanto, ainda é um campo pouco explorado, especialmente, no que se refere às suas potencialidades epistemológicas.

Etienne Samain ao refletir sobre o lugar das imagens, nos diz que:

nas reflexões recentes sobre a imagem, vem se desenvolvendo a ideia de que ela alimenta uma relação privilegiada entre o que mostra, o que dá a pensar e o que, sobretudo, se recusa a revelar: o seu próprio trabalho, ou seja, o trabalho que ela realiza ao se associar, notadamente, a outras imagens (visíveis/exteriores; mentais/interiores) e a outras memórias. O que tal assertiva poderia vir a significar em termos de explorações heurísticas possíveis em torno da imagem?¹⁴

Sobre esta questão Samain afirma que a imagem pode ser compreendida a partir de três eixos de orientações: 1. “toda imagem nos oferece algo para pensar”; 2. “toda imagem é portadora de um pensamento, isto é veicula pensamento; e por fim, 3. “toda imagem é uma forma que pensa”.¹⁵ E, ao prosseguir nesta linha, o autor afirma que a imagem é capaz de ideações e de suscitar ideias. Em outros termos, as imagens narram. E narram sobre diferentes formas e questões.

No ofício antropólogo, como lidar com o transbordar de imagens que nos convidam a imaginar? Nesse emaranhado de fios que se entrelaçam como montar uma narrativa em/com imagens que ultrapasse a mera ilustração do texto? Ou melhor, em que elas não apareçam apenas desta forma, mas também em sua potência de relato, de narrativa que articula passado, presente e futuro. A partir das leituras mais recentes sobre as diferentes dimensões e potencialidades da imagem, e por meu interesse particular pela fotografia, deparei com o trabalho do filósofo, historiador e crítico de arte Georges Didi-Huberman.¹⁶ Em sua narrativa, as imagens ganham a mesma atenção dada às palavras das “testemunhas”. Em seu Atlas, por efeito, o autor explora toda a capacidade narrativa das imagens (sentimentos, pensamentos, representações etc.), ratificando sua oposição ao uso dela como ilustração, pois nele as imagens interrogam, falam e fazem falar. No trabalho

crianças e os adolescentes produziram textos orientados pelas mesmas questões, que fizeram parte do meu material de análise na época.

14 SAMAIN, 2012, p. 12.

15 *Ibidem*, p. 22-23.

16 DIDI-HUBERMAN (2009; 2008; 2006,1998).

deste autor, o conceito de montagem é fundamental para pensar a imagem, para “imaginar o inimaginável”, pois não há nela, a priori uma história. A história, para existir precisa ser montada e, desta forma, a imagem é capaz de narrar de acordo a esta montagem.

Fabiana Bruno (2009) apresentou importantes contribuições para pensar sobre estas e outras questões acerca do lugar que ocupa a imagem na antropologia e na escrita etnográfica. A autora, a partir de um conjunto de imagens fotográficas produzidas por pessoas idosas em diferentes momentos da vida, priorizou e “deu confiança” a estas imagens, por estarem carregadas de memórias, no momento em que os sujeitos as evocam. Nesse percurso, Bruno apontou para a necessidade de uma metodologia da estética na Antropologia, ao que chamou de “fotobiografias”. Apesar de não ter seguido os passos indicados pela autora ao coletar as fotografias, partilho a ideia de que são elas mesmas “carregadas de memórias” ao serem evocadas pelos sujeitos. Assim, me apropriei das imagens – não só fotográficas –, produzidas na pesquisa atribuindo a elas este lugar de confiança. É importante dizer que trabalhei com uma série de fotografias de álbuns de família, além de imagens e fotografias produzidas por mim ao longo do trabalho de campo. Além do mais, compõe o universo de imagens trabalhadas, conjuntos fotográficos de diferentes acervos privados e públicos de Salvador. Ao mergulhar nestes acervos, percebi o potencial que deles poderia reter para compreensão de aspectos das experiências que a mim eram narradas pelas pessoas com as quais estava pesquisando. Ora, faço aqui experimentações no que considero caracterizar o campo de trabalho com imagens. Elas constituem parte da narrativa. Por elas e através delas narro algumas das trajetórias acompanhadas.

O desejo de trabalhar com trajetórias de experiências de diferentes gerações de migrantes e seus descendentes e de produzir um tipo de cartografia que me levasse a esses percursos me conduziu a diferentes memórias, inúmeros lugares, imagens e representações da cidade. Dentre os diferentes lugares apreendidos nos relatos analisados, identifiquei aqueles aos quais considere como “lugares de memória”. Segundo Pierre Nora esses “são lugares, com efeito, nos três sentidos da palavra – material, simbólico, funcional [...]” (NORA, 1993, p. 21). Mesmo um lugar de aparência puramente material como um depósito

de arquivos, só é lugar de memória se sua imaginação o investe de uma “aura simbólica”.¹⁷ O autor está refletindo sobre a separação entre memória e história no mundo contemporâneo, que produz significados bem definidos. Com efeito, a memória seria o plano da tradição definidora, portadora de uma herança que dá sentido e forma, é viva e dinâmica. A história é, por outro lado, uma narrativa unificadora que divide e seleciona os fatos, que petrifica, congela e, sobretudo, mata os momentos de memória, pois coloca o passado como algo distante e misterioso, portador de uma aura que deve ser sempre analisada, criticada e revista. Para ele, entretanto, a história cria uma identidade universal que precisa ser absorvida em contraposto às várias identidades fragmentadas, cada qual com sua memória específica. Nora dirá então que “a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga a continuidades temporais, às evoluções, e às relações das coisas”.¹⁸

Penso que os “lugares de memória” e os agentes produtores dessas memórias devem ser vistos a partir do vivido, no caráter dinâmico desses “lugares”. Dito de outra forma: entendo esses *lugares* como aqueles que ocupam posições de centralidade e articulação de sentidos nas narrativas dos sujeitos, nos passeios pelas lembranças e esquecimentos, os quais estruturam as memórias de suas experiências – no caso específico de nossas preocupações. Nessa perspectiva, a noção de “lugares de memória” pareceu-me útil para identificar as marcas que esses sujeitos produziram, individual e coletivamente, em suas trajetórias, na configuração do território e na memória da cidade; e também como a cidade forjou estes sujeitos. Desta forma, vejo esses “lugares” como uma dimensão que se produz na prática e a partir do olhar, da leitura e dos sentidos atribuídos pelos sujeitos que com eles e neles se produzem – como “memórias de experiências vividas”.

Olhar para as “experiências vividas” no enredar as trajetórias das pessoas que migraram do *interior* do Estado da Bahia, e passaram e ou se assentaram no Subúrbio Ferroviário de Salvador, bem como para as experiências de seus descendentes nascidos na cidade, me levou também a observar as transformações que ocorrem em Salvador no seu processo de modernização.

Alguns estudiosos da cidade apontaram para a dificuldade do pesquisador em

17 *Ibidem*, p. 09.

18 *Ibidem*, p. 09.

tomar uma postura metodológica de distanciamento entre a sua própria narrativa da cidade e aquelas de seus interlocutores. Atenta a isto, preocupei-me em produzir e garantir um distanciamento analítico necessário para este trabalho. Ao mesmo tempo, não deixei escapar o que me parecia peculiar à experiência vivida por mim, que marcava proximidades e familiaridades com o campo e as questões da investigação. Este posicionamento, ou melhor, esta reversão epistemológica (WAGNER, 2012) e seu fazer radicalizaram, em certo sentido, os desafios para o(a) pesquisador(a) que tem como campo e objeto de investigação sua própria cultura e que, de certa forma, compartilha experiências e condições de vida simbólica e social, valores, códigos, práticas e “habitus” sociais.

Objetivar minha experiência e memória como parte das análises e da compreensão contribuiu para construir a etnografia, para me colocar em permanente deslocamento entre o estranhamento e a familiaridade. O estranhamento é um construto analítico e não um dado. Sendo assim, apropriei-me da minha condição de “nativa”, uma nascida e criada no lugar, uma filha e neta de “migrantes”, como um artifício metodológico e analítico, que se mostrou bastante profícuo na produção de outros lugares e olhares de conhecimento. Entretanto, isso não significou uma vantagem para o “antropólogo nativo” e ou “nativizado”, mas, antes, um ponto de partida e de controle ao final, da mesma maneira que outras referências. Ademais, este lugar de análise e fala não descredencia e nem encerra o olhar crítico do pesquisador, mas antes o informa. O compartilhamento e as disjunções de uma cultura, de um conjunto de códigos, símbolos, representações com o campo de relações sociais, não é, *a priori*, um obstáculo para seu entendimento.

Ao compartilhar a realidade cotidiana e as interconexões que configuram as experiências dos moradores e moradoras de vilas populares na cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, Cláudia Fonseca, de forma bastante instigante e esclarecedora, contribuiu para a ampliação crítica deste debate epistemológico e metodológico ao problematizar os limites e as possibilidades geradas por esse lugar de proximidade e produção de conhecimentos (FONSECA, 2000). Neste trabalho, a autora reflete sobre as interconexões que configuram as experiências dos moradores e moradoras da Vila do Cachorro Sentado e da Vila São João. Fonseca inicia sua argumentação dizendo que o livro conta, antes de tudo, histórias, que refletem uma preocupação: a de construir modelos

alternativos de “vida social que foge da lógica prevista e previsível da modernidade”.¹⁹ Para tanto, ela situa sua abordagem no que definiu como método narrativo, de “integração descritiva de eventos”.

A narrativa adotada pela autora enlaçou suas argumentações às de seus interlocutores, às suas observações sobre as dinâmicas, rotinas e estranhamentos e aos dados fornecidos por outras fontes de pesquisa. Ao longo do trabalho, Fonseca produziu um encadeamento de situações e lógicas que operavam as relações familiares, conjugalidades, vizinhança e solidariedade, conflitos e alianças que forjavam uma “honra e uma ética” nos bairros por ela estudados. De maneira similar, alinharei alguns destes aspectos ao traçar os contornos desta tese.

No fundo desta reflexão, o eixo articulador é o debate sobre o lugar do pesquisador(a), de sua sensibilidade ao escolher um objeto de investigação. Problematizo o lugar de “estrangeira” e o lugar do “nativo”, e os limites que estas posições colocam ao processo de pesquisa, no que concerne à mútua compreensão e mesmo à manipulação do encontro dessas experiências distanciadas, em busca de construir vias de comunicação. Ou ainda, como neste processo se constituem identidades e diferenças.

Podemos observar, no trecho abaixo, a operação dessa crítica em termos de marcações culturais da diferença de classe implícita na relação destacada por Fonseca:

Relativizar as práticas de pessoas que partilham de nosso universo é questionar nossos próprios valores; é admitir as contradições de um sistema econômico e político que cria subgrupos com interesses quase opostos (...). Procurar compreender certas dinâmicas não significa louvá-las, nem advogar sua preservação. Significa, antes, olhar de forma realista para as diferenças culturais que existem no seio da sociedade de classe – sejam elas de classe, gênero, étnica ou geração; significa explorar o terreno que separa um indivíduo do outro na esperança de criar vias de comunicação.²⁰

Ora, ao refletir sobre o lugar de pesquisadora e “estrangeira”, Fonseca assumiu um lugar de visibilidade muito profícuo na pesquisa de campo e abriu um espaço de reflexão importante nos estudos sobre as cidades e as redes que nelas se formam, junto aos grupos sociais que expressam um conjunto de códigos, significados e representações que se

¹⁹ *Ibidem*, p. 7.

²⁰ FONSECA, 2000, p. 13-14.

aproximam, mas que também em muito se distanciam daqueles da maioria dos(as) pesquisadores(as), inclusive dela. Mas como construir esta alteridade, esta diferença sobre os processos e as pessoas que compartilham destes universos? Ou ainda, como construir esta alteridade sem nos colocarmos como distantes e imunes a uma série de lógicas e estereótipos sobre os quais estamos estudando?

Nesta linha, pareceu-me que a busca por delimitações rígidas entre estes lugares da pesquisa, como pretendo mecanismo de objetividade do fazer antropológico, por exemplo, acabam muitas vezes por comprometê-lo. Ao fim e ao cabo, estamos falando em esquemas analíticos construídos, nos quais está implicada nossa própria subjetividade. Ainda em diálogo com Fonseca, a palavra “alteridade” descreve bem o objeto da antropologia, pois envolve sempre esta relação entre o(a) antropólogo(a) e os seus sujeitos da pesquisa. As diferentes lógicas que constituem os diferentes universos culturais e sociais das periferias apontam para a necessidade de se tomar certa distância em relação a esse “outro”, para que seja realizada a comunicação com ele, pois, sem reconhecer e admitir a diferença, não há diálogo – e, acrescentaria eu, também não há sem admitir as desigualdades da sociedade. Ao mesmo tempo, acredito que “deve-se evitar a projeção desses outros para fora de nossa esfera; se fincar no distanciado a comunicação e a mediação tornam-se impossíveis”.²¹

Como construir nossos “objetos de pesquisa”, nossas relações com as pessoas com as quais desejamos produzir, junto, conhecimento? Como operamos com o nosso próprio universo lógico? Que hierarquia produzimos ou reafirmamos com nossos silêncios e posicionamentos narrativos? Isto implica na escolha do que relatar. Estas são algumas questões que me fiz durante a pesquisa e a escrita etnográfica. Não podemos esquecer que fazemos parte destes processos e que, assim como as subjetividades dos que estudamos se modificam, também as nossas se transformam na relação com cada um dos sujeitos envolvidos na pesquisa de campo.

Convém mencionar que essa perspectiva está assegurada na confiança de que toda enunciação, todo discurso, toda prática vem de um lugar, e que, da mesma maneira, a produção do conhecimento científico também reflete um lugar de enunciação, uma escolha feita pelo investigador. Ora, além disso, os processos de transformação realizados nas

21 *Idem.*, p. 211.

sociedades “não ocidentais”, por tanto tempo “objetos privilegiados” no fazer clássico da antropologia, permanecem, de certa maneira, relações de funcionalidade, semelhança ou divergências com o que se convencionou chamar de centro (COSTA, 2006). No Brasil, essas contribuições tensionam diferentes campos, métodos e esquemas de análise nas Ciências Sociais, o que tem possibilitado reformulações significativas nas reflexões mais gerais sobre relações étnicas e raciais, identidade e educação, por exemplo.

Por fim, o deslocamento me trouxe a uma narrativa interessada em [des]construir e (re)afirmar uma prática e uma escrita etnográfica de proximidades sociais e analíticas que contribuam na invenção de outros caminhos antropológicos.

2 - Abrindo os Caminhos

*Diga a mãe que eu cheguei...
Cheguei. tô chegada
Esperei, bem esperado nessa minha caminhada
Sou água de cachoeira ninguém pode me amarrar
Piso firme na corrente, que caminha para o mar
em água de se perder eu não me deixo levar, eu andei
(...) o caminho andei lá.(...)
(...) Inda vou caminhar
(Abre Caminho)²²*

Atravessar as águas da memória e seguir as trajetórias de migrantes que se estabeleceram em algum momento de suas vidas – em seus percursos pela cidade –, no Subúrbio Ferroviário de Salvador,²³ independente de terem trazido suas famílias ou as constituído na capital baiana, considerando também as experiências de seus filhos e netos na atualidade para recompor suas redes sociais e me aproximar de suas estratégias socioculturais de inserção na metrópole e práticas sociais – eis aí o propósito da pesquisa. O campo me mostrou que diferente do que eu imaginava, inicialmente, estavam ali pessoas oriundas de diferentes lugares do Estado da Bahia e, em menor escala, de outros Estados brasileiros que faziam incidir sobre o *Subúrbio*²⁴ – ponto de partida da pesquisa empírica –, e Salvador, de maneira geral, marcas importantes em sua constituição.

Ademais, especificamente, me mobilizei com vistas a (i) Investigar de que maneira as experiências dos migrantes, por um lado, e por seus filhos e netos nascidos na metrópole eram, por outro, condicionadas por aspectos identitários específicos (como condição racial e identidade local) e a participação social organizada; (ii) Investigar os mecanismos de vinculação e trânsito familiar estabelecidos pelos migrantes com seus lugares de origem; (iii) Estudar a prevalência e a importância de estratégias coletivas de inserção, a exemplo de migração em etapas, parcelamento de lotes urbanos, transferência de habitações, reprodução de ofícios e especializações produtivas, entre outras, no âmbito da família estendida e (iv) Aprender as distintas possibilidades abertas à atuação dos sujeitos

22 Composição de Roque Ferreira, J. Veloso e Mariene de Castro, CD Abre Caminho. Mariene de Castro, 2004.

23 Uma das regiões que configuram a capital do Estado da Bahia.

24 Entre os moradores deste território e de outras partes de Salvador, o referente de reconhecimento comum para definir o Subúrbio Ferroviário é apenas Subúrbio. Neste trabalho me aproprio do termo local para me referir, muitas vezes, a este território. Outros termos e frases locais apareceram também em itálico.

conforme o gênero, a raça,²⁵ e a classe e as formas encontradas para lidar com as desigualdades.

Como nasce este interesse? Minha proximidade com o tema da pesquisa guarda em si uma memória que se reporta aos idos iniciais da graduação no curso de Ciências Sociais, na Universidade Federal da Bahia. Arrisco-me a dizer que já estava presente (com outra estampa e outros adornos), quando eu ainda não me valia das ferramentas do saber acadêmico, nas inquietações e práticas cotidianas e políticas informadas no âmbito dos movimentos sociais de arte e educação; por moradia e melhores condições de infraestrutura na cidade de Salvador. Em outros termos, o encontro, ou melhor, a escolha do tema e a definição das preocupações da pesquisa são resultado de uma trajetória. O território, as formas de organização e as relações e práticas sociais apareceram como noções importantes para pensar um conjunto de preocupações presentes num horizonte próximo.²⁶ Nas linhas que seguem, alinhavo as miçangas que formam a guia dessa trajetória.

O percurso – observo agora – não poderia ser diferente. A aproximação, mesmo que orbital, em finais dos anos 1980; e, depois, mais circunscrita, em princípios dos anos 1990, com atividades por melhoria de infraestrutura nos bairros do *Subúrbio*, me levaram a questionar sobre a configuração e as desigualdades na cidade, e preencheram as curiosidades e escolhas acadêmicas e intelectuais posteriores. Num exercício quase artesanal, fui em busca de e selecionei cuidadosamente cada *conta*²⁷ a compor a peça final desse artefato ritual. Inicialmente, retenho nela o conjunto das pesquisas exploratórias das quais participei em diversos bairros de Salvador em meados da década de 1990. Nelas, orientada por diferentes metodologias de coleta de campo advindas da Sociologia, da Antropologia e da Geografia, vejo uma *iniciação* que tinha a finalidade de observar e

25 Conforme GUIMARÃES (2003), raça deve ser entendida como “categoria do mundo real” fundamental para pensar a experiência do racismo no Brasil (p. 95).

26 O contato com a professora Guiomar Germany na Universidade Federal da Bahia, em 1994, por ocasião da participação no curso “Fundamentos de Geografia Humana e Política”, ministrado por ela; e com seu trabalho: GERMANI (1982), sobre as comunidades atingidas pela instalação de Itaipu, me legaram novos indícios para refletir sobre território e organização política daquelas populações.

27 É corrente entre alguns fiéis do Candomblé e de outras religiões de matriz africana o emprego da noção de contas com o mesmo sentido de guia – colar feito de miçangas, no qual se reifica a energia referente ao(s) orixá(s), inquice(s) e ou voduns protetor(es) que guiam e protegem espiritualmente o indivíduo. Nas contas ou guias se deposita o axé, a energia vital da divindade.

registrar (a partir de diferentes ângulos e dimensões) a vida social e cultural dos diferentes territórios da cidade.

A partir dessas experiências exploratórias de pesquisa comecei a perceber que o Subúrbio Ferroviário de Salvador formava um grande território, resultado de um processo que se constitui na relação do espaço como cenário que se configura a partir de relações de poder. Nesta linha, o território é, portanto, entendido enquanto “espaço-tempo vivido”, sempre múltiplo, diverso e complexo, no qual constituem processos históricos e sociais compartilhados de apropriação e transmissão territorial e sociocultural (HAESBAERT, 1997).

Mais recentemente, os estudos antropológicos que tomam como objeto a cidade e os fenômenos que aí ocorrem têm contribuído para apontar para novas questões e a ampliar entendimento sobre essa multiplicidade de questões presentes na dinâmica das cidades brasileiras, suas semelhanças e particularidades. Os espaços urbanos, sua organização – centralidades e periferias –, relações e práticas socioculturais resultam do processo lento e cotidiano de demarcação de territórios que se traduzem em formas, comportamentos, estigmas e identificações sociais e simbólicas no espaço. Ou seja, o território de um grupo social é mais do que sua espacialidade delimitada em marcos geográficos. Antes, é onde o grupo constrói suas relações cotidianas de apoio, trocas e de pertencimento a um lugar e a uma rede de indivíduos e grupos sociais.

Ainda nos termos de Rogério Haesbaert, ainda, o território é um processo que

envolve sempre, ao mesmo tempo (...), uma dimensão simbólica, cultural, por meio de uma identidade territorial atribuída pelos grupos sociais, como forma de controle simbólico sobre o espaço onde vivem (sendo também, portanto, uma forma de apropriação), e uma dimensão mais concreta, de caráter político-disciplinar: a apropriação e ordenação do espaço como forma de domínio e disciplinarização dos indivíduos.²⁸

Em outra oportunidade, Haesbaert continuou suas reflexões sobre as diferentes dimensões do território e ratificou sua compreensão sobre ele, apontando para a importância dos processos sociais que o conformam a partir de relações de poder “tanto ao

28 *Ibidem*, p. 42.

poder no sentido mais concreto, de dominação, quanto ao poder no sentido mais simbólico, de apropriação que configura as dinâmicas sociais nas cidades” (HAESBAERT, 2004b).

A perspectiva foi por os indivíduos no primeiro plano do problema, em suas relações individuais e em grupos, em suas vivências e convivências na cidade e nos territórios que a constituem. Considerarei as marcas inscritas nos territórios e nos corpos, nos sentidos e representações dos sujeitos que habitam o lugar. Ao mirar na direção dos processos de territorialização dos diferentes [re]cantos da cidade, delineei as diferentes formas de ocupação e reprodução de um território dentro da cidade; o vivido, o lugar com o qual as pessoas se identificavam; os processos históricos e sociais de apropriação e deslocamento territorial vivenciados pelo grupo, ao se deslocarem por diferentes bairros; bem como a forma como o grupo construiu o próprio território e seu pertencimento.

Portanto, entendi no percurso que ali no *Subúrbio* poderia, transcendendo a dimensão do meu lugar de moradia, onde havia forjado minhas memórias de infância e mesmo minhas primeiras representações sociais sobre Salvador, constituir o campo empírico para pensar sobre as questões e formulações acadêmicas mais sistemáticas que começava a desenvolver. A busca foi de afirmação da proximidade e familiaridade, então, como artifícios importantes e legítimos para o exercício do conhecimento científico, e não como um problema a ser solucionado.²⁹

Aproximando mais a mira: ainda naquela década, fiz algumas incursões empíricas no bairro de Novos Alagados – um bairro fincado sob a maré, nascido no final dos anos 1960. Meu desejo, naquele momento, era pesquisar sobre a história de ocupação e a formação dele.³⁰ A descoberta inevitável de outras *peças* aconteceu com o encontro que tive no Centro de Recursos Humanos (CRH), com a participação nos estudos ali radicados e com as leituras de George Simmel, Manuel Castels e Milton Santos, dentre outros que apontavam para a importância do espaço, não só como paisagem geográfica; mas, sobretudo, enquanto um construto social, como produtor e produto de diferentes modos de vida. Nesta direção fui me aproximando dos estudos de Evans-Pritchard e Franz Boas, por exemplo, que de diferentes maneiras, já sinalizavam para a importância do espaço na

29 Outras reflexões e formulações sobre o olhar produzido de dentro, ou melhor, “estar” e “ser” de dentro estão presentes em GOMES & MENEZES (2008).

30 Em 1999, quando da elaboração do projeto do mestrado, agreguei aos meus interesses compreender a maneira como as pessoas viviam e percebiam o lugar de moradia sob a maré.

compreensão das relações sociais. Estas e outras leituras me conduziram aos estudos da Escola de Chicago.³¹ Esta Escola, nas primeiras décadas do século XX, estava investigando o modo de vida urbano, a pobreza, migração, os conflitos raciais e a criminalidade. Estes temas apareceram em sintonia com os “grandes problemas” vivenciados nos Estados Unidos, daquela época: a pobreza, a imigração e a questão da eugenia (BECKER, 1995). Destes trabalhos uma forte tradição de estudos se desenvolveu entorno da ideia do “individualismo urbano”, de uma visão equivocada do “mundo rural”, compreendida como “referência” e “réplica da cidade”; e mais, com efeito, firmando a problemática do “modo de vida urbano”, que traçava uma dicotomia entre “sociedade urbana” e “sociedade tradicional”.

Pelos trâmites das velhas Escolas de Ciências Sociais – a despeito das imensas contribuições que produziram no âmbito dos estudos sociais, psicológicos e comunicacionais –, os pesquisadores de Chicago construíram suas análises em termos dos pares de oposição, ainda hoje, tão caros aos nossos estudos. Estabelecer as diferenças entre estes dois mundos; “urbana” e “tradicional”, sobretudo, exigiu destes “etnógrafos-sociólogos” esboçar fronteiras assaz rígidas entre esses “universos”. De uma geração posterior – formada por e entre estes autores e suas ideias –, Oscar Lewis desenvolveu seus estudos em meados do século XX, sobretudo. Apresentou críticas à perspectiva do *continuum folk-urbano* e enfatizou que os aspectos do individualismo, da falta de cooperação, de tensão e conflitos são tanto internos quanto externos à cidade.³² Isto para

31 Grupo de professores e pesquisadores de “sociologia urbana”, vinculados Departamento de Sociologia, da Universidade de Chicago, criado nos Estados Unidos, nos anos vinte do século passado. A respeito da história de constituição da Escola de Chicago e de um campo antropológico específico, cf. STOCKING (2004); BECKER (1995). O Departamento de Sociologia foi criado por Albion Small, que de início dispunha de poucos professores, com a finalidade de “formar alunos segundo o modelo alemão, produzindo doutores e criando um grupo de professores que saíssem pelos Estados Unidos ensinando essa Ciência” (BECKER, 1995, p. 177-178). William I. Thomas, Small e outros pesquisadores iniciaram na cidade de Chicago um conjunto de pesquisas focadas nas comunidades de imigrantes e na pobreza (Idem, p. 179). Estes primeiros estudos produziram contribuições relevantes e alimentaram uma série de estudos posteriores até os nossos dias.

32 Lewis começa seus estudos em Tepoztlán (uma “comunidade” rural nas proximidades da cidade do México, a qual Redfield também havia estudado mais de uma década antes), e critica a versão de Redfield, segundo a qual a comunidade era homogênea, isolada e sem conflitos. Posteriormente, LEWIS (1970) narrou sobre a história de vida de uma família rural que migrou para a cidade do México. Através dos relatos de vida de Sánchez e de seus filhos, Lewis traçou os percursos que estes fizeram na busca pela participação na vida da cidade, sobretudo, através do trabalho e da moradia. Ao mesmo tempo, registrou os conflitos geracionais entre pai e filhos, agregados e outros sujeitos. O leitor ao passar pelas linhas deste trabalho se defronta com os diferentes sentidos atribuídos por eles às situações vividas em comum na experiência da cidade; com os

denunciar a idealização do rural e afirmar que este modelo explicativo, sustentado nas teorias funcionalistas, era inadequado para a compreensão da mudança cultural. Ademais, Lewis afirmou que a urbanização não constituía um processo único, integral e universal; mas sim, um fenômeno que poderia assumir formas e significados diferentes, ligados às condições históricas, econômicas, sociais e culturais dos envolvidos. Por isso, em seus estudos enfatizou que a cultura é um fenômeno produzido pelos homens, resultante das relações sociais que estes estabelecem, cotidianamente, num determinado lugar.

À época, mergulhada em alguns desses estudos e nas ideias formuladas em Chicago, também estabeleci contato com as reflexões do filósofo francês Henri Lefebvre, que amiúde apontava para a produção social do espaço urbano em suas contradições. Parece-me que, neste sentido, o desafio está em transpor estas fronteiras. Como pensar os fluxos que constituem “universos”, aparentemente, diferentes e dicotômicos? No mundo contemporâneo, como pensar a vida e as relações na cidade e no campo em suas diferentes escalas, dimensões, representações, enquanto processos sociais que se atravessam?

Os estudos realizados por antropólogos britânicos da “Escola de Manchester”, no âmbito da Rhodes-Livingstone Institute, produziram novos paradigmas e instrumentos de investigação para a prática da pesquisa no campo. Olhar para a dinâmica da realidade produzida a partir das redes de relações que os diferentes sujeitos constroem a partir de suas práticas em relação a outros. Nesta perspectiva, desenvolveram contribuições fundamentais para os estudos das sociedades “modernas”, “complexas”, em oposição às sociedades, consideradas “tradicionais”, “simples”, cenários, até então, dos estudos clássicos da Antropologia Social (FELDMAN-BIANCO, 2010). A ênfase no estudo de eventos sociais específicos e locais de maneira articulada com processos sociais e políticos mais amplos pareceu ser uma tônica da análise empreendida naqueles estudos através das redes sociais, que não estavam em oposição à ideia de estrutura. Os sentidos e significados culturais produzidos no âmbito destas redes sociais foram registrados nos trabalhos realizados por Barnes (2010 [1954]) em comunidades de pescadores na Noruega.³³

conflitos e contradições presentes entre eles; com às relações de ajuda e reciprocidade; e com a sociabilidade e o compartilhamento gestado em família. Tudo está presente naquele complexo, mesmo que não centralmente nos alinhavo analítico de Lewis.

³³ Junto a estas comunidades de pesqueiras, Barnes afirmou a importância e o potencial da noção de “rede social” para descrever diferentes situações sociais, “como noções de igualdade de classes eram utilizadas e de

As contribuições dessas Escolas influenciaram inúmeras escolas de sociologia e antropologia urbanas em diferentes lugares do mundo. Diferentemente da tradição norte-americana, no Brasil não se desenvolveu uma Antropologia Urbana com a finalidade de compreender o fenômeno urbano em si (DURHAM, 1986). Em vez disto, as pesquisas voltaram-se aos temas, conceitos e métodos direcionados às populações que viviam nas cidades; ou seja, a cidade era antes o lugar da investigação do que seu objeto. A tradição dos estudos que tomam a cidade como cenário remonta à constituição da própria Antropologia no Brasil, no seu esforço para pensar o conjunto da sociedade e da cultura brasileira. Uma característica deste momento inicial da disciplina é a ausência da delimitação opositiva entre campo e cidade.

Para Cardoso (1986), no início dos anos 1960 ampliou-se na Antropologia o interesse pelos estudos sobre as favelas e bairros periféricos das grandes cidades brasileiras. Em um primeiro momento, houve um enorme desenvolvimento de análises macro-estruturais, centradas na classe operária e na noção de exército industrial de reserva. Mais tarde, o interesse se deslocou para as práticas sociais cotidianas, de forma a tentar entender por que o desenvolvimento excludente estudado pelos teóricos da dependência não produzia a revolta contra o sistema capitalista. Nesta década, os trabalhos produzidos sobre migração, crescimento urbano, pobreza e habitação; favelas, periferias e seus modos de vida; malandragem, marginalidade, criminalidade e violência; trabalho, cultura popular, lazer, carnaval e manifestações populares; religião e religiosidade; organização popular, movimentos sociais tem grande projeção no universo social e acadêmico antropológico.³⁴

A partir dos anos 1970 há a criação de grupos e núcleos de estudo, linhas de pesquisa e uma produção de trabalhos acadêmicos que são formulados no âmbito destes espaços, dentre os quais cabe destacar os estudos realizados em São Paulo e Rio de Janeiro. Nos anos de 1980 e 1990, a emergência de novos atores sociais que indicavam uma agenda com múltiplas demandas e necessidades sociais, culturais, políticas e identitárias, as quais ocupavam espaço dentro dos debates acadêmicos. Os trabalhos produzidos, neste período,

que forma os indivíduos usavam laços pessoais de parentesco e amizade em Bremen”, para ampliar os laços e alcance das redes para fora da própria comunidade. Outros aspectos sobre a forma como Barnes construiu seu método das redes estão em Robert Redfield (1960).

34 Sobre este momento, entre outros: LEEDS, Anthony & LEEDS Elizabeth, 1978; ZALUAR, 1985; ORTIZ, 1990, VELHO, Gilberto (2003; 2002); DAMATTA, 1997a, 1997b; DURHAM (1986); CARDOSO (1986).

operaram novos recortes no objeto, problematizações que buscavam transcender os limites disciplinares conceituais e de pesquisa, e articulam novas noções e categorias de análise, a exemplo de gênero, raça e gerações.³⁵

A experiência de estudo e leitura atrelada à minha passagem pelo CRH orientou de maneira particular meu olhar e minha prática como pesquisadora. As preocupações nutridas, à época, com outros colegas estavam ligadas ao desejo de apropriar-me da cidade e dos fenômenos que a constituíam como objeto de estudo que pudesse subverter, de alguma forma, um fazer já situado. O interesse era compreender a dinâmica da vida cotidiana, o dia-a-dia das pessoas, seus projetos, seus sonhos e desejos, articulados aos processos sociais em suas múltiplas dimensões. Em âmbito local, os estudos das Ciências Sociais que tomavam a cidade como objeto de investigação aportavam-se em análises macroestruturais, econômicas, e avaliações de planejamento versadas, quase sempre, em números e tabelas estatísticas. Apesar de existirem algumas pesquisas que fugiam a esta tendência, seguindo e, ao mesmo tempo, buscando ultrapassar a tradição dos estudos sociológicos advindos da Escola de Chicago, o diálogo com outras tradições – a exemplo da escola de Manchester e mesmo com alguns estudos produzidos em outras paragens do país, que apontavam para dimensões culturais, subjetivas e simbólicas da vida urbana –, ainda assim se faziam incipientes nos trabalhos sobre Salvador.³⁶ Nestes percursos, a reflexões de Eunice Duhran, Alba Zaluar, Roberto da Matta, Gilberto Velho e Otávio Velho preencheram o universo dessas inquietações e alimentaram teórica e metodologicamente os trabalhos, naquele momento.

O cotidiano de estudo, pesquisa e debate naquele Centro arregimentou aos meus interesses novas categorias de análise. Associadas a isto estavam as prolongadas e profícuas conversas com a pesquisadora Guaraci Adeodato que, de forma contundente, afirmava a

35 Dentre outros, ver Magnani, 1992.

36 Dentre os trabalhos que fugiam a essa tendência, destaco aqui as pesquisas realizadas por Gey Espinheira (1993, 1999, 2003) – este sim, um verdadeiro “outsider” –, que, talvez por isso tenha deixado de herança um embrião de escola, fruto de suas contribuições, ao longo das duas últimas décadas, para alargar o olhar dos estudos sobre e em Salvador e os processos sociais que configuram sua história e dinâmica nos cenários regional e nacional. Antes disso, no âmbito dos trabalhos desenvolvidos no CRH, registro as pesquisas realizadas por Michel Agier (1998a; 1990) sobre as redes sociais forjadas no espaço de Salvador, especialmente os bairros pobres, a exemplo da Liberdade. Ademais, vale destacar os trabalhos realizados no âmbito do Núcleo de Estudos de Ciências Sociais e Saúde – ECSAS/UFBA –, com acento teórico-metodológico na fenomenologia e a etnometodologia, preocupados com a dimensão da vida cotidiana e da agência dos sujeitos, coordenados pelo Prof. Paulo César Alves e Mirian Cristina Rabelo.

importância e a atualidade do fenômeno da migração – em especial no contexto da Bahia, e dos seus enlaces na configuração social e territorial de Salvador. Somam-se aí as contribuições das pesquisadoras Graça Druck (1995, 1998), Maria Ivanilde Nobre (2001), Ivana Muricy (2001, 2003, 2007), Inaiá Carvalho (2010, 2007, 2006) e Luiza Bairros (1988) – todas sempre muito provocativas –, ao pensarem, respectivamente, a dimensão e a importância das mudanças no mundo do trabalho em Salvador e sua região metropolitana; a migração e a cidade, enquanto patrimônio e produtora de patrimônios sociais e culturais; as desigualdades e a exclusão social no espaço urbano; a organização social e política no âmbito dos movimentos populares; e por fim, a dimensão racial e do racismo na produção da cidade e de sua(s) identidade(s) e representações.

Confesso que – o leitor nesse momento já sabe que falo a partir de uma formação circunscrita no terreno movediço das Ciências Sociais –, isso constituiu a forma como observo(vejo), penso(reflito) e pratico(vivo) o ofício de pesquisadora. Entretanto, diferentemente do que consideram alguns, isso não obscureceu meu olhar quanto às peculiaridades do fazer “eminente” antropológico; ao contrário, as questões metodológicas e de perspectiva daí advindas me levaram a querer mergulhar mais profundamente nos estudos etnográficos e, assim produzir um olhar em deslocamento.

Não é o momento ainda de inserir a firma, a peça final de uma guia. Ainda não é o momento de colocar um fecho, pois ele não pode ser dado e, dessa forma, a opção é continuar alinhavando novas *contas*. Espero não exasperar o leitor. Porém, corroboro com a ideia de que “compreender é primeiro compreender o campo com o qual e contra o qual cada um se faz” (BOURDIEU, 2005, p. 40). A experiência de pesquisas empíricas no *interior* do Estado, possibilitada pelos programas de extensão da universidade, foram fundamentais no talhar desse trabalho. Ao meu olhar revelaram-se práticas da vida *interiorana* – agora não mais fornecidos pelas narrativas das memórias dos meus familiares ou dos recortes de jornais.³⁷

Então, em meados dos anos 1990, participei como pesquisadora do “Censo da Reforma Agrária” realizado na Bahia pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma

37 Durante seis meses trabalhei numa pesquisa em que coletei e sistematizei notícias de jornais sobre os conflitos agrários e a atuação de movimentos políticos pela posse da terra no Brasil, sob a coordenação da Profa. Dra. Anete Ivo, no âmbito do CRH, em 1996.

Agrária – INCRA, em parceria com a UFBA. Esta experiência, no Oeste baiano, entrevistando e cadastrando famílias assentadas e a serem assentadas pelo Programa Nacional de Reforma Agrária do Governo Federal, levou-me a diferentes “comunidades” – quilombolas, indígenas (em aldeias, agrovilas e áreas mais distantes dos centros urbanos), assentamentos e acampamentos do Movimento dos Sem Terra (MST) e assentamentos do INCRA – e às novas curiosidades. O problema da propriedade e posse da terra no Brasil, a partir dessa experiência, ganhou mais “carne e osso”, mais vida em minhas inquietações. Os relatos empreendidos por muitas daquelas pessoas eram sobre o desejo de ter um lugar para construir e assentar a vida sem o fantasma da provisoriedade e da vida como uma *aventurança*;³⁸ sobre a terra para plantar; sobre o desejo de dispor de condições para produzir uma vida melhor; e sobre os parentes que estavam circulando pelo “mundo” nessa busca.

Em outra oportunidade, de volta ao *interior* do Estado com outros fins de pesquisa e extensão, ainda durante a graduação, conheci o município de Itanhém (no Extremo Sul do estado da Bahia),³⁹ fronteira com o Norte do Estado de Minas Gerais. Essa experiência contribuiu sobremaneira para ampliar meu olhar acerca dos aspectos que constituem as fronteiras territoriais e socioculturais entre esses lugares.⁴⁰ Foquei minhas observações no cotidiano e nas práticas sociais dos sujeitos nos lugares por onde passei. Muito do que observei e vivenciei destas relações pareciam-me estranhas e, ao mesmo tempo, familiares. Elas faziam-se presentes em minha memória de forma rascunhada pelas narrativas das lembranças de minha avó e outros familiares maternos, sobre suas trajetórias, ao migrarem do Nordeste das Minas Gerais, na região do Vale do Jequitinhonha, para a Bahia. Naquele

38 Noção nativa apresentada por Dona Creuza, uma senhora negra, mãe de sete filhos, *dona de casa*, moradora, à época, na localidade do Boiadeiro, em Novos Alagados. Ela definiu a vida dos pobres como uma *aventurança* – a ordem do vivido, onde os planos e os projetos emergem no tempo do presente e do futuro mais imediato. Conferir em SOUZA (2002).

39 Segundo definição do Governo do Estado, atualmente, “território de identidade” do Extremo Sul que envolve ainda, além de Itanhém, os municípios de Alcobaça, Jucuruçu, Itamarajú, Vereda, Medeiros Neto, Teixeira de Freitas, Prado, Alcobaça, Lajedão, Ibirapoã, Mucuri, Nova Viçosa, Caravelas.

40 Essa oportunidade foi possível a partir do “Programa UFBA em Campo I e II”, Programa de pesquisa e extensão, que ocorreu no âmbito da Pró-Reitoria de Extensão da UFBA, sob a coordenação dos professores Paul Healey, Ordep Trindade Serra e Prudente Pereira de Almeida Neto. Nele tive a minha primeira experiência significativa de campo. O trabalho se constituiu numa experiência interdisciplinar de pesquisa e interação em diversos municípios do interior do estado, realizada durante o mês de junho de 1997. A equipe produziu um breve diagnóstico socioeconômico do município, sendo que, o mais importante foi o contato com os pontos de vista de outras disciplinas (no meu caso, Direito e Geografia) e a utilização intensiva de um arsenal metodológico de coleta de dados em que havíamos sido treinados anteriormente.

lugar figurava o que denominavam as pessoas com as quais estabeleci vínculos, na época, de *cultura baineira*, inspirando-lhes afirmações de distinções identitárias.

Desta proximidade territorial e da circulação por ela possibilitada não só emergiam falas de pertencimento local, mas, ao mesmo tempo, diferenças e conflitos entre os que ali eram reconhecidos como “nativos” e os que por ali chegaram, em tempos memoráveis, em busca e na disputa por ela. Essa realidade aguçava a reflexão e reportava-me a Salvador; em particular, ao *Subúrbio*. Parecia-me, pelo menos, naquele instante, que aqueles problemas que haviam impulsionado a saída de muitas pessoas do *interior* permaneciam circunscrevendo a vida de muitas delas na cidade. Sobretudo, as tensões e conflitos pelo acesso, permanência e posse da terra, e, por fim, por um lugar de pertencimento, não só material, mas também cultural e simbólico.

De volta à capital baiana cheia de inquietações e inspirações,⁴¹ me reinseri na cidade para continuar a pesquisa. Junto com outros estudantes de Ciências Sociais e Geografia fui para o bairro de Alagados. Mais uma vez estava desvendando uma camada das relações sociais que configuravam a vida no Subúrbio Ferroviário de Salvador e seu entorno.

No deslocamento me deparei com a realidade de inúmeras pessoas que indicavam, em suas narrativas, para os processos decorrentes da experiência da migração e as diferentes formas de se estabelecer na cidade, especialmente na *luta* cotidiana pela conquista do espaço de moradia, na busca pela casa e pelo reconhecimento na cidade. De forma ainda obscurecida, me parecia que a evocação feita por esses sujeitos dos seus locais de origem surgia de forma a negá-los ou afirmá-los de forma definitiva, mas em outros surgiam num misto dessas duas referências. De uma maneira ou de outra, eles mostravam-se presentes e fundamentais na maneira como se posicionavam na seleção e construção de suas redes sociais na metrópole e como a partir delas interviam no processo de transformação da cidade.

Dáí por diante, mergulhei nas leituras de estudos etnográficos e históricos sobre o território do *Subúrbio*; trabalhei cotidianamente na localidade de Nova Constituinte (no bairro de Periperi); acompanhei e convivi com cinco famílias, junto às quais observei e

41 Ainda como parte das atividades do Programa UFBA em Campo, na sua versão *Conhecer Salvador*.

registrei de forma sistemática, em meus cadernos de campo, o cotidiano, as noções de saúde e doença e as práticas de cuidado adotadas por elas.⁴² Essa experiência foi, sem sombra de dúvidas, fundamental para o meu aprendizado e compreensão a respeito das distinções do olhar antropológico, colocando-me em permanente reflexividade sobre o fazer etnográfico. Nela, além do escopo trabalhado nos objetivos da pesquisa em questão, observei e ampliei, de certa maneira, a compreensão sobre processos que caracterizam a dinâmica urbana de Salvador em relação à sua periferia.

Distante dos muros “seguros” da Universidade; porém, certa de estar assegurada em seus paradigmas, fui ao encontro de diferentes atores que deveriam abrir suas casas, vidas, histórias e cotidianos, fornecendo-me “dados” e informações que pudessem ajudar a compreender a realidade na qual estavam inseridos. De início, assegurada também nos conhecimentos “nativos” de nascida e criada em uma família que há muito residia no *Subúrbio*, acreditava que entendia bem aquele universo. Entretanto, a percepção das diferenças foi se delineando e ganhando formas mais nítidas ao meu olhar, à medida que me aproximava de outras formas. Nessa relação, quanto mais próxima me colocava, enquanto pesquisadora, das pessoas com os quais estava trabalhando, mais estranha me sentia. Para eles eu também era uma “estrangeira”, mesmo compartilhando de um mesmo universo social e cultural, traços diacríticos, signos e muitos sentidos comuns. Porém, a presença de outra antropóloga e – essa uma estrangeira espanhola –, com quem trabalhava na *Constituinte*,⁴³ diluía minhas diferenças, num certo sentido, pois sobre ela recaíam outros elementos, de súbito, muito evidentes do seu estrangeirismo: a língua, a origem e o

42 A partir da minha vinculação na pesquisa *Acompanhamento das mudanças das percepções da população resultantes das ações do programa Bahia Azul*, um trabalho etnográfico intensivo, sob a coordenação da antropóloga Cristina Larrea Killinger. Essa pesquisa fez parte da avaliação institucional do “Programa de Avaliação Epidemiológica do Programa Bahia Azul”, sob a coordenação geral do professor Dr. Maurício Barreto, realizada pelo Instituto de Saúde Coletiva (ISC) da UFBA, em parceria com a Secretaria de Recursos Hídricos do Estado da Bahia. A pesquisa foi realizada também na localidade da “Baixa da Soronha”, no bairro de Itapuã por duas outras pesquisadoras da equipe: Ana Licks e Ana Carla Souto Rocha. A partir desta experiência esbocei o trabalho monográfico de final de curso, intitulado *Medo e Violência: Desassossegos da vida na periferia de Salvador – um estudo de caso em Nova Constituinte*, no qual rascunhei sobre as dimensões individuais e coletivas do medo, enquanto fenômeno social para pensar as diversas dimensões da violência nos grandes centros urbanos.

43 A área de Nova Constituinte, no caso, situa-se entre o bairro de Periperi e Mirantes de Periperi – conjunto habitacional projetado como política de habitação em Salvador. A Constituinte surgiu após Assembléia Constituinte de 1988, num processo de *luta* e consolidação de um *movimento de invasão*. Por ora, vale dizer, em linhas gerais, que os *movimentos de invasão* caracterizam a *luta* por moradia em Salvador. Voltarei a esta discussão posteriormente.

local de moradia na cidade.⁴⁴ Esta experiência me levou às histórias de pessoas e famílias inteiras que se deslocaram do *interior* do Estado para residir na capital, mobilizadas pelos sonhos do trabalho, estudo, liberdade, casamento e melhoria de vida; marcadas por muitos deslocamentos internos pela cidade em busca por moradia; de pauperização e marginalização; e, sobretudo, deslocamentos simbólicos e identitários, eram recorrentes.⁴⁵ Trajetórias de experiências que marcavam os territórios da cidade, mediante o trabalho, o estudo e a ação política; e que por ela eram marcadas ao praticá-la cotidianamente. Mas tudo isso se deslindava frente aos meus olhos, mas emergiam em plano secundário com as escolhas teórico-metodológicas do momento.

Entretanto, este mergulho me aproximou, mesmo que de forma incipiente de histórias e biografias marcantes que me fizeram reorientar o olhar sobre a dinâmica da cidade; sobre a própria história dessas pessoas e de suas famílias. Isso foi extremamente significativo, tanto para os trabalhos que realizaria posteriormente, quanto para a percepção da trajetória familiar por mim compartilhada. Entre essas trajetórias destacavam-se narrativas sobre o preconceito racial, a estigmatização social e cultural, a inacessibilidade a outros espaços da cidade, aos bens de infraestrutura e serviços, assim como a outros bens culturais. Mas tudo isso ainda como uma intuição a ser perseguida de forma sistemática.

Neste ínterim, os trajetos que se seguiram me levariam, mais uma vez, ao *interior* do Estado, num leque mais extenso de municípios.⁴⁶ Coloquei em relevo os estudos para a delimitação da Área de Preservação Ambiental (APA) da Baía de Todos os Santos.⁴⁷ Daí por diante pude me reposicionar para olhar Salvador e o Subúrbio Ferroviário. No olhar mais próximo, não necessariamente acurado, vi a Baía da outra margem e a vi, principalmente, internamente, por seus meandros e em suas diversas ilhas, localidades, pessoas, culturas e práticas sociais. O dispositivo da curiosidade operou e eu queria saber mais sobre ela. A participação na pesquisa despertou a atenção para a história da exploração escrava e os períodos que se seguiam à Abolição, ainda tão vivas na *memória coletiva* da

44 Na época, Cristina residia no bairro da Graça, considerado um dos bairros “nobres” e de “brancos” de Salvador.

45 A marginalização como já sinalizei anteriormente significa esta à margem ao acesso aos bens materiais e culturais produzidos historicamente pela sociedade.

46 Para trabalhar em algumas pesquisas institucionais de diagnóstico e de opinião pública.

47 Discurso mais detidamente sobre os aspectos naturais, históricos e culturais da Baía de Todos os Santos no Capítulo I desta tese.

região; do petróleo e seus efeitos na região. Ademais criei um interesse pelos fluxos migratórios e as mudanças na dinâmica econômica e social e, por fim, pela vida cultural dos agentes envolvidos nesses processos. Numa parte ainda mais interna do Recôncavo da Bahia – às margens das Baías de Camamu e Boipeba –, transitei realizando pesquisas de campo por diferentes localidades, em certo sentido já apresentados a mim nas memórias dos mais velhos da minha família paterna, oriundos do município de Valença, e de outros moradores do Subúrbio Ferroviário, com os quais tinha diferentes vínculos escolares, laborais, de participação política e amizade. Nesses lugares conheci algumas pessoas que, após muitos anos de moradia em grandes centros urbanos, a exemplo de Salvador e São Paulo, haviam retornado para “casa”, referindo-se aos seus locais de nascimento. Ademais, conheci outras que usavam *dupla moradia* – passando longos períodos na cidade (mantendo vínculos/redes de trabalho e de acesso a serviços) e, no outro permanecendo em casa – como estratégia para construir as possibilidades do retorno (trabalhando com o turismo) –, assim como, num modelo permanente de duas casas.⁴⁸

Como já aludido, essas experiências me conduziram ao projeto do mestrado – um estudo em que estava preocupada em compreender como os moradores de um bairro periférico de Salvador percebiam seu espaço de moradia e buscavam construir estratégias simbólicas para reverter sua condição de marginalidade em relação a outros espaços da cidade.⁴⁹ Num esforço etnográfico, procurei identificar os focos de produção estética dessa população – o que chamei de *arranjos* – para aproximar-me de sua percepção espacial e dos discursos sobre o bairro com os quais se confrontavam cotidianamente em seus trajetos pela cidade. Durante esse trabalho acrescentei à minha rede novos contatos e vínculos no Subúrbio Ferroviário com pessoas que compartilhavam experiências de migração e deslocamentos pela cidade, de pauperização, discriminação, racismo, e estigmatização, semelhantes a outras com as quais convivi em outros momentos. Ademais, meus

48 A “indústria do turismo” na Bahia tem deixado para as comunidades litorâneas uma herança de expulsão em massa, desagregação da vida cotidiana e de reprodução ligadas à terra e ao mar, e um processo de pauperização muito intenso com o surgimento de imensos bolsões de pobreza. Isso é possível de ser observado em várias localidades no Litoral Norte do Estado, por exemplo. É possível observar esse mesmo processo em outros estados do litoral brasileiro, a exemplo de Pernambuco, Rio Grande do Norte e Fortaleza.

49 Com o projeto “Percepção e produção estética: configuração do modo de vida em Novos Alagados no Subúrbio Ferroviário de Salvador” ingressei no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFBA, em 2000, ao qual desenvolvi sob a orientação do antropólogo Prof. Dr. Ordep Trindade Serra.

deslocamentos por este largo território, as conversas que ia tendo com os moradores em diferentes lugares ali presentes, me mostravam o quanto eram importantes na construção da identidade dessa parte da cidade as referências das lutas e das estratégias de resistência e participação políticas – inseridas ou não em instituições coletivas ligadas às demandas por moradia, infraestrutura, serviços e combate à violência – eram marcas identitárias na figuração desse território.

Ao término desse trabalho, ao invés de pontos finais, saí com um conjunto de novas questões, a saber: as pessoas com as compartilhei parte de suas vidas até então, os migrantes e seus descendentes nascidos na cidade, mantinham com seus locais de origem vínculos pessoais e de trabalho? Como ocorria? Havia nos registros da pesquisa de forma pulverizada um conjunto de memórias sobre o processo social da migração? A constituição de redes tecidas a partir do local de moradia com diferentes localidades no *Recôncavo*? Estas questões me acompanharam e, no transcorrer do tempo, ganharam novas suspeitas. Mesmo com outras janelas abertas de interesses de pesquisa na prática da docência nas instituições em que estive no interior do Estado, não desfoquei meu interesse empírico por Salvador e, em particular, pelos bairros do Subúrbio Ferroviário e, ainda mais, pelos temas a eles associados.⁵⁰

O trajeto de leituras entrecruzadas, subvertendo dicotomias temáticas e disciplinares, os estudos e experiências de pesquisas empíricas na cidade do Salvador e outros veredas me mostraram que aportar o entendimento em velhas dicotomias, a exemplo de “campo”/“cidade”, indivíduo/sociedade, para efeito, não ajuda a pensar a complexidade que as diferentes realidades sociais apresentam.

Retornei ao *Subúrbio*, mais uma vez, em 2005, em particular a Plataforma, com a finalidade de desenvolver um projeto de pesquisa e intervenção social direcionada aos jovens em situação de vulnerabilidade social.⁵¹ Esse trabalho nasceu das observações e

50 Nesta época lecionava na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), no curso de História que ensejou leituras de caráter historiográfico, especialmente nos campos da História Social e da História Cultural, além de reflexões sobre o campo temático da memória e suas implicações para a história oral, que agregaram a um lastro de questões que constituem a base de um dos eixos do trabalho agora em curso no doutoramento.

51 Esse projeto fez parte do Programa Gênero, Reprodução, Ação e Lideranças (GRAL) promovido pela Fundação Carlos Chagas em parceria com o SOS Corpo – Gênero e Cidadania: Instituto Feminista para a Democracia, o projeto *Violência e Masculinidade: conhecimento e experiência de pesquisa na construção de novas perspectivas de inserção e ação social entre jovens do Subúrbio Ferroviário de Salvador (BA)*. Essa

reflexões suscitadas no mestrado: a relação entre as múltiplas dimensões da violência e a produção social da masculinidade entre os jovens e seus projetos de vida.⁵² Parecia-me ser uma chave fundamental para me aproximar e compreender os processos e as relações sociais que configuravam o *Subúrbio* e, de forma mais ampla, Salvador. O cotidiano de violências que envolviam os jovens era (e ainda é) muito evidente. Os jovens com os quais trabalhei encontravam-se em busca acirrada por um espaço na sociedade e formulavam discursos afirmativos e, em outros momentos, de negação da família. As narrativas formuladas por eles eram trazidas como nexos das relações os conflitos familiares. Em suma, pensava investigar as trajetórias desses jovens, observando as continuidades e rupturas forjadas em relação às trajetórias de suas famílias, as quais tinham experiência de migração.

Naquele momento não era critério de seleção entre jovens que estes fossem filhos ou netos de famílias migradas do *interior* para a cidade (o que se demonstrou depois). Entretanto, foram critérios para a seleção dos dois assistentes da pesquisa: 1. que tivessem em suas famílias trajetórias de migração, vivenciadas por seus pais e/ou avôs; 2. que fossem preferencialmente oriundos do *Recôncavo*; 3. que tivessem experiências de passagem pelo *Subúrbio*, mesmo que ali não residissem mais; 4. e, por fim, que fossem de diferentes sexos.⁵³ Naquele momento começava a construir as primeiras experimentações mais direcionadas para a pesquisa desta tese. Então, na época, selecionei Ediane Lopes de Santana e Haroldo Silva Barbosa, com os quais, desde então, trabalho e acompanho as trajetórias. Eles figuram e transitam nesta tese em duas posições: como auxiliares de pesquisa e interlocutores, pois retomo suas trajetórias e de membros de suas redes familiares, de trabalho e amizade.

experiência, desenvolvida sob a supervisão atenciosa da professora Dr^a. Mary Castro representou um grande desafio em minha trajetória acadêmica e profissional.

52 A violência é entendida como um processo que se configura de diferentes dimensões: sociais, institucionais, psicológicas e simbólicas.

53 Compreendia que o gênero era um marcador extremamente importante a ser observado na construção das estratégias das pessoas por inserção e participação em determinados espaços sociais. Havia experimentado na prática, em outra experiência de trabalho, o quanto era promissor ter em campo, naquele contexto, pesquisadores de diferentes sexos. Os caminhos e os sentidos compartilhados por eles se mostraram bem diferentes, sendo muito importantes na composição das análises. Dito de outra maneira, o universo masculino, jovem e “ocioso” do bairro de Novos Alagados me foi possibilitado através de um dos meus colaboradores de campo – um jovem pesquisador, negro (como a maioria dos jovens da área), e morador (da mesma forma que eles) de um bairro periférico de Salvador, que a priori compartilhava de um conjunto de códigos e sentidos, a saber: o gosto pelo jogo de futebol e dominó, piadas e anedotas.

Estas escolhas apareciam emolduradas pelas seguintes questões: até que ponto essa origem familiar, territorial, social e as representações sociais e os valores aí relacionados forjavam as escolhas educacionais e profissionais desses jovens? E de que maneira? A experiência foi surpreendentemente significativa, não só para a ampliação do horizonte empírico, senão para a percepção de outras nuances que se faziam configurar e para o amadurecimento teórico e analítico em torno do tema. Ao término do referido trabalho, em 2006, havia produzido um acervo empírico e etnográfico (notícias de jornais, identificação e perfil de organizações comunitárias, entrevistas, mapas, croquis e fotografias) sobre o Subúrbio Ferroviário e, mais pontualmente sobre Plataforma; e, sobretudo relatos orais e visuais individuais e coletivos sobre as histórias de vida de vinte jovens. Além do desejo de publicar os primeiros resultados deste trabalho, pretendia dar continuidade à pesquisa e alimentar o vínculo com aqueles jovens. Desse desejo, nasceu o projeto “Memória dos Movimentos Sociais do Subúrbio Ferroviário e Salvador, Ba, 1970-1980”, um ponto fundamental do escopo desta tese.⁵⁴

Acredito que esta tese é a firma dessa guia, pois condensa diversos esforços de pesquisa e análise sobre trajetórias da experiência de migrantes e a produção de estratégias e arranjos sociais de inserção no processo de configuração que conformam do vasto e múltiplo território do *Subúrbio* e da cidade de Salvador e seus arredores.

Por fim, reafirmo que neste trabalho continuei preocupada com os processos sociais e culturais que configuram a cidade do Salvador, com especial atenção para espaços “periféricos”, fazendo incidir, agora, o foco sobre a compreensão de aspectos relativos à trajetória da experiência de diferentes sujeitos, às redes sociais e culturais. Numa abordagem que articula eventos razoavelmente demarcados na literatura acadêmica sobre o

54 Desde 2008 coordeno essa pesquisa, no âmbito do Npeji/UCsal. Em 2010, o projeto foi selecionado e recebeu recursos do South-South Exchange Programme for Research on the History of Development – SEPHIS para a realização das entrevistas e a produção de diferentes artefatos visuais (programas de rádio, vídeos e fotografias). O acervo produzido no âmbito dessa pesquisa dispõe de trinta e cinco entrevistas em profundidade com pessoas que participaram de diferentes movimentos sociais do Subúrbio e versam sobre as trajetórias de vida desses sujeitos, as suas memórias de infância, as histórias de ocupação e desenvolvimento dos bairros deste território, as condições de infraestrutura e sobre as histórias e memórias do Subúrbio Ferroviário. Esta pesquisa foi pensada como uma das chaves de entrada para as reflexões desta tese. Em concordância com esse objetivo, o roteiro de entrevista foi pensado e estruturado com este objetivo, ou seja com as questões focadas para a identificação e aprofundamento da experiência de migração. Nas primeiras seções, as questões versam sobre a trajetória da migração, os deslocamentos na cidade, os sonhos/projetos e a história de surgimento do bairro.

crescimento urbano de Salvador e suas representações mediante as memórias de um grupo de pessoas que chegaram à cidade e as relações com os processos contemporâneos mais globais que caracterizam os fenômenos migratórios, os deslocamentos, os trânsitos de pessoas, bens materiais, socioculturais e simbólicos que aparecem atravessados por diferentes clivagens. Nestes meandros, estabeleci interconexões analíticas entre diferentes campos disciplinares na tentativa de construir um quadro de referência que melhor possibilitasse uma aproximação com as diversas camadas que compõe a complexidade deste processo e para poder construir uma “etnografia multilocal” (ARIZA & VELASCO, 2012) no tempo e no espaço e recomposta através da memória dos sujeitos que viveram e vivem a condição histórica e sociocultural de permanentes ou temporários deslocamentos entre diferentes territórios e que se relacionam com as formas e as estratégias forjadas por estas pessoas para se inserirem na metrópole baiana.

3 - Fiando miçangas e produzindo outras guias

Nesta seção continuo alinhavando miçangas. Apresento um relato sobre os passos do trabalho de campo realizado entre os anos de 2009 e 2011, não “no sentido de contar minhas peripécias de antropóloga, mas para tornar compreensível o material que apresento, pois em estudos como o que realizei, o tipo de material que se consegue vincula-se ao modo como se dá o trabalho de campo”, como bem sintetizou Suely Kofes (1973). Desta forma, espero aproximar o leitor da experiência da pesquisa, de seus tons e contra-tons, os quais foram (re)definindo os rumos do trabalho.

Outra orientação que guiou este escrito apareceu nas palavras do antropólogo haitiano Louis Marcelin, tomadas de empréstimo: “Existem coisas as quais vivemos que participam do sentido de nossa própria existência. A experiência de campo, se ela é humana, não se traduz numa experiência de texto” (MARCELIN, 1996). O antropólogo de terras e águas caribenhas ressalta, nesse trecho, a dimensão da experiência humana da pesquisa de campo e lembra-nos dos limites de sua tradução numa experiência textual. Parece-me que o autor está chamando a atenção para os *imponderáveis da vida* – há muito sinalizados por Malinowisk nos seus escritos sobre os Trobriandeses – que assaltam o cotidiano de nossas vidas e, da mesma forma, as investigações do[a] pesquisador[a].

Imponderáveis que dão as matizes da pesquisa etnográfica, mas que, entretanto, quase nunca aparecem explicitamente em sua escrita. Esses são, quase sempre, por demais íntimos e reveladores do[a] investigador[a]. A estratégia que adotei para subverter, num certo sentido, esses limites foi apoiar-me na objetivação que faço da minha própria experiência como filha e neta de *migrantes*. Penso transpor esse jogo sujeito-objeto a partir do qual me aventuro a enfrentar as questões e as práticas que talham uma boa etnografia.

Minha [re]aproximação com o campo a [re]tomada dos contatos com algumas amigos e conhecidos no Subúrbio Ferroviário de Salvador, *locus* de partida da pesquisa, à medida que ampliava as conversas com diferentes sujeitos – os assistentes da pesquisa e os amigos –, lapidava ideias e formas de abordagens e depurava as informações e os materiais etnográficos já disponíveis, me (re)inseria no campo da pesquisa e construía novos pontos de contato e vínculo.

Iniciei as “colocações”, os “deslocamentos” e as análises requeridas pela investigação, levantando e sistematizando dados e informações extraídos do material bibliográfico e de pesquisas inéditas (teses e dissertações) já produzidas sobre o tema. Ao mesmo instante, [re]tomei as pesquisas que havia realizado no Subúrbio Ferroviário, desde 2002, que constituem um extenso acervo etnográfico. Refiro-me a registros de observações, recortes de jornais referentes aos movimentos políticos por terra, documentos e projetos governamentais, entrevistas com moradores, vídeos, desenhos e fotografias.⁵⁵

Localizei uma ampla literatura nas ciências humanas, especificamente, na antropologia, sobre cidade, que versavam sobre diferentes aspectos, a saber: formas de ocupação do espaço urbano, habitação, conflitos sociais e violência, migração campo-cidade, migração internacional, deslocamento dentro das cidades, redes familiares e sobre diferentes redes sociais. Esse material foi trabalhado e sistematizado. É salutar enfatizar que algumas dessas leituras indicaram que, de certa forma, a migração interna no país deixou de

55 Os 5 (cinco) vídeos etnográficos foram produzidos com os resultados dos encontros e entrevistas realizados durante o trabalho de campo pela Produtora Cultural: “Macaco-Beleza Produções” – onde contamos com a disposição e sensibilidade de João Jonga Lima e Claudio David – e pelo projeto “Memórias Suburbanas”, sob minha supervisão e coordenação. Os vídeos etnográficos encontram-se disponível em: <http://memoriassuburbanas.wordpress.com/>. Quanto às imagens, aqui foram trabalhados acervos pessoais de duas redes familiares; fotografias produzidas por mim no período em que estive em campo; acervos de livros fotográficos da Bahia no período estudado, produzidas por Pierre Verger e Marcel Gautherot; acervos pessoais de André Santos; postais antigos de Salvador; os acervos da biblioteca central da Universidade Federal da Bahia.

ser foco privilegiado dos estudos das Ciências Sociais. Desde a década de 1990, eles versavam, sobretudo, sobre as migrações internacionais e os efeitos que geram mediante a condição de gênero, identidade e nacionalidade. Todavia, é necessário chamar a atenção para a existência de alguns trabalhos que foram realizados na última década, os quais sinalizavam para um diferente panorama, a saber: 1. o fluxo de retorno dos que há décadas migraram para os grandes centros urbanos do país e, também de seus descendentes, em especial do Sul e Sudeste brasileiros – a origem configurando-se também em destino; 2. o olhar em direção às experiências e às redes de apoio e troca que são produzidas; 3. os processos de territorialização, desterritorialização e multiterritorialização dos grupos sociais em movimento e, 4. para os limites conceituais: campo, cidade, migrante e migração. Entretanto, são mais escassos trabalhos que reflitam sobre as diferentes trajetórias dos sujeitos que vivem a experiência do deslocamento.

O percurso da pesquisa me mostrou que, diferentemente do que eu imaginava a respeito do *Recôncavo Baiano*, ele não é apenas a territorialidade evocada na configuração das relações sociais que constituem o Subúrbio Ferroviário de Salvador. Arrisco-me a dizer que não o é também em outras partes da velha *Cidade da Bahia*, especialmente entre os diferentes territórios que se constituíram e se alargaram com o crescimento e a urbanização e “modernização”. Percebi que, da mesma forma, estavam ali presentes outras pessoas que vinham de diferentes regiões do Estado e (de fora dele) produziam diferentes situações de pertencimento cultural e social para se inserirem na cidade. Com atenção voltada para as trajetórias de experiências de migrantes em Salvador, me pareceu mais profícuo e instigante ampliar meu olhar e considerar, no meu universo de trabalho, pessoas que se deslocaram do *interior* do Estado da Bahia e se assentaram no Subúrbio Ferroviário.

O primeiro deslocamento. Depreendi que o *interior* ocupava uma dimensão identitária importante para os moradores do Subúrbio Ferroviário com os quais estava dialogando. Ao leitor, pode parecer difuso. E a mim pareceu também de início. A dificuldade era premente, pois o lugar de “natividade” ocupado, de certa forma, por mim, produzia olhares naturalizados sobre um conjunto de relações e práticas sociais que precisavam ser desconstruídos. Deslocar-me desse lugar sem abandoná-lo era preciso e isso marcou a trajetória da pesquisa. A importância da noção de *interior* como sinal diacrítico também atravessava a experiência dos que haviam nascido na *Cidade da Bahia*, projetada

por intermédio das memórias herdadas dos mais velhos das famílias, ou memórias transgeracionais e intergeracionais. Essa interioridade parecia produzir um tipo de territorialidade que se espalhava por diferentes lugares. Não por acaso, um conjunto de expressões “nativas” evocadas no cotidiano nos fornecem pistas dos diferentes sentidos que atravessam as relações e a vida das pessoas: *vou pro meu interior!!*, *no meu interior...*, *nunca mais fui ao meu interior, tá tudo tão diferente lá na minha terra, tô no meu interior!!* Ou, ainda, *tô em casa!* O *interior* é também a “casa”. O lugar de origem está, em geral, relacionado ao lugar de nascimento, mas pode aparecer relacionado a outras dimensões da vida.

Em suma, o pertencimento apareceu reificado na noção de *interior* e afirmado em lugares específicos considerados importantes no imaginário e nas representações da cidade, a exemplo do *Recôncavo*, de forma geral, e alguns de seus municípios, em particular: Cachoeira, Santo Amaro, São Félix, Maragojipe, Santiago do Iguape, Valença, Nazaré (*das Farinhas*), etc. Apareceram neste fluxo e refluxo de lugares, imagens e representações sociais, outros que não se mostravam circunscritos geograficamente ao que se consolidou chamar de *Recôncavo Baiano*, mas que apareciam relacionados à constituição histórica e cultural desse território, a exemplo disso os municípios de Feira de Santana, Alagoinhas, Camaçari, Candeias, Catu, dentre outros, principalmente após o advento da indústria.⁵⁶ Encontrei pessoas com experiências de migração oriundas do sertão e que construíam em suas narrativas uma relação de reafirmação e desconstrução de sentidos e práticas sociais no estar e “construir” Salvador.

No caminho, [re]fiz antigos itinerários. [Re]atavessei os bairros de Novos Alagados, Boiadeiro, São João do Cabrito, São Bartolomeu, Plataforma, Periperi e Paripe. Neles encontrei velhos amigos e fiz novos; assim como, (re)emergi em lembranças e em antigas inquietações. Daí por diante, desenhei novos percursos, traçados pelos bairros do Cabrito de Baixo, Planalto Real I e II, Escada e Ilha Amarela.⁵⁷ Esses percursos me abriram outras referências e me levaram a outros bairros da cidade e atravessei a Baía de Todos os

56 Com exceção de Feira de Santana os outros municípios indicados compõem o que neste período passou a constituir a Região Metropolitana de Salvador. Voltaremos a estas classificações e delimitações territoriais no capítulo seguinte.

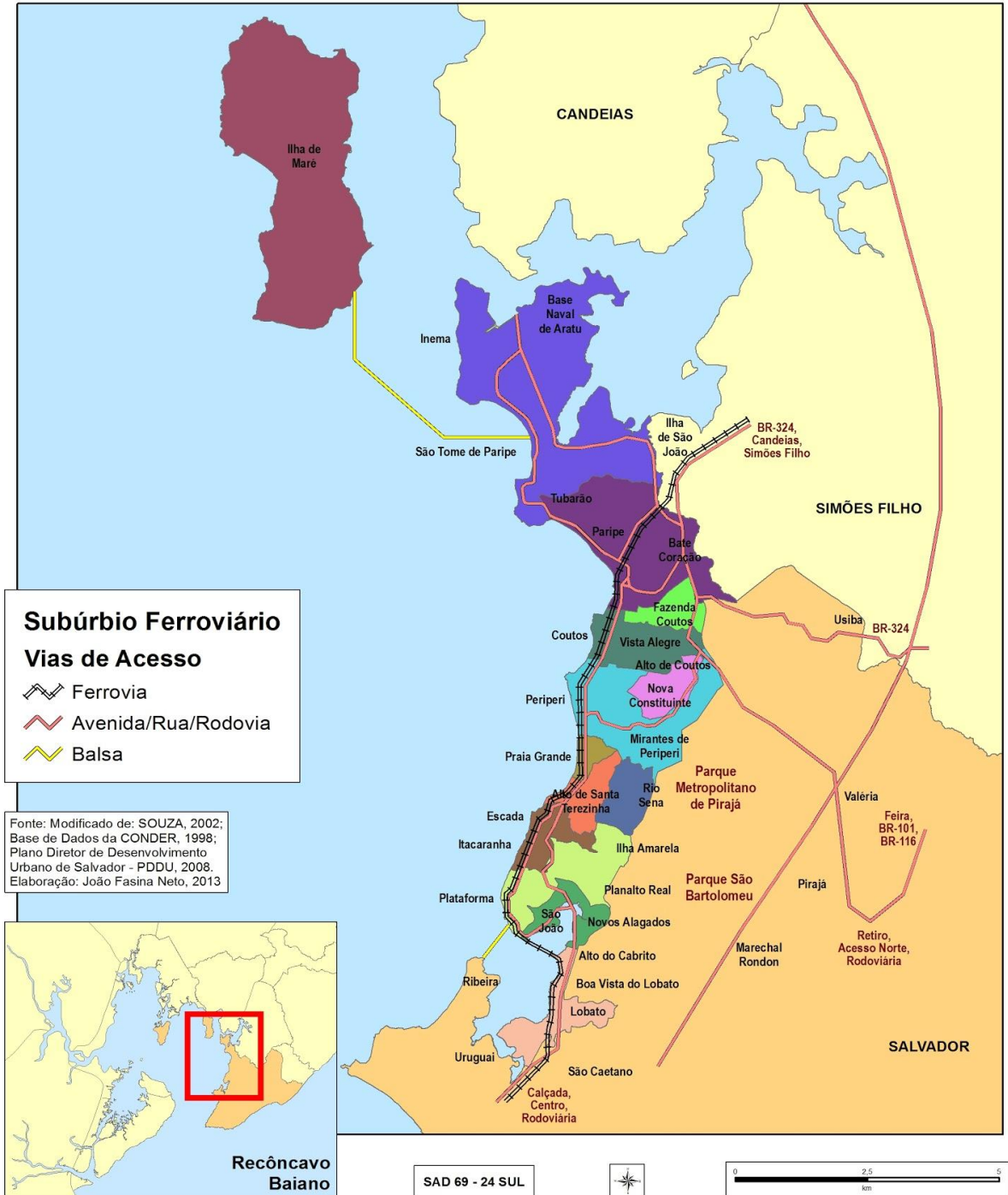
57 No próximo capítulo II, situo a localização destes bairros no território do Subúrbio Ferroviário e em Salvador.

Santos. Por estes percursos delinee os limites da etnografia.⁵⁸ Esta escolha não produziu uma etnografia de deslocamentos e circulações, não só territoriais, mas, sobretudo, socioculturais e simbólicos. Registre as narrativas colhidas em conversas informais, observações e entrevistas sistemáticas com migrantes residentes em diferentes bairros Subúrbio Ferroviário e membros de suas redes familiares e amizade. Em outros termos, a etnografia é de trajetórias que se alocam, deslocam e [re]alocam em diferentes locais do Subúrbio Ferroviário e seus “interiores”.

Os percursos que realizei foram sendo tecidos por linhas e encruzilhadas que possibilitaram os primeiros contatos de acesso e proximidade com o território do *Subúrbio*. Apresento alguns no mapa que segue:

58 Inicialmente, o universo da pesquisa foi pensado em dez grupos familiares moradores do Subúrbio Ferroviário que seriam distribuídos equitativamente, seguindo a referência do zoneamento da cidade formulada no âmbito do poder público do Estado pela Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia (CONDER). Este órgão de planejamento divide a cidade em Regiões Administrativas – RA's (macro-regiões) e estas em Zonas de Informação – ZI's (micro-regiões).

Mapa 1: Subúrbio Ferroviário e Principais Vias de Acesso



Após desvelar parte das dúvidas que cercavam o olhar, empreendi novas incursões ao Subúrbio Ferroviário entre os meses de julho e agosto de 2009. Outras miçangas foram sendo fiadas. E a partir daí busquei estabelecer os primeiros pontos e [inter]conexão desta rede. Através de ligações e e-mail, desde o município de Campinas, retomei contato com Luís Henrique, um amigo, historiador, com quem também mantinha vínculos de trabalho.⁵⁹ O fato de Luís dispor de conhecimento forjado no âmbito da pesquisa o colocou num lugar de crítico da minha própria prática da pesquisa antropológica e, mesmo, conceitual. Isto foi muito estimulante e contribuiu para algumas reflexões e análises que produzi neste trabalho. Na época, Luís trabalhava na Fundação Pedro Calmon, uma conceituada instituição pública de pesquisa e incentivo à produção histórico-cultural; coordenava conjuntamente com outros moradores de Plataforma um projeto de formação educacional e política para jovens pobres e negros dos bairros do *Subúrbio*.⁶⁰ Ele é casado com Eliana, uma jovem negra de 38 anos idade, nascida em Plataforma; ela estudou até concluir o ensino médio e sempre trabalhou “fora”.⁶¹ Através da minha relação de amizade e trabalho com Luís, pude me aproximar e construir vínculos com seus familiares, sua esposa, seus pais: Dona Maria Alice, conhecida entre os familiares como Dona Alice; e Seu Hélio, sua irmã, Aline, suas sobrinhas e seu cunhado, rede estendida no transcorrer da pesquisa. Eles formam a família *Silva Sant' Ana*.⁶² Neste período produzi algumas entrevistas com Luís Henrique e Dona Alice.

Não por acaso, planejava acompanhar a trajetória da experiência dos pais de Luís. Entre os anos de 1999 e 2000, participei de uma pesquisa na localidade da Barra do Paraguaçu, no município de Salinas da Margarida, com o objetivo de produzir um estudo

59 Conheci Luís Henrique, em 2003, na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FFCF/UFBA), ou como é localmente reconhecida, *São Lázaro*, quando este cursava a graduação em História, através de outros amigos de geração na Instituição, que como eu mantinham relação com a instituição de diferentes formas. Entre os amigos e familiares, Luís Henrique é reconhecido apenas como Luís. Aqui também me reportarei a ele, em diferentes momentos, desta maneira. Na universidade, nós fazíamos parte de um grupo de estudantes universitários oriundos do Subúrbio Ferroviário de Salvador, assim marcadamente identificados. Alguns destes mantinham uma rede de relações de amizade e trabalho, fazendo a formulação e execução de propostas e ações de intervenção socioculturais em diversos lugares deste território. Associado isto, a condição de nascidos e criados no mesmo bairro, no caso, acabou por legar o compartilhamento com Luís de memórias próximas da infância.

60 Sobre este aspecto voltarei a falar no último capítulo desta tese.

61 Forma coloquial utilizada para indicar que a pessoa não se dedica apenas aos trabalhos domésticos e ou ao não trabalho. Eliana é recepcionista de um centro médico na Avenida Garibaldi.

62 Quando for oportuno utilizarei a referência do sobrenome da família, em que, no caso, incluo os cônjuges de Luís e Aline.

socioambiental da localidade.⁶³ À época, durante o trabalho de campo, os relatos que foram oferecidos por alguns moradores mais antigos da localidade indicavam nexos entre os vínculos e as práticas produzidas por diferentes pessoas em suas conexões e trânsitos com Salvador. Os dados demonstravam, como consequência desses fluxos migratórios, uma recorrência muito superior de saída de mulheres em relação à dos homens. Esse dado indicava um descompasso bastante acentuado na média da “Barra”, como se refere localmente à Barra do Paraguaçu, tanto em relação ao município de Salinas da Margarida, localmente chamada de “Salinas”, e ao Estado da Bahia quanto à média brasileira.⁶⁴

Desenhando, desde Salvador, os primeiros traços desta etapa da pesquisa de campo, produzi as primeiras imagens fotográficas no campo e coletei outras disponibilizadas em acervos públicos do Estado e universidades; nos acervos de amigos; e nos acervos particulares da família dos Silva Sant’Ana. Neste íterim pesquisei nos órgãos públicos da prefeitura de Salvador documentos, projetos e programas governamentais de habitação, expansão urbana e deslocamentos populacionais internos na cidade e melhorias urbanísticas em Salvador; ao mesmo tempo sistematizei uma série de documentos já identificados, aos quais fui agregando em novos fios.⁶⁵

Nos arquivos da Biblioteca Pública do Estado da Bahia – *Biblioteca Central* –, continuei a pesquisa que havia ensaiado em julho de 2009 nos jornais. Trabalhei no total com o universo reduzido de vinte edições dos jornais *Correio da Bahia* e do *A Tarde* (os jornais de maior circulação no Estado), em todas as seções, sobre eventos relacionados à mobilidades populacional e de bens materiais através da Baía de Todos os Santos em direção a Salvador, nos anos de 1940 e 1970. O contato preliminar com esse material me mostrou o quanto inglório seria o trabalho que pretendia realizar de leitura, sistematização e

63 Essa pesquisa me deu pistas para entender algumas questões com as quais já vinha trabalhando antes; e mais, me trouxe novas questões.

64 Nas análises produzidas pela socióloga Ivana Muricy, à época, a pirâmide etária da Barra do Paraguaçu apresentava grande discrepância quanto aos dados médios estaduais e nacionais, e apontava para os desequilíbrios sinuosos de gênero, faixa etária e geração. Os dados coletados no censo local indicavam o baixo número de mulheres jovens na localidade, em oposição à presença masculina. Da mesma forma, observa-se um número muito superior de pessoas idosas, acima dos 60 anos ou mais, o que também sinalizava para uma média superior na expectativa de vida local em relação ao Estado e ao país. Tempos depois, conhecendo um pouco mais sobre a história de Luís, descobri que seus pais faziam parte daquele universo de migrados. Voltarei a isto mais adiante.

65 Trabalhei com os acervos da Secretaria de Planejamento Urbano de Salvador, da Fundação Mario Leal Filho, da Companhia de Desenvolvimento Urbano (CONDER) e dos arquivos da Biblioteca Central dos Barris, da Fundação Pedro Calmon.

análise de todos os jornais (de edição diária), referentes às décadas de 1940-1980, período da pesquisa. Dado o extenso universo do periódico, pareceu-me, dessa forma, mais profícuo buscar as notícias nos jornais, mediante uma situação específica indicada, por exemplo: das notícias sobre as *invasões* no Subúrbio Ferroviário e ou acontecimentos indicados como importantes pelos entrevistados.

As questões e sinalizações que o trabalho de campo trouxe me levaram ao Arquivo Público do Estado da Bahia. Busquei, ali, o fundo documental da Companhia Bahiana de Navegação (CBN), esperançosa de que os livros de ocorrência de viagens pudessem me possibilitar construir um quadro geral das pessoas que circulavam através da Baía e quaisquer outras pistas sobre elas. Porém, o contato preliminar com esse material foi bastante difícil. Minha pouca habilidade em lidar com os enormes e envelhecidos cadernos de anotações era bem visível a qualquer pesquisador mais experimentado em pesquisas de arquivos que por mim passasse. Mas, como disse, esse momento do trabalho foi exploratório e a habilidade no manuseio da documentação veio depois.

Com as primeiras contas em mãos, no final de agosto, suspendi as idas ao campo, deixando abertas novas portas para os desdobramentos da pesquisa. Já em Campinas, realizei uma leitura preliminar desse material, ao mesmo tempo, empreendi um esforço de análise sobre as questões que permeiam as discussões em torno das noções de família e parentesco.⁶⁶ No novo dicionário Aurélio da língua Portuguesa (2004), parentesco é a qualidade de parente. Ou seja, pessoa que, em relação à outra(s) pertence à mesma família, quer pelo sangue, quer por casamento: parente consanguíneo (indivíduo vinculado a outro por relação de sangue – parentesco em linha direta e linha colateral); parente por afinidade (indivíduo vinculado a outro por relação afinidade, casamento). Nos estudos antropológicos estas duas dimensões do parentesco estão intrinsecamente associadas. Distintos pontos de vista teórico-metodológicos convergem para reservar à família um lugar central na estrutura social e em sua reprodução independentemente de seus diversos arranjos e modelos.⁶⁷ No

66 No âmbito da disciplina “Organização Social e Parentesco HS 181 – A”, ministrada pelo Prof. Mauro W. Barbosa de Almeida, no primeiro semestre de 2009, redigi o ensaio denominado: Alinhavando as redes familiares dos *Sant’Ana* entre a Barra do Paraguaçu e Salvador: um estudo preliminar sobre parentesco e gerações, entregue no final de setembro daquele ano.

67 De certa forma, esta perspectiva já se faz presente nos estudos clássicos das ciências sociais, em especial da antropologia, desde os evolucionistas sociais. Dentre estes, L. Morgan abordou a família, o que ele entendia serem seus estágios de crescimento incorporados em sistemas de consanguinidade e afinidade, e nos

entanto, a noção de família vai assumir diferentes significados ao longo da história das ciências sociais, em especial da antropologia, passando pelos laços de consanguinidade, linhagem e pela constituição de redes de aliança e dependência.⁶⁸

Entre muitos dos trabalhos que tomam a família como referência de análise, uma noção chave é a de geração, que, apesar de persistentes incertezas, carências e ambiguidades, se faz presente tanto nos estudos de sociologia clássica quanto nos trabalhos mais atuais, como demonstra Alda Motta (2004). A autora aponta três noções predominantes no campo: “coortes”, “grupos etários” e “gerações”. A primeira se refere à estatística demográfica e designa um conjunto de indivíduos nascidos num mesmo intervalo de tempo, ou expostos a um determinado evento de caráter demográfico. A noção de “grupos etários”, por outro lado, está ligada a uma tradição antropológica que enfatiza a classificação social e os papéis atribuídos a determinados grupos de acordo com sua idade (nas sociedades ocidentais, especialmente “infância”, “juventude”, “maturidade” e “velhice”). Por fim, a terceira noção, “gerações” designa um coletivo de indivíduos que vivem em determinada época ou tempo social, têm aproximadamente a mesma idade e compartilham alguma forma de experiência. Talvez exatamente por ser o mais abrangente, o termo “gerações” têm prevalecido em um campo cujo debate teórico é ainda tímido. Estas e outras reflexões perpassam a forma e as escolhas que orientaram minha análise neste trabalho.

Após o fim do segundo semestre de 2009, retornei à capital baiana e ao campo de pesquisa repleta de novas questões, as quais acabaram por me conduzir a outros horizontes.

costumes relacionados ao casamento, por meio do qual coletivamente a história da família poderia ser traçada através de diversas formas sucessivas, que contribuiriam para estabelecer a sociedade política baseada no território e na propriedade.

68 Radcliffe-Brown empreendeu um fazer antropológico à luz da teoria das redes sociais de parentesco deslocada da “grande teoria” evolucionista do século XIX. Diferente do que acreditava Morgan, para este antropólogo as pessoas constituíam as unidades destas redes (compreendidas como a soma das relações). Radcliffe-Brown demonstrou a importância teórica do “método genealógico na pesquisa antropológica”, para o exercício de uma microanálise comparativa. Nos estudos que realizou no continente africano, Radcliffe-Brown definiu uma teoria da descendência pensada a partir de três princípios fundamentais. Primeiro, o parentesco como uma relação de dependência (um laço social no qual uma pessoa descende da outra ou ambas descendem de um ancestral comum); segundo, relações marcadas por lógicas jurídicas (diretos e deveres que relacionam as pessoas) e; por fim, a família era vista como a base de sustentação da sociedade, como elemento irredutível, “dado” do parentesco. Nesta perspectiva, a família constituiria relações sociais essenciais, básicas: unidade “*sibling*”, germanos – um grupo corporativo, formando uma base de solidariedade e lealdade vista como coesa e integrada; relação entre pai e filho (substanciando a diferença de geração) e a instituição do casamento (homem e mulher – diferença de sexo).

Mas este foi um momento breve da inserção no campo, ainda. Neste período trabalhei na formulação e refinamento dos instrumentos de pesquisa. Com o esboço do plano da pesquisa em mãos cheguei a Salvador e ao *Subúrbio* e julho de 2010.

Neste período, depois de buscar um novo assento e de organizar a vida imediata na cidade, pude começar a primeira etapa sistemática da pesquisa de campo, entre os meses de agosto e outubro daquele ano. No percurso, daí por diante, fui encontrando novas *contas* em diferentes cores. A tentativa, naquele instante, foi tentar fiá-las na composição já iniciada. No entanto, isso rompeu a guia sinalizando atenção para as possíveis e necessárias [re]composições e tons que dali por diante deveria considerar.

4 - Percorrendo caminhos: atravessando encruzilhadas

Retomei as visitas à casa de Dona Alice e com ela produzi três entrevistas em profundidade; da mesma forma, entrevistei, outra vez, Luís e aprofundei minha relação com Aline. Os encontros com ela até então aconteceram na *casa da família*, depois passaram a acontecer em sua residência. A circulação entre as duas casas me possibilitou ter mais clareza e registrar os *arranjos* de mútua dependência construída entre elas e mantidos no fluxo das demandas cotidianas. Da mesma forma, observei as conexões e os limites entre essas duas ordens domésticas, os mecanismos de socialização, de sociabilidade e os conflitos. A relação com eles me levou até Dona Maria Joselita – Dona Lita, como é conhecida –, uma das irmãs mais velhas de Dona Alice, migrada para Salvador nos anos 1950.⁶⁹ Concomitante às visitas e registros das entrevistas com os membros da família dos Silva Sant'Ana e os familiares da rede mais estendida, busquei fiar em outras linhas.

A partir de Haroldo, um jovem negro, filho e neto de migrantes, pedagogo, cuja trajetória educacional eu acompanhava desde 2005, pude fiar outras linhas e produzir outras redes.⁷⁰ Conheci Haroldo durante a seleção para bolsista da pesquisa “Violência e

69 Como veremos mais adiante, Dona Lita foi um nó importante na rede de apoio e consolidação dos *migrantes* da Barra do Paraguaçu para Salvador, em sua geração.

70 Nas linhas do tempo passado, orientei o trabalho de conclusão de curso de Haroldo, em 2007, o que me abriu outra janela de observação para sua trajetória. Desta forma, entre os anos de 2005-2007, acompanhei a conclusão dos seus estudos de graduação e sua atuação política e educacional junto a outros jovens negros do

Masculinidade”, acima já referida.⁷¹ Ele é amigo de Luís e juntos participavam da coordenação de um projeto de formação educacional para jovens do *Subúrbio* que, como eles, buscavam a universidade como alternativa para construir outros horizontes para suas vidas.⁷² Na busca por me aproximar mais da rede familiar de Haroldo, passei a visitar sua mãe, Dona Elisete, e seu pai, Seu Haroldo. Além de me levar a sua família, Haroldo me possibilitou conhecer outras pessoas importantes da constituição do universo de entrevistas da pesquisa.

Da mesma forma, em 2005, conheci Ediane, uma jovem historiadora feminista, ex-moradora de Plataforma, residindo, naquele momento, no bairro da Ribeira com seus pais. Filha e neta de *migrantes*, como Haroldo. A família deles tinha em suas trajetórias de moradia passagens pelo Subúrbio Ferroviário. A relação que construímos foi se consolidando e a partir daí mantivemos nossa rede de amizade e trabalho ativa até o presente. O que pretendo deixar claro ao leitor, desde aqui, é que nesta tese Haroldo e Ediane aparecem transitando como sujeitos e interlocutores da pesquisa, além de parceiros na coleta de parte importante dos dados aqui trabalhados.

As miçangas que buscava fiar para compor a guia da trajetória da família de Haroldo – algumas já disponíveis a mim através dos relatos fornecidos por ele próprio – seriam coletadas, naquele momento, diretamente com os membros da família. Deslindar a trajetória dos pais de Haroldo, Dona Elizete e Seu Haroldo – ambos migrantes –, foi o caminho que tomei. Além de Haroldo, Dona Elizete e Seu Haroldo, têm mais três filhos: Nelma, Dércio e Elaine, que formam juntos a família *Silva Barbosa*. Através deles conheci Dona Aída, uma senhora negra de 83 anos – segundo Dona Elisete, ela era alguém que poderia me contar muito dos *tempos antigos* desses lugares que ligavam Pirajá ao *Subúrbio*. Quais eram/são esses caminhos? Como funcionavam? E o que mudou? E por quê?

Subúrbio. Ao finalizar este ciclo, por assim dizer, continuamos trabalhando juntos em projetos de pesquisa no Subúrbio Ferroviário.

71 A estratégia metodológica que adotei, na época, foi por conduzir um trabalho com jovens, num universo de 18 deles, divididos em seis homens e doze mulheres, tendo como assistentes de pesquisa dois jovens que também participariam como interlocutores da pesquisa. Vale lembrar que o projeto se estruturou em dois eixos que ocorriam simultaneamente: um de intervenção e outro de pesquisa etnográfica. Conferir a este respeito: SOUZA, Cristiane (2006).

72 Quando os conheci eles eram coordenadores do Cursinho Pré-vestibular Coequilombo. Um projeto de formação de jovens pobres e negros do Subúrbio ferroviário, criado sob a chancela da Igreja Católica e apoiado pelos Programas de Educação e Pesquisa realizados pela Fundação Clemente Mariane, sob a coordenação de Paulo de Jesus e Marta de Jesus.

Questões bem gerais que, eu acreditava, podiam abrir pequenos espaços e indicar pistas para a pesquisa; ou mesmo, abrir algumas janelas para pensar e definir com mais clareza o objeto a ser perseguido. Não à toa, fui com eles até a casa de Dona Aída com o intuito de conhecer e entender a dinâmica desses caminhos que ligavam diferentes territórios de Salvador.

Dei continuidade ao trabalho de orientação e acompanhamento das entrevistas que estavam em curso, no âmbito da pesquisa “Memória dos movimentos sociais no Subúrbio Ferroviário nas décadas de 1970 e 1980”. Ao final das entrevistas dispunha de um universo de 34 (trinta e quatro) relatos de vida, colhidos entre pessoas moradoras de diferentes bairros do *Subúrbio*.⁷³ Deste total, 23 (vinte e três) pessoas tinham origem fora de Salvador: 18 (dezoito) delas vindas de diferentes partes do Estado e 5 (cinco) de fora dele. A este universo de vinte e três entrevistados, agreguei mais 5 (cinco) interlocutores, a saber: Dona Alice, Seu Hélio, Dona Elisete, Seu Haroldo e Seu Camilo, os quais apresentei a forma como cheguei até eles. A partir daí teci a minha rede em diferentes proximidades, distanciamentos e interlocuções. Isto aparece evidenciado na forma como trato descritiva e analiticamente os dados etnográficos produzidos. Sistematizei algumas informações coletadas num quadro síntese com o perfil desses migrantes.

73 As entrevistas foram transcritas e analisadas.

Quadro 1. Dados Gerais dos Migrantes Entrevistados								
N	Nome	Idade	Origem	ADSAL	LCSAL	ADSUB	LCSUB	Moradia Atual
Interior da Bahia								
1	Altino Arantes	73	Alagoinhas	1945	Nordeste de Amaralina	1955	Mapele	Paripe
2	Aluisio Silva de Azevedo – Cabeção	70	Santo Amaro	1954	Periperi	1954	Periperi	Periperi
3	Antonia Garcia dos Santos Garcia	62	Cachoeira	1971	Fazenda Grande do Retiro	1976	Itacaranhã	Campo Grande
4	Antonio Aldebaram Falcão – Bitonho	60	Santiago do Iguape	1968	Massaranduba	1982	Novos Alagados	Novos Alagados
5	Antônio Oliveira – Padre Oliveira	63	Tucano	1970	Federação	1976	Bariri	Periperi
6	Camilo Fernandes da Silva	76	Feira de Santana	1951	Capelinha de São Caetano	1980	Planalto Real	Planalto Real
7	Carlos Alberto Alves de Almeida – Bimbau	56	Rio Real	1961	Engenho Velho de Brotas	1984	Rio Sena	Rio Sena
8	Cecília dos Santos de Santana	71	Coração de Maria	1953	Ribeira	1966	Rio Sena	Rio Sena
9	Cícera Conceição Silva (Ialorixá) – Ciça	60	Candeias	1952	Periperi	1993	São Bartolomeu/Cabrito	Parque São Bartolomeu
10	Elizete Barbosa	63	Jiquiriça	1958	Conceição da Praia	1961	São Bartolomeu/Cabrito	Pirajá
11	Fernando Ferreira Oliveira	73	Amélia Rodrigues	1959	Rio Vermelho	1975	Valeria	Paripe
12	Hélio Sant'Ana	61	Salinas da Margarida	1957	Santo Antonio	1980	Plataforma	Plataforma
13	Haroldo Alves Barbosa	64	Catu	1953	Plataforma	1953	Plataforma	Pirajá
14	Juliete de Jesus Sousa Fernandes - Juju ou Lêca	73	Mata de São João	1932	São João do Cabrito	1932	São João do Cabrito	Plataforma
15	Manuel Ferreira do Nascimento – Neco	51	Candeias	1964	Uruguai	1976	Novos Alagados	Novos Alagados
16	Maria Alice Silva Sant'Ana	60	Salinas da Margarida	1974	Lapinha	1980	Plataforma	Plataforma
17	Maria Guiomar Portela – Guió	82	Entre Rios	1941	Base Naval de Aratú	1941	Paripe	Lobato
18	Mariana Oliveira	67	Tucano	1973	Plataforma	2006	Periperi	Periperi
19	Miralva Alves Nascimento – Mira	51	Castro Alves	1981	Sete de Abril	1983	Rio Sena	Alto de Santa Terezinha
20	Olganita Silva Santos – Olga	50	Gandú	1965	Jardim Cruzeiro	1970	Alto de Coutos	Periperi
21	Pedro Gonçalves de Souza	68	Santo Amaro	1959	Capelinha de São Caetano	1979	Rio Sena	Rio Sena
22	Railda Cruz dos Santos – Sussu	50	Catu	1973	Federação	Paripe	Periperi	Lobato
23	Raimunda Oliveira de Souza – Rai	51	Ilhéus	1985	Itacaranhã	1985	Itacaranhã	Plataforma
Outros Estados								
24	João Carlos Dantas – João Paulista	55	Paraguaçu Paulista/SP	1979	Periperi	1979	Periperi	Praia Grande
25	José William Tavares Justa	46	Canidé/CE	1972	Alto do Peru	1980	Periperi	Periperi
26	Maria Nalsina dos Santos - Nalsina	61	Siriri/SE	1967	Liberdade	1987	Plataforma	Planalto Real
27	Pedro Cardoso	49	Própria/SE	1974	Periperi	1974	Periperi	Escada
28	Severina Correia Dias de Melo	59	Iguaraçu/PE	1981	Paripe	1981	Paripe	Paripe
Legenda:								
Bairro de Moradia – BM								
Ano de chegada em Salvador – ADSAL								
Ano de chegada do Subúrbio Ferroviário – ADSUB								
Local de Moradia quando chegou em Salvador – LCSAL								
Local de Moradia quando chegou no Subúrbio – LCSUR								
Permanência do Subúrbio Ferroviário – PSUB								

Neste quadro apresento a identificação dos vinte e oito entrevistados, origem, idade, bairro de moradia, ano de chegada à Salvador e ao *Subúrbio* e, por fim, os deslocamentos na cidade. Após análise e classificação desse material, mediante a necessidade de repor questões e sanar algumas lacunas observadas em algumas delas,

retomei contato para proceder a novas entrevistas, para identificar e aprofundar sobre os modos de inserção na cidade; além, é claro, da própria vinculação e militância política em diferentes movimentos sociais – em especial por moradia e melhores condições de infraestrutura no Subúrbio Ferroviário –, aqui reconhecida como uma das estratégias adotadas no processo da inserção, participação e pertença a cidade. Com essa perspectiva, contatei com Dona Railda, de 50 anos; Dona Mira, 51 anos e Dona Julieta de 73 anos de idade, com as quais pude compartilhar momentos e conversas. Junto a Dona Julieta realizei outra entrevista em profundidade.

5 - Recolocando as guias: alargando o campo

Após um breve afastamento do campo, por causa da estadia em terras estadunidenses, novamente finquei pé em terras baianas e, mais uma vez, estava de volta ao meu assento.⁷⁴ Retomei as atividades de campo em janeiro de 2011. Nesta etapa da pesquisa, produzi dez entrevistas, novos registros de observação e novas fotografias. A partir dos relatos fui percebendo a importância de determinados lugares como eixos na construção das narrativas destes sujeitos. Busquei produzir e organizar, daí por diante, o material de imagens tendo em conta a noção de *lugares de memória* (NORA, 1993), que surgiam nos relatos de vida. Esses *lugares* ocupavam posições de centralidade e articulação de sentidos nas narrativas dos sujeitos, os quais estruturavam as memórias de suas experiências de inserção na cidade a partir da indicação ou construção de imagens.

Nos primeiros encontros com Luís e seus pais, em Plataforma, soube que planejavam passar o recesso do carnaval de 2011 no lugar onde haviam nascido. Como de costume, eles iriam passar um período longo de feriado por lá. De imediato perguntei sobre a possibilidade de acompanhá-los para poder conduzir parte da pesquisa na terra natal deles. Meu interesse era traçar os caminhos, trilhas e estradas, nas mãos duplas que ainda hoje são atravessadas, trazendo e levando narrativas, pessoas e bens através da Baía de

74 Entre os meses de outubro e dezembro de 2010 fiz uma breve suspensão na pesquisa de campo, numa atividade de intercâmbio e formação no Spring International Language Center (SILC) na Universty of Arkansas, nos Estados Unidos, proporcionada pelo Programa Internacional de Bolsas da Fundação Ford. Retornei ao país no final de dezembro de 2010 e retomei os trabalhos de campo em janeiro de 2011.

Todos os Santos. De imediato, meu desejo de acompanhá-los foi recebido com estranhamento, mas também com carinho e aceitação. Com o passar dos meses e a proximidade do carnaval fui reafirmando a importância para o desenvolvimento do trabalho da ida com eles na Barra do Paraguaçu. Nesta viagem conheci e pude compartilhar momentos e conversar com membros da família estendia dos Silva Sant´Ana, a exemplo de Dona Lindaura, Dona Marizinha e Dona Gorete, respectivamente tia e irmãos de Dona Alice; conheci ainda Dona Lourdes, Seu Evandro e Seu João, irmãos de Seu Hélio.

Neste mesmo período, antes da viagem para a Barra, através dos contatos de Haroldo e Luís, me aproximei de Regina – uma jovem moradora do *Subúrbio*, cientista social, estudante de Pedagogia, à época, e parceira de trabalho deles, a quem conheci de longe –, em uma das muitas atividades educacionais que desenvolvi com os jovens participantes do cursinho Coequilombo. Através dela conheci Seu Camilo, seu sogro – um senhor de 76 anos, morador do Planalto Real II, bairro do *Subúrbio*.⁷⁵ Com a ajuda de Haroldo que dispunha da *licença* para circular como um *de dentro* do bairro, cheguei à casa de Seu Camilo. Ao chegarmos, ele estava à nossa espera, sentado num banco de madeira rústico com espaço para três assentos. Apresentei-me a ele e falei do meu interesse em conversar um pouco mais, em outra oportunidade, sobre sua experiência ao chegar em Salvador e também sobre os movimentos que fez pela cidade. Nesta oportunidade, pude conhecer André, – um dos filhos de Seu Camilo. André é amigo de *baba*⁷⁶ de Haroldo. O *baba* é uma prática comum em diversos bairros de Salvador. Antes de dispor da ajuda de Haroldo havia tentando fazer o primeiro contato direto com Seu Camilo na companhia de Regina. No entanto, seus tempos de trabalho e estudo deixavam-na muito tempo fora de casa e, infelizmente, nunca conseguimos conciliar nossos tempos.⁷⁷ Em uma de nossas conversas, Regina já havia sinalizado que Seu Camilo era uma pessoa muito *viva* (lúcida e com muitas histórias para contar) e que ele certamente teria muito prazer em me contar sua

75 No dia 01 de março de 2011 fui à casa de Seu Camilo pela primeira vez. Já havíamos conversado antes por telefone antes desta visita.

76 *Baba* é a denominação atribuída para se referir ao jogo de futebol realizado por grupos de rapazes em campos de várzea e quadras esportivas em Salvador. O trabalho de BACELAR (1991) registra a importância dos *babas* no processo de organização e sociabilidade entre os jovens nos bairros periféricos de Salvador.

77 Nos dias em que estive visitando Seu Camilo, só no final do primeiro, quando estava já de saída, encontrei com Regina em casa. Nos demais dias prevaleceu a sua ausência, justificada por sua ocupação na Universidade do Estado da Bahia - UNEB, onde cursava a graduação em Pedagogia.

história. Isto ficou bem nítido desde nosso primeiro encontro, pois logo que falei dos meus objetivos de trabalho ele começou a narrar como era a Salvador quando nela chegou. Além de sua esposa, ele reside na atual moradia com André e Roberto dois filhos do casamento com Dona Cecília; e com Regina, sua nora. Retornei à casa de Seu Camilo em outras oportunidades. Com ele, além das conversas que tivemos, realizei uma entrevista estruturada.

Nesta etapa da pesquisa, insisti na possibilidade, ainda, de produzir o quadro geral dos *migrantes* apoiado no fundo documental da CBN e, por isso, retornei ao Arquivo Público do Estado da Bahia para pesquisar de forma mais sistemática.⁷⁸ Neste material observei informações referentes à circulação das embarcações entre Salvador e as diferentes localidades do interior da Bahia, e com outros Estados. Entretanto, a documentação disponível à consulta se restringia aos últimos anos do século XIX e às três primeiras décadas do século XX. Nela aparecem registrados nomes, sobrenomes, sexo, origem e destino das pessoas que buscavam os serviços das embarcações que navegavam em águas baianas, no Navio São Paulo, Canavieiras, dentre outros. Infelizmente, não foi possível saber o destino dos registros dos períodos mais recentes. Com o apoio de uma das funcionárias do Arquivo Público do Estado da Bahia, com quem conversei em uma das visitas, contactei, por telefone, outra funcionária, pesquisadora e arquivista da instituição, que havia sistematizado o material deste fundo documental da CNB para o período da minha pesquisa. No entanto, esta também não sabia qual o destino que havia tomado este material.⁷⁹ Não ter conseguido localizar este material, associado ainda a percepção de outros horizontes que a própria pesquisa foi me sinalizando, o objetivo de produzir esse quadro geral dos *migrantes* que passaram pela Baía foi perdendo sentido.

As águas correram e me conduziram por diferentes fluxos. Bravias torrentes solaram durante a pesquisa. As dúvidas metodológicas ocuparam o cotidiano da pesquisa. Acredito, o próprio campo foi conformando as melhores, ou possíveis soluções a elas.

Após a exposição da trajetória que culminou nessa tese, resta-me agora convidá-

78 Para o trabalho sistemático nos livros e acervos do Arquivo Público do Estado da Bahia contei com o conhecimento e apoio de Marcos Dias Coelho - doutorando de história social da Unicamp, pesquisador frequente desta instituição.

79 Não pude conversar pessoalmente com ela, que se encontrava de férias, naquele momento, e que me informou não saber mais o destino destes livros.

los a mergulhar nas trajetórias das experiências e nos territórios produzidos e narrados por diferentes pessoas. Para melhor organizar e apresentar as ideias, conduzir a leitura e sua compreensão, organizei a tese em seis capítulos, além desta introdução e das considerações finais.

Na Introdução, discorro sobre as orientações epistemológicas e metodológicas que norteiam o trabalho e os instrumentos de coleta utilizados na pesquisa; sobre o percurso que me levou ao tema e as questões que atravessam este estudo; sobre os caminhos da pesquisa, sinalizando para as colocações e os deslocamentos que foram se impondo ao longo de sua realização e; por fim, apresento o perfil geral dos entrevistados e interlocutores.

No Capítulo I, circunscrevo o contexto mais amplo onde se localiza o *locus* da pesquisa, caracterizando a dinâmica sociocultural e territorial marcada histórica e culturalmente por intensos e contínuos deslocamentos. Para tal, deslindo os processos de transformações socioeconômicas e culturais ocorridos desde a Baía de Todos os Santos, deslanchados em Salvador e, na região onde está situada – o *Recôncavo Baiano* –, e nas regiões a ele contíguas, com a finalidade de advogar a importância dos migrantes nestas transformações, especialmente no processo de modernização e urbanização da metrópole baiana.

No Capítulo II, alinhavo e teço redes e trajetórias de diferentes pessoas, para narrar os processos de ocupação, organização e consolidação que configuram o Subúrbio Ferroviário, ponto de partida e chegada da pesquisa. Para tal, abro as portas e convido leitores e leitoras a entrar e conhecer junto comigo, através das memórias, as trajetórias de distintas pessoas, desde a saída dos seus lugares de nascimento até chegarem a Salvador. Ao mesmo tempo, sinalizo os percursos produzidos na cidade por estas pessoas até *fincar chão* e assentar suas vidas neste território. Neste fluxo de colocações e deslocamentos no tempo e no espaço, memórias de múltiplos lugares que conformam este território são cartografados, assim como os enredos de *movimento* e *luta* por moradia.

No Capítulo III, apresento a trajetória de Dona Elizete e sua família de origem ao chegarem a Salvador no início dos anos de 1950. Ao registrar suas memórias de infância, destaco alguns aspectos que caracterizam a migração ocorrida com destino a Salvador daquela época. De sua narrativa, destaco o encantamento, nos primeiros anos na cidade (no centro comercial, de serviços e lazer), a mudança para o Subúrbio Ferroviário, ainda na

infância – o *Subúrbio*, lugar “distante” em que ela conhece “outra cidade”, diferente daquela do encantamento. No *Subúrbio*, consolida-se o assento da família e o pertencimento à cidade, que lhes possibilitam aproximações com a vida pregressa. E, por fim, abordo a constituição do próprio núcleo familiar de Dona Elizete com um homem com o qual compartilha a experiência da migração na infância. O percurso pela narrativa de Dona Elizete faz emergir, o que defini como “lugares de memória”, comuns em outras narrativas de migrantes.

No Capítulo IV, torno visíveis as trajetórias de Seu Camilo e Dona Railda e, através delas, apresento as estratégias de ocupação das terras e a consolidação do assento com a conquista da *casa própria* no Subúrbio Ferroviário. Da trajetória de Seu Camilo, resalto uma experiência marcada pela construção da cidade, por meio do trabalho nas *obras* das *firmas* da construção civil. Mediante as memórias evocadas por Dona Railda para narrar sua trajetória de vida, especialmente no *movimento*, acentuo a dinâmica da *luta* por moradia em Salvador e no *Subúrbio* a partir dos *movimentos de invasões*. A partir da experiência dela busco aprofundar algumas características e dinâmicas deste importante *movimento* que configura a história de *luta* de diferentes atores sociais pelo direito à moradia e dignidade na cidade.

Em seguida, no Capítulo V, teço os fios da trajetória da família extensa *dos Silva Sant'Ana* e seus percursos pela metrópole baiana, a partir da história de vida de Seu Hélio, atravessada por outras personagens, alguns dos quais também ganham revelação na narrativa. Nesta empreitada, destaco a importância da rede familiar para viabilizar um projeto migratório que se fez na permanente e contínua circulação entre a *cidade da Bahia* e o *interior*, e que se atualiza na mutualidade das relações de parentesco. Para tal, passo pela circulação de mulheres e crianças, característica da dinâmica migratória entre a comunidade da Barra do Paraguaçu, no *Recôncavo Baiano*, e Salvador desde tempos imemoriais.

Por fim, no Capítulo VI, através das narrativas dos *filhos da cidade*, os descendentes dos migrantes, exponho memórias de *experiências vividas e contadas* por mim e outras pessoas acerca da experiência da infância e juventude desde a vida na *casa*, no bairro, na *rua*, a relação com os amigos e o alargamento das redes de relações sociais a partir da inserção no espaço escolar dentro e fora do bairro e do *Subúrbio*. Memórias

compartilhadas de *infâncias duais* e caminhos forjados na afirmação e negação de uma herança *de vida melhor* legadas pelos mais velhos da família.

CAPÍTULO I.

[N]O INTERIOR DA CIDADE: MEMÓRIAS DE ITINERÂNCIAS

Preâmbulo

Nesse capítulo pretendo conduzir o leitor através dos meandros que emolduram o território e a história de Salvador, em relação ao Recôncavo da Bahia, região na qual esta história se insere. Recuo no tempo até os finais do século XIX e início do XX para observar os processos sociais e históricos que configuram este território. Para tal, reservo atenção aos processos de mobilidade que caracterizavam as relações sociais aí. Acompanho o fenômeno me deslocando no tempo e no espaço também em direção a regiões alhures. A finalidade é enxergar os movimentos de mobilidade que ocorrerem em direção à capital da Bahia no período indicado. Por fim, teci as linhas de articulação e dispersão que delinearam e emolduraram as questões e o objeto deste trabalho de forma mais detida, na busca por situar o leitor acerca dos estudos que foram desenvolvidos em Salvador.

Mapa 2: Baía de Todos os Santos e seu Recôncavo



Baía de Todos os Santos e seu Recôncavo

Fonte: Modificado de: Base de Dados da CONDER, 1998; MURICI, 1999.
Elaboração: João Fasina Neto, 2013



Estado da Bahia

1.1 - Todos os Santos da Bahia: um espelho virado ao céu

*Espelho virado ao céu / Espelho do mar de mim / (...)
Dos rios que correm aqui / Rendeira da beira da terra
/ Com a espuma da esperança / Kirimurê linda
varanda / De águas salgadas mansas / (...) Que
mergulham dentro de mim / Meu Deus deixou de
lembrança / Na história dos sambaqui / Na fome da
minha gente / E nos traços que eu guardo em mim /
Minha voz é flecha ardente / Nos catimbós que vivem
aqui.⁸⁰*

Um “espelho virado ao céu”, a Baía de Todos os Santos é uma reentrância na costa do litoral do Estado da Bahia.⁸¹ É a segunda maior baía do mundo e primeira do Brasil.⁸² Além de suas margens continentais, a paisagem é adornada por uma vegetação tropical com exuberantes trechos de mata atlântica e de vastas áreas de manguezais.

“Espelho do mar” de onde brotam cinquenta e seis ilhas (HATJE & ANDRADE, 2009). Dentre estas destaco algumas das principais: a Ilha de Itaparica, Madre de Deus – estas duas dispõem de autonomia político-administrativa, sendo que em Itaparica formam-se dois municípios: Vera Cruz e Itaparica –, dos Frades, de Bom Jesus dos Passos, das Fontes, de Maré, do Medo.⁸³ “Rendeira da beira da terra”, ela produziu inúmeras enseadas, praias e portos naturais que emolduram o cenário. “Dos rios que correm aqui”: vinte e um,

80 Composição de Jota Velloso. Maria Bethânia. **Kirimurê**. Álbum: Mar de Sophia; Gravadora: Biscoito Fino; Ano: 2006.

81 Kátia Mattoso (1992) destaca que Américo Vespúcio batizou a baía que descobrira de *São Salvador da Bahia de Todos os Santos* para homenagear o dia de *Todos os Santos* de 1503, e para “agradecer a feliz travessia e a descoberta de um porto magnífico onde poderia, ao abrigo dos ventos e das vagas, descansar e reabastecer-se de água.” Cf. Mattoso, 1992, p. 41.

82 A extensão dessa Baía é de 800 Km² e com profundidade média de 9,8 metros, chegando até 42 metros. Essa característica possibilitou desenvolver uma navegabilidade de grande cabotagem. A Baía de Todos os Santos recebe a descarga de uma área de drenagem correspondente a 61.110 km², sendo que 92,1% estão associadas ao Rio Paraguaçu, enquanto que o restante é distribuído entre as bacias do Rio Jaguaripe (3,6%), do Rio Subaé (1,1%) e dos pequenos cursos d’água periféricos (3,2%, dentre o quais podemos citar o Rio São Paulo, Rio Bonessu, Rio Petecada, Rio Jacarecanga, Rio Paramirim e Rio Mataripe). Mais detalhes sobre a Baía de Todos os Santos em HATJE, & ANDRADE (2009).

83 De acordo com o mapa temático elaborado por HATJE & ANDRADE, op. cit., dentre as ilhas que fazem parte da Baía de Todos os Santos, a maior delas é Itaparica. As outras são a Ilha do Medo, Ilha dos Frades, Ilha de Maré, Ilha das Fontes, Ilha Cajaíba, Ilha Bimbarra, Ilha de Bom Jesus dos Passos, Ilha Canas, Ilha do Capeta, Ilha Chegado, Ilha Coroa Branca, Ilha Grande, Ilha Guarapirá, Ilha de Madre de Deus, Ilha Maria Guarda, Ilha do Pati, Ilha Pequena, Ilha do Rato, Ilha das Vacas, Ilha de Matarandiba, Ilha de Saraíba, Ilha de Mutá, Ilha do Olha Amarelo, Ilha de Caraíbas, Ilha de Malacaia, Ilha dos Porcos, Ilha de Carapitubas, Ilha Ponta Grossa, Ilha dos Santos, Ilha dos Coqueiros, Ilha de Itapipuca, Ilha da Madeira, Ilha do Topete, Ilha de Monte Cristo, Ilha de Uruabo, Ilha de São João, Ilha de Santo Antonio, Ilha dos Franceses, Ilha do Cal. As outras 16 ilhas ou não tem denominações ou os nomes são variados. Cf. HATJE, & ANDRADE (2009).

no total. Dentre os quais estão os Rios Paraguaçu, Jaguaripe, Subaé, dentre outros a eles associados.⁸⁴

Navegar as águas da Baía é ser surpreendido e presenteado com uma grande beleza e riqueza de paisagens naturais. É ser brindado pelo brilho do azul, como versa o poeta da terra, “não qualquer azul, azul; de qualquer céu, qualquer dia; o azul de qualquer poesia; de samba tirado em vão; é o azul que a gente fita; no azul do mar da Bahia”⁸⁵ e pelo prateado dos cardumes dos peixes que resistem à contaminação das águas e a destruição dos corais. É ser banhado pelos saltos coreografados dos golfinhos que cortam, ainda, essas águas. Pelas “águas salgadas mansas” as velas dos saveiros (numerosos em outros tempos) continuam a romper o vento que sopra por lá, acompanhados por canoas; navios que transportam, agora mais que nunca, os produtos da indústria nacional e internacional que alimentam o comércio da cidade e do Estado; e cargueiros de petróleo que abastecem e descarregam nas refinarias da região. Por todos eles se faz circular vida em idas e vindas. E mais, a Baía é o cenário onde se celebram os festejos rituais de devoção a Iemanjá, Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora das Neves, Bom Jesus do Amparo e Senhor Bom Jesus dos Navegantes que encantam a vida de muitos baianos. Celebrações rituais que motivaram e motivam ainda inúmeras pessoas a traçarem seus itinerários na Baía.

A poesia tomada aqui como epígrafe diz muito do grande mar *interior* dos Tupinambá – Kirimurê:⁸⁶ “De águas salgadas mansas / Na história dos sambaqui / Na fome

84 A Baía foi considerada Área de Proteção Ambiental - APA Baía de Todos os Santos, através do Decreto Estadual de número 7.595 de 5 de junho de 1999. Nela estão incluídas as águas da baía e suas ilhas, que abrangem os municípios de Cachoeira, Candeias, Itaparica, Jaguaripe, Madre de Deus, Maragogipe, Salinas da Margarida, Salvador, Santo Amaro, São Francisco do Conde, Saubara, Simões Filho e Vera Cruz (Governo da Bahia, 1999). Aos olhos oficiais de governo, a Baía é uma “região de grande beleza cênica e ecossistemas ricos em biodiversidade, apresentando extensas áreas de manguezais ainda bem conservados, principalmente na região da contra-costa da Ilha de Itaparica, na Baía de Iguape, em Salinas da Margarida e Jaguaripe; remanescentes de Florestas Ombrófila (Mata Atlântica) em ilhas como Itaparica, Frades, Matarandiba, Fontes, Bimbarras e Monte Cristo; e recifes de corais na costa das ilhas de Itaparica, dos Frades, Maré e na Laje da Ipeba”, e ainda a pesca com explosivos; lançamentos de efluentes domésticos e industriais; ocupação desordenada do solo; desmatamento; disposição inadequada de resíduos sólidos; caça predatória; extrativismo descontrolado de crustáceos e moluscos; ocupação de áreas de preservação permanente. Ver site oficial do Instituto do Meio Ambiente e Recursos Hídricos – INEMA: <http://www.inema.ba.gov.br/gestao-2/unidades-de-conservacao/apa/apa-baia-de-todos-os-santos>. Acessado em 06 de setembro de 2012.

85 Composição de Gilberto Gil e Caetano Veloso. Gilberto Gil. **Beira-mar**. Álbum: Louvação; Gravadora: UNIVERSAL; Selo: Phillips; Ano: 1967.

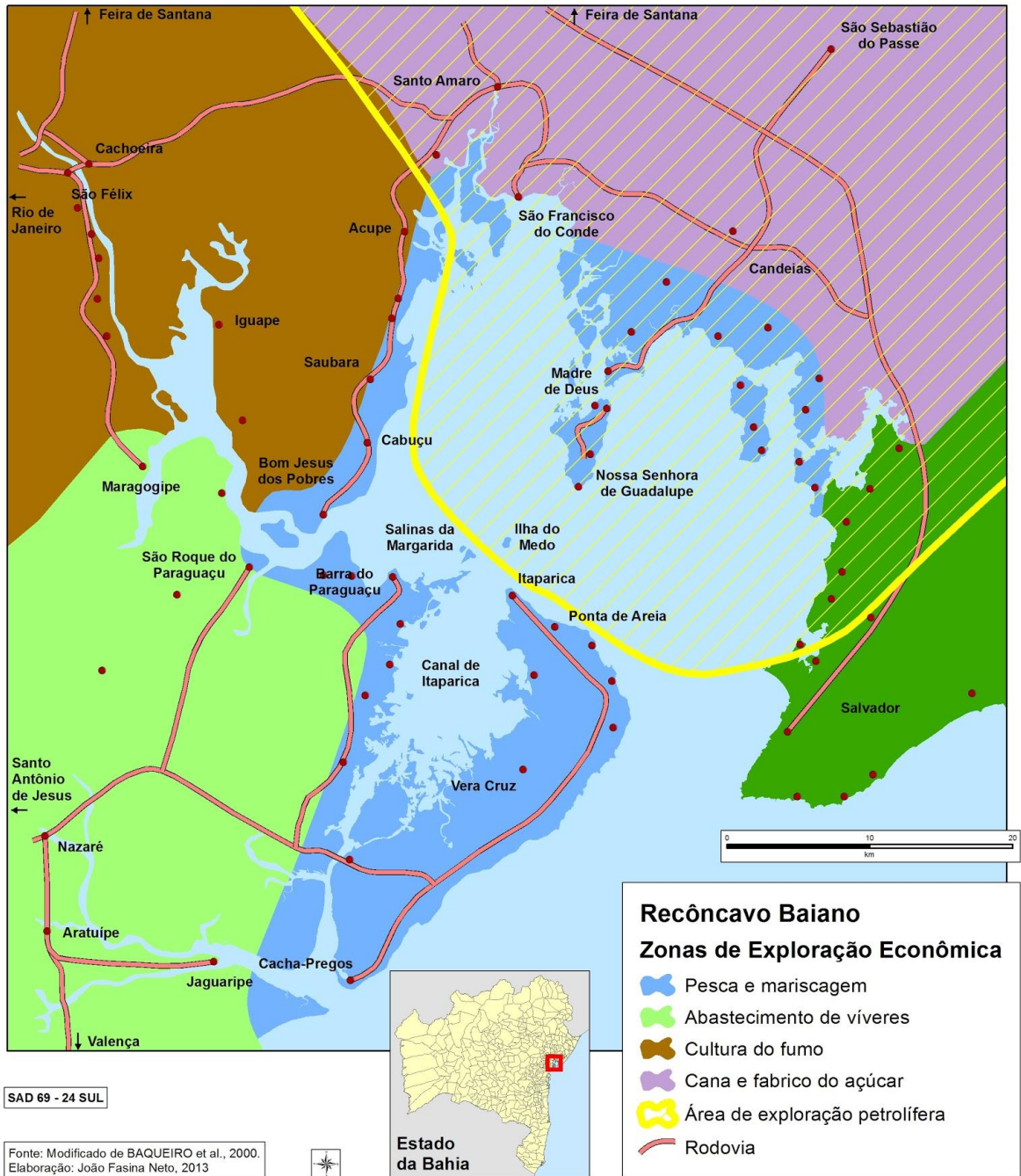
86 Os Tupinambá ocupavam quase toda a região litorânea da Bahia, inclusive a Baía de Todos os Santos, que era por eles denominada de kirimurê - “*grande mar interior*”. Ver: ARAÚJO (2000); CARVALHO (1998); SAMPAIO (1998).

da minha gente / E nos traços que eu guardo em mim”. Revela lembranças e memórias *da gente* que transitou por ela e nela produziu histórias e deixou marcas. Cenário de contacto – “zona de fronteira”. Espaço por onde diferentes sujeitos formaram aglomerados sociais e culturais que optaram, ao contrário de delimitar fronteiras culturais fixas, por construir pontes flexíveis de [inter]conexão.

E a aventura é esta. Navegar e atravessar as linhas e os canais para se deparar com a multiplicidade de territórios e paisagens, *gentes* e nexos de relações e transações que os configuram. Foi esta aventura que me trouxe até aqui, como indiquei no capítulo anterior. Continuo o deslocamento, agora me valendo dessa estratégia de [re]composição de trajetórias de vida em percursos que traçam inúmeros itinerários, para seguir por estas águas, produzindo a vida em novas linhas de navegação.

1.2 - Deslocamentos e a emergência de outros tempos

Mapa 3: Recôncavo Baiano: Distribuição em Zonas de Exploração Econômica



Segundo Kátia Mattoso, o crescimento da *Cidade da Bahia*⁸⁷ “foi fruto de uma tríplice benção: um local protegido em uma baía segura, larga e profunda; uma hinterlândia próxima, o Recôncavo que envolvia a cidade e que foi por ela gerado; enfim, as imensas possibilidades das terras tropicais” (MATTOSO, 1992, p. 41). Num esforço de síntese para definir o papel e a importância da cidade de Salvador e de seu *Recôncavo* na formação da Província da Bahia, Mattoso continuou seus argumentos destacando que estas se constituíram em “unidades, imbricadas” que “sempre formaram um todo, enfrentando juntas quaisquer circunstâncias”.⁸⁸

Tratar, mesmo que brevemente, à luz de um dos seus aspectos, da história de Salvador, é também falar da história da região em que está inserida, a despeito das especificidades das histórias locais de alguns dos municípios do que, posteriormente, seria denominado de *Recôncavo da Bahia*.⁸⁹ Destarte, esta ligação me pareceu imperativo do qual não podia escapar, não obstante o esforço que faço, também, de não deixar fugir ao olhar outros atravessamentos produzidos pelos deslocamentos e relações construídas a partir das [inter]conexões com outras partes do vasto território que forma o Estado da Bahia. Prossigo no percurso empreendido auxiliada nesta *aventurança* pelo objetivo de evidenciar algumas dos matizes que [con]formam esse território social e culturalmente. Decerto, como indicou a historiografia social, com a força do trabalho, da *luta* e da experiência de diferentes agentes sociais. É da experiência destes agentes que trata esse

87 Denominação corrente até o século XIX e ainda evocada por diferentes baianos em outras regiões do Estado para referir-se à Salvador.

88 *Ibidem*, p. 42.

89 No uso corrente, a região engloba não apenas o que hoje é o “Território de Identidade do Recôncavo (21)”, de acordo com o planejamento estatal, mas toda a zona costeira da Baía de Todos os Santos e os estuários imediatamente ao sul, especificamente Valença, o arquipélago de Tinharé e a Baía de Camamu, que se inserem nos “Territórios de Identidade” da Região Metropolitana de Salvador (26), Baixo Sul (6) e Portal do Sertão (19). Segundo os argumentos dos gestores estatais, os critérios para adotar esta atual nomenclatura seguem orientações, não só territoriais, naturais e socioeconômicas, mas, sobretudo culturais. Ver anexo 01. Mapa: Territórios de Identidade: Estado da Bahia, 2012. De acordo com essa delimitação os municípios que fazem parte do *Recôncavo Histórico* são: Amargosa, Conceição do Almeida, Sapeaçu, Castro Alves, Cruz das Almas, Santo Antônio de Jesus, Salinas da Margarida, Muniz Ferreira, Nazaré, São Felipe, Dom Macedo Costa, Governador Mangabeira, Muritiba, Cachoeira, São Félix, Maragojipe, São Gonçalo dos Campos, Santo Amaro, Saubara, Conceição do Jacuípe, Terra Nova, Amélia Rodrigues, Teodoro Sampaio, Candeias, Conceição da Feira, Simões Filho, Salvador, São Francisco do Conde, São Sebastião do Passé, Camamu, Ituberá e Valença. O *Recôncavo* é uma região marcada, em termos econômicos, desde o século XVIII, pela plantação, beneficiamento e comercialização da cana-de-açúcar e de outros produtos para exportação; e em termos socioculturais, desde este período, pela exploração da mão de obra escravizada. Foi um importante centro cultural e econômico do país até meados do século XIX, como veremos nas linhas que traço, ainda, neste capítulo.

trabalho. Volto meu olhar para os cenários mais internos da Baía, para as ocupações que dariam origem às diferentes cidades.

Atravessei a Baía de Todos os Santos e adentrei aos espaços mais internos da sua região, seguindo pelos trilhos e por onde *fazia a roçagem pra abrir a estrada, pra ter passagem pela estrada, direto... O povo diz que o mundo ficou todo furado de estrada* (risos). *Ficou todo furado de estrada*⁹⁰ até outras paisagens do seu interior.

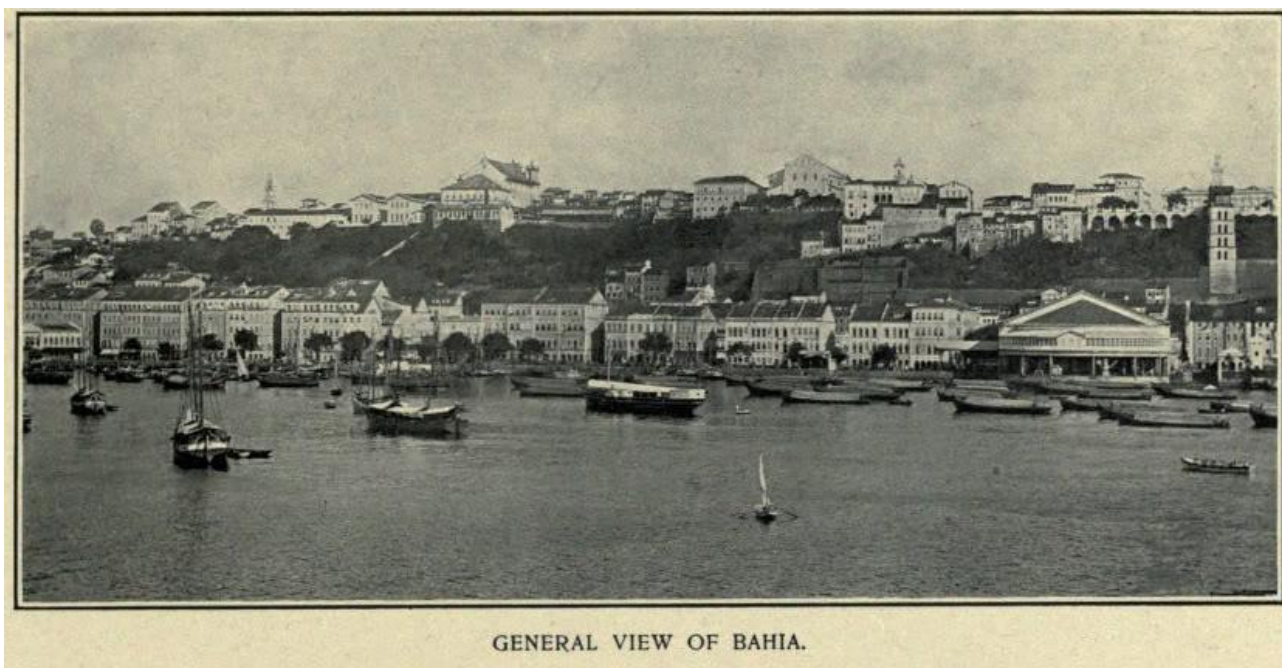
A geografia natural do *Recôncavo* oferece uma multiplicidade de paisagens constituídas por entranças de terra, contornadas por mar e rios, lagunas, cachoeiras, manguezais, estuários etc., onde existem “comunidades” que ocupam estas áreas há muitos séculos (indígenas, ribeirinhas, pesqueiras, religiosas, quilombos, dentre outras). Hoje, mais uma vez, ameaçadas pela iminência dos novos investimentos do projeto de desenvolvimento em curso no Estado. As primeiras cidades foram construídas para atender a uma demanda de proteção do território ocupado, sendo erguidas sobre morros, em locais estratégicos para vigiar o litoral. Eram grandes fortes e estruturas de defesa – constituindo aí uma arquitetura eminentemente militar. A cidade do Salvador não escapou a essa regra e suas primeiras edificações atestam essa memória em cal e pedra.⁹¹ Foi no contato e no estabelecimento de relações comerciais com as populações indígenas que ocupavam o litoral que os portugueses estabeleceram marco de pedra de ponta – hoje o Farol da Barra –, tornando-se de logo ponto estratégico de parada e reabastecimento de navios.

A cidade foi erguida sob uma falha geológica de 65 metros, configurando uma formação histórica urbana antiga, repleta de peculiaridades. Na imagem postal, vê-se esta configuração.

90 Entrevista realizada no dia 08/03/2011, com Dona Lindaura, moradora da localidade da Barra do Paraguaçu, no município de Salinas da Margarida. Dona Lindaura é tia de Dona Alice e na época da entrevista estava com 104 anos. Ela havia regressado para a Barra, depois de passar boa parte de sua vida residindo em Salvador, no bairro de Mussurunga.

91 Hoje quem transita por toda a região do Recôncavo, além da capital do Estado, vai se deparar com algumas destas edificações e muitas ruínas que ocupam a paisagem arquitetônica, a memória cultural do Estado da Bahia e do Brasil. Erguer estas cidades fortalezas foi, naquele momento, importante para a eficácia do empreendimento colonial português em terras brasileiras. Posteriormente, o cenário foi cedendo lugar a outra paisagem e as primeiras povoações foram caindo de importância para dar lugar a novas vilas, localizadas em pontos estratégicos para o comércio flúvio-marítimo.

Imagem 01. Foto da Vista panorâmica do núcleo antigo da *Cidade da Bahia*.



Fonte: Acervo: Coleção de Cartões Postais de imagens antigas de Salvador.

Vale lembrar que a fundação das primeiras cidades brasileiras tiveram como modelo as cidades europeias. No caso de Salvador, conforme Lídice Paraguassú (2013), ela foi feita nos moldes de uma releitura de Lisboa, onde a ocupação do espaço urbano se dava pela diferenciação das classes, ou na dualidade entre o “alto” e o “baixo”.

É vasta a literatura produzida no campo das Ciências Sociais e da História que se debruçou sobre os processos sociais associados à decadência das duas culturas tradicionais de exportação (cana e fumo), sobre as quais estava alicerçada a economia de Salvador e de sua região circundante – o *Recôncavo baiano* – e, ainda mais, sobre o fim da escravidão que afetou fortemente a dinâmica territorial e social da capital da Bahia.⁹² Para o objetivo perseguido nesta tese, sinalizo que alguns dos trabalhos considerados assumiram como eixos principais de suas análises: i. a glória da Colônia e do Império e as características que levaram à decadência da economia e da sociedade agromercantil, em termos gerais; ii. o

92 Sobre o desmonte do sistema escravista na cidade da Bahia e seu *Recôncavo*, além de MATTOSO (1978; 1992) e REIS (2003), encontram-se referências nos trabalhos de OLIVEIRA (2003) e GUIMARÃES (1982).

processo que levou a decadência, mais detidamente, a partir da crise do sistema escravista e dos movimentos políticos de resistência ao mesmo; iii. a implementação das bases do sistema capitalista de mercado; e, iv. em menor escala, a mobilidade demográfica e os efeitos na constituição de novas formas de organização socioculturais e políticas no século XX. Por sua vez, entre estes estudos que estavam ocupados em observar o fenômeno das mobilidades poucos foram aqueles que deram lugar as trajetórias dos migrantes e suas experiências. E mais, menos ainda os que buscaram articular as trajetórias de experiências desses agentes com os processos de transformações que ocorreram nesta cidade desde a segunda metade do século XX, o que buscamos fazer aqui.

Inserida, então, em uma região que compunha uma das principais zonas de *plantation* de cana-de-açúcar da Colônia Portuguesa, Salvador desenvolveu-se em volta desta produção e da exploração do trabalho escravo. Logo, desde a sua fundação, Salvador manteve fortes ligações tanto com outras ocupações do *Recôncavo* quanto com toda uma zona no entorno e com outras veredas mais distantes. Dito de outra forma, naquele lugar predominavam atividades agrícolas e extrativistas voltadas para o mercado externo assim como para o abastecimento de Salvador. Durante muito tempo, quase toda a comunicação e as trocas entre a capital, as outras cidades da região e alhures eram feitas através do mar, em saveiros que cruzavam “as águas salgadas mansas” da Baía de Todos os Santos, levando caixas de açúcar para serem [re]exportadas em Salvador; e frutas, verduras, farinha de mandioca, pescado, marisco, galinhas e outros tantos víveres para o abastecimento da cidade, além de cerâmica e telhas, produzidos pelo trabalho escravo.

Ainda hoje os saveiros cortam os diversos veios d'água que compõem as entranças da Baía e do seu *Recôncavo*, garantindo parte importante da circulação de mercadorias entre estas cidades e a sobrevivência de muitas pessoas, descendentes dos negros que foram escravizados nestas terras.⁹³

93 A despeito de terem sido desativados os principais portos (na época) de São Roque do Paraguaçu e Maragogipe. Hoje os projetos de desenvolvimento econômico e dinamização do transporte rodoviário para a região pressupõe a construção de um “novo sistema de transporte Salvador/Itaparica sobre a Baía de Todos os Santos, do tipo ponte rodoviária e duplicação da rodovia BA 001, trecho Itaparica e ponte do Funil” (SEPLAN, 2013).

Imagem 02. Imagens e tempos cruzados: Saveiros da Bahia



Fotos coloridas é produção da autora durante a pesquisa de campo, em 2011; as fotos em preto e branco é de autoria de Marcel Gautherot (1995), anos 1940-1950.

Kátia Mattoso (1978), ao olhar para a Salvador ainda no século XIX, já vê uma cidade portuária intensamente comercial, que vivia eminentemente das mercadorias de exportação e importação que eram negociadas em muitos portos que ornavam seu vasto litoral. Em outros termos, Salvador era ponto de negociação e redistribuição pelo *interior* da Província da Bahia. Uma cidade voltada para fora, assentada, por outro lado, para dentro, para o mais interno de seu território, que produzia linhas de comunicação e circulação com diferentes lugares e nesta relação com outros territórios foi produzindo a si mesma. Por ela passavam, ficavam e partiam, desde aquele momento, múltiplos sujeitos que carregavam em suas malas não só bens materiais e mercadorias, mas, sobretudo, os bens simbólicos e culturais que produziam encontros, sinergias, relações e redes socioculturais fundamentais para a conformação e dinamização da cidade.

A “cidade da Bahia”, até finais do século XIX, se expandia em onze “freguesias”⁹⁴ urbanas: Sé, São Pedro, Santana, Conceição da Praia, Vitória, Passo, Pilar, Santo Antônio, Brotas, Mares e Penha, por onde abrigavam-se a população livre e a escrava. Estas freguesias detinham significados político-administrativos e representavam o centro das atividades econômicas e sociais, segundo sua localização geográfica e de acordo com a classe social e as atividades econômicas de seus moradores.

Milton Santos (1998[1959]) traçou as linhas da cartografia social e econômica que delineou as diferentes áreas de produção econômica e social dessa região imediatamente circunscrita ao entorno da capital baiana (Mapa 03). Nela, o autor apresentou os ajustamentos dos interesses econômicos e das potencialidades oferecidas e dinamizadas nesse território. Para Santos o refluxo da cana concentrou o cultivo e os engenhos nos solos de massapé ao redor do município de Santo Amaro – na época o “porto do açúcar por excelência”.

No destaque do mapa 03 vê-se a área que se configurou como “zona canavieira”. Aí surgiram povoações ao redor dos engenhos, impulsionadas pela alta concentração de mão de obra necessária à fabricação do açúcar, que se somava à alta ocorrência de profissões subsidiárias e à também numerosa população encarregada do trabalho nas

94 O termo freguesia é originário do complexo quadro da administração portuguesa da época. O nome “freguesia” é oriundo da administração eclesiástica (paróquia ou freguesia), evidenciando a mistura entre instituição religiosa e instituição política.

plantações de cana. Ao seu lado, na *zona fumageira*, as localidades surgiam como pontos de apoio para os lavradores e como parada de pouso para o transporte da produção, feito nos “lombo de animal” até o porto fluvial mais próximo.

Nesse cenário, a cidade de Cachoeira se destacava como centro urbano. Ela e as terras no seu redor se especializaram na produção de fumo de corda e mais tarde na produção de charutos para o mercado internacional, especialmente da Europa.⁹⁵ Esta tendência perdurou até períodos bem recentes do século XX, como identifiquei nas narrativas de alguns entrevistados, a exemplo de Mira, o que destaco no relato a seguir:

Mira: *Tinha meus parentes lá [Cachoeira] fazia negócio de charuto, né, cigarro, não sei nem mais o nome da fábrica. (...). Isso! Suerdik. Isso aí.*

Ediane: Letalves Suerdik

Mira: *Letalves Suerdik! E aí acabou. A Danneman ainda existe, né?*

Ediane: Existe. A de São Felix.

Mira: *É, isso mesmo. Meu pai trabalhou na Letalves. Minha tia trabalhou na Suerdik.*

Ediane: A Letalves ainda existe também, só que tá mais parado porque minha ex-sogra trabalhava lá.

Mira: *Só faz alguma coisinha, artesanato e tal.*

Ediane: Então seus parentes também faziam charutos?

Mira: *Faziam é... Eu ainda tenho parentes lá, em São Félix, no salva-vidas.*⁹⁶

Os caminhos das tropas de burros, carros de boi e boiadas constituíram a forma incipiente, a partir da qual se deu a organização do espaço dentro do *Recôncavo* e em relação ao resto do Brasil. O município de Cachoeira ligava-se por esses caminhos às localidades da “zona fumageira”, a Feira de Santana – entroncamento que possibilitava o eixo de articulação – e ao “alto sertão”; do município de Santo Amaro ia-se para o Maranhão, Rio de Janeiro e Minas Gerais; Nazaré ligava-se a Aratuípe e Santo Antônio de Jesus. A supressão do tráfico negreiro representou um golpe para esta região, uma vez que parte da produção era destinada ao comércio escravista na costa da África (SANTOS, 1998; FIGUEIREDO et al, 2000).

95 O fumo naquele período era a moeda corrente no comércio escravista com Angola.

96 Entrevista realizada em 07 de outubro de 2010. O pai de Mira, Seu Daniel Nascimento, nasceu em São Félix, no Recôncavo. Ou, como recordou ao evocar as palavras dele: no *Mar a Baixo*. Mira segue na narrativa para registrar que: “*Ele gostava de usar esse termo. Certo!? Ele saiu de lá há quase quarenta anos. Ele era ferroviário e foi morar em Castro Alves e trabalhar pela Leste [forma local comumente utilizada para se referir ao sistema Viação Férrea Federal da Leste Brasileira]. Lá conheceu minha mãe, minha mãe é natural de Castro Alves*”.

A demanda da Europa por charutos, no entanto, resguardou a região de um colapso, mas impôs profundas mudanças no cotidiano produtivo e social: fábricas de charuto (Suerdieck, Costa Pereira & Penha, Danneman) foram implantadas nas cidades, muitas vezes, com investimentos externos da Inglaterra e Alemanha, por exemplo. A presença destas indústrias contribuiu para a maior concentração urbana nessa parte da região. A mão de obra utilizada era principalmente feminina, devido a necessidade do manuseio mais refinado das buchas e capas dos charutos. Os gerentes, agentes, trapicheiros e demais agentes envolvidos na produção fumageira foram constituindo uma classe média também notadamente urbana. No campo, com a escassez da mão de obra escrava, a grande propriedade foi sendo retalhada pelo sistema de meia, que podia ser paga em trabalho, produção ou dinheiro.

Na região de Nazaré, por outro lado, concentrava-se o cultivo e beneficiamento da mandioca, cerâmica e produção hortifrutigranjeira. Estas cidades mantiveram-se à frente da economia regional durante quase três séculos.⁹⁷ Enquanto eram mantidas as condições socioeconômicas que deram início ao processo de ocupação, aqueles municípios viveram seus dias de apogeu, estendendo influência por toda uma região que lentamente se urbanizava. Até o século XIX, no *Recôncavo norte*, especializado em fornecimento de lenha e pecuária extensiva, por exemplo, não surgiram cidades consideradas economicamente relevantes, pela literatura tradicional. Também no litoral mais imediato da Baía e nas ilhas surgiram apenas pequenas “comunidades pesqueiras” e marisqueiras que se integravam na rede regional através dos saveiros e canoas (SANTOS, 1998).

Ao redor de Nazaré, entretanto, não se formou desde cedo uma rede hierarquizada de núcleos, pois os centros urbanos responsáveis pelo abastecimento da “cidade da Bahia” comunicavam-se diretamente com ela através dos saveiros. Municípios como Jaguaripe, Aratuípe e Maragogipe, desta forma, mantiveram certa independência de Nazaré no que se referia à organização da malha urbana. Os processos das mudanças estruturais são verificados também na pesca e na mariscagem, com a introdução da conservação do pescado no gelo – que permitiu alongar as viagens mar adentro e, ao mesmo tempo,

97 Por causa da aptidão e da qualidade da produção da farinha, Nazaré é reconhecida pelo topônimo de *Nazaré das farinhas* até hoje. Ao buscar em qualquer uma das grandes feiras populares de Salvador, desejando consumir farinha de *boa qualidade*, ouvirá de muitos feirantes a resposta de que *a melhor farinha é a de Nazaré*.

concentrar o mercado da pesca nas mãos dos donos dos frigoríficos –, e na utilização de grandes barcos, redes e, posteriormente, bombas de dinamite.

O *Recôncavo hortifrutigranjeiro* como um todo viu a demanda por seus produtos aumentar de forma considerável, nas primeiras décadas do século XX, em função do aumento populacional de Salvador e do avanço da mancha urbana sobre as roças de Brotas, Federação e Rio Vermelho – locais onde até então existiam áreas significativas de mata e muitas roças produtivas na cidade.

Importante vetor de mobilidade presente na região desde os “tempos do cativo”, as ferrovias partiam de pontos solidamente estabelecidos, como Salvador, Cachoeira, Santo Amaro e Nazaré, e não tinham originalmente qualquer tipo de interligação.⁹⁸ Deste modo, reforçaram ainda mais a especialização dos portos, como no exemplo de Santo Amaro,⁹⁹ que passou a concentrar apenas o escoamento do açúcar, após a construção da ferrovia que ligava Feira de Santana a Cachoeira, passando pelos centros produtores de tabaco. Em outras palavras, Cachoeira ocupava um lugar privilegiado, uma vez que se tornava a sede com maior tráfego comercial da província. Com a descoberta de diamantes e ouro na Chapada Diamantina e a demanda de abastecimento causada pelo aumento populacional, Cachoeira pode estender até aquela região a sua zona de influência.

A ferrovia de Nazaré terminou por concentrar o escoamento da produção do “alto e baixo sudoeste”, para onde se dirigiu, servindo às culturas locais: farinha de mandioca, assim como café e, posteriormente, cacau, que se intensificava nas terras dos Ilhéus,

98 Os ramais de ligação entre essas estradas de ferro seriam produzidas em diferentes momentos. A estrada de ferro de Santo Amaro foi criada em 1883 e ligava a região açucareira da cidade de Santo Amaro ao povoado de Jacu. Eram 36 km de trilhos. Antes dela já existiam as Estradas de Ferro: Bahia - São Francisco, Central da Bahia, Centro-Oeste da Bahia, e depois Petrolina a Teresina. Em 1935 foi criada a Viação Férrea Federal do Leste Brasileiro (VFFLB), no governo de Getúlio Vargas, pela Compagnie de Chemins de Fer Fédéraux de l'Est Brésillien (CCFFEB), uma empresa franco-belga, que explorava as principais linhas férreas do Estado da Bahia. A VFFLB reunia cinco estradas de ferro nos estados da Bahia e Minas Gerais. O primeiro trecho construído pela LESTE partia de Salvador (construída em 1860) até Alagoinhas. Em 1881 foi aberta uma nova linha de Alagoinhas para Timbó, no norte do Estado da Bahia. Depois atravessou o Estado de Sergipe, passando pelas cidades de Aracaju e Própria. Em 1957 o sistema passou a ser gerenciado pela Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima (RFFSA) e, em 1996, a ser administrada pela Ferrovia Centro Atlântica (FCA). O Leste se constituía pela linha tronco (Salvador-Alagoinhas); a linha do sul (Mapele-Monte azul), a linha norte (Alagoinhas-Própria), a linha Centro Sul (Senhor do Bomfim-Iaçú); e pelos ramais de Itaité (Queimadinhos e Itaité). De Feira de Santana (Conceição de Feira- Feira de Santana), de Catuiçara (Buranhem-Catuiçara), de Capela (Murta-Capela) e de Campo Formoso (Itinga-Campo Formoso). Ver o site: <http://vfco.brazilia.jor.br/ferrovias/Bahia/Bahia1991.shtml>, acessado em 16 de julho de 2012.

99 Até o começo do século XIX era por essa estrada que se escoava tanto a produção canavieira quanto a fumageira.

enriquecendo os coronéis da região. Santo Amaro perdeu importância no contexto do Recôncavo, uma vez que sua estrada de ferro, de tamanho reduzido, atravessava unicamente a “zona canavieira”, enquanto que Cachoeira e Nazaré, além de escoarem as produções tradicionais de suas respectivas zonas, estenderam seu raio de influência para fora do *Recôncavo*.

Ademais, no restante da “zona açucareira” a mecanização, em início do século XX, trouxe outras consequências, como a substituição dos antigos engenhos por usinas – que inclusive construíam suas próprias estradas de ferro para transportar a cana-de-açúcar colhida nas redondezas –, o que impulsionou um processo de concentração fundiária numa região já marcada pelo latifúndio da monocultura. Se os engenhos resistissem à competição ou simplesmente apagassem seus fogos, decaíam de sua condição de aglutinadores urbanos, sendo substituídos também nessa função pelas usinas. Apenas Nazaré conseguiu preservar uma relativa importância, voltada, desde sempre, para o abastecimento de produtos alimentícios para a cidade de Salvador.

Robério Souza (2007), ao acompanhar a trajetória do movimento grevista dos ferroviários baianos em 1909, ocorrido na ferrovia que saía de Periperi, em Salvador, com destino ao São Francisco, revelou os deslocamentos no tempo e no espaço, as alterações nos itinerários, o rompimento de demarcações fixas e, por fim, a configuração de um cenário de ações que instaura práticas cotidianas novas de transgressão por parte de trabalhadores egressos da escravidão.¹⁰⁰ Nestas primeiras décadas do período republicano estes trabalhadores ativavam a memória da escravidão para criar novas “estratégias de luta” contra a empresa inglesa que mobilizava poderosos grupos privados dentro e fora do país. A ferrovia em questão, ao ligar Salvador às regiões produtivas do “sertão baiano” em um processo de integração territorial e sociocultural ajudou também a unir trabalhadores urbanos e do *interior* e com isso a criarem redes de sociabilidade artístico-recreativas que forjavam laços de solidariedade na *luta* por melhores *condições de vida* e um ambiente de trabalho menos inóspito, perigoso e ordenado pelas regras disciplinares da produção.¹⁰¹ Essas ferrovias significaram um marco importante na ocupação do interior do estado,

100 *Ibidem*.

101 *Ibidem*, p. 16.

seguindo vários trajetos que facilitaram o desenvolvimento socioeconômico de novas regiões.¹⁰²

A Bahia entra, por assim dizer, no século XX, em termos políticos e econômicos, excluída das articulações políticas e econômicas que ocorriam entre os principais estados da nascente nação brasileira. Com um grande contingente de brancos e negros pobres, africanos e “crioulos livres”, seu dinamismo populacional, econômico e cultural característicos dos anos áureos desaparece. Fora o Rio de Janeiro (distrito federal da nação), os estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul são os que vão polarizar (RISÉRIO, 2004).¹⁰³

O cenário político baiano, então, nesta época, vivia os reflexos da crise na capital e em seu *Recôncavo*, como já referido. Longe das “águas mansas” da Baía, no “sertão” do Estado, acontecia uma insurreição de “coronéis sertanejos, herdeiros históricos dos antigos “chefes clânicos’ que povoavam a solidão vasta dos sertões”, como lembrou Risério (2004). Estendendo, ainda, a análise deste autor, esta conjuntura obrigava os governos na Bahia, daquela época, a conservar uma relação de cordialidade e paz com estes “coronéis”, ao mesmo tempo em que, da mesma forma, obrigava ao deslocamento dos grupos sociais mais pobres que *saíam pelo mundo* em busca de liberdade e da *sobrevivência*.¹⁰⁴

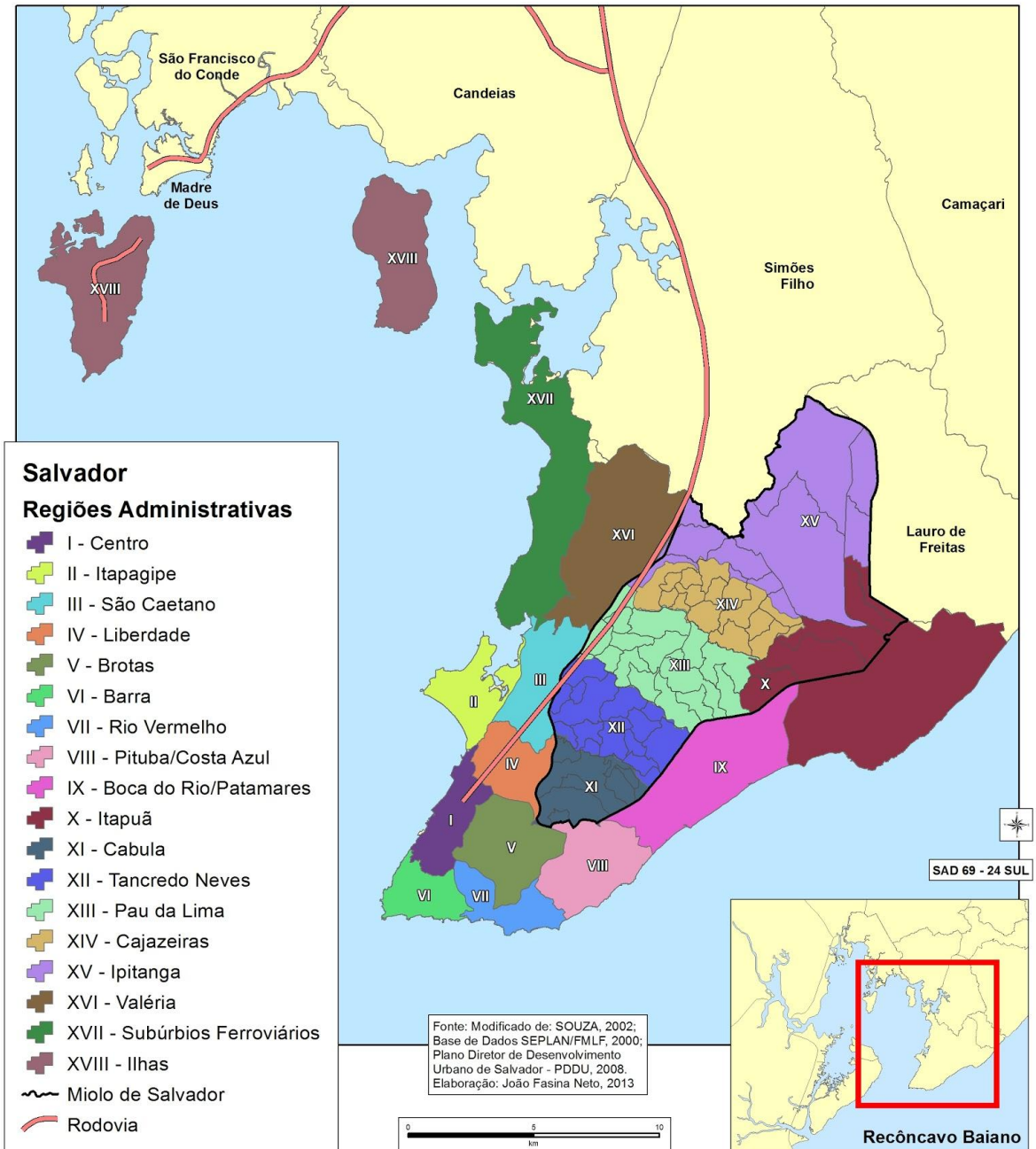
102 Antes deste momento, ainda no século XVI, está região que hoje conhecemos como Subúrbio Ferroviário de Salvador abrigava os índios Tupinambá. Estes ocupavam não só este trecho, mas quase toda a região litorânea da Bahia, inclusive a Baía de Todos os Santos. Reflexões sobre este período estão presentes em estudos como o de CARVALHO (1998); SAMPAIO (1998).

103 A historiografia brasileira registra, deste período, a política do *café-com-leite*, pacto então costurado entre São Paulo e Minas Gerais, em 1913, na cidade de Ouro Fino/MG, e que estabelecia um revezamento entre paulistas e mineiros na presidência da república.

104 Tratou-se de conflitos de interesses políticos e econômicos entre os *chefes clânicos e os políticos profissionais*, a partir da segunda eleição de J.J. Seabra para governador. As divergências, em questão, acabaram provocando, nos termos de Antônio Risério, “a guerra do sertão contra a capital, no ano de 1920, liderada pelo coronel Horácio de Matos” (p. 456). Segundo o autor, era com esta realidade que os baianos tinham que conviver em tempos já de República, com a “sobrevivência de lógicas e práticas dos tempos coloniais”.

1.3 - São Salvador da Baía: cidade de mobilidades

Mapa 4: Salvador: Distribuição em Regiões Administrativas



Para melhor situar o leitor e indicar os pontos que constituem algumas linhas por onde se sobrepõe a trajetória das experiências de diferentes migrantes e seus descendentes em Salvador, mantenho-me às linhas do tempo passado. A finalidade aqui não é fazer uma digressão histórica profunda. Isto outros pesquisadores experimentados em seus afazeres como historiadores já o fizeram. Porém, procurei produzir uma pequena brecha para olhar na direção dos deslocamentos que antecederam o período estudado nesta tese. Essa escolha revela um aspecto importante nas feições da mobilidade ocorrida em direção à Salvador e alhures. Desta forma, penso que voltar no tempo e olhar para as experiências de migração ocorridas com o fim da escravidão nos ajuda a entender melhor algumas trajetórias tecidas e as transformações sociais e culturais ocorridas na metrópole baiana desde os anos de 1940, especialmente entre os negros e pobres que conformam o perfil da maioria desta população. Para tal, utilizo como aporte a literatura produzida sobre o tema e o período.

Sobre as mobilidades populacionais e a migração em Salvador, no final do século XIX, Kátia Mattoso chama atenção para as limites dos recenseamentos produzidos no período que, segundo a autora, ocasionavam problemas na análise e compreensão da importância deste processo no crescimento e organização da cidade do Salvador (MATTOSO, 1978). Em seus termos,

Outro aspecto também negligenciado é o que diz respeito ao estabelecimento na cidade de uma população de migrantes. Migrantes cujo estabelecimento pode ser provisório durante apenas alguns meses, mas que pode ser também definitivo. Há também que considerar a possibilidade de um movimento oposto: habitantes da cidade que a deixam em período de marasmo econômico e de epidemias a ela retornando ou não quando a situação melhora.¹⁰⁵

Neste recorte, a autora chama atenção para as imprecisões destes estudos que pretendiam medir de modo, mais ou menos, preciso os efeitos da população da cidade. Mattoso observou no cenário da cidade daquela época a presença, entre os habitantes, dos marinheiros e navegantes;¹⁰⁶ “migrantes temporários” e os “africanos em trânsito”. Todos os dias Salvador recebia um novo contingente de pessoas vindas pelas águas da Baía. Este

105 *Ibidem*, p. 142.

106 Entravam em Salvador, diariamente, entorno de 800 a 1.000 embarcações, que faziam o comércio interno da baía (*Idem*).

trânsito se realizava entre as cidades do Recôncavo e Salvador, mas não só. Outros fluxos aconteciam entre Salvador e outras partes do Estado e de fora dele. Entre os que chegavam à cidade, muitos radicavam moradia outros permaneciam por um período e retornavam ou seguiam viagem para outros lugares.

O historiador Walter Fraga Filho (2009), observa o processo de mobilidade populacional entre as cidades do *Recôncavo* ao rastrear as histórias de vida de ex-escravos e seus descendentes que migraram da zona rural para diversas localidades do *Recôncavo* nos anos seguintes à abolição. Sua preocupação era a de “refletir e avaliar em que medida as experiências da escravidão e as expectativas de liberdade influenciaram escolhas migratórias e formas de inserção no meio.”¹⁰⁷ Com tal intuito, o autor refez múltiplos caminhos percorridos por diferentes sujeitos para identificar, da mesma forma, as “variadas estratégias e arranjos de que pessoas e famílias lançaram mão para sobreviver após o fim do cativo”. Ao refazer os percursos das mobilidades desses sujeitos, o historiador baiano nos mostra ainda que esses movimentos populacionais se intensificaram ao longo dos anos finais do século XIX e início do XX. Dentre as estratégias observadas por Fraga destaca-se, sobretudo, a “adoção de outro sobrenome, o aprendizado de uma nova profissão ou o reaproveitamento das experiências profissionais e dos laços sociais construídos no **tempo do cativo** [gripo meu]”.¹⁰⁸ O ponto final do recorte temporal deste autor é o meu ponto de início.

Ao focar para a mobilidade no *interior* do *Recôncavo*, especialmente no fluxo com direção a Salvador e à participação das pessoas que migraram no processo de transformação que vai acontecer e se intensificar a partir da década de 1940, e para as experiências migratórias observadas e me deparo com relatos que se reportam à memórias sobre os “tempos do cativo”, noções de auto-identificação e posição social e cultural, além de indícios de estratégias identificadas por Fraga anteriormente. Destaco abaixo mais um trecho da entrevista de Mira que considero bastante emblemática do que Fraga nos convida a pensar com seus estudos. Mira recorda de sua origem no município de Castro Alves e reflete sobre os sobrenomes de seus pais e os donos de *fazenda*, sobre *costumes*

107 FRAGA FILHO, 2009, p. 97.

108 *Idem*.

nascidos durante a escravidão e os laços sociais importantes que garantiam a mobilidade e a permanência nos locais.

Mira: *Todos [ela e os irmãos] nascidos lá em Castro Alves.*

Ediane: Ah, então você é de Castro Alves?

Mira: *De Castro Alves é, interior da Bahia, é, natural de Castro Alves, terra do poeta.*

Ediane: Ahhhhh

Mira: *Tenho uma desconfiança quase certa que o Alves vem daí (rs.)*

Ediane: Ah, é verdade, o Alves do seu sobrenome...

Mira: *É vem deles, família bem assim, com dinheiro e terreno, né? São Alves e Nascimento...*

Ediane: Lá são famílias abastardas. [falas simultâneas]

Mira: *É. Então eu acho que deve ter a ver. Meu pai com Alves minha mãe entrou com Nascimento, então cada um devia ser oriundo de alguma fazenda daquela, né? Meus avós... Eu tinha uma tia-avó, chamada Lia, que ela não gostava de comentar a respeito do passado, mas de vez em quando escapava alguma coisa, tipo, ela morava numa rua que quase todos eram parentes da gente, né? Tio Geraldo Batata, tia Dinha, tio João, morava assim em rua lado a lado, né? E ao no sábado aí vinha um senhor da fazenda e passava por lá e eles tinham que tá na janela olhando se não tivesse mandava chamar e chicoteava.*

Ediane: Uhum... Então provavelmente eram escravos... Foram escravizados?

Mira: *Por eles, né? Como acabou a escravidão e deve ter vindo fazer as avenidzinhas, né? As ocupações de terra assim na direção da pista, então eles ainda tinham, queriam ter aquele poder, né? De dizer tão morando aí na casinha, mas quando eu passar dia de sábado tem que pelo menos me olhar. E ela contava isso que tomava chicotada.*

Ediane: Costume, né?

Mira: *É, o costume... Se não botasse a cara, porque era muito orgulho dizer assim: 'Ah, não porque está se sentindo o bam, bam, bam. Entendeu!? 'Não tem mais vínculo comigo, então tá tirando onda!' É... E aí disse que batia. E outros fatos assim que ela comentava: 'que lá tinha uma, uma maneira de ficar de cócoras, ela com quase cem anos, ela ficava de cócoras por que era assim que ela trabalhava (...). A gente chamava ela de vó... Minha mãe morreu me deixou pequena e ela acabou sendo nossa avó mesmo, né? Ficou... Os meninos cuidou dela quando ficou velhinha, ela ajudava até financeiramente, né? Colaborava com meu pai pra nossa criação.*

Ediane: Sua mãe morreu você tinha quantos anos?

Mira: *Tinha uns quatorze anos, mas lá também tinha menino de um ano, ano e meio, menino de dois anos e quatro. Foi um período muito chato, né? É muito triste, a gente tinha muito amor da mãe, muito carinho, muita cumplicidade, muito respeito, tinha nossos hábitos, aí ela foi embora e isso tudo acabou, bruscamente, é de forma mesmo que meu pai tendo um salário razoável como ferroviário a gente veio a passar fome é (...) ser muito humilhado. Meu irmão de doze anos praticamente fugiu pra aqui pra Salvador e veio trabalhar em casa de outras pessoas, foi acolhido, graças a Deus. A família que acolheu ele tratou com respeito e ele cresceu nessa casa, né?*

Ediane: Aqui em Salvador?

Mira: *É, aqui em Salvador.*

Ediane: Qual o local?

Mira: *É na Roça do Galo, Nazaré...*

Ediane: Hã, hã...

Mira: *A família já conhecia a gente lá do interior, o pai desse senhor era ferroviário, colega de meu pai, então teve aquele respeito e viu a situação que a gente se encontrava.*¹⁰⁹

O relato de Mira nos aponta para outras questões, a exemplo dos motivos que levam à escolha pela migração, a exemplo da morte de familiares. De volta as experiências analisadas por Fraga (*Idem*), este também observa que mover-se era algo que envolvia diferentes fatores, como destaque abaixo:

Mas migrar ou permanecer nos locais onde nasceram escravos eram decisões que dependiam de vários fatores, entre os quais idade, ocupação, gênero e mesmo de circunstâncias e situações que estavam fora do controle das pessoas. Indivíduos que emergiram do cativeiro com a posse de alguns bens e direitos tinham uma tendência maior a permanecer nas localidades onde viveram cativos. Evidentemente que para essas pessoas ficar não significou acomodação às velhas relações, significou novos desafios e conflitos na relação com os ex-senhores. Porém para os que emergiram do cativeiro sem nada mais além do que a força dos próprios braços migrar para outras localidades foi um **imperativo de sobrevivência**.¹¹⁰

A partir dessa reflexão, o autor registra que “migrar ou permanecer nas localidades eram escolhas com implicações diferenciadas para homens e mulheres” e, por sua vez, tinha outros significados, “não era apenas norteadas pelos imperativos da sobrevivência econômica” – como costuma ser o enfoque presente em boa parte da literatura que trata dos processos migratórios em diferentes tempos.

Na linha dessa argumentação havia sentidos políticos na forma como os ex-escravos pretendiam “distanciar-se do passado de escravidão”¹¹¹ e, ocorrendo o mesmo com seus descendentes. Parece-me que este desejo de distanciamento de uma realidade de trabalho pesado e forçado, e mesmo, de uma memória muito viva que reportava-se ao “tempo do cativeiro” e de liberdade desta condição, manteve-se como um poderoso alimento que continuou nutrindo o desejo e a efetivação de migrações que se seguiram nas primeiras décadas da república. As autoras de “Memórias do Cativeiro”, Ana Aragão Rios e Hebe Matos (2005), olharam para este cenário a partir dos depoimentos orais de ex-escravos e seus descendentes na região do Vale do Paraíba. Nele, as autoras mostram como estes sujeitos produziram diferentes estratégias para se inserirem em outros lugares sociais,

109 Entrevista realizada em 07 de outubro de 2010.

110 *Ibidem*, Grifos meus.

111 *Ibidem*, p. 98.

seja no espaço urbano ou rural. E mais, para que pudessem lidar com as estas memórias e os efeitos desta memória na produção de suas subjetividades.

A literatura analisada indicou que, tanto para a região do *Recôncavo*, quanto para o antigo “Sudeste cafeeiro”, a intensa circulação da população liberta gerou temores por parte dos antigos senhores e produziam uma imagem de multidões de negros abandonando fazendas e engrossando as fileiras dos desempregados e vadios das cidades. Essa representação produziu um imaginário estigmatizante sobre os negros e pobres, em geral, que constituíram as grandes cidades nas décadas iniciais do século XX, e, ao mesmo tempo, alimentou todo um ideário de ajustamento, limpeza e controle racial e social presentes nas políticas e projetos de urbanização e modernização das cidades brasileiras, naquele período.¹¹² Esta mesma visão vigorou fortemente durante a segunda metade do século XX ao se tratar dos grandes fluxos dos migrantes que saíam, especialmente, de diferentes estados do “Nordeste” e do norte de Minas Gerais para fixar moradia ou arriscar trabalhos temporários nos grandes centros urbanos e industriais que se fortaleciam no Sudeste do país.¹¹³ Serão os “nordestinos” – generalizados no “baiano” e no “paraíba”, respectivamente, nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro –, o “matuto” e o “caipira”, os estranhos – figuras que preenchem de receios e resistências os filhos “nativos”, e mesmo dos migrantes desejados destes grandes centros urbanos. Porém, sem estes personagens estas cidades não se fariam. Ou melhor, é com os agentes reais, egressos de diferentes lugares, que as metrópoles se produziram(produzem) mais ricas, singulares e plurais. Na Bahia, os vetores de destinos são produzidos por esses sujeitos, a partir de seus deslocamentos. E os migrantes subiam e desciam, entre norte, sul, leste, oeste, “sertão”, *Recôncavo* e litoral e os atravessavam em diferentes zonas de entroncamento, exemplo de Feira de Santana (a *princesa do sertão*) e Alagoinhas.¹¹⁴

112 Josemeire Alves Pereira (2012) ao estudar a história recente de Belo Horizonte, Minas Gerais, faz um percurso identificando as representações sociais construídas acerca das favelas sob o ideário da modernização e dos projetos de urbanização realizados na cidade durante as primeiras décadas do século XX. Ao olhar para o perfil da população que ocupa estas áreas, a autora observa a presença significativa de migrantes internos ao próprio Estado, além dos que chegavam ali oriundos de outros Estados.

113 Sobre isto ver, dentre outros: SINGER (1976); DURHAM (1973; 2004); RIGAMONTE (2001); MENEZES (2009); SCOTT (2009).

114 Conforme Robério Souza (2011) a cidade de Alagoinhas foi se tornando, com o passar do século XIX, um entroncamento ferroviário de importância na Bahia. Ponto terminal da via férrea que se iniciava na capital com a companhia inglesa, Alagoinhas passou a ser epicentro de partida de duas linhas ferroviárias.

Ainda conforme Fraga Filho, os motivos que levavam aquelas pessoas a migrar, no caso das cidades do *Recôncavo baiano*, relacionava-se ao desejo de reunir familiares há muito separados pela escravidão. Nesta busca, os caminhos percorridos e os itinerários eram os mais diversos dentro da “província da Bahia” e mesmo fora dela (FRAGA FILHO, 2009, p. 101). Esta mobilidade causa enormes temores entre os “senhores”, que buscavam, a todo custo, junto aos governos da época, medidas repressivas para o que consideravam sinal de “vadiagem” e “vagabundagem”, conforme registra a literatura analisada. As medidas eram destinadas ao controle das festas religiosas, nos tipos de ocupação e permanência no espaço público e mesmo da produção dos espaços de moradia. Estes mecanismos de controle foram produzidos paulatinamente pelas autoridades policiais que reprimiam ex-escravos e libertos, apesar de não se converterem efetivamente numa solução viável de controle da população, como mencionei. Nas décadas iniciais do XX, estes mecanismos serão cada vez mais sofisticados e inseridos de forma mais efetiva nas políticas públicas de ordenamento do espaço, educação, saúde etc. Desde então, a população pobre e negra de migrantes [“retirantes”], precisava construir formas para se relacionar, se inserir e se estabelecer nestes novos espaços urbanos da modernização.

Já mencionada, a migração do interior da Província caracterizou a dinâmica populacional, dos últimos anos do século XIX e início do XX, em Salvador. Os dados dos censos de 1872 e 1890 indicam para Salvador, uma população de 129.109 e 171.412 habitantes, respectivamente. Dentre estes migrantes, segundo o censo de 1890, os “pretos” constituíam 26,9% da população. Walter Fraga,¹¹⁵ ao trabalhar com estes dados agrega a esta população os “mestiços”, somando aí um percentual de 67,4% de não-brancos.¹¹⁶ Ao que tudo indica, os deslocamentos continuaram a caracterizar os processos de configuração dos territórios e das relações sociais e culturais forjadas em Salvador nas décadas de seguintes. Nos últimos anos do século XIX, além de Salvador, alguns centros urbanos do *Recôncavo*, a exemplo de Santo Amaro, São Félix e Cachoeira se destacaram como importantes polos de atração da população livre e liberta (MARCELIN, 1996). Sendo assim, o fim do “cativeiro” autorizava aos ex-escravos o direito de ir e vir, sem com isso, ter que solicitar anuência dos ex-senhores. Motivados por diferentes objetivos, muitos

115 *Op. cit.*

116 *Idem.* p, 116.

passaram a *correr mundo*. Os municípios de Cachoeira e São Félix, por exemplo, tinham uma população flutuante de trabalhadores residentes nas freguesias rurais de suas imediações, que se deslocavam cotidianamente para trabalhar nas fábricas de charutos, retornando após o dia de trabalho, conforme Fraga (2009, p. 114).

Ao olhar por esta janela, observo que a mobilidade e os diferentes deslocamentos que caracterizaram a dinâmica social e cultural dos municípios do *Recôncavo*, inclusive Salvador, daquele momento, também compõe a dinâmica social nas décadas subsequentes, indicando um processo de longa duração. As águas da Baía diferentemente de se estabelecerem como demarcador de fronteiras territoriais e socioculturais fixas produziu uma rota de ligação forjada eminentemente por interconexões, que se pautavam por mecanismos e estratégias de flexibilizações culturais, que constituíram diferentes territórios e formas de organização e relações sociais.

Santo Amaro, São Félix e Cachoeira, por exemplo, atraíam considerável contingente populacional devido às atividades portuárias, comerciais e pela concentração de indústrias fumageiras, como dito em linhas anteriores. Além do cenário preponderante se compor destas indústrias, estas cidades constituíam importantes pontos de ligação entre Salvador e as localidades mais distantes do litoral, genericamente chamadas de “sertão”.¹¹⁷

No caso específico da Bahia, “somente a partir da década de 1940, ocorre com maior força a presença do *sertão* e do *sertanejo* como produção discursiva” (SOARES, 2009, p. 09-10), com efeitos sobre a forma de estar e de se inserir em sua capital. Na empreitada de revelar as maneiras de ver e dizer o “sertão”, Soares flagra os mitos e estereótipos, estigmas e imagens que vão emergir na configuração desse discurso e das relações e práticas sociais na capital. Como traça Soares em sua “sociografia” do “sertão” na “cidade da Bahia”, aparecem descritos os “fidalgos” e “vaqueiros” construídos em base de oposições entre “o pé na roça” do mundo rural e urbano – estes, ao mesmo tempo,

117 Reflexões sobre a presença social e cultural do “Sertão” em Salvador estão no trabalho do historiador Valter Soares (2009), que investigou um variado conjunto de fontes, tomando como objeto de análise uma parcela do arquivo do poeta, cronista e ensaísta do município de Feira de Santana, Eurico Alves Boaventura para pensar a invenção da Bahia sertaneja. Atenta a literatura de Jorge Amado – só para citar um escritor que muito alimentou a produção discursiva, as imagens e representações identitárias sobre a Bahia –, o sertão e o sertanejo aparecem como eixo articulador de sua narrativa apenas no livro “Seara Vermelha” de 1946. A despeito disto, observei em outras obras anteriores o singelo desfile de personagens que evocavam a paisagem e a cultura “sertaneja”.

lugares fronteiriços. Fronteira essa que potencializa não o apartamento, mas a comunicação, a [inter]conexão. Em outros termos, o “sertão” também se ligava e estava em Salvador por meio dos veios d'água da sua Baía, pelas linhas de ferro e pelas estradas de chão batido. O *interior* está(va), marcadamente, no *interior* da cidade.

De olho em Salvador, a socióloga e demógrafa Guaraci Adeodato de Souza (1985), reflete sobre o processo de movimentação na região à luz das taxas de crescimento. A autora sinaliza que, entre 1920 e 1940, as taxas eram quase nulas, sugerindo mesmo a existência de uma emigração líquida, fato não improvável de ter ocorrido, conforme Adeodato de Souza, uma vez que essa teria sido a “fase mais aguda da estagnação de Salvador”, como ressalta. Em outras palavras, continua a autora:

se nessa fase chegaram a afluir à capital significativos contingentes de imigrantes rurais, principalmente originários do Recôncavo, onde foi mais amplo o processo de retração da agroindústria açucareira e fumageira, tal afluxo era mais compensado por uma emigração de modo a gerar um saldo migratório negativo (*Idem*, p. 104).

É importante dizer que outros estudos sinalizam, mais tarde, para a presença também significativa de pessoas, dentre as quais muitos jovens e mulheres vindos de outras regiões da Bahia e, em menor escala, de outras cidades do Nordeste. A predominância, nesse momento da história, de um intenso trânsito de mulheres e crianças entre as cidades da Bahia, mas, sobretudo, para a capital parece caracterizar um processo de longa duração que, na época, supria a mão de obra do trabalho doméstico demandada pelas famílias de classe média e alta e a nova classe operária emergente; mas que, de certa forma, ainda hoje se mostra presente em diferentes lugares do país.

Guaraci Adeodato de Souza observa ainda um prolongamento deste processo com a intensificação dos fluxos de migrantes “nordestinos” para o Centro-Sul, especialmente para São Paulo, onde se constituiria o principal polo industrial do país, como já referido. Do outro lado, na linha de chegada, em São Paulo, por exemplo, Eunice Durham (1973), na trilha dos novos estudos antropológicos sobre a cidade, analisou, a partir de diferentes bases de dados de pesquisas realizadas na década de 1960, a “integração” do migrante de origem rural em São Paulo, como parte de um processo estrutural que transcorria em ritmo

acelerado e caracterizou a urbanização e as transformações econômico-sociais no Brasil, durante o século XX (DURHAM, 1973).¹¹⁸

Nesta perspectiva, os estudos indicavam um rápido e crescente processo de urbanização no Brasil que, até os anos 1920, era eminentemente “rural”.¹¹⁹ Eunice Durham deslindou o processo de migração ocorrido na cidade de São Paulo e indicou uma dinâmica – prefiro dizer, um circuito da mobilidade –, que se estruturou mediante o deslocamento da “zona rural” para pequenas cidades do *interior*, ou de uma “zona rural” mais tradicional para outra onde predominavam relações de produção de tipo capitalista. Para a autora, estas etapas intermediárias caracterizavam um processo que levariam os *migrantes* à uma nova ordem social.¹²⁰ Ainda, nas linhas das reflexões da autora, o aspecto central do processo de migração e de integração destes sujeitos a uma “sociedade urbano-industrial”, estaria no trabalho e, associado a ele, à família e ao grupo de parentes.¹²¹ Parece-me que, olhando para estas mobilidades, que caracterizaram os processos de transformações no Brasil no século XX, além da importância fundamental do trabalho, da família e dos grupos de parentes, aspectos centrais para a inserção das pessoas que se deslocam territorial e socialmente pelo mundo, as redes de amizade, a moradia própria e a educação formal constituem aspectos importantes na dinâmica por inserção numa nova vida social.

118 Diferentemente da tradição norte-americana, no Brasil não se desenvolveu uma Antropologia Urbana, com a finalidade de compreender o fenômeno urbano em si (DURHAM, 1986). Em vez disto, as pesquisas voltaram-se aos temas, conceitos e métodos direcionados às populações que viviam nas cidades; ou seja, a cidade era antes o lugar da investigação do que seu objeto. A tradição dos estudos que tomam a cidade como cenário remonta à constituição da própria Antropologia no Brasil, no seu esforço para pensar o conjunto da sociedade e da cultura brasileira. Uma característica deste momento inicial da disciplina é a ausência da delimitação opositiva entre campo e cidade.

119 Diferentes estudos afirmam os anos 1940 como grande marco que registra a transformação da sociedade brasileira em uma nação urbana. Para alguns, este processo descaracterizou por completo o modo de vida e “sistema tradicional rural”, para outros, a integração no meio urbano também significou, da mesma forma que para os sujeitos, a integração de “práticas e lógicas rurais”. Durham destacou, assim, que a população urbana brasileira não representava mais de 10% da população, mas 20 anos depois, em 1940, passa a 31% da população brasileira. Na década seguinte, 1950 passa para 36% dos habitantes do país; entre 1960-1970, ocorre o mesmo e o censo indica uma população urbana de 45% da população. A população urbana, então, ultrapassa a população rural, pela primeira vez, em 1970, isto é 56% da população brasileira viviam em localidades urbanas. *Ibidem*, p. 20.

120 *Ibidem*, p. 11.

121 A família e o grupo de parentes, seriam, como bem identificou Durham, os grupos que persistiriam nesta passagem de uma ordem de vida social para outra, cumprindo um papel fundamental ao orientar a participação desses *migrantes* no novo universo sociocultural, promovendo a reelaboração das representações que norteariam o deslocamento no espaço social.

Tarcísio Botelho (2007), ao analisar o fenômeno da migração interna e a formação e crescimento da cidade de Belo Horizonte, forneceu-me boas pistas para pensar esse processo em Salvador. Segundo indica Botelho, Belo Horizonte, a cidade que nasceu “quase do nada” vivenciou um rápido crescimento populacional, em meio às investidas industrializantes, em poucas décadas de sua existência. Uma cidade formada por diferentes parcelas de migrantes. O autor nos informa ainda, que a capital forjada para Minas Gerais será desta maneira formada por habitantes da antiga capital do Estado, Ouro Preto; pelos imigrantes estrangeiros e, em maior parcela por “migrantes do interior de Minas e de outros Estados brasileiros” (BOTELHO, 2007). Neste trabalho, Botelho chama atenção para a importância desta presença de “migrantes internos” e indica a escassez de trabalhos sobre este processo, em detrimento de muitos estudos focados na presença e contribuição dos imigrantes estrangeiros.¹²² Ao refletir sobre a trajetória do crescimento da capital mineira, Botelho problematiza sobre as dificuldades em caracterizar esses “migrantes internos” em Belo Horizonte. Primeiro, destaca a “carência de estatísticas”, e consubstancia, ao identificar que, “ao contrário dos estrangeiros, esse é um movimento populacional não documentado”. Além disso, nos informa que “os censos da época não documentavam a naturalidade dos brasileiros nas cidades em que residiam”.¹²³ Outro obstáculo para a realização de um trabalho minucioso e detido acerca do perfil destes “migrantes internos” está na própria dificuldade conceitual, afirma Botelho. Existem muitas situações de migração além do simples deslocamento de seu local de origem. “A maior parte dos deslocamentos é de curta distância, muitos deles provisórios ou pelo menos pensados como tal pelos migrantes”.¹²⁴

Em outros termos o autor nos diz que:

Muitos dos indivíduos e famílias que se deslocaram para Belo Horizonte não romperam seus laços com seus lugares de origem, tendo a perspectiva do retorno como algo bastante factível. E, de fato, muitos deles poderiam deslocar-se periodicamente entre um local e outro, num movimento pendular determinado pelas estações do ano, pela oferta de trabalho (época de colheita versus emprego temporário na construção civil, por exemplo) e outros.¹²⁵

122 Salvador viveu a experiência de receber em suas terras, nas décadas de 1920 e 1930, migrantes estrangeiros, portugueses e espanhóis, especialmente, que, da mesma forma que na capital mineira, constituíram um contingente muito pequeno em relação aos que vinham do *interior*.

123 *Ibidem*, p. 14.

124 *Ibidem*.

125 *Ibidem*, p. 14-15.

Sobre estas movimentações internas Guaraci Souza (1985) indicou que, possivelmente, alguns fluxos com origem rural na Bahia se dirigiam para estes polos industriais em acessão, tendo Salvador como uma etapa necessária de sua trajetória. Esse movimento será observado em décadas posteriores de 1960-1970. Botelho, ao descrever as tendências demográficas, fluxos e destinos destas mobilidades populacionais para o Brasil, nas primeiras décadas do século XX, registra a partir da análise do censo de 1940 – o qual já dispunha dos dados sobre a origem do nascimento –, a presença de muitos baianos em Minas Gerais e em sua capital.

O caminho feito até o momento é para situar o leitor que nesta tese sigo na linha dos estudos que compreendem as “migrações enquanto um fenômeno de mobilidade”. Nesta perspectiva, trabalham Menezes e Godoi (2011), que trazem à tona diferentes trabalhos que seguem, da mesma forma, nesta linha. As autoras destacam, por exemplo, o descompasso entre a ideia de mobilidade espacial e social, em oposição ao ideal corrente – constituído nas teorias da migração, articuladas às teorias do desenvolvimento econômico –, que defende o caráter positivo das migrações do campo para a cidade como um pressuposto de que mobilidade espacial leva necessariamente a mobilidade social. Destacam ainda a evidência de migrações múltiplas que apontam para o questionamento de noções comumente defendidas, a exemplo: origem e destino; e tipologias baseadas em critérios fixos: migrações definitivas e migrações de retorno (MENEZES; GODOI, 2011, p. 11). Conforme as referidas autoras, alguns estudos empíricos desenvolvidos a partir dos anos de 1990 expressam esforços metodológicos e teóricos na busca por compreender a complexidade dos movimentos migratórios, que mobilizam “noções como redes sociais, trajetórias migratórias, práticas migratórias, territórios, territórios de mobilidade, as quais buscam a diversidade dos movimentos, das trajetórias, as transformações dos espaços, as dinâmicas não só econômicas, mas, também, sociais, políticas e simbólicas”.¹²⁶

126 *Ibidem*, p. 12. Dentre estes trabalhos destaco as contribuições de Verena Nogueira (2010; 2011) que traz para o centro de sua investigação o tema das redes sociais e das regras da reciprocidade entre migrantes que se deslocam do “sertão” do Estado da Bahia para a cidade de Campinas, no Estado de São Paulo. Ao se debruçar na literatura sobre o tema, Nogueira afirma que as práticas migratórias são estratégias de longa duração para garantir as condições de reprodução social das famílias camponesas. Para tal, a autora fundamenta sua análise na trajetória de uma “migrante” e de alguns de seus parentes e conterrâneas que “saíram pelo mundo”, o que lhe possibilita afirmar que: “Migra-se em rede”, no caso do fluxo que observa.

Por ora, como vimos até o momento – na tentativa de buscar fios pretéritos que compõem a complexidade do campo etnográfico no qual estou imersa –, a herança da escravidão fez com que tanto Salvador quanto a grande faixa que circunscreve a Baía de Todos os Santos, incluindo o *Recôncavo* apresente hoje uma expressiva população negra, cuja contribuição cultural tornou-se nas últimas décadas um importante aspecto do crescente desenvolvimento da atividade turística.¹²⁷ Entretanto, Salvador apresenta um espaço marcado por grandes discrepâncias sociais com fortes inflexões étnico-raciais – refletidas, por exemplo, no alto índice de habitações irregulares, bem como em uma separação residencial dispersa,¹²⁸ porém bastante efetiva, que empurra as famílias negras e pobres para os bairros periféricos, carentes de serviços públicos básicos (educação, saúde, saneamento, transporte) e frequentemente representados de forma criminalizada pelos meios de comunicação de massa, e mesmo pelo aparato policial do Estado.¹²⁹ É, pois, nesse contexto mais amplo que as trajetórias da experiência de migrantes e seus descendentes na cidade, em relação aos processos de transformação urbana e modernizantes ocorridos em Salvador, como destaque na seção seguinte.

1.4. Linhas, trilhos e estradas: nos caminhos da modernização

As décadas que se seguiram aos anos de 1940 foram de ajustamento dessas linhas e redes de conexão entre os diferentes territórios do Estado. A intensificação dos sistemas ferroviário e rodoviário alargou a relação entre as outras veredas do Estado e sua capital. Através dos fluxos de pessoas, se intensificaram as sinergias entre estes diferentes mundos. A interligação entre as ferrovias locais e a *Leste Brasileiro* chega até Salvador e contribui para a perda de importância dos portos. Associado a isto, o próprio reforço da

127 Segundo a Diretoria de Pesquisa, Coordenação de Trabalho e Rendimento do IBGE, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2006 apontou 83% de negros (pretos e pardos) na Região Metropolitana de Salvador.

128 A separação habitacional em Salvador não acontece apenas no estabelecimento radical entre territórios destinado para ricos e pobres. Há ali experiências muito comuns em que esta separação ocorre de forma mais rarefeita, em que pobreza e riqueza encontram-se de maneiras imbricadas.

129 Sobre violência em Salvador e Região Metropolitana ver os trabalhos de Espinheira (2005, 2001, 1999); Zanetti, Oliveira & Ribeiro (2000) e Souza (2006). Na última década, os números da violência têm deixado os especialistas e a população da cidade bastante temerosos. A ofensiva utilizada pelos aparelhos de repressão do Estado e de instituições paralelas, tem deixado inúmeras vítimas, tanto em termos dos que perdem suas vidas quanto em termos dos que ficam vivos, porém marcados pela dor da perda. Os mapas da violência na capital baiana apresentam um desenho muito assustador. A mancha vermelha que se alastra pela cidade deixa marcas muito fortes nas áreas mais pobres, onde vivem a maioria da população negra da cidade.

especialização dos portos, a exemplo de Santo Amaro por onde, até o começo do século XX, escoava-se tanto a produção canavieira quanto a fumageira, passa a concentrar apenas o escoamento do açúcar, após a construção da ferrovia que ligava Feira de Santana a Cachoeira, atravessando os centros produtores de tabaco (GUIMARÃES, 1982).

Sobre os caminhos e os modos para circular entre Salvador e outros lugares, Seu Camilo, nascido em Feira de Santana, alinhava alguns:

Na década de cinquenta, cinquenta e três, cinquenta e quatro... sessenta. Até sessenta não existia transporte de ônibus... Quem conduzia era o navio, navio e trem.

Cristiane: O senhor andou de navio?

Seu Camilo: Não! Deus é mais. Passei, peguei um Ferry-boat daqui pr'ali, pra Bom Despacho... (risos) Pra Bom Despacho e morri... (risos) De medo, né? Não, gosto não. Até aquela travessia de Ribeira pra Plataforma, eu tinha medo daquilo ali.

Cristiane: O senhor não é um homem das águas, do mar.

Seu Camilo: Não, não... De trem eu viajei.

Cristiane: Humhum.

Seu Camilo: De trem eu já fui até Capóé.

Cristiane: Na época em que tudo circulava de trem, né?

Seu Camilo: De trem e navio. As cargas só tem navio. Depois foi aparecendo as carreta [sic], no dia que acabou o trem, deixou de transportar navio. Navio ainda transporta carga, mas passageiro, não. Daqui pra São Paulo você ia de navio. E daqui pra São Paulo ia de trem. Era seis horas, não, era três, três horas... Ôh, era seis dias de trem daqui pra São Paulo.

Cristiane: Nossa, quanto tempo, né!?

Seu Camilo: Seis dias de trem... Ainda lembro a cor do trem, o trem era marrom.

Cristiane: O senhor foi pra São Paulo quando?

Seu Camilo: Não. São Paulo não fui, não. Queria eu, né?

Cristiane: Humhum...

Seu Camilo: O trem era marrom e branco [para São Paulo]. Caporé era azul. Era o Monte Azul!

Cristiane: O nome do trem era Monte Azul?

Seu Camilo: Era... E assim por diante.

A consolidação de uma rede de estradas sobre os antigos caminhos de burros e boiadas – como a BR-116 – permitiu a reinserção da Bahia no contexto econômico nacional, mudando definitivamente a vida das antigas cidades senhoriais, como já referido. Salvador, assim, desde inícios do século XX, já vivenciava as primeiras mudanças rumo ao projeto de modernização. Na época, o então governador do Estado José Joaquim Seabra (J.J. Seabra, como ficou conhecido) instaurou, entre os anos de 1912 e 1916,¹³⁰ o chamado

130J.J. Seabra foi governador do Estado e ministro do governo federal no período de 1910 e 1926, isso explica algumas dos recursos que foram aplicadas nas reformas na cidade. Entretanto, é sabido que, além da

“urbanismo demolidor”, cuja proposta incluía uma adequação de caráter sanitaria e com planos de melhoria junto à estampa histórica. Neste [re]modelamento do traçado urbano da “velha São Salvador”, diversos elementos antigos foram demolidos e retirados, suprimindo uma parte da memória arquitetônica da cidade. De sorte, a cidade do Salvador, nas três primeiras décadas do século passado, mal se acomodava em pontos de cumeada, fortemente concentrada na Sé, São Pedro, Campo Grande, Vitória, Garcia, Nazaré, Tororó, Barris, Santo Antônio, Soledade, Liberdade – bairros situados em pontos altos –, ou em Itapagipe, que poderia estar mais “perto”, dependendo do serviço do bonde, do que algumas regiões próximas ao centro. Até este período – as duas primeiras décadas –, era comum e “chique” se veranejar no Porto da Barra. A chegada da nova avenida, Sete de Setembro, mudaria totalmente a dinâmica tranquila. Por anos Salvador seguiu o modelo de intervenção urbana de influência francesa, com a abertura de avenidas, supressão de áreas de vegetação para ampliação do tecido urbano, confinamento das áreas verdes aos parques planejados e consolidação dos projetos de interligação das áreas da cidade, através do transporte elétrico – bondes.

crise econômica da época, o baixo prestígio da Bahia junto ao governo federal impossibilitava a obtenção de recursos que “modernizassem” a cidade e afastassem para bem longe, como muitos desejavam, os sentimentos de frustração, inferioridade e provincianismo, como evidenciou AZEVEDO, (1977).

Imagem 03. Salvador nas linhas dos Bondes.



Legenda das fotos:

Coleção Allen Morrison

1 - Estrada da Federação, sem data;

2 - Praça da Sé, 1941;

3 - Avenida 7 de Setembro, 1941;

4 - Avenida Vasco da Gama, 1940;

Fonte: Acervo particular do professor de urbanismo da Universidade Estadual da Bahia André Santos. Consulta em janeiro de 2013. Obs. Foram feitos ajustes de luz e cortes nas fotografias.

Milton Santos identifica que, nos anos de 1940, a ligação de Salvador a São Paulo e ao Rio de Janeiro através do sistema rodoviário representou um momento crucial na decadência econômica do *Recôncavo*, especialmente nas localidades litorâneas e ribeirinhas, que até então faziam a ligação entre a produção agrícola, especialmente de víveres, mas também de produtos de exportação, com a cidade. A industrialização da pesca, na década seguinte, foi um segundo fator que contribuiu para tornar a faixa litorânea e ribeirinha do *Recôncavo* um importante polo de expulsão populacional.¹³¹ A economia do *Recôncavo* voltou-se, então, para o abastecimento de Salvador. Em Salvador, neste passo, uma industrialização incipiente começava a tomar corpo na península de Itapagipe e na zona de expansão urbana, ao longo dos trilhos da *Leste Brasileiro*, no Subúrbio Ferroviário. É importante destacar que os trabalhadores da *Leste* passaram a representar uma mão de obra extremamente importante. Alguns deles vão experimentar a ascensão social e passam a constituir uma classe de técnicos intermediários. Enquanto isso, cidades à margem das estradas, como Cruz das Almas e, notadamente, Feira de Santana – como vimos –, ascendem à condição de centros regionais.

Em 1943, começou a funcionar o Escritório do Plano de Urbanismo da Cidade de Salvador – EPUCS coordenado pelo engenheiro Mario Leal Ferreira, que concebeu o primeiro plano de urbanismo “moderno” para a cidade e foi lançado como lei municipal em 1948 (Lei 701/48). Para Leal Ferreira, “corrigir os defeitos” presentes na cidade ou lhe projetar o desenvolvimento deveria ser, antes de tudo, motivo de averiguação do passado, “visando identificar, através de investigação histórica e científica, os fatores que influíram na sua evolução”. Ou seja, a [re]estruturação da cidade passaria pela valorização do seu tecido urbano antigo e de quais possibilidades haveria para o futuro. O traçado da memória da cidade deveria ser mantido e, num certo sentido, retocado e reaproveitadas com outras cores. Neste intuito, Mario Leal Ferreira propôs a construção das *Avenidas de Vales*, que aproveitavam a geomorfologia de cumeada, ordenando as áreas de trânsito, as redes de vegetação florestal remanescente. Estas transformações do tecido urbano modificaram sobremaneira a feição da antiga cidade presépio, como era conhecida Salvador.

¹³¹Algumas discussões a respeito das mudanças urbanas ocorridas no *Recôncavo* e em Salvador nas décadas de 1940 e 1950 estão em AZEVEDO, (1998); PINTO (1998).

Os trabalhos de Brandão (1980, 1978) buscaram traçar as linhas gerais desse processo de urbanização posto em curso, desde então. Enquanto Brandão analisou o contexto mais geral dos projetos relacionados à industrialização e ao crescimento urbano, Mattedi (1979) voltou-se para os conflitos resultantes de uma forte imigração contraposta a uma pujante especulação imobiliária, cujo sistema mais visível foi o das *invasões*.¹³² Além delas, outra forma de ocupação que será característico da ocupação da cidade é os arrendamentos para o loteamento das terras. Neste sistema os proprietários de grandes glebas de terra urbana autorizavam o seu uso mediante contratos de arrendamento, para a ocupação e uso do solo, embora sua permanência fosse incerta e às vezes com uma série de restrições.

A dificuldade de acesso à moradia experimentada por estas pessoas produziu uma modernização industrial em Salvador que coincidiu com as primeiras *invasões*, produzindo um processo de extrema importância na história de transformação e configuração de Salvador. Como estratégia de controle, a partir de 1944, o Estado passou a intervir mais ativamente sobre as formas legais de apropriação do solo, favorecendo relações de compra e venda e, com isso, estimulando a especulação imobiliária, criando desta forma um mercado extremamente promissor ao capital. (MATTEDI, 1979; GORDILHO-SOUZA, 1990; MOURA, 1990, 1997; SOUZA, 2002; LIMA, 2009).

Entretanto, as condições gerais de “estagnação” de Salvador persistiram até meados da década de 1950, quando a implantação da Petrobras marcou o início do processo de industrialização baiana e de transformações na economia estadual (SOUZA, Adeodato, 1985, p. 105). Em outros termos, a literatura aponta que o processo de exploração do petróleo abalou fortemente o crescimento de Salvador. O crescimento econômico da região incidiu sobre um território urbano estagnado por várias décadas, antecipando os principais vetores de expansão urbana, que definiram os elementos principais da ocupação do seu espaço: praias do litoral Atlântico; a escarpa da falha sobre a Bahia de Todos os Santos; o rebordo e a plataforma do topo do escarpamento na cidade alta; os morros, colinas e vales do seu reverso, formando um tabuleiro residual; a planície construída pelo homem, estreita

132 A despeito das *invasões* se constituírem, a partir dos anos 1970, como um grande movimento de luta por moradia em Salvador com grande participação popular, as primeiras referências de invasão aparecem já na década de 1940. Retomarei esta discussão no capítulo IV.

e plana que se estende ao pé do escarpamento; e a península de Itapagipe. Daí por diante, com a descoberta e exploração de petróleo no *Recôncavo Baiano* e nos dez anos seguintes, Salvador recebeu um excedente demográfico de 126.792 pessoas, sendo 2/3 oriundos do interior do Estado. O aumento populacional, decorrente deste fluxo migratório do *interior* para a cidade e do volume de investimentos na economia do Estado, causou uma forte pressão sobre as áreas residenciais existentes, influenciando um processo de reestruturação urbana, coordenado pelo Estado, que foi o principal agente das alterações no espaço urbano e na redefinição dos usos do solo na cidade. As ocupações maciças ocorreram nas regiões das praias e do rebordo e da plataforma do topo. A área da escarpa da falha não poderia ser ocupada com o objetivo de preservar a proteção da paisagem.¹³³ As demais áreas eram desprezadas pelos projetos urbanísticos do Estado. A maioria dos migrantes, nos anos 1950, ocupou as áreas da península de Itapagipe e, posteriormente, surgiram os bairros de Lobato, Periperi – estes dois bairros *locus* da nossa pesquisa – e Nova Brasília, já nos anos 1960.

A construção da primeira refinaria do país, nos anos 1950, a Landulfo Alves, no município de Mataripe acelerou o processo de industrialização.¹³⁴ A Bahia, até os anos 1950, era, eminentemente, agrícola. A instalação da Landulfo Alves começou a alterar o perfil econômico do Estado. Entre 1950 e 1970, o Estado da Bahia passou por um processo sistemático de planejamento, cujo produto foi o Plano de Desenvolvimento da Bahia — PLANDEB que projetou um setor industrial objetivando um equilíbrio entre a produção de bens de consumo e de capital, além de enfatizar a prioridade para a especialização das grandes empresas produtoras de bens intermediários, aproveitando alguns recursos naturais à época abundantes na região, como o petróleo.

A navegação tradicional pelas águas da Baía era muito precária para o perfil econômico que estava sendo implantado, mas, ironicamente, foi através desse sistema de navegação – com canoas e saveiros pelo rio dos Papagaios – que a refinaria foi instalada e seus produtos escoados até a implantação de um novo sistema de ligação marítima da

133 Esta preservação ambiental foi feita através do Decreto Municipal nº 701 de 04 de março de 1948 (SANTOS, 1959).

134 A Bahia passa a fazer parte da região nordeste em 1950, com a criação da SUDENE – Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste. Até então fazia parte da região Leste, juntamente com os Estados de Sergipe e Espírito Santo e depois Minas Gerais.

Companhia de Navegação Bahiana (CNB),¹³⁵ e, posteriormente, a criação e melhoramento de estradas e rodovias. Hoje quem navega por este trecho da Baía vê um impactante cenário de espectros de uma história que ficou nas lembranças dos que por ali circulavam neste período. Hoje navegamos por entre carcaças de navios, estruturas de ferro enferrujadas e estacas de madeira e ferro das antigas embarcações e plataformas de petróleo; e, também, entre as memórias dos *filhos da terra* que viveram este processo lá dentro e tiveram avós, filhos, irmãos, sobrinhos e tantos outros parentes perdidos nas águas e nos escombros da Petrobras – memórias que o Estado e a instituição buscam esquecer e os familiares e amigos insistem em lembrar.

Essa “zona de exploração petrolífera” coincidiu com a tradicional “zona canavieira”, com parte do “Recôncavo norte”, área de pecuária e lenha, e com parte da “zona pesqueira”, notadamente as ilhas e o leste da Baía. Em toda a região as mudanças sobre a organização urbana e social foram tremendas. A obscuridade da política quanto aos direitos dos donos de terras onde se explorava o petróleo deu lugar a um êxodo em direção às cidades. O recrutamento e contratação de mão de obra qualificada de técnicos (uma parte da qual se estabelecia nas cidades do *Recôncavo*), a injeção de recursos e a demanda de serviços e produtos por esse contingente, que recebia salários bem mais altos que a média local, aumentaram a concentração urbana e transformaram pequenos povoados pesqueiros

135 A Companhia de Navegação Bahiana é uma das mais antigas empresas marítimas brasileiras e a pioneira em navegação a vapor do país. Sua criação data, ainda, de 1819, graças à iniciativa privada local. Novas diretrizes foram implantadas durante a ditadura militar limitado CNB a navegar exclusivamente no *interior* da Baía de Todos os Santos, além de ter eliminados alguns de seus percursos, linhas e rotas. As viagens realizadas no litoral-sul foram restritas ao imprescindível. As linhas internas existentes realizadas para Nazaré, Cachoeira, Mar Grande, Maragojipe e Jaguaripe eram numerosas e, mesmo não sendo luxuosas eram onerosas. Sem investimentos o sistema começou, paulatinamente, em decadência. Os navios seguiam por rotas diversas, entretanto, na maior parte do ano, poucos passageiros as utilizavam. Em finais da década de 1960, no rastro dos primeiros grandes investimentos na modernização do Estado, em 1967, o Governo do Estado, na gestão do Secretário de Transportes e Comunicações, e a Comissão de Marinha Mercante “[...] firmaram protocolo, estabelecendo, entre as diretrizes para a reformulação da empresa, um projeto de organização de um serviço de ferry-boat [n.]” (CNB, 1994, p. 14). O sistema proposto, além de disponibilidade de navios nos terminais, objetivava também a implantação de uma extensa malha viária interligando todas as localidades onde a CNB tinha linhas de navegação, integrando-as num eixo que conduzia até Bom Despacho. A Odebrecht foi a empresa responsável pela construção destes grandes empreendimentos, a exemplo da construção de terminais, das rodovias e a Ponte João das Botas (Ponte do Funil), que liga Itaparica ao Continente. Em 1970, o então governador Luiz Viana Filho inaugurou o Sistema Ferry-Boat - ou seja, as rodovias, os terminais e a Ponte do Funil- ainda que já estivesse parcialmente concluído. O sistema começou transportando apenas passageiros. Os passageiros saltavam em Bom Despacho e ali pegavam *kombis*, ônibus e partiam para os seus destinos. Independente disso, a Bahiana ainda mantinha as antigas linhas, porque o sistema não estava totalmente completo, faltavam as embarcações. Entretanto, só 1972 o sistema começa a operar completamente destacou ANDRADE et al (2003).

ou de encruzilhadas em municípios (como Madre de Deus e Milagres),¹³⁶ ou criaram povoados dotados de razoável estrutura onde antes não havia nada, tais como Conselho, antigo alojamento do CNP (Conselho Nacional do Petróleo).

As linhas do sistema de transporte do Ferry-Boat e a Ponte João das Botas, localmente conhecido como do Funil,¹³⁷ ligando a ilha de Itaparica a Salvador e ao continente, do lado oposto, e a BR-101, contornando o *Recôncavo* pelos seus limites interiores e estendendo-se por toda a costa leste brasileira, fecham a rede desse emaranhado de linhas da nova articulação inter e intra-regional, facilitando a comunicação e diminuindo a distância entre várias regiões do estado e a outros estados do país.¹³⁸ A exploração petrolífera contribuiu para esta mudança e a constituição da nova organização da rede urbana e de transportes em Salvador e toda a região, na medida em que estimulou a consolidação do transporte rodoviário e privilegiou uma industrialização cujo foco foi deslocado para o *Recôncavo norte*, muitas vezes, nas margens das estradas de rodagem – com a instalação do Centro Industrial de Aratu (CIA) na década de 1960 e do Polo Petroquímico de Camaçari – em termos locais, *o Polo* –, nos anos 1970.¹³⁹ Estes empreendimentos, especialmente, *o Polo* transformou completamente a economia regional e ocasionou profundas mudanças no tecido urbano, visto que as obras de infraestrutura avançaram sobre aquelas áreas antes desprezadas, como os morros e vales.

Essa reorganização do território foi responsável pelo advento da Região Metropolitana de Salvador enquanto unidade econômica e administrativa.¹⁴⁰ Imersos neste processo, os municípios de Candeias, Dias d'Ávila, Simões Filho e Camaçari passaram a apresentar, além de altos índices de crescimentos urbanos, a consolidação de novos bairros

136 Situado na porção norte da Baía de Todos os Santos, Madre de Deus foi elevado à categoria de município pela lei estadual nº 5016, de 13-06-1989, desmembrado do município de Salvador; e Milagres foi elevado à categoria de município pela lei estadual nº 1589, de 22-12-1961, desmembrado do município de Amargosa. Cf.: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>> acessado em 08 de fevereiro de 2013.

137 A ponte João das Botas, localizada no estreito do Funil, foi um marco da construção civil do estado da Bahia por ser uma das primeiras obras de engenharia de concretos pré-moldados, realizada pela Odebrecht, em 1968. HATJE & ANDRADE (2009).

138 O governo do Estado da Bahia aprovou o projeto de construção de uma ponte, cortando a Baía de Todos os Santos, entre Salvador e a Ilha de Itaparica. A finalidade é ligar o Sul do Estado a capital e viabilizar e dinamizar a circulação de mercadorias que chegam e saem na capital.

139 O CIA foi inaugurado em 1967 e o *Polo* em 1972.

140 Juntamente com Camaçari, Dias D'Ávila, Itaparica, Madre de Deus, Vera Cruz, Salinas da Margarida, estes municípios constituem o Território de Identidade da Região Metropolitana de Salvador, segundo o atual sistema de classificação e planejamento do Estado.

em Salvador, como os do Subúrbio Ferroviário e da Pituba e, ainda, a confirmação da cidade de Feira de Santana como nova metrópole regional, como corolário de uma ascensão iniciada mais de um século antes. No rastro de um projeto governamental de modernização e industrialização baseadas no petróleo e no setor nascente da construção civil, atraiu os capitais acumulados localmente até então pela agricultura de exportação de cana-de-açúcar, fumo e cacau, como vimos acima. O setor da construção civil, ávido por erguer a cidade, seus grandes edifícios, monumentos e equipamentos públicos e de infraestruturas vai alargar seus tentáculos por sobre a cidade. Este setor abriga, assim, um número significativos dos pobres, especialmente a aqueles que chegam na cidade ciosos por trabalho e *melhoria de vida* e dignidade na cidade.

A Lei da Reforma Urbana municipal, em 1968, foi responsável por orientar a reorganizar do sistema viário da cidade com a abertura das *avenidas de vale*, que além de ter feito desaparecer imensas manchas de áreas verdes da cidade; expulsou outras inúmeras famílias que ocupavam outras áreas, a exemplo da Vasco da Gama, Brotas, Ogunjá, Canela, dentre outras, [re]configurando a cidade. Os traços que aí se fizeram produziram um misto de “modernidade” e segregação. O projeto de “modernidade” se evidenciou com a abertura das mais importantes avenidas de grande circulação da cidade, que interligaram as diversas áreas de crescimento, e na ocupação de toda orla norte da cidade, como locais de moradia, serviços e lazer e de alto interesse imobiliário. Entretanto, o centro geográfico, o *miolo*, da cidade e o Subúrbio Ferroviário se constituíram em áreas com disponibilidade de equipamentos e serviços bastante restrita e deficiente em infraestrutura, concentrando uma população extremamente pobre e, predominantemente, negra. Dessa maneira, a segregação “sócio-espacial da pobreza” se consolidou e intensificou a despeito do surgimento da Salvador “moderna”.

1.5. Experiências de migrantes: o lugar nos estudos em Salvador

Nesta seção, continuo a esboçar sociologicamente o tema e as questões que orientaram este trabalho. Como mostrei, Salvador é uma cidade que cresceu espantosamente nas últimas seis décadas do século XX, mais precisamente entre os anos

1940 e os 1980,¹⁴¹ como indicam os dados demográficos analisados. Eles revelam que este crescimento ocorreu, especialmente, em virtude dos processos migratórios. Neste mesmo período deu-se o processo de mudança na estrutura produtiva do Estado, com o impulso industrial e modernizador que contribuiu para a transformação de certas regiões econômicas tradicionais, assim consideradas, tornadas centros de expulsão populacional.¹⁴² O declínio do crescimento demográfico de Salvador, iniciado já na década de 1960, acelerou-se no decorrer dos anos para aproximar-se hoje das taxas das duas primeiras décadas do século XX.¹⁴³ De que maneira as Ciências Sociais estavam olhando para todos estes processos? Tratei desta questão na presente seção. Outras questões foram aparecendo mediante os trabalhos que realizei, na tentativa de entender estes processos.

O aparente paradoxo entre o afluxo de riqueza associado a essa expansão e os índices sociais alarmantes, refletidos na miséria explícita da maioria absoluta dos bairros da metrópole baiana, preocupavam planejadores e pesquisadores, desde que o processo ganhou contornos mais nítidos na década de 1950. Mas, preocupavam-se, ainda mais, os habitantes destas áreas que no cotidiano produziram estratégias e “arranjos sociais” para garantir a sobrevivência. Nesse aspecto, nos anos 1950 e 1960 se evidenciou uma relação estreita entre as mudanças demográficas e urbanas em Salvador e as grandes transformações nas atividades econômicas ocorridas na região ampla em que se inseria, bem como, em outras regiões do Estado. A década de 1970, nas linhas das macroanálises sociológicas e demográficas, os estudos continuavam a indicar um momento de mudanças socioeconômicas e culturais muito fortes para a história de Salvador. A crise econômica agroindustrial do Estado e o investimento na industrialização da cidade e sua região metropolitana, com a implantação dos polos industriais, trouxe à nascente metrópole um contingente muito grande de pessoas do *interior*, em busca de novas possibilidades de liberdade e sobrevivência.

141 Outras análises, como veremos, consideram a partir dos anos de 1950 como sendo o período de significativos fluxos migratórios. Para efeito desta análise, que toma o *migrante* e seus descendentes na cidade em suas experiências e não o fenômeno, este limite é pensado desde 1940, quando já encontro narrativas que registram a experiência do *migrante* de outros lugares do Estado em Salvador já nesta década.

142 SOUZA, Guaraci (1978, 1985); MACHADO (1992); SANTANA (1998); SEI (2007, 2006, 2003). Retomo esta discussão no próximo capítulo da tese.

143 Esse processo de mudanças na dinâmica de crescimento e urbanização ligadas as novas orientações e radicalização da do sistema capitalista industrial encontra semelhanças nos principais centros urbanos brasileiras, a despeito de diferenças quanto aos momentos e expressões.

A década que se seguiu, os 1980, foi marcada pelo o crescimento das *invasões* em diferentes áreas desocupadas da cidade. As *invasões* mobilizaram milhares de pessoas que buscavam resolver o problema da moradia que se abatia sobre elas, dentre outros fatores, por conta do alto custo dos aluguéis. O mercado imobiliário se instituiu para transformar em mercado as vastas propriedades dos “donos da terra”, particulares e do Estado, configurando vetores de ocupação e destinações desiguais para diversas áreas da cidade. Este período correspondeu à consolidação de inúmeros movimentos sociais, à ampliação e diversificação das classes trabalhadoras e às conquistas e derrotas desses movimentos ligados a moradia e a vizinhança. É neste momento que os aspectos, por assim dizer, cotidianos e, ao mesmo tempo, estruturantes da vida social da capital baiana, envolta da necessidade de compreender os diferentes sentidos do fazer e configurar a cidade, apareceram de maneira mais central nos estudos acadêmicos a partir de meados dos anos 1980, mas ainda de forma incipiente. É deste momento a ênfase nos processos de produção dos sujeitos; em suas práticas e experiências; nas marcas e transformações que estes produzem nos territórios da cidade; e, sobretudo, na forma como, ao mesmo tempo, se transformou, social e subjetivamente, estes sujeitos.

O sociólogo baiano Gey Espinheira (1986b, 1992), neste rastro, enfatizou as contradições sociais que se manifestavam na cidade e os ajustes sucessivos ao longo da sua história no processo de configuração territorial. A cidade passou a ser vista como a constituição viva do modo de ser dos seus moradores, de suas culturas, assim como da estrutura e das desigualdades sociais. Desta maneira, as práticas e as diversas formas culturais de organização do espaço doméstico e público (no bairro), de sobrevivência, lazer, comunicação, educação, cuidado com os filhos e de enfrentamento e resistência social e política dos habitantes das periferias, incluída a maioria dos migrantes, tornam-se importantes na busca por pertencimento a Salvador.

Em “Divergência e Prostituição”, Gey Espinheira (1985) abordou a questão da prostituição no Maciel/Pelourinho – Centro Histórico de Salvador –, nos anos 1970. O autor traçou o perfil desta população e apontou para o aspecto *migrante* de sua constituição. O sociólogo baiano indicou os locais de origem, os períodos que estes aportaram em Salvador e se deslocaram pela cidade, o jogo e os confrontos cotidianos e as estratégias por estes para se estabelecerem na metrópole. Nele, o autor registrou a trajetória de vida de

Tereza e Raquel, ambas migradas para a capital baiana, entre os anos 1960 e 1970. A primeira oriunda do município de Bauru, São Paulo; e, a segunda, do município de Maragogipe, no *Recôncavo da Bahia*. Estas trajetórias são tomadas por Espinheira para pensar os desejos e projetos que mobilizavam diferentes sujeitos e condições a saírem e construir percursos que não eram almejados por seus familiares, produzindo o que o autor denominou de “divergência”.

Essa perspectiva e as preocupações de investigação se mantiveram em linha de “divergência”, nas décadas seguintes. Em termos gerais, mesmo já sinalizando mudanças de foco e de certos interesses, as abordagens se mantiveram circunscritas em análises de caráter eminentemente economicistas e estruturais. Alguns estudos desenvolvidos, nos anos 1990 e início dos 2000,¹⁴⁴ focavam nas mudanças que a cidade e toda a região estavam experimentando, desde os últimos anos da década de 1970 e nos anos 1980; o advento e consolidação do sistema industrial e o “novo” operariado baiano; as mudanças na malha urbana de Salvador – caracterizadas por derrubadas de edificações habitacionais e comerciais, extração de áreas verdes, alargamento de ruas e relocalações populacionais; o surgimento e consolidação de novos bairros na cidade e a emergência de formas organizativas no âmbito do trabalho e da cultura que sinalizavam para os processos das migrações e para a presença do “mundo rural” na cidade.

Ana Fernandes & Marco Aurélio Gomes (1993), urbanistas, num esforço de sistematização e macroanálise, ao mesmo tempo em que mantinham a ênfase nos grandes condicionamentos econômicos e sociais, demonstraram a relação entre condição de habitação e acesso aos serviços básicos oferecidos pelo Estado. Com efeito, pode-se registrar nessa tendência uma preocupação em embasar políticas públicas para “minimizar” as contradições na ocupação do espaço urbano, e a exigência de uma intervenção mais efetiva do Estado diante dos problemas, em particular da habitação e, da mesma forma, de acesso e circulação nos territórios da cidade.¹⁴⁵

Por sua vez, Milton Moura (1997) examinou a distribuição espacial dos bairros

144 No âmbito dos estudos desenvolvidos no CRH/UFBA, além dos trabalhos do Michel Agier, ver ainda: CASTRO (1991); CASTRO & BARRETO (1992).

145 De forma paralela, agências estatais como a Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI) encamparam estudos nesse molde com o objetivo explícito de orientar a formulação de políticas públicas. Conferir (1999).

pobres e ricos da cidade, que, segundo ele, se caracterizou por uma “integração desigual e assimétrica de extremos relativamente próximos”. Esta visão procurou no modelo de ocupação e administração do território urbano um dos fatores para explicar a cidade e seus modos de vida particulares. Ademais, Moura enfatizou que:

[o] mundo da pobreza é marcado pela precariedade, instabilidade e insegurança e provisoriedade das relações que os indivíduos estabelecem entre si, com os sujeitos empregadores, com o Estado e seus aparelhos... Os arranjos no âmbito da família, do trabalho, da religião, da participação em movimentos explicitamente políticos etc., se dão pelo trânsito incerto num leque restrito de oportunidades e perspectivas. (MOURA, 1997, p. 229)

Efetivamente, não era na provisoriedade que desejavam viver estas pessoas. Elas buscavam a estabilidade do *bem viver* numa cidade que escolheram para construir seus assentos. Elas buscavam subverter as condições de pobreza e da segregação. Para os migrantes e seus descendentes que viveram a experiência da pauperização, da impossibilidade de acesso a bens materiais e simbólicos, da precariedade social, do preconceito e do racismo na cidade, a busca premente era e continua sendo pela sobrevivência. Ora, esta etnografia demonstra através da experiência destes sujeitos o que significou a escolha de migrar para Salvador; bem como, a maneira como se deu a inserção destes no jogo cotidiano da vida urbana e as negociações com referências culturais e simbólicas associadas aos seus locais de origem.

Retomo as contribuições de Michel Agier em seus estudos na Bahia, nos quais focalizou (como sinalizei anteriormente), a constituição do espaço urbano, os significados a ele atribuídos, as “identidades”, os aspectos das sociabilidades, através das redes sociais constituídas pelos sujeitos no bairro da Liberdade, registrando a espacialização do bairro, imagens, significados e hierarquias na sua configuração. Ele também registrou entre os moradores com os quais conviveu e aos quais acompanhou em suas pesquisas, a presença de migrantes baianos, especialmente vindos do Recôncavo. Estes migrantes assentados no bairro da Liberdade representavam à maioria dos moradores que deram origem as

“avenidas”, conforme Agier.¹⁴⁶ Preocupado com as redes que configuravam aquele bairro e as relações dos atores sociais com outros espaços da cidade, o autor afirmou a importância neste processo, além das redes familiares, as redes de amigos, as “turmas”. Elas constituíam-se em redes de sociabilidade que, em geral, eram inextricáveis às famílias e configuravam os processos de inserção no bairro e, de forma geral, na cidade, como formas de organização políticas que assumiam papel fundamental na abertura de novas brechas de inserção e benefícios sociais locais (AGIER, 1998a; 1990a, BACELAR, 1991).¹⁴⁷ Em outros termos, Agier observou a posição ocupada pelos indivíduos e os grupos familiares e a forma que estes desenvolvem suas trajetórias dentro e fora do bairro, conferindo sentido, dinâmica e existência à cidade. Observei similaridades entre as trajetórias nesta etnografia. Evidencio, nestes casos, a importância dos espaços formais de educação, ou como definiram alguns dos meus interlocutores e entrevistados, *estudar fora do bairro, ou estudar na cidade*, lhes possibilitou construir novas redes de amizade e [re]conhecimento dela. Através da experiência de sair do bairro, de ir para a *rua*,¹⁴⁸ ampliavam, não só suas redes de relações e sociabilidade, os horizontes, perspectivas e projetos de vida deles.

No processo de configuração do bairro da Liberdade e das redes sociais ali engendradas, Agier evidencia os papéis e inserções diferenciadas na dinâmica social entre homens e mulheres. Tal diferenciação é evidenciada em outros estudos sobre redes de inserção sociais e culturais em Salvador.¹⁴⁹

A literatura analisada indica outros aspectos da especificidade das mulheres em suas experiências entre as famílias pobres e negras das periferias da capital baiana, a exemplo da chefia familiar, a ocupação de espaços e cargos de liderança e direção em espaços religiosos e educacionais. Na “Cidade das Mulheres”, décadas antes, Ruth Landes (2002), a partir de suas incursões em terras e águas baianas nos anos 1930, observou o lugar

146 Pequenos becos e ruelas estreitas e sem infraestruturas. Trata-se, entretanto, de uma noção que assume entre os moradores dos bairros pobres, “populares”, como preferiu denominar Agier, de Salvador, outros sentidos e significados, como veremos mais adiante.

147O trabalho de Bacelar é sobre os encontros de jovens para o “baba”, o jogo de futebol realizado por grupos de rapazes em campos de várzea e quadras.

148O termo *rua* apareceu na pesquisa apreendido de sentidos, para além de sua dimensão espacial e urbanística referente à via de acesso e circulação. *Rua* referindo-se à cidade; a um festejo público, a uma atividade política (manifestação pública). Em outros casos, a *rua* aparece como lugar onde a vida social e coletiva acontece e as pessoas se encontram; onde a vida acontece.

149 LANDES (2002); WOORTMANN (1987); HITA-DUSSEL (2004); ALMEIDA (2004).

de centralidade e poder exercido pelas mulheres no universo religioso dos Terreiros de Candomblé em Salvador e o alcance deste poder no âmbito da organização das famílias pobres e negras e, de forma mais ampla, na vida social da capital baiana. Tempos depois, nos anos 1980, em “A família das mulheres”, Klaas Woortmann (1987) evidenciou a peculiaridade da participação das mulheres na estruturação e na chefia das famílias baianas.

Em “As casas das mães sem terreiro”, Gabriela Hita-Dussel (2004) analisou as formas de composição das redes sociais de inserção e participação engendradas por mulheres negras (mães/avós) do bairro do Nordeste de Amaralina, na orla oceânica de Salvador, informando a especificidade da figura feminina, nos anos 1990, no que concerne a chefia da família por parte de mulheres mais velhas na administração de diferentes gerações. O bairro do Nordeste de Amaralina, assim como a maioria dos bairros do Subúrbio Ferroviário, é estigmatizado no imaginário social da cidade como lugar de criminalidade e violência. Nestes bairros, da mesma forma que em outros lugares, as pessoas usam como estratégia de proteção deslocar em suas narrativas a indicação do lugar da moradia, ao se afirmarem moradores do Rio Vermelho – bairro de classe média e tradição boêmia dos artistas e intelectuais da cidade –, que faz fronteira com o Nordeste de Amaralina.

Em trânsito neste campo, o trabalho de Cláudio de Almeida (2009) forneceu pistas muito interessantes para pensar as estratégias de inserção de mulheres negras da periferia de Salvador em diferentes redes de relações sociais e culturais da *urbi*. As experiências das mulheres – moradoras do bairro periférico de Castelo Branco –, eram marcadas pela participação em cargos de liderança e posições de destaque nas igrejas evangélicas nas quais congregavam. Almeida enfatizou as semelhanças compartilhadas entre estas mulheres para explicar a ascensão delas na congregação e destacou, em especial, o “tempo de moradia no lugar”: a antiguidade no bairro onde se situavam suas igrejas. Esse *tempo* lhes conferia um reconhecimento e respeito por parte dos outros moradores do bairro que ultrapassava a esfera da “vizinhança” e adentrava a “comunidade religiosa”, potencializando a ascensão aos cargos mais elevados da hierarquia sacerdotal do pentecostalismo (espaço reservado predominantemente aos homens). A antiguidade de residência no bairro é um importante “capital social e simbólico” nos bairros pobres e negros de Salvador. Este aspecto de reconhecimento, respeito e consideração se evidenciam

em ideias que aparecem inscritas nos relatos emitidos, por exemplo: *Fulano é filho, neto de Seu Beltrano e Dona Fulana; Poxa, véio, você não respeita Dona Fulana* e ou *Seu Beltrano; Fala com Dona Sicrana*.

Em outra oportunidade, Agier refletiu sobre as trajetórias, discursos e inserções institucionais de “lideranças afro-baianas” em espaços religiosos, culturais, políticos e sindicais em Salvador, nos finais dos anos 1970 e nos anos 1980, e destacou, na combinação desses três aspectos, uma matriz de compreensão do processo de identificação dessas lideranças e de produção – se assim posso dizer –, de pertencimento e identidade (AGIER, 1998b). Ele trabalha a trajetória de *lideranças* em diferentes espaços da vida social de Salvador. O autor destacou, sobretudo, a importância destes “lugares de origem” na constituição identitária e nos rumos que estas *lideranças*¹⁵⁰ deram em seus percursos pela cidade.

Antônio Sérgio Guimarães, neste campo temático, enredou pela a dinâmica do “operariado baiano”, nos anos 1980, a partir da trajetória de “lideranças”, algumas delas marcadas pelo deslocamento do *interior* do Estado da Bahia para a capital, em especial do *Recôncavo da Bahia*. Através da história de vida de Alberto, nascido no município de São Félix, na região do *Recôncavo*, nos anos 1950, Guimarães analisou o processo de (re)significação da pertença à cidade a partir da participação nos movimentos de reivindicação política (GUIMARÃES, 1998). A partir desta trajetória marcada pela *luta*, problematiza as implicações desse “lugar de origem” nas experiências que caracterizam as relações em diferentes redes sociais, a exemplo da família. É salutar observar que Guimarães enfatizou os processos que engendram o percurso que esse e outros sujeitos produzem na cidade e, sobretudo, as mudanças e (re)significações que estes operam mediante os lugares socioculturais que ocupam na dinâmica da vida na capital. Ao mesmo tempo, não deixou escapar a sua análise os conflitos que preenchem de colorido as relações sociais entre os membros que figuram a rede familiar destas *lideranças*. Os conflitos e as frustrações indicados pelo autor na trajetória de Alberto circundavam a esfera da educação formal, no caso, abandonada, sobretudo, em detrimento da inserção no mundo do trabalho operário, constituído e alimentado pela lógica do conhecimento técnico operacional; e

150 O termo *liderança* tem múltiplos sentidos apropriados e operados entre os meus entrevistados, como veremos mais adiante.

ainda, dos diferentes valores morais e culturais junto aos membros da família (cônjuge, irmãos e filhos).

O trabalho do antropólogo haitiano Louis Marcelin (1996), “A invenção da família afro-americana”, sobre as famílias negras do Recôncavo da Bahia e suas redes familiares polarizou diferentes aspectos que ajudaram a alinhar esta tese. Marcellin, ao narrar a experiência dos sujeitos com os quais trabalhou, toma como ponto de partida as “casas”, os grupos familiares, residentes nos bairros da periferia do município de Cachoeira, sem perder de vista as “travessias” e os circuitos produzidos por estas pessoas, seus familiares e parentes para e entre outras cidades da região, especialmente Salvador. No caso, analisou o processo estruturado em dois níveis: i. da “casa” e ii. das “configurações das casas” (*Idem*). Marcellin tratou estes níveis, tendo em conta que a “casa” assumia um sentido e um significado para os indivíduos e grupos envolvidos no processo uma dimensão, não só prática, mas simbólica, como um conjunto de representações sociais e culturais, de valores morais, que configuram uma forma de organização familiar e social mais ampla para as famílias negras e pobres das cidades do *Recôncavo*. Neste trabalho o autor faz um percurso minucioso pela literatura antropológica que trabalha a “casa” enquanto categoria analítica, indicando que, geralmente, os termos casa (*maison*), *maisonnèe*, *demeure* (*home*, *lar*), família e outros tantos que lhes são associados apresentam um vasto lastro de significados culturais. Constituindo, desta maneira, categorias culturais que, enquanto tais, traduzem realidades com limites fluidos, cujas normas participam de uma determinada experiência social.¹⁵¹ E enquanto tal podem remeter às mais diversas imagens e realidades; a diferentes

151 Marcelin faz uma profunda revisão da literatura que trata a *casa* enquanto experiência social e cultural e categoria analítica. O autor parte das contribuições de Levi-Strauss sobre a *maison*, como centro da organização social das “sociétés à maison”. Lévi-Strauss com a perspectiva de ultrapassar as oposições filiação/aliança, propôs a noção de *casa* (*maison*), com a finalidade de dar conta das práticas familiares, da domesticidade e do parentesco nas sociedades que não foram apreendidas por estas teorias do parentesco. Conforme afirma Marcelin, a “casa” seria “sujeito” de direitos e deveres e não se reduziria, em consequência, à *demeure* (home). Sendo assim, a *casa*, como experiência social, resultaria do parentesco cognático (Cf. *Ibidem.*, p. 77). Entretanto, Marcelin, observou que, ao relocar a *casa* para o centro das discussões como instituição social, passa a acontecer um prologamento da aliança e da bilateralidade próprias às sociedades complexas. Nessa perspectiva, a discussão em torno da *casa* remete-nos a detalhes em torno da aliança e da descendência. Para Marcelin uma forma de dar conta dos aspectos socioculturais está em prover outra atenção antropológica segundo a qual as condições sócio-históricas, os contextos sócio-culturais onde emergem as *casas*, a produção do espaço destes, assim como a arquitetura que as caracterizam, pudessem ser pensadas conjuntamente os grupos sociológicos que os habitam e que, reciprocamente, são habitados por eles (Cf. *Ibidem.*, p. 78). Sobre outros detalhes desta a leitura, MARCELIN, op. cit., especialmente o Capítulo II. “Casa e rede doméstica”.

sentidos intercambiáveis.

Neste universo de termos polissêmicos, os estudiosos especializados buscam dar conta da diversidade de experiências de interação íntima e doméstica em todas as sociedades, afirmou Marcellin (p. 76). A preocupação do autor era em pensar a gênese das casas, dos contextos socioculturais de emergência delas, assim como os possíveis termos de sua comparação. No caso, o autor ao mergulhar num “contexto sócio-cultural e étnico de dominação”, observa que a noção da *casa* ali se define de modo bastante diverso do que foi “reificado” em estudos realizados em realidades socioculturais marcados pela “riqueza”. Ora, o que, sobretudo, enfatiza Marcellin é a necessidade de construir um modelo analítico a partir da categoria cultural “casa” nos “referidos meios”; ou seja, a meu ver, que possibilite dar conta de um modo particular de habitar o mundo e das relações que a sustentam. Ele, assim, tomou a *casa*, enquanto realidade física e social, no centro da análise da organização social.

A importância da “casa” entre as experiências dos sujeitos acompanhados informaram diferentes matizes e significados. Outro autor que ajuda a compreensão destas polissemias é o antropólogo Pina-Cabral, que em seus estudos sinalizou para a centralidade da “casa” na organização social e cultural e para sua importância estratégica na compreensão das redes de relações e na dinâmica da mobilidade territorial de pessoas; e ainda, para o estabelecimento de trocas de bens materiais e simbólicos e a reciprocidade (PINA-CABRAL, 1984, 2003). A “casa”, assim, é mais que uma simples edificação, é uma ligação com o próprio lugar, um lugar dentro da configuração social que se insere, uma forma de socialidade, entendida como um processo [inter]subjetivo constituído e constitutivo da vida social.

Mais recentemente, Antonádia Borges (2013) ao analisar a experiência de “mulheres e suas casas”, a partir de duas experiências etnográficas: uma no Distrito Federal brasileiro e a outra na região noroeste de Kwazulu-Natal, na África do Sul, destaca “a relação imaginativa que as mulheres engendram com suas moradias, concebidas a partir de um ideário modernista de urbanista”, problematizando a forma como suas habitações se tornam casas, “na medida em que elas mesmas engendram a habilidade de receber, de se tornarem anfitriãs” (BORGES, 2013, p. 197). Conforme Borges, a proximidade entre estes

locus, a despeito “do oceano de distância e história que os separam”,¹⁵² configura-se nas formas de ingerência do Estado na constituição do espaço, especialmente em meados do século XX, em seu “ideal modernista e segregacionista”,¹⁵³ afirma Borges. Ao ser convidada a entrar nos “domínios internos das casas” dessas mulheres, a autora considera que pode “avançar para além dessa homogeneização que afirma o caráter modernista de certa governabilidade, ao mesmo tempo em que dá vida a uma periferia urbana que é idêntica, em qualquer parte do mundo”.¹⁵⁴

De maneira articulada e crítica acerca da ingerência do Estado na conformação destes espaços,¹⁵⁵ Borges foi despertando para a associação entre pessoas e suas moradas, identificando na “própria casa um terceiro” – inspirada na ideia de que o entendimento resulta de uma relação entre distintas consciências. Em seus percursos por estes dois universos etnográficos, a autora entra nas casas, convidada, e nos dá a conhecer o “domínio interno” delas e as mulheres que as habita: Dona Sibongile, que a (nos) leva à casa de Dona Gloria, uma mulher negra de aproximadamente 70 anos. No encontro das experiências compartilhadas na trajetória destas mulheres vamos conhecendo sobre a forma como Estado da África do Sul, durante o apartheid, atuou com remoções nos *black spot* – “área ocupada por população negra em zonas destinadas exclusivamente para brancos” –, para os *township*. Ao entrar neste universo interno das casas dessas mulheres se revelam outras formas de domínio do espaço. Na casa de Sibongile assenta-se um “verdadeiro tribunal”, onde ela tem todos os arquivos, muito bem organizados, de pessoas amigas que juntas formam um grupo de *restitution claimants*. Gloria, por outro lado, tem em sua casa uma escolinha de música. No Brasil, entramos, através de Borges, na casa e na vida de Bruna e

152 *Ibidem*, p. 199.

153 Estes domínios, assim como seu entorno, desafiam nossas análises na medida em que tratam de dimensões da realidade que práticas de campo convencionais nem sempre permitem acompanhar, afirma Borges (2013; p. 200) – com o que corroboro. O desafio: “fazer pesquisa junto com as pessoas que nos recebem em suas vidas que em si se tratam de um contínuo processo de pesquisa, do qual participamos de modo superficial e circunscrito, no tempo e no espaço, como visitas passageiras” (idem, p. 200-201).

154 *Ibidem*, p. 199.

155 Neste trabalho a autora apresenta um breve contexto das abordagens antropológicas que tomam a política e do Estado no centro de suas preocupações. Neste aspecto, a autora diz que para “entender a presença do Estado na vida cotidiana como agência criada e ao mesmo tempo criadora”, afirma a necessidade de outra perspectiva teórica. Para tal, defende que para “avançar para além de uma suposta homologia entre as formas de morar e as formas de ação e reflexão políticas, é imperativo entender e comparar os diversos sentidos da casa, seja como ordem moral e cosmológica, como abrigo, como forma de ocupação e transformação” (BORGES, 2013, p. 204).

Laudicéia. Bruna é uma jovem baiana que “rodou o mundo” até chegar à sua casa atual que em breve terá que deixar, pois pertence à igreja da qual o pai é pastor. Em sua casa existe uma hospedaria, destinada a receber fiéis de diferentes lugares. Laudicéia é pastora de uma igreja pentecostal que fez de sua casa um templo, pois nunca conseguiu ocupar um lote. Postas as experiências dessas mulheres e de suas casas, por fim, a autora, afirma que:

“as casas não se tratam de espaços privados, exclusivos, e conseqüentemente separados do espaço público a – este, si, ‘comum’, tanto no sentido de pertencer a todos (ou quase todos), como de ser regido por regras mais ou menos compartilhadas que tomam o convívio entre estranhos viável. Muito lentamente comecei a me dar conta de que embora os agentes e instituições estatais promovam ações a fim de controlar o espaço, no interior de um assentamento ou de um barraco emergem eventos inauditos que desafiam os aprisionamentos burocráticos e, portanto, sociológicos ou antropológicos desses fenômenos em termos de conexões causais estabelecidos a partir de dados e parâmetros que já trazemos em nosso arsenal interpretativo”.¹⁵⁶

A partir das orientações propostas nas reflexões feitas por estes autores conduzi minhas análises neste trabalho. Entretanto, a preocupação com os múltiplos significados e sentidos atribuídos à casa me foi despertada desde 2000, quando da experiência etnográfica em Novos Alagados. Na oportunidade, observei a importância da “casa” na reprodução, articulação e produção dos sistemas de significados e nas dinâmicas de sociabilidades entre as pessoas que moravam naquele bairro. Para muitas delas, a importância e centralidade da “casa” não eram traduzida apenas nos termos do lugar de morar, mas na conquista política, social e simbólica da *casa*, mas na representação materializada da conquista, da vitória, da realização de um projeto de vida também (SOUZA, 2002). As observações produzidas mediante o convívio com aquelas pessoas indicou um número significativo de jovens filhos e netos de migrantes de outras cidades e também das zonas rurais que reafirmavam continuamente o sonho de melhoria de condições de vida subjacentes às trajetórias de seus pais e avós. Alguns destes pais e avós expunham, por meio dos seus discursos, a afirmação de uma identidade constituída por memórias, histórias, hábitos e modos de vida interioranos (rurais, litorâneos e ribeirinhos) que pouco ou quase nada tinham a ver com suas realidades presentes. Penso, assim, que existe uma diferença, um descompasso entre as expectativas e os sonhos das primeiras gerações para com os sonhos e projetos de vida das

156 *Ibidem*, p. 217-218.

gerações mais jovens (na acepção de projeto definida por Bourdieu).

No mesmo trabalho, ainda pude observar que outros jovens buscavam negar as referências de suas famílias e suas histórias, em uma tentativa de construir novas estratégias de inserção e ação social em uma cidade que parece ainda não lhes pertencer. Afinal, se estes herdaram o ideal familiar da busca por uma “vida melhor”, muitas vezes, relacionado a uma tradição de intensa e multifacetada mobilização social; herdaram, também, as frustrações individuais dos pais e avós, acumuladas nos anos de *luta* pelo acesso a serviços básicos e a possibilidades de emprego, ao longo de trajetórias que foram, e ainda são, restringidas desde muito cedo. Apesar de todas as conquistas dos diversos movimentos sociais por moradia, infraestrutura, educação, saúde, cuja história estrutura a do próprio Subúrbio Ferroviário e de outras áreas pobres de Salvador, muitas dessas pessoas e suas famílias continuam nas encostas e nas margens, nas franjas da metrópole; continuam na *luta* de melhores possibilidades.

Os jovens, assim como os seus mais velhos, se encontram diante de uma realidade sociocultural e econômica especialmente difícil: mesmo sendo filhos da cidade, não são reconhecidos como parte dela, no sentido em que são constantemente ora invisibilizados, ora discriminados social e racialmente e estigmatizados; por outro lado, sua relação com o *interior* de seus pais e avós tem de ser continuamente [res]significada. Salvo todas as dificuldades próprias *da idade*, quanto à saúde, escassez de recursos, etc., os mais velhos viveriam a frustração de não “melhorar de vida”,¹⁵⁷ e assim poderiam ser vistos como uma realidade sociocultural mais delicada subjetivamente do que a dos jovens, por exemplo, saudáveis e com toda a vida pela frente (SOUZA, 2002). São conhecidas, por outro lado, experiências de ruptura e subversão produzidas por algumas pessoas, em alguns planos da vida e das relações sociais.

A condição de migração e os elementos de auto-representação geracionais acessados pelos agentes sociais, a exemplo da condição racial e de gênero, são mobilizados pelos indivíduos oriundos de diferentes regiões do Estado, assim como de outros Estados,

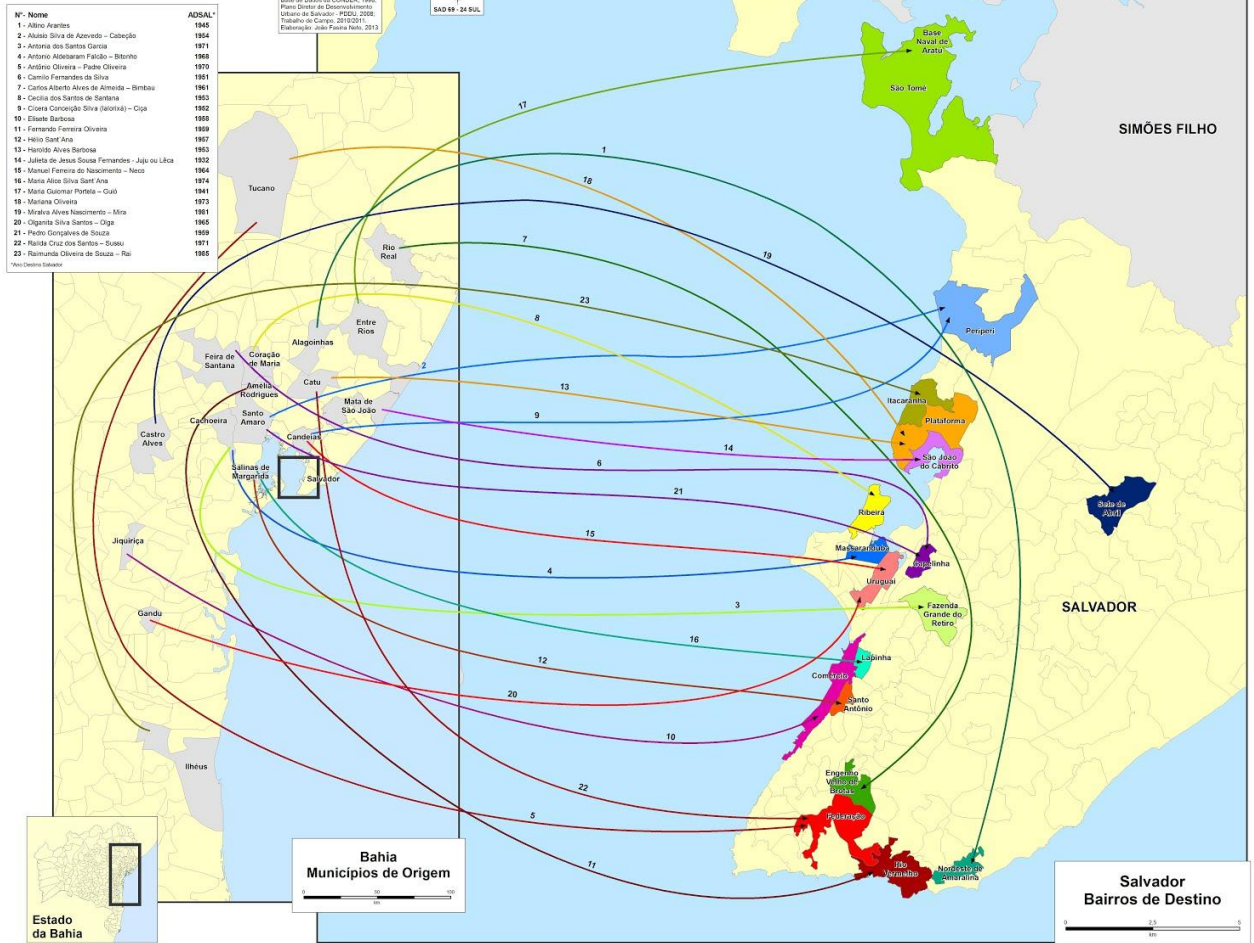
157 Conferir em MACIEL (2012), a reflexão que desenvolve sobre a noção de “melhorar de vida” entre trabalhadores rurais migrantes. No trabalho a autora enfatiza que a noção geral de “melhorar de vida” altera definitivamente os arranjos familiares dos migrantes tanto nos locais de origem quanto nos locais de destino. Para tal, a autora faz um mapeamento destas transformações numa investigação realizada no município de São Carlos-SP, numa região de expansão urbana, grande produtora de laranjas.

de forma afirmativa, em várias situações, como um mecanismo de inserção e participação na grande metrópole. Em alguns casos, essa condição se afirmou na indicação de lugares específicos da região de origem, a exemplo: *sou do interior de Cachoeira, sou de Maragojipe, meu pessoal é de Salinas, sou cachoeirense, mas já moro há muito tempo em Salvador*, dentre outros discursos que indicam pertencimento.

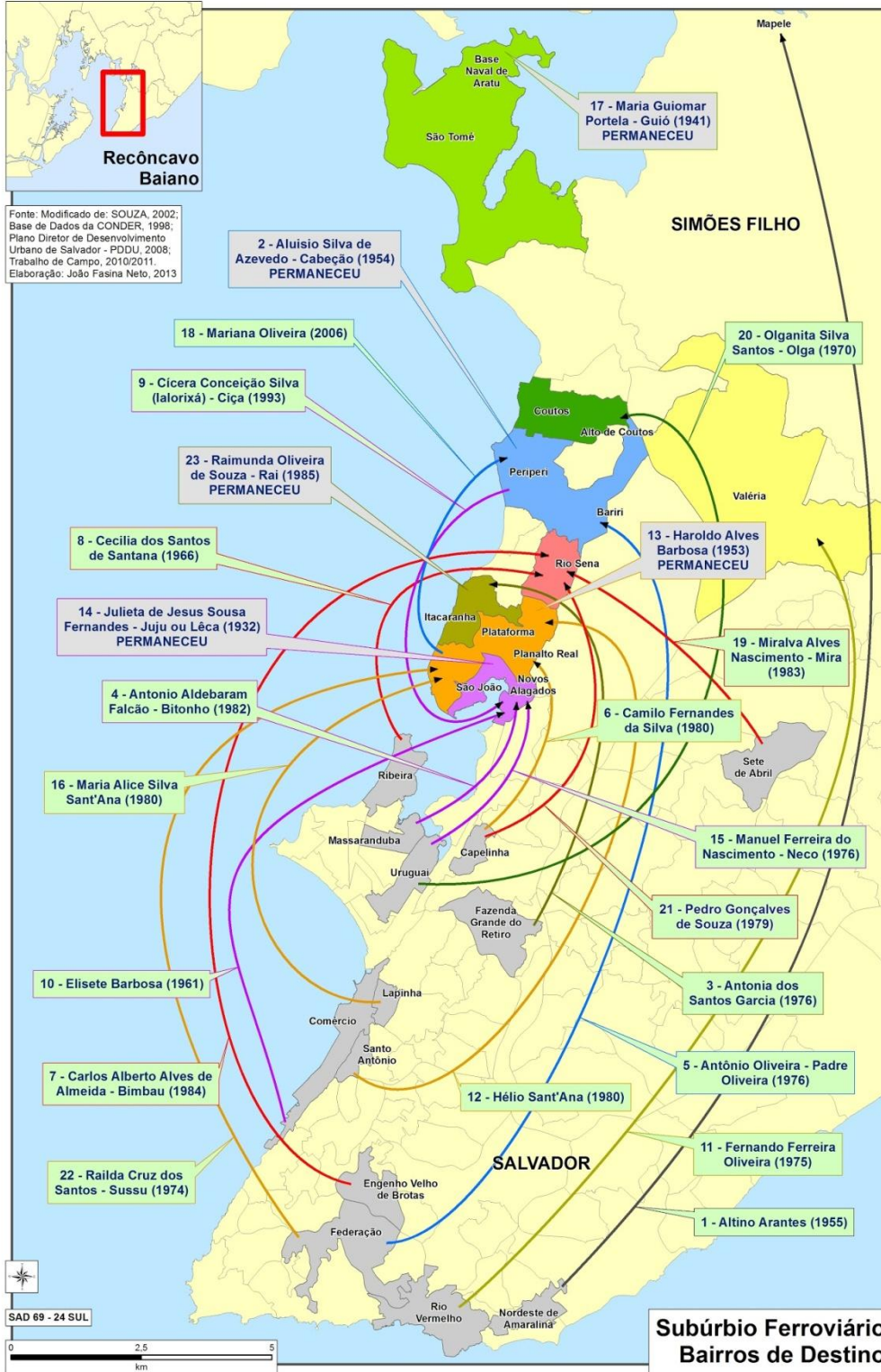
As grandes mudanças nos transportes, a implantação do parque industrial na Região Metropolitana de Salvador, a expansão demográfica da capital e a exploração de recursos minerais no subsolo da Baía de Todos os Santos foram os principais agentes modificadores das características regionais. Os descolamentos permaneceram como um fenômeno que caracterizou as dinâmicas sociais e culturais entre as localidades da zona que envolve a Baía de Todos os Santos e Salvador. Nas últimas décadas do século XX, um conjunto de projetos de transformação econômica para o Estado foram postos em curso de forma mais intensa, especialmente projetos de intervenção nas áreas de infraestrutura e serviços, incluindo grandes equipamentos, a exemplo da construção de polos navais, estradas e universidades federais multi-campi, além de um grande fluxo de investimentos econômicos dos setores privados – a instalação de grandes e médios empreendimentos de hotelaria e lazer – que modificam significativamente o fluxo populacional e os desenhos destes territórios. É sobre este cenário, claramente mais amplo, em que pessoas que dão carne e osso às minhas inquietações e as nutrem com suas reflexões, que emolduro meu olhar. É sobre as estratégias e “arranjos” de inserções sociais, forjadas na experiência do deslocamento territorial e social, que trata este trabalho.

Daqui por diante, no próximo capítulo, insiro-me em outras dimensões no *interior* de Salvador em direção ao *locus* propriamente da pesquisa, o *Subúrbio* – território de idas e vindas, saídas e chegadas, fugas e retornos, de circulação e de múltiplos deslocamentos. Para tal, ao longo do percurso teço e alinhavo redes e trajetórias para aproximar o leitor da experiência de diferentes pessoas e de outras dimensões que configuram as relações sociais e culturais dentro desse território, de maneira mais geral, na cidade.

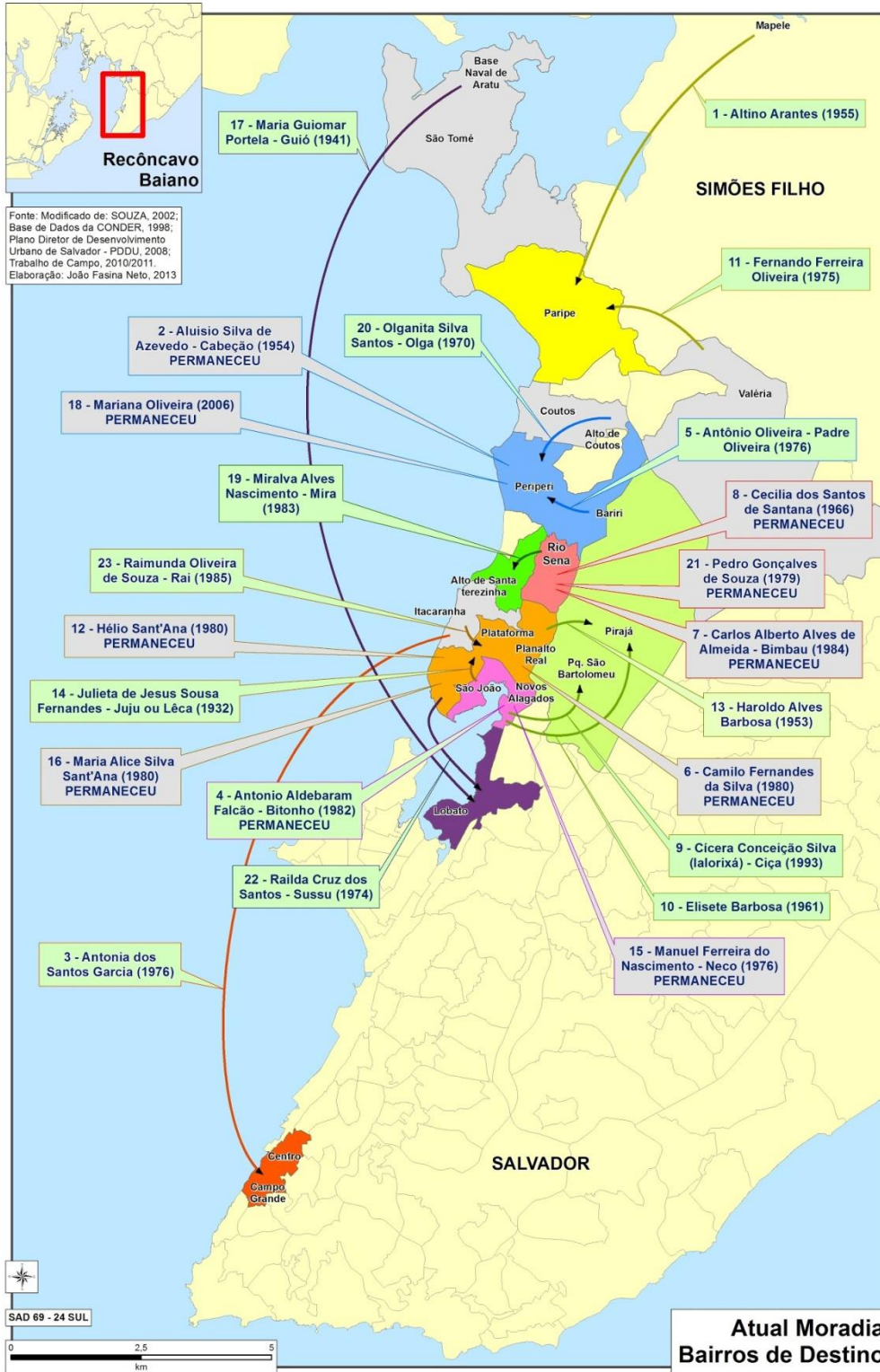
Mapa 5: Origem/Destino Do "Interior" Baiano para Salvador



Mapa 6: Origem/Destino: De Salvador para o Subúrbio Ferroviário



Mapa 7: Origem/Destino: Do Subúrbio Ferroviário para a Atual Moradia



CAPITULO II.

TECENDO E ALINHAVANDO REDES E TRAJETÓRIAS DE MOBILIDADES

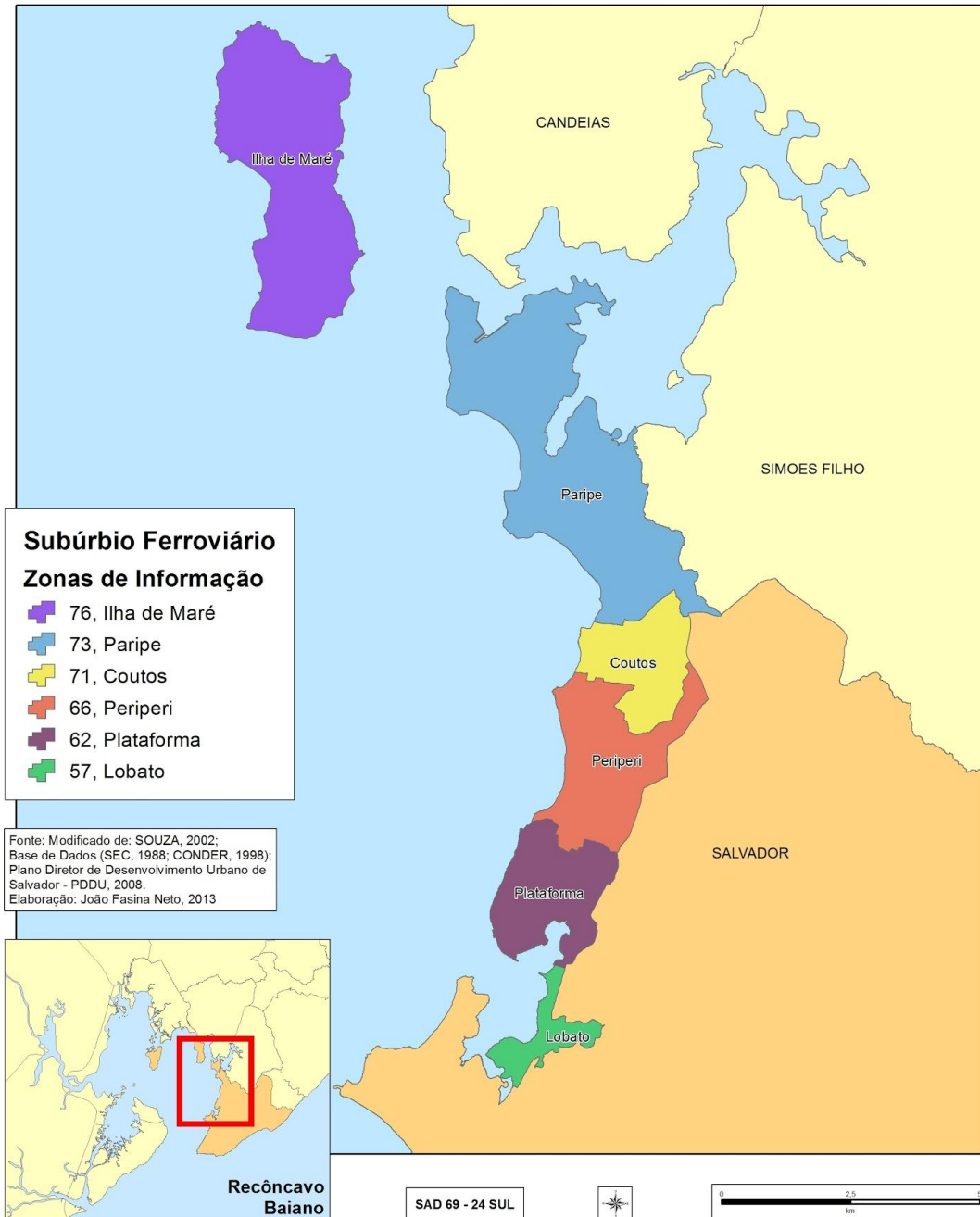
*O mundo é aqui
Maré mansa e morna
De plataforma ou de Peri-Peri
(...)
O mundo é o mar
Maré de lembranças
Lembranças de tantas voltas que o
mundo dá.¹⁵⁸*

Neste capítulo, percorro o *Subúrbio* evocando as experiências dos *migrantes* que abrem portas e nos inserem no universo mais amplo e complexo dos processos de mobilidade que informam sobre múltiplas trajetórias que configuram este território; principalmente abrem portas para contar sobre suas vidas. Dito isso, procuro conduzir os leitores por esse território estabelecendo e indicando proximidades, distanciamentos e dijunções das *experiências vividas* e às memórias daí forjadas por crianças, jovens, homens e mulheres pobres e negros e não-negros que passaram e que permanecem ou não nesta parte de Salvador. Os alinhavos que teço têm por eixos: 1. os relatos de vida dessas pessoas, recolhidos através de entrevistas e conversas; 2. as fotografias produzidas por mim, em campo, e dos acervos fotográficos de instituições públicas de pesquisa; 3. as cartografias produzidas a partir de relatos, observações e referências institucionais, com vistas a apresentar por dentro a configuração desse território.

158 Composição de Vevé Calazans e Jorge Portugal. Maria Bethânia. **Memórias do Mar**. Álbum: Mar de Sophia; Gravadora: Biscoito Fino; Ano: 2006.

2.1- Abrindo as portas do *Subúrbio*

Mapa 8: "Subúrbio": Distribuição em Zonas de Informação



Este território é configurado de muitas territorialidades, um lugar de muitos lugares e histórias. No percurso cotidiano do bairro do Dois de Julho – no centro antigo da cidade, nas imediações da Praça da Piedade –, de ônibus até o *Subúrbio*, a Salvador construída por fortes desigualdades sociais e raciais se reaviva para mim em tons mais nítidos. Entretanto, não apenas sobre isso informa esse território ao se adentrar nele. O tecido é de retalhos e eles são constituídos por diferentes texturas e cores. Sob ele as pessoas que o fizeram e continuam a fazer nos mostram suas nuances.

No mapa acima observamos a subdivisão do *Subúrbio* em Zonas de Informação (ZI's): Plataforma, Periperi, Coutos e Paripe. Até 2008, a Ilha de Maré constituía uma destas ZI's, quando houve modificações com o atual Plano de Desenvolvimento Urbano – PDDU de Salvador. Neste novo desenho a Ilha de Maré, passa a pertencer a RAXVII – Ilhas; e o bairro do Lobato a RAIII – São Caetano.¹⁵⁹ Entretanto, para muitas pessoas com as quais pesquisei, estes lugares estão associadas ao *Subúrbio*. Trata-se de classificações, arbitrariamente definidas, que pouco ou quase nada nos informam sobre as dinâmicas e relações sociais que agregam e criam proximidades e distanciamentos social, cultural e historicamente produzidos. Porém, lanço mão destas classificações como recurso para me auxiliar na construção de uma narrativa cartográfica que me possibilite percorrer o território e observar em plano mais amplo a dinâmica social, contribuindo para melhor situar o leitor que me acompanha.

Entrar nas linhas da vida social e cultural que constituem o *Subúrbio* e mergulhar em seus *interiores* requer a disposição do caminhante atento, observador e desconfiado. A disposição em ser um praticante cotidiano da cidade e não apenas um visitante ou um *voyeur*. Para os que fazem dos seus dias a arte de caminhar, experimentar, fazer e viver os múltiplos territórios da cidade nas relações estabelecidas com as pessoas que também o fazem, cada passo constitui um novo ponto de referência ou, como prefiro chamar, uma nova *conta* na *guia* que se fia no percurso da vida. A ordem dos que buscam garantir a sobrevivência lhe impõe outras ordens de significados, de entendimentos, outros sentidos no deslocamento.

159 Trata-se de uma das vistas mais lindas das Enseadas do Cabrito e dos Tainheiros.

No mapa 01, apresento linhas(vias) de acesso ao *Subúrbio*. Para chegar aí é possível partir de diferentes pontos da *Cidade Alta* e do *novo* centro comercial da cidade – localizado nas imediações do bairro do Iguatemi e da Rodoviária –, passando pela Baixa do Fiscal,¹⁶⁰ principal porta de entrada da *Avenida Suburbana*¹⁶¹ (ou *Suburbana*).¹⁶² Para tal, é preciso passar pelos bairros da Calçada e ou do Largo do Tanque.

A construção da *Suburbana*, em 1968, conforme informam FONSECA E SILVA (1992), beneficiou diretamente aos grandes proprietários de terras da região, com a crescente especulação imobiliária, obrigando as pessoas a se deslocarem para áreas mais internas e invadir terrenos desocupados do *Subúrbio*, a exemplo de Paripe, Nova Constituinte, Bate Coração, dentre tantos outros.¹⁶³ Até sua inauguração, o acesso para os bairros do *Subúrbio* eram realizados através da Estrada Velha de Periperi, do trem da *Leste* e dos barcos que navegavam pela Baía [mapa 01].

A política de precarização no sistema de transporte fluvial utilizado pelos moradores de alguns trechos do *Subúrbio* até os anos 1980 (a exemplo de Lobato, Cabrito, Plataforma, dentre outros), o abandono do trem e o aumento vertiginoso da população, contribuíram para que o sistema de transporte rodoviário se tornasse a principal alternativa para viabilizar a circulação das pessoas e o acesso aos bens e serviços por parte desta população na *cidade*.

A *Suburbana* contorna paralela à própria linha férrea, atravessando a região no sentido norte-sul, quase sempre à beira-mar –, e pela Estrada da Base Naval, que liga o bairro de Paripe à BR-324 (Salvador-Feira).

160 Este ponto é também conhecido como *Viaduto dos Motoristas*. Aqui, além do comércio de ferragens, acontece nos finais de semana a *Feira do Rolo*. Esta parte do *Subúrbio* também é conhecida por seus constantes e demorados engarrafamentos, que se estendem muitas vezes até o Lobato.

161 O nome oficial da *Avenida Suburbana* é Avenida Afrânio Peixoto. Entretanto, em termos locais: *Subúrbio* e, de forma mais ampla, em outras partes de Salvador se referem a esta avenida pelo nome de *Avenida Suburbana* ou simplesmente: *Suburbana*.

162 Mesmo existindo outras áreas suburbanas (áreas que também abrigam as populações de baixa renda da cidade), quando está toponímia é evocada nas palavras dos moradores da cidade, aparece em referência ao Subúrbio Ferroviário. Houve algumas tentativas em popularizar a ideia de oposição entre dois Subúrbios, um Ferroviário e o outro Rodoviário – este último para caracterizar uma área da cidade onde estariam localizados bairros nas imediações da saída da cidade, próximos a BR 324, que liga Salvador a Feira de Santana. No entanto, esta distinção não se popularizou na cidade.

163 Nos anos de 1960, o *Subúrbio* experimentou os efeitos do processo da industrialização e urbanização em curso na cidade. Paralelamente, ocorria a reforma viária da cidade e a busca de um padrão urbanístico condizente com o projeto modernizante e turístico, já idealizado desde os primeiros anos da administração de J.J Seabra. Sobre outros aspectos deste processo encontramos em GORDILHO-SOUZA (2000).

Quem não estiver de carro particular para chegar aí terá que utilizar o transporte público fornecido pelas empresas de ônibus que circulam pela região, o trem ou ainda, o sistema de transporte complementar das *vans*, *topics* e mototáxi. Nos bairros mais afastados da *orla da Baía*, principalmente os que se ergueram sobre ou entre morros, o acesso é feito por vias locais.¹⁶⁴

Além de opção de transporte para as pessoas que residem nos bairros do *Subúrbio*, o trem é um importante aspecto histórico e cultural do local. Está fortemente ligado aos processos que caracterizaram o período da economia baiana que corresponde à implantação de modernizações na indústria açucareira, ao melhoramento do serviço costeiro e à construção das ferrovias, como sublinhei. A linha férrea da *Leste Brasileiro*, com saída do terminal da Calçada em direção ao *Recôncavo*, e daí para o *sertão*, constituiu uma nova configuração social ao longo dos seus trilhos.¹⁶⁵

Os bairros desta parte de Salvador começam a tomar corpo e lugar na vida da metrópole, no início do século XX. Neste período, o Estado buscou um maior controle sobre a ocupação e posse das terras na cidade. Em 1944, por exemplo, restringe a vigência da *enfiteuse*,¹⁶⁶ (GORDILHO-SOUZA, 2000) legitimando, com isso, a comercialização do solo e instituindo a especulação imobiliária, como veremos mais adiante. Concomitantemente, a migração do *interior* da Bahia para Salvador e o crescimento vegetativo da população propiciaram a procura por moradia. As dificuldades da população

164 O serviço do sistema de transporte coletivo é feito pelos ônibus municipais e metropolitanos; pelo trem, por barcas ligando a ilha de Maré a São Tomé de Paripe e Plataforma à Ribeira (o que enche ainda mais os olhos de beleza de quem escolhe esta forma de deslocamento), e pelo subsistema de transporte complementar feito por micro-ônibus e *vans* e alguns veículos (*kombi* e ônibus de particulares). O *Subúrbio* dispõe de aproximadamente 54 linhas de ônibus, com seus pontos iniciais concentrados em cada bairro, configurados em 14 terminais. As linhas de ônibus municipais são operadas por empresas privadas sob administração da SMTU – Secretaria Municipal de Transportes Urbanos –, atendendo à maior parte da demanda existente. Já as linhas de ônibus intermunicipais, administradas pelo DTT – Departamento de Transportes e Terminais, sob jurisdição estadual, também operam na Avenida Suburbana, ligando a Capital à Ilha de São João (município de Simões Filho), Mapele (município de Candeias), entre outros. Quanto ao subsistema de transportes representado pelas *vans*, foi criado pela SMTU, em 1998, para suprir a inacessibilidade dos ônibus a muitos bairros por problemas de declividade, pavimentação, e/ou largura viária insuficiente.

165 As primeiras aglomerações urbanas na região da Suburbana remontam ao século XIX, tendo surgido como bairros de operários em volta de um núcleo de fábricas bastante expressivo, especialmente do setor têxtil. Dentre estas, destaco a Fábrica dos Fios, no Lobato, a União Fabril e a Fábrica Fatbraz, ambas em Plataforma, que por muito tempo representaram a principal fonte de empregos para a população do Subúrbio Ferroviário (GARCIA, 2009).

166 Segundo consta no dicionário Aurélio, *enfiteuse* significa arrendamento a longo prazo, que confere um direito real, o domínio útil de um imóvel (terras não cultivadas, terrenos destinados a edificação), mediante pagamento de uma pensão anual, chamada foro; aforamento.

pobre em ter acesso à moradia e terrenos com preços reduzidos na área urbana de Salvador levou-os a procurar áreas mais distantes, a exemplo do *Subúrbio*. Até os fins da década de 1950, o número de bairros que integravam o Subúrbio Ferroviário permaneceu reduzido. Os moradores se concentravam nas localidades de Plataforma, Lobato, Paripe e Periperi, que ofereciam um mercado de trabalho para mão de obra local.

Foram feitas aí as melhorias das vias de acesso, neste período: Águas Claras / Paripe e a estrada da Base Naval de Aratu, outras duas portas de entrada para o *Subúrbio*. Ora, porém, pelos trilhos da *Leste* a vida continuava a circular por entre os 13,5 km de extensão, desde o bairro de Paripe até o da Calçada, percurso que se realiza em aproximadamente 20 minutos.

2.2 – Histórias de vida: territórios e enredos

Imagem 04. Nos trilhos da *Leste*



Composição de Cristiane Souza com fotos produzidas pela autora em 2002.

Em 2010, durante a pesquisa, o fluxo do trajeto original havia sido alterado por causa da manutenção da ponte que atravessa as águas da Enseada do Cabrito. O trem trincava nos trilhos em engasgos que entrecortavam seu percurso para desviar dos reparos, naquele momento, reservados a *ponte do trem* que recorta e emoldura a Enseada. Da estação de Paripe duas paradas, Coutos e Periperi, até a estação de Plataforma. Daí Mira, Luís, Eliane e Seu Hélio, por exemplo, usuários comuns do sistema, faziam o transbordo em micro-ônibus até a Estação do Lobato. De volta aos trilhos da *Leste*, nesta Estação retomam lugar na locomotiva que sinaliza o momento da partida. Desta vez, o percurso da

viagem se completa na estação secular da Calçada. Após um ano, o serviço foi regularizado e os passageiros, assim como eles, voltaram ao contínuo da viagem. A despeito de todo o abandono e da precarização do serviço oferecido pela Rede Ferroviária Federal S.A (RFFSA), como enfatizaram muitos moradores do *Subúrbio*, atravessar as linhas da *Leste*, ao longo deste território reserva, aos que se aventuram, ainda, uma das mais belas paisagens da cidade.¹⁶⁷

Imagem 05. *Suburbana*: atravessando pelo Lobato a caminho de Paripe



Fonte: Pesquisa de Campo, janeiro de 2011. Fotografia Produzida pela a autora.

Seguindo o percurso de ônibus, ao entrar na *Suburbana*, pela Baixa do Fiscal, ao longo da avenida, observo diferentes edificações destinadas à moradia, aos serviços públicos de saúde e educação, e ao comércio, nada diferente de outras áreas periféricas de

167 O trem opera no trecho de Paripe até a Calçada com nove estações – Paripe, Coutos, Periperi, Praia Grande, Escada, Itacaranha, Almeida Brandão / Plataforma, Lobato (Santa Luzia) e Calçada.

Salvador, se não fosse aqui a presença de uma grande orla marítima que a emoldura, juntamente aos trilhos da ferrovia e alguns morros, do lado esquerdo; e, do direito, inúmeros morros e outeiros.¹⁶⁸ Na imagem 6, aparece em primeiro plano o ônibus da principal empresa que presta serviço de transporte para essa parte da cidade, a da Praia Grande. Mais ao fundo, vemos a imagem das edificações do antigo almoxarifado do Banco do Estado da Bahia (BANEBA), um pouco mais à frente vê-se o terreno onde se situava o Motel Mustangue.¹⁶⁹ Mais acima observamos algumas edificações na parte do Alto do Cabrito, no Lobato, cercados por manchas de vegetação. Nessas proximidades residem, no bairro do Lobato, Dona Maria Guiomar, conhecida como Guió, e Railda dos Santos, mulheres de diferentes gerações que chegaram nesse bairro em momentos e circunstâncias diversas.

Dona Guiomar, uma senhora negra de 82 de idade, nunca trabalhou *fora de casa*, dedicou-se aos cuidados do marido e dos filhos. Mudou-se para Salvador acompanhando o marido, Seu Portela, que trabalhava na *Leste*. Natural de Alagoinhas, nos anos 1930, residia aí. Em uma das suas viagens diárias, conduzindo sua locomotiva, na parada da estação, conheceu Dona Guiomar, no município de Entre Rios. Lá ela nasceu e residia. O relacionamento surgido deste encontro não foi visto pela família dela com *bons olhos*, porque Seu Portela era viúvo e pai de quatro filhos. Sustentar o relacionamento com o condutor da *Leste* exigiu de Dona Guiomar resistir à família, principalmente ao tio que a *criava*. Após dois anos de noivado, eles se casaram em Alagoinhas, onde moraram por quatro anos até a transferência dele para Salvador, conforme recorda Dona Guiomar no trecho que reproduzo a seguir:

Dona Guiomar: *Meu marido trabalhava na Leste e morava em Alagoinhas que ia até, a gente pegava, a última coisa daqui da Bahia, que depois já era o Sertão. Já era o Sertão. A gente veio pra qui e eu aluguei uma casinha pequenininha. Quando ele [Seu Portela] viu: 'mas Guió, tu é doida [risos]?!'. Oh! Foi uma sala e um quarto [risos]. Tinha aquele menino, filho dele, porque ele era viúvo (...). Quando este chefe de trem trabalhava, naquela época, mais aí até Barracão, mas sendo que não passava – você sabe Barracão é o Estado da Bahia*

168 Em muitos trechos da *Suburbana* o comércio se especializou em concertos e vendas de peças de carros.

169 Em 19 de maio de 1989, o Motel Mustangue foi soterrado por um grande deslizamento de terras vindas do alto do Bairro de São Caetano, decorrente das fortes chuvas que lavaram a cidade, acarretando a morte de inúmeras pessoas. Nesse período, o acesso ao Subúrbio Ferroviário passou a ser feito por Paripe, através da BR-324. Esta tragédia conformou-se num episódio que colocou este estabelecimento na memória das pessoas que vivem ou viveram ali e, de certa forma, na memória da cidade.

ainda, e outro já é Sergipe –, ele ia até lá. Quando ele voltava, aí passava no Barracão. Me chamava de você e eu chamava ele de senhor. Eu me casei ia fazer vinte três anos, ele tava com quarenta e dois e tinha quatro filho.

Haroldo: Casou em Alagoinhas e veio direto pra Salvador?

Dona Guiomar: *Não, fiquei quatro anos lá. Ele viajava de lá pra Barracão e depois de lá pra Alagoinhas. Depois mudaram ele pra aqui, pra ele trabalhar aqui. Agora, meu filho, me pergunto uma coisa: 'Que horror que acabaram com a Estrada de Ferro, porque é uma coisa tão bonita, cada trem bonito não era!? Ave Maria!' Hoje não tem mais nada, já acabaram com tudo... E eu sei que acabou foi tudo!*

Haroldo: Quando a senhora saiu de lá...

Dona Guiomar: *De Alagoinhas eu vim pra aqui. Eu morei primeiro ali no Paripe, não. É, Paripe mesmo, aonde tem a Base [Base Naval de Aratú]. Lá a gente viveu um ano. Foi um ano – agora eu não me lembro é a data. Depois mudamos pra o Lobato, morei no beco lá.¹⁷⁰ Morei um ano num quarto. Vim com eles tudo (...). Aquilo não era uma casa bem verdade [risos] era que quando ele viu que soube, disse: 'Oh, Guió! Tem nada não. Vamos ficar aqui mais uns dias, depois a gente vê qualquer coisa. Depois um senhor que gostava muito dele aí, disse: 'não, eu tenho a minha casa e tenho uma casa ali que tá alugando'. Aí foi e alugou pra gente lá. A gente viveu onze anos naquela casa ali [próximo a sua casa atual], quer dizer que ali de frente, você descendo, assim, essa rua, quando chega lá no fim. A gente viveu onze anos, mas foi quando aquela trovoada, aquela coisa toda que acabou com tudo da mãe dele. Ele [o amigo de Seu Portela que alugou a casa para eles] então foi lá em casa que queria a casa pra mãe (...). Quando ele [Seu Portela] chegou eu disse: 'que falaram que é pra botar a família toda aqui'. Ele disse: 'não tem nada não, Guió'. Foi. Ficou três meses com a gente a mãe, a dona da casa, passou três meses com a gente, porque a gente não achava, não tinha aonde a gente achar casa pra alugar aí e ficou. Foi uma senhora muito boa também comigo e eu com ela, ela já morreu, outro dia ela morreu fui até pra o enterro dela.¹⁷¹ [grifos meus]*

Os caminhos percorridos desde Alagoinhas até Salvador transcorrem pelas lembranças de Dona Guiomar postas em relevo apontam para a nostalgia e o *horror*, pois: *acabaram com a Estrada de Ferro, porque é [era] uma coisa tão bonita, cada trem bonito*; para as distâncias e proximidades entre a Bahia e o *sertão*, ao qual ela não se sentia pertencente; e, especialmente, dos primeiros anos em Salvador. Conforme diz: *Era tudo mato*, entre os anos de 1950-1960. O *mato* existente quando chegou ao Lobato começou a desaparecer com as derrubadas sistemáticas para demarcação de terrenos a serem comercializados das mais diferentes formas para as pessoas que buscavam sair do aluguel já ali, bem como, para aquelas que chegavam de fora pelo mesmo motivo. Sobre isso Dona Guiomar diz:

Aqui tudo era mato. E tava foi vendendo aos poucos.

Haroldo: E quem vendia esses terrenos aqui?

170 Trata-se da parte mais internas do Lobato, longe do local onde reside atualmente.

171 A entrevista com Dona Guiomar foi realizada em 09 de outubro de 2010.

Dona Guiomar: *Quem tava vendendo eu não me lembro o nome, mas era as pessoas... Eu num lembro, assim não. Eu lembro que a gente comprou aqui, que quando a gente recebia aquele dinheiro, ele disse: Oh, Guio! Vá ver, vá lá, veja como é. Aí eu cheguei: 'Oh, Portela é até bom o terreno e tudo, tanto que essa casa a gente ainda morou oito anos aqui numa casa, como é que chama... De taipa, taipa, não. Meu marido fez de madeira. Aí a gente botou, a gente viveu um bocado de tempo. Aí depois...*

Haroldo: Mas chegou a ser na palafita?

Dona Guiomar: *Não. Ele fez tudo assim, aqui no barro mesmo.*

A primeira casa erguida no *terreno* deles era de *madeira* e já construída no *barro mesmo*, quer dizer em terra firme, diferente de muitas outras pessoas. Porém, a construção de casas de *taipa* era alternativa comum utilizada por inúmeras pessoas que buscavam a moradia fora do aluguel nestas e em outras áreas do *Subúrbio*. Elas produziam um cenário, não só no *barro mesmo* (ordenadas em pequenos *terrenos*), mas nos mangues e águas da enseada.¹⁷² No caso, aí também se formou uma extensa área coberta de palafitas, como havia ocorrido décadas antes no bairro do Uruguai (em maior escala é verdade!), local onde se ergueu a partir dos anos de 1940 a *invasão* dos Alagados – a mais antiga ocupação de palafitas de Salvador e uma das mais antigas do Brasil.¹⁷³

Em outro ponto do Lobato reside Railda, uma jovem senhora de pouco mais de cinquenta anos que sobrevive de um pequeno comércio que mantém funcionando em sua casa. Aí comercializa bebidas, doces, salgados, condimentos, dentre outros produtos para consumo doméstico. Este é um modo comumente encontrado entre os moradores pobres nas grandes metrópoles brasileiras, incluindo Salvador, para dispor de algum tipo de renda básica e ou complementar para garantir a sobrevivência. Railda, ademais, atua como voluntária em projetos de arte e cultura no *Subúrbio*, fruto de sua história de luta por moradia¹⁷⁴ e melhores condições de infraestrutura e serviços no bairro do Lobato e em outros bairros da cidade. Ela é mãe de sete filhos e está *separada* há mais de vinte anos. Nasceu no município de Catu. Em Salvador trabalhou como doméstica, depois no comércio

172 Construções de madeira erguidas em áreas alagadiças e de maré. Reflexões sobre estas construções e a vida sobre as pontes e casas de palafitas podem ser encontradas no trabalho de ANDREATTA (1987).

173 Retomo outros aspectos deste processo no Capítulo IV desta tese.

174 Outras reflexões sobre a experiência de pessoas na *luta* por um lugar para morar em outras grandes cidades brasileiras encontram-se em ANDREATTA (1987); BORGES (2004); MELO (2009).

e com vendas de produtos de beleza e perfumaria. A *luta* e a *conquista* da moradia marcaram sua trajetória de vida, o que analiso em outro capítulo desta tese.¹⁷⁵

Continuo o percurso e me aproximo do bairro de Novos Alagados. Nele residem Antônio Aldebaram e Manuel Ferreira, os quais se conheceram, em meados dos anos de 1980, mediante a luta por moradia. Antônio Aldebaram, conhecido por Bitonho, nasceu em Santiago do Iguape, uma comunidade de pescadores do município de Cachoeira. É um dos seis filhos (dos que sobreviveram) de Justiniana da Conceição e Benedito Falcão. Seu pai era pescador e agricultor – práticas que ele também exerceu por muito tempo; a mãe era dona de casa e marisqueira. Ao fato de sua vida ter estado relacionada ao mar e à *terra*,¹⁷⁶ na infância e adolescência do Iguape, Seu Bitonho justifica seu apreço pelo lugar onde *conquistou* sua casa. Da mesma forma, no passado da infância no Iguape encontra argumentos para explicar sua *indignação com as injustiças sociais*. Aos dezoito anos de idade, migrou para Salvador e foi morar com o pai *para tentar um sonho*. Sua mãe, nascida e criada no Iguape, só após a velhice mudou-se para a capital baiana. O objetivo dela era cuidar da saúde. Entretanto, Justiniana mantém sua casa no *interior*, onde costuma passar longos períodos.

Após chegar a Salvador, Seu Bitonho foi residir no bairro da Mangueira, na *Cidade Baixa*, mais precisamente, como disse em outra oportunidade: “*eu morava em Itapagipe, no Beco João do Boi, ali perto do Sesi [Serviço Social da Indústria], e aí foi quando eu tive meu primeiro contato com a moradia de palafitas que eu não conhecia antes*”. No período em que morou em *Itapagipe*, Seu Bitonho passou um tempo com o pai e depois começou a circular em casas de aluguel. Porém, “*chegou um momento que tinha que procurar um lugar para morar... Tinha uma prima que morava já no local, Novos Alagados, desde 1981, ia visitar, tomar uma cerveja*.”¹⁷⁷

Então, em 1982, já familiarizado com o bairro e atento às necessidades existentes, mudou-se para Novos Alagados para morar com a prima, com quem residiu por seis meses. Depois, ergueu seu próprio *barraco* nas palafitas, época em que trabalhava como vigilante no Hospital das Clínicas da Universidade Federal da Bahia e estava envolvido em

175 Tomo a trajetória de Rilda de forma mais detida no Capítulo IV desta tese para refletir sobre a *luta* e a dinâmica do *movimento de invasões* pelo acesso e posse da terra em Salvador, especialmente no Subúrbio.

176 O termo aqui se refere ao trabalho na roça como lavrador.

177 A entrevista realizada em 30 de abril de 2011.

encontros e discussões sobre os direitos dos trabalhadores e, da mesma forma, sobre a luta por moradia e a *melhoria de vida* em Salvador. Mudar para Novos Alagados, naquele momento de sua vida, lhe fez conhecer e estar em contato com pessoas envolvidas no *movimento de moradia*, há muito tempo, a exemplo dos padres Oliveira e Gaspar, Vera e Antônio Lazzaroto, Anônia Garcia, dentre outros, que formavam uma rede de atuação muito forte e articulada entre os diferentes bairros do *Subúrbio*. Até o presente Seu Bitonho reside neste bairro, agora em *terra firme*. Ele nunca se casou. Teve um filho, agora com mais de vinte anos de idade, pelo qual diz sentir muito, por que não estudou. *Era o que eu queria que ele fizesse*, enfatiza. Por outro lado, sente-se feliz por que seu filho é um *trabalhador*. Ou seja, é uma pessoa que não vive da dependência econômica dos familiares e, principalmente, não se envolveu com *coisa ruim* – ou seja, não se envolveu com esquemas ilícitos. A trajetória deste homem se assemelha a de outras pessoas e delinea esta narrativa, ao expressar emblematicamente sobre a circulação por diferentes atividades profissionais e empregos, modo de se inserir e continuar na cidade.

No caso dele, os caminhos percorridos no “mundo do trabalho”, num primeiro instante, ocorre em sintonia com o “saber fazer” aprendido no Iguape. Como descreve no trecho a seguir:

Seu Bitonho: *Dezoito, dezenove anos eu trabalhando... Eu trabalhava na feira fiquei na feira até setenta, depois eu saí da feira achei que a feira não era pra mim, não dava pra mim e eu fui larguei a feira e fui trabalhar em outras coisas. Enfrentei muitas dificuldades, inclusive eu me matricular pra estudar, levei uns quatro anos me matriculando. Eu estudava até o meio do ano, por que na época dava um pau danado [trabalhava muito] que não era brincadeira, quando chegava em casa era quebrado não só quando chegava em casa às vezes até as próprias firmas não me davam, não deixavam por que tinha que fazer hora extra até sete horas da noite, teve dia d'eu tá trabalhando eles diziam: 'se você largar cinco horas pode ir pro escritório, não vem mais'. Aconteceu muito isso comigo, muitas vezes aconteceu isso comigo.*

Na Feira de São Joaquim,¹⁷⁸ à qual se refere no relato acima, trabalhou como carregador e depois vendedor de produtos de horti-frutes e pescados vindos do *interior*, a

178 Além dela, destaco a Feira das Sete Portas, infinitamente menor em extensão, porém tão importante quanto a São Joaquim para a manutenção deste tipo de comércio popular e, sobretudo, para a realização de inúmeras práticas culturais. As feiras populares são cenários que atraem diferentes pessoas, seja pela variedade de produtos comercializados e para desfrute, sobretudo migrantes que atualizam aí laços e práticas culturais. Sobre a importância das feiras como espaço representativo da presença migrante de “nordestinos”

exemplo de quiabo, mandioca, dendê, peixes, mariscos, dentre outros, sobre os quais sabia validar qualidade.

Na cidade que se erguia e espraiava em diferentes direções o pulsante setor da construção civil recrutava a mão de obra jovem e ciosa por trabalho. Neste fluxo, Seu Bitonho deixou a Feira para atuar como servente de *obras*, nos anos 1970 – o que definiu ter sido uma *vida dura*. Para escapar desse trabalho e da remuneração insuficiente preferia, muitas vezes, prestar serviço para os moradores da *Cidade Baixa*,¹⁷⁹ que *pagavam bem* pelo desentupimento de *esgoto e manilha*¹⁸⁰, como diz:

Seu Bitonho: *Outro serviço que eu gostava muito de fazer era de desentupir esgoto porque, naquela época, aquela parte da Cidade Baixa toda ali era aquelas manilhas de cerâmica; e aí, desentupir aquele esgoto dava um trabalhosinho pra gente, tá em contato direto com os dejetos. Porém, antes era um trabalho que a gente fazia não tinha muito essa contaminação que tem hoje da leptospirose e coisa e tal, apesar de a gente não tomar muito cuidado, mas a gente chegava ali desentupia aquele esgoto, ganhava uma boa grana, né? Que a gente pedia caro, que não era qualquer um que sabia fazer e a gente deixava, a gente chegava ali duas, três horas pra fazer o serviço deixava aquilo, nós fazíamos aquele serviço todo, deixava meu serviço aí ganhava uma boa grana, naquele momento.*

No “chão da fábrica”, Seu Bitonho passou a fazer parte da classe operária baiana. A trajetória como operário foi importante para sua formação educacional, social e política, em sua visão. Através da experiência nas fábricas de chocolate, bebidas e biscoitos pelas quais passou construiu redes de amizade e acesso à formação técnica que abriram outros caminhos. Recordou que, com pouco mais de vinte anos, fez cursos técnicos no SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial; dentre os quais, destacou o curso de ajudante de mecânico industrial que lhe possibilitou trabalhar por alguns anos de *carteira assinada*. Entretanto, o sonho que havia feito com que ele fosse morar em Salvador fez com que pedisse demissão da empresa. A despeito de dispor de mais recursos financeiros, a jornada de trabalho dificultava o investimento de tempo nos rumos para realizar o projeto de

em São Paulo encontra-se em RIGAMONTE (2001). Em seu trabalho Rigamonte compreende espaços como este, entre outros, como marcar da presença migrante, denominada de “manchas”, apreendido por ela em MAGNANI (1992), o qual este o autor define como “lugares de referência para um número diversificado de pessoas” (p. 16).

179 Refere-se aos funcionários públicos, industriais e pequenos comerciantes dos bairros da Ribeira e Bonfim.

180 Está era uma demanda comum nesta parte cidade, construída sobre inúmeros aterros, que sofria com os problemas corriqueiros de infiltração, entupimento e alagamentos.

estudar. Voltar ao serviço temporário e sem a seguridade dos direitos trabalhistas nas empreiteiras da construção civil – a exemplo da *OAS e da JTS* – e ou *fazendo biscate de pintura e auxiliar de almoxarife*, parecia ser a única alternativa. Todavia, o sonho de concluir os estudos formais foi realizado, ainda que na fase adulta. Trata-se de um processo compartilhado por outros interlocutores. Entre idas e vindas, aos trinta e um anos de idade, concluiu o curso médio de administração de empresas. Do sonho realizado de *se formar*, Seu Bitonho fala com orgulho, o mesmo orgulho que ouvi e senti nos relatos de Seu Hélio, Dona Alice, Neco, dentre outros – alguns dos quais retomarei mais adiante.

Manuel Ferreira, conhecido por Neco, nasceu em Candeias, filho de Carmosa Ferreira e pai *ignorado*. É evangélico, solteiro e funcionário público de saúde; estudou até concluir o segundo grau e fez uma formação complementar em vigilância de saúde, através do Ministério da Saúde e da Fundação Oswaldo Cruz. Mudou-se criança para Salvador para viver com o tio no bairro do Uruguai. Na adolescência, diante da impossibilidade de conviver com o tio, seguiu seu caminho para Novos Alagados. Inicialmente, Neco foi morar com uma família de conhecidos que havia se disponibilizado a ajudá-lo. Cito a seguir um trecho mais extenso de sua entrevista, pois nele aparecem as tensões que atravessavam as relações dele com o tio e os outros membros da família, que justificam a escolha em romper, à época, com a rede familiar e construir outras referências de apoio e troca em Salvador.

Ediane: Antes de morar nesse bairro morou em outros bairros de Salvador?

Neco: *Uruguai (...).*

Ediane: Ah... E do Uruguai já veio direto pro Novos Alagados?

Neco: *Vim direto para o Novos Alagados, em trinta de agosto de mil novecentos e setenta e seis (...). Acho que tinha dezesseis anos... Se eu não me engano...*

Ediane: E tem quanto tempo que mora em Novos Alagados?

Neco: *Há trinta e quatro anos...*

Ediane: E porque veio morar aqui em Novos Alagados? Como é essa história?

Neco: *Olha, eu morava com meu tio. Meu tio me trouxe de Candeias. Aí meu tio era extremamente radical, ele não permitia que eu estudasse... Que ele dizia que homem para chegar na casa dele depois das nove só ele ou os filhos dele, né?*

Ediane: Hum, hum...

Neco: *Aí a família Ribeiro de Oliveira Magalhães, mais Wilson Severo de Jesus Magalhães, via a minha situação... Como eu era tratado com o meu tio, aí me convidou pra vim morar com eles. Aí vim morar... Vim morar principalmente com ele, e depois aí invadi... Invadi não, ocupei um espaço na maré, criei um*

*barraco, aí a família dele era que me alimentava... Que me sustentava de todas as formas [grifos meus].*¹⁸¹

As dinâmicas de *ocupação* quanto às relações sociais forjadas em Novos Alagados e Alagados aproximam-se tanto no que se referem às estratégias adotadas na construção e manutenção dos *barracos*¹⁸² e na prática coletiva dos aterros quanto na constituição e ampliação e ou dissolução das redes familiares, religiosas e de amizade, o que observei em diferentes oportunidades. É importante frisar que, efetivamente, a ocupação destas áreas, em Salvador, só foi possível, graças ao conhecimento de construir casas de madeira sob a água, tão comum entre moradores de áreas alagadiças, igarapés, marés e mangues que migraram para a cidade. As pessoas que deram início, na década de 1960, a ocupação da Enseada do Cabrito eram filhos e parentes de antigos moradores dos Alagados (SOUZA, 2002). Conquistar um “espaço no chão” significava para muitos deles uma etapa que indicava “melhoria na vida” e dignidade. Neco, no caso, assim como outros moradores desta parte do *Subúrbio*, pode construir uma *casa*, como recorda:

Neco: *Houve a oportunidade d’eu comprar um espaço no chão... E construí a minha casa.*

Ediane: Então, o senhor ainda conviveu um tempo nas palafitas?

Neco: *Convivi e tenho saudade! Período de tranqüilidade, de paz, a gente ia pra rua e a casa ficava aberta, os vizinhos tomavam conta. Período de São João, Sexta-Feira Santa, Final de Ano, né? No Natal era uma festa! O que um fazia compartilhava com o outro, né? Porque a gente não vê mais isso hoje em dia...*

Ediane: E depois que foi pro chão perdeu essa abertura?

Neco: *O progresso tem seu preço, né?*

Ediane: Hum, hum...

Neco: *Tem seu preço.*

Ediane: E como é... E o que é que o senhor fazia quando chegou aqui? Antes e depois...

Neco: *Olha! Eu não tinha profissão. Eu trabalhei de servente, servente de... Ajudante de pedreiro, depois... Teve uma pessoa aqui do bairro que foi assim muito importante, que eu não posso deixar de registrar aqui, foi Antônio Lazaroto e Vera Maria Machado Lazaroto, que era a esposa dele, que conhecia Seu Reginaldo e Seu Reginaldo era gráfico, aí me arrumou um trabalho na Inox Silva, pra trabalhar como auxiliar de encadernação. Aí trabalhei uns três anos e sete meses, depois desses três anos e sete meses aí a LBA, Legião Brasileira de Assistência Social, aí tinha um posto que ele chamava de UAC, que era Unidade de Apoio Comunitário, que me chamou.*

181 Entrevista realizada em 20 de dezembro de 2010.

182 Na literatura sobre ocupações de terra no Brasil encontramos um debate sobre a importância da construção dos “barracos” na dinâmica da “luta” para conquistar um lugar para se habitar no mundo. Nashieli Loera (2009), por exemplo, faz uma revisão e dialoga com esta literatura e apresenta outras contribuições ao analisar a dinâmica dos acampamentos produzidos pelos sem terra.

Neco registra nessa citação o percurso trilhado ao chegar a Salvador até construir a sua casa no *chão*; bem como, registra as redes nas quais se inseriu para tal e as relações construídas através delas. Ademais, um aspecto evidenciado no relato dele, que aparece em outras experiências analisadas, refere-se à presença nestes bairros pobres de Salvador de programas de formação e capacitação profissional organizada por associações de moradores e organizações locais destinados a jovens e crianças, que foram e ainda são fundamentais na sobrevivência e nos rumos que deram em suas vidas.¹⁸³

A respeito do momento em que chegou a Novos Alagados, Neco registra que:

O transporte aqui não tinha... Não havia transporte. A gente tinha que pegar o ônibus ali na Suburbana, a localização do bairro sempre foi no... A gente ocupou uma área dos manguezais... Infelizmente a gente teve que desmatar os manguezais, para ocupar por uma questão de necessidade... Que as pessoas que moravam aqui, a maioria eram pescadores, trabalhadores braçais... Então, havia uma necessidade muito grande... Água, não tinha. A gente ia pegar água lá dentro de São Bartolomeu.

Nas imediações de Novos Alagados, no Parque São Bartolomeu, encontramos com Dona Cicera Conceição, conhecida como Ciça (e Mãe Ciça por outros), que reside há dezoito anos no Cabrito de Baixo, na Rua das Fontes, *uma invasão, uma invasão mesmo!* Aí assentou seu Orixá e exerce suas *obrigações* – cerimônias internas ao Candomblé que os iniciados devem cumprir em devoção ao Orixá – e funções de Ialorixá,¹⁸⁴ cuidando dos filhos e filhas de santo do seu terreiro.

Mãe Ciça é de uma *família de mulheres*, não conheceu o pai. Sua família é “*misturada, tem gente de Candeias e Alagoas*”, como disse. Com a mãe, Júlia Maria, *praticamente não teve contato*; foi criada pela avó, Maria Ângela, em Candeias. A mãe se distanciou delas e dos outros membros da família quando partiu para Alagoas em busca de trabalho e por lá fixou moradia. Aos nove anos de idade, Mãe Ciça saiu da cidade onde nasceu para viver em Salvador, no bairro de Periperi, sob a responsabilidade de uma das tias maternas, Marinete Conceição. Enquanto esteve morando com a tia, estudava e *fazia as coisas da casa*. Aos treze anos de idade, resolveu voltar a viver com a avó em Candeias. Lá

183 Reflexões sobre estas e outras ações de apoio às crianças e aos jovens produzidas no âmbito da ação coletiva e ou individual estão nos trabalhos de BARBOSA (2007); SANTOS (2004, 2005); SANTOS, J. (2005).

184 Ialorixá é uma sacerdotisa chefe de um terreiro de Candomblé Ketu.

estudou *corte e costura*. Entretanto, a vida continuava difícil e a necessidade da sobrevivência a fez regressar à Cidade da Bahia – aos dezenove anos de idade – para trabalhar em *casa de família*, como empregada doméstica, no bairro da Barra. Aí permaneceu por um ano, quando mudou para São Paulo,¹⁸⁵ acompanhando a família para a qual prestava serviço, em relação ao que recorda:

Mãe Ciça: *Aí a criatura [a patroa] foi para São Paulo e levou a gente, mas lá não me dei bem com a filha e fiquei com a mãe da criatura. Trabalhei dois meses e depois fui pra loja de costura, na José Paulino, depois na Roevi Confecções Ltda, fazendo calças jeans trincheiras para as Lojas Mônicas. Depois me engracei com uma pessoa com quem tive uma filha lá e voltei para Salvador e fui morar em Plataforma, na casa da minha tia. (...) Ela [a tia] foi depois para Peripei e ela foi também. Nesse tempo, fui trabalhar com a EBISA [Engenharia Brasileira, Indústria e Saneamento S/A], firma de construção, que tava na construção do Polo. Trabalhava no Moinho Salvador e fui transferida pra Camaçari, num “cai duro”. Fazia comida pros pião dentro da própria firma... Fazia comida. [grifos meus]*

Em *São Paulo*, ela rompeu com a família que a *levou* e foi trabalhar em *lojas* de confecção de roupas. Em 1972, após quatro anos morando por lá e com uma filha pequena, com menos de um ano de idade, Mãe Ciça retornou para Salvador e foi morar com a tia em Plataforma. Através das redes dos familiares conseguiu emprego na *EBISA* para trabalhar no Moinho Salvador, localizado no bairro do Comércio, nas imediações do Porto de Salvador. A *firma*, que na época, estava prestando serviços para o Polo Petroquímico de Camaçari para trabalhar no *cai duro*¹⁸⁶. No relato que segue descreve como era o *Polo*, em inícios dos anos de 1970, e como foi sua experiência aí. Ademais, registra os caminhos percorridos até conseguir conquistar um *lote* e construir uma casa.

Mãe Ciça: *Lá em Camaçari minha filha!!! Lá, hum, hum. Eu não conhecia ninguém em Camaçari, não conhecia nem a rua, nem sabia onde era Camaçari. Eu fui diretamente pro Polo. Sabe o que aconteceu!? Lá a gente ficou completamente desligada de tudo, ficamos num alojamento.*

Ediane: A senhora com a filha?

185 Vejo que *São Paulo* tem aqui o mesmo sentido identificado por Nogueira (2010, p. 38) entre seus interlocutores, migrantes que saíram do Sertão da Bahia. A autora identifica que *São Paulo* é tomado por seus interlocutores como uma expressão em oposição a *Bahia*. *São Paulo* é utilizado pelos interlocutores dela não em referência ao estado como um todo, como unidade administrativa e política do país, mas para fazer alusão ao lugar para onde foi ou deseja ir, em oposição ao lugar de onde é, a *Bahia*.

186 O sentido atribuído por ela é de comida forte e pesada.

Mãe Ciça: Não, minha filha ficou aí com minha tia. Era o Polo, tava em construção, minha filha! A lama dava aqui (ela mostra) na perna. A gente foi cozinhar pra pião; trabalhar pra pião, engenheiro, operador de máquinas pesadas, máquina leves, eletricista, carpinteiro. Fui trabalhar pra esse povo, servir comida. Não era só eu não, era umas quatro mulheres.

Ediane: Dormia lá no alojamento?

Mãe Ciça: Dormia lá. Também a gente tinha a maior segurança, ninguém mexia com a gente (...). Lá veio uma menina, **uma senhora, que eu considero muito. É como se fosse uma mãe pra mim. Foi minha amiga, foi minha parceira, foi minha mãe, foi uma pessoa maravilhosa pra mim.** Conheci essa senhora que ela, saiu uma menina, entrou ela pra trabalhar. E toda hora ela dizia: 'Você vai tê que ir lá pra Camaçari. Você vai lá na minha casa, vai lá na minha casa. E eu com medo, eu não conhecia. Estavam fazendo um loteamento. **O prefeito tava fazendo um loteamento da fazenda, chamada Fazenda Saco de Arraiá...** Aí ela disse: 'Você vai pra lá que eu já arranjei meu lote e você vai conseguir. Aí eu disse: 'Eu não, como eu vou conseguir; nunca vou fazer uma casa. Aí um final de semana eu folguei, aí fui na casa dela. Passei na casa dela, fiquei. Aí ela foi, lutou até que ela conseguiu me inscrever no projeto. **Esse projeto, naquela, época era muito exigente. Se você não tivesse marido você não conseguiu, se você fosse uma mulher leviana, assim de gostar de confusão, de marido dos outros, essas coisas, não queriam lá, não. Eu fiquei porque ela deu boas informações de mim e eu tinha uma filha.** Aí eu consegui comprar. Na época, custava mil reais, pagava vinte [reais] por mês.

Ediane: Aí a senhora levantou a casa?

Mãe Ciça: Aí levantei de taipa. Era tudo de taipa... E aí fui buscar minha filha. Minha filha chegou em Camaçari, minha filha tinha realmente 4 anos. [grifos meus].

Para ter acesso a um *lote* precisava atender aos critérios do *projeto*, que *naquela época, era muito exigente*. Cumprir as exigências não era fácil, ao que parece, e por isso, ela precisou do testemunho da amiga, que já havia sido beneficiada com um *lote*. Em seus termos: *Eu fiquei porque ela deu boas informações de mim e eu tinha uma filha*. No caso da Mãe Ciça, ser natural de Camaçari ou morar já há algum tempo no município não se constituíam em critérios para a obtenção do *lote*, mas sim o testemunho autorizado da amiga que *deu boas informações* sobre ela; além disso, era vantagem ter uma filha sem pai. Ser mãe e sozinha, naquele momento, colocava Mãe Ciça na posição de mulher adulta, responsável e digna de confiança diante do olhar dos agentes da administração pública.

Em Camaçari, após adquirir o *lote*, construiu a casa *de taipa*. *Era tudo de taipa... E aí fui buscar minha filha. Minha filha chegou em Camaçari, minha filha tinha realmente quatro anos*. Neste processo, refez os fios que a ligava ao Candomblé,¹⁸⁷ deixou o trabalho

187 Ciça se iniciou no Candomblé em Salvador com o Babalorixá “Antônio Santos de Jesus – de Oxaguian – filho de santo de Iaiá de São Caetano. Aí sou neta dela e sou filha desses parentes todo aí do axé e não me arrependo não. Sou filha de Oiá – é Iansã”. As primeiras relações com o Candomblé foi na infância, em Periperi, na companhia da tia, devota da religião.

no *Polo* e passou a comercializar acarajé.¹⁸⁸ Em busca de novas oportunidades de trabalho, vendeu a casa em Camaçari e retornou a Salvador. Com o dinheiro adquirido na venda investiu na compra do *terreno* onde construiu a casa em que mora hoje. Nos primeiros meses de volta a cidade continuou vendendo acarajé *num ponto* em Plataforma. Depois, entretendo, como disse: “*larguei o acarajé e fui trabalhar em casa de uns amigos, ela enfermeira do Roberto Santos e ele do exercito, no Castelo Branco [bairro]. Cuidava da casa [onde trabalhava] e final de semana voltava pra casa [dela]*”, pois “*estava cansada do trabalho com comida*”. Durante este período conheceu seu atual companheiro, com quem teve sua segunda filha. Mãe Ciça têm seis netos (três mulheres e três homens) e duas bisnetas (filhas do neto mais velho de 22 dois anos de idade). Sua filha mais velha, com mais de 40 anos agora, fez uma trajetória semelhante à dela. Antes de completar vinte anos de idade, reatou contatos com o pai e sua *família de São Paulo* e aventurou a vida, no “mundo do trabalho” na capital paulista, deixando a filha sob os cuidados de Ciça. Em *São Paulo* as coisas não foram como ela esperava e, então, retornou a Salvador para trabalhar *com comida* e cuidar da filha; da mesma forma que sua mãe, se *confirmou*, anos depois, Ialorixá (filha de Iemanjá) e *assentou* seu terreiro no bairro de Alto de Santa Terezinha.

Mais adiante, numa área mais íngreme, no Planalto Real, em Plataforma, vivem Seu Camilo Fernandes e Dona Maria Nalzina, conhecida como Nalzina. Seu Camilo nasceu na localidade da Matinha, município de Feira de Santana, localizado entre os povoados de São José e Maria Quitéria. O pai, Francisco Fernando da Silva e a mãe, Nilsádia Ferreira da Silva, eram lavradores. Eles tiveram onde filhos, contando com Seu Camilo.¹⁸⁹ No início dos anos de 1950, ele mudou-se para Salvador para morar com a irmã mais velha, Francisca, que residia na capital baiana há alguns anos. No presente, reside com sua atual esposa, Dona Cecília, conhecida no bairro por Neném. Antes dela, teve seis casamentos e enviuvou três vezes; têm muitos filhos, netos e bisnetos. Além de Dona Cecília, vivem com ele André e Roberto, dois filhos desse casamento; e Regina, sua nora. A trajetória de trabalho foi em empresas da construção civil. Mantém vínculo com o seu lugar de origem,

188 Acarajé é bolinho produzido a base de feijão fradinho e frito no azeite de dendê.

189 Dos onze filhos, nove eram mulheres; três eram homens; porém, dos filhos homens apenas Seu Camilo chegou à fase adulta.

que atualiza nos passeios que faz para visitar sua única irmã viva e os sobrinhos; bem como, para cuidar da *terra*¹⁹⁰ que têm por lá.¹⁹¹

Dona Nalzina nasceu na localidade de Siriri, no Estado de Sergipe, entretanto, foi *criada* em Aracajú. Quando estava com quinze anos de idade sua mãe, Maria dos Santos, acompanhou seus três irmãos (marceneiros) – Francisco, José Carlos, ambos moram próximos a ela; e José Paulo, que mora no bairro do Jardim Cruzeiro, na *Cidade Baixa* –, que migraram para trabalhar na indústria em Salvador. Ela não quis acompanhá-los, pois já estava empregada em uma escola onde lecionava. Lá havia estudado e concluído a oitava série. Aos dezoito anos de idade, precisou deixar Aracajú e o trabalho para cuidar da mãe que havia adoecido em Salvador. Nesta época, toda a família foi morar no bairro da Liberdade e lá permaneceram por oito anos. Dona Nalzina recorda que na Liberdade o primeiro endereço deles foi na Rua Lima e Silva de onde mudaram para a Rua do Japão, em busca de um aluguel viável às condições da família. Naquele período, fez o curso médio de técnica de enfermagem e de laboratório, no colégio Anísio Teixeira, num convênio com a Universidade Federal da Bahia – UFBA. Concurso-se pelo INSS – Instituto Nacional de Seguridade Social, onde trabalhou por um curto período na sede em Salvador, quando pediu transferência para Santo Amaro da Purificação, permanecendo por dez anos, com o marido e a mãe. No final da década de 1980, retornou para Salvador e, junto com os irmãos, comprou o *terreno* em Plataforma para *trazer* a mãe de volta para próximo deles. Dona Nalzina é separada há mais de dez anos. Deste casamento teve três filhos: Luciene de trinta anos de idade, “*formada em administração*”; Leni, “*formada em curso profissionalizante de dança afro-contemporâneo*” – ela trabalha com Dona Nalzina; e Leonardo, de vinte e dois anos, que cursou até a oitava série e estava desempregado, à época.

Em Plataforma residem Seu Hélio e Dona Alice, Dona Julieta e Raimunda, todos moradores muito antigos aí. Hélio Sant'Ana nasceu no povoado da Barra do Paraguaçu, no município de Salinas da Margarida. Trabalhou em diferentes lugares e funções até ir para uma empresa de abastecimento e distribuição de mercadorias no Centro Industrial de Aratu

190 O termo *terra* é utilizado para indicar a uma pequena propriedade, o que em termos mais comuns se define como “sítio”. Entre outros migrantes entrevistados aparece o termo *fazenda* com o mesmo sentido. Verena Nogueira (2010) observa algo similar em sua pesquisa sobre o trajeto de migrantes do sertão da Bahia para a periferia da cidade de Campinas, em São Paulo.

191 Retomo a trajetória de Seu Camilo de forma mais detida nesta tese para narrar sobre as formas de “luta” pelo acesso e a posse da terra em Salvador, especialmente no *Subúrbio*.

– CIA, onde se aposentou. Desde que chegou a Salvador morou em diferentes bairros, inclusive após o casamento com Dona Alice. Dona Alice nasceu na mesma localidade e se mudou para Salvador, após o casamento com ele. Antes, porém, realizava regularmente visitas às irmãs e parentes que viviam na capital. Na *Barra* ajudava a mãe nos afazeres domésticos e na mariscagem. Na *cidade*, durante períodos de maior dificuldade, trabalhou como passadeira. Entretanto, a dedicação sempre foi no cuidado dos filhos.¹⁹²

Junto com os pais, Manuel Simplício de Souza e Maria Cassimina de Souza, Dona Julieta saiu do município de Mata de São João com destino a Salvador – na época com apenas um ano de idade. Além dela, seus pais tinham mais um casal de filhos. A família deslocou-se de imediato para Plataforma, onde o pai e a irmã mais velha iriam trabalhar na fábrica Fatbraz. Aí o tio, irmão do seu pai, já trabalhava na fábrica e havia conseguido trabalho para eles. Com a morte do tio, seus pais adotaram os três sobrinhos e a família aumentou. Anos depois, com a falência da Fatbraz, o pai, a irmã e o irmão que, na época, já trabalhava nela também, ficaram desempregados. Após recorrer à justiça, seu pai e a irmã conseguiram se aposentar por tempo de serviço. O irmão foi trabalhar numa indústria no bairro de Pirajá.

Dona Julieta mora na Rua *Mabaço de Cima*, na casa que herdou do pai. Aos dezoito anos começou a trabalhar como educadora na Paróquia, lecionando em cursos profissionalizantes – “*dava aula de datilografia, fazia curso de português e matemática*. É adventista, mas por *muito tempo congreguei na Igreja Católica*”. Em parceria com Antônia Garcia, Zelha e Marizé, criou uma das primeiras associações de mulheres pobres em Salvador. Hoje, Antônia Garcia é socióloga, formada pela Universidade Federal da Bahia; fez o mestrado em Geografia – pela mesma instituição – e o doutorado em urbanismo na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Filha de Paulo e Julieta, ela nasceu em Belém de Cachoeira, no município de Cachoeira. Quando seu pai faleceu ela ainda era criança, sendo, assim, criada apenas por sua mãe. A trajetória de Antônia é marcada pela inserção nos movimentos políticos de base católica, ainda em Cachoeira, onde começou a participar da Juventude Agrária Católica. Em 1971, ela mudou-se para Salvador e foi residir no bairro da

192 Retomo a trajetória deles dois por considerá-la bastante eloquente acerca das múltiplas formas de migração ocorridas entre outros municípios do Recôncavo e Salvador. A Partir de suas trajetórias reflito sobre a importância da rede familiar no apoio e na inserção na capital baiana de diferentes gerações de pessoas que saíram de Salinas da Margarida com destino a Salvador.

Fazenda Grande do Retiro. O curso de parteira feito através da Juventude Agraria, pode trabalhar como atendente de enfermagem no Hospital Santa Izabel. Neste período, ela começou a fazer um curso de auxiliar de enfermagem, porém não finalizou porque foi trabalhar no Centro de Estudos e Ação Social (CEAS). A participação nesta instituição marca o início de sua trajetória de inserção, trabalho e ação política na cidade.

É neste momento que Dona Julieta conhece Antônia e o trabalho em Plataforma com outras mulheres começa. Inicialmente, o objetivo dessas mulheres era construir uma rede e uma estrutura de apoio para outras mulheres do bairro que trabalhavam como lavadeiras, marisqueiras, biscateiras e empregadas domésticas e não dispunham de espaço para deixar os filhos. Daí nasceu a *creche comunitária* de Plataforma. Para tal, elas buscaram apoio para poder dispor de um espaço para construir a *creche*, conseguido através do Padre Gaspar, na rede da Igreja Católica, na época, muito forte e muito atuante, não só nesse bairro, mas em todo o *Subúrbio*. O trabalho cresceu, a *creche* se consolidou e outras demandas passaram a figurar em suas ações, conforme informou Dona Julieta. Então, em 1977, a associação destas mulheres transformou-se na Associação de Moradores de Plataforma – AMPLA –, incorporando a participação também de homens.

Dona Julieta é viúva há dezessete anos, teve *quatro casais de filhos*, como disse. Destes, quatro filhos residem com ela, três próximos, *em Plataforma mesmo*, e um deles em Mirantes de Periperi. Têm onze netos e quatro bisnetos pequenos. Apesar de ter morado um ano na *terra* do marido, no município de Ipirá, logo após o seu falecimento, considera que sempre morou em Plataforma. Hoje, além do trabalho que desenvolve na AMPLA, Dona Julieta presta serviço de formação educacional na ABRAS – Associação de Assistência Social; realiza cursos, palestras e oficinas em outras cidades. Sobre isto ressalta que: “*gosto muito de sair, pois me sinto bem, em movimento, mas fico preocupada com os filhos e os netos*”.

Dona Raimunda nasceu em Ilhéus, onde viveu até os seis anos de idade, quando mudou para Alagoinhas com a família, segundo ela, “*por causa de uma mudança na Rede Ferroviária, que os funcionários foram transferidos... E a gente vem nesse processo de transferência e fomos nos acomodar em Alagoinhas*”.¹⁹³ Ela passou a infância e a

193 Entrevista realizada em 18 de dezembro de 2010.

adolescência em Alagoinhas com seus onze irmãos, nascidos do casamento de seus pais: Antônio Lúcio Almeida de Oliveira, ferroviário, natural de Sergipe, e de Carolina Alves de Oliveira, dona de casa, natural de Feira de Santana. Seus irmãos: Rui Carlos, Gildásio, Jucelia, Noraildes, Miguel Arcanjo, Manuel Messias, Arivelton, Roque Jakson, Rúbia, Rita de Cássia e Célia trabalham em diferentes áreas: um em administração municipal, outro é autônomo e os demais trabalham no Polo, são petroquímicos, encanadores, *tornozeleiros*; costureira, domésticas e uma delas *pensionista*. Dona Raimunda concluiu o ensino médio em *técnica em nutrição dietética*, depois dos filhos adultos. Conforme relata Dona Raimunda, o contato com a educação formal em Salvador marcou profundamente os rumos de sua vida.

A infância e a adolescência em Alagoinhas foram de uma “*vida sacrificada*”, porém, “*alegre e tranquila, como é a vida no interior*”, definiu. A *vida profissional* começou em Camaçari, aos dezoito anos de idade. Lá trabalhava numa fábrica de azulejos, onde conheceu seu marido, de quem é separada há mais de dez anos. Após o nascimento de sua filha mais velha, Dona Raimunda deixou o trabalho para dedicar-se aos cuidados dela, hoje com aproximadamente trinta e cinco anos de idade.¹⁹⁴ O marido continuou trabalhando na fábrica de azulejos por mais algum tempo, quando conseguiu se empregar no Polo Petroquímico, na COBAFI – Companhia Bahiana de Fibras Matriz. Por sete anos, permaneceram morando em Camaçari. A mudança para Salvador foi impulsionada por um acidente com o segundo filho que quebrou a perna. Segundo recordou Raimunda, Camaçari não dispunha de *recursos* – assistência médica para o atendimento e cuidado da gravidade do caso –, na época, início dos anos 1980, e por isso precisou transferir o filho para o Hospital Jorge Valente, onde permaneceu internado quase um mês.

À época, Raimunda ficou hospedada na casa dos parentes do marido que moravam em Plataforma. Esta estadia na cidade fez com que resolvessem mudar definitivamente para a capital. Escolher morar no *Subúrbio* viabilizava de forma menos dispendiosa o deslocamento para o *Polo*, onde o marido trabalhava; ademais, podiam dispor da rede dos parentes que já viviam ali. Alugaram uma casa em Itacaranha; em seguida, foram morar em

194 Esta filha trabalha na Empresa Baiana de Saneamento Básico (EMBASA). Mora com os dois filhos na casa de Dona Raimunda. Além da filha mais velha, mora na “casa da família” com Dona Raimunda o filho caçula (na época, desempregado), junto com a esposa dele e os dois filhos deles. O outro filho mora em sua própria casa em Plataforma e trabalha na BRASKEM, no “Polo”.

Periperi, também de aluguel. Para ficar mais próximo dos parentes voltaram para Plataforma, porém ainda pagando aluguel. Após a aposentadoria do marido, resolveram investir os *recursos* na compra de uma casa em Plataforma: “*Saímos do aluguel... Porque tínhamos uma vida razoável, com a aposentadoria do meu marido, se não investisse numa casa própria, ia ficar sem casa e sem nada*”, enfatizou, ela. Registrou ainda que: “*era uma casinha e aos poucos fomos melhorando*”.

Há mais de trinta anos Dona Raimunda está em Salvador. Nos primeiros anos continuou dedicada ao cuidado da casa e dos filhos, mas “*fazia biscates, como empregada doméstica, para ajudar em casa*”; entretanto, chegou um momento que desejou voltar a trabalhar, conforme contou:

Dona Raimunda: *Depois de um certo tempo nesta vida de doméstica [no sentido do cuidado da sua casa e dos filhos] eu senti uma necessidade de voltar a trabalhar. Aí faltava os estudos de nível médio... A partir daí, fiz uma preparação com uma professora de Periperi para fazer o supletivo na Calçada... Há uns quinze anos. Em cinco meses tirei o primeiro grau... Depois parti para o ensino médio... Me matriculei no Manuel Novaes e fiz o primeiro ano de música, não queria, queria um técnico, profissionalizante e, então, mudei para o Luís Viana Filho, em Brotas, onde terminei o curso de técnica em nutrição dietética.*

Ao recordar do processo para retornar a escola, Dona Raimunda reflete sobre sua condição de mulher antes e depois do acesso a educação formal. “*Novos horizontes, neste processo de busca, percebi um sujeito de várias funções com vontade de fazer muitas coisas*”. Sobre o que reflete de forma enfatiza emocionada:

Porque cada vez que você começa a despertar uma visão maior de mundo até onde você mora, do seu próprio território, você começa a procurar mais. Aí fiquei numa agonia de querer saber mais... Eu não sabia que tinha tudo isso aqui (...), junto com o movimento em Defesa do Parque São Bartolomeu descobri toda essa maravilha do Parque São Bartolomeu, que até então eu não acreditava que tinha tudo isso na vida... O sentimento é que você estava dormindo para um sonho maior, e aí injetaram um antídoto do mal, só que esse foi no cérebro (...). Você tem duas pessoas: Raimunda antes e Raimunda depois (...). Uma Raimunda limitada... Agora é a Raimunda libertada. A Raimunda de hoje tem uma dimensão de pensamento, de atuação, de sensibilidade muito... Não que não fosse importante... Tô sempre, eu vou trazendo a Raimunda de lá, de antes pra tá juntando, mesclando.

De volta ao percurso, mais adiante residem no bairro do Rio Sena Carlos Alberto (Bimbau), Cecília Conceição, Pedro Gonçalves; em Alto da Santa Terezinha Miralva. Carlos Alberto, conhecido na cultura como Bimbau, nasceu no município de Rio Real, à época, pertencente

ao município de Esplanada, divisa com o Estado de Sergipe. Filho de Preciliano Alves de Almeida, natural de Salvador, e Josefa Rodrigues da Conceição, nascida no município de Acajutiba, no leste do Estado da Bahia. Ele chegou a Salvador com o pai, aos sete anos de idade, logo após a separação dos pais. Policial militar, o pai dele, em virtude do trabalho, voltou a residir em Salvador, no bairro do Engenho Velho de Brotas, onde permaneceram por onze anos. Mudou-se para o bairro do Cabula acompanhando ainda o pai que havia sido beneficiado com um apartamento por um dos Programas de Habitação do Estado, com recursos do BNH – Banco Nacional de Habitação, destinado aos funcionários públicos estaduais. Pouco tempo depois, com dezoito anos casou-se e foi residir no Rio Sena.

Bimbau começou a trabalhar criança, entregando jornais pelas ruas de Salvador. Depois passou a trabalhar na parte interna da redação do Jornal A Tarde. Concluiu o segundo grau científico e fez cursos profissionalizantes nas áreas de metalurgia, estrutura mecânica e mecânica de autos. Estes cursos possibilitaram que trabalhasse como encarregado de estrutura metálica na COPENE – Copene Petroquímica do Nordeste S/A –, no *Polo*. Administrou a empresa de alimentação que prestava serviço no *Ferry-Bot* durante mais de cinco anos. Hoje coordena o Centro Cultural “Arca de Olorum”, projeto que começou a desenvolver em 1984, no Alto da Terezinha. Em 1985, o trabalho foi transferido para o bairro do Rio Sena. Além das atividades no “Arca de Olorum”, Bimbau presta serviço para o governo do Estado como *operador social*, no Parque São Bartolomeu. Sua grande vontade é se aposentar como *operador de estrutura metálica*, o que requerer investir por mais dois anos na previdência social. Bimbau é capoeirista e nesta prática sua imagem correu mundo em fotos feitas por Pierre Verger. Ele é separado da primeira esposa, *do casal*, como definiu, com quem teve dois filhos. Além deles, Bimbau teve mais seis filhos com a companheira *da vivencia*.

Dona Cecília nasceu no município de Coração de Maria, uma das três filhas de José Santana e Maria Margarida, já falecidos. Mudou-se para Salvador com os pais, em 1953, na época tinha doze anos de idade e foram morar no bairro da Ribeira, como relata:

Ediane: E, antes de morar aqui, no Rio Sena, a senhora morou em quais bairros de Salvador?

Dona Cecília: *Só aqui mesmo, [saindo] da Ribeira eu vim embora para aqui.*

Ediane: Ribeira e aqui, só... Não é?

Dona Cecília: *É...*

Ediane: E aí, a senhora estava contando que... Tem quanto tempo que a senhora mora aqui?

Dona Cecília: *Ah! Quer dizer, meu pai chegou aqui nos anos sessenta e um... Aí, depois eu morei em Candeias... Perdão, eu esqueci que eu morei em Candeias... Casei e morei em Candeias... É... Minha filha. Lá em Candeias eu morei na base assim de uns oito... Seis... De uns seis anos, por aí, em Candeias... Porque meu marido era Petroleiro...*

Ediane: Então, a senhora, primeiro, saiu de Coração de Maria... Aí, foi para a Ribeira...

Dona Cecília: *Morei na Ribeira... Depois, meus pais moravam aqui eu vinha fim de semana... Depois, quando casei, aí fui pra Candeias... Meu esposo morava lá... Meu esposo trabalhava lá...*

Ediane: Aí, ficou seis anos em Candeias...

Dona Cecília: *É... Mais ou menos... Depois, voltei... Ai, estou meia perdida... E morei, quase que eu me esqueço, e morei no Largo do Tanque... Um pouco lá...*

Ediane: Com o marido?

Dona Cecília: *É... Também, é... Com meu esposo, lá, no Largo do Tanque.*¹⁹⁵

Dona Cecília teve um casal de filhos, têm duas netas formadas. Dona Cecília estudou até a oitava série do ensino fundamental e está aposentada. Foi costureira, cabeleireira e instrumentista de enfermagem – com o que trabalhou durante muitos anos em hospital. Atualmente, atua como “Ministra da Comunhão” da igreja, cargo que conquistou através da *luta* por melhoria de infraestrutura e acesso a serviços neste bairro. O encontro com a ação em *comunidade* marcou sua vida e as relações sociais que estabeleceu no bairro. A citação que segue indica bem isto:

Dona Cecília: *Depois de uns anos, quando a gente voltou pra aqui [Rio Sena], foi que eu comecei minha vida ativa, aqui, de comunidade... Eu já era católica, né? Sempre, mas, sempre foi atividade de olhar mais através de ver a carência... Aquilo, eu fui/naquele tempo tinha as CEB's, né? Eu ingressei na CEB's e, a CEB's eu fui sentindo essa/as CEB's fala muito da gente olhar para si e para os outros, não é? As CEB's... As comunidades de base, na base... É... Tinha mais ou menos uns vinte e dois, para vinte e três anos... Por aí, assim! Poucos tempos ele morreu [marido]. Ele era muito assim... Sabe!? Que o povo petroleiro, antigamente, né? Eram muito jogados... Muito, assim, a namoros.*

A ressalva feita por Dona Cecília em seu relato sobre a prática do *povo petroleiro* compartilhada por seu marido sinaliza para um modo de vida, um *ethos*, forjado na mobilidade geográfica e social que possibilitava (acredito que ainda possibilite) para os trabalhadores da Petrobrás constituir diferentes redes familiares nos locais onde trabalhavam. Tenho inúmeros registros etnográficos sobre conflitos, decepções amorosas e separações conjugais envolvendo estes trabalhadores e diferentes membros familiares,

195 Entrevista realizada em 08 de outubro de 2010.

coletados em diferentes lugares e oportunidades. Pesquisas que poderiam render importantes análises.

Pedro Gonçalves é filho de Lino Damásio de Souza, já falecido, e Tereza Gonçalves de Souza (95 anos). O pai era *administrador de fazendo* em Santo Amaro, na *fazenda Gameleira*. Lá Seu Lino tinha armazém, onde vendia cereais e *tudo mais*. A mãe era professora leiga, nascida em Teodoro Sampaio, na *fazenda Pedra*, distrito de Santo Amaro, na época. A *fazenda Pedra* pertencia ao avô materno, João Gonçalves. Seus pais tiveram, além dele, mais sete filhos. Seu Pedro nasceu na *fazenda da Pedra* e mudou-se para Salvador para morar no bairro do São Caetano, com dezesseis anos de idade, trazido pelo tio para trabalhar como estivador com ele no porto. Pouco tempo depois começou a trabalhar na polícia civil, como comissário, atividade que articulou, por trinta anos, com suas funções como estivador na Companhia dos Portos. No bairro do São Caetano comprou um *terreno* e construiu a casa e trouxe as duas irmãs: Edite e Acinésia,¹⁹⁶ e a mãe para Salvador. Foi nesse bairro que conheceu a sua esposa.

Em 1979, após o casamento, Pedro mudou-se para o Rio Sena onde havia comprado dois *lotes* e construído a casa. Nesta época, o Rio Sena era “*uma grande mata*” com muitas jaqueiras e mangueiras. Havia poucas casas e moradores; não dispunha de ruas abertas, infra-estrutura de saneamento básico e nem transporte. As pessoas desciam *na pista* (na avenida *Suburbana*) e se deslocavam andando até o *interior* do bairro. No Rio Sena nasceram suas duas filhas do casal, ambas com formação de nível superior em administração e contabilidade, atualmente. Já adulto, ele cursou o ensino médio em administração, além de fazer diferentes cursos técnicos na corporação da polícia civil e no SENAC. Divorciado, Seu Pedro vive entre os bairros de São Caetano e Rio Sena, nas duas casas que construiu na vida. Além dessas casas, ele tem uma *terra* no Litoral Norte no Estado e lá construiu uma casa para poder descansar e trabalhar na *roça*.

Miralva Nascimento, conhecida como Mira, nasceu no município de Castro Alves, filha de Maria de Lourdes Nascimento e Daniel Alves Conceição. O pai era ferroviário de *mar abaixo, Recôncavo*, em São Félix, de onde saiu para residir em Castro Alves. Lá, o pai conheceu sua mãe e se casaram. Quando a mãe faleceu, ela e os irmãos eram pequenos e a

196 Ela mudou-se depois para São Paulo, a trabalho, e aí constituiu família.

tia, que era considerava avó, ajudou a cuidar deles. Antes dela, o irmão mais velho, na época, com 12 anos de idade, saiu de casa e foi morar com uma família em Salvador que cuidou dele. O pai já havia casado com outra mulher que *não tinha maturidade para cuidar de criança*, pois era muito jovem. Dona Mira, mudou-se para a capital do Estado em 1981, onde residiam todos os três irmãos. Estudou o magistério no *interior* e em Salvador começou a fazer o curso superior de Pedagogia, porém não concluiu.

Sua trajetória na cidade foi marcada por muitos deslocamentos, pois não conseguia custear os gastos com aluguel. De início, Dona Mira morou no bairro de Sete de Abril “*com amigas numa casa de taipa*”. Esta casa desabou com uma forte chuva. Daí foi residir no bairro do Engenho Velho de Brotas, na casa de parentes. Lá conheceu o pai do seu primeiro filho e, então, passaram a “*viver junto*”. A violência vivenciada com o primeiro marido fez com que ela mudasse para o *Subúrbio*, quando ela já estava com vinte e sete anos. Aí conheceu seu atual companheiro com quem teve mais três filhos, que são, hoje: uma mulher de 20 anos de idade; dois rapazes, um de 17 anos e outro de 13 anos de idade. Porém, o relacionamento com o pai do seu primeiro filho marcou fundamentalmente a escolha quanto à forma de viver o relacionamento atual. Com o pai dos seus filhos mais novos, com quem (con)vive há 26 anos não compartilha a mesma moradia.

Após mudar para o *Subúrbio* continuou circulando entre casas de aluguel e uma *casa cedida* (um quarto e sala) por um dos seus irmãos e em ocupações do Movimento dos Sem-Teto da Bahia – MSTB. O envolvimento na *luta* a transformou numa *liderança*.¹⁹⁷ Atualmente é coordenadora de uma das *ocupações* do MSTB, em Salvador, localizada no bairro de Escada. Aí está pressionando junto com mais de 300 famílias o reconhecimento e a legalização da ocupação pelo Estado, além de um programa para a construção de habitações populares.¹⁹⁸ Mais a frente, **Imagens 06. Suburbana: passando por Itacaranha, Escada e Periperi.**

197 Tratarei mais adiante sobre esta noção tão importante entre alguns dos meus interlocutores. De início, vale mencionar que muitas são as perspectivas evocadas ao se apropriar e operar a noção. Para tal, dialogo com os trabalhos de AGIER (1998b); GUIMARÃES (1998); LOERA (2009); SOUZA (2012).

198 Voltarei a esta questão mais adiante na tese.



Fonte: Pesquisa de Campo, janeiro de 2011. Fotografias Produzidas pela a autora.

Na Imagem 06, em primeiro plano, vemos as placas que orientam por onde se deve seguir e qual acesso tomar para entrar nos bairros que se seguem; vemos pessoas e veículos circulando e muitas casas. Em seguida, ao fundo, vê-se a curva da enseada no bairro de Escada e trechos da parte alta do bairro de Periperi. Mais a frente, após passarmos por Escada, Itacaranha. Por fim, passando por Praia Grande, logo em frente é o bairro de Periperi. Em Escada reside Pedro Cardoso e em Praia Grande, João Dantas, conhecidos desde finais dos anos 1970, parceiros de trabalho e “militância política”.

Pedro Cardoso tem 49 anos de idade. Tem um filho e uma filha que moram com suas mães: Gabriel Pedro, de 16 anos; e, Juliana, que lhe deu um neto. É filho de Pedrina Cardoso Alves, natural de Palmeira dos Índios, Alagoas, falecida desde 1992; e José Tavares Macedo dos Santos, natural de Aracajú, Sergipe. Os pais eram camponeses, tinham uma *terra* nas margens do Rio São Francisco, onde viviam do plantio de arroz. Pedro, os dois irmãos (filhos *do casal*) – nascidos todos em Aracajú –, junto com os pais e mais uma irmã do primeiro casamento de sua mãe,¹⁹⁹ saíram da cidade de Aracajú para morar na cidade de Propriá, nas margens do Rio São Francisco. Foram para lá porque ficava próximo da *terra* que possuíam em Alagoas. De lá, segundo recordou, bastava apenas atravessar a ponte para a outra margem do Rio *que já estava em Alagoas*.

199 Além dos irmãos “do casal” e da irmã do primeiro casamento da mãe, em Salvador seus pais adotaram mais uma filha.

O processo que levou a família à *opção* em migrar para Salvador aparece no trecho que ponho em relevo a seguir:

Pedro: *Minha família foi camponesa. Morava na cidade, mas a vida econômica era de camponês, porque tinha roça, vivíamos da roça. Enfim, nós éramos plantadores de arroz. Com esse processo de desenvolvimento da indústria, da agroindústria, nós praticamente fomos expulsos da roça. Nesse interim, meu pai arranhou um emprego na Rede Ferroviária Federal, como pião, mesmo. E a gente não tendo outra alternativa teve que sair, aproveitando o momento em que a Rede Ferroviária tava transferindo um conjunto de trabalhadores aqui pra Bahia. A gente aproveitou, já pressionada pela indústria. Só pra você tê uma ideia: ao lado do nosso terreno tinha uma indústria, do outro lado outra indústria. Quer dizer: a gente era pressionada a todo instante para vender o terreno, e não tinha condições de disputar o preço pelos insumos, as condições de produção... Não tinha condições de competir. A tendência foi cair a renda familiar. Enfim, veio a precarização das condições socioeconômicas da família, a gente não teve outra alternativa, teve que migrar aqui pra Salvador.*

Ediane: vendeu o terreno!?

Pedro: *Aí teve que vender o terreno por preço de banana, lá. Enfim, aproveitando o ensejo também que existia uma movimentação da Rede Ferroviária de deslocar trabalhadores pra cá, a gente disse: 'Vamos também!'. Era opcional, mas a gente teve que... Foi uma opção quase que obrigatória, à medida que as condições de existência nossa lá tava cada vez mais precária.²⁰⁰*

Não dispondo de *outra alternativa* Pedro e sua família migraram para Salvador, em 1974. Nesta época, ele tinha 13 anos de idade. Eles foram morar em uma das casas da Rede Ferroviária, no bairro de Periperi. No ano seguinte, em 1975, o pai foi transferido para a Estação de Mapele,²⁰¹ no município de Simões Filho, “*lá tinha casa disponível para o trabalhador da Ferrovia*”. Retornaram a Periperi para morar na mesma rua de antes. Pedro recordou que pai começou a trabalhar na Ferrovia como *servente* para colocar os trilhos; porém, apesar de “*só ter estudado até o terceiro ano primário, sua inteligência linguística desenvolvida*” e a *boa caligrafia* lhe possibilitou construir uma carreira e se aposentar na Rede Ferroviária como responsável de controle dos balcões de carga, “*porque antigamente era tudo manuscrito*”. Os primeiros anos na cidade não foram fáceis, principalmente para sua mãe, conforme recordou Pedro: “*ela ficou muito afetada psicologicamente, com a distância de sua vida na roça*”. O período em Mapele fez com que ela pudesse se reaproximar da vida na *terra*. Então, quando houve possibilidade, os

200 Entrevista concedida em 24 de fevereiro de 2011.

201 “A estação de Mapele foi criada em 1860 na E. F. Bahia ao São Francisco”. Esta estação está situada no fundo da Baía de Aratu, uma pequena baía que está na parte mais norte da Baía de Todos os Santos, localizada no município de Simões Filho. Ver site: http://www.estacoesferroviarias.com.br/ba_monte%20azul/mapele.htm, acessado em 23 de outubro de 2013.

pais dele compraram um terreno em Mapele. Morar em Periperi viabilizava que sua mãe pudesse ir todos os dias para trabalhar na *roça* e com o que produzia complementar a despensa e a renda da casa.

Aos dezessete anos, Pedro participava do grupo de jovens da Igreja Católica no bairro. Ele tocava piano e coordenava o coral da paróquia. Além das apresentações feitas durante as missas, trabalhava em festas de casamento. Com o dinheiro recebido pode *bancar* os estudos no CEFET/BA – Centro Federal de Educação Tecnológica da Bahia –, atual Instituto Superior de Tecnologia da Bahia (IFBA), onde cursou eletrotécnica. No ensino superior, começou uma formação em música, por causa do conhecimento e da prática que tinha. Porém, durante o curso percebeu que não era esta a profissão que queria seguir. Não concluindo o curso de música ele voltou a universidade para fazer Matemática, no que se formou em bacharel. Sua prática como músico, o levou ao sindicato dos músicos e abriu outras redes de atuação social na sua vida. Até então, sua ligação passava pela Igreja Católica, em especial pela linha da Teologia da Libertação, onde foi *forjado, no bom sentido*. Pedro é professor de matemática, trabalha com a elaboração de projetos elétricos e atuou como assessor parlamentar. Entretanto, considera que sua vida é a *militância*. Hoje é um dos representantes do MSTB – Movimento dos Sem Teto da Bahia. Considera que sua vida foi pela busca da transformação social e por ela participou e ajudou a constituir várias organizações populares no Subúrbio Ferroviário.

João Dantas nasceu na cidade de Santos, em São Paulo. Filho de João Avelino Dantas e Corina Maria Correia. O pai era paraibano, filho e neto de portugueses que trabalhou na Companhia das docas de Santos; e a mãe pernambucana. Eles se conheceram e se casaram lá. Tiveram dois filhos e depois se separaram. A mãe casou-se novamente e ele foi residir com ela e o padrasto na periferia da zona leste paulistana, onde cresceu. João Paulista, como ficou conhecido entre os amigos e colegas de trabalho em Salvador. Os familiares do padrasto eram baianos que haviam migrado para a capital paulista em busca de oportunidades de trabalho. Após um tempo e sem muito sucesso, eles retornaram para Salvador. Nesta época, com vinte e três anos de idade, estava envolvido com o movimento sindical e resolveu visitá-los e acabou radicando moradia. Junto com o amigo, Djalma, com quem havia viajado, João buscou o Centro de Estudos e Ação Social - CEAS. Desse contato, eles foram indicados a procurar Jacques Wagner e Bete Wagner, os quais moravam

em Itacaranha, no *Subúrbio*, e já tinham ligações com o movimento sindical nascente na Bahia. João Dantas reside no bairro de Praia Grande, desde 1979, ano em que conheceu Vera, sua companheira, com quem tem dez filhos, uma filha *do casal* e nove do casamento anterior dela. Ele estudou até concluir o primeiro grau, porém fez diversos cursos profissionalizantes na área de metalurgia. Em sua trajetória profissional, João trabalhou como metalúrgico, bancário e petroquímico – na COPENE.

Entre os entrevistados residem atualmente em Periperi: Aluísio, Antônio Oliveira (Padre Oliveira), Mariana Oliveira,²⁰² Olganita e José Willian.

Aluísio, conhecido como Cabeção, nasceu no ano de 1943, em São Bento de Inhapá, distrito do município de Santo Amaro, na época – atualmente pertencente ao município de Amélia Rodrigues. Ele é um dos cinco filhos de Possidônio Alves de Azevedo Filho e Juventina Silva, ambos falecidos. O pai era operário de usina de açúcar, trabalhava numa *fazenda* em Inhapá. Sua mãe era doméstica. Em 1954, o irmão mais velho se empregou na Fábrica de Cimento Aratu, então trouxe todos os irmãos, inclusive ele, que na época tinha 14 anos de idade, e os pais que já estavam aposentados. Sobre este momento recordou que:

Seu Aluísio: *Periperi não tinha nada! Aquilo ali era uma roça praticamente. Era fazenda. Hoje, até hoje não foi desmembrada, ainda continua sendo fazenda Periperi. Que ela fazia uma fronteira Periperi com Itapuã. Tudo era de uma única família. Que é a maior Fazenda aqui de Salvador. Depois foi se desenvolvendo, que o meio de transporte só era o trem... Depois surgiu uma estrada que nós chamamos lá de Estrada Velha, que sai na Valeria e pegava a BR pra vim aqui pelo Centro (...). A feira era na praia, depois passou pra ali onde é hoje Suburbana, no início ali. Dali da Suburbana que passou pro Centro, próximo do mercado Todo Dia... Água não tinha. Nós pegava no jegue [sic], numa fonte chamada Mané Paulo. O que ouve com o desenvolvimento? Essa fonte infelizmente acabou. Luz tinha, mas era precária.*²⁰³

Seu Aluísio trabalhou parte da vida no DERBA [Departamento de Estradas e Rodagens da Bahia] com terraplanagem, o que lhe possibilitou viajar por todo o Estado da Bahia, como fez questão de enfatizar. Enquanto trabalhou no DERBA passou dezesseis anos fora de Salvador, circulando por diferentes cidades do Estado, onde *ficava até o final da obra*. Durante as férias prestava serviço a empresas particulares e com isto conheceu

202 O Padre Oliveira e Mariana são irmãos. Eles moram na mesma residência.

203 Entrevista realizada em 23 de setembro de 2010.

idades nos Estados de Pernambuco, Minas Gerais, São Paulo e Rio Janeiro. Durante o trabalho no município de Juazeiro conheceu sua esposa, com quem teve quatro filhos, três mulheres e um homem. O mais velho em Juazeiro, dois em Brumado e o último em Jequié. Atualmente, toda a família reside em Periperi, no *prédio da família*, uma edificação de dois andares, construído com a finalidade de abrigar todos os membros da família. As filhas dedicaram-se aos estudos (concluíram o ensino médio) e ao casamento. O filho, por outro lado, continuou os estudos até concluir o ensino superior em Administração e vive sozinho, após a separação. Aluísio é aposentado, mas como disse: “*não consigo ficar muito tempo parado*” e, por isto, resolveu voltar à ativa, envolvendo-se no *movimento* dos aposentados e aos estudos – concluiu o ensino médio, o que era um sonho).

Antônio Oliveira, Padre Oliveira, é conhecido por diferentes pessoas em todo o *Subúrbio* e outras regiões de Salvador, nasceu no município de Tucano e reside em Salvador, desde 1970, quando migrou para estudar Teologia e Filosofia. Sua vocação para Padre foi construída por seu pai, que “*era muito católico e ele pensava muito em ter um filho padre né, só que ele ficava de olho em mim ele achava que eu que seria o ideal para ser padre*”. Então, aos 12 anos de idade, o pai o levou para o seminário dos capuchinhos, porém as exigências eram muitas e ele desistiu.

O Padre Oliveira é um dos nove filhos (cinco homens e quatro mulheres) que sobreviveu, dentre os doze nascidos do casamento de seus pais: José Presídio de Oliveira e Francina Rodrigues de Oliveira, lavradores. Porém, o pai

era lavrador durante, por exemplo, maio, junho e julho e o resto do ano ele era, era pedreiro (...). Então trabalhava misturando as duas profissões, tinha uma roça e durante o inverno ele tava na cidade e depois, quando faltava trabalho, ele viajava pra cidades vizinhas pra trabalhar.

Sua mãe, Francina,

era mais da roça e dos trabalhos de casa, éééé, também a gente tinha uma barraca. A família tinha uma barraca na feira e vendia doces, vendia, vendia ou às vezes quando tinha muitas frutas ou então, algumas coisas, por exemplo, ligado a roça, trabalho da roça ou podia, que não era consumido em casa ou também não era doado, porque muita coisa que se produzia não tinha muito valor assim, de mercado como o pessoal diz hoje, né? Era pro consumo mais, mas tinha coisa assim, por exemplo, no interior, por exemplo, a gente tinha abobora, tinha melancia, mais ninguém valorizava pra, comprar isso, às vezes até o feijão mesmo, feijão de corda o pessoal não comprava muito essas coisas. Então, era assim, às vezes, quando no mercado faltava é que se comprava, mas, por exemplo, tempo de inverno muitas coisas, por exemplo, no mercado tinha de sobra, então o que se fazia era doar [risos].

A infância dele *foi ligada ao estudo*. Estudou na cidade, na escola pública durante cinco anos, depois fez “*o ginásio na escola particular, o ginásio pedagógico numa escola particular. Então, a vida da gente foi um pouco ligada a roça, e meu pai também iniciou a gente no trabalho de pedreiro, ele era pedreiro, era um pouco marceneiro e aí ensinou, é iniciou a gente nesse trabalho*”. Iniciar os filhos no ofício de pedreiro era uma forma de garantir que, caso não pudessem estudar e ter outra profissão, eles tivessem uma forma de sobrevivência. Sobre isso o Padre Oliveira recorda:

Ele me deu algumas aulas, por exemplo, pra assentar piso, pra assentar azulejo, pra suspender parede. Ele ensinou a gente nesse trabalho dele que ele era pedreiro e tudo, quer dizer: ele quis ensinar a todos os filhos a profissão dele né, porque no fundo ele tinha razão, porque se o pessoal não conseguisse estudar, porque naquela época, estudar era também mais difícil do que hoje, né. Também porque no interior não tinha colégio, colégios públicos, então para você estudar tinha que vir para Feira de Santana ou uma cidade maior ou Salvador.

Depois de um tempo sem estudar, ele conseguiu entrar num seminário e após mais de oito anos de estudo, resolveu fazer o vestibular em Salvador. Ao chegar a Salvador, o Padre Oliveira foi residir no bairro da Federação para estudar no Instituto de Teologia de Salvador, atual Universidade Católica, com vinte e três anos de idade. Na época, *o único lugar que tinha instituto de Teologia e Filosofia*. Para custear os estudos na capital, procurou Dom Avelar que era o Bispo, para quem entregou uma carta de recomendação do Padre que havia lhe orientando no seminário de Tucano. Os anos de formação na Universidade foram marcados pela *luta* contra a ditadura militar e por causa disto foi acusado de comunista, do que lembrou. Em 1976, mudou-se para o Subúrbio Ferroviário para realizar o estágio fora da Igreja, na paróquia de Plataforma, a qual agregava o Alto da Terezinha, Alto do Cruzeiro, Escada, Itacaranha, São João, Bariri e Ilha Amarela. “*Então a gente circulava todo o bairro agora o mais difícil era circular ali, principalmente de noite, por que várias não eram iluminadas, era escuro. Então era um pouquinho difícil circular. Agora de dia era melhor*, em seu termos. A este momento atribui a sua *abertura e dialogo com outras religiões*”, pois foi quando estabeleceu seus primeiros contatos muitos terreiros de Candomblé, conforme relatou:

Na área que eu ia atuar tinha seis terreiros de candomblé e não tinha uma capela, então eu só ia pra terreiro de Candomblé... (risos) Não tinha capela, então de noite eu, às vezes, via o Candomblé bater e ia lá ver como é (...). Eu ia com algumas pessoas que moravam no bairro... Vamos ver essa festa do Orixá.

Outros três jovens seminaristas, além dele, foram fazer estágio em Plataforma no referido período, mas só ele permaneceu. O Padre Oliveira pós em relevo o trabalho realizado pelo Padre Gaspar.²⁰⁴

Padro Oliveira: *Naquela época, a gente pegava dois ônibus para chegar aí. Ainda hoje da Federação [do bairro] não tem ônibus direto pra lá não. Aí era um pouquinho a gente gastava um tempo pra chegar e depois naquela época não tinha na hora da gente voltar se ficava muito tarde não tinha ônibus pra gente voltar não*

A única empresa de transporte que prestava o serviço na área era a Ypiranga. Dois anos depois, já ordenado, em 1978, ele mudou-se para Periperi, onde vive até hoje. Em Periperi o trabalho ligado aos *movimentos populares* se consolidou. Para efeito, a *luta* contra a ação dos grupos de justiceiros que matavam para se apropriarem dos *terrenos* ocupados pelas pessoas, no processo da invasão da Nova Constituinte. Estes grupos de justiceiros queimavam barracos, linchavam pessoas e matavam outras. Sua ação foi intensa na Nova Constituinte, assim como aconteceu no Vale do Paraguari, outra *invasão* que durante mais de duas décadas os moradores ocuparam as ruas do *Subúrbio* e do centro da cidade, reivindicando melhorias de infraestrutura e pavimentação nas áreas ocupadas às margens e sob as águas do Rio Paraguari.

Nestes processos de reivindicações, o envolvimento e a participação das mulheres sempre apresentaram particularidades em relação à dos homens na constituição de estratégias. Por exemplo, a ocupação de áreas públicas e instituições governamentais acompanhadas dos filhos e netos e a formação de uma rede de apoio entre elas para garantir o cuidado e a educação das crianças. Ao refletir sobre estes aspectos, identifiquei a afirmação de que a participação mais efetiva das mulheres se devia à maior disponibilidade e flexibilidade na organização dos tempos na execução das atividades de trabalho em

204 O Padre Gaspar aparece na narrativa de diferentes pessoas com as quais tive contato nos anos de trabalho no Subúrbio. Missionário Suíço, chegou a Salvador para trabalhar Paróquia de Plataforma e se confirmou Padre. Ele é um importante ponto na forte rede de atuação social e política “popular” que a Igreja Católica consolidou neste território.

oposição aos homens, que estavam envolvidos em atividades de trabalho dentro ou fora dos bairros num sistema de horas fixas. Estes *movimentos* configuravam (configuram) cenários de muitas disputas entre orientações e grupos políticos. De certa maneira, no contexto analisado, estas disputas foram decisivas na afirmação da necessidade da criação de associações de moradores fortes em diferentes bairros do *Subúrbio*. As *escolas e creches comunitárias*, vinculadas à Igreja e às associações de moradores, foram extremamente importantes na organização e na autonomia de inúmeras mulheres e, evidentemente, para o cuidado e a formação das crianças.

Mariana Oliveira é irmã do Padre Oliveira e, como ele, nasceu em Tucano. Na sede do município estudou até a quinta série do primeiro grau e indo depois trabalhar como *zeladora* em uma escola. Em 1973, com 30 anos de idade, chegou a Salvador para trabalhar na mesma função de *zeladora*, agora na casa paroquial de Plataforma.

Dona Marina: *Fui também estudar, fazer o supletivo do primeiro grau, aí conclui o supletivo, aí depois fui fazer o segundo grau. Vim, inclusive, estudar aqui em Periperi, no Colégio Comercial (...). Então, eu aí, conclui três anos, estudei três anos de magistério e me formei professora primaria. Aí Durante o meu trabalho, eu fui trabalhar na Pastoral, junto a Pastoral era na educação, que era com as crianças carentes... Mais nesta área de pré-escolar, a gente tinha várias salas, vários grupos aqui na Suburbana, principalmente aí nesta área aí em cima de Terezinha, Rio Sena, Alto do Cruzeiro, né. Esta parte daí..., da Suburbana, agente trabalhava em escola comunitária. E agente trabalhava com saúde, com as mulheres... Isso em oitenta, em 1980.*

Dona Mariana construiu a sua vida em Salvador ligada à ação social na *comunidade*, trabalhando na casa paroquial com o Padre Gaspar. Mas, na década de 1980, foi que começou a trabalhar com educação, coordenando as *escolas comunitárias* desta parte do *Subúrbio*. Em 2006, mudou-se para Periperi, onde reside com o irmão e continua o trabalho de acompanhamento a saúde através da produção e distribuição de medicamentos naturais, num projeto realizado pelo Mosteiro de Jesus.

Olganita nasceu no município de Gandu, no Sul do Estado, filha de Florentino Alves da Silva (77) e Lolita Josita da Silva (70). Eles moravam em *fazenda, Braço do Morte 1, eram lavradores*. Migou para Salvador criança, em 1965, com os pais e o irmão, Rutinaldo.²⁰⁵ Os pais queriam *melhorar de vida, mudar de vida*. Em Salvador, o pai passou

205 Ele hoje é pastor de uma congregação evangélica.

a trabalhar como pedreiro, *ele era consultor do Centro Industrial de Aratu. Meu pai trabalhou nas escavações para a construção das indústrias, trabalhou ali... Lá ele se acidentou, quase morreu... Até hoje ele tem chumbo no corpo.* Nesta época, a família foi morar no Jardim Cruzeiro, nas palafitas (nas imediações dos Alagados); depois, morou de aluguel no bairro de Coutos, em três casas diferentes. Em 1970, foi residir em Alto de Coutos, na Bela Vista, onde moraram de aluguel também, até que o pai comprou o *terreno*, onde construíram a casa onde reside hoje.

Olganita: *Aqui tinha muito mato e nós, muito calmo, tirávamos frutos, brincava por dentro do mato, abria uma trilha no mato, por aí em cima tudo, quando menino, meninas e não tinha maldade que existia hoje em dia, né!? Infelizmente, existe. Então, não tinha água potável, nós pegávamos é água aqui na fonte que é uma cisterna, fonte, tinha lugar que era buraco mesmo, é de barro mesmo, buraco. A gente tem que pegar água pra beber, pra cozinhar, pra tudo. Na época de seca era terrível porque (...) a gente pegava água lá na Estrada Velha, chamada Estrada Velha de Periperi, que é a BA noventa e oito... Aonde tem o Hospital, agora, do Subúrbio. Nós ia pegar água lá, num lugar (...) que tinha uma bica, que se chamava a bica de Mané Paulo.²⁰⁶*

As lembranças destas fontes de água para onde se dirigiam muitas pessoas e famílias em diferentes pontos do *Subúrbio* constitui uma memória recorrente entre as trajetórias das experiências dos migrantes analisadas (voltarei a este tema mais adiante). Elas configuram o que classifiquei neste trabalho como “lugares de memória”. Eram nas fontes onde muitas pessoas iniciaram e expandiam suas redes de vizinhança e amizade em diferentes bairros deste território. Para muitas pessoas, o trabalho pesado de *buscar água* em locais, muitas vezes, distantes e carregá-la até a casa significou para algumas pessoas um impulso para se envolver na *luta* por acesso aos serviços básicos. Olganita se recorda das filas imensas que precisava pegar para ter acesso a algumas latas de água. Eram nestas fontes que muitas mulheres iam lavar as roupas da família e, outras, também, para lavar a *roupa de ganho*.

Olganita é costureira, ofício que aprendeu com mãe com apenas dez anos de idade. Já adulta, formou-se em Pedagogia (um sonho realizado). Parou de estudar muito cedo, com quinze anos de idade, quando *constituiu família*. Hoje trabalha com uma das irmãs (nascida em Salvador) numa *escola comunitária* fundada por ela no bairro. É casada com

206 Entrevista realizada em 25 de fevereiro de 2011.

José (pedreiro), com quem teve quatro filhos: Cássia, Daniel (falecido), Isack e Eliel; têm três netos. Ao falar dos filhos, evidencia o orgulho que sente por eles terem estudado e por tê-la inspirado e incentivado a voltar a estudar.

José Willian Justa nasceu no Ceará, em 1964. Filho de Afonso Justa Uchôa e Maria Zuleide Tavares Justa. Seus avôs eram agricultores que viram que alguns dos dezesseis filhos se *espalhavam* por São Paulo e Salvador, nos anos 1970, fugindo da seca. Foi neste fluxo que seus pais seguiram para a capital baiana, mobilizados pelo sonho de novas oportunidades. Willian chegou a Salvador com oito anos de idade com eles e o irmão mais velho. Suas outras irmãs nasceram na capital baiana. Aí, seu pai foi trabalhar numa empresa de prestação de serviço para a Petrobras. A mãe era professora e trabalhou nas escolinhas na região do bairro da San Martim, da Fazenda Grande, onde foram residir ao chegarem à cidade. Foi lá que Willian conheceu as *lutas* na igreja. Em 1980, os pais resolveram retornar para o Ceará, quando ele estava com 14 anos de idade. Entretanto, ele não quis acompanhá-los e ficou em Salvador com os tios e, posteriormente passou a residir com o Padre Sérgio Merlini, como descreve:

Saí do Alto do Peru, ali na região do Largo do Tanque, entre o Largo do Tanque e a Fazenda Grande, onde meus pais residiram, e depois que voltaram ao Ceará, ainda residi com um Padre lá, no Alto do Peru, Padre Sérgio Merllini, um tempo, até vir fixar residência por aqui, em Periperi.

Circulou entre os bairros do Alto do Peru, no Pau da Lima, Coutos e, depois voltou para o Alto do Peru. Em 1980, após estes percursos, Willian foi morar em Periperi, numa *comunidade de seminaristas* – cedida pela paróquia do Padre de Oliveira –, numa casa na *invasão* do Barreiro. Mudaram-se depois para uma casa melhor em Coutos, época em que se juntou ao grupo formado por ele, Damázio e Paulo Sérgio, mais três pessoas: Trindade, Jesuíta e Maria, constituindo a *Comunidade, Fraternidade Zumbi*. Trindade trabalhava na *pastoral da mulher marginalizada*, acompanhando prostitutas, no bairro da Barroquinha; Jesuíta, tinha ligação com o *movimento negro* – o MNU – Movimento Negro Unificado; e, por fim, juntou-se a eles Dona Maria, uma senhora, que não tinha onde morar e foi para lá a pedido do Padre Oliveira. Damázio se desligou definitivamente do seminário e passou a viver da criação de galinhas e produção pão integral; Jesuíta aproximou-se das experiências

como o *povo de terreiro* (de Candomblé) e *fez santo*²⁰⁷ e se ligou ao *movimento de terreiro*²⁰⁸; Paulo Sérgio construiu uma carreira política, foi candidato a vereador e a deputado junto ao Partido dos Trabalhadores (PT) e agora está vinculado ao PSOL – Partido Socialismo e Liberdade; Trindade se aposentou e Dona Maria morreu. Tudo isso, conforme as recordações de Willian, em relação aos seus parceiros de moradia naqueles tempos iniciais morando no *Subúrbio*.

Sua trajetória foi, assim, fortemente marcada pela Igreja Católica, como outras que observamos, especialmente pelas Comunidades Eclesiais de Bases (CEB's). Fez formação em Teologia e por mais de dez anos trabalhou como assessor regional Bahia/Sergipe das CEB's. Desde 2002, está licenciado de diácono e atua na CEBI – Centro de Estudos Bíblicos, pois o considera mais ecumênico. Entre 1980-1992, esteve próximo ao *movimento de juventude PJMP* – Pastoral de Juventude do Movimento Popular –, que surgiu ligado ao PT, em Juazeiro da Bahia. Ao falar desta proximidade do sertão, através do trabalho em Juazeiro e a região, Willian se lembrou do seu avô, que segundo definiu era: “*completamente índio, rústico, no seu estilo, acaboclado*”, para explicar suas escolhas e o gosto pela *vida simples*. *Recorda então que sua família de origem sempre teve uma religiosidade muito forte – ligada ao franciscanismo – e que foi catequizado na fé cristã*. Foi ordenado ao ministerial, como disse: “*sempre estive católico a vida toda, mas tenho uma postura, aprendi no ecumenismo, do diálogo religioso, do diálogo inter-religioso*”.

Sua trajetória profissional também está marcada pela rede da Igreja. Desde muito cedo *vivia só para a Igreja*, registrou Willian. Foi agente liberado para os movimentos eclesiais na ACO – Ação Católica Operária e participava do quadro de escritores (publicou dois livros). Em 2000, foi dar aula no Colégio Antônio Vieira, onde lecionava Filosofia e Antropologia. Depois, passou a trabalhar no Colégio dos Maristas – lecionando, durante um ano Filosofia e Estudos religiosos. Em 2009 e 2010, ele estava lecionando no Colégio Salesiano. Afastou-se para fazer uma pós-graduação sobre “Deus na cultura popular, na poesia de Patativa de Assaí”. Em 2000, foi ao Ceará para conhecer o poeta e pode conversar com ele antes da morte. Fez mestrado sobre Teologia e Educação de Crianças e Jovens, na

207 Iniciou-se na religião.

208 Movimento de terreiros e outras organizações de “matriz africana” que combatem o racismo e a intolerância religiosa.

Universidade de São Leopoldo, na Faculdade Luterana, no Rio Grande do Sul. Hoje é professor do ITEBA - Instituto de Teologia da Bahia e coordenador pedagógico do Instituto Sofia, onde há cursos profissionalizantes para crianças e jovens. Willian é casado, tem um casal de filhos. O menino tem quinze anos, de quem compartilha com a ex-esposa, Elza, a guarda; com a segunda esposa tem uma filha de cinco anos de idade, Mel.

Periperi é o bairro de maior concentração e diversificação de serviços do Subúrbio Ferroviário, ainda hoje, dispondo, ainda hoje, de um comércio de maior porte (supermercados, lojas de vestuário, feira, etc), agência bancária, clínicas, delegacia, escolas de 2º grau da rede pública e particular, agência dos correios, do SAC – Serviço de Atendimento ao Cidadão –, dentre outros. Desta maneira, Periperi assume um lugar de centro econômico e de serviços para os moradores de todo o Subúrbio Ferroviário, seguido pelos bairros de Paripe e Plataforma, respectivamente.

Após cinco minutos de deslocamento, chegamos ao bairro de Coutos e, por fim, a Paripe.

Imagem 07. Atravessando a Suburbana: chegada em Paripe.



Fonte: Pesquisa de Campo, janeiro de 2011. Fotografia Produzida pela a autora.

Lá reside Fernando, Altino e Severina. Seu Fernando nasceu em Amélia Rodrigues. Seus pais, Antônio Dias de Oliveira e Guilhermina Ferreira de Oliveira “*nasceram lá, cresceram lá e morreu em Salvador*”. Eles eram agricultores, tinha uma *terra lá*. Além dele, seus pais tiveram mais três filhos. Fernando mudou-se para Salvador antes dos pais “*pra servir, pra servir na marinha*”, onde permaneceu por vinte e sete meses. A família migrou, neste período, para a capital baiana por causa do trabalho do pai no Departamento de Estradas e Rodagens da Bahia – DERBA. Nesta época, os pais e os outros irmãos foram morar no bairro de Valéria, nas proximidades de Coutos e Paripe. Após o fim do serviço no quartel da marinha no bairro de Amaralina, ele foi residir com os pais. Começou a trabalhar no Frigorífero São Francisco e depois numa empresa de transporte – onde permaneceu por dezessete anos. Neste período, comprou dois *lotes* em Paripe, preparativo para o casamento. Sua esposa, como disse: “*é filha de Nazaré*”, mas a conheceu na fábrica em que ela trabalhava no bairro em Pirajá. Esta fábrica era a fornecedora de material para a empresa de transporte onde ele trabalhava. Após os dezessete anos de trabalho no setor de transportes, Seu Fernando resolveu comprar uma caçamba e com os serviços que prestava como autônomo pode melhorar sua casa. Têm três filhos, dois formados: um em História e outro em Desenho Industrial; o outro parou os estudos para trabalhar, o que, na avaliação do pai, foi uma *perda de tempo*.

Altino Arantes nasceu em Paraguaçu Paulista, São Paulo, conforme relatou, “*mas me criei aqui no Estado da Bahia*”.

Seu Altino: *Eu vim pequeno, né. Minha mãe largou meu pai. Ela foi migrante daqui pra lá. Não é! Casou com esse, esse italiano que é meu pai [Virgílio Arantes]. Aí no primeiro ano logo, não deram certo e veio embora grávida de minha irmã e eu fique aqui e ele ficou lá em desespero e querendo que ela voltasse e ela se escondeu nas fazenda daqui e não voltou mais [sic]. E ela morreu com oitenta e quatro anos.*

Sua trajetória foi marcada por perambulações ou como definiu: *ficava nesse triangulo, rodando*, entre Alagoinhas, Canavieiras Salvador, na infância e juventude; adulto alargou seus horizontes, circulando por São Paulo, Ilhéus, Camacan, Aramari.²⁰⁹ Foi criado *rodando*, pois a mãe, Maria seguiu para Canavieiras, no extremo sul do Estado da Bahia,

209 Município do Estado da Bahia. A população estimada em 2013 era de 11.157 habitantes. Possui importante oficina de manutenção da Viação Férrea Federal da Leste Brasileira. Conferir http://www.estacoesferroviarias.com.br/ba_paulistana/aramari.htm. Acesso em 29 de outubro de 2013.

onde trabalhava numa *fazenda*. Ele recorda que para chegar lá *pegava barco, carro de boi, trem*. Maria, da mesma forma, viveu rodando. Em Canavieiras trabalhou como parteira e por isso, conforme lembrou Seu Altino:

Ela tinha muita afilhada, gostava de fazer caridade, religiosa demais, e só se dedicou a criar os filhos dos outros. Tinha uns duzentos netos ou mais do que isso, lá no interior, era parteira. Então, todo mundo que nascia era ela que batizava, então, então ela ficou lá nessa vida de fazer caridade lá e trabalhar com os fazendeiros, com o pessoal lá de roça. Ficou nessa vida e depois veio pra aqui pra casa de minha irmã cuidar dos netos e tudo e dez anos atrás morreu.

Sua irmã estudou no Colégio Salete, em Salvador, “*sendo internato, ficou cinco, seis, oito anos lá, só saiu com quinze anos e aí foi pra lá, pra Alagoinhas, mesmo, e lá casou com o moço da Leste*”. Nos anos 1970, ela retornou para Salvador acompanhando o marido transferido da *Leste*. Hoje mora no bairro de Itapuã, “*daqueles lados e tem filhos, netos e tudo*”. Os planos de sua mãe era que ambos estudassem em Salvador. Na transição em que sua irmã conseguiu a vaga para estudar no *Salete*, ele não teve a mesma oportunidade e a vaga que pleiteava no Colégio Salesiano não foi confirmada. A rede de apoio da Igreja Católica na narrativa tecida até aqui, aparece como um fio importante em outras trajetórias no processo de inserção, especialmente entre crianças e jovens, através da educação. Ao que parece, a mãe deles era uma mulher que sabia a importância das redes que tinha no *interior* e que acessá-las era algo necessário para poder oferecer outras oportunidades de futuro para os filhos.

Não dispondo da vaga no *Salesiano*, Seu Altino ficou “*correndo o mundo, corri o mundo, andei Ilhéus, andei Canavieiras, Camacan... Trabalhando, passando na casa de tio, tia, parente*”. Foi com o tio, João Batista de Souza, comunista, marido de uma das irmãs de sua mãe, que Seu Altino diz orgulhoso que aprendeu sobre *justiça social*, ainda na infância. E mais, recordou que “*aos dez anos já tinha noção da exploração do homem pelo homem*”. Deslocou-se em umas de suas triangulações para Salvador para morar com estes tios que haviam migrado por causa da tia que era funcionária da *Leste*. “*Veio morra aqui nos Alagados e eu vim com eles também, ficava com eles*”. Começou a trabalhar na infância entregando jornal: “*Eu vendia, trabalhava no Jornal A Tarde do Estado da Bahia e eu entregava jornais, chegava o trem eu entregava*”. Adulto, em Salvador, trabalhou como

despachante de ônibus por oito anos, ao mesmo tempo em que continuava os estudos. Nesta época, morava em *quartinhos* de aluguel no centro da cidade.

Os relatos de Seu Altino evidenciam diferentes aspectos que marcaram uma experiência durante a ditadura. Foi preso por ter organizado a *célula comunista em Salvador*; trabalhou em Alagados, organizando a *luta* contra a ditadura; viu colegas presos e torturados. Mudou-se para Paripe, em 1974, concursado, porém recorda que no “*Subúrbio já andava, na época de sessenta e cinco e cinqüenta e cinco, andava aqui em Coutos. Meu tio tinha uma roça aqui. Lotes em Coutos, em Altos de Coutos; e cinquenta e cinco, e cinquenta e sete fui trabalhar, trabalhei em vários lugares*”. Em Paripe as coisas não foram fáceis, pois ali, na época era área de segurança nacional e por isso era vigiado no seu trabalho. Sobre o bairro recorda que não havia “*água, luz, saúde, saneamento e que os jovens do Subúrbio tinha que estudar na Ribeira*”.

Concursado, Seu Altino passou por diferentes instituições de ensino, como conta: “*Trabalhei no Paulo Américo... Fui trabalhar na secretaria, na Biblioteca Pública, também na biblioteca do João Florêncio [Gomes] e de lá o meu contrato veio aqui pra esse colégio [refere-se ao Colégio Almirante Barroso], porque aqui era mais tranquilo*. Sua formação superior foi na Faculdade de Educação, nos anos de 1980. Apesar de se considerar materialista, hoje segue a Seicho-no-Ie.

Severina, conhecida como Nena, nasceu no Estado de Pernambuco, em Iguaraçu, como disse: “*um distrito de Nova Cruz, onde eu nasci e vim aqui [Salvador] acompanhando o meu esposo [Elias]*” (agricultor).²¹⁰ Sobre o que diz ainda: “*meu marido fez um curso entre quarenta e oito pessoas numa empresa aqui, multinacional, foi um dos que passou no teste como mecânico teve assim uma atenção dentro da empresa e veio pra aqui com vantagem e eu acompanhei ele*”. Era uma empresa multinacional de armas pesadas: *ENGECS*, por onde ele se aposentou. Filha de José dos Santos Correia, pescador, e Maria José Correia dos Santos, dona de casa, ambos falecidos. Os pais tiveram sete filhos com ela: quatro mulheres e três homens. “*Somos todos pernambucanos também, só tem uma irmã comigo aqui na Bahia e os outros mora em Igarassu, tudo próximo, mas mora na BR 101 que é dos de Rebouça, Igarassu*”. Sua família era “*muito pobre financeiramente*”.

210 Eles se conheceram na escola.

Lembra emocionada que *“poucas vezes eu esperei meu pai chegar pra tomar café. Mas fui assim educada domesticamente. A educação doméstica fez essa mulher hoje de lutar e de cuidar de minha família”*. Ainda sobre a vida em Igarassu, Nena recordou da prática da família no trabalho com o pescado, a comercialização e como isto marcou a *caminhada* deles:

E todos nós ajudávamos, os rapazes, os dois filhos maiores. E as mulheres, quando o peixe chegava, tinha que tratar, tinha de salgar, tinha de organizar, de assar pra levar para a feira, de fazer moqueca de folha que é o marisco com coco dentro, folha de coco, e faz aquela moqueca gostosa e assa depois... Tanta coisa gostosa que a gente participou e que faz hoje você lembrar e falar com alegria e com determinação e dizer assim: ‘eu contribuí pra hoje ser essa mulher’. Minha família, mesmo humilde, todo mundo, ninguém se envolveu... Hoje todos na sua caminhada. Uns formado, outro correndo atrás... Até política tem no meio da família (risos).

A experiência de deslocamento de Dona Nena para Salvador é peculiar – a fez se sentir como uma *princesa*. Seu marido havia viajado dias antes, como disse: *“eu lembro da data por causa de 2 de julho aqui que foi o dia da comemoração da cidade que ele chegou. Então, isso marca a caminhada, a vinda dele pra aqui”*. Chegou a Salvador de avião, no dia dezoito de julho de 1979, no aeroporto um carro foi buscá-la para deixar num hotel.

*Eu fui e fiquei no hotel trinta dias porque a empresa deu toda a regalia, a gente veio, eu vim de princesa, de avião, o carro da empresa foi me buscar lá no aeroporto, dentro, lá no avião com a kombi. Fui tratada assim, fiquei num hotel e tive toda aquela atenção especial da empresa que ele veio. E depois, como meu marido tinha um irmão que morava aqui em Paripe, **pra gente ficar mais próximo de família, eu vim morar em Paripe.***

No relato acima, Dona Nena põe em relevo que a escolha de morar em Paripe se deu com o objetivo de *“ficar mais próximo de família”*. Ela estudou até o ginásio lá na cidade natal. Desde Pernambuco que trabalha como comerciante: *“fui comerciante e tinha sempre, vendia, comprava, costurava na área de roupa e quando eu vim eu deixei pra lá e vim acompanhar ele. Aqui eu me envolvi novamente em arte, que sempre gostei de costurar, de pintar e comecei no comércio, hoje eu tenho um comércio aí na frente”*. O seu trabalho com comércio e arte abriu as portas dela no bairro, pois conheceu várias pessoas. Sua vida era na rua, trabalhando: *“nessa época eu era maquiadora, esteticista, dava tratamento na*

pele, maquiava e era muito conhecida porque vendia, pintava muito roupas, conjuntos de cozinha, de banheiro à mão, artesanato”.

Dona Nena chegou em Paripe em 1979, sobre este momento diz que:

Tinha luz, tinha água, já tinha associação de morador, mas as ruas não eram 'ascalçadas', só aquelas vias principal dos Subúrbio que vem hoje no centro, mas dentro das ruas de Paripe não era asfaltada e era tudo valas a céu aberto, as valas, o pessoal fazia seus esgotos e jogava fezes e tudo naquelas valas e a gente convivia com a realidade da desigualdade social

Dona Nena Tem cinco filhos, quatro homens e uma mulher: Edvânia, Elias, Edcarlos, Edvan e Ednei. É evangélica e vive do comércio que tem como os filhos, *pequenos empresários*. Em seus termos:

Todo mundo trabalha. Uns casados, a menina é casada. São três casados e dois solteiros e eles hoje trabalham aqui e têm lojas, são comerciantes. São pequenos empresários hoje no lado de informática, de serviços e onde também eu faço parte desse empreendedorismo.

É através das ruas e ladeiras (as vias locais) que acesso estes lugares, onde residem estimativamente os mais de 240 mil habitantes do *Subúrbio*.²¹¹ Esta população está distribuída nas diferentes localidades do Lobato, Plataforma, Escada, Periperi, Coutos, Paripe e Base Naval, que se constituem de vários bairros. O cenário incide sobre e a dinâmica dos moradores que vivem seus cotidianos ali. Observo um padrão ocupacional que se manteve, nas últimas décadas, e alcançou áreas que, num primeiro momento, eram consideradas inabitáveis – como os mangues da região do Lobato, a Enseada do Cabrito e as encostas dos morros mais íngremes.²¹²

Nas últimas duas décadas do século XX, assim como em outras partes da cidade, a região foi objeto de uma série de intervenções de natureza urbanística e melhoria de infraestrutura. Dentre elas, destaco as ações dos Programas *Baía Azul* e *Ribeira Azul*. Como pretendeu informar os próprios nomes destes Programas, a finalidade era garantir melhorias de saneamento e a despoluição da Baía de Todos os Santos. O *Baía Azul* foi posto em

211 Segundo os dados da Contagem Populacional de 1996, fornecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – Estes dados serão atualizados com os dados do Censo Demográfico produzido pelo IBGE em 2010 –, a região do Subúrbio é uma das áreas mais populosas da cidade, com uma densidade demográfica de aproximadamente 2.390 hab/km².

212 Observação feita por contraste visual, a partir de fotos áreas dos anos de 1989 e 1992.

execução em diferentes partes de Salvador e em outros municípios do entorno da Baía. Já o *Ribeira Azul*, de caráter local, previa transformar a orla do *Subúrbio* em local de circulação turística, ligando-a ao bairro da Ribeira²¹³

As fontes consultadas informam, ainda, que, nas últimas décadas do século XX, o crescimento do Subúrbio Ferroviário foi superior à de outras regiões de Salvador, caracterizando-o como área de expressiva expansão urbana, característica mantida desde a década de 1960. Os dados publicados pela prefeitura, em 2000, dentre as localidades que constituem o *Subúrbio*, Coutos é a mais populosa e povoada. Entre os anos 1970 e 1990, o *Subúrbio* triplicou sua população, enquanto o bairro de Coutos aumentou em mais de 10 vezes seu contingente populacional. As pesquisas que tomam o Subúrbio Ferroviário como espaço empírico de investigação, principalmente aquelas que focam a realidade da ocupação urbana e seus efeitos na vida das pessoas, indicam a habitação como um dos principais problemas, juntamente com o aumento da violência.²¹⁴

Em termos gerais, o *Subúrbio* abriga uma população que está inserida na economia informal, exercendo serviços domésticos, biscates, empregos da construção civil (pedreiro, ajudante de pedreiro, servente etc.), ou atividades do comércio (ambulantes), etc. Apesar de cada vez mais escasso, outros ainda vivem das atividades de pesca e mariscagem – tempos atrás, a principal, ou melhor, a única fonte de renda e sustento de moradores de muitos bairros dessa região. Às pessoas inseridas nas atividades formais é atribuído um lugar diferenciando junto ao conjunto da população local. Geralmente são petroleiros, profissionais liberais, bancários, comerciantes locais, funcionários públicos estaduais e municipais (em especial policiais e professores) e operários da *Leste*, CIA e Polo Petroquímico. Estas pessoas ocupam, em sua maioria, locais que dispõem de melhores serviços e infraestrutura – presentes, em boa parte, nos conjuntos habitacionais ou em áreas consideradas centrais, a exemplo do bairro de Periperi e alguns trechos dos bairros de Plataforma e Paripe. Ao redor dessas “ilhas”, o cenário que o *Subúrbio* apresenta é constituído de muitas ruas sem pavimentação, saneamento, esgotamento e água. Em muitos

213 O índice de cobertura em esgotamento sanitário em Salvador – a terceira cidade mais populosa do Brasil – está em torno de 70%, embora o programa de saneamento do Estado, Bahia Azul, pretenda ampliar este índice nos próximos anos.

214 Em 1996, foi registrada a existência de 54.567 domicílios no Subúrbio (SEPLAM/FMLF, 2000: 32), que em geral apresentavam graves problemas de infraestrutura e acesso a serviços básicos.

dos lugares aonde existem estes serviços, por onde circulei observei que eles se apresentavam precários, insuficientes e sem manutenção. A partir dos registros de campo pude observar que em muitos destes lugares a precaridade urbana se mantém, a exemplo de ruas e avenidas em Alto de Coutos, Paripe, Novos Alagados, Lobato, Cabrito de Baixo e Periperi.

As representações que os bairros do Subúrbio Ferroviário assumem no imaginário social da cidade estão associadas à pobreza e à violência.²¹⁵ A violência é, nas narrativas colhidas, um dos principais problemas existentes no *Subúrbio*, juntamente com a carência de moradia. Sob os moradores do Subúrbio Ferroviário paira o estigma da pobreza, da sujeira e da feiura que, por sua vez, estão associados ao negro. A marginalidade do espaço é associada ao domínio da criminalidade e da delinquência (ver mais em: SOUZA, 2002). De fato, a violência é um dos principais problemas que a região enfrenta. Por certo, não é apenas sobre os moradores do Subúrbio que recaem as consequências do acelerado processo de banalização da violência na cidade do Salvador: muitos são os espaços desta capital que o sofrem. No entanto, alguns lugares, como o *Subúrbio*, acabaram estigmatizados como violentos “por natureza”. Como diz bem Gey ESPINHEIRA (1993): *“de modo geral, faz-se uma associação direta entre pobreza e criminalidade, a tal ponto que a própria pobreza já é vista como um perigo”*.

Para entender o papel da violência no Subúrbio Ferroviário de Salvador é preciso fugir dessa associação naturalizada, pois a violência urbana nas grandes cidades brasileiras ultrapassa a violência “homeopática” (ESPINHEIRA, 1993). Ela explode em surtos e se propaga no mais alto grau: assassinatos, frequentemente precedidos de torturas. É uma violência orquestrada, como bem definiu Espinheira, em que a segurança institucional toma parte em sua ação sistemática. Isso se imbrica, parcialmente, com a ilegalidade da condição de grupos de extermínio, contratados por comerciantes e outros empresários, ou mesmo pela rede organizada pelo tráfico de drogas.

No mês de agosto de 2010, a imprensa local, através do rádio, TV e impressos traziam manchetes e chamadas do assassinato de um jovem, negro, morador do Parque São Bartolomeu, com um trabalho político na região, reconhecido como uma liderança

215 O Subúrbio Ferroviário é hoje uma das áreas mais pauperizadas do ponto de vista socioeconômico, além de estigmatizada como lugar de violência e marginalidade.

comunitária local, que havia sido arrancado de sua casa e levado em seu carro durante as primeiras horas da noite e encontrado apenas no dia seguinte assassinado em uma das áreas de *desova* da cidade.

A *desova* é uma realidade constante no âmbito da violência organizada – assim se efetiva o que corriqueiramente é conhecido como “queima de arquivo”. Entre os muitos lugares da cidade que têm essa função, alguns estão localizados em bairros do Subúrbio Ferroviário e em suas imediações. Segundo depoimentos de moradores e dos principais meios de comunicação local, esses espaços são usados tanto por “bandidos” quanto por policiais. Um dos mais utilizados situa-se próximo à Jaqueira, no limite da Estrada Velha de Periperi, uma das vias de acesso mais antigas ao Subúrbio, muito utilizada antes da construção da Avenida Suburbana. Cercada de barrancos em uma de suas margens, por morros e mato na outra, a estrada, ao ser desativada para o uso do transporte coletivo e dos carros pesados por causa da precariedade da estrutura viária, passou a assumir outra função na vida social do local, tornando-se ponto de *desova*, cenário de medo para a população das localidades no entorno e para a cidade de forma geral.

Numa carona para minha casa, com um seminarista do Congo, ouvi de Regina que ela não podia descer no ponto de ônibus de sua casa, porque o horário não era apropriado (eram 21:30h). Por isso, ela teria que descer no *Largo do Luso* de onde seguiria numa mototáxi até sua casa. Isso indica que, mesmo para os moradores do lugar, existe hora e espaço para transitar, subvertendo a ideia ainda muito corrente da existência de uma ética interna nos bairros de respeito pelos que são do lugar. Algumas pessoas com quem convivi falam com pesar do rompimento do princípio do respeito pelos moradores locais.

Se os bairros “periféricos” de Salvador são perigosos, eles o são principalmente para os seus moradores. Aí a violência, sem dúvida, compõe o cenário cotidiano de uma forma marcante e difusa.²¹⁶ Para verificá-lo, basta examinar algumas páginas do principal jornal de Salvador, mesmo que num período curto, como fiz durante a pesquisa do mestrado e, posteriormente no trabalho com jovens dos bairros de Plataforma, Nova

216 Ver sobre o tema ESPINHEIRA, 1999.

Constituinte, Alto da Terezinha, São João do Cabrito e Rio Sena, para verificarmos esta forte relação ainda.²¹⁷

Em um período curto, de primeiro de maio a 02 de julho,²¹⁸ foram 26 notícias relatando assassinatos, ação de grupos de extermínio, *desovas*, estupros, conflitos intrafamiliares e balas perdidas no Subúrbio Ferroviário.

Muitos jovens eram (e ainda são) assassinados nessa região em decorrência das disputas entre facções criminosas em busca de demarcar suas áreas de influência e atuação no tráfico de drogas, desmonte de carros e outras atividades “ilegais”; pela ação da polícia e dos grupos de extermínio (estes quase sempre formados por policiais ou ex-policiais civis e militares). Às vezes, verdadeiras batalhas são travadas. “*Aqui, à noite, a gente tá dormindo e só ouve os tiros. São os policiais e os bandidos brigando. No dia seguinte, os corpos estão espalhados por todo lado...*”, diz-me Dona Maria.²¹⁹

Os policiais tratam o bairro e seus moradores (a uns mais que a outros) com suspeita; por outro lado, eles próprios são muitas vezes vistos pelos moradores como uma das causas do medo e da violência. Destaco aqui algumas breves narrativas de situações que considero significativas:

*Aqui está ficando perigoso demais..., os policiais entram toda hora no bairro pedindo documentos e levando quem está sem..., imagine! Os meninos brincando de bola, aí os policiais entra e pega todo mundo.*²²⁰

Meu irmão trabalha numa serralheria em Pirajá. Todos os dias ele vai e volta andando e passa por um local que é muito perigoso. Quando ele vinha de volta para casa já era tarde e ele encontrou numa blitz policial e ele estava sem documento. Os policiais pararam ele e o colocaram dentro da viatura e começaram a rodar por várias delegacias. Um policial falava, ‘deixa o cara!’, o outro dizia ‘o que você tem pra mim?’ Depois de rodar tanto eles levaram o salário de meu irmão, já era tarde e minha mãe já estava preocupada. Deixaram

217 Cátia, Deize, Fernando e Rodrigo, orientados por mim e por Ediane Lopes, fizeram a leitura do principal jornal de circulação local (A Tarde), no período de um ano, compreendido entre julho de 2005 e julho de 2006. Durante a realização desta etapa do trabalho eles registraram as formas como a imagem do Subúrbio Ferroviário é veiculada neste jornal, os temas a que a região aparece associada, as páginas e cadernos em que as notícias são encontradas. Ver ainda SOUZA (2006).

218 As coincidências cívicas são casuais.

219 Entrevista Dona Maria, moradora da Fazenda Coutos, 1996, aluna da Escola Centro Educacional de Periperi – instituição de ensino onde lecionei por mais de três anos – para um trabalho de reconhecimento do espaço de moradia e seus principais problemas.

220 Relato feito por uma moradora de Alto de Coutos. Ela me falou (em uma visita feita por mim a sua casa) da angústia de ver os seus filhos correndo risco de serem presos, maltratados, e até, de perderem a vida no local onde nasceram por causa de *erro* ou abuso de poder policial. Disse-me, ainda, que essas incursões violentas e desrespeitosas da polícia ao bairro aumentaram com o passar dos anos e com isso a violência e o medo.

*ele sem dinheiro perto de Mirante de Periperi ele teve que voltar andando para casa (...) Meu irmão perdeu o salário do mês e hoje todo mundo que ele está devendo fica cobrando ele.*²²¹

O quadro síntese produzido a partir da análise dos jornais.

Quadro 2. Sistematização da leitura das notícias do jornal.

Jornal /Data	Edições consultadas	Notícias sobre o Subúrbio Ferroviário	Temas	
A Tarde julho de 2005 a julho de 2006.	340 jornais	43 notícias	Violência	26
			Lazer	04
			Mobilização	04
			Acidentes	03
			História do Bairro	02
			Infraestrutura	02
			Direitos Humanos	01
			Divisão social	01
			Política	00

Fonte: Souza (2006).

Mas esta violência não é somente vivenciada mediante a face da criminalidade do tráfico de drogas, das agressões físicas e assassinatos; o é também no plano simbólico. No entanto, a convivência e a socialização acontecem em termos que não são apenas da precariedade, do medo e da violência. A solidariedade entre vizinhos, a produção cultural, a busca permanente por melhorias das condições são aspectos que caracterizam bem a vida de muitas das pessoas que vivem aí. Retornarei mais detidamente a alguns destes aspectos mediante os relatos analisados nos capítulos seguintes. Por ora, o percurso realizado até o momento dá ao leitor uma paisagem do *locus* da pesquisa e das redes e trajetórias dos migrantes entrevistados.

No capítulo seguinte continuo o percurso, agora sim, de forma mais detida na trajetória de Dona Elizete para observar, dentre outros aspectos, a produção da cartografia de “lugares de memória” produzidos por ela e sua família em Salvador.

221 Entrevista realizada com Luanda, jovem negra, moradora de Plataforma. Cf. SOUZA, 2006.

CAPÍTULO III.

“RUPTURA” COM O LUGAR DE ORIGEM: A CONSTRUÇÃO DE LUGARES DE MEMÓRIA

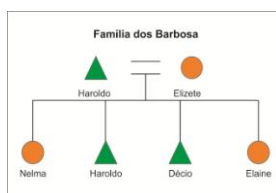
3.1 - Da *Conceição* ao *Pirajá*: uma infância vivida em Salvador

No dia 19 de maio de 2011, como de costume, peguei o ônibus para Pirajá no ponto do “Orixás Center” (um pequeno *shopping center*, localizado no bairro do Politeama, nas imediações de um dos pontos da Avenida Sete de Setembro, no “Centro” de Salvador), próximo à minha residência, naquele momento, no Vale dos Barris. Bairro antigo da cidade conformado e adensado por prédios erguidos em diferentes tempos, denunciados pelo conjunto arquitetônico. Entretanto, ali, como em outros bairros e ruas deste centro antigo da cidade, encontramos em seus enclaves, pequenas casas, sobrados e casarios, que se apresentam como rasuras de tempos ainda mais pretéritos. A presença delas suscita dos antigos moradores da cidade, que circulam por ali, as lembranças daqueles tempos.

Eram aproximadamente dez e trinta da manhã. A expectativa, por minha parte, era grande, pois neste dia iria registrar em áudio uma entrevista sistemática com Dona Elizete. Após algumas visitas e conversas com ela, o marido e os filhos, já sabia, naquela altura, que assumiria a trajetória dela como a linha por meio da qual eu fiaria outras experiências. No ônibus para “Colinas de Pirajá”, depois de um longo período de espera, desci antes do final de linha do ônibus, em frente à Escola Estadual Professora Alexandrina dos Santos Pita, na Rua Elízio Mesquita, e caminhei a pé pela rua Primeiro de Janeiro, onde localiza-se a casa de Dona Elizete. Havia combinado com ela de almoçar em sua casa nesse dia. Nesta entrevista, Dona Elizete relatou – através das memórias de infância dos seus primeiros anos na *Cidade da Bahia* –, a trajetória de sua família para se inserir em Salvador. Os relatos indicavam, para além do âmbito familiar, processos que conformavam outras redes sócio-culturais acessadas na “luta” cotidiana pela sobrevivência.

Como indiquei acima, Dona Elizete reside no bairro de Pirajá – uma área contígua ao Subúrbio Ferroviário –, ligado a ele através do Parque São Bartolomeu/Pirajá,²²² como podemos observar na Imagem 08. Antes de estabelecer moradia em Pirajá, ela produziu um percurso, um escrito do “mundo”, por outros lugares da cidade, como veremos adiante.²²³ Dona Elizete é uma senhora negra, ou como se auto-identificou: “*eu sou preta*”.²²⁴ Nasceu no município do “Jiquiriçá”, Estado da Bahia, há 63 anos.²²⁵ Após o casamento, há quase quarenta anos, com Seu Haroldo – um senhor de 64 anos, natural do município de Catu, no Litoral Norte do Estado –,²²⁶ mudou-se para Pirajá. Lá teve seus quatro filhos: Nelma, a mais velha, com 35 anos; Haroldo [o filho], de 33 anos; Dércio, de 32 anos e Elaine, a filha mais nova, de 28 anos.²²⁷ Do casamento com Seu Haroldo e o nascimento dos filhos formou a família *Silva Barbosa*.

Diagrama 01



222 A relação de proximidade, circulação e cotidiano entre os moradores destas áreas apareceu em outros relatos sobre diferentes períodos.

223 Nas trajetórias estudadas observei esse processo de mobilidade por diferentes lugares da cidade em busca de um espaço para firmar moradia – a busca da “casa própria”, aqui, produziu diferentes trajetos na vida dessas pessoas e as representações que fazem de si e da cidade.

224 A condição racial de mulher “preta” e os efeitos do racismo brasileiro sobre o curso da vida de Dona Elizete é recorrente em seus relatos, especialmente para emoldurar suas lembranças dos tempos de namoro e noivado com Seu Haroldo, mas não só. Naqueles tempos, Dona Elizete se sentia em desvantagem em relação às outras mulheres, consideradas por ela “brancas”. Da mesma forma, seus relatos possibilitam inferir sobre as diferenças raciais presentes nas relações com os familiares da família do marido, junto aos quais vivenciou situações que afirmavam predileção por outro perfil de mulher a fazer parte da rede familiar. Analiso estes aspectos em outra seção deste capítulo. Vale dizer que para entender melhor a complexidade e as nuances sobre as relações raciais no Brasil e o debate sobre o pertencimento racial e o racismo me apoiei nas reflexões formuladas por SCHWARCZ (1993); SEYFERTH (1995); GUIMARÃES (2000, 2001, 2003), BACELAR (2001).

225 O município do Jiquiriçá, segundo o atual sistema de zoneamento político e administrativo do Estado da Bahia, localiza-se no Território de Identidade 09 – Vale do Jiquiriçá.

226 Atualmente, localiza-se no Território de Identidade 18 – Litoral Norte e Agreste Baiano (Cf. anexo 01).

227 Nelma é casada com Marcos Vinícius, com quem tem um filho, “Juninho” (Marcos Vinícius, 5 anos). Eles residem no bairro do Marechal Rondon, numa casa construída ao lado dos pais da família do marido; dedica-se à educação do filho e ao trabalho doméstico. Dércio é mecânico e trabalha na “BREMER”, uma concessionária da FIAT, localizada na Avenida Barros Reis. Após o casamento com Geisa, Dércio foi morar na Rua Velha de Pirajá, nas proximidades da residência dos pais. Elaine é estudante do curso de Geografia na Universidade Federal da Bahia. Antes transitava, atualizando semanalmente, o percurso entre Salvador e o município de Santo Antônio de Jesus (localizado no *Recôncavo baiano*), onde cursava a graduação, também, em Geografia num dos *campi* da Universidade do Estado da Bahia - UNEB.

Muitos são os caminhos que ligam os bairros do *Subúrbio* e o bairro de Pirajá, especialmente entre as áreas que compreendem os bairros do Lobato, Cabrito, Plataforma, Rio Sena e Ilha Amarela. Em 1968, até a inauguração da *Avenida Suburbana*, a comunicação e os deslocamentos entre as duas áreas aconteciam mediante as caminhadas a pé, no *galope* do cavalo ou de carros particulares por caminhos de *chão batido*; ou ainda, por dentro da extensa área de Mata Atlântica ali existente, à época.²²⁸ Após sucessivas intervenções urbanísticas, essa extensa área de mata foi, paulatina e sistematicamente, reduzida, por decorrência da especulação e ocupação imobiliária; porém, há ainda uma parte considerável de floresta que conformou o que o Estado demarcou como área de preservação – o Parque São Bartolomeu/Pirajá.²²⁹ O Parque ocupa no imaginário e na memória das pessoas da cidade, um triplo sentido: 1. um lugar de fé, sacralidade e mistério; 2. de violência e medo; e ainda para outros, 3. de reserva natural importante a ser preservada. Nesta “área”, configurou-se, o que na literatura corrente sobre territórios, é considerada uma sobreposição de diferentes modalidades de áreas de preservação. Aí está delimitado o Parque referido, a APA Bacia do Cobre / São Bartolomeu.²³⁰

228 Esta era uma prática comum que Dona Elizete, seus pais e irmãos realizavam logo que a mudaram para o Subúrbio e que mantiveram por décadas posteriores, a despeito da construção da Avenida Suburbana, inclusive entre os membros da geração seguinte.

229 O Parque São Bartolomeu/Pirajá é hoje uma das mais extensas e bonitas reservas de Mata Atlântica da cidade de Salvador – uma área de proteção de mananciais que totaliza 1550 ha. Nesta área, ao redor da nascente do Rio do Cobre, fica também o principal reservatório de água destinado ao abastecimento de boa parte dos bairros desta região. Ver, dentre outros: <http://www.sma.salvador.ba.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=294>. Acesso em março de 2010. Ali foi espaço de muitas revoltas – dentre elas, uma das muitas revoltas escravas ocorridas em Salvador, onde se constituiu o quilombo do Urubu. Sobre estas e outras revoltas negras em Salvador, ver REIS, João José (2003). O parque é considerado um espaço sagrado (templo do São Bartolomeu), local que abriga fontes e cachoeiras (lar dos orixás das águas doces). Ele é um dos espaços naturais mais importantes para o “povo de santo”, ou “famílias de santo” em Salvador, pois é um templo onde se mantem um conjunto de práticas religiosas, a exemplo da entrega das oferendas aos orixás e a coleta de ervas para banhos de limpeza e “descarrego”. No mapeamento dos Terreiros de Candomblé de Salvador, realizado pelo Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO), o território do Subúrbio Ferroviário, especialmente os bairros localizados nas imediações do Parque São Bartolomeu-Pirajá, aparece uma considerável concentração destas *casas* de culto religioso afro-brasileiro. A este respeito, ver: anexo 02. Mapa de Distribuição dos Terreiros nas Regiões Administrativas de Salvador. <<http://www.terreiros.ceao.ufba.br/analise>>. Acesso em 21 de abril de 2012.

230 O Decreto Estadual 7. 950 de 05 de junho de 2001, de demarcação desta APA. Cf.: <<http://www.meioambiente.ba.gov.br/conteudo.aspx?s=APACOBRE&p=APAAPA>>. Acesso em março de 2010.

Eram diversas as conexões realizadas cotidianamente por inúmeras pessoas para acessar o trabalho, os serviços de saúde e educação e para a realização de atividades de subsistência: pescaria e extração de frutas e ervas.

Oh, minha filha eu larguei de andar por lado de lá [referindo-se a área mais próxima ao mar, no Subúrbio]... Andava muito, depois que passou aí, essa Suburbana acabou com tudo. Então, já não sei mais contar nada, assim que passou a rodagem.

Contou-me Dona Aída, vizinha de muitas décadas de Dona Elizete em Pirajá.²³¹ Mergulhada nas memórias destes tempos de trânsito cotidiano entre Pirajá e Plataforma, Dona Aída deixa revelar, no fragmento descrito abaixo, a relação de uso e dependência com o mar que tinham as famílias que viviam ali.

*Andava muito também por aí [pelos caminhos da mata do São Bartolomeu/Pirajá] para pescar por aí [nas águas do mar de Plataforma e Lobato], mas acabou tudo. **Meus filhos foi criando, quase que nem os negócio[s] de Noé, pescano!** [sic] Pescava marisco, pescava de rede, costurava, fazia rede, gereré.²³² Quando era tempo de chegar perto de São João, aí tinha o negócio que tinha muito curimã [um tipo de tainha].*

Aída teve onze filhos e, como afirmou no trecho acima, “foi criando, quase que nem (...), Noé”, pescando. A pesca é uma atividade muito importante na vida de muitos moradores tanto para a sobrevivência quanto para *ganhar a vida*.

Dentre os filhos de Dona Aída, duas eram mulheres e nove homens; sete deles do primeiro casamento e quatro do segundo; vinte e dois netos e bisnetos, diz que: *têm um bocado* – a mais velha das bisnetas, de vinte anos, reside com o avô (Valdomiro, o filho mais velho de Dona Aída), há um ano no município de Berimbau, nas proximidades de Feira de Santana. Seu Valdomiro construiu um percurso rumo ao *interior*, nas áreas do sertão, na companhia da *mulher*, esta natural daquela região, para construir uma *vida na terra*, como me falou uma de suas filhas que conheci na casa de Dona Aída. Os outros

231 Conhecer Dona Aída foi um grande prazer por diferentes razões. Primeiro, por sua lucidez e serenidade que contagiavam; segundo, pelo brilho nos olhos de vivaz força que não vacilavam em nenhum momento ao contar sobre sua história de vida, mesmo acomodada em uma pequena cama instalada na sala da casa, onde passava o dia deitada, sob os cuidados das filhas, netas e bisnetas, para preservar o corpo debilitado pelo avançado da diabetes.

232 Rede cônica de pescar, presa num aro circular, adaptado a uma longa vara que serve de cabo, comumente utilizada no litoral baiano.

filhos, netos e bisnetos vivem próximos dela – a maioria na mesma rua e outros em ruas contíguas.²³³

Além dos percursos realizados nos períodos de festejos religiosos e de pesca cotidiana, os caminhos das matas que ligavam a área litorânea do *Subúrbio* ao *Pirajá* – ornados pelas cachoeiras de Oxumaré, Oxum e Nanã e tantos outros veios d'águas –, era também o cenário por onde,

nos anos sessenta/sessenta e um... Aí, passava aquele pessoal... O pessoal vinha de Periperi. Aqueles homens montados, né? A cavalo. Todo dia de domingo passava aquela tropa de cavalo, de manhã cedo, para ir pro Curtume Bragança.²³⁴ em Pirajá [grifos meus].

Isto me falou Dona Cecília ao relatar sobre os primeiros tempos no *Subúrbio*, quando o pai dela, José de Santana, comprou um *lote* e construiu “*uma casinha muito simples (...). Era uma casa simples, de avarandado*” – uma extensa varanda que circunda, em geral, a parte de entrada e as duas laterais da casa. Aí, outras casas foram sendo erguidas sobre estes *lotes* e se consolidou o bairro do Rio Sena.

Neste percurso, especialmente aos domingos, continua Dona Cecília, os *homens* iam fazer “*algum lazer, alguma coisa que eles faziam lá, não é? Trabalhavam também. Aí, compravam... Meu pai tinha/botou logo uma barraquinha, e ele vendia a eles charuto.*”²³⁵ Com o dinheiro adquirido com a comercialização de charutos, gás e outros produtos, José de Santana e sua família compraram mais dois *lotes* e “*melhorou a casa*”.

233 Com a instalação da energia elétrica no bairro (um dos serviços mais esperados por todos), continuou sua narrativa sobre as mudanças que viu acontecer naquele cenário: “*as árvores foram sendo derrubadas: Jaqueira, Sucupira (que ficava na frente da casa), bananeira, laranja, limão e umbu (estes habitavam no quintal da casa) e as coisas foram mudando [sic]*”. Após a morte do primeiro marido “andou muito” à procura de trabalho, porém, não conseguiu nenhum emprego e por isso resolveu cuidar dos filhos – o mais velho tinha, na época, doze anos e o mais novo um mês de nascido. A partir de então sua vida “*era lavar de ganho*” – “*lavar roupa para fora*” –, o que fez durante vinte anos para moradores de Pirajá, Ribeira, *Centro* (refere-se às proximidades da Fonte Nova, nos bairros de Nazaré e Tororó) e Graça. A história de Dona Aída se assemelha a de muitas outras mulheres que conheci durante meus trabalhos de campo nos bairros do Subúrbio Ferroviário de Salvador. Para estas mulheres o trabalho que *chegava na casa de família* e ou *casa de branco e lavar de ganho*.

234 O Cortume Bragança era uma das fábricas de produção de couro, localizada no bairro de Pirajá que empregava muitos moradores de Pirajá, Plataforma, Lobato e região adjacente. Na narrativa de Dona Aída o *Curtume Bragança* é evocado ao falar do primeiro marido – “*um homem nascido no interior*” – que trabalhou “a vida toda”, até a morte, neste Cortume.

235 Em outros trechos do seu depoimento, Dona Cecília registrou que o charuto comercializado na *barraquinha* do pai vinha, basicamente, dos municípios de Santo Amaro e Cachoeira, local onde a produção e o beneficiamento do fumo se desenvolveram e que se manteve como base econômica da região por muitas décadas, como destaquei na primeira parte da etnografia.

Dona Aída me ajudou a avançar mais por esses caminhos e no entendimento desta dinâmica. Ela narrou que aos sábados e domingos, dos anos iniciais de 1960, seu primeiro marido deslocava-se de *Pirajá* com destino ao bairro da Ribeira para vender banana e jaca (esta última colhida na mata) para aumentar a renda doméstica. Sobre a presença das imensas jaqueiras aparecem registros que indicam aspectos que as cercam de uma singular importância cultural e simbólica. Além de importante na alimentação de muitas pessoas que habitaram esta área, estas antigas e imponentes moradoras foram testemunhas das muitas existências que ocuparam o lugar. Aos pés de muitas delas se assentaram muitos “encantados” – os espíritos, entidades espirituais e orixás. Nelas e em outras árvores frutíferas de grande porte, a exemplo das mangueiras e jambeiros também foram enterrados os umbigos de muitas crianças que nasceram por ali. Sobre esta prática pude ouvir narrativas de vizinhos, familiares e conhecidos mais velhos, bem como presenciar o ritual do enterramento. Enterrar o umbigo de uma criança aos pés de uma árvore grande como a de uma Jaqueira reifica o desejo e a busca de crescimento, força de longevidade para aquela pessoa. É, também, uma forma de marcar seu lugar no mundo, de fincar raiz, afirmar pertencimento àquela terra, àquele lugar. Em tempos mais recentes, os pés das Jaqueiras passaram a ser também lugar de *desova*.

Enfim, o deslocamento por dentro dessas matas era uma prática comumente realizada por muitos habitantes dessa área e de outros trechos do *Subúrbio*. Para alcançar a Ribeira, as pessoas iam a pé até Plataforma (no bairro do São João do Cabrito) para pegar uma canoa – “*tinha um medo quando era pequena*”, registra Dona Aída – ia pro Lobato pelo *Beco do Inferno* para chegar na *Prainha*, local onde havia um porto natural onde se abrigavam os Saveiros. A partir desses lugares atravessavam as enseadas do Cabrito e dos Tainheiros e chegava-se à Ribeira. De lá, estas pessoas podiam ter acesso a outros pontos da cidade. Antes da chegada da primeira linha de ônibus *Ypiranga*, a circulação das pessoas e das coisas ocorria através de ônibus e *kombis* de particulares. Entre os relatos há a lembrança do transporte oferecido pelo *coração de mãe* – um ônibus de particular que saía do bairro de Paripe e atravessava toda a extensão da Avenida Afrânio Peixoto, com destino ao centro da cidade –, sempre acompanhada de um tom jocoso, por causa da superlotação que era relacionada ao imaginário comum que atribui ao coração materno um universo onde sempre acomoda-se mais um.

Só há pouco tempo, após os serviços de melhoramento de infraestrutura em antigas ruas de chão batido, observaram-se mudanças no trânsito, entre essas duas regiões, com a melhoria da infraestrutura (abertura e pavimentação de ruas) e a implementação de transportes *complementares* (particulares), a exemplo de micro-ônibus das marcas *Topic* e *Van*, que atendem diariamente ao bairro e à grande região de Pirajá – voltando, desta forma, a dinamizar a comunicação entre elas e ligando-as a outras partes da cidade.

Imagem 8. Trecho de Plataforma, São Bartolomeu e Pirajá



3.2. O encantamento com a cidade nos primeiros anos

O desenho traçado nos relatos de Dona Elizete nos levou a um percurso narrativo, territorial e simbólico do seu encontro com Salvador.

Dona Elizete: *Ói, nós chegamos aqui em Salvador, o ano eu não me lembro, só me lembro que nós chegamos à noite. Muito bonito, encantador! Chegamos ali na Baiana [porto da Companhia Baiana de Navegação – CBN]. Chegamos de barco! E meu pai que fazia viagem [sic] aqui pra Salvador, trabalhava, já conhecia ali a Conceição da Praia. Tinha aqueles casarão que alugava pra famílias. Morava famílias também!* [grifos meus]

No relato acima Dona Elizete enfatiza que ali também moravam famílias, que não era apenas lugar de comércio, boemia e de prostituição, como já se mostrava no imaginário da cidade. Mais adiante, observo que esta era uma preocupação dos seus pais, de uma forma ou de outra, desde o momento em que aportaram na cidade. Apesar de indicar no seu relato o esquecimento quanto ao ano de chegada a Salvador, – “o ano eu não me lembro” –, ao cruzar outros aspectos lembrados por ela, não é difícil inferir que seus olhos estão visualizando Salvador de finais dos anos 1950 e inícios dos 1960. Era um momento de transição da vida social *baiana*, marcada pela estabilização da reorganização política e econômica e, por outro lado, de profundas mudanças na organização do espaço urbano da cidade.²³⁶ Naquele tempo, nos finais dos anos 1950, a *Baía* parecia um jardim florido de barcos, saveiros, canoas e outros tipos de embarcações que atracavam para o *derrame* cotidiano de mercadorias e pessoas, provenientes de diferentes partes do Estado, em especial do *Recôncavo Baiano*.²³⁷

A despeito de já existirem caminhos e *estradas de rodagem* por onde se transitava de ônibus, carros e em lombos de animais para acessar a *cidade da Bahia*, era comum a travessia *de barco* pela Baía de Todos os Santos das pessoas que buscavam definitivamente a capital do Estado para *fincar chão* – fixar moradia, ter um lugar no mundo, uma casa – e das que mantinham deslocamentos permanentes de trabalho, comércio e serviços com a capital. Mais do que isso, no percurso dessas embarcações a interação e a sinergia geradas constituíam – e ainda hoje constituem – uma esfera social onde encontros, reencontros e despedidas, trânsitos e trocas (materiais, afetivas, cognitivas), papéis sociais e responsabilidades, práticas e regras, e experiências sensitivas se realizavam cotidianamente; em suma, constituía o espaço no qual parte da experiência do deslocamento era vivido.

236 Estas mudanças foram gerenciadas por Régis Pacheco, Antônio Balbino e Juracy Magalhães – governadores da época. Essa década e as duas seguintes caracterizaram o período de consolidação do aumento nos fluxos migratórios entre o *interior* e a Capital do Estado, como indiquei.

237 Sobre a movimentação e comercialização de mercadorias na *rampa do mercado*, ver os trabalhos fotográficos e etnográficos de Pierre Verger, em especial: VERGER (1980).

Essas movimentações criaram e alimentaram trajetos entre Salvador e outras “veredas” da Bahia que foram de extrema importância para a conformação da Salvador “moderna”.

Imagem 09. “Uma vista da cidade de Salvador”



Fonte: Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa/Universidade Federal da Bahia/UFBA. Assunto: “**Vista da cidade de Salvador, vendo-se do Elevador Lacerda**”, ano: 1966; Série de Documentação: 318, negativo: 170-11A.

Na imagem 8. “Vista da cidade de Salvador”, em 1966, aparecem em primeiro plano algumas embarcações: à esquerda veem-se as antigas edificações da “Baiana” [em destaque]. “*Chegamos ali na Baiana*” – esse momento também apareceu reificado na trajetória de outros migrantes, a exemplo de Dona Alice, Dona Joselita e Seu Bitonho.

Não parece difícil observar a configuração de um “lugar de memória” aí. Junto a outros elementos que constituem o cenário, forjava-se a primeira imagem da cidade, vista do mar. Era no porto da *Baiana* onde se encontravam os *parentes* que estavam à espera.²³⁸ Dentre as pessoas com as quais mantenho vínculos de trabalho e amizade que têm nas trajetórias de suas famílias a experiência vivida e narrada da migração, muitas indicavam, em nossas conversas, referências de familiares que já haviam migrado em períodos anteriores para a capital, formando ali uma rede de contatos e apoio, por meio dos quais conheciam pessoas, trocavam experiências, compravam e vendiam produtos produzidos nos mais diferentes recantos do Estado.

Trago, mais uma vez, outro fragmento do relato de Seu Bitonho, no qual ele enfatiza as motivações para migrar para Salvador e suas percepções ao chegar na cidade para estabelecer um contraponto com o de Dona Elizete ao olharem a cidade a partir do Porto:

Cheguei em Salvador trabalhando. Já cheguei em Salvador, já saltei na Baiana, que eu vim de navio. O primeiro transporte de lá [Santiago do Iguapé] pra cá [Salvador] é [era] o navio. Então, já saltei na Baiana e já vim para Feira de São Joaquim vender quiabo.²³⁹ E boa parte do pessoal que trabalhava de lá do Iguapé vinha vender quiabo, caranguejo, uma série de coisas e vinha vender na feira. Então, eu vim vender quiabo na Feira e meu pai veio para Salvador constituir outra família. Chegou uma hora que eu não queria mais trabalhar na Feira... [grifos meus]

“Chegou um momento que todo mundo sonha com uma vida menos dura”. Aos 18 anos, Seu Bitonho procurou o “sonho” de crescer, melhorar de vida em Salvador. “Nessa linha, nesse pensamento”, ele migrou para Salvador e foi residir com o pai, que há quase

238 A antropologia, no percurso de sua história, constituiu uma tradição de estudos preocupada em compreender as formas de organização sociais constituídas pelos diferentes grupos humanos. Um campo se formou e fortaleceu envolto a inúmeras preocupações com o que se convencionou chamar relações de parentesco. As reflexões giraram entorno da família, da descendência e das linhagens, passando pelas formas de aliança e a importância do matrimônio e sobre as configurações das redes sociais. Nesse campo de reflexão, a noção de parente foi assumindo diferentes significados. No caso em questão, trabalho com a noção de “parente” nos sentidos atribuídos por meus interlocutores. O *parente*, desta maneira, é aquele que faz parte da família tanto por laços de consanguinidade quanto pela constituição de redes de aliança e dependência, assim como pela “consideração”. Nesta perspectiva, um amigo e um vizinho podem ser “parentes” desde que assim sejam *considerados*. Voltarei a tratar disso no capítulo seguinte.

239 A feira de São Joaquim é uma das feiras mais antigas e populares da cidade. Nela são comercializados os produtos que são produzidos no *interior* do Estado, especialmente os que chegam das localidades do *Recôncavo*. A Feira localiza-se numa área de porto, onde os barcos que atravessam a Baía de Todos os Santos desembarcam, todos os dias, diferentes produtos agrícolas, cerâmicas, couro, dentre outros. Esta feira foi instalada neste local para abrigar os feirantes de Água de Menino, localizada à frente do Porto, próximo ao Moinho Salvador, após o incêndio que a destruiu em meados dos anos 1960.

sete anos, havia partido e deixado para trás sua mãe, ele e os seis irmãos, que sobreviveram de um total de doze, como dito no capítulo anterior. “*Veio para Salvador construir outra família*” – começar a vida em outro lugar e com outras pessoas: esposa e filhos.

Sua lembrança *da Baiana* apareceu aqui associada ao trabalho: “*Já cheguei trabalhando. Já cheguei em Salvador, já saltei na Baiana (...). Então, já saltei na Baiana e já vim para Feira de São Joaquim vender quiabo*”. A imagem e a representação da cidade que evidenciou Seu Bitonho não são apenas do encantado como apareceu, enfaticamente, no relato de Dona Elizete. Mas, sobretudo, do jovem amadurecido pelo sofrimento da *labuta* de quem, em seus termos, fazia em sua terra natal: *um duplo*, trabalhando na pesca e na roça, no transcorrer do dia, para chefiar a família que recebeu, em suas palavras: “*com onze pra doze anos [quando] houve a separação dos meus pais e eu automaticamente passei a ser o chefe da família*”, sobre isto, em outro momento, revelou que:

Seu Bitonho: *Contrapondo a opinião de meu pai por que pai, meu pai achava que pra ir trabalhar na roça não precisava de leitura, não precisava estudar que não sei o que, mas minha mãe, não, Minha mãe insistiu e eu com onze anos, com doze anos meus pais se separaram e aí é que eu não pude mais estudar mesmo eu tive que trabalhar, ser pai de família. E aí é o que eu digo a meu filho – meu filho está com doze anos. Eu digo a ele: ‘Olhe, na sua idade eu só quero que você estude. Procuro buscar todos os meios pra você estudar, faço sacrifício, mas na sua idade eu tinha que trabalhar pra ajudar a criar meus irmãos, trabalhar duro, trabalhar como pai de família, assumir a família’. Isso foi até dezoito anos, né? Quando eu vim pra cá pra Salvador em sessenta e oito, o primeiro serviço que eu fiz foi trabalhar na feira de São Joaquim vendia quiabo.*²⁴⁰

A produção literária que tomou a cidade de Salvador como cenário, desde os anos 1930, produziu enredos em que diferentes personagens transitam pela *Baiana*, pela *rampa do mercado* e por todo o complexo que os envolvem, assim como pude registrar nas trajetórias e muitas pessoas desta pesquisa.²⁴¹ Jorge Amado, com efeito, alimentou – alimenta ainda – nosso universo de representações com imagens da Salvador das primeiras décadas do século XX e de décadas posteriores. As imagens são evocadas nos diálogos de suas personagens – muitas delas deslocadas do *interior* – que costuravam lugares e sentidos a partir dos percursos que faziam pela cidade (AMADO, 1991). Foram nos “trapiches” da região portuária da capital baiana, nas primeiras décadas do século XX, por exemplo, que

240 Acervo Documental sobre o Subúrbio Ferrviário de Salvador. Entrevista realizada em 23 de outubro de 2001.

241 A literatura é tomada aqui como “relato”, narrativa. No caso da literatura de Jorge Amado, evoco aqui apenas duas de suas obras, no leque tão amplo de sua produção, para sinalizar a possibilidade de diálogo.

os jovens “Capitães de Areia” se recolhiam ao descanso nas noites sombrias e narravam suas *aventuranças* de “perambulações” pelas ruas do São Bento, da Chile, da Sé, da Piedade, da Gamboa de Cima, da Carlos Gomes, do Campo Grande e de tantas outras que formam as antigas áreas de ocupação de Salvador. Ou ainda, pela “cidade rica que se estendia do outro lado do mar, na Barra, na Vitória, na Graça”.²⁴²

Apropriar-se da cidade, através das *perambulações* e criar sentidos e significados diante do que ela ia apresentando em suas avenidas, esquinas, ladeiras, praças, casas, casarões e monumentos foi o que experimentou Dona Elizete e seus irmãos. Além deles, o mesmo fez Seu Hélio, Seu Bitonho, Dona Railda e Seu Bimbau, personagens de um mundo vivido e criado nestes trajetos.

Ao conduzir sua narrativa pelos percursos de Quincas Berro D’água e do Comandante Vasco Moscoso de Aragão em “Os velhos Marinheiros”, Amado nos revelou, ainda, o *interior* da cidade (AMADO, 1961). Em “Comandante Vasco Moscoso de Aragão”, o escritor baiano, nos apresentou as ruas do bairro de Periperi. Nele nos deparamos com sobrados em cores vivas; casarios antigos, todos esses adornados em suas fachadas por mulheres sentadas a olhar o deslocamento das pessoas que iam e vinham; de homens que, entre um dançar e outro das pedras do dominó ou das cartas do baralho, também observavam os que passavam, dando sequência ao curso da vida. Ademais, esperavam o tempo passar. Bairro de brisa agradável que os ventos tranquilos faziam entrar pela Baía, Periperi envolvia-se entre as partes altas e baixas; de cotidiano tranquilo, de antigos vizinhos e de *boas pessoas*: funcionários públicos, aposentados, poetas, artistas – estes fixos no lugar –, mas também de pessoas que se fixavam por temporadas, ciosos por cura e descanso da vida agitada na *cidade*. Esta é uma imagem que aparece nas narrativas de inúmeras pessoas que afirmam ter escolhido morar e permanecer no *Subúrbio*, porque aí o clima é muito agradável, a paisagem do mar e dos morros e matas que ainda existem os reportam às imagens e memórias dos seus lugares de origem no *interior*.²⁴³ Entre as trajetórias analisadas encontramos os artistas, os funcionários públicos, aposentados e as donas de casa, descritos por Amado. Encontram-se, ademais, os operários, a empregada

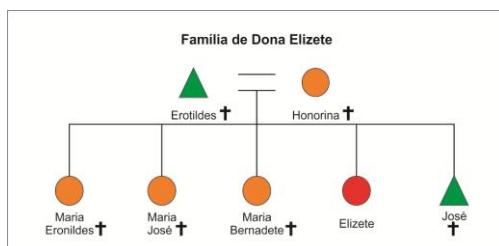
242 *Ibidem*, p. 85.

243 Em outra oportunidade, tratei desta imagem e memórias de lugares “de cotidiano tranquilo, de antigos vizinhos e de “boas pessoas”: funcionários públicos, aposentados, poetas, artistas – estes fixos no lugar”. Cf. SOUZA (2002).

doméstica, o biscateiro, o músico, o ferroviário aposentado, o missionário e os petroleiros. Em alguns casos, trajetórias atravessadas por estas diferentes *condições sociais*.

Por essa época, a *Baía* era ainda a principal porta de entrada em Salvador e o ponto da “Baiana” uma figura importante nesse cenário. Dona Elizete, por exemplo, migrou da sua cidade de *origem*, ainda criança, com a família: “*eram meu pai [Seu Erotildes], minha mãe [Dona Honorina], era cinco filhos: eu, Maria Eronildes [já falecida], Maria José,²⁴⁴ Maria Bernadete e José. Cinco filhos! Com meu pai e minha mãe sete – família com sete pessoas*”. Seu pai “*que fazia viagem [...] pra [sic] Salvador, trabalhava, já conhecia ali a Conceição da Praia*” e por isso mantinha uma rotina permanente de trânsito.

Diagrama 2.



Esta prática era bem comum. Os homens construíram relações na cidade, se apropriavam do sistema do lugar e, posteriormente, traziam suas famílias para lá viverem. É importante registrar outras formas de como acontecia estes deslocamento, como veremos através da vinda destas pessoas ainda crianças para viver no seio de outras famílias ou juntos de parentes. A mobilidade de mulheres jovens para o trabalho doméstico, como já sinalizamos, é uma característica comum do processo de deslocamento do *interior* para a *cidade*.

De fato a circulação através da *Baía* é uma prática que constitui a própria história de formação e desenvolvimento de Salvador, de sua região e, de certa forma, de outras

244 Em 2010, Dona Maria José foi para o Rio de Janeiro para passar “tempos” em companhia do filho, marinheiro, e sua nora, na missão de *ajudar* nos cuidados do neto recém-nascido, onde permaneceu até 9 de maio de 2012, quando faleceu vítima de um infarto. Durante o tempo em que esteve por lá, continuou mantendo a casa, onde hoje reside sua filha Eliana de 42 anos. Neste ínterim, Dona Maria José, retornou à Salvador algumas vezes para “*ver a casa e as coisas*”. Quanto a Dona Maria Bernadete, reside no Rio de Janeiro desde meados dos anos de 1990, quando foi “*tentar a vida*”. Dona Elizete lembrou que “*Maria Bernadete num teve sorte no casamento, largou o marido, ela foi morar em Marechal Rondon. Aí depois ela se mandou pra o Rio [de Janeiro], mora no Rio até hoje. Minha mãe criou os dois filhos dela, depois ela veio buscar... Os filhos mora com ela*”.

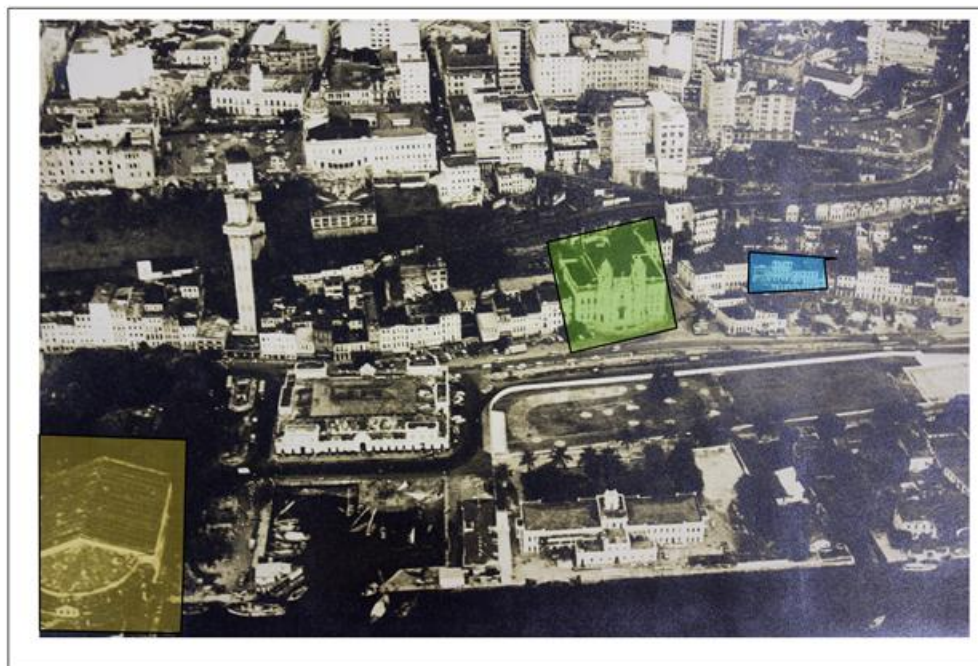
regiões em seu entorno, que através dela se ligavam em redes e fluxos territoriais, sociais e culturais intensos, como demonstrei anteriormente. Nos trabalhos fotográficos e etnográficos produzidos por Pierre Verger, desde os anos 1930 até finais das últimas décadas do século XX, registra-se a intensa comunicação, trânsito de pessoas, coisas, práticas culturais, sentidos na “rampa do mercado”, na área mais ampla da “Baiana”, como podemos observar na série abaixo:

Imagem 10. A Rampa do Mercado. Coisas e pessoas que chegam e saem.

Fonte: http://www.pierreverger.org/fpv/index.php?option=com_wrapper&Itemid=176, acesso em 24 de abril de 2012. [seleção e composição minha]



Imagem 11. “Vista parcial da cidade de Salvador”



Fonte:

Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa/Universidade Federal da Bahia/UFBA. Assunto: “Vista parcial da cidade

de Salvador, vendo-se o Elevador Lacerda e a Igreja da Conceição da Praia”, ano: 1966; Série de Documentação: 241, negativo: 167-6A.

Na imagem 10. “Vista parcial da cidade de Salvador”, em 1966, a partir de outro ângulo nos mostra mais à frente, o prédio da Alfândega [em destaque: local que abriga o Mercado Modelo, na atualmente], logo à frente a Praça Cairu – nessa época ainda ornada por arvoredos muito comuns a muitos lugares da região central da cidade –, ao lado, vê-se o Mercado Modelo, na época,²⁴⁵ edifícios e casarões; à direita observamos as edificações da Marinha.²⁴⁶ Mais à frente, num plano intermediário, tem-se o Elevador – o Elevador Lacerda; ao lado, à sua direita, os outros casarões e a Igreja de Nossa Senhora da Conceição [em destaque]. Mais acima, num segundo plano, aparecem o Palácio Rio Branco e o bairro da Sé com suas edificações religiosas. Nela, seguindo as evocações das lembranças de Dona Elizete, aparece em relevo azul o casarão onde ela residiu nos primeiros anos com a família, em Salvador. Esses lugares são evocados por ela para constituir e dar sentido às próprias memórias das experiências dos primeiros anos na cidade. No fragmento abaixo pude extrair os motivos que levaram a família a Salvador:

Dona Elizete: *Foi a situação financeira de meu pai, que tava muito ruim. Não dava pra viver mais no interior e ele viajava muito pra Salvador; eu num me lembro que trabalho era que ele fazia, eu num me lembro. Eu sei que ele viajava pra Salvador. Aí ele achou melhor trazer a família pra Salvador. [grifos meus]*

Essa itinerância era bastante onerosa e difícil de garantir em muitos aspectos: administrar pouco ou quase nenhum recurso, as saudades e os cuidados cotidianos com os filhos. Ao que tudo indica, “trazer a família pra Salvador” pareceu a Seu Erotildes a melhor alternativa, naquele momento. Na cidade foram residir no bairro da Conceição da

245 O Mercado Modelo foi inaugurado em 9 de dezembro de 1912. Na época, era o principal centro de abastecimento de Salvador. “Nele eram comercializados os gêneros alimentícios, frutas, verduras, carnes, aves, peixes, farinhas, os camarões salgados, as pimentas recém-colhidas, charutos do Recôncavo e cachaças de alambiques de toda Bahia”. Estes produtos chegavam do Recôncavo, nos saveiros, e das pequenas roças ao redor da cidade. O primeiro prédio que abrigou o Mercado Modelo localizava-se entre a Casa da Alfândega, prédio atual, e a Escola de Aprendiz de Marinheiro, em frente à rampa do Mercado. Em 1971, após um dos muitos incêndios que marcam sua história, ocorrido em 1969, que destruiria completamente o antigo prédio, o Mercado Modelo foi transferido para Casa da Alfândega. A Alfândega foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN em 1966. Informações disponíveis no site: <<http://www.mercadomodelobahia.com.br/Mercado/historia.asp>>, acessado em 11 de maio de 2013.

246 Nos acervos consultados, me deparei com inúmeras fotografias antigas de Salvador que tem como foco essa parte da cidade, porém, muitas delas sem datação. Entre essas, a que mais se aproximava do período de chegada e permanência de Dona Elizete nessa área da cidade datava de 1966.

Praia, na Rua da Ladeira da Preguiça. A *Conceição*, área portuária, uma paisagem de velhos casarões, era um lugar de efervescência na cidade em séculos anteriores – o centro comercial.²⁴⁷ As edificações e monumentos, além de outros sinais, fazem incidir sobre o lugar, ainda hoje, uma aura de antiguidade, dos tempos de *prosperidade*.

Na *Conceição* habitavam, à época, uma infinidade de *tipo[s]* de pessoas, como enfatizou Dona Elizete, no trecho abaixo:

Não sei nem como é que eu devo dizer! Esse povo assim, como é!? Prostituta!? Era prostituta que morava. E aí meu pai levou família pra morar ni um casarão desse [sic]. Eu me lembro que minha mãe chorava. Ela diz[ia] que não queria criar os filhos dela ali. Eu num intindia [sic], porque eu gostava de tudo, achava bonito, vinha do interior! A gente passeava, eu tinha na base de seis anos, seis pra sete ano; e meu irmão caçula tinha – era mais novo do que eu – tinha cinco anos. Aí nos vivemos ali.

A presença [d]“*esse povo assim! Como é? Prostituta*” apareceu como ponto de articulação das memórias de Dona Elizete ao lembrar de sua mãe nesse contexto. No jogo da memória de Dona Elizete – das lembranças e dos esquecimentos, ao pensar sobre esses tempos –, sua mãe apareceu abraçada, primeiro, com seu pai (imagem 12) em frente a *casa do Cabrito*.



Imagem 12. Dona Honorina e Seu Erotildes: pose em frente a “casa do Cabrito”, nos anos 1980

Fonte: Acervo de família de Dona Elizete, pesquisa de campo, 2012.

247 Acerca do centro antigo de Salvador, dentre outros, ver: MATTOSO (1978). Em especial, Parte II – A cidade do Salvador, Baía de Todos os Santos.

Depois apareceu sozinha, numa foto, três por quatro, congelada no Registro Geral – RG, emitido em 1983.

Imagem 13. “Identidade”: Dona Honorina numa ¾



Fonte: Acervo de Dona Elizete. Material da pesquisa de campo, 2012 [recorte meu].

A meninice de Dona Elizete não entendia as representações sociais ligadas à vida na *Conceição*, das quais as lágrimas de sua mãe sinalizavam não querer compartilhar. A *mãe chorava*. Era medo de quem “*não queria criar os filhos ali*” – especialmente as filhas mulheres. Definitivamente: “*Não queria criar os filhos ali, não queria, não queria; as meninas ficando mocinha, não queria*”. Dona Honorina parecia temer pela reputação e pelo destino das filhas: mulheres negras, vindas do *interior*, como outras tantas que figuravam naquele espaço e que haviam sido marcadas em suas trajetórias pela marginalização e a prostituição. Esse receio vinha das práticas constituídas historicamente ali e dos discursos em relação a outros espaços da cidade. De toda sorte, a interdição desse território não impedia que as “*pessoas de família*” estivessem ali, convivendo e produzindo o cotidiano do lugar; assim como, da mesma forma, se deixando produzir por ele. Mas, naquele momento, Dona Elizete “*gostava de tudo, achava bonito, vinha do interior!*” e lá a vida estava difícil.

Dona Elizete: *Meu pai era sapateiro, sapateiro, quer dizê: ele concertava sapato. E minha mãe era costureira, aí ela costurava pras vizinha lá do prédio. Ela costurava e meu pai trabalhava de sapateiro, né!? De limpar sapato, botar meia sola, essas coisa! E minha mãe costureira! Aí minha mãe conseguiu um lugar pra trabalhar, pra fazer farda de trabalho. Aí meu pai não deixou, tinha um ciúme dela, não queria que ela sáisse, morria de ciúme.*

Dispor de ofícios especializados em Salvador, em finais dos anos 50 do século XX,²⁴⁸ possibilitou aos pais de Dona Elizete e a toda família se aproximarem de um universo social e cultural muito diferente do que eles haviam trazido do *interior*; e também de se afastar do universo social que observavam entre “*essa gente assim*”. Sua “*mãe era costureira, aí ela costurava pras vizinha lá do prédio*”.²⁴⁹ Através disso, ela pôde continuar trabalhando, como fazia no seu *interior*. Costurar para as vizinhas estabelecidas social e economicamente não foi a única forma de trabalho: “*ela conseguiu um lugar pra trabalhar, pra fazer farda de trabalho*”. Porém, o *ciúme* que Seu Erotildes sentia a impediu de deixar a casa para trabalhar na fábrica. A alternativa encontrada por Dona Honorina, como destacou Dona Elizete, foi “*levar as roupa cortada pra casa e ela costurava as calça, as camisa. Ela costurava as farda e levava [sic]. Isso era a vida que nós tivemos ali. Ninguém era registrado*” [grifo meu].

Seu Erotildes parecia temer que a esposa pudesse ser associada às *prostitutas* que viviam e circulavam pelas ruas *da Conceição* – o mesmo receio que sua esposa tinha em relação às filhas. *Sapateiro*, ele pôde instalar “*na Preguiça... o ponto dele, que trabalhava de consertar sapato*”. Já conhecedor dos espaços da cidade e dos *sentidos do lugar* e suas dinâmicas, afinal, “*ele viajava muito pra Salvador*”, escolheu a Rua da *Ladeira da Preguiça*, espaço de grande circulação e intenso comércio, à época. A *Preguiça* também apareceu como um “lugar de memória” na narrativa de alguns migrantes. Da mesma forma que outros lugares, a *Ladeira da Preguiça*, em diferentes momentos é ritualizada e [re]atualizada através das lembranças de diferentes agentes.

Na música “Ladeira da Preguiça”,²⁵⁰ Gilberto Gil constrói o referente da imagem da cidade que sente saudade, para mandar e pedir notícias dos que ficaram na *Velha Bahia*:

248 Sobre Salvador das primeiras décadas do século XX, dentre outros, ver os trabalhos de: PIERSON [(1942) 1971]; AZEVEDO (1956). Nestes trabalhos já aparecem registrados o perfil dos habitantes dessas áreas centrais da cidade: população de funcionários públicos dos quadros administrativos do Estado, comerciantes, advogados, artistas, literatos e artesãos; além, desses, encontrava-se um contingente de pessoas que vinham de outras partes do Estado.

249 Ser *do prédio* apareceu como marca de distinção na narrativa de Dona Elizete para caracterizar as mulheres que formavam a clientela de sua mãe.

250 Na canção do poeta e músico, Gilberto Gil (1971), *Ladeira da Preguiça*, ela apareceu como referência das lembranças e saudade de *casa* e de *sua gente*. A partir dela, Gil olha para outros lugares da cidade e para as práticas apreendidas por seus agentes. Ver Gilberto Gil, *Ladeira da Preguiça*, 1971 [álbum “Cidade de Salvador”, 1973].

Essa ladeira
Que ladeira é essa?
Essa é a ladeira da preguiça
Essa ladeira
Que ladeira é essa?
Essa é a ladeira da preguiça
Preguiça que eu tive sempre
De escrever para a família
E de **mandar conta pra casa**
Que **esse mundo é uma maravilha**
E pra saber se a menina
Já conta as estrelas
E sabe a segunda cartilha
E pra saber se o menino
Já canta cantigas
E já não bota mais a mão na baguilha
E pra falar do mundo falo uma besteira
Fomenteira é uma ilha
Onde se chega de barco, mãe
Quem nem lá, na ilha do medo
Que nem lá, **na ilha do frade**
Que nem lá, **na ilha de maré**
Que nem lá **Salina das Margaridas**
Essa ladeira
Que ladeira é essa?
Essa é a ladeira da preguiça
Ela é de hoje
Ela é desde quando
Se amarrava cachorro com linguça. [grifos meus]

A *Preguiça* reporta-se a diferentes sentidos – o não trabalho, a festa, descanso permanente, de onde se vê ao longe o cenário paradisíaco –, que reificam aspectos identitários de uma *Baianidade* vista apenas a partir do *Recôncavo* e *performatizada* na *Cidade da Bahia*. Porém, a historiografia sobre a Bahia apresentou outros aspectos que configuram a história vista desde este lugar. A *Ladeira*, durante as primeiras décadas do século XIX, foi construída para permitir a ligação entre as duas áreas da cidade: a baixa e a alta. As mercadorias que chegavam ao Porto da Baía, através dela deveriam chegar aos diferentes pontos e abastecer a cidade.

Salvador é uma cidade que se configurou geograficamente em duas, como dito antes em: *Baixa* e a *Alta*. Entretanto, social e culturalmente, não só de duas se configura ela, mas em muitas, muitas dessas escondidas e invisibilizadas aos olhares dos holofotes que

trazem à cena apenas a cidade da festa e da alegria, aspectos estes que dariam sentido e significado a certa “baianidade”.²⁵¹

É esta cidade que alimentou e alimenta o imaginário sobre a cidade como cenário do não trabalho, do lugar da *preguiça*, aspectos afirmados de uma “baianidade”, supostamente, desejada. Mas a *Cidade da Bahia* é isto, mas não só. Ela é múltipla. Dos negros[as] e brancos pobres, trabalhadores que levantam cedo para buscar mais um dia de *labuta* nos precários e superlotados transportes coletivos que ligam os diferentes pontos dela. Das pessoas que fazem o carnaval embaixo, no chão, formando cordas humanas que cercam e protegem os trios e foliões dos blocos que brincam o carnaval. É a cidade – como um dia ouvi no relato emocionado e indignado de uma jovem filha de migrante da Ilha de Maré e ex-moradora do *Subúrbio*, com quem trabalhava – dos pobres que, após um ano inteiro de preparativos, reservando dinheiro para construir uma estrutura mínima de trabalho no carnaval, ocupam os cantos das avenidas e ruas e por ali dormem e acordam para comercializar bebidas, comidas e fantasias e no final ganhar “*quase nada e passar por muitas humilhações*”.

Mas na *Preguiça*, como sublinhou Dona Elizete: “*Ninguém era registrado*”, ao se referir a si e aos seus irmãos, o que era muito comum entre as pessoas nas cidades do *interior* do Estado da Bahia. O *registro* [certidão de nascimento], na época, não constituía uma obrigatoriedade para que pudessem, por exemplo, acessar o ensino formal. Para acessarem esse e outros serviços em Salvador, o *registro* era um pré-requisito. Assim, todos: ela, irmão e as irmãs foram registrados em Salvador. Dona Honorina, uma mulher que dispunha de conhecimentos forjados em uma educação formal no *interior*, reconhecia e queria que os filhos também dispusessem do mesmo. Por isso fez questão de registrá-los logo ao chegar à cidade. Com o *registro* em mãos, as filhas foram matriculadas na Escola

251 Agnes Mariano (2009) analisou alguns aspectos que constituem as bases que conformam o imaginário hegemônico sobre o que é ser baiano. De forma crítica, a autora apontou para a baianidade estabelecida como padrão difundido, como tipificação já consagrada, utilizada para explicar, definir, descrever uma multiplicidade de traços, procedimentos, comportamentos e ações. Ou seja, para um cardápio do qual os sujeitos devem dispor e atender. Outro trabalho que contribui muito para entender a construção desta “baianidade” única foi realizado por Ormundo Pinho (2003), ao tomar como objeto e cenário de suas investigações do Centro Histórico de Salvador, o Pelourinho.

Estadual Permínio Leite, localizada no bairro do Dois de Julho – um dos bairros boêmios da cidade. Mesmo não estando na idade adequada, Dona Elizete também foi para escola.²⁵²

Apesar dos receios da mãe e das duas irmãs mais velhas – “*elas tinha vergonha de falar que morava ali na Conceição da Praia; tinha vergonha, que elas já estavam maiores, né? Já estudava, ficava com vergonha*”, recorda Dona Elizete. “*Não era pra ninguém falar que morava ali, não*” [sic] –, Dona Elizete e os outros irmãos mais novos “*ficava[m] por ali passeando, não tinha medo de nada, toda hora saía... Ficava[m] no meio do povo depois voltava[m] pra casa*”, em especial nos períodos de festas, vez ou outra, possibilitadas pelos passeios com o pai, como continua a narra em seu depoimento:

Dona Elizete: *Aí eu conheço aquilo tudo, o Mercado Modelo, passeava, subia e descia o Elevador [Lacerda]. Ia passear mais meu pai lá por cima [a Sé, o Terreiro de Jesus e Pelourinho]. **Conhecia aquilo tudo.** Andava olhando as vitrine [sic]; época de São João botava aquelas fogueirona na vitrine, com aquelas chama assim, aquelas coisa linda que enfeitava as vitrine. E a gente olhano [sic]. Carnaval agente saía com meu pai pra passear.. Mutcho bunitu! [sic] (...) **Aí nós frequentávamos ali a Igreja de Nossa Senhora da Conceição. A festa da Conceição...** A gente ficava por ali passeando, não tinha medo de nada, toda hora saía... Ficava no meio do povo, depois voltava pra casa. Foi um momento mutcho, mutcho legal mesmo, aqueles anos que nós passamos ali! [sic] Eu amei aqueles anos morando ali.*

Cristiane: *Seu pai também gostava?*

Dona Elizete: *Meu pai não reclamava, não. Gostava... Minha mãe era que reclamava. [sic]*

Cristiane: *E seu pai resolveu mudar por causa dela ou não?*

Dona Elizete: *Resolveu procurar um lugar pra se mudar porque minha mãe falava: “**Não queria criar os filhos ali, não queria, não queria, as meninas ficando mocinha, não queria**”. Ficava conversando com ele, queria sair. **Aí ele conseguiu uma casinha de aluguel no Cabrito e carregou a gente [grifos meus].***

No relato de Dona Elizete, a experiência de morar na *Conceição*, na *Preguiça*, é marcada pelo encantamento: “*eu gostava de tudo, achava bonito, vinha do interior!*”. Ou ainda, da descoberta: “*Aí nós frequentávamos ali a Igreja de Nossa Senhora da Conceição. [...] A gente ficava por ali passeando, não tinha medo de nada, toda hora saía.*” Entretanto, sua mãe reafirmava que “*não queria criar os filhos ali*” e seu pai “*conseguiu uma casinha de aluguel no Cabrito*”, no Subúrbio Ferroviário.

A mudança para o *Cabrito* possibilitou a Dona Elizete deslindar outras Salvador e a construir, desta forma, outras percepções e representações sobre ela, como veremos agora.

252 José, o filho caçula, era muito pequeno para frequentar a escola.

3.3. Para o Cabrito foi de barco: ficando pé e constituindo pertencas

Dona Elizete: *Para o Cabrito foi de barco. Não me lembro onde foi que o barco ancorou, num me lembro!*

Cristiane: A senhora lembra da viagem?

Dona Elizete: *Lembro!*

Cristiane: Conta como foi?

Dona Elizete: *A viagem foi linda! Eu ficava brincando com o meu irmão. Tinha visto tampa de garrafa, tampinha de garrafa pela primeira vez... Aí a gente catava tudo. (...) os pessoal [sic] já tomava refrigerante. Era Gasosa, Guaraná e Sukita. O rapaz passava vendendo: “Gasosa, Guaraná e Sukita!!!” [risos]. E eu mais meu irmão catando as tampinha (...). Eu me lembro que chegamos de noite. No outro dia, minha mãe mandou agente ir na venda. Aí minha irmã foi: “Me dê uma quarta de farinha” e papai ria. No interior comprava a quarta – era umas vasilhinha de madeira, chamava a quarta. E aqui em Salvador era meio quilo e um quilo. Aí ela: “me dê meia quarta de farinha” [risos], (...) a mais velha, Maria Eronildes. Ela que saía mais com a gente, levava a gente pra Igreja, minha mãe mandava, porque minha mãe ficava na costura e a gente saía.*

Neste trecho Dona Elizete articula dois momentos. A viagem para Salvador e a saída da *Conceição* com destino ao *Cabrito*. Após três anos morando na *Conceição*, ela mudou-se com a família para o bairro do *Cabrito*, no Subúrbio Ferroviário de Salvador – uma região de muitos portos naturais. Chegaram lá de barco. É provável que o barco tenha ancorado na enseada do *Cabrito*, pois a referência a esse lugar como ponto de embarque e desembarque aparece em outros relatos sobre o período.

O *barco* reapareceu e mais uma vez é o agente que possibilita produzir algo, a *viagem*, a entrada em outros territórios, que abre caminho a outra vida, que viabiliza a passagem, que constrói memórias. Desta forma, o *barco* se apresenta em diferentes momentos na narrativa de Dona Elizete e de outros sujeitos como um objeto ritual, de iniciação no universo social e cultural da cidade.²⁵³ Ao mesmo tempo, no caso dela, o *barco* também se constitui como eixo de condução da própria narrativa e do que ela revela de sua memória.

A mudança para o *Cabrito* foi reveladora a Dona Elizete, já na infância, das multiplicidades e das diferenças da vida na *Cidade da Bahia*. A descoberta de outra cidade, o estranhamento diante do novo, do incomum. O *Cabrito* era diferente,

253 Retomo esta discussão acerca da dimensão ritual e social do barco mais adiante, ao tratar mais detidamente da trajetória de Seu Hélio.

porque quando nós chegamos uma noite, tudo escuro, só tinha mato. E lá no interior nós morávamos na cidade. Não morava na roça. Nós viemos de Jiquiriça e fomos morar ali na Conceição. Dali nós mudamos pro Cabrito, a casa não tinha luz... Que diferença! Muito diferente, tudo escuro!..

Lá passou sua infância e aprendeu “a pegar guaiamum, a mariscar” e estudou os primeiros anos das letras.

No jogo entre diferentes tempos – o presente observado por Dona Elizete nos breves passeios que faz até *Centro* da cidade trazem as memórias das experiências vividas nos tempos de sua meninice. O *Centro* aqui se refere à região que envolve a área do Porto, da *Conceição da Praia*, Avenida Sete de Setembro, Piedade, Centro Histórico e suas adjacências. A *cidade* é também os lugares fora, longe do Subúrbio Ferroviário, do Pirajá, enfim, fora do bairro. Os limites são moveis e, nesta perspectiva, as fronteiras não são limites fixos que separam estes lugares. As linhas de intersecção foram construídas no entrelaçamento das trajetórias, linhas da vida. O percurso ao sair de seu *interior* para “*mora[r] ali na Conceição*” e depois para o *Cabrito* – um lugar que guardava uma vida *interiorana* característica da vida na *roça*, era “*muito diferente*” e gerava grande estranhamento, mesmo para o olhar de uma criança. A relação que Dona Elizete tinha com a *roça* era através das memórias de seus pais, revela ela no trecho que segue:

Dona Elizete: *Minha mãe foi logo capinando. Tinha área na casa e ela foi logo capinando, aí plantou. Aquilo que ela colhia ela botava pra vender: quiabo, chuchu, coentro... Ela vendia... Minha mãe foi uma guerreira, viu! Uma trabalhadeira mermo [sic]. Trabalhou muito.*

Cristiane: Ela vendia por ali mesmo?

Dona Elizete: *Era. As pessoas vendia assim nas casa, né! A gente chamava quitanda. Aí o que ela colhia ela entregava nas quitanda.*

Cristiane: Uhum!!!

Dona Elizete: *E servia pra nossa alimentação, né? Aquilo que ela plantava. E a escola ela tinha dentro de casa. Ela **botou logo a escola e ensinava aquelas criança...** Foi o que mais!? Quero me lembrar do Cabrito! (...) Aos poucos nós fomos nos acostumando, aprendendo a pegar ganhamun, a mariscar – a gente ia pra maré mais meu pai mariscar –, fazia aquelas muqueca de peixe. **Aí a vida foi se abrindo pra gente e a gente acostumando a morar ali no Cabrito.** Mas tinha a queixa de minha mãe, porque a gente morava de aluguel, não tinha casa própria. [grifos meus]*

No Cabrito, Dona Honorina continuou trabalhando como costureira; também lecionava, além de fazer outros trabalhos para garantir o sustento da família. “*Minha mãe foi uma guerreira, viu!! Uma trabalhadeira mermo [sic]. Trabalhou muito*”. A luta de Dona Honorina se deu em diferentes frentes, como podemos inferir: “*foi logo capinando*”,

abrindo trincheiras; *plantou* e o que “*colhia ela botava pra vender*” nas *quitandas* da própria vizinhança.²⁵⁴ Tudo parecia “*muito diferente, tudo escuro*”; mas a luz, ou melhor, as portas para ultrapassar as dificuldades lhes foram apresentadas e “*aos poucos nós fomos nos acostumando*”. Era o contato com o “sistema do lugar”, do qual deveriam se apropriar para viver.²⁵⁵ A *guerreira* – mulher que vai à luta, que não se acomoda e sempre busca *melhorar* a sua vida e a dos outros. Na figura materna, esse é um papel fortemente reafirmando em várias trajetórias que analisei.²⁵⁶ Uma mãe lutadora, *guerreira* que batalha para melhorar a vida dos filhos, para lhes possibilitar uma vida melhor; com um parâmetro construído a partir da negação da sua própria vida – uma vida insuficiente e, de certa forma, sofrida, difícil e árida. A narrativa de Dona Elizete indica que sua mãe, Dona Honorina, assumia um lugar de orientação no seio da família, um ponto de inflexão e abertura de outras redes.

A mudança para essa parte da cidade, no início dos anos 1960, fez seu Erotildes mudar também sua “*banquinha pra consertar sapato*” para a Feira de Água de Meninos. Quando houve o incêndio que destruiu toda a *Água de Meninos*, em 1964, ele não seguiu com seu *ponto* para São Joaquim, junto com os outros feirantes. Segundo Dona Elizete, ele “*Ganhava pouco. Tempo de festa era tanto trabalho, tanto conserto, mas os pessoal ia pegar os sapato e não pagava [sic]. Era muito sofrimento!*” Dona Elizete, nesse momento do relato, passa a considerar o trabalho de sapateiro do pai com um *bico*, uma forma que este encontrava para ajudar a *manter* – arcar com o sustento econômico e social – a família. Ao reportar-se a essas lembranças, Dona Elizete o faz com muito pesar.

Nos relatos dela, a afirmação da necessidade do trabalho e da agregação são aspectos que circunscrevem a vida da família. O trabalho desde a infância não era vazio de ludicidade, pelo que consta. Quando perguntei sobre a infância no Cabrito, ele me respondeu:

254 As quitandas se revelam nas paisagens das casas de muitos bairros pobres de Salvador e, arrisco-me a dizer, de outras grandes cidades brasileiras. Esses pequenos estabelecimentos comerciais se prestam a gerar uma renda, para algumas famílias complementar e para outras a única forma de renda. Entre os sujeitos com os quais trabalhei, o dinheiro gerado com a venda das mercadorias era destinado à compra do “pão”, “café”, para pagar o transporte e comprar os “remédios”. Dona Elizete, assim como sua mãe, montou e mantém uma “quitanda” na varanda de sua casa, onde comercializa doces, temperos (condimentos), “geladinhos” [suco congelado num saquinho] e salgadinhos.

255 A este respeito, ver: GODOI (1998).

256 Retomo essa ideia mais adiante.

Dona Elizete: *Nesse tempo? (...) Eu vinha buscar lenha, aqui nesse Pirajá tudo aí, oh!. A gente vinha buscar lenha. Mariscava! Agora aos domingos, aí todo mundo, domingo, já almoçava, todo mundo ali de banho tomado, com a roupa de domingo... Ali era pra brincar até!!! (...) À noite também a gente brincava mutcho, noite de lua, assim, todo mundo brincava! E o mais bonito ali era a época de São João. Aí meu Deus, que maravilha! Começava pela trezena de Santo Antônio. Era de casa em casa, rezando o Santo Antônio. Depois era São João. São João minha mãe fazia aquele tanto de licor (...). A gente [ela e os irmãos] já lavava a garrafa pra fazer licor de jenipapo, de maracujá, licor de coco pra receber os amigo ali dia de São João [sic]. Chegava aquelas trupe... Era uma coisa bem sadia [grifos meus].*

Dona Elizete não continuou os estudos. Parou na quarta série. Não fez a prova de admissão – prova de avaliação que definia quem podia seguir para a quinta série. Em seus termos: “*não era muito boa com os estudos*”, por isso deixou a escola e dedicou-se apenas ao trabalho. Suas irmãs mais velhas fizeram admissão e estudaram alguns anos mais. A prova de admissão rodeia a memória dos migrantes entrevistados e com os sujeitos com quem convivi durante o trabalho de campo. Dona Elizete se lamentou ao lembrar desse momento, ao olhar para sua *vida hoje*. Entretanto, se sente realizada nos filhos e sobrinhos que deram continuidade aos estudos, alguns dos quais foram para a Universidade. Apesar de não ser letrado, Seu Erotildes, detinha o conhecimento sobre os sentidos da vida em Salvador. E foi através dele que os filhos tiveram o contato com o mundo cultural da cidade e que aprenderam a dominar e manipular os diferentes sentidos e significados da vida na cidade.

Quando deixou de estudar, Dona Elizete ficou em casa “*lavando roupa das menina, ajudando minha mãe, tudo... Me distraíndo, brincando*”. Suas irmãs já trabalhavam há alguns anos numa fábrica de doces – *Molira* –, na Rua Araújo Bulcão, no bairro da Massaranduba.²⁵⁷ Na adolescência, com quatorze anos, ela foi trabalhar no mesmo local em que as irmãs, as outras “*três Marias*”. Ao mostrar sua foto com dezoito

257 Em outro momento da narrativa de Dona Elizete, quando fala do cotidiano de idas para o trabalho (como destaque mais adiante), ela se refere ao bairro onde trabalhava como o Uruguai. Porém, quando precisa o local onde a fábrica se localizava, ela se refere ao bairro da Massarandura. Pressuponho que essa aparente confusão de Dona Elizete deva-se a uma característica muito comum entre os moradores dos bairros de Salvador, ao definir os limites territoriais e a localização dos bairros. Os limites são extremamente maleáveis, fluidos e intercambiáveis, podendo ao mesmo lugar fazer parte em dois ou mais bairros diferentes. Incluindo aí as delimitações feitas de forma arbitrária pelo Estado, por vezes, desconsiderado as histórias locais e os processos políticos internos destes bairros no estabelecimento de fronteiras administrativas. O Bairro da Massaranduba constitui a região de Itapagipe (na *Cidade Baixa*), junto com outros bairros, a exemplo da Ribeira, Bonfim, Uruguai, Vila Rui Barbosa, dentre outros. A Fábrica a que Dona Elizete se refere não existe mais.

anos [abaixo], Dona Elizete recordou dos tempos do seu itinerário de barco todos os dias, saído do atracadouro de Plataforma, emoldurado por Palmeiras Imperiais, onde conheceu Seu Haroldo – *“foi amor a primeira vista”*, disse, como veremos mais detidamente na seção seguinte.



Imagem 14. Dona Elizete aos dezoito anos.

Fonte: Acervo de Dona Elizete.
Material coletado na pesquisa de campo, 2012.

Tempos depois, por convite de *“Seu Francisco”* – *“zelador da Igreja”* [Católica] e do *“Panteom de Labatut”* em Pirajá –, Seu Erotildes foi empregado, na prefeitura. Nesse emprego, como ela destacou: *“ele ficou sendo funcionário público, com a graça de Deus e da Igreja”* e sua mãe pôde ter uma *benção*, *“porque aí ele tinha o ordenado dele no final do mês”*. A *benção* era à sua mãe. O *“ordenado”* fixo que a tranquilizava com as despesas *“no final do mês”*.

Nesse ínterim, continuava *“a queixa de minha mãe, porque a gente morava de aluguel, não tinha casa própria”*, lembrou Dona Elizete. Quando, em inícios dos anos

1980, Seu Erotildes soube que estava acontecendo uma *invasão*: “*O terreno não foi comprado, não. Era tudo invadido, o terreno da União Fabril. Aí todo mundo invadiu. Aí meu pai também invadiu. Fizemos nossa casinha. Aí saímos do aluguel e viemos para casa própria*”. Sobre a construção da *casa do Cabrito*, Dona Elizete registrou que

ai ele [Seu Erotildes] comprou as telha aqui em Pirajá, e a gente carregava essas telha na cabeça [sic]. Vinha todo mundo [refere-se a ela, ao pai e aos irmãos], só minha mãe que não vinha, porque minha mãe trabalhava, era costureira. E a gente vinha, todo dia. Duas viagem de manhã, duas viagem de tarde, pra levar as telha [sic]. Até que conseguiu levar as telhas todas. Aí fez a casinha. [grifos meus]

A *invasão* do terreno da *casa do Cabrito* “*Foi tranqüilo[a], tranqüilo[a] mesmo (...) Todo mundo que morava de aluguel invadiu e fez [uma casa], e nunca teve bronca nenhuma*”. A casa de aluguel que eles residiam “*era próximo, mas não era assim bem pertinho não, mas também não era longe. Porque era tudo ali no Cabrito*”. Essa proximidade possibilitou a manutenção dos laços de vizinhança e sociabilidade que eles haviam construído nos mais de quinze anos em que viveram *do aluguel* – como é possível inferir.

Ao destacar a saída *do aluguel* e a aquisição da *casa própria*, Dona Elizete recordou das ausências de infraestrutura comuns ao bairro do Cabrito e enfatizou as alternativas utilizadas pelos moradores, assim como sua família, para sobreviver, à época. Ressaltou as *fontes* tão comuns na região, através das quais as pessoas que chegavam ali podiam ter acesso à água. Como lembrou, ainda: “*tinha uma fonte, a gente pegava água, uma fonte imensa. Não era no nosso terreno, era assim vizinho do terreno. A fonte de Dona Madalena. A gente pegava água lá. A gente não, todo mundo pegava água lá*”. A *fonte de Dona Madalena* apareceu nos relatos de outras pessoas como um importante lugar de troca e compartilhamento social.²⁵⁸ Um “lugar de memória”, nos termos que defino neste trabalho. Já *na casa do Cabrito*, eles passaram a dispor de uma fonte própria: “*lá em casa tinha uma fonte, lá no Cabrito. Oh, na casa que nós fizemos, minha mãe também fez uma fonte, que não tinha água encanada.*”

258 Ver os mapas dos veios d'água e das fontes de Salvador no capítulo seguinte.

Nos conflitos e na disputa pela propriedade da terra que conformam o território do Subúrbio Ferroviário de Salvador figuram diferentes agentes. A imagem abaixo compõe um conjunto de relatos que narram sobre o processo de disputa e mobilização pela propriedade da terra em diferentes áreas do *Subúrbio*.

Imagem 15. Casas da antiga Vila Operária, mas a frente as ruínas da antiga fábrica de tecidos São Braz (Fatbraz), do grupo da União Fabril, em Plataforma. Vista da enseada dos tainheiros e mais e na outra margem o bairro da Ribeira e os prédios “cidade”.

A4 SALVADOR SEGUNDA-FEIRA 19/9/2011 REGIÃO METROPOLITANA **SALVADOR** A TARDE

Editor-Coordenador: Cláudio Vasconcelos salvador@gruposantade.com.br

ACORDO Serviço especial para resolver causas judiciais começa hoje www.santade.com.br/cidades

GEORGE BRITO

Nos últimos oito meses, correspondências com ordens de despejo têm chegado às casas de moradores do bairro de Plataforma, no subúrbio ferroviário, trazendo à tona uma briga que há sete anos espera um ponto final da Justiça.

A população local, cerca de 50 mil habitantes, aguarda o resultado de três ações coletivas de usucapião (posse da terra por mínimo de cinco anos) movidas em 2004 pela Associação de Moradores de Plataforma (Ampla) contra a Companhia Progresso e União Fabril da Bahia, que alega ser proprietária de direito de grande parte do bairro.

O litígio promete chegar ao governador Jaques Wagner: um abaixo-assinado eletrônico com 468 assinaturas corre pela internet para fundamentar petição pública a ser endereçada ao titular do Palácio de Ondina, solicitando-lhe que intervenha pela regularização fundiária da área e pela revitalização da antiga fábrica de tecidos, atualmente um prédio abandonado em ruínas.

A professora de sociologia da Universidade Federal da Bahia (Ufba) Antônia Garcia, uma das fundadoras da Ampla, é a autora da petição. "Nosso objetivo é que o governo faça a desapropriação e que a Justiça se posicione", disse. A reportagem não conseguiu falar com o governador, que estava de férias fora do País até o último sábado, 17. Wagner morou em Plataforma na década de 1970.

Mas o secretário de Promoção da Igualdade da Bahia (Sepromi), Elias Sampaio, que tem conversado com representantes da Ampla, afirmou que tem buscado informações para conhecer detalhes da situação. "À luz da lei, vamos negociar para que o terreno volte como equipamento público, de forma a dirimir o conflito e garantir maior acesso à população".

A Procuradoria Geral do Município (PGM) foi procurada durante uma semana, por se tratar de território municipal, mas não se manifestou sobre a questão.

PETIÇÃO PÚBLICA Associação de moradores promove abaixo-assinado para pressionar a Justiça e o governo do Estado pela regularização fundiária do bairro

Comunidade disputa com empresa posse de Plataforma

Foto: Gildo Lima / Ag. A TARDE

OS REFERENCIAIS DA HISTÓRIA DE PLATAFORMA

1638 Ano de nascimento do bairro, quando o príncipe holandês, Maurício de Nassau, desembarca na praia. O nome Plataforma surge por causa de uma fortificação do séc. XVI na fazenda de Antônio de Oliveira Carvalho

1851 O fazendeiro Almeida Brandão, o então dono da fazenda, constrói uma usina têxtil no local

1860 A usina de Almeida Brandão é transformada na Fábrica de Tecido São Braz (Fatbraz), pertencente ao grupo têxtil União Fabril

1875 Bernardo Martins Catharino chega a Salvador e torna-se sócio e diretor-presidente da União Fabril da Bahia

1932 A União Fabril registra em cartório como sua propriedade vasta região que engloba a fazenda de Plataforma. Começa a surgir a vila operária

1977 É fundada a Associação de Moradores de Plataforma (Ampla)

1994 Movimento envia abaixo-assinado à Câmara Municipal com 2.760 assinaturas e pede investigação das terras da União Fabril

2004 Associação move ação coletiva de usucapião para garantir posse do imóvel

2011 Associação encaminha processo à Defensoria Pública

FONTE Fundação Pedro Calmon, A TARDE e Ampla

Donos da União Fabril catalogam como de sua propriedade, atualmente, cerca de 80 imóveis e 149 ruas do bairro

Fonte: Jornal A Tarde, 19 de setembro de 2011. "Comunidade disputa com a empresa posse de Plataforma".

De um lado, a Companhia Progresso e União Fabril, pertencente à família Catharino, a Leste Ferroviária e a Marinha brasileira; de outro, as famílias que no processo de ocupação e expansão, estão vivendo em pequenas parcelas de terra, lotes fruto de compras sem documentação, *invasão*, já usucapião²⁵⁹ há mais de três gerações. O processo pela posse da terra e ou do imóvel entre União Fabril e moradores de Plataforma está há mais de sete anos na justiça, conforme material veiculado pelo Jornal A Tarde.²⁶⁰

“Em escritura pública lavrada, no 2º Ofício de Notas, a União Fabril registra como sua propriedade, desde 30 de dezembro de 1932, uma área de 9,14 milhões de m², incluindo os bairros de Plataforma e Pirajá. No ínterim de 64 anos, o terreno perdeu 5,49 milhões de m², já que 3,65 milhões de m² foram doados, vendidos e desapropriados (...). A União Fabril cataloga hoje como seus, em Plataforma, cerca de 80 imóveis e 149 ruas. Segundo Luiz Catharino, cerca de dois mil moradores do bairro estão em processos de título de posse das casas e 800 têm escritura em mãos. A disputa continua em processo, figurando diferentes agentes, entres eles: a Associação de Moradores de Plataforma – AMPLA”²⁶¹.

Imagem 16. Depoimentos de antigas moradoras.

Documentos

Em escritura pública lavrada em 11 de junho de 1996, no 2º Ofício de Notas, a União Fabril registra como de sua propriedade, desde 30 de dezembro de 1932, uma área de 9,14 milhões de m², incluindo os bairros Plataforma e Pirajá. No ínterim de 64 anos, o território perdeu 5,49 milhões de m², já que 3,65 milhões de m² foram doados, vendidos ou desapropriados.

“Doamos os terrenos da escola, da Paróquia São Brás, da delegacia, do posto de saúde. Temos preocupação com as questões sociais do bairro”, afirmou um dos dirigentes e proprietários da empresa, Luiz Catharino Filho. A União Fabril cataloga hoje como seus em Plataforma cerca de 80 imóveis e 149 ruas.

Segundo Luiz Catharino, cerca de dois mil moradores do bairro têm junto à companhia entradas em processos de título de posse das casas e 800 têm a escritura em mãos. O empresário também apresentou contratos nos quais a União Fabril fecha acordo com os locatários para pagamento parcelado de dívidas acumuladas. O aluguel do imóvel cobrado hoje varia entre R\$ 80 e R\$ 120.

O advogado José Amanda Júnior, que moveu as ações coletivas, argumenta que o documento apresentado pela União Fabril é uma escritura, que impossibilitaria a cobrança de aluguéis. “Eles não fizeram o loteamento do terreno, então como podem cobrar aluguel?”, questiona.

A pedido da Ampla, o processo foi encaminhado à Defensoria Pública, mas ainda não foi protocolado oficialmente, de acordo com a assessora de comunicação.



Moradores antigos são acusados de invadir a região

Eulina Freitas, 66, diz que não vai abrir mão do imóvel

Moradores mantêm casas que formavam a vila operária

As casas de adobe da Rua Ursula Catharino, que deram forma à vila operária em 1860, nasceram no bairro de Plataforma, sofreram reformas e foram ampliadas. A residência nº 32, de Eulina Freitas da Silva, 66 anos, hoje conta com cerâmicas nas paredes e piso no lugar dos antigos tijolos.

Eulina investiu em melhorias desde que o marido, Raimundo Alves da Silva, comprou o imóvel há 19 anos na mão da União Fabril. Ela mostra que não vai abrir mão do imóvel, onde mora há 41 anos. Segundo Eulina, no final do ano passado, ela recebeu uma carta da empresa convocando-a para negociar dívidas. “Eles não sabiam de quem era a casa. Estavam tirando no escuro. Não respondi, fiquei na minha, porque tenho a escritura”, disse.

Venda

O caso da costureira Zildemira Mata da Silva, 49 anos, é diferente. No mês passado, ela foi convocada pela companhia. “Falaram que, caso eu não pagasse os oito meses de aluguel [de R\$ 142] atrasados, iria ser despejada”.

Inquilina há 22 anos da casa nº 43, Zildemira disse que chegou a perguntar sobre a possibilidade de comprar o imóvel na mão da empresa. “A secretária disse que as casas não estavam mais à venda”.

Ação aponta usucapião especial

Josmar Aécio de Santana, 72 anos, nasceu na casa nº 18 da Rua Ursula Catharino, em Plataforma, onde mora sozinho desde 2000, após o falecimento da tia Isaura Pinheiro da Silva, aos 84 anos. No dia 20 de janeiro deste ano, uma carta subscrita pelo juiz Benedito dos Santos, da 20ª Vara Civil de Salvador, chegou às suas mãos solicitando que em 15 dias ele se retrasse do imóvel, sob pena de ser removido à força da residência.

“Fiquei desesperado”, afirmou o eletricitista aposentado. A tia Isaura trabalhou 35 anos como tecelã na antiga Fábrica de Tecidos São Braz (Fatzraz),

da qual sobrou apenas um prédio em ruínas, alvo hoje de prostituição e usuários de drogas. Josmar conta que a tia, aposentada com um salário mínimo, pagou à família Catharino, até 1996, a mensalidade de R\$ 50.

Depois resolveu brigar pela posse do imóvel. “A União Fabril fez duas propostas, de R\$ 10 mil e R\$ 11 mil, mas ela não tinha condições de pagar”, contou. Josmar permanece na casa, porque a ação de despejo foi suspensa em função de o juiz, após provocação de advogado, ter tomado conhecimento das ações coletivas de usucapião.

Ações

As ações de despejo são a evidência de que a Justiça reconhece propriedade da União Fabril, aponta Paulo Cathari-

no, outro dirigente e proprietário da União Fabril.

Mas alguns moradores, como Josmar, acusam a família Catharino de ter invadido a região. “São grileiros”, afirmou o eletricitista. O advogado José Amanda disse que a União fez contratos irregulares para burlar a falta de cobrança das taxas por um longo período. Por isso, o pedido de usucapião especial, quando há a propriedade, sem oposição (pacíficamente), por cinco anos ininterruptos, de área urbana de até 250 m².

“Eles não têm todos os contratos de aluguel. Cobram aleatoriamente”, disse.

Pela lei, usucapião é a posse por um tempo do bem continua e pacificamente

Fonte: Jornal A Tarde, 19 de setembro de 2011. “Comunidade disputa com a empresa posse de Plataforma”.

259 Usucapião refere-se ao reconhecimento e legalização da posse da terra após a permanência mínima de cinco anos.

260 Ver “Comunidade disputa com empresa posse de Plataforma”: Jornal A Tarde, Salvador, 19/09/2011.

261 Sobre a disputa pela posse da terra em Plataforma, ver dentre outros: GARCIA (2009).

Dentre estas famílias encontra-se a de Dona Elizete. O terreno de Pirajá onde foi construída a sua casa, após o casamento foi comprado de um parente dela que não dispunha de título da terra. A compra se deu nos termos da *boa-fé*, através da emissão de uma carta de confirmação da venda.²⁶²



Imagem 17. Ruínas da antiga *Casa do Cabrito*.

Fonte: Pesquisa de campo, 2011. Foto produzida pela a autora.

A fotografia mostra o terreno invadido pelo pai de Dona Elizete nos anos 1980. Nela aparecem os escombros dos alicerces da antiga construção da *casa do Cabrito* derrubada por Dona Maria José,²⁶³ uma das irmãs mais velhas de Dona Elizete, após o

262 No capítulo seguinte retomo as discussões sobre as “invasões” em Salvador, um pouco mais a partir da trajetória da “luta” por moradia.

263 Dona Maria José é a irmã com quem Dona Elizete diz ter mais ligação. Ao reportar-se a ela, a entrevistada fala com orgulho e lembra que: “*Essa [irmã] que mora no Cabrito, ela trabalhou mais, assim, na casa dos outro, ajudando, ajudante de cozinheira... Ela vinha pra casa todo dia. Mas ela trabalhou mais assim. É que ela é uma pessoa, assim, pra fazer comida, é uma pessoa, assim, de mão cheia pra fazer comida, porque ela trabalhou muito ajudando pessoas que vendia comida*”. Ainda sobre a irmã, Dona Elizete faz outra distinção, em relação às outras, ao fazer referência ao imenso desejo de Dona Maria José em estudar, o que vai se realizar, no olhar de Dona Elizete, nos filhos desta. “*Maria José! Ela era louca pra estudar, minha filha! Tinha uma loucura! Só tirava dez nas prova, aí ela queria estudar e ela confirmou isso nos filho, os*

falecimento de Seu Erotildes, no início dos anos 2000. “*Tem uns cinco a seis anos que derrubaram a casa, porque lá agora passou né? Passou asfalto, modificou tudo*”. A área do terreno, ao longo do tempo, foi gradativamente expandida com os sucessivos aterros e com a compra de um terreno, ao lado, por Robson – um dos sobrinhos de Dona Elizete,²⁶⁴ filho de Maria José, marinheiro que reside no Rio de Janeiro. A comercialização dos terrenos nesta área é feita nos termos da confiança. A transação se dá com o pagamento do custo pelo comprador e um recibo simples de pagamento é emitido pela outra parte. No caso em questão, a compra do terreno se deu desta forma. Parte desta área, situada no Cabrito de Baixo, encontra-se na fronteira limite do Parque São Bartolomeu e ainda é considerada “invasão”, tendo alguns trechos que permanecem em disputa na justiça.



Imagem 18. Seu Erotildes e Robson

Fonte: álbum de família de Dona Elizete.

filho dela todos formado”. Interessante citar, de imediato, que igualmente aos sobrinhos (filhos de Dona Maria José), os seus filhos são também todos formados, dos quais dois com nível universitário. Ao diferenciar, diz: “*eu tinha preguiça de estudar*”, enquanto sua irmã, de modo distinto “*tinha uma loucura!*” Mas sobre este aspecto, voltarei a tratar no último capítulo da tese.

264 Ele reside atualmente no Rio de Janeiro, para onde mudou para servir na marinha brasileira.

A casa de Dona Maria José fica ao lado, a poucos metros desses escombros. Vale salientar que a referência à *casa do Cabrito* é central para Dona Elizete e para outros entes familiares na manutenção da rede familiar. Penso que a *casa do Cabrito* é também – hoje apenas um amontoado de escombros –, um “lugar de memória”. Ou, nos termos de Marcellin (2006), parte de uma “configuração de casas”, que agrega a casa de Dona Elizete em Pirajá, a casa de Dona Maria José e as casas dos filhos e filhas delas. Esta mesma dinâmica de “casas” observo numa rede mais extensa entre a família e os parentes dos *Silva Sant’Ana*, na Barra do Paraguaçu e diferentes bairros de Salvador, ao que descrevo mais adiante em outro capítulo.

A fotografia deixa revelar na parte externa do terreno, delimitada pelo muro de alvenaria, construído em 2006 com recursos enviados por Robson, a presença de árvores frutíferas características na região.

A referencialidade a essa *casa* é de reconhecimento e de pertença identitária também para as gerações de filhos e netos já nascidos na cidade. Lá residem – nas árvores, nos trechos aterrados, nos escombros da antiga *casa* de seus pais –, as marcas das memórias dos tempos iniciais em Salvador, da infância e juventude e da luta por dias melhores na cidade.

O terreno, onde a *casa da família* foi erguida há décadas atrás e que depois foi derrubada, deixando as marcas de uma memória que afirmasse presente nas ruínas ali presentes, ampliado depois mediante a compra de mais um *lote* ao lado, aparece na narrativa produzida por Dona Elizete e outros membros da família, como pertencentes a todos. Afinal foi ali que os pais dela *invadiram* e construíram a vida em Salvador. Foi ali que todos os filhos do casal, vindos do Jiquiriça, foram criados e onde os netos passavam dias, semanas e períodos longos da vida. Hoje no terreno considerado da família encontra-se a casa construída por Dona Maria José e seu marido, com a ajuda dos filhos, especialmente de Robson, com os proventos que ele sempre enviou depois que se mudou para servir a marinha no Rio de Janeiro; bem como, os escombros da *casa da família*. Na casa de Maria José vive apenas Eliana, sua filha mais velha.

3.4. Casamento e experiência racial

A partir do entrelaçamento produzido após o casamento de Dona Elizete com Seu Haroldo, observo estratégias comuns a outros sujeitos.

Seu Haroldo tem 64 anos de idade. Negro, como se definiu, de aparência forte. Um contador de histórias. Hábil na arte de construir e reconstruir enredos. Sempre muito disposto e sorridente. Ao que tudo indica, Seu Haroldo sempre foi uma pessoa muito popular entre Plataforma e Pirajá. Circulava muito. Um homem de muitas *relações* e *camaradas*. Uma pessoa que “*todo mundo gostava dele*”. Migrou para Salvador em 1958. Criança, ele partiu de Monte Gordo, um povoado, localizado no município de Entre Rios,²⁶⁵ com seus pais: Agemiro e Virgínia, e seus irmãos: Orlando, Adalgisa, Auristela, Antônio, Alípiã, Alaíde e Aurelino.²⁶⁶ Todos juntos, os *Alves Barbosa*, foram residir no bairro de Plataforma. Lá moraram em diferentes lugares: na Rua da Areia, a primeira travessa do lado esquerdo da Rua do Sertão, nas proximidades da Rua Paissandu; e de lá se mudaram para o Alto das Bananeiras. Em seguida, foram para a Cabeceira do Tanque e, por fim, para o Cabrito, na *Variante*.²⁶⁷ “*Naturalizei em Plataforma*”, nos termos de Seu Haroldo, ao explicar que chegou muito criança à cidade, e por isso se sentia pertencendo àquele lugar. Entretanto, em suas lembranças, Monte Gordo tem cores, tem vida que conformam memórias que não foram vividas e sim contadas por seus pais e irmãos mais velhos.

Da mesma maneira, como apareceu na experiência de Dona Elizete e de outros *migrantes*, o pai de Seu Haroldo, Seu Agemiro, transitava por Salvador muito tempo antes de resolver mudar-se com toda a família. De tempo em tempo, aportava em Salvador para trabalhar em alguma obra na construção civil. Isto lhe garantiu um conhecimento prévio sobre a cidade. Porém, sempre retornava para *casa*. Chegou um momento que esta rotina de idas e vindas entre a capital baiana e Monte Gordo teve fim, mediante a decisão definitiva

265 Parte do Território de Identidade do Litoral Norte.

266 Segundo os relatos de Seu Haroldo, Adalgisa e Auristela faleceram de forma repentina, com 20 e 13 anos de idade, respectivamente, já residindo em Salvador.

267 Conforme o Dicionário da língua portuguesa, Variante diz respeito ao ramal de uma via de comunicação projetada numa diretriz diversa do projeto original. No caso, esta configuração urbana ganhou entre os moradores do *Subúrbio*, não só do trecho específico de Plataforma e bairros adjacentes, o sentido social e cultural de lugar. A *Variante*, assim como o *Luso*, foi cenário de vários protestos dos moradores por melhorias de infraestrutura na *Suburbana* e contra os acidentes e atropelamentos comuns neste trecho.

de migrar para a capital. “Segundo a história, ele queria vida melhor... queria trabalhar. E ele veio pra trabalhar. Trabalhou na construção civil, mas não foi muito tempo. Teve um acidente e amputou a perna. Aí ficou encostado”, recordou Seu Haroldo.

Sobre sua mãe, Dona Virgínia, recordou que trabalhava em casa, ajudava nos afazeres domésticos antes de conhecer Seu Agemirol. O relacionamento dos seus pais não foi aceito pela família de sua mãe. Isso acabou por se constituir como um estímulo para que buscassem outra vida longe de Monte Gordo. Ao que pareceu, as diferenças de cor entre eles motivavam a recusa ao seu pai, como podemos extrair do fragmento descrito a seguir:

Seu Haroldo: *Ela [Dona Virgínia] pouco trabalhou. Quando ela gostou do meu pai [Seu Agemirol] não foi por vontade de minha avó. Então, ouve aquela contenda [controvérsia], aquela contenda. Eu não sei se porque minha avó, tipo! Tinha um preconceitu [sic]. Porque meu pai era **homem negro**. Minha avó era, como se diz? Mulher de português. Meu avó era português. Engraçou [Dona Virgínia] e não foi do gosto de minha avó. Nestas alturas meu avô já tinha morrido, pai de minha mãe – Que ela não conheceu. Tava com seis meses de idade quando ele faleceu [sic]. Então, ela [Dona Virgínia] veio acompanhando meu pai [grifos meus].*

Seu Haroldo trabalhou como ajudante de pedreiro durante muitos anos. Mesmo aposentado, continua trabalhando como *marmorista* – profissional que trabalha no corte e lapidação de pedras de mármore –, sem vínculo fixo e fazendo *bicos*.²⁶⁸ Casaram-se, ele e Dona Elizete, em 1973, “na igreja e no civil”, como faz questão de enfatizar.

Como Dona Elizete – uma menina que após deixar de estudar, com 14 anos de idade, pois se considerava *fraca de leitura* e ter se inserido no “mundo do trabalho” fabril, através de suas irmãs que já trabalhavam muitos anos antes, que, assim, transitava “*de casa para o trabalho e do trabalho para casa*” – conheceu Seu Haroldo? Sobre este momento suas lembranças parecem voar:

Dona Elizete - *Foi lá em Plataforma, quando ele saía pra trabalhar, eu também saía.*

Cristiane - A senhora teve outros namorados antes dele?

Dona Elizete - *Não. Foi o primeiro e único (...) Foi ele. Ele era colega de Loro, meu cunhado, que é o marido de – era porque ele agora já [é] falecido – de Maria José.²⁶⁹ Ele jogava bola. (...) Encontrei com ele, que ele falou pra*

268 Pequenas prestações de serviços e ou venda e comercialização de bens e alimentos realizados de forma esporádica e ou sem remuneração fixa e condição de trabalho regularizada.

269 Lourival (Loro) faleceu em outubro de 2011.

namorar comigo. Ai, que homi lindo [sic]! Meu Deus! Que foi naquelas Palmeira [Imperiais] que tem ali em Plataforma. Aí ele falou comigo, ele pegou a canoa – a gente pegava canoa de Plataforma pra [o bairro da] Ribeira. Eu trabalhava no [bairro do] Uruguai. Mas a gente atravessava de canoa. [grifos meus]

Ao lembrar o momento em que passa a enxergar Seu Haroldo, Dona Elizete é também enfática em seu encantamento. E o cenário é lindo: “*naquelas Palmeira[s] que tem ali em Plataforma*” e “*no meio do mar*”. As Palmeiras Imperiais emolduram a antiga estação de trem, Almeida Brandão, no bairro Plataforma. E o mar era o espelho. Naquele tempo, a circulação para locais mais distantes dali era possibilitada através do trem e das canoas. “*Era mais prático do que esperar o trem (...). Era. A gente preferia atravessar de canoa. Atravessava de canoa*”. O depoimento de Dona Elizete registrou o percurso comum realizado por muitas pessoas que se dirigiam ao trabalho, localizado em outras partes da cidade. Após “*atravessar de canoa*”, já “*na Ribeira pegava um ônibus e seguia até a entrada do bairro do Uruguai. Era prático*”. Sobre o encontro com Seu Haroldo, continuou a me contar que:

Dona Elizete: (...) *Ele pegou a canoa, eu num sabia o nome dele. Aí o rapaz pagou a dele [a passagem] e disse: “Haroldo, sua passagem tá paga”. Quando eu olhei, assim, era ele. Aquilo encheu meus zoio. Minina, que coisa! No meio do mar.* [sic]

Cristiane: Foi nesse dia que a senhora viu ele?

Dona Elizete: *No mesmo dia que ele falou que queria falar comigo. Parece que naquele dia foi que eu passei a enxergar. Aí quando peguei a canoa, ele também pegou, passou, eu num reparei que ele tinha pego essa canoa nem nada, aí ele sentou ni um canto, de um lado e o colega do outro. Aí o colega: “Haroldo, sua passagem tá [paga]”. Quando chamou “Haroldo”, que eu olhei, era ele. **Qui homi bonito, viu? Ele. Ôh Jesus!***

Cristiane: Os olhos brilham (risos)!!

Dona Elizete: *Ele não é má pessoa, não. Mas é discarado demais[sic].*[grifos meus]

Após o encontro nas *Palmeiras Imperial*, Dona Elizete descreveu os oito anos que antecederam ao casamento como um período *difícil* e enfatizou os contratempos da relação. Esta narrativa evidencia um conjunto as representações e as auto-representações que Dona Elizete faz sobre sua condição racial e os efeitos que isso conformou a maneira com ela conduziu e conduz a vida. Pareceu-me, sobre isto, revelador o relato a seguir:

Dona Elizete: *Oxente, homi que fica cheio de filho pela rua, presta?*

Cristiane: Quantos filhos ele teve fora do casamento?

Dona Elizete: *Primeiro foi as duas menina de Plataforma [refere-se às filhas da namorada que ele tinha antes dela e com quem permaneceu enquanto namoravam e noivavam]. Queria entrar pra polícia [Seu Haroldo]. Aí ele não estudou até a quinta série. Aí ele foi estudá. Aí essa professora chegou e fez filho com ele.*

Cristiane: Era professora dele?

Dona Elizete: *Professora dele. (...) Mas ela dava aula particular em casa. Em casa. Não era professora nomeada. Não era escola, não. Era na casa dela. E minha dor, porque eu sou preta.*

Cristiane: A senhora já conhecia ele, já estavam namorando ou não?

Dona Elizete: *Não. Oi? Oi?*

Cristiane: Isso foi antes da Senhora?

Dona Elizete: *Não menina, ele já era meu namorado.*

Cristiane: Já era seu namorado?

Dona Elizete: *Já... Já ia ficar noivo. Já tinha ido lá em casa, falado com meu pai, com minha mãe. A gente demorou foi 8 anos pra casar. 8 anos!! Aí eu contei que ele queria ser policia, que ele era ajudante de pedreiro, ganhava pouquinho, que nem até hoje ganha pouco. Aí foi quando aconteceu. Aí eu, pretinha, a mulhé branca, aí aquilo [sic]. Aquilo pra mim foi a morte!*

Cristiane: A senhora achava que era por causa disso?

Dona Elizete: *Eu pensava que era por causa disso... E ele tinha um dos irmão dele que casou com uma mulhé branca, o outro também – o que chama Aurelino – com uma mulhé branca. Aí a mulhé preta que entrou na família foi eu. Agora não, que a sobrinha dele casou com um negro. Agora já tá tudo assim... Bem misturado. Mas naquela época só tinha eu no meio. Aí pra mim era aquilo. Mas a minha mãe que não deixou terminar o casamento.*

[grifos meus]

A condição racial de mulher negra e os efeitos do racismo sobre o curso da vida é recorrente nos relatos analisados, em diferentes trajetórias. O trecho acima destacado, com efeito, ilumina sobre este aspecto, especialmente por emoldurar as lembranças de Dona Elizete, dos tempos de namoro e noivado. Naqueles períodos, ela se sentia em posição inferior em relação às outras mulheres, por ela consideradas *brancas*. Da mesma forma, seus relatos possibilitam inferir sobre o lugar que sentia ocupar na estrutura familiar do marido. Junto a eles percebia uma preferência por outro perfil de *mulhé* que não correspondia ao dela, como enfatizou ao lembrar das esposas dos irmãos de Seu Haroldo: "*um dos irmão[s] dele que casou com uma mulhé branca, o outro também – o que chama Aurelino – com uma mulhé branca. Aí a mulhé preta que entrou na família foi eu*". Entretanto, essa posição de única *preta* mudou, pois "*a sobrinha dele casou com um negro. Agora já tá tudo assim... Bem misturado.*"

O uso das noções de *preta* e *pretinha* para referir-se a sua experiência no passado e de *negro* para pensar como isso vai mudar no presente ao exemplificar a experiência "*da*

sobrinha dele" indica, de certa forma, uma mudança na forma de ver e representar, racialmente, seu lugar no seio da família de Seu Haroldo. Ao mesmo tempo, me parece estar relacionado aos novos termos do debate em foga na sociedade brasileira acerca do racismo, atualmente. Isto aparece a partir das ideias e atitudes vivenciada por Dona Eliste, no âmbito da família, com filhos e sobrinhos que evocam para si a noção política de pertencimento de negro e negra. Neste ponto, a experiência de Haroldo, o filho, é bem eloquente, por causa de sua inserção já na adolescência na Pastoral Afro e depois no Cursinho Pré-Vestibular Coequilombo²⁷⁰ – primeiro como aluno e, após a inserção na universidade, como professor e coordenador pedagógico. Neste percurso, os debates e reflexões sobre as relações raciais e o racismo na sociedade brasileira tiveram um espaço fundamental no processo subjetivação e marcam suas as escolhas e práticas dentro e fora do espaço doméstico. Considero que isto, atravessasse também o universo perceptivo e prático de Dona Elizete ao pensar sua condição enquanto mulher negra.

“Ele [Seu Haroldo] num queria casar em Plataforma [sic]. Ele queria casar aqui em Pirajá. Porque ela [a namorada anterior, com quem teve duas filhas] disse que ia pra porta da igreja, fazer esculhambação. Ela prometia a ele que ia. Aí ele num queria!” [sic]. Para evitar constrangimentos, a celebração do casamento foi na Igreja São Bartolomeu de Pirajá.²⁷¹ Com a confirmação dos laços matrimoniais, o percurso feito por eles até Pirajá, desta vez, foi definitivo. Foram morar *de aluguel*. A mudança para o bairro do Pirajá não significou uma ruptura com a família e seu cotidiano. Ao contrário, alargaram as redes, os deslocamentos, possibilidades e, além disso, construíram outras formas de compartilhamento e dependência. As caminhadas continuaram. Agora o vetor inicial do movimento não era único. Havia uma *casa* de destino lá no Pirajá.

Os deslocamentos do Cabrito com destino ao Pirajá não ocorriam apenas para participar das missas dominicais na Igreja de São Bartolomeu de Pirajá. Davam-se, também, no sentido inverso: de Pirajá para o Cabrito, com o objetivo de visitar a família e os parentes que ainda viviam por lá, além de fazer o transporte e circulação “coisas” –

270 Cf. nota 73, desta tese. O Cursinho Pré-vestibular Coequilombo é projeto de formação de jovens pobres e negros do Subúrbio Ferroviário, criado sob pela Igreja Católica e apoiado pela Fundação Clemente Mariane. Trato de outros aspectos deste projeto no último capítulo desta etnografia.

271 Na Igreja do São Bartolomeu de Pirajá onde o pai de Dona Elizete trabalhou como zelador até a aposentadoria.

roupa, comida, documentos, etc. Da mesma forma, as incursões também se mantinham ancoradas no costume, na rede de sociabilidade e ajuda mútua, que após o nascimento dos filhos de Dona Elizete e de suas irmãs se complexificaram mais. Ajudar a compartilhar o cuidado com os filhos era necessário. Como sair para trabalhar ou mesmo para fazer as *coisas na cidade*? Desta forma, a *casa do Cabrito* continuou sendo um ponto de referência central de manutenção dos laços familiares. Nela, Dona Honorina e Seu Erotildes, compartilharam a criação e os cuidados dos netos também. Ali os viram crescer. Nos termos de Mauss (1988), redes de *reciprocidade*, de troca, o dom e o contra-dom.

O rompimento com o *mundo do trabalho* formal da fábrica, após o casamento, não fez com que Dona Elizete deixasse de *lutar* para garantir a sobrevivência da família. “*Eu sempre trabalhei porque lavei de ganho pra caramba [sic]. Num consegui, num consegui ficar sem ter o meu dinheirinho. Lavava de ganho (...). Pra aqui, pra Pirajá, mesmo [sic].*” Lavou de ganho, como enfatizou: “*sempre por aqui, mesmo. Pra minha cunhada, bocado de ano (...). Lavei pra Dona Joselita, lavei pra uma professora chamada Temisa*”.

A noção de *lavar de ganho* é muito comum no imaginário soteropolitano, corriqueiramente utilizado entre as mulheres pobres (negras em sua maioria) com quem trabalhei nesta parte da cidade para referir-se ao serviço prestado de lavadeiras particulares para indivíduos ou famílias. A expressão “de ganho” remete a prática dos “escravos de ganho”, que ocupavam circulavam pelas ruas de Salvador até final do século XIX, comerciando produtos em prestação de serviço aos senhores proprietários.²⁷²

Ainda sobre sua experiência de *luta*, Dona Elizete continua seu depoimento:

Dona Elizete: *Aí depois eu comecei a vender geladinho em casa. Sempre eu ganho um dinheirinho, sempre! Eu tô agora com esses negocinho. Hoje não vendi quase nada porque em dia de chuva os minino some [sic]. Mas eu vendo minhas bala, vendo meu geladinho [grifos meus].*

Entretanto, não foi lavando *de ganho* apenas que Dona Elizete trabalhou para garantir o sustento dos filhos. Precisou, assim como sua mãe, criar outras estratégias para ganhar o seu próprio *dinheirinho*, o que fez com a comercialização d'*esses negocinho* de sua *quitandinha* e também, de *cafezinho*; este último era vendido por seus dois filhos,

272 Reflexões mais específicas sobre o tema o trabalho “de ganho” entre os escravos urbanos encontra-se em João José Reis (2000; 2003).

Haroldo e Dércio. Para isto, segundo relatou Haroldo [o filho] no depoimento abaixo, eles andavam muito pela cidade:

Haroldo: *Cris[tiane], eu comecei a vender cafezinho primeiro em 1990 e fui até meados de 1999. Na prática eu **estudei o ensino fundamental e médio vendendo cafezinho**, só parei de vender quando comecei a trabalhar no Bom Preço [supermercado], em 2000. Meu irmão ficou uns três anos, de 1992 a 1995. Quando comecei a vender eu **não tinha ponto fixo**, então **andava muito pela cidade de Salvador**. Lembro que teve um dia que andei do Largo do Retiro até o Campo da Pólvora, passando pela Barros Reis, Baixa de Quintas, Sete Portas, Aquidabã e Baixa do Sapateiro. Depois de um tempo, passei a vender no posto de gasolina do Porto Seco Pirajá e, quando tinha disposição e café, andava pela parte que ficava as empresas. Depois de uns três ou quatro anos, passei a vender num posto de gasolina próximo do supermercado Makro, na BR 324. Nesse período meu irmão estava vendendo também.*

Este depoimento indica a importância que sair do bairro e andar pela cidade tem no processo de constituição de outras formas de ver e se colocar no mundo para muitos dos jovens pobres e negros da periferia de Salvador. Sobre outras dimensões do processo de deslocamento do bairro *a caminho da cidade* discuto no último capítulo da tese.

Por ora, retomo a discussão sobre a comercialização de produtos nas *quitandas* instaladas nas frentes das casas, uma estratégia de manutenção e reprodução da vida; o que não é uma singularidade na casa de Dona Elizete. Aparece na experiência de outras pessoas e famílias. Por ora, considero elucidativo, por outro lado, destacar outra dimensão da *quitanda*, quando se trata de dispor sempre de um algo a ser presenteado a um visitante.

Nas visitas à casa de Dona Elizete e Seu Haroldo eu saía com a bolsa recheada de doces, *bombons* e *salgadinhos*, a mim presenteados, não sem resistência. Por mais que recusasse a oferta feita e explicasse que aquilo não era necessário e, mais, que acabaria por lhes trazer prejuízos, as respostas aos meus apelos eram sempre negativas. E de lá saía eu, de volta para casa, com a bolsa cheia de guloseimas. Lembro apenas de uma ocasião de convencê-los a receber parte do pagamento das prendas do dia, não sem resistência por parte deles, principalmente de Dona Elizete. Com o passar do tempo fui deixando de mobilizar qualquer argumento neste ponto. Percebi que, para eles aquela era uma forma de me receber bem, de afirmar a intimidade e o afeto que sinalizavam nutrir por mim. Insistir acabaria por demarcar uma distância que não desejava e que tampouco era necessária.

A “casa de Pirajá” foi construída paulatinamente, a partir da “casinha de taipa” que já existia no terreno. Dona Elizete deslindou todo este processo no trecho de uma de nossas conversas, assim:

Cristiane: Como foi a construção desta casa?

Dona Elizete: *Essa casa foi meu cunhado que fez.*

Cristiane: Irmão de Seu Haroldo?

Dona Elizete: *Não. Foi o marido de minha irmã. O marido de Eronildes,²⁷³ é pedreiro. Ele morava lá no Alto do Cruzeiro, aí ele vinha dia de domingo, aí ia fazendo a casa, teve um compadre de Haroldo, também, que mora em Plataforma. Foi toda feita assim, sem a gente paga [sic]. Vinham... Ia fazendo a casa, era coberta de telha. Cê vê que **a casa é toda malfeita**. Aí era **tudo na base da bebida**, da bebida. Fizeram essa casa alta demais. E a casa aí tá aí sem jeito. (...) Aí a gente já fez foi muito, já morava aqui, tinha os menin, tudo! Foi, eu digo: “bora fazer uma cobertura aqui, que aí já fica o lugar de estender roupa e tal”.*

Cristiane: Uma laje?

Dona Elizete: *Agora, não dá pra bater laje que a casa é de [al]venaria, é de pedra. Num tem fundação, não. Num tem não. Pra bater laje aqui tem que dirrubar a casa toda... e fazer tudo de novo, e num tem dinheiro pra isso.*

Cristiane: Uhum, Uhum!!!

Dona Elizete: *Agora, o beco a culpada foi eu, porque **na casa de minha mãe, lá no Cabrito, tinha** e a gente arrudiava a casa toda [sic].*

Cristiane: Ah, e a senhora queria um pra poder chegar no quintal sem passar por dentro da casa (risos)!?

Dona Elizete: *Me ferrei (risos)!!*

Cristiane: Porque?

Dona Elizete: *A casa ficou estreita, a sala ficou muito estreita. O quarto não é nem tão pequeno, os quarto[s] são de um tamanho ótimo. E aqui [o avarandado] é... Porque minha mãe tinha um jardim.*

Cristiane: A senhora queria fazer um jardim?

Dona Elizete: *Um jardim... Fiz! **Era um jardim lindo**, aqui! Era o jardim e o beco pra gente atravessar. Mas a casa ficou estreita.*

Cristiane: E porque desfez o jardim?

Dona Elizete: *Com o tempo eu desfiz do jardim, cimentei aqui. A gente botou o banquinho aqui. Depois eu inventei de cobrir. Aí nós cobrimos...*

Cristiane: Uhum!!

Dona Elizete: *Mas Haroldo tem vontade de enlargar a casa né [sic]. Tirar. Fazer uma parede, desmanchar essa grandona. Mas pra **botar laje é difícil** [sic].*

Como enfatizou Dona Elizete, a *casa de Pirajá* foi feita com a ajuda de parentes. E o trabalho realizado aos domingos era regado “*tudo na base da bebida*”, ao que atribui a casa ser *malfeita*. A Construção da casa entre eles e também entre muitas outras pessoas com as quais trabalhei demonstra-se como uma prática em constante movimentação. Sempre por fazer, sempre por terminar!! É como se desta forma se estivesse se alimentando o sentido de suas próprias vidas, marcando o ritmo próprio da *luta* pela sobrevivência.

273 Após a morte de Dona Maria Eronildes, ele e os filhos migraram para São Paulo, onde ele faleceu. Os filhos vivem em São Paulo até hoje, onde constituíram família.

Primeiro, o desejo de um *beco* – um corredor estreito –, como havia na casa de sua mãe lá no *Cabrito*. Em seguida, um jardim, da mesma forma, como dispunha a *casa do Cabrito*. E depois sentenciou o seu fim: “Com o tempo eu desfiz do jardim, cimentei aqui. A gente botou o banquinho aqui. Depois eu inventei de cobrir. Ai nós cobrimos...”. Mudanças permanentes e contínuas. E “a casa ficou estreita”. “Botar laje é difícil” [sic] – ao me falar sobre isso o tom foi de tristeza. Entre as famílias dos bairros pobres e periféricos de Salvador, *bater laje* é a possibilidade de ampliar a casa, a família, de legar, deixar de herança aos filhos um lugar para construir a própria casa. De toda sorte, Dona Elizete, constrói em torno da *casa de Pirajá* memórias de um mundo vivido em outros tempos na *casa do Cabrito*.

A trajetória da experiência de Dona Elizete ao chegar a Salvador, a despeito de indicar semelhanças em relação à de outros *migrantes*, apresenta algumas especificidades que ajudam a pensar as recorrências em outras trajetórias. Dona Elizete não chegou sozinha à cidade. Veio com a família: pai, mãe e irmãos. Da mesma forma que outros migrantes, ela chegou criança; porém, seus pais tinham ofícios especializados; ela não foi morar em outra rede familiar configurando-se numa *cria da casa*.²⁷⁴ Ou seja, pessoas que ocupam lugar no seio da família, criadas como parte dela, mas em muitos sentidos e na prática, acabam não sendo – e, nem tão pouco, com o *status* claramente definido de empregada doméstica, no caso de outras mulheres; e nem na construção civil ou como um “faz tudo”, no caso dos homens. Evidentemente, existem muitas outras experiências em que estas crianças passam a fazer parte da família que as recebe. Exemplos desta natureza não são tão incomuns, como destacou Godoi.²⁷⁵ Escolhidas para serem “bem criadas” muitas crianças circularam entre diferentes territórios do Brasil. Porém, a muitos destes “criados” estava reservado o papel (e ainda está) de “ajudar” em casa com o trabalho doméstico e outros afazeres.

A subalternização na dinâmica da vida urbana não era fruto de uma relação de trabalho ou dependência em determinadas redes, a priori. Foi se configurando mediante as

274 Outras reflexões sobre este tema podem ser encontradas em KOFES (2001a); AZEVEDO (2012).

275 GODOI. Emília P. (2010).

condições e possibilidades no jogo da vida na cidade. A mãe de Dona Elizete era escolarizada, como vimos. Isso lhe possibilitou criar e ocupar lugares diferenciados na rede de prestações de serviços que requeriam certo letramento. Na *casa do Cabrito*, ela criou um espaço para lecionar para as crianças do bairro. Ela valorizava os *estudos* e buscava formas de inserir seus filhos nas redes educacionais na cidade. Dona Elizete não continuou os estudos. Parou na quarta série. Não fez a prova de admissão – prova de avaliação que definia quem podia seguir para a quinta série. Em seus termos: “*não era muito boa com os estudos*”, por isso deixou a escola e dedicou-se apenas ao trabalho. Suas irmãs mais velhas fizeram admissão e estudaram alguns anos mais. A prova de admissão rodeia a memória dos migrantes com os quais convivi durante a pesquisa de campo, como veremos. Dona Elizete se lamenta, ao lembrar deste momento e olhar para sua “*vida hoje*”. Entretanto, se sente realizada nos filhos e sobrinhos que deram continuidade aos estudos, alguns dos quais foram para a Universidade.

A relação construída com a Igreja Católica e o trânsito em suas redes lhes deram, aos membros da família de Dona Elizete, possibilidades de inserção no mundo do trabalho e da educação formal que até hoje se fazem presente junto às novas gerações. Entre outros *migrantes* observei a importância dessas redes religiosas (Católicas e do Candomblé) na experiência e nas formas de inserção que vão ter na capital. No caso de Dona Elizete, o contato de seu pai com as redes da Igreja – primeiro na Igreja da Nossa Senhora da Conceição da Praia e depois com a Igreja de Nossa Senhora de Pirajá –, foram fundamentais para os rumos seguidos pela família. Através dessas conexões circularam pela cidade; construíram amizades; conseguiram informações e trabalhos; e depois, no caso de Seu Erotildes, um emprego, no qual se aposentou.

Nas palavras de Dona Elizete e nas imagens evocadas por ela, foi possível traçar um percurso narrativo que forjou um mapa de sua memória que nos possibilita construir diferentes proximidades na trajetória de sua experiência; assim como nos conduziu a horizontes históricos e culturais que configuravam e configuram a Salvador em diferentes tempos.

No capítulo seguinte continuo neste percurso, doravante, tomando como fios condutores as experiências de Seu Camilo e Dona Railda para tecer as trajetórias de outras pessoas que migraram e nos informam sobre as estratégias adotadas para conseguir se

inserir na cidade, especificamente no *Subúrbio*, através da luta por moradia durante o processo de modernização de urbanização de Salvador.

CAPÍTULO IV.

ESTRATÉGIAS DE OCUPAÇÃO: EM BUSCA DA CASA PRÓPRIA

- *A terra tem suas páginas: os caminhos. Está me entendendo?*

- *Mais ou menos.*

- *Você lê o livro, eu leio o chão.*²⁷⁶

4. 1. Jardim de lotes e obras

Cristiane: Hoje é primeiro de Abril (risos). Mas, hoje, a gente vai falar de muitas “verdades”. Das verdades da experiência de Seu Camilo. Enfim, estou aqui hoje para gente conversar. Conversar um pouco sobre sua história. Primeiro, eu queria que o senhor falasse o seu nome completo? Qual a idade do senhor? De onde o senhor é?

Seu Camilo: *Feira de Santana. (...) A idade, setenta e seis anos, feito hoje.*

Cristiane: Ah, é mesmo! Poxa, o senhor não me disse antes que hoje era seu aniversário.

Seu Camilo: [risos] (...) [barulho de prego batendo na parede]

Cristiane: Parabéns!! E o senhor está no dia do seu aniversário rebocando a casa, concertando a casa?

Seu Camilo: *É assim mesmo. Não pode ficar quieto. (...) Fica quieto quando tá doente!*

O relato acima, foi feito no segundo encontro em que estive com Seu Camilo. Naquele primeiro de abril de 2011 ele completava 76 anos de idade e comemorava trabalhando, fazendo reparos nas rachaduras em uma das paredes de sua casa. Como enfatizou: “*É assim mesmo. Não pode ficar quieto. (...) Fica quieto quando tá doente!*”. O evento revela muito sobre a trajetória deste senhor que dedicou a vida a construir.

276 Diálogo entre Miserinha e Marianinho, personagens de Mía Couto em “Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra”. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.



Imagem 19. Foto de Seu Camilo em casa.

Fonte: Trabalho de Campo 2011, foto da autora.

**Imagem 20. Frente da “casa” de Seu Camilo.
Ele e o neto, Caio, arrumando as ferramentas
de trabalho**

Fonte. Foto da autora. Trabalho de Campo, 2011.



Nesta imagem, Seu Camilo aparece sentado e segurando o controle do aparelho de som, no breve instante (no início da entrevista), em que parou o trabalho para desligá-lo, afim de que pudéssemos gravar nossa conversa. Entretanto, durante quase todo o tempo em que estávamos gravando nossa conversa ele, se manteve resoluto no trabalho. Por diversas vezes, eu perguntei se queria remarcar a entrevista para outro dia e que podíamos conversar, naquele momento sem o registro em gravador, ao que ele, enfaticamente, respondia que era bom *aproveitar o tempo*.²⁷⁷ No decorrer da entrevista, Seu Camilo manteve um ritmo de entradas e saídas para realizar a contínua *vira(d)a massa* em frente à casa, aproveitando o tempo. Quando a massa estava no ponto, ele a transportava num pequeno vasilhame de plástico preto para, em seguida, ser arremessada (com a colher de pedreiro) em direção à parede por repedidas vezes.

Outro breve instante em que Seu Camilo deixou a pá e a colher de pedreiro aconteceu quando um dos vizinhos mais antigos dele, Seu Antônio, chegou à procura de Camila, sua filha mais nova. Seu Antônio, um senhor negro de, aparentemente, sessenta anos de idade, queria que Camila lhe aplicasse uma injeção.²⁷⁸ Passado aquele breve instante entre os cumprimentos, o pedido feito e a passagem de Seu Antônio para um dos cômodos mais internos da casa, voltamos ao que fazíamos antes da interrupção, os dois aproveitando o tempo. Daquele tempo continuei a extrair das perguntas formuladas, das respostas dados e do corriqueiro e inusitado ao meu olhar que perambulava acompanhando seus movimentos o que eu achava que poderia ser relevante para a pesquisa.

A vida dele foi empenhada em construir casas e erguer prédios. As evidências registradas nos relatos e mais no que observei, possibilita entender a vida de Seu Camilo desta forma. Aposentado, vez ou outra, entretanto, faz reformas e reparos na própria casa, apesar de não gostar de fazê-los. Sua preferência é por construir. Gosta de *ver sair do chão* a construção. Ouvir os relatos de Seu Camilo me reporta à imagem do plantio/cultivo, que

277 Antonádia Borges (2003) apresenta uma discussão sobre a dimensão do “tempo” enquanto algo manipulável; o “tempo” como algo que se ganha e se perde em relação às mais variadas situações ordinárias da vida (p. 70), o mesmo observo entre os moradores do *Subúrbio*, de forma espaiada. Borges reflete sobre as formas de manipulação que os moradores do Recanto das Emas fazem desta dimensão ao se referirem à prática de sua pesquisa. A preocupação com que não perdesse tempo na realização do seu estudo era premente.

278 Além de Camila, Andreia, André e Anderson, outros filhos dele, que atuam na área de saúde como enfermeiros e auxiliar de enfermagem. Seu Camilo considera que a escolha profissional dos filhos pela área de saúde significa uma missão em sua família: “cuidar dos outros”.

para germinar e crescer é preciso plantar semente (fixar as bases), é preciso regar todos os dias para crescer (dispor um tijolo após o outro até *sair do chão*) e cuidar e alimentar (fazer reparos) para salvaguardar.

Em nossas conversas, ele afirmou que construiu (plantou) muitas casas em diferentes bairros de Salvador. Em alguns destes bairros fixou moradia em *casa própria* construída com as *próprias mãos*. Neles deixou os frutos para os filhos. Hoje Seu Camilo reside no Planalto Real II,²⁷⁹ no bairro de Plataforma, há mais de 30 anos, desde que foi *morar* – em termos legais se define como uma união consensual – com Dona Neném.²⁸⁰ Antes dela, ele havia se casado sete vezes e enviuvado três. É pai de dez filhos, todos vivos, dos quais seis são das relações conjugais anteriores a Dona Neném. Augustinho é o filho mais velho dele; hoje mora em Pirajá.²⁸¹ Depois dele nasceram Manoel, Iara e Ari, os quais residem no bairro de Tancredo Neves, no *Miolo de Salvador*; o próximo, Lázaro reside em Itapuã e, por fim, Domingos que mora em Fazenda Grande II. Netos *são muitos*, o que me disse Seu Camilo, num esforço de memória, pois já perdeu as contas; quanto aos bisnetos, são seis.

André, Anderson, Andreia e Camila são seus filhos com Dona Neném. Além dos dois filhos, reside na casa sua nora, Regina – esposa de Anderson. Camila, a filha mais nova, é casada e mora com o marido e filho, Caio, de 5 anos de idade, na mesma rua, como falei antes. Andreia mudou-se para Teixeira de Freitas, na região do Extremo Sul da Bahia, com os filhos, para trabalhar.

A casa da família é *de construção*. Uma casa erguida com tijolos e cimento, parte dela *rebocada* (com acabamento) e boa parte com *laje batida* – outra parte da casa é coberta por telhas de *Eternit*. Esse tipo de habitação que não é o *barraco* de madeira, adobe ou outro artifício construtivo, é comum em todo o *Subúrbio*. Ora, é comum também entre

279 O Planalto Real II é um loteamento de Plataforma, localizado do lado direito de quem se aventura na *Avenida Suburbana*, vindo da *cidade*, logo após os bairros do Lobato e Cabrito, respectivamente. Nas franjas do Parque São Bartolomeu, o Planalto Real é emoldurado por diferentes tons verdes das árvores silvestres e frutíferas do lugar. Apesar de, no discurso comumente feito pelos moradores, o Planalto Real aparecer como local de moradia, isso ocorre com a ressalva de que ali o bairro é Plataforma, em oposição, a uma tentativa de marcar uma distinção em relação a outras áreas do bairro, a exemplo de partes mais antigas da parte alta da colina de Plataforma, onde fica a Praça São Braz, o *Luso*, o São João etc.

280 O nome de Dona Neném é Cecília, mas ninguém a conhece por este nome.

281 Durante a entrevista, Seu Caminho me disse que Agostinho estava com 58 anos de idade. Entre os filhos mais velhos é o único que o visita, em seus termos; “*Ele vem sempre sim...*”. Este filho trabalha como cobrador de ônibus em Salvador.

as casas *de construção* aquelas que se apresentam com acabamento finalizado e laje batida em toda sua extensão. Nelas, normalmente encontram-se aqueles moradores que apresentam melhores condições financeiras.

Nos mais de trinta aos que reside ali, Seu Camilo e Dona Neném foram cuidando da casa. Cuidados que se revelam nas marcas que indicam os diferentes estágios de melhoramento da habitação. A casa nunca foi um barraco de madeira, porém, a dimensão e a distribuição dos espaços foram completamente alteradas, *aos poucos*. De uma casa com apenas dois cômodos e um pequeno banheiro na parte externa a estes, a casa deles dispõe de uma sala e um corredor longo que dá acesso aos dois quartos, o banheiro, a cozinha e ao quintal. Ter uma *casa própria* faz parte do rol dos sonhos e projetos que identifiquei nas trajetórias analisadas. Após a conquista do lugar para assentar a *casa*, vem o caminho, para muitos, longo ou contínuo de *fazê-la de construção*.

No interior da casa, observei o que em pesquisa anterior,²⁸² eu havia classificado de “arranjos estéticos”, utilizados para subverter simbolicamente a condição social da pobreza. Aqui convido o leitor para entrar brevemente na casa de construção de Seu Camilo e Dona Neném. Na sala, após ultrapassar a varanda, têm um pequeno sofá de dois lugares, um banco de madeira, um *rack* e uma pequena estante.

282 SOUZA (2002).

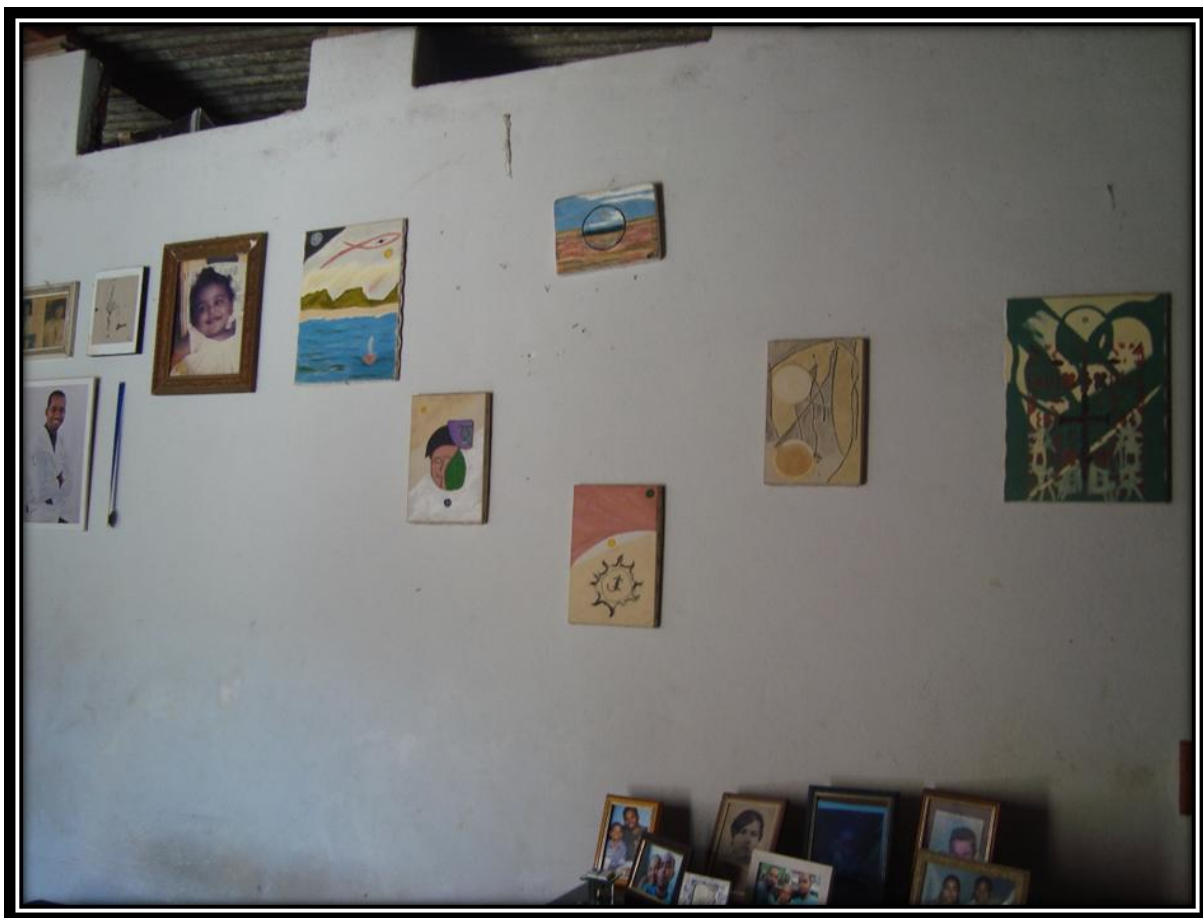


Imagem 21. Exposição de quadros e porta-retratos da família de Seu Camilo e Dona Neném

Imagem 22. Detalhe Exposição
Fonte: Trabalho de Campo, 2011.



As paredes são decoradas com quadros, fotografias e medalhas, certificados que narram histórias da família. Narram conquistas dos filhos de Seu Camilo e Dona Neném *nos estudos*. As gerações que se sucedem no tempo ocupam espaços ordenados de maneira não linear. Aparecem combinadas por diferentes proximidades. Na Imagem 21, isto se apresenta de maneira evidente. Destaquei o momento da infância de Andreia, que se punha ao lado, porém um pouco mais acima, de outra fotografia de André, já adulto. Imagens que se intercalam por uma medalha de condecoração de uma competição de karatê dele. Estas imagens indicam o orgulho deles com relação aos filhos. André e Anderson são enfermeiros que trabalham em grandes hospitais da cidade: o Hospital Roberto Santos e Hospital Aliança.

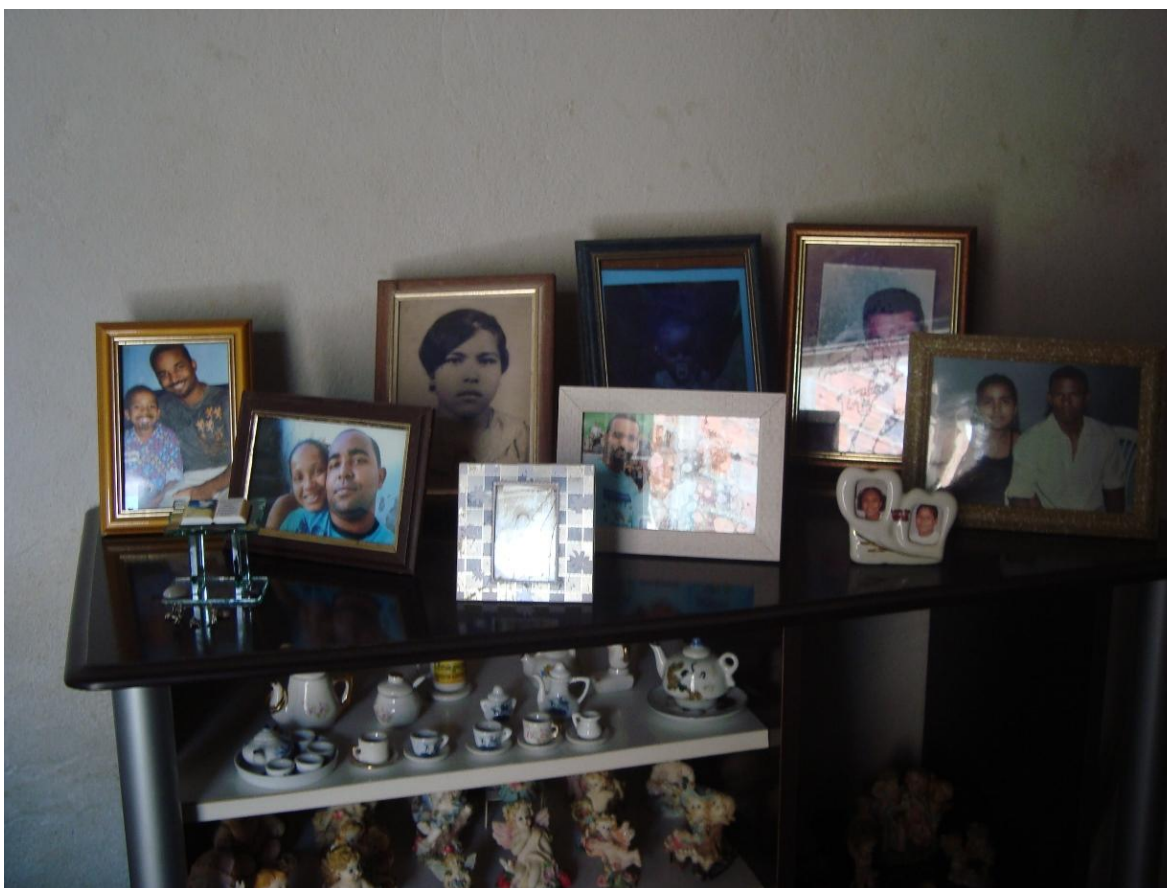


Imagem 23. Foto Rack com porta-retratos da família de Seu Camilo e Dona Neném
Fonte: Trabalho de Campo, 2011.

No *rack*, além de exibirem os filhos em diferentes tempos, um detalhe chama atenção. Ao fundo aparece a foto de Dona Neném jovem, a única neste conjunto visível aos de fora que chegam para uma visita. Fotos de Seu Camilo!? Não vi nenhuma. Talvez isto se explique pela dificuldade que existia antigamente em fazer fotos; ou por não ter guardado; e quem sabe, por não querer se fazer visível no cenário reservado às histórias e conquistas dos filhos e netos.

Na estante grande, em frente ao *rack*, na imagem 23, repousam, no nível mais alto, uma TV; na parte mais baixa, o aparelho de som, de um lado, e do outro, mais um mosaico de porta-retratos que exibem a história da família em suas fotos que atestam a presença de diferentes tempos pretéritos. Ao fundo, neste mosaico aparece um porta-retratos de moldura branca, curiosamente, entre os familiares, com a foto de um ator global. Fiquei me perguntando o que ele fazia ali? Seria apenas pelo fato de ser este porta-retratos novo e, por isso, ainda não ter sido ocupado pela foto a quem realmente estava destinado? Ou, mantinha-se ali por ser um ídolo e galã de telenovela *amado* por algum membro da *casa*? Isto havia garantido a ele legitimidade para protagonizar entre os familiares? Não obtive resposta a estas questões, pois não as fiz. Não acharia estranho que a foto daquele ator permaneça por lá até o presente, pois em inúmeras casas em que trabalhei nos últimos anos, fazendo pesquisa nos bairros da *periferia* de Salvador, não era incomum, além das imagens de santos, a presença de artistas e políticos entre as fotografias dos familiares. Em diferentes *interiores* da Bahia lembro-me que, nas minhas primeiras incursões de pesquisa, surpreendia-me com a sensibilidade e a beleza que presenciava na composição que se formavam com as fotos que ocupavam, de ponta a ponta, as paredes das casas, as mais pobres que tive contato. Nas casas por onde passei no *Subúrbio* e em outros bairros fora deste território, estas mesmas figuras, aparentemente estranhas (de políticos e artistas) participavam do contexto familiar e elas, de alguma maneira, fazem disto um modo de poder participar do mundo destes personagens. Havia, assim, lugar em suas próprias narrativas de vida para outras pessoas e outros mundos. Afinal, a vida se constitui delas também.



Imagem 24. Foto Rack com porta-retratos da família de Seu Camilo e Dona Neném
Fonte: Trabalho de Campo, 2011.

Sobre a saída de Feira de Santana até chegar a Salvador e *fincar chão* nessa casa, Seu Camilo traça seu percurso e sinaliza para dois momentos. Em seus termos: “*Eu vim pr’aqui em mil novecentos e cinqüenta e dois. Em cinqüenta e um, eu levei três meses aqui, vortei, fui embora, aí em cinqüenta e dois eu vim direto pr’aqui... Eu vim trabalhar... Em mil novecentos e cinqüenta e dois*”.

Da primeira vez, com 18 anos de idade, saiu *fugido* do povoado da Matinha,²⁸³ no município de Feira de Santana.²⁸⁴ Saiu fugido do pai de Dora,²⁸⁵ uma jovem com quem

283 Sobre a experiência da fuga encontramos referencia em Nogueira (2010; 2011).

284A cidade de Feira de Santa é comumente conhecida com a *Princesa do Sertão*. É a porta de entrada para o *sertão* baiano, entroncamento que se constituiu numa grande e importante feira, principalmente de “gado”, a partir de onde se circulavam uma infinidade de produtos e pessoas entre a capital da Bahia e os outros rincões do Estado e de fora dele.

285 Ouvir sobre a história de Dora me reportou a algumas das imagens que atravessam as páginas e o imaginário construído por Jorge Amado em *Capitães de Areia*, já evocada em outro momento deste trabalho. Dora, a personagem da trama *amadiana*, juntou-se aos garotos, “capitães da areia”, nas antigas ruas de Salvador e, neste encontro, desvendou outros sentidos do viver nela. Vinda da “cidade de palha” – de “casa” erguida em madeira e palha, longe da “cidade”, sem nenhum tipo de infraestrutura, saneamento e serviços –,

namorava. O pai da garota queria forçar o casamento deles. Ao lembrar o fato, definiu de forma enfática: “*daqueles pai brabo – ou casava ou morria... [sic] Como eu não queria morrer. Não queria morrer, não queria casar, fugi!*”. Conforme Seu Camilo, Dora estava grávida, mas de início o pai dela achava que estivesse:

Doente, doente, ninguém sabia do que era, o pai procurando médico em tudo quanto era lugar, o médico sempre avisando a ele... Aí eu, ô! [com um dos dedos abre um dos olhos em sinal de que estava de olhos bem abertos, atento!] Mas o velho era burro! O médico dizia a ele. Foi pra casa de [gaguejando] macumbeiro. Macumbeiro disse a ele que com nove meses ela ficava boa. Que ela tinha um bicho na barriga, com nove meses o bicho saía, e ela ficava boa.

Sobre este período que antecede a *fuga*, continua a relatar:

*Eu disse a ele, viu? Garoto, de quinze anos [refere-se a ele], vai fazer dezesseis, se ela disser que sou eu o **devedor** dela, eu assumo.²⁸⁶ Ele foi procurar os direitos dele, foi procurar a justiça, a justiça disse que ele não tinha direito, que a moça era de maior e eu era de menor, foi aí que empenou. (...) Empenou e ficou ele correndo, por casa dos macumbeiros.*

O contexto de intempéries por que estava passando ganhou relevo em sua narrativa e, vez ou outra, era um tema corrente. Em Salvador, o jovem da Matinha permaneceu por três meses. Na permanência desse tempo ele *vendia peixe*, como descreve:

Seu Camilo: *Eu fui trabalhar, mas o cara, o dono do serviço me chamava três horas da manhã todo dia, no dia que ele não me chamou eu fui embora. Eu já tava querendo ir embora. No dia que ele não me chamou pra ir trabalhar eu fui embora. (...) Aí, **vendia peixe**. Saia três horas da manhã pra ir **comprar peixe na Preguiça** [bairro]. (...) Se não era na Preguiça era ali na (pausa curta) **Ribeira**.*

Cristiane: E este pescado era daqui de Salvador?

Seu Camilo: *E eu nem sei d’onde vinha. (...) **Comprava nas canoas, né!? Comprava nas canoas. Na Ribeira e na Preguiça. Comprava pra revender.***

Dora desvendou outra cidade e foi se transformando em meio aos processos sociais que caracterizam e faziam transcorrer a vida naquele território. As imagens construídas por Amado para sua Dora são da formosura da menina-mulher e dos sonhos de amor quase ingênuos da infância. O jovem Camilo ficou encantado pela beleza e o amor que lhe foi ofertado pela jovem Dora da Matinha. E após os muitos conflitos, idas e vindas dele a sua terra natal, se casaram e esta o acompanhou para Salvador. Assim como a Dora de Amado, esta também foi aos poucos conhecendo os sentidos e a dinâmica da vida no Alto das Bombas, da Salvador dos anos 1960. E ela não aquentou as durezas da vida na cidade e sucumbiu ao álcool, segundo Seu Camilo, por causa de “camaradagem”. Ela não morreu como a outra Dora, apenas deixou pra trás seu amado e seguiu de volta para “casa”, na Matinha.

286 O devedor é aquele que se apropriar de algo que não lhe pertence deverá devolver, pagar de alguma forma e em algum momento. Neste caso, a dívida referia-se a honra de Dora à ser paga mediante o casamento ou a morte.

(...) Agora, eu não sei d'onde vinha, né? Eu sei que comprava e **vendia na cabeça**.

Cristiane: E vendia por onde, Seu Camilo?

Seu Camilo: Na rua, pela rua gritando.

Cristiane: Em quais lugares de Salvador?

Seu Camilo: Eu vendia em Cosme de Farias, vendia pelo... Por ali pro Santo Antônio, Liberdade, Corta Braço, Pau Miúdo [sic]. Enfim, tudo a gente vendia por ali. Passei três meses vendendo peixe. Em três meses o dono **bancou o corcodilo** [sic], não me chamou. Já vinha intrigando comigo [sic]. Eu fui embora. [grifos meus]

O relato informa sobre a dinâmica dos antigos portos de desembarque e comercialização de pescado trazido de diferentes locais da Baía de Todos os Santos, nos primeiros anos da década de 1950, como já foi dito anteriormente. O pescado que se *comprava nas canoas* circulava por diferentes pontos da cidade num comércio ambulante. A venda na *cabeça* de alimentos, mercadorias diversas e serviços eram comuns à vida da cidade, desde o século XIX, conforme indicam as fontes históricas e etnográficas sobre ganhadores e vendedores de tabuleiros. Para efeito, lembro-me do trabalho sobre o comércio ambulante nas ruas de Salvador feito por Hildegardes Vianna (1973, p. 74):

Havia policromia e polifonia. Cada rua era barulhenta a seu modo. A gaita do amolador, a matraca do vendedor de tabocas, o tlim-tlim da frigideira do funileiro, o cincerro do burro do leite, o plac-plac das ferraduras dos muares, o tlaco-tlaco do metro do mascate, os pregões dos vendedores e a voz do homem do jornal de modinhas (cantando a plenos pulmões os últimos sucessos postados na esquina, na esperança de atrair fregueses), tudo tinha razão de ser.

Num recuo mais largo no tempo, a historiografia baiana preocupada com o *mercado* de Salvador do século XIX, informa sobre a prática dos vendedores de cantos e ganhadeiros, que vendiam cocadas, diferentes tipos de bolinhos, doces, dentre outros produtos, em perambulação pela cidade.²⁸⁷ Parece-me interessante destacar o trabalho realizado por Lígia Conceição Santana (2008) que identificou o que denominou de “territórios negros” – presentes no comércio cotidiano de Salvador daquele período. Não parece ser anacrônico dizer que estes “territórios negros” de comércio continuam presentes em vários pontos de Salvador do presente. E mais, que não é apenas na dinâmica dos comércios *de ganho* que se configuram na *cidade da Bahia* estes “territórios negros”, mas também na moradia.

287 A respeito desta prática, dentre outros, ver os trabalhos de: MATTOSO (1978); REIS (2000); SANTANA (2008).

Santana (2008) traçou os itinerários dos trabalhos realizados nas ruas de Salvador daquele período a partir dos enfrentamentos cotidianos, significados sociais e construção de identidades produzidas entre os múltiplos sujeitos que comerciavam e ocupavam a *cidade*, pondo em relevo os momentos de divertimento e trabalho que compunham o cenário principal das histórias destes sujeitos inscritos na *rua* – lugar onde a vida acontece. Ao mapear esses territórios, a autora observou os itinerários dos vendedores das ruas, os ganhadores em diversos pontos da cidade. Em um deles, em especial, “o canto do Comércio”, deu atenção para a origem diversa das pessoas e as peculiaridades de suas práticas. Entre os ganhadores identificados por Santana (*Idem*) muitos eram naturais de Salvador, entretanto, havia entre aqueles os nascidos em São Gonçalo, Maceió, Cachoeira, Nossa Senhora do Socorro, Purificação dos Campos, Rio Grande do Sul, Santo Amaro, Camamu, Vila de São Francisco, Passé, Sergipe, Valença e Alagoinhas, que haviam sido transportados [dentro da dinâmica ainda da escravidão] e ou migrado [dando uso às suas alforrias] para a cidade de *São Salvador*. Isto nos possibilita reafirmar a condição identitária múltipla dos sujeitos que fizeram e fazem Salvador, produzindo e imprimindo nela diversos sentidos a partir dos seus lugares de origem.

Estes sons e pregos aos quais se refere Vianna (1973) fazem parte das minhas lembranças cotidianas da infância em Plataforma, nos finais dos anos 1970 e início de 1980. Sobre eles, também registrei relatos de amigos da minha geração e de pessoas de gerações anteriores que, assim como eu, viveram suas infâncias nos bairros do Subúrbio Ferroviário. Através destes ambulantes (que perambulavam pela cidade) mercadorias de vestuário e de casa, alimentos, além de serviços de barbeiro, amolador, sapateiro, dentre outros circulavam, não só na *cidade*, mais também nos bairros mais distantes deste cenário. Não é difícil encontrar na atualidade com estes personagens, nos bairros pobres e no centro comercial *antigo* de Salvador, atores que se fazem notar através dos seus cestos, tabuleiros e sacolas e, sobretudo, através dos criativos e diretivos pregos que anunciam suas mercadorias e serviços à venda.

Sem o trabalho com a comercialização do pescado, já naquele mesmo ano, Seu Camilo retornou para *casa* – a casa dos pais em Feira de Santana. Pouco tempo depois, o cunhado – marido de sua irmã mais velha, Francisca –, “*mandou uma carta*” convidando-o para retornar a Salvador. Era uma proposta de trabalho em chácaras da *Capelinha de São*

Caetano. A Capelinha de São Caetano, situada nas proximidades dos bairros de Fazenda Grande e São Caetano, correspondia a uma das grandes áreas de expansão e ocupação de Salvador, desde as primeiras décadas do século XX; entretanto, conforme BRANDÃO (1960), estes bairros já existiam desde o século XIX. Eles eram formados por fazendas – uma das maiores, era a Fazenda Boa Esperança, sítios e Chácaras (*Idem*). Nos anos de 1950 estes bairros vinham constituindo-se como territórios com maciça presença de famílias pobres e uma das formas de acesso à terra por estas pessoas era através da “ocupação”, conforme Brandão (1960). Este processo de “ocupação”, desde o início, se deu a partir de iniciativas individuais e por grupos familiares. A partir desta mobilidade foram se constituído bairros inteiros. Nestas áreas, as pessoas e suas famílias podiam salvaguardar práticas de trabalho, cuidado e plantio da terra e [re]produzir um modo de vida, um *ethos*, semelhante ao da vida na *roça*. Naquela época, a irmã e o cunhado moravam aí. Aceitou o convite, então, Seu Camilo e deslocou-se definitivamente para Salvador.

Francisca foi a primeira pessoa da família de origem deles a sair do *interior* para *aventurar* a vida na *cidade da Bahia*. Ela *fugiu*, assim como ele, do pai e das sanções sociais locais. Nos termos de Seu Camilo, Francisca *arranjou um homem* e engravidou, por isso teve que fugir. O pai deles era um homem muito *carrancudo* e queria *matar ela*. Seu Camilo recordou do evento que ocorreu quando tinha apenas quatro anos de idade. A fuga da irmã Francisca. Então, com quatorze anos residindo em Salvador, ela se tornou referência e apoio dos familiares e parentes que buscavam alternativas de vida fora da terra natal. No caso, Francisca foi o ponto de apoio para duas outras irmãs quando mudaram para Salvador. Uma delas construiu a vida no bairro do Alto das Bombas e a outra na antiga *invasão* do Corta-Braço.

Ao descrever a *Capelinha* dos primeiros anos da década de 1950, Seu Camilo nos revelou que:

[a] *Capelinha de São Caetano num era aquela Capelinha, ali* [refere-se ao bairro atual]. *Eram chárças* [sic]. *Tudo quanto era ali, era chárças* [sic]. *Era a chárças de Miúda, de Aderbal. Era quatro chárca que tinha ali, eh!! Que eu trabalhava lá, trabalhei nove mês numa das chárças (...)[sic], carregando água no jegue, com quatro calote pra abastecer o tanque do armazém, do último armazém.*

A experiência do trabalho abastecendo o tanque, “*que era duzentos litros*”, do armazém no São Caetano, que pertencia a Aderbal, informou que: “*Aderbal pai, Aderbal*

filho. Que morava na 'Capelinha' [de São Caetano], já morreu todos os dois". A rotina do trabalho envolvia o abastecimento “*duas vezes por semana. Duas vezes na semana! Pra burro jogar pra cima... Era três andar pra jogar pra cima.*” Como descreveu, o trabalho “carregando água” era duro, pesado, trabalho para “burro” e quem o fazia era ele.

No perambular por diferentes territórios, revela-se a Seu Camilo uma cidade para ele onde *tudo era atrasado*. Enredado nesse *atraso* e produzindo seus itinerários, entretanto, vê uma cidade viva, cheia de verde, de veios d'água, de fontes e/ou chafarizes.²⁸⁸

Vale ressaltar o trecho em que relatou os lugares onde se localizavam estas fontes.

Seu Camilo: *As fontes era ali em Água Busca... Tinha fonte [sic]. Na Ladeira da Fonte Nova tinha outra... Aquela Ladeira da Fonte das Pedras. Ali tudo era fonte, que um panhava água, os saneadores. A água era ali pra beber, que não tinha água encanada. Hoje tem água encanada, mas naquele tempo não tinha.*

Cristine: Humhum... Algumas dessas fontes ainda existem?

Seu Camilo: *Existem. Tá no lugar ainda. Tem uns que não usa, mas mesmo assim eu vejo uns menino lavando o carro. Naquela Ladeira da Fonte das Pedras, na Fonte Nova. Mas lá embaixo, que já fica no pé da Ladeira do Contorno, ali tem uma também. A outra na Água Brusca. É quando sobe a Ladeira da Água Brusca. Tinha a do Capim... Santo Antônio do Capim. Era ali na San Martin que panhava água...*

Destes veios d'água abasteciam-se armazéns e casas do São Caetano; bem como, de outros bairros da cidade. Esta era uma prática comumente vivenciada, principalmente nos territórios para onde a cidade se espriava e a população adensava, sem serviço de abastecimento de água. E diz: “*Pegava em São Caetano. No chafariz de Correia [nome do proprietário], que chamava Correia, que era o que fornecia água pra quem desce da Capelinha. Capelinha e – como é o nome daquele outro? –, Fazenda Grande...*”²⁸⁹ Seu Camilo apresenta em seu relato uma cartografia dos locais e fornecedores por meio dos quais os trabalhadores, que assim como ele, faziam chegar água até os locais que não dispunham de acesso próximo e fácil.

E prossegue sua narrativa indicando outras informações desta prática:

288 SANTOS, Elisabete *et al* (2010). Neste livro, os autores mostram os veios d'água (suas Bacias Hidrográficas e fontes) presentes em Salvador, ao que relaciona a história da cidade e dos seus bairros. Ver anexo 03. Tipos de Fontes por Bacia Hidrográfica.

289 Os bairros do São Caetano e da Fazenda Grande tiveram sua população adensadas na primeira metade do século XX, “graças à corrente imigratória vinda do interior”, especialmente nos anos 1950. Naquela época, estes bairros experimentavam um modo de vida formado por uma “economia natural”, “instituições de auxílio e coesão” e pela ajuda mútua entre as redes de parentesco e compadrio (BRANDÃO: 1960, p. 160).

Mas a Fazenda Grande já tinha outro fornecedor. Tinha a caixa d'água do Alto do Peru [bairro].²⁹⁰ Já tinha um outro fornecedor de água também. Era assim, cada lugar tinha um fornecedor de água. Aí apareceu aquele..., quando foi? em sessenta e quatro, apareceu aquele... como foi, o nome dele? Aquele prefeito, que mandou botar um chafariz na cidade toda. Oh, rapaz! Como é o nome daquele homi [sic]?! O prefeito que mandou botar chafariz em tudo quanto foi canto aí. Botou chafariz ali no Alto das Pombas, no Alto do Candombré,²⁹¹ naqueles tanque todo. O homi botou chafariz em tudo quanto foi canto [sic]. Aí foi que o pessoal parou mais de carregar água em jegue, n'aquele tempo.

Neste relato, Seu Camilo, informou-nos sobre o momento em que este serviço começa a deixar de ser necessário e importante no desenrolar da vida cotidiana na cidade. A despeito do esquecimento do nome do prefeito de Salvador “*que mandou botar chafariz em tudo quanto foi canto aí*”, à época, Seu Camilo forneceu outras informações, por meio das quais, após cruzá-las com outras “inscrições objetivadas” sobre as obras de melhoramento de infraestrutura executadas na capital baiana durante a década de 1960, pude inferir que o prefeito da cidade responsável por estas mudanças era Virgildásio de Senna (eleito em 1961 por voto direto), apesar de Néelson de Souza Oliveira também ter governado Salvador também durante parte do ano de 1964.

Neste período há um crescimento das *invasões*, dos loteamentos de grandes faixas de terra e das políticas de habitação em Salvador e a repressão do Estado, que até então se mostrava, de certa forma, mais “tolerante”. Por ora, vale chamar atenção para os diferentes processos de ocupação de terra e de urbanização, que estão ocorrendo, à época, na cidade que se pretendia modernizar. A disputa pelo solo preencheu o cenário dessas políticas e das ações de governo durante a ditadura militar.²⁹²

Nos primeiros anos em Salvador, ainda nos anos de 1950, Seu Camilo deslocou-se inúmeras vezes para fora da cidade a trabalho para a Fratelli Vita. Por pouco mais de dois meses viajou entregando refrigerantes em diferentes municípios: “*Era nesse sertão todo da Bahia*”. Sobre este percurso ele nos informa:

Cristiane: *o lugar mais longe que o senhor foi foi [Catolé]?*

Seu Camilo: *Capoé... Ah... Já viajei muito mais.*

290 O Alto do Peru localiza-se nas proximidades dos bairros do Curuzu, na Liberdade, da San Martins e da Capelinha do São Caetano. Ver Mapa 04.

291 Refere-se ao Alto do Gantois, localizado no bairro da Federação, onde se encontra *assentado* o terreiro Ilê Iyá Omin Axé Iyá Massê.

292 A respeito do cenário político desta época, dentre outros: GORDILHO-SOUZA (1990); MATTEDI (1979).

Cristiane: Foi até onde?

Seu Camilo: *Já fui em Xique-xique, Andaraí... Euclides da Cunha, Tucano, [] Serrinha (...) Conceição de Coité, Valença, Retiro, Santa Luz... Quê mais?*

Cristiane: Isso foi na época das empresas?

Seu Camilo: *Eu trabalhava no Fratelli Vita. Eu já fui em cinqüenta e cinco, eu trabalhava no Fratelli Vita. Eu viajava entregando guaraná. Era nesse sertão todo da Bahia.*

Cristiane: Êta... O senhor ficou quantos anos na Fratelli e Vita?

Seu Camilo: *Ah... Foi pouco tempo. Foi dois meses e pouco.*

Após o período de trabalho abastecendo água e desta breve passagem no setor da indústria, Seu Camilo “*parti[u] pra construção civil*”. Antes de traçar as linhas deste enredo de sua vida, considero oportuno continuar desvendando Salvador “*naquele tempo atrás*”. As lembranças de Seu Camilo registraram as memórias de uma cidade que se conectava com seu *interior*, entre os anos 1950-1960, por sistemas muito precários de transporte.

Seu Camilo: *Como eu disse a você naquele dia que você veio aqui, Salvador, naquele tempo atrás, não tinha nada. Até os transporte era mentiroso, né? Até os transporte era mentiroso. Era Bonde, Marinete! Não era ônibus, não. O nome era Marinete! Aquela [marinete] do interior tinha até aquele bagageiro em cima. As coisas vinha tudo em cima, amarrado em corda. Era tudo coberto de lona, por causa de chuva. Eu vim de Pau de Arara. Nem nessa eu não vim. Eu vim de Pau de Arara. A galinha vinha de lá pra ser abatida em Salvador, pra vender. Os transporte não vou dizer... Era uma negação [sic]. Daqui [Salvador] pra Feira [de Santana], como que disse da outra vez, só tinha dois ônibus. Um de manhã e outro de tarde. Pra Vitória da Conquista e pra Jequié só tinha um, saía da Rua Largo de São Bento. Não tinha rodoviária, naquele tempo. (...) E era assim...*

Cristiane: Os ônibus que iam para Feira saíam da onde?

Seu Camilo: Do Mercado Modelo (...). Não tinha rodoviária.

Cristiane: O senhor falou que já era a Santana?²⁹³

Seu Camilo: *Era Santana... A Santana é velha, viu? E foi ela a primeira a transportar daqui pra Feira de Santana, um de manhã outro de tarde. O dono dela era até esse... João [Faustão], João [Faustão] e Pedro [Faustão]. Eram dois irmãos. Eh! Daí foi aparecendo outro, aparecendo um lugar de São Caetano. Chamava Lauro que botou dois ônibus. Aí foi começando, começando... Foi quando fez essa rodoviária velha na Sete Porta. Daí foi que foi aparecendo ônibus pra Rio [de Janeiro], São Paulo, pra tudo quanto é lugar, que não tinha.*

Conforme este relato, Salvador dispunha de dois ônibus que faziam o traslado para Feira de Santana, naquele período. O ponto de embarque do ônibus era no Mercado Modelo, onde havia um horário de saía pela manhã e outro a noite com destino a “Princesa

293 A Santana é uma das principais empresas de transporte intermunicipal do Estado, que faz o traslado entre Salvador e Feira de Santana.

do Sertão”.²⁹⁴ Para Vitória da Conquista e Jequié só tinha um ônibus que saía da Rua Nova de São Bento. Só na década de 1960 é que a *rodoviária velha* foi construída no bairro da Sete Portas.²⁹⁵

Ele lembrou ainda que foi

aí que começou a ter transporte pra São Paulo, Rio de Janeiro... Antes era tudo de navio e trem... pra São Paulo ia de trem... Lembro até dá cor dele, um trem marrom e branco, que levava seis dias de viagem; para ir pra Caculé era um trem azul.

No período, Seu Camilo manteve o fluxo de idas e vindas entre Salvador e Feira de Santana, nestas perambulações para *casa* casou com Dora. Ela o acompanhou até Salvador e foram residir no bairro do Alto das Pombas,²⁹⁶ na Rua Teixeira Mendes, número 186, como fez questão de registrar. Aí permaneceram juntos por cinco anos.²⁹⁷ Dora retornou à Matinha – onde reside até hoje –, após a separação. “*Tá lá, plantando roça... Já se aposentou... Ela não casou novamente, não, não, não... Não quis mais ninguém*”, falou-me enfaticamente.

Por sua vez, ele permaneceu morando no Alto das Bombas por um ano e meio, quando se mudou de lá para o *Alto do Candombré*,²⁹⁸ onde permaneceu por dois anos, morando sozinho. Desta passagem pelo Gantois, ele fez um compadre, que o fez retornar em visita, algumas vezes. Ao sair do *Alto do Candombré*, ele mudou-se para o bairro de Cosme de Farias. Nessa época, “*morava com uma mulê*”, com quem Seu Camilo teve dois filhos. Lá residiu por três anos até que abriu novos caminhos em direção ao bairro de Pernambuês, deixando pra trás a casa para os filhos.²⁹⁹

294 Alcinha localmente atribuída a Feira de Santana.

295 Primeiro terminal Rodoviário de Salvador. O bairro Sete Portas está localizado em uma das áreas de ocupação mais antigas da capital baiana. O bairro, até o início do século XX, era uma via importante de circulação de pessoas e mercadorias da cidade. Era a porta de entrada da cidade até meados do século XX, quando a rodoviária da cidade foi transferida para o bairro do Caminho das Árvores, ou em termos locais, no *Iguatemi* – centro econômico e financeiro – que traz em sua paisagem o shopping Iguatemi, um *ícone* na modernização do comércio dessa metrópole. As dependências da antiga rodoviária de Salvador, na *Sete Portas*, hoje, abrigam o a Feira da Sete Portas ou Mercado Municipal das Sete Portas.

296 O bairro do Alto das Bombas localiza-se nas proximidades do Cemitério do Campo Santo, no bairro da Federação. Uma área de residência muito antiga, de população eminente negra.

297 O filho deles chama-se Agostinho. Apesar de deixar em suspenso se ele é “filho de sangue”, Seu Camilo diz que Agostinho é, dentre os mais velhos, o mais presente em sua vida atualmente.

298 Refere-se ao Alto do Gantois.

299 Este bairro também faz parte do *Miolo de Salvador*.

Em Pernambuco comprou um *lote* de “*mil cento e sessenta metros quadrados*”, em 1962, com uma pessoa que comercializava terrenos no lugar. Os lotes comercializados por particulares nesta área, assim como, em outras partes da cidade no período estudado, não dispunha de nenhum benéfico. As pessoas ao adquirir estes lotes precisavam fazer todo o trabalho de derrubada de mata e terraplanagem. O caso de Seu Camilo não foi diferente. *Aos poucos* ele foi derrubando a mata, fazendo a terraplanagem do *lote* e abrindo caminhos de acesso para começar a construir sua nova casa. Só em 1964, dois anos depois de trabalho continuo no lote, pode mudar para lá com Ivana, sua *esposa*, na época. Aí foi o outro lugar onde Seu Camilo morou por mais tempo, dezenove anos, além do Planalto Real II. Dos tempos em Pernambuco sente saudade e disse que saiu porque “*a mulé [Ivana] morreu e eu resolvi vim mim embora e deixar a casa pra filha*”.³⁰⁰ Mudou-se para o *Subúrbio* para morar com Dona Neném e fiar outra linha em sua vida.

4.1.1. Nos tempos *em firma*: o avanço do mercado imobiliário

Sobre o tempo de trabalho no setor da construção civil, no tempo *em firma*, Seu Camilo relata:

Seu Camilo: *Trabalhei na Odebrech muitos anos... Levei foi três anos e dez meses, depois trabalhei mais quatro anos na “Somalia Leoni”. Na Odebrech eu trabalhei um bocado de vez. Trabalhava um mês, me botava para fora, uns dois ou três mês, voltava de novo. Aí fui vivendo assim... Na época, eu trabalhei na Odebrech construí **Solar da Vitória**, (...). Você passa aquele prédio que tem no canto, na esquina do Mercado Modelo, um que é todo de vidro, ali eu trabalhava noite e dia... Ali eu trabalhava com a Herg, trabalhava noite e dia ali. Em três turnos. Às vezes invertia, ia pra casa descansar, um ficava outro no lugar... Voltava e pegava de novo. Fiz o Solar da Vitória, **aquele prédio grande**. Se você passar no Comércio, aquele **Edifício Bradesco**, foi com Noberto Odebrech. No pé da Ladeira da Montanha tem um prédio que eu fiz... (...). Com um jardim bonito, embaixo. Se você passar, na frente do Barravento, na Barra, aqueles dois prédios que tem ali na frente do Barravento, que foi eu que fiz... É um de três andares. São dois prédios de três andares, antigo. Foi eu com a “Herg”. Aquele edifício do **Luiz Vianna**, ali no edifício Luiz Vianna, na Graça, foi comigo, um prédio de vinte e oito andar [sic]. Luiz Vianna. Tem outro prédio que eu trabalhei aqui... O **SPB**. Conhece o **SPB**?*

Cristiane: Não.

Seu Camilo: *Não sabe o que é. É na Carlos Gomes, em frente ao INPS [Instituto Nacional de Previdência Social]. Dali fui pra Amaralina. Fiz uma casa, construí*

300 Ivana é falecida. Conforme Seu Camilo, “*ela quebrou o fêmur. Acho que o fêmur e foi-se embora... Caiu na cozinha. Quebrou o fêmur. Quebrou o fêmur e foi-se embora*”.

uma casa de... Construí a cidade toda por aí. Edifício Santa Rita, na Avenida Sete. Um bocado de prédio. Edifício Vale do Iguape, na Barra. Embaixo, no pé da Ladeira [da Barra]. Dezoito andar [sic]. Fui dali até o fim... E eu trabalhava pegando na chave. Eu não era o mestre. Eu não vou dizer que eu era o mestre... Tinha o mestre de obra e o encarregado... Eu era o encarregado. Tem gente que falava eu era o mestre e não era o mestre. Porque tem gente que fala as coisas sem ser, aí não é e fica dizendo que é. Eu não sou assim. Eu digo logo a verdade. O que eu era, o encarregado. É quem faz mesmo. Eu trabalhei com um engenheiro. Ele não conhecia nada da vida. Até um ferro ele vinha me perguntar. Qual a utilidade daquele ferro... Qual era o nome do ferro, que ele não conhecia. E era engenheiro!

Construir é um verbo que caracteriza bem a trajetória de vida de Seu Camilo. Trabalhou na construção civil como pedreiro e *encarregado*. Empregado em diferentes empresas produziu diferentes itinerários e conheceu bem a cidade. Ergueu inúmeros prédios nas décadas de 1970 e 1980, que compõem o conjunto de edifícios *modernos* de Salvador: *Solar da Vitória, Bradesco, Luíz Vianna, SPB, Santa Rita e Vale do Iguape*. Em seus termos, diz: “*construí a cidade toda por aí*”.

No relato acima, Seu Camilo reflete sobre o que foi estar envolvido neste universo na condição de *encarregado*. Para ele isto significava ser alguém importante. Significava ter algum tipo de poder, pois “*trabalhava pegando na chave*”. Ademais, “*o encarregado era quem faz mesmo*”. Para um homem acostumado a construir como ele, “*quem faz mesmo*” é a pessoa fundamental. A oposição está colocada em termos dos conflitos com aqueles que não fazem, não constroem, que só sabem projetar, os engenheiros. Ademais, a narrativa dele desenreda dimensões das condições do trabalho na construção civil, marcados por forte hierarquia, pela instabilidade do emprego e a exaustão das muitas horas de serviço prestadas. A narrativa assinala, sobretudo, para a experiência de uma cidade que cresce, verticaliza e se transforma diante dele, através de suas mãos e de tantos outros trabalhadores.

As políticas perpetradas pelo Estado pareciam não beneficiar as populações mais pobres e as disputas pelo solo, pelo lugar onde morar se acirrava no transcorrer das décadas. Nos anos 1960, a modernização da capital baiana promoveu a expansão do sistema viário, incorporando novas áreas, como dito anteriormente, e a construção de conjuntos habitacionais feitos pelo Estado através do recém-criado Banco Nacional de Habitação - BNH. Conforme Raquel Mattedi (1979), quando o BNH foi criado, tinha como objetivo de atender principalmente as necessidades habitacionais da população de menor

poder aquisitivo nas grandes cidades brasileiras. Ao passo que o BNH foi atuando no mercado popular, entretanto, notou-se um alto índice de inadimplentes, o que provocou uma retração em investimento no setor, já que a perspectiva era o retorno do capital investido.³⁰¹

Esta condição fez com que os critérios de seleção fossem revistos e os cálculos refeitos, passando assim o critério para a aquisição de imóveis pelos mutuários passasse a ser a capacidade de pagamento em dia.³⁰² A partir disso, o *mercado popular* dirigiu investimentos que foram assim redirecionados para o *mercado médio*. Assim, os projetos habitacionais financiados pelo BNH não tiveram êxito em atender aos setores populares que mais tinham dificuldades em manter a moradia de aluguel na cidade, onde os custos no setor imobiliário só cresciam.

Ângela Franco (1983) analisou a dinâmica destes projetos habitacionais e as obras de infraestrutura que foram realizadas na segunda metade do século XX e afirma que estes não garantiram ao Estado da Bahia e à Prefeitura Municipal de Salvador o controle sobre o processo de urbanização. Entretanto, asseguraram a definição sobre o direcionamento da expansão urbana e as áreas valorativas para o mercado imobiliário.

301 A política do BNH, à época, se estruturava em três faixas econômicas. A primeira voltada para o *mercado popular*, que envolvia a população dos que tinham salários entre de 1 a 3 salários mínimos; o *mercado econômico*, este referente à população com renda entre 3 a 6 salários mínimos e; por fim, o *mercado médio* direcionado para a população com renda superior a 6 salários mínimos (MATTEDI, 1979).

302 Antonádia Borges (2003) analisa a relação entre as “pessoas e variáveis” ao etnografar uma crença política disseminada entre os moradores do Recanto das Emas, uma região administrativa, criada em 1993, localizada a pouco mais de 30 km de Brasília, preocupada em pensar sobre os caminhos trilhados pelos moradores para adquirir um lugar para morar no Distrito Federal. Neste caminho, Borges demonstra a importância fundamental as diferentes concepções de tempo, manipulada nas situações mais ordinárias. A autora destaca entre estas concepções a de “Tempo de Brasília”, sobre o que nos diz: “O ‘Tempo de Brasília’ envolve a todos visceralmente porque, ao transcorrer, se inscreve nos indivíduos, tornando-se parte deles próprios. O ‘Tempo de Brasília’ diz respeito, em grande medida, àquilo que as pessoas são, porque se refere ao que cada uma viveu no Distrito Federal” (*Ibidem*, p. 70). A partir dos processos burocráticos que cada pessoa carrega consigo, do andamento das inscrições, e também da linguagem das siglas e das fórmulas com que o governo classifica essa população, produz sua análise a fim de avaliar quem é “merecedor do lote”. Nesta relação, um conjunto de requisitos e fórmulas, conforme Borges, cada fórmula produz uma série e a série uma identidade, a qual é expressa, por fim, em números. São estes números que estabeleceu ao acesso ou não do benefício do “lote”.



Imagem 25. Recorte 3. O BNH serviu a quem?

A questão habitação: nos termos de um problema estrutural.

Fonte: Jornal A Tarde, 06 de janeiro de 1980; Arquivo da Biblioteca Pública Central do Estado da Bahia.

A imagem acima inicia a narrativa do Jornal A Tarde para revelar o “problema habitacional” do Brasil e a face dele na *Cidade da Bahia*. À imagem segue o texto:

Já bastante antigo e em processo crescente de agravamento, o problema habitacional só passou a ser considerado oficialmente no Brasil em **21 de agosto de 1964**, quando pela Lei 4.380 foi criado o Banco Nacional de Habitação. Constituindo inicialmente com um capital de 1 milhão de cruzeiros antigos, o BNH acabaria por se transformar, 15 anos depois, num dos maiores bancos mundiais voltados para o problema habitacional, sem contudo ter demonstrado capacidade em solucionar o problema ou sequer minimizá-lo.

A constatação de que a criação do BNH, antes de estar voltado para o **problema estrutural representado pela habitação popular**, visava muito mais **atender às necessidades econômicas, políticas e ideológicas do momento**, segundo a autora,³⁰³ evidenciando quando se pensa na forma como o banco atuou e vem

303 Refere-se a Raquel Mattedi e suas reflexões sobre as “invasões” em Salvador como “alternativa habitacional”, à época.

atuando desde então. Esta atuação encontra-se em perfeita harmonia como o novo caráter do estado brasileiro, realizando-se a partir de uma racionalidade político-administrativa, incapaz de corresponder às necessidades objetivas de grande parte da população. [grifos meus].

O relato subscrito afirma a ineficiência do Banco Nacional de Habitação em resolver o “problema estrutural representado pela habitação popular”, após quinze anos de existência, fazendo eclodir outras estratégias para atender a demanda por moradia, especialmente nas grandes cidades, a exemplo de Salvador. A narrativa se completa com a imagem de um garoto, na Rua Régis Pacheco, uma das principais do bairro do Uruguai envolto num mar de escombros e lixo – matéria-prima utilizada para aterrar grande parte da linha de maré na *Cidade Baixa*, de Salvador, para onde a cidade ia expandindo seus braços e abrigando novos e velhos filhos.



Imagem 26. Recorte 4. Jornal A Tarde: O BNH serviu a quem?

Fonte: Jornal A Tarde, 06 de janeiro de 1980; Arquivo da Biblioteca Pública Central do Estado da Bahia.

A imagem das palafitas sempre compôs o cartão postal da pobreza e da miséria que se desejava retoricamente erradicar, nos termos dos agentes públicos e da mídia local. Na

imagem do recorte do Jornal A Tarde é dado destaque à entrega de “lotes urbanizados” para famílias no bairro de Coutos.



Imagem 27, Recorte 5. Jornal A Tarde: “Lotes Urbanizados”

Fonte: Jornal A Tarde, 03 de junho de 1980; Arquivo da Biblioteca Pública Central do Estado da Bahia.

Os moradores de Fazenda Coutos, localizada no subúrbio de Periperi, estão reivindicando uma ação da prefeitura para modificar a situação da área em cumprimento à promessa de urbanização dos lotes, eles dizem que o projeto sempre existiu, mas nunca alguma coisa foi feita...

Estes *lotes* estavam destinados a beneficiar as “mais de 300 famílias que moravam na Invasão dos trilhos da Leste”. Este é um aspecto que caracterizou a forma como o Estado baiano conduziu, num aspecto, as políticas habitacionais e da posse de terra na cidade.

Nos anos 1960-1970, os proprietários de grandes faixas de terras em áreas mais distantes do centro comercial e de serviços de Salvador começam a retalhá-las em pequenos

lotes e comercializá-las, assim, à população de *baixa renda* que vivia em imóveis alugados, *cedidas* e ou em áreas *invadidas*.

Seu Camilo narra a seguir como foi a aquisição do *lote*, onde construiu sua casa atual. Esta experiência de compra de *lotes* é compartilhada por outros interlocutores. Porém muitos tiveram acesso a terra neste loteamento através da *invasão*.

Seu Camilo: *Comprei em oitenta e com um mês eu já tava morando. Sem água, sem luz, sem nada.*

Cristiane: Comrou na mão de quem?

Seu Camilo: Simbar! Numa firma que chamava Simbar.

Cristiane: Simbar!? Ela vendia terrenos só em Plataforma ou no *Subúrbio* inteiro?

Seu Camilo: *Em Plataforma, em Paripe e em um bocado de lugar ela vendia. (...) Aqui era assim, mesmo. Aqui foi loteado. Naquele tempo era dez mil cruzeiros. Era esses cruzeiros pra pagar de num sei quantas mil vezes.*

Cristiane: Qual era o tamanho dos lotes? Eram todos iguais, Seu Camilo?

Seu Camilo: *Era tudo igual. Só tem um aqui, um lote maior, e um lá embaixo. Aquele ali é dez por cinco, mas aqui é tudo seis por oito, cento e vinte metros quadrados. Aí o pessoal foi ocupando, ocupando, e aí, tá todo mundo aí hoje.*
[grifos meus]

Quando chegou a Plataforma “*não tinha nada... Soube que estava vendendo lotes pelo rádio. Não tinha casa aqui*”. A ruptura foi grande, pois ele resolveu mudar para um lugar onde não tinha nenhum conhecido, além de Dona Neném. O desejo de recomeçar a vida, bem como de deixar de herança em vida, mais uma vez, outra *casa* erguida por ele para os filhos o conduziu mais uma vez na *aventurança* da vida. Começar outra vez, num novo *casamento* e numa nova *casa*, aparece em seu relato como algo *natural*. O processo não era novo, mas aquele cenário sim. Nas proximidades onde comprou seu *lote* existiam *três casas vizinhas* e no entorno a mata de São Bartolomeu/Pirajá. “*Não tinha nada. Não tinha água, não tinha luz*”, repetiu enfaticamente.

Como indiquei no capítulo anterior, Seu José de Santana, pai de Dona Cecília, uma década antes, em 1971, comprou os *lotes* nestas proximidades, no atual bairro do Rio Sena. Segundo ela:

Era muito amplo, por aqui tudo, né? E eles que abriram, no início. Antigamente era assim, aquele proprietário, daquele loteamento, abria, assim, as ruas, não é? Mas, não tinha nenhuma estrutura. Não fazia benefício nenhum, só era abrir os lotes e começar a vender ao povo. E meu pai, chegando aqui, ele vinha de trem, por Escada. Era! Ele vinha por Escada, de trem! Ele vinha da Ribeira, naquele tempo nós morávamos na Ribeira. E quando chegava, quando ele chegava aqui, pegando o trem, ele subia essa ladeira toda, por aqui tudo. Ele disse que andava

muito, né? Vinha por Periperi e tudo. **Quando chegou aqui, ele disse que sentiu nesse meio aqui mesmo, ele disse que abriu os braços** – isso era ele que contava para a gente antigamente (risos) – ele disse que abriu os braços e dizia: **“aqui que eu vou comprar meu terreno”**. (...) Aí, ele disse que viu aquela **fresca, aquele ar bom, tudo plano!** Aí, ele disse: **“é aqui que eu vou comprar meu lote”**. Aí, ele acertou logo, ele comprou logo três lotes. **Aqui tem trinta de frente com vinte e cinco de fundo, né?** Aí ele disse: **“aqui eu vou fazer a casa, vou me mudar, a casa é para minhas filhas”**. Ele disse: **“minhas filhas, as minhas filhas, não vão depender de marido para ter uma morada”**. Porque ele disse que os homens têm essa ideia, né? **“a casa é minha, pode ir para a rua”**. Naquele tempo não tinha isso que as mulheres tinham direito depois que a pessoa entra na casa, que fazem os benefícios, nenhum tem o direito de botar o outro para fora, se botar, vai pagar. Não é? Mas, naquele tempo não. O homem botava a mulher pra fora, coitada! E a mulher saía sem direito a nada. Horrível, né?

Sentiu que seria ali onde compraria o seu terreno, pois tinha **“aquela fresca, aquele ar bom, tudo plano”**. Seu José sentiu. Era um sinal, vindo não se sabe de onde. Simplesmente, uma sensação de que ali seria seu lugar em Salvador. **“Ele comprou logo três lotes”** e aí ergueu a *casa da família*. Nas palavras de Dona Cecília: **“uma casinha muito simples”** de **“avarandado”**. Na *casa*, Seu José projetou a herança de autonomia e liberdade para as filhas, ao dizer: **“minhas filhas, as minhas filhas, não vão depender de marido para ter uma morada”**.

A reforma na *casa* **“fomos nós [ela e suas irmãs]. Fui eu quem fiz depois na minha casa. E nessa casa aqui passava muita gente, nos anos sessenta, sessenta e um”**, relata Dona Cecília.

Da mesma forma que Seu Camilo e Dona Cecília, Fernando se *assentou* no *Subúrbio* através da compra de *lotes*. Ele **“morava perto [no bairro de Valeria] e conseguiu comprar um lote aqui [Paripe]”**. Lá, construiu a casa em que vive hoje.

Salvador destes primeiros anos do século XXI continua no curso da urbanização, produzindo-se em novos cenários, intensificando a especulação e o setor imobiliário. A este processo Seu Camilo se mostra bastante atento. Em suas saídas de casa para visitar **“os filhos; que, de vez em quando, de oito em oito dias, eu vou na casa de um, aí vou na casa de outro”**, observa o crescimento dos *canteiros de obras* e mapeia as novas edificações que aparecem no caminho. Mesmo para um observador não especializado e/ou desatento é notório o crescimento do setor da construção civil e, da mesma forma, a expansão por que passa a cidade, revelado nas grandes obras de infraestrutura e construções de grandes

edifícios, orquestradas pela especulação das grandes empresas do setor imobiliário, em sintonia com as políticas de Estado.

Na Rua Ana Paula Seu Camilo comprou o *lote* e, junto com Dona Neném, fez e viu tudo começar do *mato* e do *chão batido*; viu tudo ser ocupado e chegarem outros vizinhos. A este fato ele atribui a boa convivência que tem *na área* – afinal, conhece a todos e todos o conhecem. Quando deixou o *trabalho de firma*, ele investiu no trabalho autônomo, o que fez em parceria com jovens rapazes, seus vizinhos, que contratava como ajudantes de pedreiro em empreitadas de trabalho na construção civil. Durante quase duas décadas trabalhando *por sua conta* e contratando ajudantes da vizinhança, os quais ensinou o ofício, Seu Camilo fez muitos *colegas* e isso o transformou numa pessoa conhecida e respeitada onde reside. Muitos dos homens de sua vizinhança, nos trinta anos em que encontra-se morando ali, já trabalharam com ele ou foram indicados por ele para *pegar serviço na construção*. Hoje, quem são os *que fazem mesmo* e que enchem estes *canteiros*? Que dedicam a vida a *construir tudo por aí*? Dos relatos de Seu Camilo, Seu Bitonho, dentre outros, retiro algumas evidências que indicam que encontraremos erguendo a cidade os filhos e netos das gerações das quais eles fizeram parte. Evidentemente, que eu não estou olhando para este processo de forma determinista. Entre muitos jovens com os quais convivi em minha geração e nas gerações posteriores, que acompanhei em diferentes situações, vejo os que romperam um ciclo de escolhas e práticas ligadas às condições sociais de suas famílias – nesta tese trabalho com algumas delas. Porém, é importante apontar para as continuidades observadas em relação aos novos caminhos e processos produzidos e vivenciados. Entre os filhos de Seu Camilo, nenhum deles seguiu a sua profissão, a despeito de entre os mais velhos alguns saberem o ofício de pedreiro.

Hoje, ao pensar sobre os caminhos a serem percorridos e ao recuar no tempo e no espaço, Seu Camilo reflete sobre o lugar de onde veio e os vínculos com Matinha, que diz sustentar através das viagens que realiza para visitar a única irmã viva, Mariquinha, de 79 anos, aos sobrinhos e à *terra* que comprou por lá, com o dinheiro que guardou dos anos de trabalho na construção civil. E conclui:

Se eu tivesse dinheiro, eu ia embora pra lá, que ali é bom pra viver. Mas tem que ter dinheiro, pra investir. Pra investir em horta, nessas coisas. Quem não tem não

vai. A Matinha tá boa, rapaz!! Tem Supermercado... Tem duas farmácias, tem posto policial... Tudo ali tem. Tem telefone.

Na próxima seção me aproximo de outros aspectos da ocupação e crescimento de Salvador, a partir da história de vida de Dona Railda. Uma trajetória marcada pela e na *luta* pela casa própria, vinculada aos *movimentos por moradia*.

4.2 - No movimento da luta por moradia: mulheres se fazendo liderança

4.2.1. Invasão: produzindo enredos

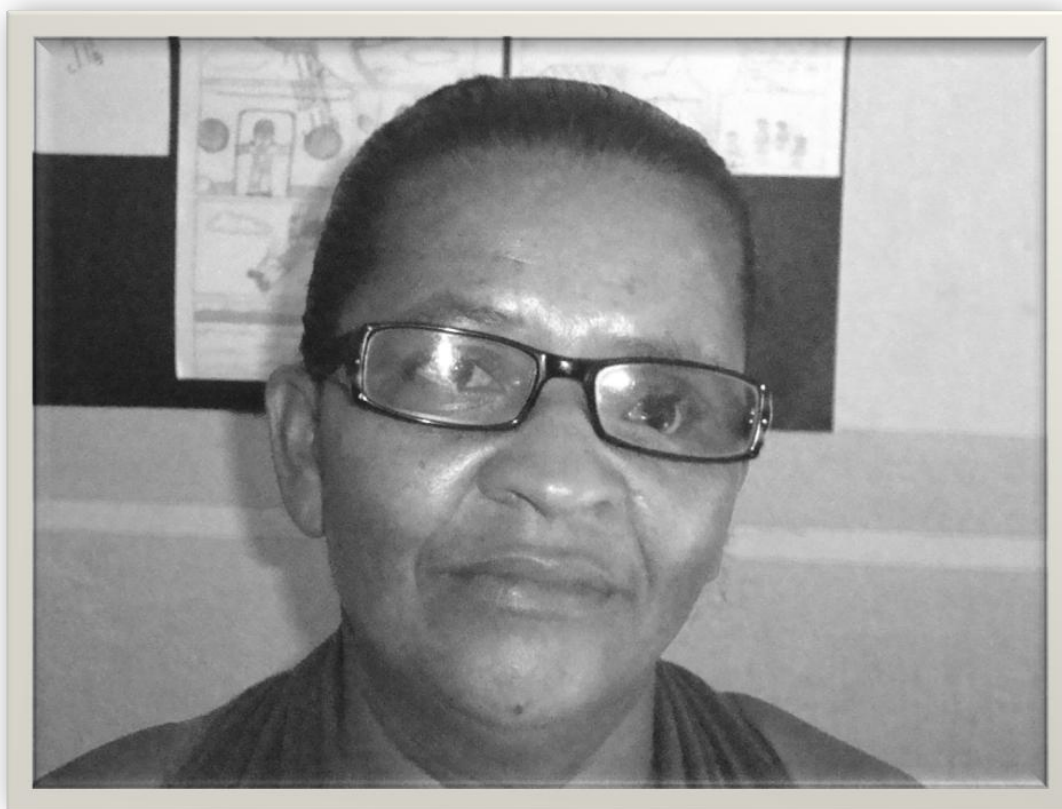


Imagem 28. Foto de Dona Railda

Fonte. Foto da autora. Trabalho de Campo, 2011.

Nesta seção me aproximo do que significou a experiência da luta por moradia e dos *movimentos de invasão*, conduzida pela narrativa de vida de Dona Railda. Ao mesmo

tempo, alinhavo suas congruências e dissonâncias, a partir de acontecimentos que estão presentes em outras narrativas.

Railda nasceu há 51 anos, no *interior* do Estado da Bahia, no município de Catu,³⁰⁴ no povoadozinho de Pau Lavrado, na *roça*. Uma negra, uma dos sete filhos dos lavradores Dona Albertina e Seu Cosme. Sobre esses tempos, lembra que os

pais são de famílias também muito pobres, nasceram no interior, na roça. Não tinha meio de sobrevivência, não tinha bens próprios, trabalhavam nas fazendas de quem tinha fazendas, dos conhecidos. Trabalhava pra sobreviver. Arrendava a terra. Como não tinha terra dele mesmo, ele tinha que arrendar e fazer roças para sobreviver. Que era, plantava mandioca, aipim, milho, feijão e essas frutas que guentam mais só: abóbora, melancia [sic]... Essa era a luta deles, trabalhava e vendia. Na época, fazia farinha e vendia na feira. E o que conseguia colher da roça que era o milho e o feijão que vendia também. Plantava fumo, que também vendia para os trapichos [sic] [grifos meus].

A família “*não tinha meio de sobrevivência, não tinha bens próprios, trabalhavam nas fazendas de quem tinha fazendas, dos conhecidos. Trabalhava pra sobreviver. Arrendava terra*”. A produção era basicamente para o sustento deles e o excedente comercializado na feira local, experiência que compartilha com outros entrevistados da pesquisa. Seus pais migraram de Pau Lavrado há apenas quinze anos atrás. Por intermédio de “*um primo da gente aqui em Plataforma*”, recorda Railda.

Dona Railda: *um primo da gente aqui em Plataforma conseguiu um sítio para meu pai vir tomar conta aqui no CIA, ela não queria vir, mas aí juntou minhas irmãs tudo que já tava aqui e todo mundo deu a maior força, aí foi que trouxe meu pai e minha mãe de lá pra cá. E eles passaram dez anos aí no CIA e agora eles moram no Lobato, lá junto com a gente.*

Ediane Lopes: Seus pais hoje moram no Lobato?

Dona Railda: *É. Todo mundo mora lá.*

Ediane Lopes: A senhora também mora no Lobato?

Dona Railda: *Moro no Lobato. São seis 'irmã', uma mora em São Paulo e cinco mora em Lobato. E um irmão que mora em Simões Filho.*

Seu primo conseguiu um sítio para o pai dela “*tomar conta aqui no CIA [Centro Industrial de Aratu]*” a, aproximadamente, 18 km de Salvador. Sua mãe, por sua vez, “*não queria vir, mas aí juntou minhas irmãs tudo que já tava aqui [em Salvador] e todo mundo deu a maior força, aí foi que trouxe meu pai e minha mãe de lá pra cá. E eles passaram dez*

304 O município de Catu localiza-se no “território de identidade”: Litoral Norte, à aproximadamente 78 km de Salvador.

anos aí no CIA e agora eles moram no Lobato, lá junto com a gente". O caminho percorrido pelos pais de Dona Railda até chegar a Salvador os levaram antes a outro município da Região Metropolitana, mas os mantinha ligados ao trabalho na *roça*. Atualmente, os pais e as irmãs Sílvia, Cristina, Valdete e Biuga residem no mesmo bairro, em Salvador, formando uma vizinhança comum, com exceção da irmã, Beatriz, que continuou a mobilidade com destino a São Paulo, com desejo de conseguir um trabalho; e de seu irmão que mora no município de Simões Filho, na Região Metropolitana de Salvador.

A trajetória de deslocamento da família de Dona Railda caracteriza a criação de condições econômicas e sociais básicas, muitas vezes não planejadas, que viabilizam o deslocamento de outros membros da família. Nas Ciências Sociais muitos estudos sobre migração interna apontam para este aspecto. No caso de Salvador, a configuração de “avenidas”,³⁰⁵ ruas e bairros por membros de uma mesma família e parentes (por consanguinidade, aliança e “consideração”), vindos em diferentes etapas, caracterizou o crescimento e a urbanização de diferentes territórios da *cidade da Bahia*.

Mãe de sete filhos, quatro filhas *de sangue* e três (uma mulher e dois homens) adotivos – nos termos de Dona Railda, *de coração*,³⁰⁶ atualmente reside com as filhas *de sangue*. Mantém, com a ajuda delas, um pequeno negócio de venda de bebidas. Além deste pequeno negócio, ela continua vendendo produtos de catálogos de revista. É da renda que gera com estas atividades que garante a sobrevivência de si e da família.

Vale ressaltar, ao referir-se ao trabalho, Dona Railda inclui sua prática atual no *movimento social* de cultura do *Subúrbio* como ação e *trabalho voluntário*. Observei que esta forma de entender e classificar a participação nos movimentos sociais, como *trabalho voluntário*, na atualidade, indica um deslocamento de sentido na compreensão e na forma de relacionamento pessoas – mesmo entre algumas que já tem atuação há décadas –, com estes “movimentos” e com a própria *luta*, a partir dos finais dos anos 1990 e primeiros do

305 Pequenos becos e ruelas estreitas e, quase sempre, sem infraestrutura. Porém, esta noção assume entre os moradores dos bairros pobres, “populares” de Salvador outros sentidos e significados, como vimos em Agier (1998a).

306 As quatro filhas “de sangue” nasceram dos dois relacionamentos conjugais que teve ao longo de sua vida, os quais não lhes trazem boas lembranças.

século XXI.³⁰⁷ Encontro, da mesma forma, em outros relatos este mesmo deslocamento de perspectiva.

É importante dizer que no rol dos migrantes entrevistados com trajetórias marcadas pela participação políticas vinculadas ou não a algum movimento social, a própria concepção de *movimento* indica diferentes dimensões. Então, estar no *movimento* significa participar de um “movimento”, compartilhar de suas “bandeiras”, pautas de reivindicações e ações orientadas; mas, da mesma forma, pode significar estar nos lugares onde estão as pessoas, onde a vida acontece e onde pode participar desses acontecimentos.³⁰⁸ Está concepção de estar no e em *movimento* informa muito da trajetória de Dona Railda. Ela construiu uma trajetória em e no *movimento*.

Episódio 1. A fuga

Sobre isto, diz: “*Fui criada na roça e sai e lá com onze anos de idade*”. Saiu da roça fugida, ao que tudo indica, em 1971, do pai que “*era daquele tipo, do machismo, de que o homem pode tudo e que a mulher tem que ser o capacho. E ele não tinha nada, mas tinha várias 'rapariga', maltratava a minha mãe, (...) e minha fugida de casa; foi isso*”. A fuga – marca o primeiro deslocamento importante em sua trajetória. A violência cotidiana representou, em diferentes momentos, uma linha de fronteira, ou melhor, uma linha de [inter]conexão na trajetória biográfica e política de Dona Railda.³⁰⁹ E prossegue Dona Railda a narrativa reafirmando a centralidade da dimensão da violência em sua trajetória desde a infância:

Dona Railda: *Eu apanhava muito. Batia por tudo [o pai dela] e eu também não era 'frô' que se cheirava por que eu não gostava que maltratasse minha mãe. E aí eu fugi do interior calçada numa sandália Havaiana, ainda com um arame embaixo da sandália, panhei um dinheiro que na época ele tinha vendido uma "sama de fumo" [corda de fumo e/ou rolo de fumo] e eu vi que ele botou dinheiro no colchão o [sic]. Aí eu peguei o dinheiro de transporte, peguei um ônibus e vim me embora pra aqui [Salvador] [grifos meus].*

307 Retomo esta discussão um pouco mais adiante.

308 Naschieli Loera (2009) aponta para estas múltiplas concepções sobre estar no “movimento” ao acompanhar a trajetória de trabalhadores sem terra no percurso dos acampamentos.

309 A ruptura com a experiência de violência no âmbito doméstico caracteriza a trajetória de muitas das mulheres envolvidas no *movimento*.

Episódio 2. O enfrentamento

Na vida adulta, fortalecida pela vida no *movimento*, Railda resolve enfrentar a violência. Sobre este processo recorda dos desentendimentos que passou a ter com o companheiro quando ela resolveu entrar *nessa comissão de moradores*, ligado ao Movimento em Defesa dos Favelados (MDF):³¹⁰

*Mas, dois anos depois que a gente foi para o Lobato, aí a gente se separou. Que quando eu entrei nessa comissão de moradores ele não aceitava. Que achava que o que a gente fazia era coisa de desocupado, subir e descer pra reunião. E aí a gente começou a ter desentendimento. Começou a ir pra a igreja e aí depois resolveu se batizar. Aí me chamou pra gente casar, e aí eu disse: “olhe eu não tô a fim de casar, mas se você quê, tudo bem. Agora, com uma condição, eu caso com você, agora, pra igreja eu não vou.” Aí ele me impôs outra condição, que a gente tinha que casar e eu tinha que ir para a igreja e largar esse negócio de subir e descer atrás de reunião de comissão que eu não ia ganhar nada com isso. Aí eu disse assim: “Pois é, eu nem quero casar e vou continuar indo para a comissão, você querendo ou não” (...) **O MDF, que era a rede que a gente participava**, (...) tinha várias comunidades. E veio muita gente do interior, também, pra uma reunião com o governador que estava marcada para as 22 horas. Quando a gente foi conseguir ser atendido era duas e tanta da manhã. E aí eles mandaram o carro levar, a gente, que ficou, que não tinha transporte, ele mandou levar. Quando o cara parou o micro-ônibus que veio trazer o povo do Subúrbio, aí ele [marido] abriu a porta e aí olhou e fechou a porta novamente. Aí, eu bati na porta pra ele abrir a porta pra eu entrar, e aí ele disse que não ia abrir. [grifos meus]*

É importante destacar que, ao aderir a um movimento público/político, escolher por *subir e descer*, as mulheres são colocadas frente a novas situações de tensão, seja no interior da família, no local de trabalho ou nas relações de afeto e vizinhança. Quem adere a um *movimento* pode vir a se diferenciar rompendo, por exemplo, com antigas relações de poder estabelecidas no interior da família. A continuação da fala de Dona Railda indica para um exemplo desta ruptura:

Dona Railda: *E eu amanheci o dia na porta. Aí, quando foi de manhã eu disse, 'apois', hoje é eu ou você. Ou eu ou você. Aí a gente começou a brigar, ele me bateu, eu também não era mole, aí tirei um pau e dei-lhe uma cacetada nele e aí*

310 O Movimento em Defesa dos Favelados (MDF) nasceu no Rio de Janeiro e foi um importante movimento de enfrentamento do regime militar e de contribuição para o processo de democratização do Brasil em finais dos anos 1970 e os anos 1980, e sinalizando para uma série de demandas sociais que substanciaram a Constituição de 1988. Em 1970, chegou a Salvador através de “lideranças” das bases progressistas da Igreja Católica que se deslocaram como missionários, ou ainda fugidos da repressão da ditadura militar. Em Salvador o MDF foi muito atuante e marcou a história de muitos outros “movimentos populares” e a trajetória dos participantes destes *movimentos*.

ele foi também e ele foi na delegacia também e deu queixa de mim, eu dei queixa dele. Depois aí teve a audiência. E aí, na audiência, ficou de a gente dividir o barraco, como o terreno era do Estado a gente não podia vender, podia vender o barraco, só o material que tinha em cima do chão. Ou eu dava a parte dele ou ele dava a minha. [grifos meus]

No entanto, esse aspecto não é uma especificidade apenas da história de vida de Dona Railda. Assim como ela, outras mulheres contaram sobre suas experiências de enfrentamento e de ruptura com o cotidiano de violência, no âmbito doméstico e público. Observei dentre estas, que algumas vivenciaram a violência doméstica desde a infância; outras se depararam com ela em seus relacionamentos amorosos e conjugais, antes mesmo da participação na *luta*, mas que se intensificou após a inserção nela.³¹¹

Dentre as mulheres migrantes com trajetórias atravessadas pela participação nos movimentos sociais, na *luta*, subindo e descendo, deslindo aqui alguns aspectos da experiência de Dona Mira. Ao chegar a Salvador, no bairro de Sete de Abril, Mira começou a namorar e foi morar com o pai do seu primeiro filho. O relacionamento marcado por fortes crises de ciúme e outras violências a levou à separação, seguida pelas perseguições dele. Isto a fez deixar o bairro de Sete de Abril, bem como o emprego numa escola infantil onde trabalhava no bairro da Federação. Conforme lembra, “*ele aparecia lá na frente da escola dando escândalo e me fazendo passar constrangimento...*”. Para romper, definitivamente, com o circuito que a colocava em situação de vulnerabilidade diante do ex-marido, resolveu sair do bairro e do emprego. Como disse, procurou “*um lugar onde ele não conhecesse ninguém*”. Desta forma, que seu percurso por Salvador a levou para *Subúrbio*, no bairro do Rio Sena. É verdade, sua escolha também foi definida pelo fato que ali ela tinha a referência de um dos seus irmãos, que mantinha uma *casinha por lá*, alugada. Ele cedeu a casa para que ela pudesse morar com o filho. Tempos depois, ele pediu a casa de volta para poder abrigar um dos filhos. A alternativa para Dona Mira foi buscar um lugar que pudesse pagar um aluguel com o salário que recebia para lecionar numa escolinha de bairro particular. Dona Mira chegou ao bairro do Alto da Terezinha. Lá começou a trabalhar

311 Cf. PACHECO (2008). Nesse trabalho, Cláudia Pacheco faz um percurso sobre a trajetória de mulheres negras em Salvador marcadas ou não por uma trajetória de “militância” e que vivem a solidão; problematiza a condição de “lideranças sociais” que elas vivenciavam e como isso implica suas escolhas afetivas e a situação de solidão. Muitas delas acabaram por “escolher” ficar sozinhas por causa da negação, bem como em virtude das recorrentes situações de conflitos e violência com seus “companheiros”, que não aceitavam às suas escolhas, inclusive de envolvimento direto na “luta”.

na *escola comunitária* do bairro: *A união faz a força* – coordenada por Mariana Oliveira,³¹² no início da década de 1980. O trabalho na *escola* marcou sua participação no *movimento*. Professora já com experiência de ensino em sua cidade natal e em Salvador, a jovem Mira cheia de ideais e desejos de ter uma *vida melhor* e ajudar pessoas que viviam nas mesmas condições que ela, acabou se envolvendo na luta do bairro e se ligando à Associação de Escolas Comunitárias de Salvador.

O *movimento*, em termos gerais, buscava educação, melhorias de infraestrutura, habitação e saúde, demandas muitos comuns para uma região que recebia todos os dias inúmeras pessoas em busca de um assento na cidade, querendo fincar raiz, e que ali não dispunham do mínimo de infraestrutura e serviços básicos e, ademais, vivenciavam, na prática cotidiana da disputa pela ocupação e permanência na terra, conflitos contra particulares e o próprio Estado. Disputas estas orquestradas, muitas vezes, por confrontos violentos com as milícias armadas e a polícia.

Mira recorda que, nessa época, durante as visitas e reuniões na prefeitura de Salvador para reivindicar calçamento nas ruas de Alto da Terezinha, representantes da *Associação* descobriram que nos registros e documentos municipais constava que as ruas do bairro já dispunham de asfaltos.³¹³

Nesta época, atuava também no:

Grupo de saúde que servia à comunidade. Era feito remédio e vendido a preços módicos, né, para que todos tivessem acesso... E também orientação sobre higiene e todos os comportamentos... Remédio pra matar piolho, parasitas, pra frieiras, uma série de coisas (...). Tudo natural! Ungentos, xaropes e muitas outras coisas, sob a orientação de doutor Elder [médio que coordenava o projeto em parceria com uma assistente social da Universidade Católica do Salvador]. E sempre vinham pessoas de outras comunidades – tinha uma senhora de Alagoas e do interior... Vinha ensinar a fazer os remédios.

Encontrei referências deste trabalho nos relatos de outras pessoas, como os de Mariana, Julieta, Neco, Pedro Cardoso, Nalzina, Padre Oliveira, Seu Bitonho, etc., que estavam ligadas diretamente ao trabalho de produção e/ou que não estavam no *movimento*, bem como, entre mulheres que cuidaram dos filhos usando os remédios disponibilizados na

312 A referência à participação de Mariana Oliveira na constituição e articulação das *escolas comunitárias* em Alto da Terezinha, no *Subúrbio* e em Salvador aparece em diferentes relatos.

313 Em outra oportunidade me deparei com a referência a esses documentos e à utilização dos mesmos para justificar impossibilidade do poder público destinar recursos para projetos de pavimentação e saneamento básico em áreas onde estes benéficos já existiam SOUZA (2002).

pequena farmácia criada nesta rede complexa formada pela associação de moradores, escola comunitária e grupo de saúde (a farmácia foi desativada em meados dos anos 2000). Entretanto, a principal *bandeira de luta* era a educação e um espaço onde as crianças fossem cuidadas e as mães pudessem trabalhar. Por isso, criou-se a *escola comunitária*, com o desejo de oferecer um espaço e um projeto educacional diferenciado, atento ao perfil da “comunidade”.

No *movimento das escolas comunitárias*, Mira participou da *luta* para que a prefeitura de Salvador assumisse responsabilidade com as escolas comunitárias da cidade em termos similares às escolas municipais. A conquista veio depois de muitas manifestações e da coleta de inúmeras assinaturas em toda a cidade, que gerou uma das maiores conquistas do movimento, segundo consta, com a aprovação na Lei Orgânica do Município, artigo específico, que estabelecia o repasse de 3% dos recursos que eram destinados à educação municipal para as *escolas comunitárias*. Esta resolução foi aprovada na primeira administração da prefeita Lidice da Mata que, à época, representava um governo, considerado “progressista” e próximo aos “movimentos sociais”. Mas “*nunca chegava todo o recurso, atrasava e quando chegava não dava para pagar a folha de pagamento dos professores*”, recorda Mira.³¹⁴ Isto gerou, anos depois, na justiça, processos trabalhistas.

Foi também no início da década 1980 que Mira conheceu e começou a participar do *movimento negro*, o MNU – Movimento Negro Unificado –, com sede no Curuzu, à época.³¹⁵ A este envolvimento atribui a compreensão das dimensões do racismo em sua vida e, de maneira mais ampla, na sociedade. Participar desse *movimento* lhe possibilitou conhecer, nas subidas e descidas dos encontros e reuniões, pessoas importantes, como por

314 Nesta época, existiam quatorze escolas comunitárias em Salvador. Na Lei Orgânica do Município consta o a indicação e percentual para as escolas filantrópicas, confessionais e comunitárias, no artigo. nº 191, parágrafo. 2º. Em 2009, no âmbito da Câmara Municipal de Salvador estava sendo discutido o processo de regularização das escolas comunitárias junto à Secretaria Municipal de Educação. Um dos objetivos era resolver os problemas dos atrasos no repasse. Conforme, consta no boletim informativo da Câmara Municipal de 20 de agosto de 2009, um dos principais problemas indicados na audiência sobre a situação das escolas comunitárias de Salvador para viabilizar a regularização cadastral das instituições era a questão fundiária, “essencial para garantir o alvará de funcionamento e os demais benefícios legais”. <http://www.cms.ba.gov.br/noticia_int.aspx?id=500>, acesso em 30 de outubro de 2013.

315 Mira conheceu seu atual companheiro durante sua participação no *movimento negro*.

exemplo Abdias do Nascimento e as mulheres do Geledés.³¹⁶ Mira se afastou desse *movimento* quando nasceu a filha. No Rio Sena acabou se inteirando da *luta* junto a Associação de Moradores de Alto da Terezinha.

Mira criou os quatro filhos – Carlos Miguel, Quênia, Rafael e Rodrigo –, descobriu novos amores e construiu seu relacionamento, que já dura mais de 20 anos, no Rio Sena. Sobre este relacionamento, destaca, ele só continua há tanto anos por “*cada um morar no seu canto*”. Este foi o modo que criou para garantir, fundamentalmente, sua liberdade e autonomia. Mira foi capturada novamente pelo *movimento*, desta vez pelo Movimento dos Sem-teto da Bahia, como dito. Segundo Mira, ela não queria mais se envolver no *movimento*. Da mesma forma, registra que seu marido também não queria que ela o fizesse, pois temia perdê-la para o *movimento*. Ela, porém, foi descoberta e não conseguiu escapar. Ao que busca explicar dizendo que o *movimento* é sua vida – *é como se tivesse no sangue*. Afirmar a presença do *movimento* em sua vida, ou melhor, a vida como o *movimento*, é a forma encontrada por muitas pessoas para enfatizar porque não se pode escapar da *luta*.

Vale ressaltar, portanto, que a presença maciça das mulheres que caracteriza o movimento por moradia no *interior* de movimentos sociais, não as transformou em feministas, necessariamente; mas pode alterar suas redes de relação e de poderes no *interior* da família e da comunidade. Mira entende que é através da “educação diferenciada” que a transformação pode acontecer na vida das pessoas pobres como ela. Isto explica as dificuldades que tem, hoje, uma mulher madura, de se ver inserida em das escolas convencionais, sejam particulares – onde já ensinou – ou *escolas do governo*. Esta reflexão de Dona Mira reporta aos debates atuais no Brasil a respeito da produção de um novo projeto educacional que esteja pautado nas diferenças sociais e culturais e, ao mesmo tempo, sinaliza para os limites reais encontramos na sociedade e nas instituições de ensino para colocar em prática algumas orientações já consensuadas, neste sentido, inclusive do ponto de vista jurídico.

316 Refere-se ao Geledés Instituto da Mulher Negra. Geledés - Instituto da Mulher Negra, “Foi criado em 30 de abril de 1988. É uma organização política de mulheres negras que tem por missão institucional a luta contra o racismo e o sexismo, a valorização e promoção das mulheres negras”. Cf.: <<https://www.facebook.com/geledes/info>>. Acesso em 20 de outubro de 2013.

As narrativas empreendidas por nossos interlocutores acerca de suas experiências na luta apontam para a flexibilidade da noção de “movimento sociais”, o que pode nos parecer redundante no sentido em que o termo movimento, em si, já indica mudanças, reajustes e reformulações permanentes no tempo e no espaço. Da mesma forma, a noção de “liderança” também se desloca nestas esferas, no contexto e, especialmente, a partir do olhar destas pessoas acerca das suas experiências e práticas, no âmbito dos movimentos sociais.

Episódio 3. Tornando-se *liderança*

Não ser “*frô' que se cheirava*” é a primeira dimensão de autorepresentação que aponta para a naturalização da construção como *liderança* de Dona Railda. Para ela, “*ser uma liderança, (...) é ser responsável, ter responsabilidades consigo e com os outros, independente do que cada um de nós faça, a gente precisa ter respeito uns com os outros. Pra mim, ser liderança hoje é ser tudo, é ser responsável*”. A noção de “liderança” é recorrente e central na narrativa dos migrantes que se inseriram no universo da ação política, institucionalizada ou não, no *Subúrbio*. Estes forjaram diferentes formas de entendimento e ação mediante a *luta*.

Os sentidos operados por essas pessoas são bastante eloquentes ao demonstrarem que não estamos diante de um conceito fixo; mas, por outro lado, de um parâmetro que nos alça a variadas dimensões do efêmero, do mágico/religioso, da responsabilidade e da confiança, do cuidado e do dom.³¹⁷ Para tentar deslindar alguns destes sentidos e concepções começo por destacar o trecho do relato de Dona Nena: “*É difícil. Você ser líder é difícil. A liderança hoje é aquilo que você é, defende, é seu sonho. É o sonho que você sonha pra se tornar realidade*. Ela continua sua narrativa indicando a efemeridade e a solidão que, muitas vezes, se abate na busca por realizar o sonho.

E você é liderança pelo momento também. Por um tempo. Você tem vez que tá liderando cem pessoas e de repente você combina e não tem dez pessoas com você. Então, você já não é líder de cem pessoas, você já é líder de dez pessoas. E tem vez que você não é líder, está sozinho. Porque nessa caminhada eu passei deserto, deserto e, muitas vezes, eu cheguei a ficar só.

317 A este respeito, ver SOUZA: *et al* (2012). Nele trabalho mais detidamente estas diferentes dimensões, alargado meu escopo de entrevistas com sujeitos nascidos na cidade.

Para espriar esse enredo, retomo a narrativa de Dona Cecília. Ela evidencia em seu relato a dimensão mágico/religiosa ao pensar sobre o significado de liderança: “*Para mim, o que é líder? O líder, só é Deus. Primeiramente, o líder, só é Deus*”. A influência do pensamento cristão, católico disseminado pelos movimentos de base perpassa sua forma de ver e se colocar no mundo em suas trajetórias de vida no *Subúrbio*, assim como nas de muitas outras pessoas que vivem neste grande território, pois aí a rede religiosa foi muito presente na história de formação e consolidação de inúmeras “comunidades”. No plano da vida material, ela entende que “*a gente estamos aqui pra melhorar. Se a gente quer alguma coisa, a gente tem que fazer e dar testemunho daquilo que faz*”. No sentido ainda atribuído por ela:

Se eu não tenho testemunha daquilo, como é que eu vou exigir dos outros? Quer dizer, engano, eu tô enganando, e tudo que eu engano não tá certo, né? (...) Porque eu posso dizer: fulano, você vai fazer isso pra mim? Pra eu dizer a você que eu vou fazer pra você amanhã? Não, eu quero ver hoje.

E define, por fim, a liderança como sendo “*aquilo que não busca (...) poderes próprios.*” Ou ainda, como a prática que “*toca em outros, para que outros também possa fazer...* [sic] *A liderança, também, é aquilo que a gente faz de benefício em função de outros.*” Num outro lastro, Dona Julieta vê o lugar da liderança a partir da trajetória do indivíduo.

Para mim, um pouco da minha vida. Faz parte da minha vida, a liderança. Não é ser líder, é querer ajudar. Que eu ajudo a mim própria. (...) Faz parte do meu viver. Viver na comunidade, tentando ajudar a fazer algo (...) que eu tanto obtenho conhecimento como passo para outros, né isso?

Para ela, ser liderança significa sair para o mundo, ocupar o espaço público, ao que sentenciava dizendo:

*Quando eu fico dentro de casa, eu fico doente; não gosto de ficar dentro de casa. **Eu tenho que andar.** Não estava marcado para eu ir hoje na Associação da Bahia, mas, eu ia porque eu ia sair de dentro de casa. Eu ia lá... Lá tem movimento.*

Dona Railda, de maneira semelhante, alinhava sua trajetória de vida em Salvador e no *movimento*, andando pela cidade. O movimento é o próprio percurso realizado... Assim, a política e o fazer político se mostra em dinâmica, na ação e atravessando a vida das pessoas em todas as suas dimensões.

Para mim, um pouco da minha vida. Faz parte da minha vida, a liderança. Não é ser líder, é querer ajudar. Que eu ajudo a mim própria. (...) Faz parte do meu

viver... Viver na comunidade... Tentando ajudar... Fazer algo (...) que eu tanto obtenho conhecimento como passo para outros, né isso?” (...) Quando eu fico dentro de casa, eu fico doente, não gosto de ficar dentro de casa. Eu tenho que andar. Não estava marcado para eu ir hoje na Associação da Bahia, mas, eu ia porque eu ia sair de dentro de casa. Eu ia lá... Lá tem movimento.

No relato acima, Dona Julieta começa a refletir sobre o lugar da liderança a partir da trajetória do indivíduo e indica o significado da liderança no movimentar que se constitui no percurso, no sair para o mundo, ocupar o espaço público.

Michel Agier (1998b) reflete sobre a multiplicidade de sentidos produzidos e apreendidos pelos sujeitos no processo de reconstrução de si ao serem forjados como *líderes*. Agier opera essa noção a partir do modelo do “renunciante”, como uma experiência da passagem do estado de “pessoa” para o de “indivíduo”, em meio às incertezas que configuram as relações formalizadas, a exemplo da escola, do emprego, etc., experiência na qual, ao final se mostra uma revelação, ruptura ou transformação, para ocorrer a modificação sensível na posição social dos indivíduos. O líder é um renunciante, que experimenta a passagem de uma situação a outra de modo dramático, ao caminhar de maneira diferenciada de seu grupo de origem e se desenraizar das ilusões da sociedade individualista. Aquele que se dedica a (re)inventar e (re)criar a sociedade, inspirado em um mundo *interior*, no mais profundo de si mesmo e de seus desejos, se definindo como um sujeito “*fora do mundo*”.³¹⁸ Não obstante a dimensão apontada por Agier, em consonância com o que aparece em muitas das narrativas postas aqui em relevo, me parece fundamental indicar para os ganhos sociais e o prestígio agregados por estas pessoas ao passarem a fazer parte do *movimento* e da *luta*,³¹⁹ a exemplo do reconhecimento por diferentes setores da vida social (universidades, ONGs e diferentes órgãos estatais, etc.) pelo trabalho realizado; do acesso ao ensino formal (escolarização) e a diferentes formas de conhecimentos fora do âmbito local; de novas possibilidades de trabalho, dentre outras.

Ademais, observei, especificamente, que os posicionamentos das mulheres *líderes*, além das diversas dimensões já apontadas, sofreram e ainda sofrem influências – algumas

318 *Ibidem*, p. 175. Este debate me reportou as elaborações feitas por Max Weber ao definir os tipos ideais das formas de dominação. Railda me parece próxima do que Weber definiu como dominação carismática; nessa perspectiva, a líder carismática. Para aprofundar esta discussão, ver: WEBER (1982).

319 Nesta linha o trabalho de Loera (2009) acompanhado trajetória dos trabalhadores Sem-Terra envolvidos no “movimento” dos acampamentos, vê a “liderança” como uma experiência que envolve não apenas perdas, mas também prestígio a estas pessoas.

vezes sutis e outras vezes diretas – da dimensão do cuidado, do seu “lugar social” de gênero. Isso se reflete na forma como elas pensam o seu espaço de atuação e na forma como se percebem, enquanto *lideranças*, quando atuam nos espaços públicos. Ser *liderança*, para boa parte das mulheres entrevistadas, sugere uma dimensão de cuidado que revela a construção cultural feminina, respaldada em algumas das noções que se agrupam no conceito de feminilidade. A condição de migrante destas mulheres vindas para a capital baiana em meados 1970 e a década de 1980 lhes colocava diante da necessidade da busca pelo trabalho fora do espaço doméstico para continuar na cidade; por outro lado, muitas se viam impossibilitadas, pois não tinham (e muitas ainda não têm) com quem deixar seus filhos. Mesmo observando uma demanda grande por creches e escolas em muitos dos bairros do *Subúrbio*, este é um dos lugares da cidade com maior concentração deste tipo de instituições. Estas mulheres acabam por estender para o espaço público características de sua atuação no espaço doméstico, especialmente, em se tratando do cuidado e dos espaços que assumem para atuar.

O cuidado com as pessoas do local, não só é visto em termos de infraestrutura, mas, especialmente, destacam-se características subjetivas, emotivas – o belo, a autoestima. Em se tratando de atuação em *movimentos de bairro*, onde ainda é maior a presença de mulheres – justamente por que estas estendem os cuidados que têm com o espaço doméstico para os cuidados com o espaço de lazer dos seus filhos, de educação dos mesmos e das outras crianças, em creches – podemos perceber mais nitidamente esta forma de conduzir a *luta* e exercer a liderança.

'As mulheres daqui não tinham emprego, nem nada'. E onde as mulheres conseguiam emprego? De doméstica, era na Pituba. Aí, eu disse: 'como é que eu vou fazer? Eu tenho que lutar para eu conseguir a linha Pituba', uma linha para a Pituba', [bairro de classe média].³²⁰

Neste trecho do depoimento de Cecília observamos esta dimensão do cuidado de forma extrapolada para diferentes relações. Neste caso, vejo uma extensão de solidariedade com as outras mulheres do local.

320 O bairro da Pituba localiza-se na orla oceânica e sua origem está ligada ao surgimento e criação de uma nova classe média oriunda do setor industrial e técnico do Polo e da Petrobras.

De volta às linhas traçadas por Dona Railda ao chegar a Salvador, observo aspectos eloquentes de sua condição de pobreza, os quais aparecem como característicos de uma moral positivada, mas que ao mesmo tempo, são alvos de resistência e subversão. Ou seja, como disse Dona Railda: “*fugi do interior calçada numa sandália Havaiana, ainda com um arame embaixo da sandália*”. Essa imagem pode nos ajudar a entender a representação que ela faz do percurso de renúncia e superação que produz na cidade. Nessa narrativa ela ensaia um conjunto de imagens acerca de uma cidade que, aos seus olhos interioranos, ao mesmo tempo em que lhe assustavam, também lhe inebriavam de fascínio.

“*Antigamente, quando eu vim à rodoviária ainda era na Sete Portas*”. Sua inserção na cidade começava, dessa forma, pelas “Portas” da cidade. Seus primeiros dias dormindo nas dependências da rodoviária são preenchidos com a procura por trabalho, o que conseguiu através de ligações “*no telefone público*”, “*nunca tinha visto aquilo [telefone de ficha]*” e enfatizou: “*Consegui achar um trabalho na casa de uma mulher, fui trabalhar. Consegui ficar lá porque naquele tempo não pedia referência nem nada. Eu era **de menor**, mas fugi com o **registro** na mão*”. Dessa maneira, ainda criança, acessou o “mundo do trabalho” remunerado, como empregada doméstica, numa casa no bairro de São Lázaro.³²¹

No fragmento que destaco, Dona Railda informou sobre a maneira como conseguiu driblar a curiosidade dos patrões acerca da origem e paradeiro de sua família. Afinal ela era *de menor* e apareceu ali sem estar ligada a nenhuma rede de referência conhecida deles.

Dona Railda: *E aí sempre que eles falavam de minha mãe e meu pai. Eu dizia que tava bem. Fim de semana quando eu tinha folga eu passava o dia na rua, andando pra lá e pra cá, por que eu não conhecia nada. Ficava mais ali próximo ao Cemitério do Campo Santo [localizado no bairro da Federação], por que eu morava por ali, a moça que eu trabalhava morava ali perto, na entrada de São Lázaro [bairro entre a Federação e Ondina], onde era uma Escola de Engenharia e que hoje é uma faculdade. (...) E aí eu ficava o dia na rua e ela pensava que eu estava em casa. Eu menti que morava aqui, porque eu tinha uma tia que morava em Plataforma e disse que morava em Plataforma, e ela não sabia, realmente, nem quem eu era.*

321 Este bairro localiza-se vizinho ao bairro da Federação, nas proximidades da à antiga Escola de Engenharia da Bahia, onde funciona atualmente um dos *campi* da Universidade Federal da Bahia, a Escola Politécnica.

Como notei, ao analisar outros relatos, a inserção na cidade de Salvador para muitas das mulheres entrevistadas aconteceu através desse mesmo universo: o trabalho doméstico. Além dela, no quadro geral das trajetórias analisadas, Mãe Ciça consolidou sua presença em *São Salvador* através do serviço em “casa de família”. O trabalho doméstico a levou a romper os limites territoriais do Estado da Bahia até a capital do Estado de São Paulo. A literatura estudada indica para a importância do trabalho doméstico como ponto de chegada e permanência de muitas mulheres que têm suas experiências marcadas pela migração e sucessivos deslocamentos em diferentes cidades brasileiras (KOFES, 2001a; PACHECO, 2008)

Embora eu já tenha sublinhado, na seção anterior, não só mulheres tenham vivenciado trajetórias de chegada e permanência em Salvador, marcadas pelo trabalho doméstico, é entre elas maior a recorrência. Para muitas delas, ao que se averiguou, o espaço do trabalho era também o lugar da morada. Nestes casos, a ruptura com o espaço do trabalho significava a perda desse lugar; e mais, significava a confirmação da necessidade da casa própria e a busca dela; afinal a manutenção do aluguel ou mesmo “*morar de favor*” na casa de parentes e amigos não era algo *fácil de manter*.

Como registrou Dona Railda, “*em toda família sempre tem o mais pobre e tem um que tem uma situação financeira melhor e minha mãe tinha uma tia que morava dentro mesmo da cidade de Catu*”. E foi junto a esta, em “*situação financeira melhor*”, que Dona Albertina recorreu com a esperança de reencontrar a filha fugida, como destacou em seu relato que transcrevo a seguir:

Dona Railda: *A filha dela [da tia de sua mãe] era casada com um advogado, o qual até já morreu, e minha mãe pedindo socorro a um e a outro, que eu tinha fugido, procurou em Catu, as pessoas conhecidas. Aí começaram a me procurar e aí esse advogado – eles ouvia na Rádio Sociedade da Bahia um programa que tinha "O Forró da Pioneira", que era cinco horas da tarde. Aí esse advogado veio aqui pra Salvador e botou uma matéria na rádio falando sobre Sussu – que era o meu 'apelide' –, mas por nome Railda. E aí foi quando ela [sua patroa] estava em casa e ouvia o rádio e aí me perguntou: "Railda, você tem algum 'apelide'?" Eu estava na cozinha, já tinha dois anos lá, aí eu disse assim: Tenho. "Qual é o seu 'apelide'?". Eu: Sussu. Mas eu falei já tava acostumada lá e tudo. Ela veio com um pedacinho de papel – ela era professora e o nome estava anotado –, ela falou: "Sussu mesmo?" Aí eu disse é. "Você é de onde?" Minha família mora em Plataforma, eu continuei sustentando. Aí ela disse: "Você é de Pau Lavrado...". Aí disse nome de minha mãe, nome de meu pai, e tudo. Aí ela falou: "Vá pegar o seu registro [de nascimento] ali que eu quero ver". Aí eu não*

tive como mentir mais. Ela me botou, eu fui lá, peguei o registro e entreguei a ela, foi um dia de quinta-feira, aí quando foi na sexta-feira de tarde ela me botou dentro do carro mais o marido, foi na Rodoviária, comprou uma passagem, fez eu passar o torniquete e pegar o ônibus e ir embora. Ir em casa visitar meus pais. Só que ela mandou eu ir e ela, quando ela mandou eu passar no torniquete, ela foi embora e eu fiquei olhando. Quando ela deu as costas eu voltei de novo. Porque eu tinha medo de apanhar, porque eu apanhava muito.

O *medo de apanhar* a segurou em Salvador. Não queria retornar a Catu por isso, mas não só. Tratava-se, sobretudo, de se distanciar de um universo de trabalho na *roça* que ela havia experimentado desde criança e do qual não sentia saudade. Nos termos de Dona Railda: “*eu comecei a trabalhar com sete anos de idade eu já trabalhava plantando capim nas fazenda* [sic]. *Quando eu coçava, a pele vinha na unha. Sempre eu trabalhei, ajudei meus pais*”.

A rodoviária, mais uma vez, foi o porto seguro aonde se manteve por mais alguns dias. A partir daí reiniciou a procura por um novo trabalho, o que aconteceu. Dona Railda, novamente se inseriu no espaço privado de outra *casa de família*. Nela compartilhava com outros funcionários os serviços da casa:

Dona Railda: *tinha eu, que eu era copeira, tinha lavadeira, tinha cozinheira, lá não tinha criança. Tinha o jardineiro, tinha o motorista. Foi à família Barreto, que foi uma família muito boa como patrão... Foram muito bons pra mim, Dra. Lúcia, Dra. Quinha, e a mãe deles também, Dona Robélia, que era Matos Nascimento, eram pessoas muito boa [ênfase dela] e que eu não gastava dez centavos do meu dinheiro. [sic]. Todo mês Dra. Lúcia pegava o meu salário e botava numa caderneta [de poupança] no nome dela e me dava um papelzinho – por que eu era de menor e não podia botar dinheiro e nem tirar – aí ela botava no nome dela e me dava um papelzinho. Aí quando eu fui embora, resolvi ir em casa, ela foi lá e tirou todo o meu dinheiro e me deu. E fora as coisas que eles me deram para eu levar. Aí eu fui pra casa e pedi perdão para minha mãe, meu pai [grifos meus].*

Ela retornou a Catu tempos depois. Em seus termos: “aí eu fui pra casa e pedi perdão para minha mãe, meu pai. E os vínculos com a família, há mais de cinco anos rompidos, foram reatados. Sobre esse episódio diz que: “*Quando eu voltei, eu já voltei, acho, que uma outra pessoa. Meu pai também já não era mais aquele que maltratava minha mãe*”. As mudanças operadas com os deslocamentos e o tempo haviam “dissolvido” os conflitos que há muito cindiram a relação entre eles. Os laços familiares e a relação de reconhecimento e respeito tinham sido restabelecidos.

Mas a trajetória é também de colocações. O desejo de ter outras possibilidades pulsava em Dona Railda e, apesar de considerar como positiva sua passagem naquela *casa*

de família, queria buscar outras oportunidades no retorno a Salvador. Assim Railda continuou seu percurso e produziu outros enredos na cidade. Foi trabalhar numa loja de roupas no bairro da Barroquinha, nas imediações da Baixa dos Sapateiros. A partir daí pôde ampliar os circuitos pela metrópole ao passo que novos pontos iam sendo cingidos em sua rede de relações; embora a proliferação deles fosse acontecer quando passou a vender cosméticos e outros produtos de catálogos de revista. Ao ofício de vendedora, considera uma importante característica da sua vida, pois delineou contornos nos rumos, no conhecimento e no controle dela sobre a vida social e política da cidade. E, em especial, para a *conquista do terreno* onde construiu sua casa e pôde conhecer e participar dos “*movimentos sociais por moradia*”, sobre o que tratarei a seguir.

4.2.2. *Invadir, ocupar, resistir e consolidar: passos dos movimentos*

Ao se deslocar, Dona Railda passou por diferentes lugares na cidade. Residiu em Plataforma, Uruguai, Paripe e Alto de Coutos – bairros no Subúrbio Ferroviário ou em suas bordas – como nos relata nesse trecho:

Dona Railda: *Olha, por exemplo, em Plataforma eu morei com a minha tia um tempo, né! E depois eu morei com a minha irmã também. A gente alugou um quarto e morou uns dois meses. Ah! No Uruguai morei com um tio também, mas foi pouco tempo. Aí, depois que eu comecei a trabalhar numa loja, aí eu arranjei um namorado e a gente foi morar junto em Paripe. Moramos dois ou três meses, mas como ele não gostava de pagar, (risos) aí os donos da casa botava pra fora e a gente arranjava outro quarto, passava mais dois meses, vencia a fiança, pagava um outro mês. Quando não pagava mais já saía novamente. E assim fui vivendo de aluguel... Até que eu fui pra Lobato [grifos meus].*

Se apoiando na rede de parentes ou, mesmo, criando novas alianças, criou possibilidades de permanecer em Salvador. No sistema de aluguel valia também como arranjo sair de uma casa para outra quando *vencia a fiança* e “*os donos da casa botava pra fora*”.

Como observei, ela passou a fazer parte de um universo familiar que serviu como elo de garantia para o deslocamento de outras pessoas de sua família e conhecidos do *interior* para a capital baiana. Sua família começou a migrar em etapas, inicialmente com a vinda de algumas de suas irmãs para Salvador, em busca de trabalho; depois, de seus pais e

dos irmãos mais novos, que antes viveram durante alguns anos nas imediações do CIA, como indiquei na seção anterior.

Railda chegou ao bairro do Lobato em 1986. Ir morar lá significou a ruptura com a constante circulação a procura por moradias na cidade e a tomada de *consciência* de que o problema de exiguidade de moradia, não era apenas dela; e que ao caminho da *luta* não havia alternativa. “*O Lobato foi uma luta muito árdua, mas que valeu a pena*”, assim começa sua narrativa sobre o lugar onde reside, fruto da conquista da *luta*. Entretanto, antes de chegar ao Lobato, ela buscou um lugar para se instalar definitivamente na *invasão* do Uruguai.³²² Por não existirem mais *terrenos* para invadir neste local, foi orientada por “*uma pessoa que fazia parte da comissão*”, a procurar um lugar numa *invasão* mais recente. Lá lhe indicaram “*um lugar ali que fizeram (...) um barraco, só que levaram todo o material. Se a senhora tiver peito pra invadir*”. Ao que respondeu: “*Eu tenho. Aí fui e arranjei uns pau na casa de meu tio lá no Uruguai; arranjei uns plásticos, infinquei e fiz um barraco. Infinquei quatro pau no chão, botei uma tauba em cima, uma esteira [sic]*”. Em seus termos, ainda: “*a festa durou pouco*”, porque “*à noite o dono do terreno, com o facão cortou o plástico todo, rancou os paus e jogou pra lá. Aí, eu voltei de novo [sic]*”.

As primeiras ocupações coletivas, denominadas *invasões* começaram a surgir em Salvador nas áreas do Miolo de Salvador e na península de Itapagipe, nas imediações do Subúrbio Ferroviário, respectivamente: a *invasão* do Corta-Braço, em 1946, hoje o bairro do Pero Vaz e; e os Alagados, hoje área que compreende vários bairros (Vila Rui Barbosa, Massaranduba, Uruguai, Lobato, Rua Direta, Jardim Cruzeiro etc.), conforme MOURA (1990). Além delas, vale registrar as *invasões* de Calabar, Roça da Sabina, Saboeiro, Saramandaia, Nordeste de Amaralina, Santa Cruz, União Paraíso, Marotinho.³²³

Hoje, algumas destas *invasões* são reconhecidas como bairros consolidados. Para tal, muitas delas, ao longo do tempo, foram adotando outros nomes como estratégia social e política para ganhar, junto ao imaginário da cidade, representações mais positivadas, distantes do senso comum que as associavam a lugares “marginais” – o sentido relacionado a delinquente e criminoso.

322 Em outros relatos aparecem em destaque nesse circuito de “invasões”, além do Uruguai, o “Calabar”, a “Nova Constituinte”, “Novos Alagados”, “Stiep”, dentre outras.

323 Sobre a história das *invasões* em Salvador, dentre outros, ver: MATTEDI (1979); SOUZA-GORDILHO (1990); MOURA (1990, 1997) e LIMA (2009).



Imagem 29. Recorte 6. Erguendo os *barracos* no Saboeiro/ACM

Fonte: Jornal A Tarde, s/data.

Durante a década de 1970, a luta por moradia propiciou o surgimento do movimento social das *invasões*, com grande participação popular, descentralizado e multifacetado, que mais tarde se ampliou e diversificou, abarcando questões relacionadas à família, à infância e à juventude, às relações de gênero, à violência, ao acesso a serviços públicos, à capacitação para o mercado de trabalho e à discriminação racial, sobretudo com a participação de mulheres.

No cenário do *Subúrbio*, nesse período, os *movimentos sociais* por moradia constituíam os antecedentes da história dos chamados *novos movimentos sociais*, que se difundiram amplamente no Brasil durante a década seguinte. Embora esse fenômeno tenha sido razoavelmente bem estudado, a partir de então, as pesquisas tenderam a focalizar o contexto de seu surgimento e disseminação, bem como suas implicações macropolíticas. Ou seja, trata-se de estudos de caso de movimentos de expressão nacional – ou no mínimo regional – com mais recursos financeiros e mais bem estruturados, vinculados, em geral, à Igreja Católica ou aos partidos políticos de esquerda que surgiam nos anos finais da

Ditadura Militar (1964-1985). Pesquisas que abordassem “movimentos” menos estruturados e no contexto da vigência da Ditadura Militar têm sido raras.

No âmbito geral, observo que as reivindicações e a busca por acesso aos bens sociais e culturais emergiram na eminência da sociedade moderna como um fenômeno de extrema relevância na busca por reformulações e mudanças sociais.³²⁴ Conforme analiso em outro trabalho SOUZA (2010), os “movimentos populares” se constituíram de um coletivo socialmente heterogêneo, oriundos de diferentes setores da sociedade, que reivindicavam melhores possibilidades e condições de sobrevivência no espaço urbano e que tiveram grande impulso a partir da década de 1970, com o apoio e articulação das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs).³²⁵

Os alicerces deste processo começaram a ser erguidos a partir de segmentos da Igreja Católica, em meados da década de 1960.³²⁶ Estes experimentaram a ruptura com as práticas litúrgicas tradicionais, afirmando valores de solidariedade e justiça social, através de uma prática de intervenção e trabalho pastoral coletivo. Esta orientação previa o contato com a população fora das fortificações de *cal e pedra* da Igreja. No interior da Igreja, esta demanda por renovação levou a um plano pastoral cuja ideia central era “ir onde o povo está”, constituindo as primeiras CEB's no Brasil.³²⁷

A literatura analisada indica que após duas décadas, em meados dos anos de 1980, ocorreu um processo de conformação de novos espaços de participação social – respaldado no “princípio democrático” – no seio da sociedade civil, constituído, principalmente, pelos avanços e pelas conquistas dos *movimentos populares* e pluriclassistas – mulheres, negros, ecológicos, dos indígenas, dos migrantes, das crianças, dos jovens, dos mais velhos, dentre

324 Estes *movimentos*, observados também em outras partes do mundo, reivindicavam o acesso a bens de consumo coletivo, sejam no campo da educação, da saúde ou da moradia, e a bens imateriais, como identidade, valores ou cultura. No Brasil os *movimentos sociais* vão apresentar momentos diferentes em suas constituições e práticas.

325 *Ibidem*, p. 252.

326 Essas mudanças foram impulsionadas pelo Concílio Vaticano II.

327 As Comunidades Eclesiais foram fundamentais nos *anos de chumbo*, pois em seu espaço ocorriam as reuniões políticas de oposição à Ditadura. Em fins da década de 1970 e início dos anos 1980, elas se configuraram no espaço de gestão e desenvolvimento dos movimentos sociais populares, a exemplo do *Movimento do Clube de Mães e Movimento pela Carestia/Custo de Vida* e sindicais. SOUZA (2010).

outros.³²⁸ A influência de segmentos progressistas da Igreja Católica ainda se mantinha nestes *movimentos*.

Na história mais recente do *Subúrbio* observei a tendência acima descrita, guardadas as suas particularidades. As CEB's estiveram fortemente presentes na constituição de alguns dos *movimentos*, neste território, e influenciaram a formação e as práticas dos *migrantes* que tomaram a *luta* como estratégia para permanecer na cidade, como destaque agora: “*Eu comecei minha vida ativa, aqui, de comunidade... Eu já era católica, né? Sempre, mas, sempre foi atividade de olhar mais através de ver a carência... Eu ingressei na CEB's e a CEB's fala muito da gente olhar para si e para os outros, não é?*”, narra Dona Cecília.

“*Eu participei muito do movimento de educação de base e depois da Juventude Agrária Católica e com esse processo da Ditadura no pré-golpe e no pós-golpe, quer dizer, participei como adolescente. Já estava envolvida nisso lá em Cachoeira*”, relatou Antônia Garcia, ex-moradora de Plataforma, ao iniciar sua narrativa sobre a luta por moradia no *Subúrbio*, nos anos de 1970.³²⁹ Continua Antônia Garcia,

Mas a intenção era muito mais o processo político. E aí fui e fiz estágio em Feira de Santana, depois o pessoal me chamou e eu comecei a participar desde o processo de organização, que era uma coisa muito de viajar, de acompanhar, os grupos formados pela Ação Católica.

Ela enfatizou que sua ligação e formação nestas *bases populares* da Igreja lhe fez percorrer por diferentes lugares do *interior* do Estado e a levou para Salvador e para novas *lutas*.³³⁰

Como sinalizou Milton Moura (1990), “*o aumento de famílias que necessitavam promover a moradia de modo rápido e pouco dispendioso e as restrições à continuidade do antigo sistema de ocupação configuraram o quadro onde se rebenta a instituição da invasão*”. (MOURA, 1990, p. 27). Vale enfatizar que as *invasões* significaram um momento e uma forma de *luta* dos *movimentos por moradia* em Salvador, num momento em que a

328 Outras dimensões do debate acerca desta temática encontram-se em GOHN (1994); CASTRO (2002b, 1992).

329 Uma característica destes primeiros anos da década de 1970 era a necessidade premente de apoio entre as organizações e as pessoas envolvidas.

330 Os caminhos seguidos por Antônia no curso do ativismo social, por exemplo, forjaram as escolhas e o olhar que vai imprimir sua inserção como acadêmica e intelectual.

cidade começava a viver mudanças significativas no processo de crescimento e acumulação de riquezas, mas também de questionamentos das *classes trabalhadoras*. Os pobres começam a reivindicar uma maior participação na riqueza da cidade: acesso a educação, ao trabalho e à moradia. Dessa perspectiva, Moura remete ao aspecto de que as *invasões* em Salvador se constituíam em dois momentos distintos na sua constituição geral. O primeiro, na *invasão*, propriamente dita, do terreno, com a rápida construção de barracos de lonas, madeirite, papelão, madeira. Esses barracos quase sempre eram derrubados e novamente erguidos, havendo por vezes enfrentamento e violência, finalizados em espancamentos e mortes. Para a polícia, eram todos marginais, pois estavam invadindo propriedade privada ou da União. O segundo momento está ligado à busca da garantia de benefícios de infraestrutura e serviços (água, luz, abertura de vias de acesso, escolas, centros médicos, correios, telefones, etc), que propiciassem o mínimo de condições de sobrevivência.

Outro aspecto singular, ao olhar do autor, acerca do fenômeno das *invasões* em Salvador está na sua denominação. Os nomes usados sempre buscaram uma identificação com algum movimento social, personalidades, políticos etc. Cito alguns exemplos: a Nova Constituinte, associada à Constituição de 1988, ou ainda lugares com Bate Coração, (*slogan* de campanha da candidatura do jornalista Mário Kertész à prefeitura de Salvador); Yolanda Pires, personalidade do cenário político baiano, esposa do senador Waldir Pires; as Malvinas associada à guerra das Malvinas, dentre outras tantas.

O termo invadir, ou melhor, ação da *invasão*, segundo sinalizou Moura (*ibidem*), é algo contínuo, pois permanecer na *invasão* é renovar as estratégias de permanência. “A legitimação coincide com a percepção de que invadir, além de oportuno, conveniente e necessário, é justo e desejável. Em suma, **é normal invadir. É a maneira de prover a habitação**”³³¹. Está na base dos *movimentos de invasão* uma afirmação de que os protagonistas se constituem sujeitos de suas histórias.

Antônia Garcia (2009) em sua tese de doutorado compara os bairros de Bangu, no Rio de Janeiro, e Plataforma, em Salvador para desconstruir o “discurso” e o “mito” a eles atribuídos de que são favelas. Para Garcia estes bairros são de origem operária do setor têxtil. Neles, teriam constituído modos de vida locais ligados a esta origem. Ao voltar-se

³³¹ *Ibidem*. Grifos meus.

para os aspectos e a dinâmica de expansão do bairro de Plataforma, a autora indica a importância das *invasões* no processo.

Ainda sobre a importância das *invasões* na conformação de território da capital baiana e as distinções conceituais e de sentido atribuídos a elas no próprio processo da “luta” e consolidação delas, em relação às favelas, Antonia Garcia relatou:

[A] história de Salvador que na verdade é essa autoconstrução gigantesca, quer dizer: a maioria [da população] aqui em Salvador foi um processo popular, tomou pra si, fez e sempre chamou isso de invasão, não é? Os acadêmicos, passaram a imitar a linguagem do Sudeste, né!? Que era favela. Mas o movimento importante que aconteceu em Salvador é que as pessoas, que acompanharam várias invasões na década de setenta, oitenta (...), é que as pessoas chamam de invasão até certo momento, depois é bairro. O próprio bairro da Liberdade que nasceu Corta Braço, uma das primeiras na década de quarenta, chamou de invasão. Invasão, mas ninguém chama a Liberdade de invasão, não é? Nenhum! Quer dizer, só tem invasão da Polêmica, que eu saiba que continua o nome.³³²

No invadir, erguer e derrubar que caracterizou a experiência da luta por moradia em Salvador, Railda se refez. Conseguir *fincar chão* e se manter no *terreno* só foram experiências possíveis por conta dos conhecimentos construídos em seus percursos pela cidade, vendendo produtos em catálogos de revistas. Para ela, isso lhe possibilitou conhecer a cidade e outras pessoas e ter uma compreensão sobre o mundo. A *venda de revista* lhe garantiu trabalhar, ganhar um *dinheirinho* e participar do *movimento*.

Por fim, foi dessa maneira que ela deu mais um passo para adquirir o terreno onde mora; através da vizinha de uma de suas irmãs, “*que morava aqui em cima na Maré*³³³ e *que comprava Avon na minha mão – que eu vendia também Avon e Christian Gray*”. Essa vizinha lhe propôs vender o “terreno”, sob o argumento de que “*lá só tem vagabundo, só tem marginal*”. A ação dela foi cercar de imediato o *terreno*, como diz: “*Só que eu já cerquei o terreno, tá cercado. Se você pagar os paus, o terreno é seu*”. Como não dispunha de recursos financeiros para pagar o *terreno*, a alternativa foi pagar com “desodorante... Rosaly e Sherazad”, da Christian Gray e do Avon, respectivamente.

Porém, os processos de afirmação e pertença social, material e simbólica sob esse lugar só estavam no início. Para erguer o *barraco*, ela “*saía catando pedacinho de madeira,*

332 Entrevista realizada em 06 de novembro de 2010.

333 Refere-se à ocupação de Novos Alagados, erguida sob a maré, em casas de palafitas e com uma trajetória mais consolidada na *luta*, nessa época, como analisei anteriormente.

durante o dia e suspendendo as paredes.” Foi desta forma que “consegui fazer um barraco pequeno. Só que aí um patrão, um rapaz que eu tinha trabalhado na Barroquinha, (...) ele fez uma reforma na loja e ele me deu toda a madeira”. Seu barraco foi derrubado quatro vezes e reconstruído cinco. A estratégia de controle das “invasões” adotada pelo Estado nos anos 1970 e 1980, era a derrubada sistemática dos “barracos”.

Sobre a última investida do Estado, através da Habitação Alagados Melhoramentos S/A – AMESA (atual Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia – CONDER),³³⁴ para desestruturar a *invasão*, apoiados pela polícia, colocaram *“gasolina no pé dos barracos e aí tocou fogo. O barraco queimou todo e a gente perdeu tudo; de madeira, a telhado. As telhas com o fogo subia, rachava tudo, quebrava tudo, voava os pedaços. Foi muito duro.”*

Nos anos 1980, outras estratégias entram em cena. Nos depoimentos isto é evidenciado. Conforme os termos de Railda:

não sei se você já ouviu falar, uma ocupação que tinha, as invasão da Rocinha do Stiep, Cai Duro, Baixa Fria e Baixa do Tubo. Que é ali – onde hoje, não tem o Shopping Salvador, aquela área ali do Shopping Salvador, até lá embaixo, no Costa Azul? Aquilo ali era ocupação. Tudo ali era área de ocupação, que foi tirado, teve uma resistência em [19]87. Porque não conseguiu? Porque uma das maiores lideranças creditada pelo povo, ela se vendeu para o prefeito, que na época foi o Mário Khertz.

A necessidade de criar espaços de diálogo e negociação com Estado, em meio às pressões, era premente. O primeiro passo foi a criação de uma *Comissão de Moradores*. No caso do Lobato, a Comissão de Moradores *“foi formada por Renato Soares, que na época a gente conheceu, que eu conheci foi Renato Soares, era Dante, a finada Marina, José Carlos”*, revela Railda. Mais tarde essa *Comissão*, tornou-se uma *Associação de Moradores*. Essa é uma narrativa que figura em outros relatos sobre as *invasões* no *Subúrbio* e em outras áreas da cidade.

Com a organização de associações de moradores, a formação de líderes comunitários e a articulação com outros *movimentos sociais*, os sindicatos, igreja e intelectuais, aparece a perspectiva de tentar criar um conceito unificador e livre do sentido

334 HAMESA (Habitação e Melhoramento), que depois se tornaria AMESA (Habitação Alagados Melhoramentos S/A); a URBIS (Habitação e Urbanização da Bahia S.A) e CONDER (Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia).

negativo de *invasão* nos momentos de negociações e de legitimação dos interesses. Surge, assim, o termo *ocupação* como reclamo de legitimidade e reconhecimento (pois o termo *invasão* estava associado à criminalidade, a posse indevida de terras particulares). *Invasão* era uma ação criminal e os sujeitos dessa ação, incriminados. Este sentido de criminalidade acompanha, ainda, muitas de tais populações, mesmo depois da consolidação e da melhoria de infraestrutura dos locais assim conquistados.

Conforme Moura (1990), algumas *invasões* começaram como loteamentos clandestinos; em muitos casos, os proprietários requeriam reintegração de posse após a valorização da área. Para o governo do estado, continua Moura, esta expansão era um benefício, por causa da renda adquirida através da companhia de eletricidade.

Renato *pediu apoio* em outras comunidades: “*Ele já conhecia o Movimento em Defesa dos Favelados – MDF. E aí apareceu lá foi Fernando Conceição, Vera Lazaroto, Bitonho, Conrado e dona Nenzinha, do Alto da Terezinha.*” O MDF formava na Bahia uma “federação”, com sede no Pelourinho, no Centro Histórico de Salvador, onde aconteciam reuniões entre os diferentes “movimentos”; trocavam experiências; e planejavam ações conjuntas.

Era um movimento que ele tinha mais de sessenta 'associação' filiadas por essa área urbana todinha. Por exemplo: Pela Porco; Polêmica; Calabar – que é uma ocupação dentro do centro da cidade, ali na Centenário e que hoje é consolidada, mas o pessoal, pra permanecer ali, sofreu muito. Polêmica, também, ali do lado do, depois do Iguatemi, também sofreu. O Pela Porco, ali do lado de Brotas, também.

A rede de *associações* engendradas pelo MDF possibilitava a ligação e o compartilhamento, não só institucional; mas, sobretudo, entre os lugares e moradores. Em seus deslocamentos na *luta*, essas pessoas acompanhavam e construíam, acima de tudo, as mudanças no cenário da cidade, produzindo-lhe novos sentidos e representações. Railda recorda as eleições de 1988 para o Executivo, quando Waldir Pires foi eleito governador do Estado da Bahia, marco de um período de tranquilidade: “*um período que a gente que estava dentro das ocupações teve mais descanso, que foi diferente*”. As repressões da polícia cessaram; as *invasões* receberam atenção direta do governo; algumas áreas foram beneficiadas com projetos de infraestrutura e programas de construção habitacional e acesso a serviços.

As *invasões* produziram uma dinâmica, uma sequência, por assim dizer, em seus percursos: invadir, ocupar, resistir e consolidar. Etapas essas não ocorriam de maneira mecânica e linear. Em algumas das grandes áreas que serviram como palco de *luta*,³³⁵ esses momentos podiam ocorrer simultaneamente em diferentes lugares da mesma *invasão*. No horizonte das *invasões* despontava um projeto: a conquista definitiva da moradia, mediante a posse da terra e o acesso a benefícios de infraestrutura e serviços básicos para a *comunidade*.

O discurso feito pelas *lideranças* mais antigas, que já orquestravam a *luta* em suas comunidades e se faziam ouvir em outros cantos da cidade, afirmava, conforme Railda: “*Não dá pra vocês ter uma investida e continuar com medo, tem que partir mesmo pra luta*”. Uma estratégia adotada pelos *movimentos* em diferentes lugares, como o ocorrido no Lobato. Segundo lembra Railda, eles enganavam a fiscalização, fazendo novas *invasões* e construindo *barracos* à noite, durante a ausência dos fiscais. “*E quando era de noite, quando ele saia [o fiscal] da área, depois de seis horas. Escureceu e pronto. 'Vumbora' mãos à obra. Aí era, facção descia! De noite a gente construía três, quatro barracos. Quando os caras chegavam de manhã: 'Não, não pode construir de dia'. Mas de noite a gente pode*”.

Entretanto, a *luta* não findava com a consolidação da *comunidade*, o passo seguinte era rumo à construção e melhoria das habitações – para muitos um processo contínuo – e acesso a benefícios de infraestrutura e, por fim, a posse legal das terras.³³⁶ Dito de outra forma, a conquista do que estava no plano mais visível da *luta*. Mas nas entrelinhas, o projeto era também a construção de outros sentidos e significados acerca dos seus lugares, que não fossem alimentados apenas por aspectos pejorativos e estigmatizantes, que encapsulavam esses lugares e os associavam recorrentemente a um *script* de violência, delinquência e “marginalidade”.

Os últimos anos da participação de Railda nos *movimentos por moradia* foram marcados por intermitências. Ficar afastada dos *movimentos* foi algo que não conseguia. “*O*

335 Outras reflexões sobre a noção de *luta* estão em Loera (2009).

336 Boa parte das áreas ainda “desocupadas” da cidade pertence a alguns poucos proprietários, à Igreja Católica e ao Estado; elas configuram áreas de grande concentração de terras e especulação imobiliária e estão no centro dos conflitos por regularização e legalização fundiária na cidade. Grande parte do Subúrbio Ferroviário e do bairro do Pirajá pertencem à família “Catarino”, para os quais inúmeras famílias pagam, há anos, como herança familiar o “foro”. Ver sobre o assunto da legalidade territorial em Salvador: GORDILHO-SOUZA (2000).

movimento é minha vida”. Atualmente participa do *movimento de cultura popular*, que se organiza numa federação. Quanto ao “*movimento por moradia*”, se desvinculou dele em 2004, definitivamente, com o fim da atuação do MDF na Bahia. Para ela, o MDF e a *luta* das *invasões* deixaram um legado de conhecimentos e conquistas ao Movimento dos Sem-Teto da Bahia – MSTB. Em outros depoimentos isso também é enfatizado. O MSTB aparece como uma continuação do MDF e, de forma geral, dos movimentos de moradia; tanto em termos de projeto, quanto de estratégias de *luta*: invadir, ocupar e resistir; e, dependendo do lugar “invadido”, validam a prerrogativa: consolidar. Este legado, como é reconhecido e afirmado na narrativa de Dona Railda é apreendido e repetido por Mira, como dito antes, hoje uma das “lideranças” do MSTB em Salvador, especialmente no *Subúrbio*.

No capítulo seguinte deslindo a trajetória de vida de Seu Hélio, destacando a importância da rede familiar para viabilizar um projeto migratório que se fez na permanente e contínua circulação entre a *cidade da Bahia* e o *interio*. Neste percurso alinhavo a história de vida dele, de Dona Alice e diferentes membros da família extensa deles, apontando para as diferentes estratégias e modos forjados por eles para se inserirem e se manterem em Salvador.

CAPÍTULO V.

DESLOCAMENTOS QUE SE ATUALIZAM NA MUTUALIDADE DAS RELAÇÕES DE PARENTESCO

5. 1. Entre a Barra do Paraguaçu e Salvador

Da localidade da Barra do Paraguaçu, município de Salinas da Margarida, Seu Hélio chegou a Salvador em 1957. A *Barra* é uma pequena comunidade de pescadores localizada às margens da foz do Rio Paraguaçu, na Baía de Todos os Santos. Em 1881, a instalação de uma salina mudou o cotidiano das pequenas povoações que constituíam esta região. O comércio se instalou nas proximidades dos barracões e tanques de sal, formando o núcleo inicial da cidade de Salinas da Margarida (FIGUEIREDO *et al.*, 2000). Conforme o IBGE, em 1962 *Salinas* deixou de ser um distrito da Ilha de Itaparica para tornar-se município.³³⁷

Nesse período, ocorreu um crescimento da migração em direção a Salvador, principalmente. A procura de *melhores condições de vida* – emprego, moradia, educação, saúde – consolida o fluxo migratório em direção à capital, reafirmando, ao mesmo tempo, seu processo de urbanização, ampliando consideravelmente a oferta de serviços, como observei mais detidamente em outros momentos deste trabalho. A Barra do Paraguaçu foi fortemente afetada com a intensa mobilidade realizada, majoritariamente, por mulheres, jovens e crianças. Este aspecto corresponde ao perfil observado em outras regiões, como nos informam os dados sobre o perfil dos migrantes em Salvador no período estudado.

Anteriormente, sem entrar num diálogo mais detido sobre o tema, sinalizei que a experiência migratória na infância perpassava a vida de muitos moradores do *Subúrbio*. Entre os entrevistados desta pesquisa isto se demonstrou em diferentes trajetórias. Para entender alguns aspectos que caracterizam este tipo de processo, faz-se necessário recuperar algumas discussões produzidas pela literatura etnográfica.

337 Segundo dados do censo de 2010, a população atual do município de Salinas das Margaridas é de 13.456 habitantes. Dados disponíveis em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acessado em 20 de março de 2013.

O intenso fluxo de crianças que migraram para Salvador no período analisado caracteriza o que, nos estudos etnográficos, se convencionou chamar de “circulação de crianças”.³³⁸ Conforme recordou Emília de Godoi (2009), esta designação diz respeito a “todas as práticas por meio das quais se dá a transferência de responsabilidade sobre uma criança de um adulto para outro e que implica a mobilidade infantil”.³³⁹ Outro aspecto evidenciado pela autora, ao se deter sob os estudos que tomaram como foco o fenômeno da “adoção”, diz respeito ao fato que estes estudos demonstraram que poucas sociedades caracterizam a adoção como um processo que significa uma radical separação da criança transferida para outro seio familiar da sua de origem e, sobretudo, não significa a substituição de sua identidade – o que, segundo Godoi, fazem as muitas sociedades ocidentais modernas. Ao se debruçar sobre a “circulação de crianças” a partir de diferentes situações camponesas contemporâneas, no caso do sertão do Piauí, a autora identificou que isto não se dá desta forma. Entre eles encontrou diferentes modos de “transferência de crianças”. A autora os delimitou da seguinte maneira: i. “adoção plena” e ii. “passagem temporária”, entre as quais atravessam uma série de “compromissos engenhosos”. Desta forma, “a circulação amputa ou incha a rede de parentesco, modifica radicalmente ou amplia o número de pessoas que dispõem de autoridade, direitos e deveres com relação às crianças” (GODOI, 2009, p. 289).

A esta perspectiva, Godoi imprimiu a dimensão da reciprocidade constituída a partir de uma ética entre os membros destas redes. Nas linhas das vidas que conformam esta etnografia, deslindei fluxos constituídos a partir da “transferência de crianças”. Por ora, basta dizer que, no universo empírico trabalhado, as experiências vividas por muitas destas crianças e suas famílias de origem, na “passagem temporária”, especialmente, incidiram diferentes matizes e particularidades. E mais, entre meus entrevistados e interlocutores a experiência do deslocamento, saído do seio da família de origem para se alocar junto a outra família, ainda na infância, consolidaram, entre muitos, vínculos e relações que ultrapassaram os tempos da infância e adentraram ao mundo adulto e da velhice, marcadas por ambiguidades entre o afeto, a gratidão, a negação e os conflitos. Em outras situações, a ruptura do vínculo e da relação se deu ainda na infância, porém, através das lembranças

338 Sobre o tema, ver também FONSECA (2006,1995); MOTTA-MAUES (2004).

339 *Ibidem.* p, 290.

evocadas observa-se como este processo foi fundamental na subjetivação e nas escolhas dos (as) entrevistados(as).

Para efeito, entre as experiências de “transferência de crianças” observadas, muitas destas, alimentaram a demanda das famílias soteropolitanas médias por trabalho doméstico, no período analisado, e me arriscaria a dizer que até hoje dá conta da demanda por mão de obra doméstica, não só em Salvador, mas também em outros grandes centros urbanos brasileiros. No caso das mulheres, muitas das trajetórias analisadas indicam deslocamentos definitivos ou temporários para a cidade com destino ao trabalho doméstico. Os homens da *Barra*, assim como as mulheres e crianças, também migravam para a capital, mesmo que em menor número. Iam os que tinham algum tipo de ofício (além do mar e da pesca), os que deveriam servir ao Estado na Marinha ou Exército (na juventude), ou ainda garotos para serem *criados*, da mesma forma que as meninas, por parentes, padrinhos e madrinhas. Quando isso não era possível, famílias inteiras se mudavam para Salvador, deixando para trás casas que eram ocupadas apenas nas férias ou nos feriados prolongados, como se dá até o presente.³⁴⁰ A partir de agora retomo o caso de Seu Hélio e de muitos dos seus familiares e parentes, os quais tiveram a experiência da migração na infância e por me oferecer oportunidade de tratar de outros aspectos peculiares a esta rede de pessoas.

Seu Hélio aportou em Salvador em um dos muitos navios que coloriram as rotas flúvio-marítimas que, a exemplo do Cachoeira-Salvador, interligavam essa região, desde o final do século XIX, através da Baía. A região onde se localiza o município de Salinas da Margarida se insere na zona litorânea do *Recôncavo*, onde historicamente se consolidaram atividades voltadas à pesca, mariscagem e navegação, como disse antes. Trata-se de

340 Conforme as narrativas empreendidas por moradores da Barra do Paraguaçu, a história desta comunidade foi cingida por muitos conflitos. Em finais dos anos 1960, por exemplo, o então proprietário da fazenda Barra do Paraguaçu, Geraldo Tosta, promoveu o cercamento das propriedades, avançando sobre as roças de subsistência dos moradores antigos e restringindo a movimentação por áreas consideradas de uso comum. O conflito se intensificou e a população reagiu através da destruição das mudas de coqueiro da fazenda e da derrubada de cercas. O proprietário reagiu acessando suas redes políticas em Salvador e impondo a violência institucional, através de uma acusação de subversão seguida do encarceramento de um funcionário público que trabalhava em Salvador, pertencente a uma das famílias de moradores, como veremos mais adiante. O conflito só acabou com o falecimento dele, em meados dos anos 1980, e a aquisição das terras por Benedito Dourado da Luz. Estas terras haviam pertencido, anteriormente, a César Dantas da Luz, pai de Benedito. Reaver as terras do pai para ele era um projeto, ao qual perseguiu durante muito tempo, como pude inferir. Após a morte de seu pai, a fazenda foi vendida por sua segunda esposa, Cenira Luz, ao Geraldo Tosta. A propriedade continua com a família Luz até o presente. Porém, o poder deles em restringir o uso das terras, a construção de casas e a circulação de pessoas “de fora” se perdeu mediante a ausência de Benedito na Fazenda, por motivos de saúde. (FIGUEIREDO *et al.*, 2000).

pequenos povoados de pescadores que se formaram com casas de sopapo e telhado de palha, que se espalhavam a pequenas distâncias entre a foz do Rio Paraguaçu e a entrada do Canal de Itaparica. Os navios atracavam nas pontes de madeira para abastecer o comércio local com víveres vindos de Maragogipe, e para embarcar o pescado e o marisco que seria comercializado na capital. Por ela também circulavam passageiros: veranistas oriundos de Salvador, Cachoeira e Maragogipe, principalmente, em busca do lazer ou da cura proporcionada pelos banhos de mar e de rio, nas localidades da Barra do Paraguaçu ou Bom Jesus dos Pobres.³⁴¹ No período de consolidação da exploração do petróleo e da (re)conformação do sistema industrial de média e larga escala era por elas que os saveiros costuravam os diferentes territórios que constituíam o *Recôncavo* mais imediato à baía e sua capital.³⁴²

Seu Hélio nasceu em março de 1948. Além dele, seus pais Aurelino Sant'Ana e Dormelinda Lima Sant'Ana tiveram mais cinco filhos: Evandro, João, Angélica, Antônio Carlos e Maria de Lourdes. Antes do casamento com Dormelinda, seu pai já havia se casado antes com Rosedete Brito Sant'Ana, de quem enviuvou. “*Tenho quatro irmãos que são da primeira mulher de meu pai*”: João, Joel, Jurandir e Jacira.³⁴³ Todos foram criados por sua mãe. Entre os diferentes sujeitos envolvidos na pesquisa, a noção de *criação* assume um lugar central nas relações e representações que vão operar a constituição da

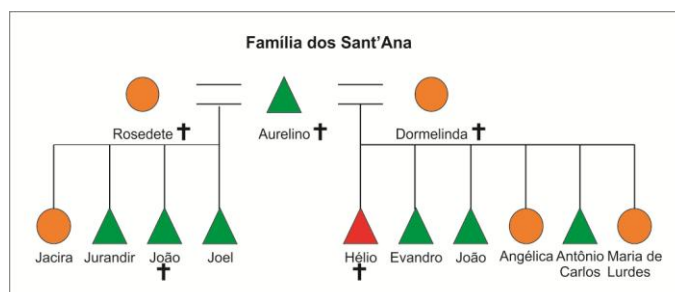
341 A instalação da salina, neste período, aumentou as oportunidades de emprego e renda na região; porém, a pesca e a mariscagem continuaram sendo atividades fundamentais para a reprodução da população local. No período do dia, os homens trabalhavam nos tanques, fazendo a extração do sal, ou nas oficinas, onde praticavam e ensinavam aos aprendizes os ofícios de ferreiro e marceneiro, dentre outros. Durante a noite continuavam lançando suas redes ao mar em busca do peixe ainda abundante. Quanto às mulheres, além da mariscagem, elas adentravam a mata para extrair lenha para fazer fogo e cuidavam das crianças e dos afazeres domésticos. A pequena agricultura de subsistência complementava a alimentação familiar, principalmente nos povoados, e o cuidado das casas de veranistas ajudava na renda de algumas dessas famílias.

342 Os saveiros foram diminuindo, o navio foi substituído por lancha, já não ia mais a Cachoeira nem tão pouco a Maragogipe e Salvador. Os saveiros não faziam mais parte do cenário e do cotidiano; passaram a circular apenas no verão e, agora, não navegam mais no mar. A produção de marisco e pescado, voltada para o mercado da capital, sofreu com a falência do transporte marítimo, comprometendo significativamente a base econômica da população.

343 O nome de João foi adotado porque os irmãos nasceram no mesmo período de comemoração ao São João. O João Brito, filho do primeiro casamento de Seu Aurelino com Dona Rosedete, nasceu no dia 25 de junho; e o João Sant'Ana, João Careca ou João da Venda, codinomes usados para identificá-lo, filho do segundo casamento de Seu Aurelino, nasceu no dia 24 de junho.

pessoa e as relações sociais, pautadas na reciprocidade e solidariedade que podem se prolongar por toda a vida, como falei acima.³⁴⁴

Diagrama 03



Entre os irmãos do primeiro casamento de seu pai, Joel e João residem no Rio de Janeiro e São Paulo, respectivamente; Jurandir e Jacira, em Salvador, nos bairros da Vila Laura e do IAPI, respectivamente.³⁴⁵ Dos seus irmãos do casamento de seus pais, Maria de Lourdes e João residem na Barra do Paraguaçu. Destes diferentes pontos, eles mantêm os vínculos e reatualizam as relações familiares na distância, através de passeios (principalmente dos que estão em outros estados e se deslocam em período de festejos e férias – períodos em que os laços familiares são atualizados e ampliados) à Barra e Salvador. Agora, através da *internet* e de suas *redes sociais*, as gerações mais novas passaram a estabelecer e consolidar vínculos com os parentes mais distantes. Isto tem, segundo meus interlocutores, possibilitado a manutenção e atualização destes laços familiares, pois as informações circulam de forma mais rápida. Durante a pesquisa, com efeito, através de e-mails e do *Facebook*, Luís Henrique pôde repassar questões e confirmar informações da pesquisa, sobre a ida do seu tio João, do Rio de Janeiro, junto aos primos e diretamente com o tio. Da mesma forma, pude junto a ele e sua família, assim como de outras pessoas, garantir interlocução e atualizar dados.

Na entrevista, Seu Hélio narrou que o que lhe levou à Salvador foi o desejo de sua mãe de fazê-lo continuar os estudos. Subjacente a este discurso aparece a necessidade de que os filhos mais velhos pudessem dispor de recursos econômicos para ajudar a família.

344 Outros aspectos sobre a noção de criação e a forma como é operada no seio familiar encontram-se em AZEVEDO (2012); PINA-CABRAL & SILVA (2013).

345 Estes bairros localizam-se na Região Administrativa – RA IV – Liberdade. Ver Mapa 4.

Na *Barra*, naquela época, não havia possibilidades de continuidade dos estudos. Outras pessoas haviam migrado, anteriormente, à capital baiana, também, mobilizadas pela mesma motivação e pela busca de trabalho. “*Vim pra Salvador em março de mil novecentos e cinquenta e sete. Vim estudar.*” Trazido por sua mãe – Dormelinda –, enfatizou ele. “*Eu tinha nove anos. Ia fazer nove anos (...). Eu morei no Santo Antônio, além do Carmo.*”

A respeito do desejo de continuar a formação educacional, Seu Hélio transitou por diferentes tempos. Tempos que indicavam projetos e sentimentos, como é possível inferir desse trecho de nossa conversa.

Cristiane: Quando o senhor saiu da Barra para Salvador qual era o seu desejo?

Seu Hélio: *Trabalhar.*

Cristiane: Mas com nove anos, o que o senhor desejava? O que o senhor pensava? O senhor já vinha aqui [Salvador]?

Seu Hélio: *Com nove anos? Com nove anos eu nunca me conformei em vim pra Salvador. (...) Eu chorava. Eu chorava muito. Quando meus pais foram embora e eu nunca me afastei deles, viu? Aí quando eles me largaram aqui, aí levei quase dois anos chorando.*

Cristiane: É mesmo, Seu Hélio?

Seu Hélio: *Era porque eu tinha me afastado deles. Aí, quando eles me largaram aqui, me acabava [de chorar]. Mais foi bom. Foi bom que eu estudei, né? [fala chorando!]*

Cristiane: Quer parar um pouquinho?

Seu Hélio: *Não.* [pausa prolongada e respira fundo]. Eles [os pais] queriam o bem.

Cristiane: O senhor não queria ficar longe deles? E seus padrinhos te maltratavam, Seu Hélio?

Seu Hélio: *Não, não... Maltratava, não. Inclusive até eu estudei; só que eu estudei em colégio público [sic]. E os outros, colégio pago, eles [os padrinhos] que pagava. Ajudava mas... Fazia uma limpeza na casa. Eh, comprar coisa que faltava. Eu ia na feira, esses negócio. (...) Naquela época era na feira de Água de Meninos. [grifos meus].*

Este depoimento indica a sensação de abandono e tristeza que Seu Hélio sentiu ao ser transferido para morar e ficar sob os cuidados de outra família. E por isso “*chorava muito*”! Para dar ainda mais relevo ao sentimento que experimentou na época, ele figura sua fala e enfatiza ao afirmar que levou “*quase dois anos chorando*”. Este misto de abandono e tristeza permeia outros relatos da experiência de mobilidade na infância. Viver a distância em relação aos pais, à *casa*, à família e à *Barra*, trouxe a Seu Hélio a percepção de sua diferença social e cultural no convívio na cidade. Percepção que começou a emergir

diante do tratamento distintivo nos cuidados, no estabelecimento das obrigações e no oferecimento do afeto entre ele, os filhos e outros afilhados da *casa*.³⁴⁶

Ao contar sobre os tempos de infância em Salvador, Seu Hélio registrou seus primeiros percursos na cidade. Percursos que aconteceram na confluência dos movimentos, entre uma moradia e outra, realizados por seus padrinhos: Azelma e Edival [Edival era filho de Azelma]. Para efeito, logo após a sua chegada, eles se mudaram para o bairro do Garcia, onde permaneceram por dois anos, e depois retornaram para o bairro do Santo Antônio. A *casa* do Santo Antônio é descrita com encantamento: “*Era enorme! A casa era de uma rua a outra* (...). *Casa antiga*” [grifos meus].

O Santo Antônio é um dos bairros mais antigos de Salvador, como indiquei anteriormente. Ele abrigou as elites escravistas baianas e muitos africanos e crioulos escravos e libertos, no século XIX, e manteve-se como espaço residencial preferido das elites soteropolitanas durante as primeiras décadas do século XX, quando os fluxos desta população começaram a seguir para outras áreas *nobres* da cidade, deixando para trás as famílias que vivenciavam o empobrecimento e a decadência. Por estas ruas e as adjacências que o garoto da *Barra* circulou cotidianamente para *fazer as coisas*, entre estas “*casa[s] antiga[s]*”, enfileiradas e de memórias *próprias*, rascunhando as primeiras impressões, saberes e linhas de autonomia na cidade. As casas do Santo Antônio (além do Carmo) eram bem diferentes daquelas às quais estava acostumado a ver na *Barra*. Isto aguçava a imaginação de criança dele e lhe fez produzir sonhos, como veremos mais adiante.

No trecho a seguir, ele narra lugares e sentidos que revelam imagens de um cenário da cidade dos últimos anos da década de cinquenta e início dos anos sessenta, por fim.

Seu Hélio: Bem, naquela época, né? Tinha trem, a cidade era... **Salvador era muito atrasada, ainda.** (...) **Tinha as marinete.** Chamava de marinete, naquela época. [som do trem passando]. *Aí, eu levei uns... Eu levei uns três anos morando no Santo Antônio. Depois fui morar lá no [bairro] Garcia. Ali, perto do [Colégio] Antônio Vieira. Estudava lá no colégio por nome São Francisco de Assis. (...) No Garcia.*

Cristiane: E quando estava no Santo Antônio, o senhor estudou onde?

Seu Hélio: Fica ali, de junto da Igreja do Boqueirão.

Cristiane: Perdão! Qual é essa Igreja do Boqueirão? Onde é ela?

346 Trata-se de filiação através de batismo efetivo ou prometido (afilhados e consideração), estabelecendo vínculos de parentesco entre diferentes grupos familiares. No caso, os padrinhos de Seu Hélio estavam ligados a diferentes famílias por laços de compadrio.

Seu Hélio: *Fica lá no [bairro] Santo Antônio. (...) fica ali, perto do Plano [bairro] Pilar. (...) Aí na minha volta pro [bairro] Santo Antônio de novo, aí estudei no Colégio Olímpio Cruz. [grifos meus]*

Através desta narrativa, ele apresentou os lugares por onde passou e viveu. Lugares com sentidos que vão além de suas edificações e suas funções no cenário amplo da cidade. O Santo Antônio, o Garcia, o Plano do Pilar, o Boqueirão aparecem configurando "lugares de memória" de uma cidade que aos olhos de hoje era uma cidade *atrasada*, em que o transporte era realizado por *marinete*.

Através destas ruas circulava-se pelo antigo núcleo da capital baiana, viabilizando a [inter]conexão entre as antigas “freguesias urbanas” e os pontos mais distantes deste núcleo. As lembranças da infância de Seu Hélio nos guiam por uma cidade vista e sentida através da referência às escolas, nas quais estudou ou desejou estudar. Desta forma, desenhou uma “cartografia social” deste “circuito”.³⁴⁷

Duas madrinhas e um padrinho. Foi nesta estrutura de compadrio que ele se inseriu em Salvador, de início. Ter duas madrinhas, Seu Hélio entende como uma prática *daquele tempo* de *antigamente*, algo do passado, que não é mais tão comum. Azelma e Vanda eram as suas madrinhas de batismo e *crisma*, respectivamente.³⁴⁸ Nas linhas tênues percorridas pela memória entre o passado e o presente, algumas práticas religiosas parecem perder sentido na atualidade, ao menos no olhar dele. A ponderação feita por Seu Hélio sinaliza para a suposta perda de uma prática e de sua importância, no caso, o ritual de *crisma*,³⁴⁹ mesmo entre os católicos mais devotos – como é o caso de membros de sua família estendida. Em uma de nossas conversas, Dona Alice me mostrou no álbum de fotos da família uma fotografia do dia do ritual da crisma dos filhos.

347 MAGNANI (2003[1998]).

348 Azelma era mãe de Edival e Vanda.

349 De acordo a doutrina da Igreja Católica, a Crisma ou a Confirmação é um sacramento em que o fiel recebe, através da ação do bispo, uma unção com o crisma (óleo). Trata-se de um rito em que o padre impõe as mãos sobre os confirmados, invocando o Espírito Santo, e os unge com óleo. Em outros termos, consiste na confirmação do batismo pelo Espírito Santo, na qual o fiel crismando é enviado ao mundo para testemunhar o Evangelho de Jesus Cristo em atos e palavras. Ver: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Crisma>>. Acessado em 19 de março de 2013.



Imagem 30. Ritual de Crisma: Aline e Luís Henrique

Fonte: Álbum de Família dos Silva Sant'Ana. Reproduzido durante o trabalho de campo, agosto de 2009.

Os rituais de batismo e crisma são considerados como importantes por eles, principalmente por Dona Alice. Trata-se de uma prática que os filhos se preocupam em conservar, ao que tudo indica. Ao que se explica, por exemplo, o fato de Luís ser o padrinho

das duas sobrinhas, apadrinhamento que ele compartilha com sua madrinha, Dona Lita, e com Eliana, a esposa. Entre os membros desta família, a manutenção do compadrio entre os membros da família extensa, parece se justificar por uma moral que entende este nexos como pertencente a uma esfera de grande importância e, por isso, de compromisso e responsabilidade.

Nos tempos iniciais em Salvador, Seu Hélio compartilhou a moradia, por dois anos, com suas duas madrinhas (Azelma e Vanda), com Dorival (pai de Edival e Vanda) e com Adelmo – outro filho do casal. Além dos filhos, Azelma e Dorival “*criaram também uma menina, lá*” (afilhada deles), Maria José,³⁵⁰ chegada do *interior* para estudar, assim como ele. E continuou a contar: “*Meu padrinho me batizou, na época, tinha onze anos, o Edival, né?*” (...). *Quando eu nasci!*”. Porém, no momento em que foi morar com eles, Edival já “*tinha dezenove anos*”. Perguntei-lhe por que Edival foi escolhido para ser seu padrinho? Ao que respondeu:

Seu Hélio: *porque minha mãe trabalhou lá, na casa deles.*

Cristiane: Hum!! Me fale mais disso. Sua mãe já havia residido em Salvador?

Seu Hélio: *Era. Levou uma época trabalhando lá na casa deles. (...) Era, era jovem. Porque, naquela época, cinquenta e sete, ela tinha nascido em mil novecentos e treze.*

Trata-se de uma relação de compadrio constituída a partir dos laços de gratidão nutridos nos tempos de trabalho de Dormelinda no seio daquela família. Sentindo-se traído pela memória, Seu Hélio não lembrou com precisão o período que sua mãe passou *trabalhando lá*. A partir do cruzamento de diferentes momentos de seus relatos e de outros *filhos da Barra*, pude inferir que sua mãe viveu na capital baiana entre os anos 1930 e 1940. O retorno definitivo à Barra do Paraguaçu aconteceu quando do casamento com

350 Maria José, “*ela era de um lugar por nome Umburana[s]*”. Este município localiza-se no atual “Território de Identidade” 16 – Piemonte da Diamantina, no Estado da Bahia. Maria José, da mesma forma que Seu Hélio, foi morar em Salvador com Azelma e Dorival, com os quais também sua família mantinha relações de parentesco ritual – compadrio -, para estudar. Seu Hélio lembrou com tristeza e certo ressentimento o fato de que Maria José pôde realizar o projeto do estudo e ele não. Em suas palavras: “*Essa menina era... Eu era melhor que essa menina ni estudo [sic]. E essa menina ainda fez faculdade. E ela estudava num colégio melhor do que eu. Ali nos Sacramentinas [localizado no bairro do Garcia]. (...) Aí ela se formou (...). Ela continuou..., se formou. Certa vez, eu encontrei ela. Ela trabalhava na Calçada [bairro], na farmácia, farmacêutica ela (...) Mas ganhava besteira. Mas, certa vez, eu disse o salário [o dele] a ela aí ela ficou... Não sei como é que você ganha assim e eu me formei e tó ganhando besteira.*” Este fragmento indica, para além do ressentimento que o tempo não diluiu e sim [re]elaborou, em termos do presente, o que significa, para ele, ser bem sucedido no mundo do trabalho: não ganhar *besteira*; ou seja, o valor da remuneração.

Aurelino. Ele, apesar de não ter morado em Salvador, deslocava-se até à capital baiana para *vender peixe*. E *vinha e voltava, no mesmo dia*, com certa frequência. A proximidade e a relação de [inter]dependência entre Salvador e outras cidades do *Recôncavo* e alhures para suprir as necessidades de produtos alimentícios e outros bens, característico em séculos anteriores continuou (e continua ainda) a existir. Este trânsito contínuo possibilitou a constituição de redes e relações e “vicinalidade”³⁵¹ e de sociabilidade extremamente importantes para [re]produção social e cultural entre diferentes pontos da Baía.³⁵²

Na casa do Garcia, Seu Hélio dedicou-se bastante aos estudos – para ele “*muito melhor do que os de hoje em dia*” – e “*fazia uma limpeza na casa... Ajudava comprar coisa que faltava. Eu ia na feira, esses negócio. (...). Naquela época era na Feira de Água de Meninos*”.³⁵³ Um ponto de chegada e partida de pessoas e coisas que vinham de diferentes cantos do Estado da Bahia. Por entre as barracas de frutas, verduras, secos e molhados, cerâmicas, ervas e folhas sagradas não só se comerciava, mas se construíam e consolidavam laços de socialidade e relações de sociabilidade duradouras que ultrapassavam o terreno e o cotidiano diário da feira. *Água de Meninos* trata-se de uma das feiras populares mais importantes na constituição da vida social e cultural de Salvador, já mencionada. Ela ocupa um lugar central na narrativa e na prática, até o presente, de inúmeros sujeitos, bem como no imaginário e nas representações acerca da própria cidade.

Nos fios que tecem a canção “Águas de Meninos” deslindamos múltiplas dimensões, sentidos e significados relacionados a ela:³⁵⁴

Na minha terra, **a Bahia**
Entre **o mar** e a poesia
Tem **um porto, Salvador**
As ladeiras da cidade
Descem das nuvens pro mar
E num tempo que passou - ô ô ô
Toda a cidade descia

351 Compreendida como vínculos familiares, compadrio e amizade que se mantem e se atualizam para além do território. Para uma análise mais apurada sobre a noção de *vicinalidade*, ver: PINA-CABRAL (2013).

352 Estas trocas sociais e comerciais já existiam desde os tempos mais remotos da colonização como demonstrei em outro capítulo deste trabalho. A literatura que trata deste tema nas Ciências Sociais e, especialmente, na História é bastante vasta. As leituras dos trabalhos de Kátia Mattoso apresentam outros aspectos fundamentais para esta discussão. Dentre outros, ver: MATTOSO (1992; 1978).

353 A feira de Água de Meninos foi deslocada territorialmente e nominalmente para “São Joaquim”.

354 “Água de Meninos” é uma composição de Gilberto Gil e José Carlos Capinam; décima primeira faixa do álbum “Louvação” de 1967.

Vinha pra feira comprar

Água de Meninos, quero morar
Quero rede e tangerina
Quero o peixe desse mar
Quero o vento dessa praia
Quero azul, quero ficar
Com a moça que chegou
Vestida de rendas, ô
Vinda de Taperoá

Por cima da feira, as nuvens
Atrás da feira, a cidade
Na frente da feira o mar
Atrás do mar, a marinha
Atrás da marinha, o moinho
Atrás do moinho o governo
Que quis a feira acabar

Dentro da feira, o povo
Dentro do povo, a moça
Dentro da moça, a noiva
Vestida de rendas, ô
Abre a roda pra sambar

Moinho da Bahia queimou
Queimou, deixa queimar
Abre a roda pra sambar

A feira nem bem sabia
Se ía pro mar ou subia
E nem o povo queria
Escolher outro lugar
Enquanto a feira não via
A hora de se mudar
Tocaram fogo na feira
Ai, me diga, mi'a sinhá
Pra onde correu o povo
Pra onde correu a moça
Vinda de Taperoá?...

Água de Meninos chorou
Caranguejo correu pra lama
Saveiro ficou na costa
A moringa rebentou
Dos olhos do barraqueiro
Muita água derramou
Água de Meninos acabou
Quem ficou foi a saudade
Da noiva dentro da moça
Vinda de Taperoá
Vestida de rendas, ô
Abre a roda pra sambar

Moinho da Bahia queimou

Queimou, deixa queimar
Abre a roda pra sambar
Pra sambar... pra sambar...
[grifos meus]

Em “Água de Meninos”, Gilberto Gil e Carlos Capinam nos conduzem a um trajeto na cidade, desde Taperoá.³⁵⁵ Um “porto, Salvador”. Da feira desenha-se a cidade: “atrás da feira, a cidade, na frente da feira o mar, atrás do mar, a marinha, atrás da marinha, o moinho, atrás do moinho o governo”. Lá, “dentro da feira, o povo/ dentro do povo, a moça/ dentro da moça, a noiva/ vestida de rendas, ô”. É a descrição do *interior* dentro da cidade e dela dentro das pessoas que chegam vindas dos seus interiores. Nestes versos a denúncia do sinistro que atingiu o “Moinho da Bahia”, cercando e levando consigo a Feira. E “Água de Meninos chorou/ caranguejo correu pra lama/ saveiro ficou na costa/ a moringa rebentou/ dos olhos do barraqueiro/ muita água derramou”.

Longe de “Água de Meninos”, Seu Hélio se dedicava aos estudos. Concluiu o quarto ano do ensino fundamental e fez *admissão* no Colégio Estadual Duque de Caxias, localizado no bairro da Liberdade. Na época, início de 1960, poucos colégios da “São Salvador” realizavam o teste de seleção dos jovens que poderiam continuar os estudos no *ginásio* nas escolas públicas, consideradas instituições de excelência, na época.³⁵⁶ Nestes *ginásios* os filhos das classes médias, intelectuais e políticas costumavam cursar o ensino médio. Depois, muitos migravam para a capital do Rio de Janeiro e São Paulo. De maneira emocionada, Seu Hélio me contou que não pôde seguir para o quinto ano, assim: “*Eu era muito bom no primário. Muito bom, mesmo! Aí fiz uma admissão e perdi*”.

Uma grave pneumonia mobilizou sua mãe até *cidade da Bahia* para levá-lo de volta à Barra do Paraguaçu: “*Eu voltei pra Barra com uns quinze anos, mais ou menos*”. Após curar-se da doença, começou a trabalhar com a família na pesca. Durante este período de volta a sua terra natal, ele começou a namorar Dona Alice. “*Com dezoito anos eu voltei pra Salvador pra trabalhar*”, em 1967, com o projeto de trabalhar e casar com ela. O

355 É um município do Estado da Bahia localizado no Território de Identidade 6 – Baixo Sul. Além deste município fazem parte deste território os municípios de Aratuípe, Cairu, Camamu, Gandu, Igrapiúna, Ituberá, Jaguaripe, Nilo Peçanha, Piraí do Norte, Presidente Tancredo Neves, Taperoá, Teolândia, Valença, Wenceslau Guimarães.

356 Além do Colégio Duque de Caxias, o material analisado indicou o Colégio Estadual João Florenço Gomes – localizado no bairro da Ribeira – e o Colégio Estadual da Bahia (Central) – no bairro da Piedade –, entre aqueles que aplicavam o teste de “admissão”.

conhecimento acumulado sobre diferentes lugares da cidade e as relações familiares e de amizade que fiou, nos tempos iniciais, lhe possibilitou se [re]inserir nela.

5.2. Amor e casamento entre parentes

Mesmo não dispendo de renda fixa, Seu Hélio e Dona Alice deram continuidade aos planos do casamento, nascido no romance de juventude.³⁵⁷ O sonho de casar na Igreja do Santo Antônio em Salvador, nutrido por Seu Hélio, enfim se realizou. As lembranças de suas circulações pela cidade lhe traziam à memória a imponência e a beleza daquela igreja. Casar-se nela era também consolidar um tipo de *assento* na cidade. Era, de certa maneira, ritualizar sua mudança em definitivo para ela.

O namoro entre eles acontecia neste trânsito entre o *interior* e a cidade. Os encontros ocorriam no cenário da *Barra*, quando das visitas dele; bem como em Salvador durante as visitas de Dona Alice a Salvador. Já em meados dos anos 1960, ela costumava fazer suas travessias com frequência pela Baía para visitar suas irmãs, especialmente, Dona Maria Joselita.³⁵⁸ Além delas, Dona Alice costumava visitar outros parentes. As travessias até Salvador passaram a ter outra finalidade, se fazendo testemunhas do namoro os imponentes casarões da velha *cidade da Bahia*.

Dona Alice teve seis irmãos que nasceram do casamento de Amazilha e Alfredo.³⁵⁹ Destes, além dela e de Dona Lita, apenas duas mulheres *vingaram*: Maria da Conceição (Marizinha) e Maria Gorete (Gorete). Juntas são as quatro *Marias*. Mulheres marcadas por suas escolhas conjugais.

357 Como chamei atenção em outras linhas deste trabalho, na literatura antropológica sobre família e parentesco, a despeito das transformações sociais contemporâneas, casamento compreendido nos termos de prática social, é uma das principais formas de organização do parentesco.

358 Dona Maria Joselita é conhecida entre os familiares e parentes por Lita. Doravante farei referência a ela desta maneira. Voltarei a sua história mais à frente, quando sua trajetória aparece cruzada na narrativa de Seu Hélio e Dona Alice, assumindo um lugar importante na rede de articulação e inserção deles na cidade e de outros parentes, amigos e conhecidos da Barra do Paraguaçu e de outras localidades da região. A “transferência” para Salvador ainda criança para viver com os padrinhos marcou a trajetória dela, bem como a de outras pessoas da *Barra*. Trato disso mais adiante, pois é muito relevador acerca destes fluxos e refluxos ocorridos entre a Barra do Paraguaçu e Salvador, desde o início do século XX, quando consigo recuar no tempo a partir dos diferentes relatos trabalhados. Ademais, a literatura histórica aponta para este processo desde os primeiros momentos da constituição da *cidade da Bahia*.

359 Dona Amazilia faleceu em 30 de julho de 1993 na Barra do Paraguaçu sob os cuidados de Dona Marizinha.

Diagrama 04

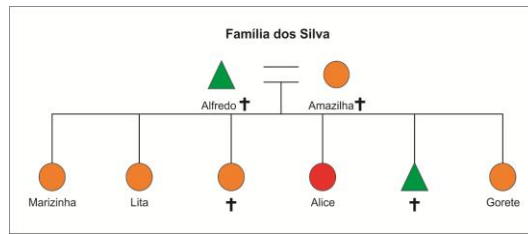


Imagem 31. As Marias: o casamento de Dona Alice e Seu Hélio Da direita para a esquerda: Gorete, Alice, Lita e Marizinha.

Fonte: Trabalho de Campo, 2011. Álbum de Família.



Dona Maria Alice, bem como, muitas das mulheres da *Barra*, trabalhava na mariscagem e na ajuda das mães nas atividades domésticas e da roça.³⁶⁰ Lá começou os

³⁶⁰ Estas atividades permanecem sendo realizadas principalmente por mulheres. A Barra do Paraguaçu é uma comunidade pesqueira. Os homens se lançam ao mar e colocam pesqueiros em busca do que o mar tem a lhes

estudos com uma professora recém chegada de Salvador. Nas memórias de Dona Alice, “a professora” lhes trazia as letras e as novidades da cidade. Do outro lado, em Salvador, sonhava em “melhorar de vida” ao lado de Seu Hélio e continuar seus estudos.

Os passos seguidos até Salvador indicam um caminho já realizado pelas irmãs mais velhas:

Dona Alice: *Eu vim pra Salvador, fiquei por aqui. As outras também moravam aqui em Salvador e essa [Dona Marizinha] depois resolveu ficar por lá pela Barra, aí ficou na casa com ela [Dona Amazilia].³⁶¹ Depois arranhou um casamento [Dona Marizinha], ficou por lá. Teve um filho, aí o marido preguiçoso, ela que **batalhava** pra da comida ao filho e [a] essa mãe [delas].*

A mais velha entre as *quatro Marias*, Dona Marizinha durante os anos de 1960 circulava periodicamente à Salvador para visitar os familiares e o namorado. Ficava em Salvador, por *tempos*, porém não conseguia se adaptar à vida da cidade, à dinâmica do trabalho e do cotidiano – definido por “muita correria”. Preferia “*a vida tranquila da Barra*”, como enfatizou. Todavia, continuou a visitar as irmãs, a fazer compras e a utilizar os serviços de saúde na cidade, mesmo após o fim do namoro. Porém, a regularidade das visitas à capital diminuiu quando *arranhou um casamento* com um pescador da “Barra”. Deste casamento, nasceu seu único filho – Fernando.³⁶²

Para as *Marias*, suas irmãs – que tiveram um único relacionamento amoroso, com o qual casaram, separaram e ou enviuvaram durante este percurso da vida –, com Dona Marizinha aconteceu diferente. Ela buscou, por diversas vezes, reconstruir sua vida amorosa. Atualmente, vive só na antiga casa dos pais, onde todas passaram boa parte da infância e juventude. Sua experiência na *Barra* foi e, ainda é do trabalho à beira-mar, mariscando e, também prestando serviços domésticos e de cozinheira em *casa de veranistas* e da família dos proprietários *da fazenda*. Cuidou de Dona Amazilia até seu falecimento com a ajuda das irmãs que estavam em Salvador. Como ressaltou Dona Alice,

oferecer; as mulheres, por sua vez, mariscam na beira da praia, nos arrecifes e nos corais que ainda resistem aos constantes ataques sofridos pelos avanços da indústria petrolífera. Além das atividades da pesca e mariscagem, o turismo de estação tem se apresentado como uma alternativa econômica para alguns moradores. Este crescimento se apresentou de maneira mais contundente na última década, possibilitado, ao que parece, pela diminuição do poder e da ingerência de Benedito Luz sobre o cotidiano e a vida dos moradores da “Barra”.

361 Após a cegueira, Dona Amazilia, deixou de trabalhar e deixou de transitar por Salvador a trabalho. As incursões à capital ocorriam para a busca de auxílio médico, basicamente.

362 Atualmente, Fernando reside com a esposa e o filho de um ano, João Gabriel, na localidade vizinha de Cairu de Salinas.

“elas [ela própria, Dona Gorete e Dona Lita] ajudava, assim, em roupas. Não deixou faltar nada – roupa de cama, toalha de banho, essas coisa. Eh! produtos de limpeza pra ela [Dona Amazilia], perfume. Nada deixava faltar, né? Sabonete, essas coisas [sic]”.

Dona Gorete, antes do casamento, já residia em Salvador com Dona Lita. A irmã havia lhe buscado para morar com ela para que pudesse continuar a estudar. O marido dela era uma “pessoa de fora”, chamado Urbano Boaventura.³⁶³ Eles se conheceram num baile que aconteceu no Clube Social da Enseada, em 1960.³⁶⁴ O projeto de estudar e mais o desejo de estar mais perto de Seu Urbano a trouxe definitivamente para Salvador. Dona Gorete enviuvou muito jovem, aos vinte e sete anos, e nunca mais construiu outro relacionamento, como sublinhei anteriormente. Desde então, dedicou-se aos cuidados das duas filhas: Rosana e Jeovana, as quais residem com ela e mais os dois netos. O casamento para muitas mulheres, consciente ou inconscientemente se constituiu como estratégia para residir e manter-se em Salvador e construir uma trajetória fora do *interior*.

Muitas senhoras, com as quais conversei, representavam um grupo expressivo de mulheres que haviam vivido e ou passado períodos longos residindo em Salvador, que, logo após o processo do envelhecimento retornaram para “casa”.

Em 1973, aconteceu o casamento de Dona Alice e Seu Hélio. O sonho dela de morar em Salvador se realizou.³⁶⁵ Dedicada ao casamento e aos filhos – o projeto de continuar os estudos logo ficou para trás. Só em 2008, concluiu os estudos médios através da modalidade “Educação de Jovens e Adultos” (EJA). Isso significou para ela a realização de um sonho, em seus termos: “*um sonho que eu não queria morrer sem realizar...*”.

Observei que o cotidiano de Dona Alice é preenchido, boa parte do tempo, com os afazeres domésticos e com o apoio que dá à filha nos cuidados das netas. Além do mais,

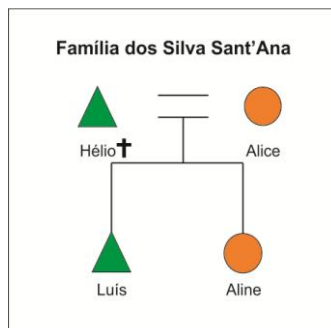
363 Urbano era natural de Salvador e morador do bairro da Liberdade. O bairro da Liberdade está localizado na parte do “Miolo” de Salvador. É uma região de ocupação antiga, de população majoritariamente negra, afirmado e considerado um território negro. Nele surgiu, em 1974, o bloco carnavalesco afro Ilê Aiyê. As ações educativas e culturais do bloco se iniciaram através da Escola Mãe Hilda, criada entre os anos de 1988 e 1989, e, posteriormente, da Escola de Música e Percussão Banda Erê, criada em 1995, e da Escola Profissionalizante, fundada em 1997. Informações retiradas do site: ILÊ AIYÊ. **Projeto de Extensão Pedagógica**. Disponível em: <<http://www.ileaiye.org.br/historia.htm>>. Acessado em 16 de março de 2011.

364 A Enseada localiza-se no município de Maragojipe.

365 Em “Salinas” até este período não existia o ensino médio e o ginásio acabava de ser inaugurado. Então, a continuidade aos estudos só poderia ser feito em outros municípios da região.

divide seu tempo entre idas ao médico para tratar do reumatismo que lhe aflige.³⁶⁶ Por fim, dedica-se também à igreja São Braz, onde tem uma história de participação ativa na “comunidade”, trabalha na arrumação e manutenção da paróquia e na congregando das missas. Em curso manteve o projeto de melhorar de vida, através da aquisição da “casa própria”, ao lado de Seu Hélio.

Diagrama 5



As famílias de Dona Alice e de Seu Hélio configuram a mesma linha de parentesco, como me informaram eles e outros membros da extensa rede familiar.³⁶⁷ É importante dizer que para eles *parente mesmo* são aqueles que têm vínculos de consanguinidade, apesar de indicarem entre os parentes aqueles que o são por *consideração*. Este esquema entendimento e organização familiar é muito comum na Bahia.³⁶⁸ De acordo com João de Pina-Cabral e Vanda Silva, a “consideração”

é o que dá significado às relações entre pessoas; é o que lhes atribui relevância... Essencialmente o que está sendo comunicado quando as pessoas registram a consideração dos outros para com elas [...] é que a relação que existe entre elas

366 Dona Maria Alice estava há mais de seis meses tentando garantir o atendimento para cuidar do reumatismo, já crônico. Ela fazia acompanhamento periódico para controle do uso e efeito dos medicamentos. Através desse acompanhamento ela garantia a renovação do acesso gratuito do medicamento no sistema público de saúde.

367 As informações produzidas em 2001 e depois confirmadas no campo apontavam que a “Barra” é uma comunidade formada por seis famílias que se entrecruzaram e formaram uma grande parentela estendida, ocupando aquele território há mais de dois séculos, a despeito dos conflitos com os diferentes “proprietários” das terras, onde se configurou este território.

368 Sobre o parentesco por *consideração*, dentre outros, ver: PINA-CABRAL & SILVA (2013); MARCELIN(1996).

foi atualizada, foi validada, 'existe mesmo', não ficou só em potência. A pessoa que tem consideração, dá sinal de que a outra é parte constituinte da sua edificação afetiva e identitária. [...] é um investimento emotivo que valida as relações: as relações entre pessoas são lançadas por fatores de natureza material [...], mas elas só adquirem sentido na medida em que forem atualizadas no afeto. Essa atualização é a consideração. (PINA-CABRAL & SILVA, 2013, p. 25-26)

Para que tal atualização aconteça, os laços afetivos que são aí estabelecidos precisam ser “assumidos”, alimentados e operacionalizados mutuamente. A “consideração” estabelece, entre os entes envolvidos nesta relação, codependência; ela pressupõe, o que os autores identificaram, no contexto analisado, como *atenção*. As pessoas envolvidas numa relação afetiva por “consideração” precisam estar atentas uma a outra constantemente.

Entre as pessoas da geração dos nascidos em Salvador com os quais falei para efeito, a *consideração* é definida como *respeito* e *confiança*. Por exemplo, quando conversei com Luís e sua mãe sobre quem eram os parentes, a discussão permeou o plano da consanguinidade, mas também da consideração e mesmo pelo atravessamento delas, gerando, ou melhor, sinalizando conflitos. Para Luís, ser parente é mais que laço de sangue e, que este se afirma na *consideração*. Ao passo que ela se rompe, o parente deixa de ser parente, ou, em seus termos, passam a ser *ex-parentes*, como explica:

Luís: *fica só o laço de sangue, o laço de sangue existe, mas a questão da consideração, de você considerar o outro, de você respeitar o outro, isso não existe mais. E eu acho que não têm mais como existir, por que ela [uma das primas da linha materna] quebrou uma confiança que existia, entendeu? Eu acho que essa questão da confiança, da cumplicidade..., eu acho que ser irmão, ser tio, ser tia, exige muito disso, de você ter confiança, cumplicidade, consideração, sabe?*

Cristiane: *É assim, ou é um desejo, um ideal do que deveria ser a família? A família consanguínea? A gente não acha que a consanguinidade deveria garantir um viver a família marcado pela consideração, pelo respeito, pela confiança que não foi garantido?*

Luís: *Não é que não possam existir brigas, divergências, sabe? Que você não possa discordar das coisas, isso vai existir, a humanidade está cheia de exemplos aí, de que divergências, brigas, disputas, discordâncias, tudo isso existe, sabe? Isso existe, mas o que não pode no meu entender, o que não pode existir entre um parente e outro é a sacanagem...*

Cristiane: *O erro é a sacanagem?*

Luís: *É, é você trair o outro, a confiança do outro, isso aí, hoje eu estou muito mais rigoroso com relação a isso, sabe? Eu acho que quando você é parente, você tem que confiar no outro, têm que ter consideração pelo outro, têm que ter respeito pelo outro, e quando você age com falsidade, com sacanagem com o outro, aí eu acho que não têm mais, aí só têm*

mesmo o laço consanguíneo, mas o laço de família, isso eu acho que não existe mais.

Neste caso, a “sacanagem” rompeu, talvez momentaneamente, o laço de consideração que atravessava a relação entre primos. Pois, além de primos consanguíneos, eles se consideravam como irmãos, laço ainda mais forte no rol do parentesco, conforme observamos entre algumas das pessoas com quem convivi. Como descreve Luís:

*o que eu sofri com minha prima, né? Ela poderia ter feito com qualquer pessoa, de fora da família, mas na família ela não deveria ter feito, até porque nós fomos criados juntos, a relação era uma **relação de irmandade**, nos considerávamos, pelo menos eu, considerava, eu tinha ela como uma irmã minha. [grifos meus].*

Como aparece no depoimento acima, eles foram criados juntos e daí nasceu o vínculo de consideração, para além do sangue, de irmandade. O parentesco, como bem apontou MARCELIN (2006), é constituído na experiência cotidiana de ser parente, na forma como são tecidas na construção e no uso sociocultural dos modos de habitar de se posicionar no mundo.

Vejo, portanto, que a consideração constituída no âmbito da criação, no compartilhamento da *casa*, da rua, do bairro e da *Barra* – todas estas dimensões a própria casa, a família –, foi rompida. Apesar de permanecerem por muito tempo sem se falarem, hoje eles retomaram o convívio nos ambientes dos acontecimentos familiares. Entretanto, a consideração, a confiança da irmandade construída se rompeu. Para efeito, Dona Maria Alice afirmou o plano inexorável da consanguinidade. Ao mesmo tempo, Luís sinalizou para a existência de uma fronteira que não pode ser ultrapassada nem mesmo por um *parente*.

Dona Maria Alice: *fulana é minha tia, ela pode até ter alguma atitude diferente da que você pensa [ser a correta], mas ela nunca vai deixar de ser parente...*

Luís: *Na consanguinidade não, mas hoje eu estou mais severo com relação a esta questão de parente, né? Eu acho que têm determinadas coisas que passam, que existem mesmo dentro de uma família. As pessoas são diferentes, há muitos problemas... Isso é natural no ser humano: o erro, o acerto, é natural! Mas existem determinados tipos de erros, que, estes, são inaceitáveis para mim.*

Este diálogo entre Dona Maria Alice e Luís Henrique marca uma divergência não só na forma de definir o que é parente e quem são os parentes, mas também registra as diferentes perspectivas geracionais.

Os laços de sangue são tomados diversas vezes por eles para definir o parentesco, mesmo que seja como um arranjo de minimização do mesmo. É nessa perspectiva que Luís considerou que sua família define os parentes:

*Minha família, ela utiliza..., minha mãe, minha irmã, meu pai e vários outros familiares meus, eles utilizam como referencial de parentesco a consanguinidade e hoje eu acho que a consanguinidade ela é muito pouco para dizer que você é parente...*³⁶⁹

Em uma das idas à casa deles eu presenciei um debate entre Luís, sua mãe e sua irmã sobre adoção. Elas o criticavam por ele pensar em, no futuro, ter um filho através da adoção. Para elas, esta criança não será mesmo da família e, por isto, poderá apresentar problemas herdados de seus *verdadeiros* parentes, *os de sangue*.

Ainda sobre os parentes, Dona Amazilia e Seu Alfredo eram também parentes, *primos carnais*.³⁷⁰ Transitavam por Salvador há muito tempo. Lá tinham parentes que residiam na cidade: tias, tios, primos e primas. Estes haviam migrado para a *cidade da Bahia* nos últimos anos do século XIX e primeiros do século XX. Dona Amazilia “*passava uns tempinhos aqui na casa de uma madrinha, mas não acostumava. Vinha passear e voltava*”.

A maior parte da vida Seu Alfredo passou em Salvador, desde inícios dos anos de 1940, quando começou a trabalhar por lá.

Ele trabalhava no Estado. Ele trabalhava naquela parte da educação. Ele era contratado, que ele era carpinteiro e trabalhava no Isaías Alves [Colégio ICEIA – Instituto Central de Educação Isaías Alves], com conserto de carteiras, essas coisas. Trabalhava lá. Trabalhou por muitos anos. Tanto que a mulher [refere-se a sua mãe, Dona Amazilia] não teve direito a nada.

Ao que consta, Dona Amazilia não pôde se beneficiar dos direitos de viúva. Afinal, ele não havia falecido, mas apenas desaparecido (trato disso mais adiante).

De fato a base de apoio de Seu Alfredo sempre foi a família. De início, as tias e as irmãs que já residiam em Salvador. Elas haviam ido para trabalhar em *casa de família*. Casaram e foram viver em suas próprias casas. Quando não estava na casa das irmãs, ele hospedava-se na casa do primo dele e de Dona Amazilia, José Sant’Ana – o padrinho de

369 É importante dizer que o capital cultural de Luís, adquirido na trajetória acadêmica, e o acesso a essa reflexão forja seu olhar e suas concepções sobre este debate.

370 Termo local para definir parentes consanguíneos.

Dona Lita. José Sant’Ana mudou-se para Salvador, da mesma forma, no início dos anos 1940, para servir ao Exército brasileiro. Dona Lita, entre nove e dez anos, foi levada pelos pais para residir e ficar sob os cuidados dele e sua esposa em Salvador. Seu Alfredo passou a fazer pouso na casa de Dona Lita após o casamento dela com Lídio Barbosa.³⁷¹

Ao deslindar os fios que constituem estes entrelaçamentos, aparece o drama do desaparecimento de Seu Alfredo. Uma história (re)contada entre diferentes gerações da família tanto pelos que tiveram relação e contato direto com ele quanto por aqueles que nem o conheceram. O desaparecimento dele constitui um grande vazio, uma indefinição, um não resolvido na família. Uma enorme e intransponível lacuna entre eles. Por outro lado, o desaparecimento de Seu Alfredo apareceu preenchendo diferentes relatos através dos quais emergem memórias que fazem surgir outras narrativas e representações sobre seus percursos entre o *interior* e a cidade.

Seu Alfredo desapareceu há 39 anos. “*Foi muito duro pra gente, e ainda é até hoje*”, enfatizou Dona Alice.³⁷² E continua,

Dona Alice: *Ah, meu pai eu não sei... Ele não morreu. Ele desapareceu (...)* Aliás, eu sei quanto tempo ele tem de desaparecido, foi **na época do meu casamento...** Eu me casei em dezembro e ele desapareceu **em abril**, numa chuvarada que teve, num tempo muito chuvoso que teve. E ele foi trabalhar e de lá não votou. E aí a gente só descobriu três dias depois, porque ele viajava pro interior, pra Barra os de lá pensava que ele tava aqui [Salvador] e os daqui pensava que ele tava lá. [grifos meus]

Ele estava acostumado a ficar na casa de Dona Lita, apesar de Dona Alice e Dona Gorete já serem casadas e residirem em Salvador, na época. O desaparecimento dele é associado a grande decepção que sofreu no dia em que – ao chegar a Salvador, vindo da “Barra”, para iniciar mais uma semana de trabalho –, foi preso. “*Pegaram meu pai e jogaram meu pai no camburão e levaram. Sob a acusação de subversivo. Ele ficou só, nem*

371 Lídio Barbosa também era de outra cidade, do “interior”, da localidade de Santiago do Iguapé, no município de Cachoeira. Lídio migrou jovem, com a família, para Salvador nos anos 1950, radicando moradia na “Cidade Baixa”, no bairro do Bonfim. Lá conheceu Dona Lita, namoraram e casaram-se. Eles estão separados há muitos anos. Atualmente, segundo Dona Lita, ele “*Mora aqui [Salvador], mora no interior, mora perto de Santo Amaro, que ele tem sítio, tem loja lá em Santo Amaro*”. Retomo outros aspectos da experiência deles adiante.

372 Seu Alfredo desapareceu em 19 de abril de 1973 em Salvador ao sair do trabalho com destino a Barra do Paraguaçu. Durante muitos anos os familiares procuraram por ele. As versões para explicar o que teria acontecido são variadas. Há a versão que afirma que ele foi morto pela ditadura; outra, de que caiu no mar em uma de suas crises de amnésia e, por fim, outra que acredita que em uma das crises de amnésia ele ficou perdido pelo mundo.

24 horas. Só 24 horas”, narrou Dona Lita. Esta acusação, ao que tudo indica, foi a forma de represália utilizada pelo fazendeiro por causa da invasão que havia ocorrido nas terras da fazenda da Barra, na época (Nota de rodapé. 340). Para tirá-lo da prisão, Dona Marizinha e Seu Lídio buscaram apoio junto a “*um compadre meu [Dona Lita] já falecido, Frederico Castelo Branco*”.³⁷³

A *vergonha* da prisão dá o sentido às *crises de amnésia* que passaram a fazer parte da vida do pai dela:

Mas aí ele disse assim – um dia, na cadeira, conversando comigo: “minha filha, se eu fosse uma pessoa de condições, eu não pisava mais o pé na Barra.” As pessoas de antigamente, conservador e tudo, que não é de certas coisas. A vergonha de não fazer nada... Vergonha. Uma pessoa sempre correta, nunca brigou, nunca... Aí passou um tempo ele começou a... Ele trabalhando, ele disse que tomou [uma queda]... Deu uma tontura, qualquer coisa assim, no trabalho, e eu não sei se bateu a cabeça... Não sei. [grifos meus]

Após as *crises* a família buscou auxílio médico. Logo depois ele desapareceu, conforme descreve abaixo Dona Lita:

Dona Lita: *Eu morava ali em Nazaré e ele trabalhava no ICEIA e não queria pegar transporte e ia a pé. Aí ele [médico] disse assim: “a senhora vá atrás dele pra ver se ele não vai certo”. E eu cansei de ir mesmo, me escondia atrás dos carros, mas ele ia certo. Mas lá tinha uma hora que fazia isso. Aí nesse dia ele disse: “então, tá certo, eu não vou não.” Aí foi trabalhar sexta-feira. E era sexta-feira, sempre quando ele largava o trabalho, que ele ia viajar. Aí esperei ele chegar na sexta-feira, não veio. Então, ele viajou no sábado...*

Cristiane: Foi na travessia de Salvador para Barra que ele desapareceu?

Dona Lita: Não sei se foi na travessia, não. (...) Agora, só que lá, no ICEI, ficou tudo dele. Documento e tudo!

Cristiane: Ele foi trabalhar, nesse dia?

Dona Lita: *Disseram que deu uma saidinha, não sei o quê, disse que ia viajar, sei lá o quê, e quando eles foram ver estava lá... “Vou sair, vou viajar.” Viram a farda pendurada e o documento lá, tudo. Quando foi segunda-feira, a gente foi direto lá pra o **cais da Baiana** esperar ele. Entendeu? Eu e minha irmã [Dona Marizinha], nós fomos buscar ele pra ele não ir pra outro lugar, quando chegou lá, esperei, esperei, saltar até a última pessoa e ele não saltou. Perguntava por ele e: “não vi ele aí, não...”. Aí por último tinha um primo da gente, Crispim, eu disse assim: “ôh Crispim, já saltou até a última pessoa e tão dizendo que meu pai não saltou aí e ele tinha médico marcado pra hoje”. Aí ele disse assim: “Menina, ele não tava lá, não. Vim aqui. Ele não viajou, não.” Aí eu endoidei [sic]. Aí já veio eu, minha irmã e meu primo. Aí fomos direto para o trabalho. Pegamos o ônibus e fomos pra lá. “Não, ele não tá aqui não. Ele saiu daqui dizendo que ia pra Barra.” **Aí começou a vida da gente.** Aí foi, se espalhou, um pra ir pra casa de uma irmã, outro pra casa da outra, as casas de conhecidos, tias, das outras tias. Aí foi o dia todo nisso. (...) Aí a gente começou a ir no hospital, pronto-socorro nessa época não tinha, coisa de polícia []. Aí pronto, fomos direto para*

373 A prisão de Seu Alfredo corresponde ao acirramento dos conflitos por terra na “Barra” durante os tempos em que a Fazenda pertencia a César Tosta, como indiquei anteriormente.

a POLINTER [Polícia Interestadual]. No final do dia demos queixa. Aí eles passaram, eles passam tudo para as outras, as fotos e tudo, saiu um noticiário no jornal e tudo. [grifos meus].

“E aí eu comecei a minha luta”, Dona Lita estabelece um marco para o que passou a ser um sentido pra a vida dela. Junto ao marido, ela continuou a procurar, por um longo tempo, em diferentes “lugares aí do interior”. Por fim, “dias depois apareceu um corpo boiando, mas em estado de decomposição”, os sobrinhos e irmãos dele foram fazer o reconhecimento do *corpo* no *Nina* [Instituto Médico Legal Nina Rodrigues]. As opiniões foram contrárias. Para Dona Alice, a despeito de não ter ido ao *Nina*, o *corpo* não poderia ser do pai dela, pois “o *corpo* que encontraram era **negro**. E ele não era negro, ele era mais claro do que eu. **Era pardo**, apesar de que afogamento e tudo, não era”.³⁷⁴ Não obstante ter se auto-identificado como negra em situações em que o tema apareceu de forma mais direta, Dona Alice em momentos de seus relatos se coloca como parda.

5.3. O percurso pelo “mundo do trabalho”

O primeiro emprego de Seu Hélio foi como vigilante no “Hotel Oxumaré”, localizado na Ladeira do São Bento. Adquiriu este emprego por intermédio do primo paterno, Moisés. Morador de Salvador há alguns anos, Moisés trabalhava neste hotel e o indicou ao *gerente*. Em suas palavras: “*ele [Moisés] pediu ao gerente de lá, que veraneava lá na Barra, com o nome Roberto. Veraneava lá e ele falou com ele [Roberto], e eu tinha falado pra Moisés pra me arranjar emprego (...). Eu não tinha nem carteira profissional ainda. Depois que eu fui tirar a carteira profissional*” [grifos meus].

Não dispor de *carteira profissional* não significou um impedimento, *a priori*, para que ele fosse contratado de imediato. Naquele momento, aos dezoito anos, Seu Hélio possuía um desejo claro de mudar para Salvador e *mudar de vida*. Dessa vez, não mais *levado* por sua mãe. Ele queria trabalhar e construir possibilidades para se fixar em Salvador. Empregado como porteiro no *Oxumaré* permaneceu durante quatro anos. Com o salário de porteiro pagava, basicamente, as despesas do aluguel do pequeno quarto de

374 Segui as pistas indicadas nos relatos três Marias para tentar localizar o jornal com a notícia do afogamento de Seu Alfredo. Porém, nos jornais que tive acesso nenhum deles apresentam indícios suficientes para dizer que entre os afogamentos registrados que ali estava o dele.

pensão em que residia e a alimentação. O cenário de Salvador, no final dos 1960 e início dos 1970, nos termos dele, era “*bem moderna, né!?*”. A cidade *moderna* a que se refere é da implantação das grandes obras de urbanização: construção das primeiras *avenidas de vale*, de pavimentação e infraestrutura, de habitação e grandes realocações populacionais. Neste momento, segundo pude confrontar por meio dos dados demográficos da época, a cidade continuou a receber mais imigrantes (deslocados do *interior*) – pobres e negros, em sua maioria. Movidos por diferentes motivos, os imigrantes chegavam mobilizados por processos: i. de expulsões compulsórias de áreas de grande concentração de terras; ii. pelo desejo de uma “vida melhor”; iii. pelo projeto de estudar e trabalhar; iv. e pelo sonho de liberdade.³⁷⁵

Com a falência do hotel veio à demissão. Através das redes de relações de seu irmão, Jurandir, que já residia em Salvador, Seu Hélio pôde se empregar no *Edifício Garagem*, no bairro do Comércio. Neste emprego permaneceu por dois anos, quando se viu desempregado outra vez. Nestes períodos sem vínculo de trabalho, o *biscate* era a alternativa para gerar rendimento e pagar as contas com as despesas básicas. Na época, residia no *Centro* de Salvador, nas proximidades do Quartel dos Aflitos, na Ladeira da Palma, num quarto de pensão e ainda não era casado. Na ausência de um *biscate*, Seu Hélio “*ia pra Barra, pescava... Vendia por lá, mesmo*”. Diferente dos membros mais velhos da família, que buscavam o mercado de Salvador para vender os pescados, Seu Hélio preferia fazer seu comércio “*por lá, mesmo*”?

Sobre as experiências pelo *mundo do trabalho*, ressaltou o período em que trabalhou em uma das lojas dos cunhados [Lídio e Lita], localizada na Barroquinha. Por quatro anos ele trabalhou como vendedor. A crise nos negócios os obrigou a dispensá-lo. Mais uma vez desempregado, “*Fiquei trabalhando por contrato, assim por seis meses. Trabalhei na Olivetti. E lá no Cimento Aratu (...). Era contrato de três meses, mais ou menos*”. Na empresa *Olivetti* trabalhava no escritório como auxiliar. Foi através de um dos irmãos, Evandro, *efetivo* na empresa, que se inseriu neste sistema de contratação. Evandro, ao que tudo indica, sempre lhe *arranjava* uma atividade para *tirar férias de um colega* na empresa. Na *Cimento Aratu*, por outro lado, trabalhou “*como peão mesmo, do brabo*

375 O sonho era por mais possibilidades, por “melhorar de vida”, através do trabalho, com a aquisição da casa própria, e, em alguns casos, para se desvencilhar da tutela de familiares e de proprietários de terras.

[ênfase dele]”. A circulação para continuar trabalhando coincide com os deslocamentos que fez em busca do *assento* de uma *casa própria*.

Em sintonia com este projeto, Dona Alice articulou seus afazeres domésticos, os cuidados e a criação dos filhos, com o trabalho de lavadeira e passadeira. Conforme suas palavras, “*em momentos de dificuldade, como forma de ajudar em casa* [ênfase dela]”. O relevo dado por ela, neste ponto, indica para a representação negativa que existe, na sociedade brasileira, em torno do trabalho doméstico e, por conseguinte, da “empregada doméstica”. Os estereótipos atribuídos aos sujeitos que vivem do trabalho doméstico ainda são muito comuns, a despeito das conquistas trabalhistas adquiridas pelos movimentos sociais de classe e direitos das mulheres, ao longo de décadas.

Na *luta* para permanecer em Salvador, nas palavras dela, “*quando tinha a comida a gente ficava, quando acabava seguíamos para a Barra*”. Nestes períodos circulavam regularmente entre a capital e a “Barra”, permanecendo quinze dias em cada um dos lugares. A ajuda dos parentes era fundamental, sobretudo, para enfrentar estes períodos. Estes traziam de “casa” peixes e mariscos para garantir parte da alimentação na cidade.

Em março de 1981, Seu Hélio se empregou na *CONER*, uma empresa instalada no CIA. O trabalho nesta empresa o levou ao trabalho da indústria e ao universo de relações sociais e culturais completamente novos para ele. Nela, de imediato, foi alocado no setor da vigilância. Entretanto, sua trajetória na empresa foi sublinhada pela itinerância em diferentes setores e funções. A assimilação no quadro de funcionários da empresa aconteceu por intermediação de um *colega* dos “*tempos da Olivetti*”, como dá a conhecer no relato a seguir:

Seu Hélio: “*Eu [evocação da fala do “colega”] vou te levar lá, numa empresa lá no CIA. Que eu tô vendendo uma máquina lá, pra ver se ele bota você lá [sic]”. Isso aí foi na faixa de novembro. Aí ele me apresentou lá pro gerente, o supervisor administrativo. Aí ele tomou meu nome, tudo direitinho. Aí ele disse: “me dê o telefone, aí você sempre liga pr’aquí para saber”. Eu não ligava, eu ia lá (risos). Aí eu fui indo, indo, indo. Quando foi no mês de março, ele chegou pro outro gerente, supervisor de lá e disse: “empregue a esse rapaz que ele tá precisando.” Aí eu fiquei lá um mês e tanto sem fazer nada, que a empresa ainda tava terminado uns setores lá, né!? Aí, quando a portaria da empresa ficou pronta, eles me botaram lá pra tomar conta como vigilante. Aí, dentro de um ano, eu fui escolhido como um dos cinco melhores empregados da empresa. Aí o Supervisor lá da... O supervisor, não, o encarregado lá da operação, me puxou lá pra operação. Fiquei lá... Com pouco tempo botaram... Sim, me empregaram*

como **conferente**. *Aí, com pouco tempo, me escolheram como **conferente sênior** e depois de conferente sênior, eu fui pra **encarregado**.* [grifos meus]

As insistentes idas à empresa foi um indício de que ele precisava do emprego, realmente. Desta maneira foi contratado sem que as obras de instalação dos setores da empresa estivessem concluídas. Acerca da experiência na *CONER* narra ainda que:

Seu Hélio: *Nessa empresa eu trabalhei foi muito... E deu um frio de vinte a trinta graus abaixo de zero. É que a gente trabalhava lá dentro da câmara [de gelo]. É... Fazendo separação de mercadoria pro Paes Mendonça [rede de supermercados de grande porte de Salvador, à época]. Naquela época era o Paes Mendonça. A gente fazia a separação pela noite, para o dia tá tudo pronto pra fazer o carregamento para as lojas. Era cento e quinze, cento e vinte toneladas pra separar. E diversos itens... E pior que, muitas vezes, eu tinha que entrar até como conferente, porque as equipes eram muito pequenas, pra poder de manhã tá tudo pronto.*

Cristiane: Passava a noite trabalhando?

Seu Hélio: *A noite toda. Muitas vezes é... Ia até dez horas do dia. O carro vinha, me trazia aqui [em casa]. Quando pensava que não, o carro tava de volta, pra me pegar pra trabalhar de novo. Geralmente eles me botava pra de dia. Mas não dava nem um mês assim, aí, me jogava pra de noite de novo. Perdi noites e noites, sem pregar os olhos.*

Conforme o depoimento, a *CONER* prestava serviço a outros clientes, a exemplo da *Acajuba* e *Suco Mel*, mas era a rede Paes Mendonça a principal cliente. Esta rede de Supermercados foi fundada em Salvador por Mamede Paes Mendonça, irmão mais novo de Pedro Paes Mendonça [1909-1978], patriarca de uma extensa família sergipana que se destacou no ramo empresarial de secos e molhados, construindo um grande império comercial no Brasil. *Bompreço*, na atualidade, a rede é administrada pelo filho primogênito de Mamede, João Carlos Paes Mendonça.³⁷⁶

Ao evidenciar a dureza do trabalho, Seu Hélio, afirma, por sua vez, que nunca deixou de cumprir com as suas *obrigações* e nunca faltou *um dia de serviço*. Em outros termos, diz: “*Eu sempre gostei de tudo meu direito. E quando eu pegava um trabalho assim, pra fazer, eu queria entregar pronto (...). E como encarregado, não gostava de ver ninguém faltar... Faltasse ou então chegasse bebendo, comigo ia embora pra casa [sic]*”.

Esta afirmação indica um tipo de *ética* e *honra*, uma *moral* do trabalho – compreendido como o cumprimento de um dever que está para além da lógica fabril –,

376 O Paes Mendonça emerge nas memórias dos soteropolitanos como um referente de supermercado.

mesmo reconhecendo ali condições de trabalho ruins e insalubres. A concepção é de um dever a cumprir e uma confiança a ser mantida. Afinal sua admissão na empresa lhe foi garantida pela interferência e o penhor da palavra do *colega*, que o havia indicado, atestando nele confiança e comprometimento. A este não podia decepcionar, rasurando a confiança e a consideração que lhe havia atribuído.

Não menos importante nesta lógica estava o próprio discurso da *confiança* e do poder que o *gerente* da empresa lhe conferia ao afirmar para ele que: “*o cargo mais alto que se tem na empresa à noite é você [Seu Hélio]. E você, tem que tomar conta da empresa*”. Na ausência do *gerente*, assim, deveria orquestrar “*uma faixa de trinta homens*” para realizar o serviço de separação das centenas de toneladas “*de tudo quanto era produto. Então, era geladeira... Essa geladeira era a maior geladeira do Nordeste. Cabia, numa faixa, assim, de umas duzentas carreta [sic]*”. A ética do trabalho operada por Seu Hélio sustentada no comprometimento com a palavra empenhada não o fez fechar os olhos para o descompromisso da empresa em relação aos seus direitos. É verdade, como aparece posteriormente, a busca por estes direitos ocorrerá de maneira mais efetiva anos mais tarde quando busca a justiça para tê-los garantidos.

“*Perdi noites e noites sem pregar os olhos*”, desta forma Seu Hélio qualificou os treze anos de trabalho na *CONER*. Após mais de uma década de trabalho os efeitos desse tempo em sua vida estão presentes, como enfatizou:

Aí fico, geralmente, sempre acordando. Esses dois dias que eu tô dormindo mais um pouquinho. Tô me deitando oito horas da noite, mas quando chega lá pras zero horas [às 24h]. Aí acordo. Aí demoro um pouquinho e volto a pegar no sono (...). Essa noite ainda sonhei trabalhando lá (...). Sempre, sempre eu sonho que tô trabalhando lá. Essa noite mesmo sonhei.

Em 1995, com quarenta e sete anos de idade se aposentou por tempo de serviço. Foi a partir deste momento, conforme considerou, que conseguiu *alguma coisa* na vida. A aposentadoria não o fez parar. Seu Hélio voltou a circular em diferentes trabalhos temporários. Primeiro, num cartório de notas, onde o irmão, Jurandir era *efetivo*.

Seu Hélio: *É. Fiquei trabalhando com meu irmão [Jurandir]. Fiquei fazendo trabalho pra justiça. Mas depois que a empresa que ele trabalhava perdeu a concorrência, aí ficamos sem nada. Tanto ele como eu e alguns colegas que ele botava.*

Cristiane: E o senhor trabalhava fazendo o que com Seu irmão? Qual o nome dele, mesmo?

Seu Hélio: *É Jurandir! A gente viajava fazendo entrega de selos nos cartórios.(...) Eu trabalhava pela parte aqui do Recôncavo e algumas vezes ia até Juazeiro e Barreiras. E tinha outras pessoas que faziam isso de carro. Eu viajava de ônibus.*

Cristiane: Por quais lugares o senhor andou no Recôncavo?

Seu Hélio: *Cachoeira, Maragogipe, Cruz das Almas, Muritiba, Sapeaçu, Santo Antônio de Jesus, Nazaré, Castro Alves, Governador Mangabeira. Aí fazia Feira de Santana, Alagoinhas, Catu, Pojuca, era só.*

Cristiane: Conheceu bastante lugares! Foi um tempo bom?

Seu Hélio: *Foi ótimo! Se pudesse ainda tava lá. [...] Mas aí era sem carteira assinada, avulso. (...) fiquei uns três pra quatro anos. [grifos meus].*

Deste período de trabalho *avulso*, “fazendo entrega de selos nos cartórios” sente saudades, pois pôde viajar “pela parte aqui do Recôncavo e algumas vezes ia até Juazeiro e Barreiras”. O *Recôncavo* delimitado nas palavras dele indica um território que circunscreve municípios que foram, ao longo das últimas décadas, reposicionados pelo Estado em outros sistemas classificatórios de planejamento territorial, a exemplo do Litoral Norte (Alagoinhas, Catu e Pojuca). Não é apenas Seu Hélio que, ao falar das dinâmicas socioculturais do *Recôncavo*, o articula a partes do litoral e do sertão baianos. Ao que tudo indica estas fronteiras acabaram por produzir zonas culturais flexíveis e cambiáveis significativas na conformação das relações sociais e identitárias por estes [re]cantos da Bahia.

Entre um trabalho *avulso* e outro, Seu Hélio processou judicialmente a *CONER*, como sublinhei acima. Dela, quando se aposentou, não recebeu os benefícios referentes às horas extras de trabalho e adicionais noturnos. O processo tramitou durante três anos na justiça do trabalho, quando foi julgado com ganho de causa para ele. Com o dinheiro da indenização foi “melhorando a casa, depois veio a URV [Unidade Real de Valor], né? Que eu botei na Justiça Federal, também (...). Empreguei tudo aqui [na casa] e comecei a empregar lá fora [na Barra do Paraguaçu], também”.

5.4 - Itinerâncias pela cidade e o desejo da *casa própria*

Antes de se fixarem na Rua Almeida Brandão, em 1980, Seu Hélio e Dona Alice e, posteriormente os dois filhos, a família *Silva Sant'Ana*, residiram em diferentes bairros da capital baiana. Neles viveram em casas de aluguel e empréstimo.³⁷⁷ Após o casamento, em 1974, foram residir no Queimadinho (no bairro da Lapinha), onde permaneceram apenas três meses. “*A casa alagou, tinha um negócio de um esgoto que passava, aí a casa alagou*”, me explicou Seu Hélio. “*As chuvas fortes chegava alagava toda a casa*” comentou Dona Alice. Daí eles seguiram para o bairro da Cidade Nova, numa casa emprestada pelo cunhado de Dona Alice, Lídio. Nela ficaram por dois anos. “*Sáimos porque ele [Lídio] vendeu a casa. Ele vendeu a casa aí tivemos que sair de lá*”, complementou ela.

Em 1976, mudaram para uma casa no bairro do Pau Miúdo, que ficava numa pequena *avenida*, da Marquês de Maricá. O sentido atribuído aqui por Seu Hélio a *avenida* refere-se a pequenas ruelas, becos estreitos e sem infraestrutura, que se aglomeram pequenas habitações e alojam-se grandes famílias que formam aí redes de solidariedades e dependência mútuas, como disse antes. Outros estudos sobre bairros pobres de Salvador indicam para este sentido de *avenidas*.³⁷⁸ É possível fazer uma aproximação entre esta noção de “avenida”, forjada na experiência de moradia dos baianos de Salvador, e a noção de *cortiço* – característica das experiências habitacionais de cidades como São Paulo e Rio de Janeiro. Estas experiências de conformação dos espaços de moradia das grandes cidades como Salvador, São Paulo e Rio de Janeiro passaram por expressivas mudanças a partir das políticas de modernização e urbanização aplicadas, especialmente, entre as décadas de 1950 e 1960.

Os filhos deles, Luís Henrique e Aline, nasceram nessa casa da Cidade Nova. Esta casa pertencia ao tio de Seu Hélio, Sérgio Sant'Ana; lá “*ficamos dois ou três anos, parece*”. Não foi possível manter-se aí, porque, segundo Dona Alice, a casa era muito úmida. Além do mais, para ele “*a casa lá era na avenida. Era na avenida. Aí tinha problema de água*

377 Casas de empréstimos são cedidas entre parentes e ou amigos para residir por um tempo determinado ou até conseguir outro lugar, seja através de aluguel ou da casa própria. Porém, os donos dos imóveis tem direito tácito de solicitá-la no momento que lhes convier.

378 A respeito da constituição e a representação das “avenidas” em Salvador, dentre outros ver os trabalhos de Michel Agier no bairro da Liberdade. Em especial: AGIER (1998a; 1990).

também (...) não tinha tanque, não tinha nada, ficava esperando ter água da rua pra ter água [sic]”. E acrescenta, “*não gostava muito de lá, não, por causa dos pobrezas que tinha. Tinha que subir escada. Depois saímos de lá pra morar numa casa muito melhor no IAPI [bairro], na rua principal do bairro.*” Ao narrar sobre o tempo de moradia no IAPI, Seu Hélio estabelece uma diferença e uma hierarquia entre “avenida” e rua: “*Lá não é avenida não, lá é rua mesmo*”. Morar numa rua era estar em melhores condições. Era a possibilidade de usufruir de uma série de outros benefícios sociais.

Além deles moravam no IAPI Dona Gorete e Jacira, irmãs de Dona Alice e de Seu Hélio, respectivamente.³⁷⁹ Este tipo de ocupação marcada pela presença de familiares e parentes num mesmo bairro e, em muitos casos, numa mesma rua é uma prática comumente observada na periferia de Salvador. Michel Agier identificou este tipo de configuração e sua importância na reprodução das relações de parentesco e para a produção de redes de sociabilidade. Além de Agier, Gabriela Hita observou esta prática no Nordeste de Amaralina. Este bairro, de maneira similar ao que vejo em alguns bairros do Subúrbio Ferroviário, é estigmatizado no imaginário social da cidade como lugar de criminalidade e violência. Nestes casos, as pessoas usam como estratégia de proteção deslocar em suas narrativas a indicação do lugar da moradia. Entre os moradores do Nordeste de Amaralina o deslocamento se dá para o Rio Vermelho – bairro de classe média e tradição boêmia dos artistas e intelectuais da cidade. Nos bairros como Novos Alagados, Cabrito, Parque São Bartolomeu e Planalto Real, por exemplo, os moradores se reconhecem pertencendo a Plataforma. Em alguns casos, a definição do bairro de residência é São João. No geral, as pessoas preferem associar sua moradia a Plataforma, por ser este um bairro antigo, com acesso a equipamentos, comércio vigoroso, serviços diversos e escolas de médio porte nas imediações (SERPA, 2001). Para estas pessoas pertencer a Plataforma pode diminuir a discriminação sofrida. Dentro de Plataforma, porém, estes lugares também são estigmatizados, pois são considerados lugares de violência. Locais onde se encontra o “vagabundo”, “malandro” e “marginal”. Pierre Bourdieu (1999a) chama atenção para este aspecto ao estudar os bairros do Subúrbio de Paris e afirma que

379 Dona Jacira continua residindo no IAPI, bairro em que construiu sua “casa própria” e sua vida.

os confrontos com o preconceito racista ou com os julgamentos classificatórios, amiúde estigmatizantes, de funcionários do âmbito escolar, social ou policial, que, através do efeito do destino que eles exercem, contribuem muito poderosamente para produzir os destinos enunciados e anunciados” (BOURDIEU, 1999a, p. 85).

Desta forma, os moradores destas áreas mais pobres, em suas longas jornadas à procura de emprego, por exemplo, optam por se dizerem moradores de Plataforma. Também o fazem na tentativa de conseguir créditos no comércio da cidade. Mesmo assim, muitos encontram dificuldades, pois ser morador do *Subúrbio*, em algumas situações, é motivo de desconfiança a priori. É difícil se inserir no mercado de trabalho – desejo compartilhado por muitos – que marca as pessoas, primeiramente pelo espaço de moradia que ocupam na cidade. Em outra oportunidade SOUZA (2002) ouvi de um jovem morador de um dos trechos de Novos Alagados, Boiadeiro, que

hoje em dia, pra você procurar emprego, aí você fala do bairro, e uma pessoa já... Principalmente. bairro Novos Alagados... São bastante discriminado. Não por a maioria das pessoas, mas algumas pessoas sempre discrimina. “Ah! Só mora vagabundo, só mora isso...” Mas, às vezes, não é isso... Mas se você fala que mora na Suburbana, — não é questão de você dizer [que] você mora em Plataforma; basta você dizer que mora na Suburbana, na área da Suburbana. Não precisa dizer que mora no São Bartolomeu, em Plataforma. Só dizer que mora na Suburbana: “Cê é da suburbana, é, véio? Porra!” Já olha assim com aquela **friedade**, certa calma, fica olhando assim de lado pra pessoa. (SOUZA, 2002, p. 108)

Na mudança dos *Silva Sant’Ana* para Plataforma Dona Gorete os acompanhou.³⁸⁰ Lá comprou uma casa vizinha à deles, na Rua Almeida Brandão. Após quase 20 anos residindo com as filhas aí, vendeu a casa e se mudou com as filhas e os netos para o bairro de Mussurunga – um dos bairros que faz parte do *Miolo de Salvador*. Neste bairro residiam e continuam a residir outros parentes da família *Silva*: tias, tios e primos, oriundos da *Barra*. A moradia em Mussurunga não deu certo, pois “*não se acostumou por lá*”. De volta a Plataforma – com o dinheiro da venda do imóvel daquele bairro – comprou outra *casinha* em outra rua, um pouco mais distante da irmã, nas proximidades da Praça São Braz – centro antigo da ocupação de Plataforma –, onde vive hoje.

380 Dona Gorete e Dona Alice eram “muito apegadas”. Elas eram as mais novas das *Marias*, permaneceram por mais tempo juntas e por isso suas histórias pessoais são marcadas por muitas proximidades.

Nas narrativas dos Silva Sant’Ana, as lembranças evocam boas memórias dos tempos no IAPI. O desejo de comprar uma casa por lá que, entretendo, por causa das *condições da vida* não foi possível realizar. Foi esta impossibilidade de conservar o assento no IAPI que os levou à Plataforma. Sobre este percurso Seu Hélio recorda:

Eu vim pra esse terreno aqui foi... Que era de meu... Era do sogro do meu irmão [Evandro], o senhor Expedito. Aí ele tava pra vender. Eh... Aí meu irmão comprou, né? Eh... Aí comprou e logo me vendeu. Porque nessa época eu morava em casa de aluguel. Evandro pagou pela casa uns cinco mil cruzeiro, parece. Não sei se era cruzeiro, o dinheiro.

A despeito de considerar a casa *fraca*, ou ainda “*uma casa bem acabadinha, uma ruína*”, os Silva Sant’Ana não hesitaram em seguir para aí. O desejo e a necessidade de sair da casa de aluguel eram prementes, ao que fica evidenciado no depoimento que segue:

Seu Hélio: *Sáimos de aluguel. E viemos morar aqui. A casa era muito fraca. Um empurrão que dava na porta, a pessoa entrava.*

Cristiane: Como era uma casa muito fraca, Seu Hélio?

Seu Hélio: *Era... O chão era lá embaixo. Se jogasse um pingo de chuva lá, caía... O chão era enladeirado. Cimento, mas era enladeirado. Até ia lá na porta da rua.*

Cristiane: Eram quantos cômodos? Como era a casa?

Seu Hélio: *A casa tinha... Tinha dois quarto, tinha uma sala e tinha uma cozinha que era outra parte, uma porta no meio aqui, e tinha a cozinha aí [aponta para os espaços da casa]. A terra batia na janela da cozinha, era **uma casa muito franzina** ali. [grifos meus]*

As mudanças estruturais na casa foram iniciadas em 1985, com a instalação de um telhado novo. Conforme havia dito, os recursos para *mexer* na casa de Plataforma vieram da indenização recebida na justiça pelos tempos trabalhados na CONER. Dona Maria Alice narra com pesar, demonstrando o quanto *a casa era muito fraca*, que na primeira chuva forte que caiu a casa ficou completamente alagada, “*parecia que estava todo mundo na rua*”. Neste período, por causa das chuvas e dos recorrentes alagamentos da casa, a família passou um breve tempo residindo *de favor* numa *casa cedida* por uma vizinha (Railda Palma). Suas famílias construíram relações de proximidade que foram traçadas a partir do compartilhamento da experiência de serem também migrados do *interior* do Estado e das muitas itinerâncias na busca da *casa própria* em Salvador. As melhorias na *casa* foram realizadas através de investimentos graduais. Em tempos diferentes. “*Não, não cheguei a*

derrubar, mudei logo o telhado com as telha velha. Mudei o telhado, depois fiz a cozinha. Depois, de outra vez, quando eu fui botar a laje, aí joguei as telha tudo no chão”, registrou Seu Hélio.

As habitações que constituem a paisagem desta parte de Plataforma, em geral, dispõem de mais de um pavimento, algumas com pequenos jardins e quintais. Neste trecho da Almeida Brandão, em frente às casas, assenta-se no mínimo uma árvore, há muito tempo plantadas com o objetivo de proporcionar sombra e ventilação. Entre as doze e dezesseis horas é difícil permanecer dentro de casa por causa do calor. Nestes horários é comum encontrar as pessoas sentadas nos bancos de madeira, que emolduram as frentes das casas, junto as árvores, *apreciando* no horizonte a Baía de Todos os Santos e “*tomando uma fresca e vendo o tempo passar*”.

A casa dos *Silva Sant'Ana* hoje é de *laje*. Desejo de muitos, entretanto realização de alguns. *Botar laje* ou *bater laje*, em termos locais, é uma conquista desejada e comemorada por todos que a realizam. Isto não é uma especificidade dos bairros do *Subúrbio*. Ademais é um aspecto de sociabilidade e das relações da população pobre das periferias de Salvador. Então, a reforma da casa se deu paulatinamente, em seus termos: “*fui mexendo, mexendo até que*”. Hoje é de alvenaria, têm uma varanda, uma sala, dois quartos, uma cozinha e um banheiro.³⁸¹ No fundo um pequeno oiteiro – pequeno monte.

381 O sonho da *casa pronta* continua por se realizar – outras reformas permanecem em curso nela, realizadas com investimentos que chegam nos finais de ano com recursos do 13º salário.



Imagem 32. Cruzando o interior na cidade

Fonte: Pesquisa de Campo, de 2011.
Fotografias produzidas pela autora.

Ao lado esquerdo de quem ultrapassa os limites para a vida privada dos Silva Sant'Ana ficam as portas dos quartos que nos negam o acesso às intimidades e segredos da família. Entre as portas dos quartos, um estreito de parede se forma. Nela fica uma estante, onde se alojam um aparelho de som, uma TV e alguns artigos de decoração. À frente, do

lado direito, a estante de ferro onde ficam expostos os doces, balas, dentre outros produtos alimentícios (sal, farinha, dendê, biscoitos, temperos, etc.,) comercializados por eles. Em seguida, têm-se uma pequena peça de madeira onde se abriga o aparelho telefone fixo da casa; depois se vê um sofá grande e, mais à frente de quem chega um sofá pequeno.

O azeite de dendê comercializado na *quitanda* é produzido em diferentes localidades da Baía de Todos os Santos. O dendê é comprado por Seu Hélio na Feira de São Joaquim, em galões grandes e posteriormente engarrafado por ele, em recipientes de vidro em diferentes volumes. Dos recursos gerados na *quitanda*, os *Silva Sant’Ana* garantem parte das despesas da casa, principalmente remédios e transporte. A comercialização desses bens de consumo vindos do outro lado da Baía e mesmo de outras regiões do Estado, constituiu-se numa estratégia de sobrevivência de muitas famílias pobres e negras da periferia de Salvador. Longe do espaço doméstico não é incomum a um andarilho observar pequenos pontos de venda de frutas, legumes, verduras, cerâmicas, mel, melaço, cachaça, ervas e unguentos em diferentes pontos da cidade. Numa breve conversa com esses pequenos comerciantes – ambulantes, na perspectiva do Estado orientado pela “legalidade” – é possível montar uma cartografia da origem destes bens e produtos. Bifurcar nos deslocamentos pela cidade nos leva às feiras populares da Sete Portas, de São Joaquim e do Rolo. A partir delas, as linhas desta cartografia podem ser traçadas melhor.

Ainda no interior da casa dos *Silva Sant’Ana*, mais à frente, localiza-se a porta de acesso, em forma de arco, a cozinha e o banheiro. Acomoda-se na cozinha um armário e um conjunto de mesa e quatro cadeiras brancas, agrupados do lado direito; mais à frente, a pia e, na sequência, o fogão e a geladeira. Depois se apresenta a porta dos fundos que nos leva ao paredão do oiteiro que envolve os fundos de algumas casas deste trecho da Rua. Este oiteiro é o quintal da casa, universo onde habitam algumas plantas ornamentais e árvores frutíferas: manga, pinha, carambola e coco. De volta à cozinha, do lado esquerdo fica a porta de acesso ao banheiro da casa.

Na parte de cima da *casa da família* foi construída a residência em que vivem Aline, Roni e as filhas: Amanda e Renata. A casa tem a mesma disposição de cômodos que a matriz. Na construção da casa, Aline e o marido ampliaram a parte da frente. A finalidade era produzir um grande *avarandado*, o que gerou também uma área coberta na frente da *casa da família*. Os pisos de azulejado da sala e da cozinha representam para os membros

da família uma distinção que indica *melhor condição de vida*. A estrutura das casas de dois pavimentos destinados a serem ocupados pelos filhos em diferentes gerações, após *construir família*, é comum nos bairros da periferia de Salvador. Após a idade adulta e o casamento, os filhos recebem o direito de construir suas casas na *laje* da casa matriz da família. No entanto, mesmo sendo unidades habitacionais distintas, o compartilhamento do dia a dia acontece como se estas constituíssem um núcleo doméstico único. Estas “configurações de casas” observadas dentro da periferia de Salvador estão engendradas por diferentes grupos domésticos, ligados em fortes redes familiares e de parentesco, que configuram arranjos singulares, formas de sociabilidades e os conflitos ali tecidos.

Ao entrar na casa de Aline nos deparamos à frente com uma TV grande de plasma, afixada na parede. Nos dois lados da casa, as paredes estão preenchidas com muitos quadros. Estes são acompanhados, nos quatro cantos, por arranjos de flores plásticas e diversos bibelôs. Conforme Aline, enfeites preferidos porque não exigem cuidados e, por isso, não morrem. A aquisição de cada uma das *coisas* que têm em casa é narrada por ela com orgulho. O sentido aí implícito indica os sinais da conquista (algo móvel, em processo contínuo) da *vida melhor*,³⁸² em consonância com a lógica e a aparência que envolve a sociedade moderna de consumo na atualidade. O acesso aos bens materiais e de consumo significa a possibilidade de afirmação junto aos que na rede familiar ascenderam através dos estudos (GUIMARÃES, 1998).

382 No dia 01 de março de 2011 fui à casa de Dona Alice. Como a casa estava fechada e havíamos combinado antes, inferi que ela estava na casa de Aline. Era costume ficar, todos os dias, com a neta, Amanda, para que Aline pudesse acompanhar a filha mais velha, Renata, a escola. É a partir deste compromisso com Aline que organizava sua rotina de trabalho na casa e de saídas. De fato, elas estavam lá. Percebi que conversavam sobre um tema que as mobilizavam muito. Tratava-se da notícia de que a esposa de um antigo vizinho e amigo de infância de Aline e Luís que havia sido hospitalizada e estava na UTI, em consequência da *anemia falciforme*, entre a vida e a morte. Sentida com a notícia, Aline me explicou que, apesar da esposa do amigo de infância ser “*loira, branca e de olhos azuis, a doença lhe pegou, por que o pai era negro*”. Esta doença é associada aos negros. Disse-me mais, que o irmão dela havia falecido, há pouco menos de um ano, por causa da mesma doença. Foi neste contexto que entrei pela primeira vez na casa de Aline. Quanto ao desfecho do caso, durante os dias em que estive na Barra do Paraguaçu, elas receberam a notícia do falecimento da referida mulher, “*deixando dois filhos pequenos*”.

5.5. Parentes, trajetórias e redes que se cruzam



Imagem 33. Travessia da Baía: a caminho da “Barra”

Fotos da esquerda da à direita:

1. Fila do Ferry em Salvador;
2. Embarque;
3. A cidade que fica para traz e se distancia;
4. Chegada em Bom despacho, na Ilha de Itaparica.

Fonte: Fonte: Pesquisa de Campo, de 2011. Fotografias produzidas pela autora.

No dia 03 de março de 2011, atravessei a Baía de Todos os Santos em companhia de Luís e Eliana, na quinta-feira, já de carnaval; eles tiveram expediente de trabalho até a quarta-feira. Para fugir do grande fluxo de pessoas e carros que cruzam a *Baía* nestes períodos de festas e feriados, marcamos de nos encontrar às 5h30 da manhã na fila do *ferry*.³⁸³

Seu Hélio, Dona Alice, Aline e suas filhas viajaram antes. Elas já estavam lá desde a terça-feira que antecedeu o período das festas de Momo. Seu Hélio, entretanto, há dias já estava por lá. Poucas vezes o encontrei em casa desde que comecei a ir mais frequentemente a Plataforma para visitá-los. Minha recorrente pergunta: E Seu Hélio, onde está? Era também recorrentemente respondida por Dona Alice: “*Hélio, tá na Barra*”, ou ainda: “*já foi...*” A vontade de repor novas miçangas me fez seguir esse caminho.

Conforme aparece descrito nas imagens da *travessia da baía*, a grande quantidade de pessoas e veículos aglomerados na fila para acessar o *ferry* é um fenômeno comumente vivenciado pelas pessoas que residem em Salvador e que buscam seus *interiores*, em períodos de festas e feriados prolongados, através destas águas. Às 5h30 da manhã, a fila já ultrapassava a área externa do estacionamento e alcançava as proximidades da Feira de São Joaquim. Luís e Eliana haviam chegado minutos antes e acessado a parte interna do *ferry*,

383 O *ferry* é usado como uma denominação genérica para identificar o lugar e o sistema de transporte da COMAB – Companhia de Navegação Baiana, localizada na Av. Oscar Pontes, 1051, bairro do São Joaquim, Salvador - BA. Nesta época, era a empresa paulista TWB S.A Construção Naval, Serviços e Transportes Marítimos, concessionária do transporte marítimo na Baía de Todos os Santos. Desde janeiro de 2013 a administração da travessia do *ferry* passou a ser de responsabilidade do governo do Estado.

onde se encontram instalados os guichês para a venda de passagens. Eliana permaneceu nestas instalações nos esperando, enquanto Luís foi ao meu encontro na parte externa para me ajudar com as bagagens e meu filho. Após esperar aproximadamente uma hora na fila, conseguimos entrar. Já em outra fila, aguardamos por mais 30 minutos para comprar os bilhetes da travessia.³⁸⁴ Atravessamos às 7h no *Ivete Sangalo* – uma das embarcações adquiridas pelo sistema, através da empresa que prestava serviço ao Estado, na época. Chegamos do outro lado, no *Bom Despacho*, às 7h40. Eu e Eliane aguardamos por Luís que se dirigiu à área onde estão localizados os guichês das empresas de ônibus que fazem *linhas* para os diferentes municípios do *Recôncavo*, do Sul e Extremo Sul do Estado. Ele comprou as passagens na *Cidade Sol*³⁸⁵ e nele seguimos com destino final na Barra do Paraguaçu.

Seguimos viagem rascunhando entradas e saídas para deixar as pessoas nas localidades de Cações, Mutá, Pirajuiá, Encarnação, Conceição de Salinas, Cairú de Salinas e, por fim, na Barra do Paraguaçu. Nesse dia, o ônibus seguiu do *Bom Despacho* repleto de mulheres e crianças negras; havia alguns homens em menor número. Com destino à *Barra*, só havíamos nós. Descemos na entrada da localidade, em frente à *casa de herança* da família de origem de Seu Hélio, que nos esperava na porta da casa para nos ajudar com as bagagens.

Retornar à *Barra*, após doze anos, desde a primeira vez em que estive lá, envolveu-me de um sentimento de grande expectativa. Voltava como pesquisadora outra vez. Não mais acompanhada de uma equipe de sociólogos e antropólogos a inquirir os moradores sobre a realidade socioeconômica da comunidade. O objetivo não era traçar um perfil da localidade para subsidiar ações de infraestrutura e serviços, com fins de executar empreendimentos turísticos. Tampouco chegava apenas na condição de amiga de uma pessoa com vínculos familiares no lugar; menos ainda, para ficar por apenas um final de semana, buscando descansar e “curtir” a natureza bucólica do mar e dos veios d’água que

384 Esta travessia é uma das mais procuradas pela população de Salvador que busca partes do *interior*.

385 Empresa de transporte intermunicipal que presta o serviço para Salinas da Margarida e faz a “linha” de ônibus que chega até a localidade da *Barra*. Os ônibus que seguem para esta localidade saem do Bom Despacho – ponto de transbordo do *ferry* – pela manhã, às 08h00min; e pela tarde, às 18h00min.

escorrem dos oiteiros que compõem a paisagem local. Tratava-se, de certa maneira, da junção destas diferentes posições. Era a amiga de longa data de Luís Henrique e com diferentes linhas de proximidade com outros membros de sua família; e também, a pesquisadora que, naquele momento, buscava entender os processos de mobilidade que caracterizavam a história daquele território em direção a Salvador, especialmente. Por outro lado, as pessoas dali nutriam uma grande expectativa quanto à minha presença e ao que eu pretendia.

Desta vez fiquei hospedada na *casa da Barra dos Silva Sant'Ana*, construída por Seu Hélio nos fundos da *casa de herança* de sua família de origem.³⁸⁶ Nesta *casa de herança* reside Dona Lourdes, uma das irmãs de Seu Hélio. Ela herdou o direito tácito de permanecer nela. Herdar a *casa* é resultado do reconhecimento atribuído pelos outros membros da família por ela ter permanecido junto aos pais e se dedicado aos cuidados deles, até o final da vida.³⁸⁷ Aos outros filhos do casal coube o direito, também tácito, de poder erguer suas casas nas áreas vazias no entorno do terreno. Ao lado dela, atravessamos pelo estreito *corredor* até *casa da Barra*, onde estavam nos esperando Dona Alice, Aline e as crianças.

A *casa da Barra* tem dois pavimentos, pouco comum entre as casas da localidade. Em baixo localiza-se a sala, a cozinha e um banheiro grande; em cima ficam três quartos, um corredor e um banheiro pequeno.³⁸⁸ Na contagem que realizei, na *Barra* existem cento e quinze unidades habitacionais distribuídas entre aquelas de uso fixo e temporário. Estas casas estão distribuídas nas partes de *cima* e de *baixo* da localidade.

Na oportunidade anterior em que estive na Barra do Paraguaçu, em 2001, fiquei com os *Silva Sant'Ana* também; porém, todos nós ficamos hospedados na residência de um

386 Acerca da apropriação e a sucessão de casas, ver: PINA-CABRAL (2003); especialmente, “Propriedade e interesse”. Neste ensaio o autor desenvolve um debate sobre os princípios que caracterizam a propriedade, sejam elas: verticalidade ou das identidades sobrepostas; horizontalidade ou dos direitos adquiridos; e temporalidade ou modelos de devolução.

387 Os relatos colhidos junto a outros familiares indicaram que esta *casa* é também habitada pelo fantasma de Dona Dormelinda.

388 Com parte dos recursos da indenização da *CONER* e da ajuda financeira de Aline, Seu Hélio ergueu, ele mesmo, a *casa da Barra*. O segundo pavimento, naquele momento, não dispunha de acabamento. Através de meios digitais (e-mails e redes sociais), continuei atualizando as informações sobre a vida na “Barra”. Desta forma soube que o acabamento e fiação elétrica do segundo pavimento haviam sido feitos.

dos irmãos de Seu Hélio, Evandro.³⁸⁹ Uma casa grande, com avarandado e grandes janelas nas laterais e um quintal que se limita com a praia. Nela, a sombra era garantida por antigas mangueiras de copas largas e frondosas, comuns na paisagem. Naquela oportunidade, dividimo-nos nos três quartos da casa durante os cinco dias em que permaneci por lá. Ademais, a casa é formada por uma sala, cozinha e banheiro. Nas unidades domésticas em que tive oportunidade de ultrapassar ao interior, este tipo de padrão arquitetônico era comum. A casa de Seu Evandro é uma das primeiras da localidade, na entrada da *Barra*, poucos metros antes, do lado oposto, à casa de sua família de origem. Desta vez, Seu Evandro estava na *Barra* e pude conhecê-lo, mesmo que à distância. Seu Evandro também migrou para morar em Salvador muito jovem, onde estudou, trabalhou e conseguiu garantir educação formal a todos os filhos. Todos eles *se formaram*.³⁹⁰ Apesar de existir um *prédio escolar* na localidade, há mais de uma década não funciona. Aos que desejam estudar é preciso se deslocar para as localidades vizinhas ou para a sede do município.

Envolvida em longas conversas, passei boas horas dos dias em que estive lá sentada nas cadeiras brancas de plástico que ocupavam a pequena varanda e o passeio da casa de Dona Lourdes, conversando com ela e outros *filhos da Barra*, enquanto olhávamos o ritmo do mar, do tempo e das pessoas que passavam, subindo e descendo na busca dos diferentes pontos de praia da *Barra*. Estas conversas também aconteceram na frente da casa de Dona Marizinha e nas caminhadas que fiz até a praia com as crianças, Luís, Eliana e Aline. O cotidiano dos moradores desta pequena localidade, outrora só de pescadores e de veranistas, é marcado por uma relação de cumplicidade e dependência com o mar. Desta relação os moradores indicavam as mudanças ocorridas desde as últimas décadas do século

389 A família *Silva Sant'Ana* não tinha uma casa própria e Seu Evandro, na época, não ia para lá com sua família, deixando sua casa à disposição do irmão. Seu Evandro produziu uma base econômica através das suas experiências de trabalho em Salvador, o que lhe possibilitou ser o primeiro dos irmãos *Sant'Ana* a comprar, além da *casa própria* em Salvador – num bairro considerado *bom* –, uma casa na *Barra*, erguida, entretanto, numa área fora do entorno do terreno da *casa de herança*.

390 O fato dos filhos terem estudado e *se formado* é um aspecto distintivo fortemente evidenciado entre os membros da família. Luís Henrique, por exemplo, entre os de sua geração, na linha materna, foi o único que concluiu o estudo superior. Isto o coloca numa posição de distinção em relação aos seus primos e primas, conforme a perspectiva dos mais velhos. Entretanto, entre os parentes da família de seu pai, Luís compartilha esta distinção com outros primos e primas.

XX, decorrentes dos novos investimentos na dinâmica econômica regional, principalmente no turismo e nas políticas e ações da Petrobras.³⁹¹

Há mais de um século a *Barra* é lugar de veraneio e recebe pessoas oriundas dos municípios de Cachoeira, Maragogipe, São Félix e Salvador, em especial. São estas pessoas que ocupam as casas que permanecem fechadas durante boa parte do ano. Agrega-se a esta população temporária muitos dos filhos e netos de nativos e antigos veranistas da *Barra*. Proprietários de suas residências, comumente, os veranistas constituíam[em] um grupo social importante no universo das relações sociais da localidade e de sua ligação com a metrópole e com outras cidades da região.³⁹² Para os *filhos da Barra* a presença dos veranistas sempre significou uma chave de entrada para Salvador. Muitos destes veranistas levavam crianças e jovens, principalmente meninas, da localidade, para estudar e trabalhar na capital do Estado. Junto a estes as redes se [intre]cruzavam através de apadrinhamentos e casamentos, como tratei em outras linhas deste capítulo.

O contato direto com os irmãos de Seu Hélio me trouxe outras narrativas sobre a mobilidade desses *filhos da Barra* em seus percursos para Salvador. Seu João, dono de um dos dois comércios existentes na localidade – um “bar/mercadinho” –, contou-me sobre as mudanças ocorridas com o aumento do fluxo de turistas na *comunidade*. Para ele o aumento dos turistas melhorou muito as vendas, apesar de ter considerado ainda *fraco*.³⁹³ Esta dinâmica não é uma especificidade desta localidade, ao contrário, caracteriza a realidade de inúmeras *comunidades* pesqueiras do litoral baiano. Os moradores, metamorfoseados em pequenos comerciantes e prestadores de serviços ficam no aguardo destes períodos de alta

391 Na localidade de Porto do Meio, entre São Roque do Paraguaçu e Enseada, a Petrobras está construindo um novo Estaleiro na Baía do Iguape. Nas conversas com diferentes moradores da *Barra* soube que estas *obras* já estão gerando muitas expectativas quanto à geração de emprego e, mesmo, quanto à mobilidade populacional em toda a região.

392 A pirâmide etária da localidade, em 2001, mostrava que a Barra do Paraguaçu era habitada por uma população velha, com expectativa de vida alta se comparada à média nacional. Os vazios observados na população entre 41 e 70 anos, principalmente a masculina, apontavam para possíveis correntes migratórias. Na população de adolescentes (11 a 20 anos), a incidência de homens era discrepante em relação à de mulheres. A hipótese formulada na época era que as meninas dessa idade migravam mais cedo e mais maciçamente, seja para estudar ou para trabalhar como empregadas domésticas, “*ajudando em casas de família*”, em Salvador, o que pude verificar em diferentes trajetórias. Quanto ao aspecto da classificação étnico-racial (cor), os dados indicavam que a maioria, 36% dos entrevistados se definiam como pardos; 13,6% como pretos e 9% como brancos, morenos e mulatos. (FIGUEIREDO *et al.*, 2000).

393 É importante dizer que a presença e circulação de pessoas na localidade eram controladas pelos proprietários da *Fazenda*. Esta ingerência diminuiu em meados dos anos 2000 com o adocimento de Benedito da Luz, como sinalizei.

estação para garantir a sobrevivência (SOUZA, 2009). Ter um comércio o coloca em posição de distinção e, de certa forma, de privilegio em relação a outros moradores. Com os lucros retidos das vendas do *bar/mercadinho*, Seu João pôde criar os filhos e mantê-los estudando em Salvador.

No *bar/mercadinho* encontrei um conjunto de murais com fotografias que narram sobre história dos velhos moradores da *Barra*, muitos dos quais já faleceram ou não residem mais por lá, há muito tempo.³⁹⁴ Na imagem abaixo apresento trechos destas narrativas que contam em memória-mural a[s] história[s] da vida na *Barra*.

394 A cópia destas imagens me foi permitida por seu João. O trabalho de pesquisa, organização e impressão e exposição foi feito por Leandro Felipe Sant'Ana, um dos seus filhos.



Imagem 34. O mural na esteira das memórias: o olhar de outras gerações.
 Fonte: Pesquisa de Campo, março de 2011.

A rede foi ganhando novos pontos e se estendendo ainda mais. Conheci e compartilhei momentos e histórias com as outras irmãs de Dona Alice: Marizinha e Gorete. Dona Marizinha é marisqueira e uma reconhecida *liderança* no lugar.³⁹⁵ Meu interesse por sua história e de sua família me assegurou a entrada na maré para mariscar em sua companhia. O ofício de marisqueira lhe garante a sobrevivência e foi com este mesmo ofício que criou seu filho. Dona Gorete, por outro lado, mudou-se definitivamente para Salvador, mas manteve seu vínculo e trocas através das idas à *Barra* em períodos de festas e feriados prolongados. Diferentemente das outras Marias dos *Silva*, Dona Lita deixou de visitar seu interior quando se casou com Seu Lídio, segundo ela, por causa do trabalho das lojas.

As narrativas sobre a circulação entre os diversos lugares do *Recôncavo da Bahia* e Salvador reservam lugar especial para a imagem das embarcações que faziam esta travessia, conforme já mencionei. Nas lembranças de Dona Lindaura, tia de Dona Alice, irmã mais velha de seu pai, navegam por memórias de experiências vividas e contadas deste cenário de mudanças que se expandiu na região. Estas memórias se apresentam e se [re]apresentam nos tempos de agora na narrativa de sua filha, Maria do Socorro. Os tempos que aparecem são da circulação dos navios pela Baía e dos veículos nas estradas, linhas que amarravam e amarram os múltiplos territórios do *Recôncavo* a outros cantos mais internos da Bahia e daí para fora.

A seguir destaco um fragmento da entrevista que realizei com Dona Lindaura e Maria do Socorro, nele podemos navegar pelas memórias daqueles tempos.

Dona Lindaura: *O navio dormia em Cachoeira pela manhã vortava", isso de segunda a sábado. Era assim de segunda à sábado. Um navio em Cachoeira, Paraguaçu, Cachoeira, João das Bota, Porto Seguro. Isso tudo viajou pr'aquela linha. Foi navio que viajou pr'aquela linha e tinha mais, teve mais [sic].*

Maria: *Maragogipe, Mascote...*

Dona Lindaura: *Paraguaçu era um navio rápido. Foi o último que viajou pr'aquela linha, foi o último. Tiraram. Agora as caminhada é mais por terra, de carro. É pela estrada [sic].*

395 Nos últimos empreendimentos perpetrados pela Petrobras no *Recôncavo* para a implantação do Projeto Manati (sistema de gasoduto), que tem gerado fortes impactos ambientais e sociais nas comunidades litorâneas da região, inclusive na *Barra* e toda a área da baía do Iguape, Dona Marizinha foi beneficiada com a construção de uma nova cozinha toda equipada, assim como outras pessoas da localidade, como parte das compensações aos impactos gerados com o empreendimento. Atualmente, ela acompanha uma equipe de técnicos da Petrobras que desenvolve um trabalho de controle da reprodução da fauna marinha na Baía.

Maria: *De carro, de ônibus.*

Dona Lindaura: *É de estrada, abriu aí que disseram, abriu o mundo (risos). O mundo tá todo aberto de estrada de Cachoeira, de Salvador querendo ia pra Barra de estrada... Ali que é... Botavam um trabalhador pra fazer as roçagem, né? Dos terreno [sic].*

Cristiane: *A senhora viu isso? A senhora viu essas coisas?*

Dona Lindaura: *Ainda arcansei ouvindo dizer, fazia a roçagem pra abrir a estrada, pra ter passagem pela estrada direto, não ter empecilho. De Salvador e até a Barra! O povo diz que o mundo ficou todo furado de estrada (risos). Ficou todo furado de estrada. (...) Quando a gente perdia o navio aqui, ia embora pra São Roque e de lá pegava o navio [sic].*

Maria: *Mainha gostava de navio. Não tinha tempo ruim pra ela. Não tinha temporal certo.*

Dona Lindaura: *Pegava o navio na Barra, menos de duas horas de relógio tava em Salvador. Paraguaçu, Porto Seguro, João da Botas, Nazaré, Santo Amaro, todos esses navegou. Tinha mais. [...] Tinha precisão de ir, às vezes ia pra médico, às vezes tinha um... Recebia um dinheirinho, ia de navio, ia de navio. Teve muitos que viajou, vários navio viajou pra lá da linha. Agora diz que aqueles navios, diz que todos foram vendidos pra fora, né? Pro estrangeiro, num foi? Diz que foi, quase todos foi vendido.*

Maria: *Não. Tudo se demoliu. Tudo se acabou.*

Dona Lindaura: *Quase todo, tudo foi vendido pro estrangeiro, pra tirar... Pra negócio de material de armazém. Açúcar pelo lugar que tinha, esses lugar que tinha, que fazia açúcar, tinha isso tudo. Pronto, terminou tudo! Tinha navio pra Salinas, tinha pra Arari, tinha pra Itaparica, tinha pra Ponta de Nossa Senhora [uma das comunidades pesqueiras da Ilha dos Frades], hein? Maragogipe. Então, Maragogipe também tinha linha por terra, linha terrestre, era. Esses lugar tudo abriu estrada pela, pelos lugar... Acabou, tirou os navios da linha, foi. Por isso que tirou os navios da linha. Porque pensavam que por terra é melhor de que de navio. Era uma coisa difícil ter um acidente de navio. [grifos meus].*

Dona Lindaura narra sobre os vínculos que os habitantes destas comunidades pesqueiras tinham com Salvador *naquela época* e informa sobre a dinâmica que os habitantes destes lugares mantinham com a capital através do transporte de navios e saveiros. O relato dela nos apresenta a memória dos tempos onde “*O mundo todo ficou furado de estrada*”. O advento das estradas foi um dos fatores que contribuiu para a desarticulação destas redes de navegação. Dona Alice também recorda dos tempos dos navios. Ela traz à cena a memória *do Maragogipe* e das saudades de um cenário que se formava quando se aproximava ou afastava dos diversos portos que garantiam os pontos de articulação desta rede marítimo-fluvial. Recorda com tristeza da imagem *do Maragogipe* se desmanchando no porto de Salvador pela ação da ferrugem e apresenta no seu álbum de família uma imagem dele navegando na Baía.



Imagem 35. O Navio Maragogipe.

Fonte. Imagem reproduzida do álbum de família de dona Maria Alice, agosto de 2009.

Nestas embarcações atravessavam as pessoas que trabalhavam ou buscavam empregos e acesso aos serviços de saúde e educação em diferentes lugares do *Recôncavo*. Mas, como indicou a trajetória de Dona Elizete, não só entre estes lugares. Era pelas águas da Baía – antes da dinamização das linhas de ferro e depois das linhas de rodagem – que o escoamento dos pescados e mariscos e o excedente da pequena produção de alguns gêneros alimentícios (em especial, mandioca, banana, manga e outras frutas locais) aconteciam. Mas, ao mesmo tempo, deslocavam e circulavam as memórias de tempos *antigos*, as notícias dos acontecimentos e os recados dos familiares e parentes separados por estas águas. Nestas águas eram criadas, exercidas e desfeitas amizades, namoros, negócios, casamentos e outras muitas relações.

5.6. Sonhos, apadrinhamentos e obrigações

Durante a estadia na *Barra* a referência de José Sant'Ana [re]apareceu nos depoimentos de outros membros da família extensa dos *Silva Sant'Ana*. Ele havia migrado para Salvador e passou a ter um papel importante no deslocamento de outros parentes. O Seu José serviu ao exército na segunda Guerra Mundial; é um dos combatentes baianos – um dos “pracinhas” –, o que lhe posicionou num lugar social e simbólico de prestígio na sociedade baiana e, especialmente aos olhos de seus familiares e parentes da *Barra*. Em Salvador ele se casou com Virgília de Oliveira, Dona Purezinha, como é conhecida entre eles, uma *filha de Salvador*, com quem viveu até morrer. Eles tiveram dois filhos – Rogério e Roberto – e três netos. Dona Purezinha viveu mais alguns anos após a morte dele. Mesmo considerada como parente por muitos, a distinção entre eles é feita por outros. Neste aspecto, o Seu José é definido como *parente mesmo*, pois ele *é de sangue mesmo*. Quando chegou a Salvador foi morar no bairro de Brotas. Naquela época, como nos mostra a literatura, existiam ali poucas habitações e a cidade crescia para lá. Depois se mudou para *uma casa grande* na *Cidade Baixa*, no bairro do Bonfim, próximo à Igreja dedicada ao Santo de mesmo nome.³⁹⁶ Com efeito, após algumas conquistas, depois de muitas lutas por reconhecimento junto ao Estado pelos serviços prestados como combatente, Seu José se mudou para o bairro de Itapuã. Neste bairro passou a morar numa casa, dentro de um condomínio construído exclusivamente para os “pracinhas” e seus descendentes.

Durante os dias na Barra do Paraguaçu conheci Dona Maroca (irmã do Seu José), uma senhora de 88 anos de idade, muito forte e lúcida, que trabalhou por mais de trinta anos, em Salvador, em hospitais e abrigos, por intermédio das redes fornecidas pela Igreja Católica. Ela trabalhou na Casa do Retiro São Francisco – do qual diz ter participado da inauguração; no Hospital Português e no Asilo Santa Isabel. Conforme recorda, em Salvador nunca teve *casa própria*, sempre morou nos lugares onde trabalhou. Após a aposentadoria “*vim embora pra minha casa*”, me falou toda orgulhosa.

396 Na escadaria e no adro da Igreja do Senhor do Bonfim todos os anos, na segunda quinta-feira do mês de janeiro, depois do Dia de Reis, é celebrada a festa da *Lavagem do Bonfim*. A lavagem da Igreja teve início em 1773, quando os integrantes da "irmandade dos devotos leigos" obrigaram os escravos a lavarem a Igreja como parte dos preparativos para a festa do Senhor do Bonfim. Com o tempo, adeptos do Candomblé passaram a identificar o Senhor do Bonfim com Oxalá. A Arquidiocese de Salvador, então, proibiu a lavagem na parte interna da Igreja e transferiu o ritual para as escadarias e o adro.

As casas que Seu José residiu, em Salvador, comumente eram ocupadas por pessoas da *Barra*. Ali elas faziam pouso na cidade. Eram pessoas de diferentes gerações que tinham objetivos imediatos e outros mais duradouros. Pontos importantes da rede, suas *casas*, em diferentes tempos, significavam para os que sonhavam em permanecer e fazer a vida na cidade o suporte necessário e desejado. Dentre as pessoas que traçaram suas trajetórias em Salvador ligadas a rede dele, eu pus em relevo a trajetória de Dona Lita – uma de suas afilhadas. Para me aproximar mais dos tempos e contra-tempos da trajetória desta mulher e estabelecer outros enredos, destacado, a seguir, parte da narrativa em que conta da chegada à *cidade da Bahia*.

Dona Lita: *Eu vim com essa idade não sei bem de nove, dez anos, por aí! Oito, nove, dez anos... Saí da Barra do Paraguaçu para a casa de meus padrinhos com o objetivo de estudar, que era o que eles me, o que eles me... Propôs a minha mãe. Mas chegando aqui não foi nada disso. (...) Tomar conta de mim, pra botar pra estudar e tudo isso... Mas isso não aconteceu.*

De repente, encontrou-se em Salvador residindo com o padrinho e a esposa dele (Dona Purezinha). Na mala trouxe, junto aos pertences de menina, o sonho de estudar. Durante oito anos ela morou com eles no bairro de Brotas. Sua narrativa enfatizou que neste tempo se manteve a espera do momento em que ia começar a estudar. Em suas próprias palavras, Dona Lita registrou o desejo e a percepção de que eles tinham para ela outro objetivo ou mesmo o tempo para buscá-lo não era aquele da infância, conforme diz:

Cuidavam muito bem de mim e tudo mais e depois ficou (...) Fui crescendo e todo ano tinha uma proposta. (...) Mas aquele objetivo não saiu da minha cabeça, que era estudar. E todo ano eu sempre perguntava. E eles diziam: 'Não, você ainda tá muito nova, cê tá muito nova pra ir pra rua, que veio do interior...' E eu fiquei nessa... E trabalhando dentro de casa, trabalhando, trabalhando, ajudando... Foi indo. Cresci [grifos meus].

Ao que parece, o fato de ser “*muito nova pra ir para a rua*”[sic] e do *interior* eram evocados por eles para dizer do receio que tinham em deixá-la sair e, assim, começar os estudos. Era do *interior* e não conhecia a cidade. Desta forma cresceu sem conhecê-la. Junto a isso chegou o desânimo. E, *certa época*, nos olhos da adolescente, o sonho foi se esvaindo ao ver “*que não era nada daquilo*”. Portanto, resolveu voltar para a *Barra*. De

volta a *Barra*, permaneceu por lá dois anos. Sobre este tempo recordou da impossibilidade de estudar e da escassez de outros serviços, pois

o trabalho que tinha pra gente na época era o quê? A maré para a gente pescar, era os mariscos: os bebe-fumo, essas coisas toda; ostra, essas coisas que tinha. E siri mole que tanto dava de dia como dava de noite, chamava fastiar. Hoje é de lanterna, naquela época era de facho mesmo de palha de dendê, nicori, essas coisas, e a gente ia (...). [sic] Lá eu aprendi a costurar, que minha mãe botava a gente pequena – eu e a mais velha [Marizinha] – botava mesmo, nessa idade novinha como a gente tinha, mas tinha muitas pessoas que costuravam. [grifos meus].

O desejo de estudar não desapareceu e, ao tempo em que se aprofundava na arte de costurar junto às outras mulheres, ia “*pescar (...) os mariscos*”. Sua insistência em não perder de vista o sonho de estudar e melhorar de vida funcionava como o *facho de dendê* a iluminar os caminhos novamente até Salvador. *Melhorar de vida* significava a única forma de ajudar seus familiares, especialmente sua mãe, conforme narrou Dona Lita:

Queria ajudar a minha mãe, eu queria crescer e ajudar a minha mãe e via o trabalho de meu pai que não dava pra sustentar a gente e a família. Eu tinha muita pena de minha mãe que era muito trabalhadeira e não tinha como, já não enxergava e tudo, aquela pobreza... Não era? No interior. Aí eu disse: eu vou voltar pra lá.

Tratava-se da mudança definitiva para a capital e, de certa maneira, do distanciamento mais efetivo com a *Barra*. O sonho de estudar não realizado e ou realizado em parte também apareceu na narrativa de Seu Hélio, que se mudou para Salvador com a finalidade de estudar, sob a tutela dos padrinhos, como analisei. Porém, diferentemente de Dona Lita, ele ocupou seus primeiros anos na capital baiana com os estudos, além dos serviços domésticos que realizava. A experiência deles indicou a diferença de tratamento que recebiam em relação aos filhos de *verdade*, consanguíneos, com sinalizei antes.

Com o nascimento dos filhos de Seu José Sant'Ana e Dona Purezinha, Dona Lita passou a *ajudar* nos cuidados deles. Quando o primeiro filho do casal nasceu ela estava com quinze anos. Quatro anos depois tiveram o segundo filho, de quem ela diz ser “*muito apegada, muito mesmo*”. Ademais, em suas palavras: “*Eu não sei se considero como filho ou como irmão que é muito amado mesmo por mim, muito, muito e é muito bom pra mim*”.

O afeto que registra neste relato é o mesmo que fez com que ela mantivesse o laço com os padrinhos até a morte deles. Discorro um pouco mais sobre isto adiante.

Da rede que se enredou em torno da *casa* de Seu José Sant'Ana, a narrativa de Dona Lita nos conduz à história de seu primo, Alberto, que também mudou-se para Salvador com a promessa de estudo – ele, assim como ela, era afilhado de José Sant'Ana. Apesar de mobilizados pelo mesmo projeto e criados pela mesma família, suas trajetórias tomaram rumos bem diferentes.³⁹⁷ Alberto efetivou o projeto do estudo ainda na infância e juventude, enquanto ela não. Mais uma vez, recorro às palavras dela para melhor aproximar o leitor dessa experiência:

Dona Lita: *Ficou aqui direto [se refere a Alberto]. Se formou, não seguiu na faculdade porque não quis. Na época a Escola Técnica [uma instituição pública Federal, atualmente o IFBA – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia] era uma escola muito boa, fez um curso de técnico, porque tinha, e ficava o dia todo. Naquela época era um período de estudo e o outro de aprendizado prático. É tanto que meu primo, quando ele saiu daí, o primeiro emprego dele foi na **Leste Brasileira** e aposentou lá. Ela insistiu, a minha madrinha,³⁹⁸ pra ele seguir outros cursos e ele não quis. Por isso que **eu digo que o objetivo pra mim foi diferente**. Aí ele não quis, como ele achou um emprego assim que ele saiu, aí queria se estabilizar, aí foi gostando, gostando, se aperfeiçoando na coisa e foi ficando. [grifos meus]*

“*O objetivo pra mim foi diferente*”, enfatizou Dona Lita. Sua narrativa aponta para uma distinção de gênero operada por seus padrinhos. A diferença na condução da criação deles pelos padrinhos teria marcado, desta forma, os rumos de suas trajetórias. Mais uma vez, é salutar por em relevo a trajetória de Seu Hélio. Seus padrinhos criaram Maria José – que estava ali para estudar e “ajudar” nas coisas da casa – como destaquei acima. Diferentemente da experiência de Dona Lita, quem deu continuidade aos estudos, entre os padrinhos de Seu Hélio, foi Maria José e não ele. A partir destes casos é possível inferir que, além das distinções de gênero operadas na condução destas escolhas, outros critérios e sentidos foram levados em conta.

397 Após a conclusão dos estudos e da inserção no mundo do trabalho, Alberto casou-se com uma “filha de Salvador” e saiu da casa dos padrinhos e foi residir com sua esposa em um dos conjuntos habitacionais dos operários (URBIS), construídos em Periperi.

398 Dona Lita refere-se à esposa de Seu José Sant'Ana, Dona Purezinha, que apesar de não ser sua madrinha de batismo – sua madrinha era a irmã de Seu José, Marta –, era considerada como tal.

Ao regressar para Salvador, Dona Lita ainda voltou a morar com os padrinhos na casa de Brotas. Com “*dezoito, dezenove anos, assim...*” os acompanhou ao bairro do Bonfim.³⁹⁹ Nesta época, ela pode começar a circular pelo bairro e, com isso, a construir novas relações. Estes percursos pelo bairro a levaram a conhecer e a se vincular com pessoas da *Irmandade do Bonfim*.⁴⁰⁰ A partir desta rede, cingida no âmbito da Igreja Católica, Dona Lita conheceu uma professora, Neide, com quem compartilhou seu desejo de estudar. Realimentada em seu sonho, após as conversas com esta professora, Dona Lita conseguiu falar com os padrinhos:

*Aí eu peguei e fui pra, cheguei em casa e falei com ela [Dona Purezinha]. Ela, "depois vou ver isso, depois vou ver isso... Você quer estudar ali?" Gostaria. Aí quando meu padrinho chegou, um horário de refeição que meu padrinho estava em casa e aí eu falei na frente dele sobre isso, que eu gostaria de estudar naquele colégio ali, que já estava na hora, que todo ano sempre tinha uma coisa e que eu ia estudar ou então voltava para o interior, porque eu não ia ficar sem estudar. Aí ela foi, falou com a diretora que era conhecida dela e me matriculou. Aí eu fiz o primeiro ano todinho ali. Dali as professoras gostavam muito de mim. Aí viam o meu desenvolvimento, minhas notas, viam tudo e gostavam muito. Quando eu saí no quarto ano, não sei, hoje não tem isso, quando eu saí à professora, me lembro ainda da professora Neide, disse: "você agora pode dar seguimento a qualquer coisa, porque **você é muito inteligente**." Eu não sei se eu era ou não, ela é que dizia... Pelo menos eu era esforçada que eu sei. [ênfase dela] Aí eu sei que cheguei a fazer até o admissão que era difícil naquela época, admissão era quase como, não digo tanto, mas praticamente como o vestibular hoje. Admissão e era muito difícil mesmo e era muito concorrido para os alunos que queria. E eu fiz no João Florêncio Gomes eu e uma prima minha. E eu passei e essa é **a minha maior dor da minha vida**, eu passei e não deixaram eu continuar. **Aí eu fiquei com isso até hoje**. Aí fiquei, aí foi indo, foi indo, foi indo, **arranjei um namorado lá na escola** e como eu tava vendo que não tava dando certo, **não queria, não tinha nem coisa para casar**, entendeu? **Meu objetivo não era casar, nunca tive coisa para o casamento**. [grifos meus]*

Ser considerada por uma professora como *inteligente* para esta mulher, como ressaltou no relato subscrito, revela o esforço em construir e marcar proximidades com o universo da vida na cidade. O mundo do letramento, da educação formal, do “conhecimento”, que lhe pareciam e a tantas outras pessoas que conheci durante este trabalho, algo tão distante, mostrava-se possível, enfim. E ela, em sua concepção, se não era

399 Bairro antigo de Salvador que, durante muito tempo, foi cenário para onde as famílias “ricas” da cidade iam descansar em suas casas de veraneio. O cenário foi reconfigurado, ao longo dos tempos, a partir da construção de inúmeros conjuntos e vilas operárias, como espaço de destino da imigração estrangeira (a comunidade espanhola e portuguesa ainda são expressivas aí), e dos migrantes vindos do *interior* do Estado durante do processo de crescimento e urbanização da cidade.

400 Comunidade ligada à Igreja do Senhor do Bonfim. É importante salientar aqui, mais uma vez, a importância das redes conformadas entorno da religião, no caso da experiência de Dona Lita.

inteligente, era uma pessoa *esforçada*. E, na perspectiva da professora Neide, isto poderia leva-la a dar “*seguimento a qualquer coisa*” que quisesse na vida. Subjetivamente era fundamental para ela saber disso. Entretanto, não foi – pelo menos não naquele momento –, aos estudos que deu seguimento, mesmo tendo sido aprovada no teste de *admissão*.⁴⁰¹ Não dar prosseguimento os estudos é a *maior dor* que diz ter vivido. Isto a levou ao *mundo do trabalho* e, logo após, ao casamento, mesmo não sendo o matrimônio seu *objetivo*. Como frisou em diferentes momentos de seus relatos “*tinha aquela ânsia pra estudar e crescer*”, não pensava em namorar, muito menos em casar. Entretanto, foi no cenário da escola que ela conheceu o homem que seria seu primeiro namorado e marido, Seu Lídio.

O controle e as pressões continuavam e a possibilidade do casamento alimentava seu desejo em sair da tutela dos padrinhos. Queria construir sua vida, *crescer*. Mesmo não sendo o *objetivo*, rendeu-se ao incentivo de *uma colega* que, “*falou assim: 'namore com ele...'*, *eu nunca tinha tido um namorado*”. As promessas dele lhe enchiam os olhos. Pois, assim como ela, Lídio também era um jovem vindo do *interior*, de Santiago do Iguape, cheio de sonhos com ela. Isto os aproximou.

Diante das promessas de “*que se casasse ia fazer e acontecer*”. *E a pessoa naquela ilusão...*”, trilhou os caminhos do matrimônio. Muitos obstáculos cercaram o caminho até o casamento. No primeiro encontro de namoro, feito às escondidas, Dona Purezinha, atenta aos movimentos, como enfatizou Dona Lita, “*foi atrás de mim e me pegou. Aí me botou pra **namorar na porta**, pra não ficar na rua. Passou uns tempo eu fiquei noiva*” e, após mais de quatro anos de noivado, casaram-se e foram morar de aluguel no bairro da Liberdade. A busca por uma moradia própria começava naquele momento.

A inserção de Dona Lita no *mundo do trabalho* coincide com este período e foi possibilitada por meio das redes dos *ex-combatentes* e da Igreja Católica. Em Salvador os *ex-combatentes* constituíram uma comunidade bem articulada, como salientei anteriormente. Entre eles os laços foram consolidados, especialmente depois que todos foram morar no condomínio em Itapuã, e o apoio era mútuo.⁴⁰² Através de um deles, Dona Lita conseguiu emprego na fábrica de cigarros da *Souza Cruz*, onde permaneceu por três anos. Antes deste emprego na *Souza Cruz*, trabalhou numa lanchonete no bairro do

401 Dona Lita realizou a prova de *admissão* no Colégio João Florêncio Gomes, no Bairro Ribeira.

402 Lá eles formaram a Associação dos Ex-combatentes.

Comércio, mas “*não deu certo, pois o dinheiro era pouco*” para se sustentar em Salvador e *ajudar* a família na *Barra*, além de contribuir com as despesas na casa dos padrinhos. Depois desta experiência no Comércio, começou a trabalhar no Colégio Católico São José, localizado no próprio bairro.⁴⁰³ Da experiência no Colégio São José lembrou com satisfação, pois sua *inteligência e habilidade com as contas* foram valorizados, enfim. Com disse: “*Era boa, mesmo!!*” e o reconhecimento disto veio de uma das *Irmã* responsável pelas compras e despesas do *Colégio*. A confiança nela foi aumentando e, paulatinamente, passou a dividir a função com a referida *Irmã*. Entretanto, o salário era baixo e, por este motivo, resolveu se candidatar ao emprego na *Souza Cruz*. Nesta empresa permaneceu por três anos. Já casada, nesta época, teve o primeiro dos seus dois filhos, Sérgio.⁴⁰⁴ Logo após o nascimento ele adoeceu. Para cuidar dele se afastou do trabalho e no retorno foi demitida.

Seu Lídio, além dos trabalhos que fazia em Salvador, “*viajava nos feriados e finais de semana pro Iguape para comprar mercadorias [marisco, camarão e peixe] pra vender*”. Com a demissão de Dona Lita, o dinheiro diminuiu e ficou difícil custear as despesas com *casa de aluguel*. Ao receber a indenização da *Souza Cruz*, Dona Lita e Seu Lídio resolveram mudar o *rumo* da vida e, então, saíram do aluguel. Mudaram para uma casa que Seu Lídio alugava e sublocava, na Baixa dos Sapateiros. Conforme recordou Dona Lita, após a decisão de mudar-se para *os Sapateiros*, tratou de imediato de desfazer o contrato de aluguel do local onde estavam morando. Para tal, disse à proprietária: “*meu marido tem uma casa de aluguel, que ele subloca, e eu tô precisando de fazer economia, eu vou pra lá pra poder tentar uma outra coisa, que eu consegui uma indenização e eu preciso economizar*”. Com isto ela contava que, além do contrato ser desfeito, fosse isenta da multa contratual, haja vista que eles tinham firmado contrato a menos de um mês.

A preocupação de Dona Lita, à época, era deles serem confundidos com “*gente de nível duvidoso...*”. Seu Lídio utilizou como estratégia o aumento dos valores do aluguel

403 Ela conseguiu este emprego através da “Irmandade do Bonfim”.

404 Atualmente reside em Fortaleza, onde trabalha prestando serviço para os bancos, com manutenção de máquinas. Para Dona Lita, o fato dele não ter uma formatura foi se tornando um problema para continuar empregado e “*ficou muito difícil trabalho aqui, muito tempo desempregado. Trabalhou em muita coisa, sempre se jogou a tudo pra trabalhar, mas era muito difícil; na última fase ficou muito difícil pra ele escapar do desemprego. Aí ele foi pra Recife – um dia ele se jogou para Recife – e agora tá lá em Fortaleza. Se jogou. Tem seis anos que tá fazendo. Se jogou com a cara e a coragem. Sem conhecer ninguém, sem conhecer nada*”.

para os piores inquilinos. O objetivo deles era substituir estes inquilinos por “*peças recomendada, que fosse de família*”, conforme descreve:

Dona Lita: *Aí a gente foi colocando moças e rapazes, quer dizer, com pessoas que a gente tinha conhecimento, moças do interior... Veio gente da terra dele, umas quatro irmãs que moravam em Santiago do Iguape. Veio moças de Sapeaçu que estudavam aqui e que não tinham onde morar e queria assim coisa de lugar de **peças recomendada, que fosse de família**. Aí veio moças de vários lugares. Santo Antônio de Jesus... Tinha gente de Amargosa... Tudo irmão. Entendeu? E assim, primos e irmãos. Teve outros lugares também. São Felipe. Então a gente formou assim, ficou parecendo o dono de uma república, que república é só o povo (...). Mas ficou gente assim. Só tinha duas senhoras, duas irmãs – que era gente que trabalhava [como doméstica] e não tinha onde ficar, não queriam ficar com a família que trabalhavam... E ficou assim, esse pessoal de gente que se formou no ICEIA, gente que se formou pelo CENTRAL, e outros de outros lugares. E foi assim, os meninos que estudavam, **tudo comportado**. [grifos meus]*

Então, com estas *peças de família* foi se constituindo uma *república* de estudantes do *interior*, que chegavam à capital para estudar em escolas públicas de referência em Salvador, ainda, em inícios dos anos de 1970. E foi ficando *tudo comportado*. Nesta época, Dona Lita abriu uma “*porta de calçados*”. Através de “*um rapaz direito*”,⁴⁰⁵ que tinha *conhecimento*, ela chegou às fábricas de calçados da cidade. Em seus termos: “*Aí eu comecei a comprar a vista, o ponto eu não pagava... Depois o pessoal foi me vendo, como era o meu jeito de trabalhar e vendo que era pessoa certa e aí foi abrindo pra pagar todo sábado; depois ia aumentando o crédito. E aí eu fui ficando, ficando, ficando sozinha*”. Enquanto ela dava passos para se consolidar como comerciante, Seu Lídio trabalhava “*na pastelaria, Padaria Paris*” e continuava suas travessias para o Iguape para comprar pescados e revender em Salvador.

O negócio dos calçados foi “*crescendo, crescendo, e fui me estabelecendo*” e não dava mais para ficar *sozinha*, contou Dona Lita. Ela passou, então, a contar com a ajuda de um jovem vizinho,⁴⁰⁶ e depois do marido. A partir dos lucros obtidos com as vendas, “*dessa*

405 Dona Lita não lembrava o nome do *rapaz direito*. Destacou que o *conhecimento* que detinha acerca destes fornecedores de calçados havia adquirido após anos de serviços prestados na gráfica de sua propriedade, que funcionava num dos vãos que alugava ali.

406 Conforme destacou, ele “*morava duas casas depois dessa, eu era 93 e o menino parece que era 95, um rapaz que morava com uma senhora, um menino de onze, doze anos – que é até meu afilhado – aí fez amizade comigo e começou a me chamar de madrinha, que não era batizado. Aí começou e me levava pra lá pra conversar com a mãe dele, em dias que a mãe tomava conta de uma senhora nessa casa aí [refere-se ao n. 93, onde moravam]. Aí esse menino quando vinha da escola e me vendo sozinha, esse menino começou a me ajudar. Levava os livros e fazia os exercícios dele e depois começava: “**aí, minha madrinha, eu vou ajudar a senhora...**” E ia lá buscar água pra mim; se eu ia atender uma pessoa ele ficava olhando se fosse*

porta partimos pra uma lojinha no quase defronte a um espaço que hoje fazem música, onde era a igreja [refere-se à Igreja da Nossa Senhora da Barroquinha],⁴⁰⁷ eu tive uma loja ali, defronte daquela igreja, no número 17, da Barroquinha. Primeira loja minha.” A partir deste ponto, foram comprando outros pontos entre a Barroquinha e a Avenida Sete de Setembro, somando um total de cinco lojas. O crescimento dos negócios de calçado lhe possibilitou a aquisição da primeira *casa própria*. A partir de então, passou por diferentes bairros de Salvador. Destaco a seguir o circuito produzido por ele e sua família:

Cristiane: Quando a senhora saiu dessa casa [na Baixa dos Sapateiros] foi morar onde?

Dona Lita: *Logo, pouco tempo que a gente tava aí, quando teve logo a primeira loja a gente **comprou uma casa na Cidade Nova**, uma casa assim sem reboco, toda pronta, sem reboco. Entendeu? Isso aí tinha um ano e pouco e a gente conseguiu essa casa. Uma senhora queria se sair daí que não tinha como ela terminar e não gostou do lugar, não sei o quê lá, aí a gente foi morar, comprou essa casa, deu uma parte e ficou pagando, acho que de três vezes a gente pagou. A primeira casa que eu tive.*

Cristiane: Morou quanto tempo na Cidade Nova?

Dona Lita: *Morei muito tempo, não me lembro assim os anos, mas morei muito tempo, tive até meu segundo filho lá. Que meu filho é a diferença de três anos um do outro, quase quatro anos um do outro, e fui pra lá e o menor [Sérgio] estava mais ou menos com um ano e pouco...*

Cristiane: O mais velho?

Dona Lita: *O mais velho. O outro nasceu lá. Depois que o outro nasceu aí eu sai por quê... O outro é Ivan⁴⁰⁸. Depois que eu tive ele, o segundo, eu tive que sair de lá por que eu tive um problema muito grave depois do parto, uma hemorragia muito séria depois do parto... Fórceps. Dezoito dias depois de parida eu já tava até fazendo umas coisinhas assim, lavando a roupinha dele, passando, aí eu tive essa hemorragia. A hemorragia foi tão brutal que eu não pude caminhar e era*

mais de uma pessoa... E ficou, me ajudava. Aí eu dava uma coisinha [pagamento] a ele, sempre final de semana e tudo. Não queria... Aí depois quando o meu marido viu que tava rendendo e aí chamou uma irmã dele pra ficar comigo. Ele já queria sair do emprego, eu disse não, ainda é cedo”.

407 A Igreja da Barroquinha, como é conhecida localmente, foi tombada pelo SPHAN, atual IPHAN, em 1941 e atualmente abriga o *Espaço Cultural Barroquinha*. A Igreja da Barroquinha, construída entre 1722 e 1726, foi quase totalmente destruída por um incêndio em 1984. Após o sinistro, a Igreja ficou abandonada e em degradação. Conforme informações fornecidas pela Fundação Gregório de Mattos (FGM) – órgão público, ligado à prefeitura de Salvador –, a Igreja, no passado, “além de um templo católico, era um espaço ligado às tradições das nações africanas, sendo frequentada por mulheres “nagô-iorubás”, da nação Ketu, e pela população e trabalhadores locais”. Em 1991, o FGM celebrou convênio com a Arquidiocese de Salvador e aprovou a implantação do projeto de transformar a Igreja num Espaço Cultural, através da lei de incentivo à cultura. Entretanto, só em 2002 o convênio foi assinado com patrocínio da Petrobras. Em março de 2009, após a reforma e restauro das ruínas da Igreja, o Espaço Cultural foi inaugurado. Cf.: <http://www.culturafgm.salvador.ba.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=12&Itemid=5>, acessado no dia 25 de março de 2013.

408 Ivan casou há três anos com uma de suas primas e se mudou para o bairro da Vila Laura. Ivan concluiu o ensino médio e começou a fazer um curso superior na UNIANA (Institutos de Educação Superior), uma instituição privada, mas não concluiu, conforme Dona Lita, por escassez de recursos para continuar custeando as mensalidades.

uma ladeira que eu morava e eu subi e quando já estava na porta, meu marido se apavorou porque foi uma dificuldade muito grande para me transportar para o hospital. Aí quando eu saí do hospital eu já nem fui mais pra lá... O meu padrinho morava no Bonfim, ele morava numa casa térrea e como o terreno era acidentado, em cima tinha um apartamentozinho de lado, sabe...?

Cristiane: Então a senhora voltou pra o Bonfim?

Dona Lita: *Pro Bonfim, pra casa de meu padrinho de aluguel. Aí morei aí um tempo depois. De aluguel. Um apartamentozinho. Aí a gente ficou aí um tempo e depois eu fui morar em Nazaré. Fui a pessoa que mais se mudou na vida. Nunca vi, parecia cigano... Fui pra Nazaré, numa casa nossa, mesmo. Morei num apartamento e depois consegui uma casa na Rua da Poeira [em Nazaré]. Daí eu só, graças a Deus, eu cresci. A gente começou... Cada ano a gente tinha um lucro naquela época. Toda festa tinha um lucro, mas não pagamos o meu marido nunca conseguiu pagar a aposentadoria pra mim, nunca deixou. Dizia ele que eu tinha tudo, pra quê eu queria aposentadoria? [grifos meus].*

Aos filhos procurou oferecer as melhores escolas, as particulares, em seu conceito. Desejava que eles tivessem o que ela não conseguiu ter, a *formatura*. Ao fato deles não terem concluído os estudos (nível superior), ela atribui a responsabilidade à sua *vivência* de peregrinação pela cidade. Nela sempre se manteve próximo dos padrinhos, como afirmou: “*tudo que eu fazia era com meu padrinho e minha madrinha, sempre assim, eles sempre, ele tomando conhecimento de tudo que eu fazia. Entendeu?*” Sua ligação com eles era forte e tudo que pretendia fazer buscava a consentimento deles. Quando da mudança para a Baixa dos Sapateiros foi saber deles o que achavam, como sublinhei. As palavras do padrinho foram de ponderação:

Você [Lita] já pensou onde é que você vai, você quer ir morar lá? Você já pensou onde você vai se meter? Uma pessoa que não é acostumada a muita coisa, como você não é, teve uma criação dessa como você teve e sua natureza é assim também. Você já pensou, você se meter nesse lugar? Você não vai poder chegar na porta não.” Eu não sou de porta, nunca fui de porta. “Não vai poder chegar na porta feriados e domingos nem... Porque dia de comércio é dia de comércio, todo mundo tá passando ali, tudo bem. Todo mundo é todo mundo. Não sabe quem mora lá, é um bocado de mistura. [grifos meus].

A vida inteira se manteve ligada a *casa* dos padrinhos. Seus passos, de certa forma, continuaram guiados pela *consideração* que tinha por eles, mesmo após o casamento. Foi esta *consideração* que a fez regressar para *casa* [deles] durante parte da velhice para cuidar deles.

Esta forma de instituir as relações de compadrio e trabalho não constitui nenhuma especificidade no caso. Ao contrário, caracteriza a trajetória de muitas outras pessoas,

especialmente mulheres oriundas de comunidades interioranas que aportaram na velha *cidade da Bahia* em busca de possibilidades diferentes daquelas que estavam disponíveis em suas terras natais e incorporadas a estrutura de outras famílias como *crias da casa*, ou como *quase da família*, *filhos de criação*, gerando entre fortes laços de dependência, afetivos e de *consideração*.

Parece-me que este processo lega, em determinados aspectos, a manutenção de uma mentalidade e uma estrutura que reservou a muitas destas mulheres na sociedade brasileira um lugar de subalternidade e “servidão”, que se manifesta na reserva do trabalho doméstico e na impossibilidade de acesso à formação escolar que as qualifique para se inserir em outros setores do *mundo do trabalho*. Mesmo com todas as mudanças que observamos nas últimas décadas, alguns estudos registram casos de mulheres que trabalham em *casa de família* ou *em casa de branco* – como é comum ouvir nas narrativas de muitas mulheres que entrevistei no Subúrbio Ferroviário de Salvador –, e que ali permanecem até morrer, sem construir, muitas vezes, suas próprias famílias, ou perdendo-as, quando conseguem constituí-las, mediante a dedicação às famílias que as criaram.

Os caminhos feitos por alguns *filhos da Barra* foi o que busquei traçar nesta narrativa compartilhada como Dona Lita, Dona Alice e Seu Hélio. Nos percursos por Salvador Dona Lita produziu relações com sua terra natal através dos laços que manteve com os familiares e parentes que, assim como ela, estavam na *cidade*. Dona Alice e Seu Hélio, além de atualizar e reatualizar estes laços com nos espaços da cidade, o fizeram nas permanentes subidas e descidas entre Salvador e a Barra do Paraguaçu, com os que por lá ficaram. A casa construída na *Barra* era a assento produzido para o retorno desejado por eles, mais por Seu Hélio do que por Dona Alice. Essa não se via distante dos filhos, apesar querer ficar por lá também. Cada vez mais frequentes, as viagens e as demoradas estadias dele na Barra indicavam que a mudança já estava acontecendo.

Como disse antes, distante do campo mantive contato com Luís através de e-mails, redes sociais e por ligações telefônicas esporádicas que me atualizava dos acontecimentos e das informações. Neste ano, recebi dois e-mails de Luís dando notícias, primeiro da internação de Seu Hélio no Hospital do *Subúrbio* e da preocupação da família com o atendimento dado; no segundo, do seu falecimento decorrente de infecção hospitalar generalizada, da tristeza de todos da família e, por fim, do conforto vindo com a

consideração dada ao seu pai pelos amigos e familiares, demonstrados nos dois velórios que teve: um em Salvador e outro na Barra do Paraguaçu, onde foi enterrado. No percurso traçado por Seu Hélio, voltar para *casa da Barra* parecia inevitável.

Reproduzo abaixo os e-mails que Luís e eu trocamos:

– Luís Henrique Sant’Ana (7 de junho):

Meus amigos,

Meu pai retornou doente da Barra do Paraguaçu no dia 30 de Abril.

Internamos ele no Hospital do Subúrbio e uma vez na UPA de Periperi.

No dia 10 de maio, ele foi internado com pneumonia. Foi curado, mas contraiu uma infecção hospitalar.

Hoje, ele está sedado, entubado e com sonda na Unidade de Estabilização do Hospital porque não há vaga na UTI.

Luís.

– Cristiane (8 de junho):

Luís,

Fico muito triste em saber que Seu Hélio está internado e nestas condições. E sua mãe, como está? Nós últimos quatro anos tenho me dedicado a contar a história dele e de outras pessoas que, da mesma forma, trabalharam e dedicaram suas vidas a construir e erguer os mais diversos bens sociais nesta terra Brasil e que são esquecidas histórica e culturalmente. E a história parece nos oferecer sempre pontos de continuidades quando vemos nossos pais e mães envelhecendo, adoecendo sem nenhum ou quase nenhum apoio, cuidados e benefício dignos por parte deste Estado... Perdi meu pai e um dos meus tios maternos este ano por negligência médica e falta de cuidados. É duro!!!

Gostaria de poder estar aí para dar um apoio mais de perto a todos vcs, mas ainda estou por aqui...

Espero que seu pai se recupere tão logo... Ele é um homem forte. Daqui vou rezar pedindo melhoras. Por favor, me mantenha informada. Um forte abraço e mantenha-se atento e forte, meu amigo. Manda um forte abraço para Dona Alice. Estamos juntos!!!

Cris

– Luís Henrique Sant’Ana (12 de junho):

Oi Cris,

Retornei hoje pela manhã da Barra do Paraguaçu, onde foi feito o sepultamento de meu pai na segunda-feira, à tarde. Ele foi transferido para a UTI do Hospital do Subúrbio no sábado à noite e faleceu às 9h11min do domingo.

Fizemos uma homenagem a ele aqui em Plataforma no final da tarde do domingo e em seguida levamos o corpo para a Barra do Paraguaçu, onde ficamos aguardando os nossos familiares de chegarem para fazer o sepultamento.

Confesso-lhe que está sendo muito difícil. Às vezes parece que fui devastado por um furacão. A dor e a saudade são enormes.

O velório, tanto aqui quanto na Barra, foi muito bonito. Duas famílias de vizinhos nossos chegaram à Barra quando estávamos levando-o para o cemitério.

– Cristiane (12 de junho):

Luís,

Meus sentimentos mais profundos, meu amigo!

Sinto porque não estava perto para ir me despedir de Seu Hélio junto com todos vcs.

Imagino como estão todos em sua casa... A dor é grande, sei disso!
Manda meus pêsames pra sua mãe e Aline. Sua mãe vai precisar muito de vocês,
Vai precisar de muitos cuidados... A vida dela foi toda dedicada a ele e a vocês.
Lembre-se que seu pai foi um homem lutador que fez da sua vida uma história de
superações, do jeito dele, do jeito que a vida lhe possibilitou. Agora é preservar a
sua memória. Espero que meu trabalho sirva para alguma coisa neste sentido.
Fico muito triste por que ele não vai ler o que escrevi sobre ele.
Que ele descanse em paz agora!!!!
Um forte abraço, com tristeza.
Cris

No próximo capítulo, entro no universo das gerações dos que nasceram na cidade
– os filhos e netos dos migrantes, para narrar sobre as relações que estabeleceram com os
projetos de vida das gerações anteriores, além de sublinhar os seus próprios projetos nos
deslocamentos que fazem pela cidade.

CAPÍTULO VI

OS FILHOS DA CIDADE: PERCORRENDO OUTROS CAMINHOS

*O importante não é a casa onde moramos
Mas onde, em nós, a casa mora (avó Mariano).⁴⁰⁹*

Preâmbulo

O trabalho com histórias de vida, intercruzando narrativas de diferentes gerações de migrantes e seus descendentes nos grandes centros urbanos não é um tema recente nos estudos antropológicos. Como dito antes, uma referência importante advém dos estudos clássicos desenvolvidos na Escola de Chicago. Dentre estes, parece-me interessante, mais uma vez, recuperar o trabalho realizado na Cidade do México, nos anos 1940-1950, por Oscar Lewis. Nos *Filhos de Sanches* (LEWIS, 1970), o autor deslindou as experiências de diferentes gerações de uma mesma família que vivia a situação da migração e da pobreza numa cidade que crescia a passos largos e se adensava demograficamente. A partir dos relatos de Sanches e de seus filhos, Lewis nos levou ao universo das experiências de vida destes sujeitos na cidade. As narrativas apresentadas por eles conduziam às estratégias apreendidas e forjadas na cidade em diferentes tempos; possibilidades abertas e ou restritas diante da vida na metrópole, lógicas e modos que operavam as relações familiares, e ao mesmo tempo em que as alteravam; processos cognitivos e de subjetivações, mudanças no modo de vida – referidos ao campo – e projetos de vida entre migrados e os nascidos na cidade; redes de apoio mútuas e as sociabilidades e os conflitos que orquestraram estes processos.

Em outro tempo e cenário, conduzido por outras questões, Pierre Bourdieu desenvolveu trabalhos com jovens nos subúrbios franceses,⁴¹⁰ filhos de *migrantes* árabes e africanos nascidos naquele país e o processo de segregação e marginalização vivenciadas por eles. No caso, abordou a baixa ou ausência de escolarização, a pobreza e estigmatização produzida pelas instituições do Estado e os constrangimentos junto a uma sociedade que

409 Personagem de Mia Couto em “Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra”.

410 BOURDIEU(1999).

historicamente os nega. Em suas reflexões o autor apontou para os projetos pessoais e sociais que alimentavam as trajetórias destes jovens, indicando pontos de convergência e distanciamento aos projetos e ou experiência de seus pais. Especificamente, Bourdieu no ensaio “A ordem das coisas” acentuou o processo de configuração dos lugares sociais estabelecidos, os destinos enunciados e anunciados para os moradores, jovens do norte da França.

Na perspectiva de compreender para além dos *destinos enunciados e anunciados*, apontados na análise de Bourdieu, coloquei em revelo as experiências de alguns dos jovens *filhos da cidade*⁴¹¹ com os quais convivi nos últimos anos, para trazer à baila as *memórias contadas* e *memórias vividas* por eles, tanto para me aproximar tanto do universo cultural e das práticas sociais deles quanto das representações que têm dos *lugares de origem* dos mais velhos de suas famílias, bem como da própria cidade onde nasceram. A finalidade é pensar o processo de subjetivação, as escolhas e a prática deles em meio à vida. Para tal, tracei os percursos recentes destes *filhos da cidade* nas redes sociais em que estão inseridos e ou nas quais buscavam (buscam) se inserir, na oportunidade. Transitei por sobre as linhas desenhadas de suas vidas com a finalidade de registrar e entender as narrativas das experiências vividas entre as últimas décadas do século XX e a primeira do XXI. A proposta não foi, de forma alguma, apresentar a trajetória de cada um deles, mas sim alinhar temas e questões.

6.1 - Memórias de uma infância objetivada

As primeiras lembranças que tenho do *Subúrbio* são do final da década de 1970 e início de 1980. Lembranças da infância que me trazem memórias que desenham imagens das histórias contadas pelos mais velhos da minha família patrilínea, assim como daquelas vividas por mim. Estas memórias, muitas vezes, aparecem inter cruzadas. Objetivamente, as *memórias de experiências contadas* se confundem com as *memórias das experiências vividas*. Observei o mesmo entre as pessoas que abriram as portas de sua vida para mim. Ao compartilhar conversas percebi contradições e deslizes contextuais e de significados que

411 Estes filhos da cidade com os quais trabalhei encontram-se hoje com idades entre trinta e quarenta anos.

me pareceram decorrer dos limites tênues entre estas dimensões da memória. Mas eram destes limites, ou melhor, do desejo de ultrapassá-los que se nutriam as inquietações motivadoras no presente.

De forma emaranhada, lembrei-me de pessoas que conheci e das histórias que contavam sobre Salvador, o *Subúrbio* desses tempos. As lembranças da minha infância se forjaram neste vasto território, em Plataforma, Periperi e Alto de Coutos. O *Subúrbio* era a imagem, não apenas, do trem das suas incansáveis idas e vindas sob uma linha sinuosa por onde deslizava sobre um dos trechos da Baía de Todos dos Santos. As histórias que ouvia indicavam a posterior consolidação deste território numa área de expansão da cidade. Nele os migrantes abrigavam-se com seus dramas pessoais e sociais, entre os sonhos e o desejo da “vida melhor” e da *casa própria*. Então, passei a me questionar sobre eles. “Fugir”, primeiro, das impossibilidades materiais e existenciais de se manterem em seus locais de *origem*; e, já na cidade, encontrar novas possibilidades de inserção social e cultural. As narrativas dos meus familiares paternos e maternos eram recorrentes. No caso, instituía e afirmavam o estudo e o trabalho como as únicas formas para alcançar a melhoria de vida. Posteriormente, entendi, assim como me narrou, também, tê-lo entendido Dona Mira e Dona Railda, em um determinado momento de suas vidas, que isto não era um desejo, um projeto individual ou de uma ou algumas famílias específicas, mas sim de muitas pessoas.

Morei em Plataforma desde que nasci até finais da década de 1980 com meus pais em meio a uma família extensa que compreendia muitos de meus consanguíneos patrilíneos e seus agregados. Mas por lá passaram alguns dos meus tios maternos ao chegarem à cidade como ponto de apoio e ou para compartilhar a vida por tempos mais duradouros na dificuldade de sustentar um lugar para morar.

Meu avô, Bevenuto, e meu pai, Dario, reafirmavam em suas narrativas que a crise que se abateu sob o *Recôncavo*, diminuindo dramaticamente as possibilidades de emprego e renda para muitos dos que ali tinham as linhas de suas vidas traçadas desde tempos imemoráveis por seus antepassados, os fez decidir mudar para a capital do Estado. De outro lado, minha mãe, Crisomar, havia fugindo da *seca no sertão* mineiro e do controle do pai. Ela dizia que buscava outras oportunidades na vida e liberdade. No início dos anos 1970, então, seguiu o rastro do seu irmão mais velho, Antônio, até a capital baiana, onde ele já estava inserido na rede do trabalho da construção civil. Confrontar outros relatos de vida

com as experiências dos meus familiares me possibilitou compreender melhor alguns aspectos deste processo de maneira mais ampla.

O “velho Bevenuto” era pescador e o foi à vida toda. Ele procurou na cidade um lugar próximo ao mar. Lembro-me dele contando que o fez para garantir a si mesmo e aos seus filhos homens, que se dedicavam ao mesmo ofício, a possibilidade da pesca (como um recurso de subsistência, se necessário) na cidade. E isto foi possibilitado a ele e ao meu tio Raimundo – pescador e também mergulhador do profundo interior do mar. Lembro-me das infinitas vezes em que meu tio Raimundo chegava das pescarias, junto com seus parceiros de arte – muitos deles recém ingressados no ofício e ainda em formação e por outros já versados nela, que há muito viviam da pesca nas proximidades –, para fazer a separação, a divisão e o corte do pescado. Esse ritual contava sempre com a participação eufórica de um público grande, principalmente de muitas crianças curiosas. Algumas vezes o ritual era acrescido por situações incomuns, a exemplo do abate de tartarugas – na época em que elas não eram protegidas por uma legislação ambiental –, pois estas comumente já chagavam mortas, restando apenas o corte. Destes momentos inusitados de abate das tartarugas, lembro-me do som de choro de criança e da sensação de dor que se fixaram por muito tempo e que faziam com que eu me escondesse daquele cenário, muitas vezes. Esta sensação-imagem com o tempo tornou-se algo familiar e eu já acompanhava todo o ritual junto com meus primos. Para as mulheres ficava o trabalho de limpeza do pescado e da mariscagem que, por vezes, realizavam.

Outra dimensão evocada por meu avô para explicar por que havia escolhido Plataforma para o seu novo assento era a sensação agradável que o mar lhe trazia, o que nos meus olhos de hoje, leva-me a crer que alimentavam, ao mesmo tempo, uma ligação com o universo no qual havia nascido e crescido. Numa família de cinco filhos adultos, dois dos quais trabalhando já em Salvador, possibilitou aos meus avós comprarem uma casa nela. O lugar escolhido foi o alto de uma colina, num outeiro próximo ao mar, que dominava a vista para as enseadas do Cabrito e dos Tainheiros. Meu pai havia migrado para servir ao exercito, minha tia mais velha, Cacilda, que havia estudado em Valença para *professora* conseguiu uma escola em Plataforma e depois fora do bairro, onde lecionou por anos até ser contratada para trabalhar no IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis), quando de sua criação, através da indicação do irmão mais velho,

que trabalhava na Petrobras e tinha redes de amizade na recém-criada instituição. Ele havia sido criado em Salvador por uma família que o colocou para estudar. Daria (outra tia) era costureira e isto a fez construir muitas relações no bairro, o que a transformou numa pessoa corriqueiramente solicitada.

A imagem de infância do alto de Plataforma era do mar, do trem que passava sempre nos mesmos horários, das pessoas pescando e mariscando, das corridas dos barcos a vela. Velas que enchiam meu imaginário de beleza e poesia. A maioria das ruas, no início da década de 1980, era estreita e de “barro” [terra], sem nenhum tipo de calçamento, e o esgoto corria em valas com coberturas improvisadas, quando não a céu aberto. As casas, na maioria, lembravam as que costumamos ver nas cidades do *interior*: moradias com um pavimento, com telhados de duas águas, ou ainda, em alguns casos, casarões ou sobrados, muito típicos da arquitetura do *Recôncavo*. É o exemplo da casa onde eu residia — um grande sobrado amarelo de dois andares —, que servia como ponto de referência na rua para todos os moradores. Ali, meus pais, avós, tias e primos se alojavam, distribuindo-se pelos dois pavimentos. Eles, assim como outras famílias, compartilhavam a moradia, muitas vezes, pelas impossibilidades econômicas de se separem; por outro lado, muitas vezes, como uma estratégia de manutenção de laços de sociabilidade e ajuda mútua.

A constituição da *casa* como uma dimensão, não só prática, mas simbólica, como um conjunto de representações sociais e culturais, de valores morais, que configuram uma forma de organização familiar e social mais ampla para as famílias negras em algumas cidades do *Recôncavo*, como referência à qual a família se pertence, de quem se é parente, era muito evidente em minha família. Eu era a neta de Seu Bevenuto, da casa de Dona Firmina, sobre os quais se nutria uma visão e uma expectativa. No âmbito interno da família se construía planos a partir dos anseios mais gerais da família. Então, para nós, os *filhos da cidade*, existiam projetos sonhados, quando não claramente traçados. Como os recursos eram poucos, para alguns de nós o investimento era maior e seguia critérios diversos, sejam de idade, aptidão, afetividade etc.,

Em minhas *memórias vividas* de Plataforma emerge a presença de grandes e densas áreas verdes; nos caminhos e ruas, árvores frutíferas — manga, abiu, jaca, tamarindo, jenipapo, dentre outras — deixavam cheias de sabor as brincadeiras de criança;

e, por fim, muitos locais de charco⁴¹² e mangue, nos quais brincávamos em meio à lama, aos caranguejos e guaiamus, tão comuns à paisagem local. Plataforma e os outros bairros das imediações, como Lobato, São João do Cabrito, Novos Alagados e Itacaranha, compartilhavam um cotidiano marcado pelo trabalho e lazer no mar. Muitos moradores trabalhavam fora, mas a maioria (crianças, jovens, velhos e mulheres) trabalhava na beira do mar. Lembro-me das incontáveis idas à maré para pescar, mariscar e catar caranguejo.

Do alto da colina onde residia na Rua Formosa – na época uma das principais vias de circulação em Plataforma –, eu assistia às belíssimas regatas dos barcos a remo e a vela que aconteciam nas enseadas dos Tainheiros e do Cabrito, em períodos de festas e feriados, ou ordinariamente aos domingos, mobilizando os moradores de Plataforma, Ribeira, São João, Itacaranha e de outras localidades em formação no entorno. Outra imagem que se destacava em meus olhos de criança era a das pequenas casas sobre a maré — as palafitas que lentamente iam consolidando o bairro de Novos Alagados e cujo número aumentava a cada dia. À noite, a visão da pequena enseada existente no São João, onde se formava o bairro de Novos Alagados (à época *invasão*), em cima do mar, era a imagem de um céu estrelado refletido na água. Eram as pequenas casas que começavam a se fazer visíveis também à noite – a luz chegara para algumas delas. A constelação de luzes no horizonte do mar não era mais tão distante como antes, quando o que víamos eram aquelas que se despontavam na Ribeira e ao longe no *centro* da cidade e na ponta do Porto da Barra. Agora as luzes estavam mais próximas, logo ali perto, no São João, na pequena enseada onde tinham casas de madeira em cima da água. Na Rua Formosa os terrenos vazios começavam a ser ocupados e novas casas se erigiam, dando outras cores e trazendo outras pessoas ao convívio no lugar.

De toda forma, a vida apresentava-se tranquila e o bairro estava crescendo. Existiam ainda nestes locais muitas chácaras ornadas de mangueiras, araçazeiros, jaqueiras, bananeiras – presença comum ao longo de todos os bairros do *Subúrbio* como os relatos com os quais trabalhei me deram a ver. Havia lagoas e pequenos riachos onde as crianças brincavam e as mulheres lavavam roupas das suas e das famílias alheias; fontes de água

412Área alagadiça permanentemente saturada de água.

doce onde se buscava água — coisa que as crianças, a despeito do cansaço, gostavam de fazer porque fazia parte do universo das diversões.

Naquele período, muitas ruas do bairro foram, aos poucos, sendo calçadas — assim também o foi a Rua Formosa. A pavimentação trouxe uma mudança marcante nas feições dela e de todo o bairro, ou melhor, o que eu conhecia dele. As edificações foram se transformando. Os jardins acolhedores na frente das casas começaram a desaparecer. Algumas casas perderam as fossas sépticas e ganharam uma canalização de esgoto que passava por baixo da terra. As brincadeiras na rua passaram a ser mais controladas, pois os carros agora eram mais presentes e velozes. Antes do asfalto chegou água que, antes, se configurava como um grande problema para os moradores, principalmente, as mulheres, como sublinhei. Já tinham energia elétrica, porém os problemas no fornecimento eram constantes. O ambiente era, então, apropriado para que os mais velhos se sentassem nos batentes das casas a contar suas histórias de vida no *interior*. O cenário continuou mudando. Para muitos a vida pacata, interiorana, de beira de mar, foi perdendo espaço para a vida do trabalho fora do bairro — eu assim o percebia. Isto acarretou mudanças nos contatos entre vizinhos, que também passavam a viver mais tempo fora. As regatas já não eram tão frequentes nos domingos. Foram-se dissipando com a poeira dos jogos de futebol do São João, onde os homens se encontravam para as disputas entre os times do bairro, para o *baba*, em partidas que se reuniam centenas de pessoas.

Durante o tempo em que morei em Plataforma, estudei na Escola Municipal Machado de Assis, na Rua dos Ferroviários, no São João do Cabrito. Era por ela que eu costumava passar todos os dias no trajeto para a escola, entre os seis e os dez anos de idade, atravessando a *Ladeira do ACB* — nome referente à sua função social de espaço de namoro para os jovens do lugar.

Em 2011, durante a pesquisa de campo desse trabalho, refiz alguns destes caminhos na companhia de Ediane, com a finalidade de visitar a família dela que reside nos *Ferroviários* e em algumas de suas transversais; bem como, esperançosa de reativar minhas próprias memórias e acompanhar as mudanças que haviam acontecido ali. De maneira recorrente, o que eu ouvia, então, sinalizava para as novas práticas exercidas na *Ladeira do ABC*, que a transformou (pelo menos no imaginário e nos temores locais) em *lugar perigoso*. Em meu caderno de campo registrei sobre este momento:

Hoje pela manhã fui para o São João do Cabrito, em Plataforma, para conhecer a tia-avó de Ediane. Ela [Dona Elizete] é uma moradora antiga da Rua dos Ferroviários, um dos trechos mais antigos da ocupação do bairro. Marquei com Ediane no final de linha do ônibus que fica em frente à escola pública de ensino infantil e fundamental, “Machado de Assis”. Estudei nesta escola até a quarta série [do ensino fundamental]. Ao [re]fazer este percurso também o fiz por minhas memórias de infância. A percepção da mudança das dimensões do espaço foi muito forte. A partir da Escola, então, atravessamos toda a *Ferroviário* até a *Avenida Suburbana*, que aos meus olhos do presente me parecia tão reduzida. Naquele momento, de imediato, parecia-me que era uma questão de dimensões espaciais, de escala, mas depois fui compreendendo que não era decorrente apenas de disto. Com Ediane sentia que acontecia o mesmo. O espanto em olhar e não reconhecer, buscando elementos rascunhados em sua memória que lhe possibilitasse saber dos lugares por onde na infância havia estado. Nos tropeços da memória, auxiliada pela prima [de segundo grau] que, vez ou outra Ediane solicitava, por celular, chegamos lá.

Entre a *Formosa e os Ferroviários*, ligadas pela *Ladeira do ABC*, eu transitava, nos meus tempos de criança, também para fazer pequenas compras nos mercadinhos, quitandas, granjas e açougues locais. Para os *Ferroviários* ia, além disso, todos os dias para comprar o pão na *Panificadora do Português* – destruída em meados dos anos 1980 por um grande incêndio que marcou a história do lugar; para ir à beira do mar e a outros espaços e atividades de lazer. Além da mudança no adensamento de casas e no próprio perfil arquitetônico delas, o comércio se apresenta diversificado. Porém, percebi que, evidentemente, para a além de um ou outro estabelecimento comercial novo, mantinham-se os de antigamente, alguns com a face marcadamente envelhecida e outros, a despeito da longevidade no local, apresentavam marcas sutis ou mesmo evidentes da tentativa de se fazerem do presente. Por exemplo, na pequena porta do sapateiro coabitava uma pequena *lan hause*. Mas, todos enfeitando as fachadas das *casas*, configurando casa/comércio, casa/rádio comunitária, casa/templo religioso; casa/espço comunitário de reuniões e lutas; casa/escola.⁴¹³

As travessas, antes sem pavimentação, agora se apresentavam em finos cobertores de asfalto. No final de linha do ônibus, onde antes não existia uma estrutura urbanizada, ergueu-se um abrigo para os usuários do serviço coletivo de transporte de ônibus, um centro de saúde municipal e uma praça. Ao fundo, os pescadores locais continuam a visitar

413 No domínio interno da “casa”, no Recanto das Emas, Borges (2013) destaca a trajetória de Sibongile, Gloria, Bruna e Laudicéia, apontando que em suas casas elas experimentam formas de vida não “domésticas”: casas/escola, casas/arquivo, casa/hospedaria, casas/templo (*Ibidem*, p. 216-218).

o mar e a trazer à terra seus frutos e ali comercializar nas próprias embarcações e ou em pequenos tablados de madeira construídos por eles. Além disto, novas casas ocupavam espaços onde antes eram terrenos baldios e áreas verdes de mata e árvores frutíferas.

A casa da minha família, onde passei parte da minha infância, junto a oito primos e primas e minhas duas irmãs, já não guarda mais a imagem de um sobrado. Ela foi reformada após ser vendida. A fachada agora é toda de azulejos num tom grafite e a grade através da qual ficávamos olhando o dia e as pessoas que passavam e por onde alguns de nós fugíamos para brincar na rua, já não está lá. O acesso ao segundo pavimento da casa, agora, é feito após atravessar o portão de ferro totalmente contínuo, através do qual não se vê o que está de um lado nem do outro. E assim, a necessidade de privacidade e segurança da vida das grandes metrópoles é evidenciada. Entretanto, as pessoas continuam exercendo práticas de um modo de vida em que os espaços do público e do privado se entrecruzam, onde a cisão entre eles não é algo evidente como radicava o ideal moderno.

A mudança de residência para o Parque Setúbal, em Periperi colocou-me neste novo bairro do Subúrbio Ferroviário. Nele a maioria das ruas também não dispunha de calçamento, água encanada, infraestrutura, tendo apenas luz elétrica. Nessa época (final da década de 1980 e início da década de 1990), ainda era essa a realidade compartilhada com os moradores de outros bairro: o aumentado do número de habitações e ausência de pavimentação nas ruas, esgotamento sanitário e água encanada. Circular por diferentes lugares com tios e tias, amigos e vizinhos me legou estas lembranças. Ali, no Parque Setúbal – uma das muitas áreas loteadas da região, como dito antes –, ainda pude brincar nos mangues e pegar frutas nos quintais das chácaras.⁴¹⁴

O deslocamento para residir neste bairro foi propiciado por já residirem ali meus parentes maternos. Conforme os mais velhos da família, os primeiros tinham migrado do Vale do Jequitinhonha, no *interior* de Minas Gerais, em 1970, na busca de possibilidades de trabalho num grande centro urbano, porque o trabalho na roça já não garantia a

414 A violência sempre foi uma presença constante nessa nova área. Muitas agressões entre os vizinhos, batidas policiais, ainda em escala menor do que sucederia anos depois. As brigas entre os vizinhos eram por desentendimentos entre crianças, ou por causa de demarcação das áreas de moradia, nos processos de invasão.

sobrevivência da família.⁴¹⁵ Na localidade, esta mesma história parecia reproduzir-se como um rastilho de pólvora. Existia sempre a referência de um parente que veio antes; depois, com a estabilidade alcançada, vinham outros. Entretanto, não eram incomuns as histórias de aventuras daqueles que haviam deixado família e *tudo pra trás* em busca de construir e viver um sonho de liberdade num mundo novo. Estas histórias eram, aos ouvidos das crianças e jovens, mais interessantes.

O perfil observado era de famílias e parentelas extensas que viviam muito próximas e, mesmo, em ruas inteiras. Isto implicava no controle social do comportamento das pessoas no bairro e na vizinhança mais alargada, na reprodução de valores e práticas familiares e, também, em apoio e reciprocidade que asseguravam a sobrevivência cotidiana.⁴¹⁶ A ajuda consistia, principalmente, nos cuidados com os filhos de quem saía para trabalhar, apoio econômico nos momentos de maior dificuldade financeira e, em determinadas situações, no compartilhar da moradia. A proximidade possibilitava, da mesma forma, a afirmação dos vínculos familiares nos momentos de festejos.

Nessa época, eu estudava numa escola de primeiro e segundo graus considerada referência de qualidade no *Subúrbio*: o Centro Educacional de Periperi, apelidado por todos de *Comercial*.⁴¹⁷ Através de um convênio com a CNEC – Campanha Nacional das Escolas da Comunidade –, o *Comercial* oferecia bolsas de estudo que possibilitavam o acesso a algumas crianças e jovens de famílias mais pobres da região. Estudar nesta escola significava para eles não só o acesso a uma educação diferenciada, mas o contato com a realidade e os valores dos filhos das famílias mais bem colocadas financeira e socialmente no *Subúrbio*, como, por exemplo, filhos de funcionários públicos, professores, petroleiros, ferroviários e operários do polo). No encontro apareciam diferenças sociais e culturais que, para muitos, eram marcantes e, por outro lado, aos de fora do *Subúrbio* não eram perceptíveis – o que entendi tempos depois.

Alguns dos meus amigos eram bastante discriminados por serem moradores de certas áreas do *Subúrbio*, a exemplo do Bariri, do Vale Paraguari, de Coutos, da Fazenda

415 Outros membros da família estendida, na mesma época, escolheram como destino a capital mineira, pois lá viviam outros parentes. Meu avô era um pequeno lavrador que nos anos de 1930 havia traçado o caminho contrário, saído sozinho do sertão da Bahia para Minas Gerais, e lá conheceu minha avó.

416 Menezes (2002) analisou o processo de controle social da família entre os “Camponeses trabalhadores-migrantes” paraibanos tanto no lugar de saída quanto de destino.

417 Esta Escola já não existe mais.

Coutos, dos Novos Alagados e de Nova Constituinte. Estes eram estigmatizados: lugares de *pessoas pobres, sujas, marginais, feias* — os lugares de *invasão*. Esta percepção e os sentimentos que dela emergiram foram se consolidando, ao longo dos quatro anos em que estudei lá. Meus percursos de criança e adolescente iam além do bairro, mas não do *Subúrbio*. A primeira vez que fui à *cidade*, no bairro da Calçada, para comprar um remédio a pedido da minha mãe, estava cheia de medos (segundo lembro). Comprar ou qualquer outra atividade a ser realizada na *cidade* era atribuído aos irmãos mais novos da minha mãe. Neste dia, nenhuma deles encontrava-se em casa. Nesta época, eles já começavam a deixar o cotidiano da *casa* para se inserirem na dinâmica do trabalho na construção civil, como ajudantes dos irmãos mais velhos. A aventura foi acompanhada por uma amiga de infância, que anos depois se tornou parente por aliança, pois se casou com um dos meus tios maternos mais novos. A irmã mais velha da minha amiga/vizinha já era namorada de muitos anos de outro tio da linha materna; depois se casaram e tiveram duas filhas.

As narrativas de outros *filhos da cidade* são aqui evocadas para nos ajudar a prosseguir fiando diferentes sentidos que configuram as trajetórias de experiência dos descendentes de migrantes, herdeiros de um projeto de *vida melhor*, na cidade de Salvador.

6.2 - Outras infâncias: brincadeiras e escola na configuração do território e a vida

Durante os anos de 2000 e 2001, mantive contato cotidiano com outras crianças do *Subúrbio* novamente no território de Plataforma. A finalidade à época era identificar e registrar as percepções e rerepresentações que estas tinham acerca dos seus locais de moradia e do *Subúrbio*, de forma mais ampla. Para tal, trabalhei com desenhos produzidos por elas. Ao recorrer a este material etnográfico mais recentemente, me deparei com o desenho de Deise Carla Moreira que, mais uma vez, saltou-me os olhos.⁴¹⁸ Agora, o desenho emergia associado às lembranças da experiência de pesquisa “Violência e Masculinidade” (cf. nota 50), em que retomei contato em 2005. Nesta oportunidade, registrei os relatos de sua experiência e, da mesma forma, a dos outros jovens que

418 Conheci Deise Carla em 2001, na época ela tinha onze anos de idade. Em 2005, restabeleci o contato e a relação com ela que havia perdido desde 2002. Desde então, mantenho contato com ela e outros jovens, os quais acompanho a trajetória de vida.

acompanhava. Tanto para o caso das crianças que conheci em 2000, quanto o dos jovens com os quais trabalhei entre os anos de 2005-2007, as narrativas proferidas através de desenhos e ou palavras sinalizavam para inúmeros problemas e situações de violência e discriminação; bem como, a família, momentos de lazer na *rua*, a beleza da paisagem, o afeto e, especialmente, para um desejo grande de construção de outras formas de ver e estar no mundo.

De forma geral, os desenhos feitos pelas crianças, naquele período, revelavam elementos extremamente significativos sobre a vida delas no bairro e a relação com outros territórios da cidade, sobre a *casa* e a *rua*. Através deles, revelavam desejos projetados de futuro, além das memórias mais pretéritas e de tempos mais próximos da experiência vivida. No [re]encontro com o desenho produzido por Deise observei condensados alguns destes aspectos.

Imagem 36. Vida em quadrinhos



A narrativa em *quadrinhos* construída por Deise apresenta a escola, a casa e espaço do lazer fora do bairro (onde amigos e familiares residiam) e a mariscagem, numa aparente linha de continuidade. Entretanto, estes quadros se relacionados em outras posições, indicam outras narrativas e significados. Eles nos mostram diferentes tomadas que encenam a vida no bairro e fora dele. Na “*rua onde moro*” as casinhas assistem às crianças que correm atrás da bola; o acesso ao parque mediado pela presença da polícia – fato comum; a vida ligada ao mar, seja no banho para o lazer ou na mariscagem. Aparece o Porto da Barra, distante não apenas geográfica, mas, sobretudo, social e culturalmente, e, ao mesmo tempo, idealizado e desejado. Naquela época, Deise conhecia o Farol da Barra – e nenhum outro lugar da Orla Oceânica, associada a *branco e rico* – apenas *de ouvir falar*, através de pessoas conhecidas ou da imprensa. Anos depois, na adolescência, quando já

estava eu acompanhado a trajetória dela e de outros jovens, ela visitou o *Farol*, uma das imagens vendidas da cidade, o que a deixou muito feliz e realizada.

No *quadrinho* narra os sonhos de uma vida sem violência – ao que a presença da polícia não diminui, mas potencializa. O amor aparece representado no quadro com o ícone no casal de mãos dadas. É este mesmo amor que atravessa as narrativas feitas por Deise anos depois e que a mobilizava num projeto de vida melhor do que dizia presenciar entre os pais.

Ainda interessada neste universo das lembranças e esquecimentos que produzem a memória, questionei a outros *filhos da cidade* sobre suas infâncias no *Subúrbio*. A este respeito Luís me disse:

Luís Henrique: *Olhe, a minha infância eu lembro mais de coisas que eu vivi aqui, né?, Com os meus colegas, os meus amigos de infância, os vizinhos, né? Que a gente brincava muito, e a gente brigava muito também... É coisa de criança, né? E a gente brincava de se esconder, a gente brincava de fita, de melancia, essas... Brincava de roda, brincava de garrafão, pastelão quente. Tanta coisa que a gente brincava. É, e a gente brincava muito, aqui, nós é... E tinha coisas assim. Nós estudamos nas mesmas escolas, nós estudamos todos na Escolinha Patinho Dourado. Nós brincávamos lá... A escola de pró Girlane. Eu estudei lá até os oito [anos]. Nós também vivemos muitas coisas juntos, assim. Quando essa... A rua era cheia de barro. Então, quando nós íamos estudar, nós íamos estudar com os pés..., os pés ficavam encharcados de lama, assim. A própria ladeira [Mocotó], né? Pra Escolinha ficava cheia de lama quando... Nós estivemos juntos, enfrentamos os mesmos problemas com a lama, enfrentamos os mesmos problemas com a chuva. É a ladeira que parecia uma cachoeira... Depois quando nós fomos estudar na Úrsula Catarina [Escola Estadual Úrsula Catarino]⁴¹⁹ estudamos juntos também lá. Depois nós fomos pro Comendador [Centro Educacional Cenecista Comendador Bernardo Martins Catarino], né? É que era uma escola Cenecista,⁴²⁰ e também estudamos juntos... Só nos separamos na época do ensino médio que aí eu fui pro Ypiranga [Colégio Estadual Ypiranga], né? E esses outros amigos meus de infância eles foram pro Severino Vieira [Colégio Estadual Severino Vieira],⁴²¹ depois alguns deles vieram pra cá pro Costa e Silva saíram do Severino, né? É... Mas assim, o tempo todo nós estudamos juntos, né?⁴²²*

419 Luís ressaltou em seu relato que esta foi a época, início dos anos 1980, em que as escolas públicas havia escassez de merenda escolar, professores, material e livros didáticos, além de inúmeros problemas de infraestrutura.

420 As escolas cenecistas faziam parte de uma rede de escolas comunitárias, em âmbito nacional, que tinham professores cedidos tanto pelos governos estaduais quanto municipais.

421 O “Severino Vieira” localiza-se na Avenida Joana Angélica, no bairro de Nazaré. Ela ocupa no imaginário local um lugar entre as grandes escolas públicas de prestígio de Salvador.

422 Entrevista realizada em 10 maio de 2011.

E mais, em outro relato Luís destacou que:

*Quando era criança já manifestava os primeiros sinais do que poderia ser o meu destino na idade adulta. Por me destacar nos estudos e por ser o mais velho entre os meus amigos de infância, eu sempre era o **pai, quando brincávamos de casinha, ou o professor, nos momentos em que as nossas brincadeiras enveredava[m] pelo campo educacional.** Era a Escola me seduzindo desde criança.⁴²³*

Os relatos de Deise e Luís são bem eloquentes acerca das questões que analisei em diferentes narrativas. Estes versavam, sobretudo, sobre os próprios percursos produzidos dentro do bairro. Nos primeiros percursos tecidos por eles a descoberta do próprio bairro é um tema recorrente. Descobertas feitas por *nós* – os colegas, amigos e, vizinhos. Experiências de uma infância num território que pouco ou quase não encontravam sintonia naquelas vividas pelos mais velhos da família, pois estes haviam chegado aí adultos; outros, ao contrário, indicavam linhas muito fortes de continuidade, pois haviam chegado ali ainda crianças. Estas linhas aparecem rascunhando os relatos, imagens e representações que Deise e Luís produzem sobre o bairro e o *Subúrbio*.

Luís indicou como parte do *nós* de sua infância: Melque, Elaine, Aline (irmã dele), Aline, André, Taís, Deise, Morgana (estas duas últimas eram as mais novas do grupo). *Nós* aparece na narrativa engendrando descobertas, acontecimentos, sentidos e significados à vida. Entre *nós* compartilhou-se a infância e parte da adolescência, até o momento em que outros *nós* surgiram. Mas na infância, na Rua Almeida Brandão em que compartilharam as brincadeiras na *rua*, na escola e no bairro e na Igreja com algum deles. Numa circunstância ou em outra, eles, ou melhor, “*nós tivemos juntos, enfrentamos os mesmos problemas com a lama, enfrentamos os mesmos problemas com a chuva*”. E a estratégia utilizada por muitos era sair de casa calçando um par de sapatos e levando outro numa sacola para, no momento oportuno em que o tapete de asfalto fosse alcançado, pudessem trocar e, assim, seguir o caminho em direção à escola, ao trabalho e à *cidade*.

Os cenários e as experiências descritas transcendem ao espaço da *casa* e da *rua* onde se circunscrevia. Entretanto, o cotidiano narrado é de uma vida intensa de contato entre ambas. Muitas das vezes, a *rua*, a vizinhança imediata é compreendida como uma

423 Luís Henrique Silva Sant’Ana, Memorial: Progestão – Programa de Capacitação de Gestão, Governo do Estado da Bahia, 2011.

extensão da própria *casa*; ou ainda, como a própria *casa*. Esta articulação e circularidade entre casa/rua/casa, dos “*tempos de antigamente*” no *Subúrbio*, são marcas que caracterizavam o cotidiano das brincadeiras das crianças: “*e a gente brincava de se esconder, a gente brincava de fita, de melancia, essas... brincava de roda, brincava de garrafão, pastelão quente*”; bem como, das conversas realizadas em frente de casa para “*passar o tempo*” dos adultos. Alguns compartilhavam a experiência dos pais que haviam migrado do *interior*, mas principalmente uma *infância dupla*, como lembrou Luís, no relato que segue:

Luís Henrique: *É... Quando a gente que ia (...) quando a gente... Que nós temos essa semelhança também, porque quando eles vieram, a mãe deles, veio do interior também, veio de Irará [município do sertão baiano]. Né? A família de Melque mais Elaine vem de Simões Filho e de Cruz das Almas, né? Então, era mais, na verdade, era mais eu, André, Aline (minha irmã), a outra Aline e Taís, nós que viajávamos com maior frequência pro interior nos períodos de festa, né? No final do ano, no verão, né?*

Cristiane: Esses seus amigos de infância não faziam isso?

Luís Henrique: *Melque e Elaine nem tanto.*

Cristiane: Mas faziam?

Luís Henrique: *Faziam também.*

Cristiane: Mas não tinham a mesma frequência?

Luís Henrique: *Frequência que nós, é... Nós viajamos, nós tínhamos o período específico de viagem que era justamente final do ano. É... O São João e às vezes também no período da páscoa, às vezes também viajava, né? Às vezes também no período dos feriados, né? O sete de setembro, o doze de outubro, o dois de novembro, também, às vezes acontecia de nós viajarmos..., Interessante é que quando nós íamos pro interior, num é? Nós... Que nós fazíamos as nossas atividades separados depois a gente... Quando a gente chegava, né? Quando a gente se encontrava, se reencontrava, a gente contava... Contava um pro outro... Contava as suas experiências, né? Que era que tinha vivido, né? Os meninos contavam as experiências da caipora, da mula sem cabeça... né? As coisas que... As histórias que eles ouviam lá em Irará. E nós, eu e minha irmã, por outro lado, nós também contávamos pra eles as experiências que nós vivíamos na barra, né? (...) A gente contava coisas que nós fazíamos, como por exemplo, da vez que nós fomos pro mar, né? Minha mãe tava mariscando mais minhas tias e nós pegando... Elas tavam pegando siri mole, né? E nós vimos o pescador lá com os peixes e pensamos, né? Erroneamente... Que não tinha dono, que não tava lá, tava no mar, e os peixes tavam ali... Cercado de pessoas, mas não apareceu ninguém pra tirar nós pensamos “não tem dono”, aí pegamos e cada um foi com dois peixes. E foi o momento que quando começaram a gritar, correr atrás da gente, nós saímos correndo com os peixes, quando eles continuaram nós jogamos os peixe tudo pra cima, né?*

A *infância dual* vivida por Luís, sua irmã e primos (nascidos em Salvador), produziam relações e encontros que eram vividos especificamente no *interior*. Claro que haviam momentos oportunos e rituais de família na cidade em que estavam juntos, mas era

na *Barra*, no caso deles, onde podiam compartilhar o convívio diário de brincadeiras e conflitos. Nas plavaras de Luís, “*a barra era o lugar da diversão, a gente ia para vê os primos. Fazia muitas coisas juntos. Tirava goiaba, manga do pé do Benedito da Luz (o proprietário da fazenda da Barra do Paraguaçu), coco da casa do tio Jurandir. Minha mãe não aprovava isso!*” E mais, o relato ressalta as experiências compartilhadas de outras crianças e jovens que produziam um universo de memórias da infância, de brincadeiras e do mundo mágico no trânsito entre diferentes lugares (entre o *interior* e a *cidade*). Certamente estas práticas caracterizam não só relações e o cotidiano nos bairros do *Subúrbio* e outras áreas *periféricas* de Salvador, elas estão na história de outras cidades brasileiras. Ademais, parece-me importante ressaltar a circularidade registrada no relato subscrito, entre o que se convencionou reconhecer enquanto espaço privado (doméstico) e público, que aponta para os limites entre estas velhas dicotomias.

Sobre os *circuitos* da infância para brincar, visitar parentes e ajudar nas *coisas de casa*, Haroldo forneceu um relato muito significativo: “*era aquela coisa de receber os primos mais novos em casa. Eu lembro que quando eu chegava lá [no Cabrito] minhas primas corriam me abraçavam, beijando, ficavam bajulando muito a gente. E era aquela coisa tranquila e gostosa de se fazer... A gente vinha de Pirajá andando por dentro do mato (...) até uns 15, 16 anos, Cris!*” A circulação entre os moradores do Pirajá e o *Subúrbio*, continuou através do Parque, décadas depois da implantação da *Avenida Suburbana*, como deslindei anteriormente.

No relato que segue, Haroldo acentua que foi com as transformações de áreas verdes em refúgios e território de “*marginais*”⁴²⁴ e o crescimento do medo e da violência local que os deslocamentos antes comumente realizados deixaram de acontecer. Aparece na fala dele ainda, a forma como isto afetou o convívio e as trocas cotidianas entre os grupos familiares:

Eu lembro que foi..., o que me afastou dali [do São Bartolomeu] foi a marginalidade. Uma vez... Lembro de uma época que minha avó [Dona Honorina] ficou muito doente. Ela teve um enfarto e ela ficou morando um período lá em casa [Pirajá] e depois ela voltou [para o Cabrito] e nesta época minha mãe lavava a roupa dela. E aí geralmente era eu e meu irmão que pegava a roupa e levava pra Pirajá e descia com a roupa. Em uma dessas vezes

424 O sentido atribuído por Haroldo a “*marginal*” é o mesmo operado no sendo comum que entende a marginalidade enquanto delinquência e criminalidade.

*eu vindo pra casa da minha tia [Maria José], a gente encontrou uma faixa de quinze **marginais**, que a gente descia pelo meio do mato, **passava pela invasão** e aí fizeram um monte de perguntas pra gente... Eu fui seguido..., Não sei se você lembra de Cuscuz!? (...) Exatamente, que morreu lá em Pirajá, por exemplo. Foi ele, na época, ele era um chefe da quadrilha que atuava muito por ali como roubar banco... Aí ele perguntou o que a gente tava fazendo ali. Eu tava tranquilo, mas meu irmão ficou com muito medo. Depois eles vieram até, atrás de mim, e aí quando ele viu que **eu era dali, minha família morava ali**, pronto! Mas depois eu contei pra minha mãe e, depois **me afastei dali**, fiquei cerca de dez anos sem passar por ali...*

Cristiane: Isto você tinha quantos anos?

Haroldo: *Eu devia ter uns 15 para 16 anos. Justamente, eu tinha 15 anos.*

Cristiane: Mas antes disso você já fazia isto, já descia?

Haroldo: *Sim, claro!! Com menos idade já fazia isto. Não tinha toda essa violência.*

As memórias de Haroldo de quando estava “*com menos idade*” e “*já fazia isto*”, circular pelos caminhos do Parque, diz:

*desde de pequeno, de infância. Assim, que meu..., Pirajá não tinha nada quando meus pais vieram e depois que se mudou para Rua Nova [de Pirajá] muito menos ainda. Pirajá, ele cresce, na verdade, do Subúrbio para BR, pra se localizar. Então, as casas vem do mar para região da BR - 324. Então, toda aquela região ali depois era mato, tudo era mato. Então, aonde a gente tinha referência, aonde eles tinha referência era da família deles que residia no Subúrbio. (...) Entã a gente descia. Eu lembro que **meu pai trazia a gente no ombro e a gente passava por dentro do mato**. E era tranquilo. Porque, assim, na vinda a gente **ia naquela gainhofada** [brincando e se divertindo], **naquela alegria, mas voltar era dormindo ou, às vezes, chorando, porque andava muito, andava muito, muito, muito!** Subia ladeira, passava por dentro do mato.*

Era para conservar essa *referência* que a família *descia, andava muito e subia ladeira, passava por dentro de mato*. Os deslocamentos regulares, principalmente nos finais de semana, garantiam a manutenção dos vínculos, as trocas e a ajuda entre os membros da família. Ao comparar entre diferentes tempos, Haroldo reflete que o medo da violência sentenciou estes caminhos a se fecharem ao acesso e à circulação da maioria dos moradores:

*O medo que se fazia naquela época era encontrar alguma cobra, algum bicho, não tinha nada de assalto, isso não existia. Então, **a gente brincava muito, passava o dia todo brincando**. Então **tinham dois caminhos**. Tinha um caminho que descia pelo o Irecê, por dentro do mato...*

Cristiane: Irecê!?

Haroldo: *É. Pela Irecê. Que tinha galpão de uma fábrica que a gente descia e tinha por um outro caminho que a gente dava, pela, por uma presa, um presazinha, uma pequena represa que era a água que descia do Dique do Cabrito. Então, esse caminho era um pouco mais longo, mas era um caminho*

mais seguro, quando a gente passava pra casa da minha avó... Então, a gente fazia dessas viagens.

Apesar da família paterna de Haroldo residir, naquela época, em Plataforma, desde que chegaram a Salvador – e permanecerem residindo aí até hoje –, seus vínculos de proximidade e suas memórias *do Cabrito* estão referenciadas em sua família materna. Sobre a relação com a família materna, especialmente com a tia Maria José e os filhos dela: Eliana, Roberto, Robson e Rosana, Haroldo contou sobre uma de suas travessias por dentro das matas do Bartolomeu/Pirajá quando faleceu uma tia de sua mãe que morava no Jiquiriça. A mãe, a tia e seus primos, filhos dela, viajaram ao *interior* para o velório e enterro, enquanto o irmão, Dedeu, e ele ficaram com a avó, conforme recorda:

Haroldo: *Ficamos uma semana lá com minha avó. Eu e Dedeu já tava com uns 12 anos, mais ou menos. A gente ficou lá brincando, passamos a semana... No início foi um pouquinho chato, pois a referência que a gente tinha era meus primos, meus primos não estavam lá. A gente brincava muito. Meu primo construía aquelas jangadas. A gente ia pra maré, pescava, armava ratoeira, pegava caranguejo, pegava guaiamum, brincava muito. Brincava de bola! Por que assim, em Pirajá eu moro numa ladeira, não tem espaço para você brincar de bola. E lá não, a área toda plana. E a gente ficava lá no meio da rua brincando, correndo.*

As memórias da infância registram brincadeiras na frente da casa e na vizinhança. São brincadeiras vivenciadas entre irmãos, irmãs, primos, primas, amigos, amigas e vizinhos que podem se fundir num único, pois, muitas vezes, o vizinho, o amigo e os primos, como vimos antes, podem ser parentes de *consideração*, decorrentes dos muitos anos de convivência e de relação entre os pais e mais velhos das famílias. As brincadeiras de *botar roça*, de plantar, de cuidar das *crias*; nos banhos de mar, na pesca e na mariscagem, na coleta de frutos nas matas e quintais e pomares de vizinhos; na encenação da escola, da família e da igreja; de esconde, esconde, de pega, pega e de tantas outras que performatizam o cotidiano em miniaturas improvisadas em pedras, gravetos, folhas e raízes, encenavam as linhas da vida e sinalizavam sonhos e projetos.

Foi também nos limites territoriais do bairro que muitos destes *filhos da cidade* tiveram suas primeiras experiências escolares – seja em instituições públicas (em sua maioria), *comunitárias*, nas pequenas instituições privadas, chamadas de *escolinhas de bairro*, como descrita por Luís, ao falar dos anos na *Escolinha Patinho Dourado*, da *pro*

Girlene, por onde passaram muitos estudantes do bairro de Plataforma, Subúrbio Ferroviário de Salvador –; ou ainda, de Haroldo ao narrar a sua experiência na *Escola Municipal Alexandrina*, localizada a poucos minutos de casa. A partir da *Escola Patinho Dourado* Luís traçou uma rede de referências de professores que, ao percorrer por diferentes instituições de ensino, marcaram a sua escolha posterior, quase um destino anunciado, de ser professor. Entre elas destacou “*a jovem professora Ana companheira inseparável da pró Girlene*”; da “*excelente e dedicada professora Vitalina*”, com quem fez a segunda série no *Úrsula Catarino*.

Deste período, lembrou das fortes chuvas que caíram no mês de março.⁴²⁵ Da mesma forma, em minhas lembranças aparecem os transtornos que elas causaram aos estudantes jovens do Subúrbio que estudavam nas escolas do centro e de Itapagipe, e aos moradores, de forma geral. Naquela época, eu já residia no Parque Setúbal e começava o meu primeiro ano de estudos do ensino médio no Colégio Estadual da Bahia – Central. As chuvas causaram inúmeros deslizamentos de terras ao longo da Avenida Suburbana e desmoronamento de edificações. Como destaquei, esta época coincide com o momento em que o *Motel Mustangue* desmoronou matando dezenas de pessoas. Este evento alterou o percurso dos ônibus coletivos, comumente feito pela Suburbana, para a BR-324, passando pelo bairro de Paripe, prolongando o percurso a outros pontos da cidade no dobro do tempo. Nestas circunstâncias o transporte feito pela linha da Leste voltou a ser uma das principais formas de deslocamento dos habitantes do Subúrbio. Da mesma forma, a travessia de barco de Plataforma para Itapagipe voltou a ser utilizada mais frequentemente pelos jovens que estudavam nas escolas dos bairros da Ribeira e Bomfim e pelas pessoas que trabalhavam ou buscavam o serviço de saúde nestes bairros. Dentre estes, os que detinham mais recursos financeiros para custear mais uma ou duas passagens do transporte podiam seguir viagem para os bairros da Cidade Alta ou do Miolo de Salvador.

425 Com as fortes chuvas o prédio do *Úrsula Catarino* – construído em 1926 e doado pela família Catarino para ser a escola do bairro de Plataforma –, foi interditado pela Defesa Civil, obrigou as atividades a serem transferidas para diferentes instituições. Os alunos tiveram que estudar em “*espaços improvisados pela comunidade*”; a exemplo da “*na antiga sede da Igreja Batista de Plataforma, fundada em 1906, onde funcionaram a diretoria da Escola e as duas séries iniciais do Ensino Fundamental. Já no Salão Paroquial da Paróquia São Brás, na época administrada pelo Padre suíço Caspar Kuster, funcionaram as a terceira e a quarta séries*” (Memorial de Luís, p. 6).

O difícil momento da vida escolar de Luís e de outros jovens de Plataforma por causa da desapropriação do prédio escolar do *Úrsula Catarino* só foi um pouco amenizado por causa da professora Janete Silva, que o aceitou como parte de sua turma expandida. Essa professora, nos termos de Luís: “*mudou a minha história e a de mais 26 estudantes*”, pois não permitiu que fossem para o Colégio Estadual Democrático Bertholdo Cirilo dos Reis, no São João do Cabrito, uma escola “*grande e marcada pela violência*”. Luís, Aline e seus amigos concluíram os estudos no ensino fundamental no Centro Educacional Cenequista Comendador Bernardo Martins Catharino, também em Plataforma.⁴²⁶ Nessa escola a professora de Português, Ieda, outra *referência*, em suas aulas trabalhava com afinco para que seus “*estudantes pegassem o hábito pela leitura*”.

Eram, por vezes, nestas escolinhas que os laços já construídos no espaço da rua/casa eram reafirmados. Nestas *escolinhas de bairro* que também muitos desses *filhos da cidade* consolidavam estes laços e alargavam as redes de amizade com pessoas que viviam para além de suas ruas. Afinal, o Subúrbio Ferroviário, um território constituído por inúmeros bairros, garantia um universo muito amplo a ser desvendado. Isto possibilitou para muitos deles a abertura de novos mundos. Nos relatos que aproximam os anos 1980 e 1990, com os tempos atuais, como destaquei no relato de Haroldo e Deise, ouvi sobre a experiência da violência como um fenômeno que alterou, sobremaneira, estas relações. Mas este não foi o eixo que tomei para conduzir minha narrativa.

Os encontros com os amigos, a ida à escola e as visitas aos parentes e amigos, constituíam-se em possibilidades para que estes jovens pudessem adentrar em outros bairros do *Subúrbio*, bem como fora dele. Foi por meio das visitas, algumas mais contínuas e outras mais esporádicas, a parentes e familiares, que estes jovens puderam conhecer o *mundo* para além de suas casas/ruas. Entretanto, este ciclo se prolongou para muitos até a idade da adolescência, outros já muito cedo começaram a ultrapassar o bairro rumo a outros bairros do *Subúrbio* e para a *cidade*, ainda na infância. Isto, sem dúvida, acabou por implicar nos rumos que suas trajetórias foram tomando quando adultos, e na própria apreensão da cidade.

426 “*Comendador ou Pombal, como era mais conhecido, foi o local onde estudei o ginásio. (...)*”. Os moradores desta parte do *Subúrbio* apelidaram o Colégio de Pombal por causa da ausência de infraestrutura. Segundo Luís, “*era um espaço pequeno, mal iluminado e mal ventilado*”.

6.3 - Sonhos e projetos: Deslocando-se do bairro, "a caminho da cidade"

Na trajetória dos jovens desta geração, estudar fora do bairro significou para muitos conhecer pessoas de outros bairros de Salvador, bem como, a percepção e compreensão de processos sociais, culturais e simbólicos compartilhados. Ademais, significou a percepção de diferenças importantes em relação a estes outros territórios da cidade e seus lugares de moradia. Desejos emergiram a partir da saída do bairro. Nas escolas conheceram pessoas e lugares. Circularam em espaços antes nem cogitados por eles e, muito menos por seus pais. Outros estabeleceram relação com grupos sociais e culturais distintos dos que existiam em seus bairros. Isto contribuiu para que muitos destes jovens acessassem e formulassem outras formas de entendimento sobre o mundo, seus sentidos e significados. Evidentemente, que estas relações não se forjaram em mar de calma, mas antes em zonas de conflitos e incômodas disputas no âmbito da própria família, do bairro, dos parentes e amigos.⁴²⁷

A trajetória de Luís, no caso, nos ajuda a tecer os fios entre as experiências de outros *filhos da cidade*, que compartilha[ra]m a pobreza, a segregação e o preconceito social. Ao fim do ensino fundamental, ele fez o percurso que muitos outros jovens deste território fizeram para dar continuidade aos seus estudos. É importante dizer que no Subúrbio Ferroviário, até o início dos anos 2000, existia poucas escolas voltadas para o ensino médio, entre públicas e privadas. Isto significava que a opção, para muitos, era mesmo a saída; outros, que não conseguiam uma vaga nestas escolas da região ou que não conseguiam sair, findavam seus estudos ao concluir o ensino fundamental.

Eu havia escolhido o caminho para saída. Desejava, não sabia muito bem porque, estudar na *cidade*. Apesar de ter sido transferida, diretamente, para o Colégio Castelo Branco, ao finalizar o ensino fundamental, busquei uma vaga fora. Depois de muitas idas e vindas ao *Central* na companhia de minha mãe, onde eu almejava estudar, já com as aulas iniciadas e as esperanças aquietadas, recebi um comunicado do Colégio de que eu havia conseguido uma vaga. Conseguir uma vaga aí – isso tomei consciência muito tempo depois

427 Lívio Sansone ressaltou as diferenças de perspectivas e projetos entre pais e filhos e os conflitos daí decorrentes ao analisar as experiências de bairros pobres das cidades de Salvador e Rio de Janeiro (SANSONE, 1993).

– era difícil. O *Central* era um colégio para onde confluíam pessoas de diferentes bairros e partes de Salvador; tinha uma história de prestígio de longo tempo. Nele haviam estudado artistas, políticos, intelectuais, médios, engenheiros e advogados considerados ilustres. Entretanto, o que me seduzia e a muitos colegas que fiz ali era a possibilidade de estar na *cidade*, de circular por ela e conhecer o *mundo*. Era uma ideia de liberdade que aos poucos foi ganhando contornos mais nítidos. Então, fui estudar no *Colégio Central*.

No caso de Luís Henrique, foi no Colégio Estadual Ypiranga que ele passou a vivenciar o *mundo*, para além do bairro, “*uma escola grande*”, no bairro do Dois de Julho, localizado na Rua Sodré, também *Centro* de Salvador. Sobre este momento Luís recorda que no:

Ypiranga era de uma realidade assim muito sei lá, é... um colégio diferente, né? Diferente de tudo que eu já tinha vivido. Porque, até então, eu... Sempre era pessoas do mesmo bairro, né? Sempre eram pessoas próximas, que de alguma forma a gente acabava se conhecendo e tudo, tinha pessoas da igreja, né? E quando eu fui estudar no Ypiranga não havia isso eram pessoas de diversas partes da cidade, né? E pra mim aquilo tudo foi um choque. Até então, o nível educacional era outro, era muito mais elevado que no Comendador (...) foi quando eu perdi o meu primeiro ano assim. Pense que você um adolescente, cê tá com seus dezesseis anos cê recebe um monte de zero, zero, zero, zero, zero, sabe? Que é a deficiência sua assim você vem de uma família que não tem tradição de estudo, né? Você não estudava com a frequência que ela exigia que se estudasse. Que ela estava correta inclusive, né? É... você vem de uma escola de periferia que o nível educacional é outro que você... sabe, você passava mas você tinha as deficiência, você ia passando. (...) Uma realidade... Diferente de tudo que eu já tinha vivido.

O relato de Luís acentuou o encontro com um grupo mais diversificado de origem e condições sociocultural que estas *grandes escolas*, centros de referência e prestígio, representavam na vida dos jovens que se deslocavam para estudar nelas. Neste aspecto, a ida para estas escolas marcou fundamentalmente suas vidas, o que parece óbvio. Entretanto, para muitos não significou a possibilidade de desvendar, se aproximar e, muito menos, desvendar outros mundos. Não (re)significou o universo da *casa*, entendida nos termos da vizinhança nem, tampouco, possibilitou o que a literatura chama de “mobilidade social”, ou, como preferem alguns, “ascensão social”.

Minha experiência etnográfica indica que para muitos jovens da cidade a vida permaneceu e permanece ainda circunscrita a alguns cenários do bairro e ao seu cotidiano. Durante as pesquisas que realizei no bairro de Nova Constituinte, nos idos de 1998, tive a oportunidade de conhecer algumas pessoas que haviam saído dos seus *interiores* e migrado

para Salvador e que, de imediato, foram residir ali e que, da cidade, só conheciam os limites circunscritos à casa/rua/vizinhança. Ou seja, o próprio bairro era restrito as elas. Neste caso, estas pessoas pouquíssimas vezes iam ao centro comercial de Periperi, o mais próximo da Constituinte, pois o dinheiro era escasso. Então, o consumo era feito nas pequenas quitandinhas na própria rua, por exemplo. Conheci crianças que nunca haviam saído da própria rua. Outros, por sua vez, ultrapassaram, se deslocaram de tal forma por outros territórios e esferas sociais, aproximando-se de universos muito diferentes da experiência social e cultural vivida durante muitos anos de suas vidas.

Haroldo, ao contrário destas crianças que nunca saíram do bairro e mesmo das imediações mais próximas de suas casas, ou que só o fizeram mediante a experiência escolar, começou a circular por outros bairros da cidade ainda na infância, não só pelo espaço de referência de sua família, mas por bairros onde não tinha *referência* alguma. Em outros termos, antes mesmo dele sair para estudar no *Centro*, ele já *perambulava* por ali e por outras partes da cidade. Começou vendendo amendoim com doze anos para poder “*ajuda em casa, pra comprar pão, café, açúcar... Vendia o amendoim e já voltava com o pão de baixo do braço*”. Depois, foi trabalhar numa farmácia como *boy* e suas andanças com a venda do amendoim, que eram mais restritas aos bairros circunvizinhos ao Pirajá, se expandiram depois. Recordou que foi trabalhando como *boy* na farmácia que se sentiu perdido a primeira vez em Salvador, quando foi fazer uma entrega no bairro de Ondina, nas proximidades de Chame-Chame, na Orla Oceânica de Salvador, bairros das classes médias/altas da cidade. Como já sabia ler, disse: “*vi escrito no ônibus: São Caetano... Então, pequei o ônibus, pois sabia que dali já estava em casa*”.

Na época, ele estava terminando o ensino fundamental no *Alexandrina*. Esta lembrança veio à tona, em 2011, quando íamos – eu, Haroldo e Ediane – a uma reunião com os produtores que estavam trabalhando na edição dos vídeos do projeto “Memórias Suburbanas” (cf. nota 55). Ao sair da farmácia onde permaneceu por menos de dois anos, Haroldo foi trabalhar vendendo picolé em “*toda a cidade*”, o que traduziu como: Itapuã, Liberdade, São Caetano, Fazenda Grande. Estas perambulações para “*vender picolé*” eram compartilhadas com outros jovens, seus amigos de bairro, com os quais estudou e cresceu trabalhando. Em seus termos: “*então, saia, assim, Adriano, Bobó, Domício e Roby e cada um ia para seu canto*”. Eles iam juntos buscar a mercadoria e seguiam para os bairros onde

vendiam. A partir do destino comum, cada um seguia para seus pontos específicos de comércio e ao final do dia se reencontravam para voltar para casa. Esta era a dinâmica deles. Porém, para Haroldo “*vender cafezinho – foi um salto*”. Foi com a venda de cafezinho com Dedeu, inicialmente, e depois sozinho por *toda a cidade*, que realmente diz ter conhecido Salvador. A esta mesma atividade, Haroldo atribui enfaticamente ter lhe possibilitado *fazer segundo grau*, pois até começar um estágio, o dinheiro que ganhava com ele pagava o transporte, comprava os materiais e ajudava sua mãe com as despesas de casa e suas irmãs com a escola delas.

Nesta época, havia mudando do *Alexandrina* para estudar no Colégio Estadual Anfrízia Santiago, localizado no bairro de Nazaré, nas proximidades do Estádio da *Fonte Nova*. Nele considera que não só conheceu pessoas de outros bairros, outros universos sociais e culturais, mas vivenciou a experiência escolar completamente diferente da qual conhecerá antes. Para Haroldo sua passagem para este novo universo foi preenchido de muitos receios, conforme aparece no registro a seguir:

Não queria ir para as escolas de referência: Central, Severino Vieira, Teixeira de Freitas. Queria ir pra uma pequena... Queria ir pra o Senhor do Bonfim [Colégio Estadual Senhor do Bonfim, localizado no bairro dos Barris] que de certa forma reproduzia o mesmo do Alexandrina – onde as pessoas te chamava pelo nome.

A experiência de sua irmã, Nelma, que havia saído antes dele para estudar fora do bairro, lhe ensinara que nas *escolas de referência*, seria mais um e corria o risco de não conseguir terminar a escola. E ele *queria se formar*. As histórias relatadas por Nelma o assustavam, a exemplo do desrespeito aos professores e colegas. Isto não acontecia no *Alexandrina* e quando acontecia, “*no mínimo era reconhecido*” e os pais eram chamados ou visitados. Pois, segundo acentuou: “*pense você estudar numa escola em que o porteiro era praticamente seu vizinho, era amigo do meu pai... Quando eu chegava em casa meu pai já sabia o que tinha acontecido*”. E mais, “*minha irmão rodou Salvador, passando em escola Severino... Ela veio terminar o segundo grau já perto com a caçula [a irmã mais nova], no Navarro de Brito*”.

Então, “*o Anfrízia Santiago era uma escola de referência... Eu tive um final dramático na Alexandrina, pois faltava muito professor*”. Porém, muitas de suas idealizações sobre aquela *escola grande*, do *centro* vieram por terra, conforme registra:

Um baque, no curso de Inglês. Ela [a professora] passou um livro... e que nunca tinha estudado um livro inteiro. Hoje vejo que era apenas uma pequena revista, mas naquela época foi muito impactante... Tinha uma professora de história muito boa, que se atentava aos fatos... Fui reprovado no primeiro ano, mas foi bom, pois pude vivenciar outras experiências, a pegar ônibus, a estudar.. Não queria estudar à noite, pois sabia que isto significava que não ia terminar o segundo grau... Eu sabia que várias pessoas que estudavam à noite e que começavam trabalhar abandonavam a escola... O ano que tava acabando curso técnico tinham vários professores que eram estagiários. O estado não estava mais investindo na contratação de professores com formação na área técnica de contabilidade.

Os problemas que Haroldo descreve no relato subscrito eram compartilhados por muitos jovens soteropolitanos que estudavam na rede pública estadual. Por outro lado, dar continuidade aos estudos era possível por causa das redes que conseguiam acessar estudando nelas. Haroldo ressalta a importância da namorada dele na época, Juciana, que havia conhecido na escola. Através dela conseguiu um estágio – algo que poucos colegas de curso haviam conseguido. Desta forma, então, no terceiro ano do ensino médio pode estagiar na sede dos Correios, na sede Central, localizado no bairro da Pituba, através da indicação do pai de Juciana, Carlos, que era um homem articulado politicamente por causa de sua experiência sindical na Dawquímica, conforme destacou Haroldo.⁴²⁸

Essa experiência de estágio lhe permitiu conhecer e trabalhar com “*pessoas que tinham condições*” muito diferentes de sua família. Ele se lembrou de um evento bastante eloquente a respeito da visão cristalizada sobre os lugares sociais destinados a determinadas pessoas. Uma das secretárias lhe pediu para levar um documento de carro até outro órgão dos *Correios*. Ao solicitar esta atividade, ela contava certamente que ele iria se deslocar em carro particular. A possibilidade dele não ter carro não existia para ela. Não era uma questão, pois todos que trabalhavam ali, no setor, e eram estagiários de contabilidade tinham carro. Conforme afirmou Haroldo, isto não significou uma ofensa para ele. Era claro que realmente estava num universo social e cultural do qual *não fazia parte*. Então, o estranhamento era para todos. Por outro lado, ele pondera sobre situações em que algumas pessoas queriam fazê-lo de *serviçal*, mas que havia *colegas* que não permitiam que isto

428 Carlos era natural de Cachoeira, morava no Vale das Pedrinhas e matinha uma rede de apoio muito intensa, segundo Haroldo, com seus conterrâneos e vizinhos que se encontravam em espaços políticos e de trabalho. Por exemplo, ele era amigo de Gilberto José, ex-secretário de saúde do Estado. Além disso, passou muito tempo trabalhando no setor de enfermagem da Dawquímica, no Polo Petroquímico. Nos correios, o diretor, na época, Senhor Denivaldo, era seu conterrâneo de Cachoeira.

acontecesse. A experiência de trabalho no Correio Central despertou nele o interesse e a possibilidade de ir para a universidade, pois, naquele ambiente era comum que os funcionários chegassem comemorando a aprovação dos filhos no vestibular. Desta maneira, a universidade passou a ser um universo existente e, sobretudo, um horizonte possível, ao qual perseguiu nos anos seguintes. Entre seus irmãos, apenas Elaine seguiu este caminho até o ensino superior. Nelma e Dedeu construíram seus caminhos, após o término do ensino médio, em rumos diferentes.

Na minha própria experiência de estudar numa escola da *cidade*, a diferença era marcada de forma mais contundente. Pois, mesmo sendo esta escola pública, com a maioria dos estudantes oriundos de bairros pobres e periféricos de Salvador, isso não fazia com que a estigmatização acerca do *Subúrbio* e de seus moradores fosse menor. Anos depois, retornei ao Comercial para lecionar. Na época, como professora, pude estabelecer contato com outros jovens e outras experiências.⁴²⁹ Lembro-me de um caso em especial de uma jovem, moradora de Novos Alagados, filha de uma Ialorixá, nascida em Cachoeira, que encontrei anos depois durante as minhas pesquisas para o mestrado. Assim, como outros jovens residentes em muitos bairros com os quais convivi, esta jovem preferia omitir o lugar onde morava, porque tinha vergonha de ser moradora de uma área de invasão, que todos na cidade associavam às palafitas. Certamente, esta era uma estratégia de defesa e de inserção utilizadas por outras pessoas do *Subúrbio*, principalmente as que habitavam as áreas mais estigmatizadas, como dito anteriormente. A jovem a que me refiro, na época estudava no Colégio Serra Vale, no bairro do Rio Vermelho. Nela os estudantes eram oriundos de diferentes bairros da Orla Oceânica. No imaginário e das representações sociais e culturais da cidade, os bairros desta parte da cidade são considerados de prestígio, diferentes dos que estão do outro lado, na orla da baía *suburbana*.

Esta mesma “vergonha” impedia as irmãs de Dona Elizete, décadas antes, de falar onde residiam e era a mesma que observei nas narrativas dos jovens com quem trabalhei entre 2002 e 2007, em Plataforma, a exemplo de Deise Carla, ao se referirem às situações

429A escola tinha saído do controle político e administrativo do Sr. Castelo Branco – político tradicional da cidade do Salvador, eleito vereador diversas vezes, sempre fez desta escola curral eleitoral, capitalizando os votos das centenas de alunos, pais e parentes destes. Por alguns anos, ensinando nesta escola, tive contato com muitos jovens, uma geração de suburbanos que traziam para a sala de aula problemas da vida cotidiana e suas angústias.

na escola, no trabalho, nos espaços específicos de lazer fora do bairro e nas redes de “bate-papo” pela internet, por exemplo. Eles omitiam o lugar onde moravam por “vergonha”, como estratégia para escapar dos estereótipos, piadas jocosas, preconceito e a recusa – processos com os quais estavam familiarizados. Na tirinha que reproduzo abaixo, outra destas jovens, Lorena traduz em narrativa visual a experiência vivida por um dos colegas, Ari, que numa *lan house*, numa seção de “bate-papo”, no correr da conversa, o assunto oscilou para o lugar onde moravam:

Imagem 37. Vida em tela.



Fonte: Projeto Violência e Masculinidade, 2005.
Desenho: Lorena de Jesus Reis

Por fim, o que certamente é singular? O mesmo que aparece nos relatos de Haroldo e Ediane e muitos outros amigos desta geração. Estudar fora do bairro para alguns foi um processo marcado por muitos conflitos, sofrimentos, conquistas, descobertas, afirmação de um lugar de pertencimento, do desejo de continuar ampliando seu mundo, para outros, neste caso, de afirmação social, racial e de gênero. A experiência do estranhamento, do receio/medo, da descoberta e dos conflitos nas relações cotidianas nos

diferentes posicionamentos sociais e identitários com jovens residentes em outros bairros da cidade foram/são sinalizados. Jovens que não conseguiam/conseguem romper circuitos como estes, finalizavam suas trajetórias escolares no ensino fundamental e se dedicavam à reprodução da vida em suas várias dimensões. Na experiência do ensino médio, as novas relações de amizade e trabalho significaram para alguns a formulação de um desejo, projeto de continuidade no ensino superior como uma estratégia de inserção em outros circuitos da vida social e cultural de Salvador.

Desvendar mundos completamente desconhecidos e traçar linhas outras para suas vidas caracteriza a trajetória destes jovens. Alguns deles saíam/saíram do bairro e iam/foram direto para o *interior* de seus pais/avós – o que muito nos diz sobre como foram criando vínculos de pertencimento com estes lugares. Outros, por sua vez, foram produzindo suas lógicas de pertencimento a partir apenas das histórias contadas e recontadas por seus mais velhos.

A ligação com estes lugares de origem dos mais velhos não se dá apenas na concretude do território. Observei isto entre muitos dos meus amigos que não conheciam, ou haviam estado no *interior* de seus pais e ou avós. A experiência de Haroldo, Nelma, Dedeu e Elaine e seus primos, mais novos e da mesma geração, diferente de Eliana, Robson, Roberto e Rosana, os mais velhos dos nascidos na cidade, é bem significativa, pois revela que a ligação com estes lugares é uma ligação narrativa. Ligação essa com uma memória que foi legada, a ele, aos irmãos e aos primos através de suas mães. São vínculos para além do contato e da visitação continuamente realizada a estes lugares. O pertencimento é a um sentimento, a uma *casa*, a uma origem, que se é transmutável no tempo e no espaço; é o pertencimento, de certa forma, a um projeto, um sonho, uma esperança de uma *vida melhor*, que não tenha ela mesma um sentido único, pois varia de acordo com o tempo, o contexto e as subjetividades que figuram a constituição das pessoas.

Efetivamente, o que estou dizendo é que existem, neste aspecto do pertencimento a uma *origem*, linhas de vida produzidas de diferentes formas, em diferentes dimensões e que, por isto, se alimentam de diferentes maneiras. A experiência de Luís Henrique, Aline e seus primos e parentes que nasceram em Salvador e mantem um vínculo alimentado e realimentado, não só nas narrativas de um lugar, quase mítico, mas em vistas regulares à Barra do Paraguaçu; ou de Ediane, que tem uma relação direta com a Ilha de Maré, de onde

seu pai migrou. É para a Ilha de Maré, quando não está (ou não pode estar) em *casa* com seus pais, que ela vai quando quer se [re]alimentar de/em *casa*.

O *interior* destes sujeitos foi reelaborado subjetiva e simbolicamente para compreender o mundo e se colocam, neles, se forjando neste contato não necessariamente direto, concreto com este *interior*. O contato com outros sujeitos constituiu, de alguma forma, a aproximação destes jovens com o universo distante do *interior* e da experiência de seus pais e avós e, ao mesmo tempo, de afastamento. Neste caso, é o que, muitas vezes, produz rupturas marcadas por conflitos no seio das famílias entre pais e filhos e irmãos, primos, etc.,

A relação de pertencimento aparece nos discursos que afirmam valores, lógicas de honras, respostas (mesmo que de negação) às expectativas perspectivas de seus mais velhos que são configurados também pelos contatos com outras redes, com outros *mundos*. Afinal, o *interior* está dentro de nós.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Experiências de migrantes. Este é o horizonte temático em torno do qual me mobilizei e produzi meu percurso nesta tese. Durante os trabalhos de pesquisa que desenvolvi nos últimos dez anos, mantive a preocupação de me aproximar e compreender as trajetórias de diferentes pessoas e, especialmente, nos últimos cinco anos, as trajetórias dos migrantes em Salvador, capital do Estado da Bahia, entre os anos de 1940-1980. A finalidade nesse trabalho foi a de realizar uma etnografia da trajetória dessas pessoas que viveram experiências distintas de deslocamentos.

Etnografar os mundos vividos por elas me fez trilhar por diferentes lugares e tempos. No percurso realizado, atravessei distintos domínios do conhecimento, especialmente da História e da Antropologia Sociais. Essa escolha em ultrapassar fronteiras disciplinares – construídas em outros tempos, mas que continuam a nortear nossos estudos até o presente – está alicerçada na certeza de que a complexidade das relações sociais que caracterizam o mundo contemporâneo nos exige, como pesquisadores, conceber novos empreendimentos metodológicos e conceituais, no momento mesmo da pesquisa, em diálogo efetivo com nossos interlocutores e outras formas de saber.

Compreendo, ainda, que trabalhar em linha de proximidade, ou melhor, de familiaridade social e cultural com o universo em questão não se constitui, *a priori*, num problema quanto ao rigor e à confiabilidade da investigação, pois pode ser uma experiência apreendida enquanto estratégia metodológica para mediar e auxiliar a pesquisa, a análise e o entendimento do pesquisador. Agrego, nesta perspectiva, a certeza de que, a familiaridade, assim como o distanciamento, não são nenhuma garantia de pesquisa bem sucedida; ou seja, nos termos do que se convencionou no saber científico de pesquisa objetiva.

Joan Vicent (2010) refletiu sobre o desenvolvimento das sociedades agrárias e adverte sobre a necessidade de uma abordagem que ultrapasse aqueles que são predominantes, há muito tempo, pelas Ciências Sociais, orientadas, de um lado, por “macropreocupações” e, por outro, “micropreocupações” (VICENT, 2010).

Esta tem sido uma preocupação que caracteriza minha incursão pelo mundo da antropologia, construir uma análise pautada em observação etnográfica intensa e em material histórico. No caso desta tese, o foco são as experiências e os processos que caracterizam as mobilidades e o crescimento e urbanização de Salvador a partir de um território, o Subúrbio Ferroviário. Este território se configurou como área de expansão da cidade, recebendo inúmeras pessoas oriundas de diferentes lugares do Estado e de fora dele, em distintos momentos. Recuar no tempo para entender as mudanças e as continuidades, bem como os processos estruturais da sociedade é a escolha metodológica feita por mim, que tentei desenvolver neste trabalho.

Ao delimitar um *locus* para a pesquisa, pude produzir um conjunto de dados de eventos do presente, e também de informações do passado; o que me possibilitou refletir sobre as mudanças ocorridas através do tempo. Ademais, pude observar e participar das interações com as pessoas, em suas redes de relações. Os limites da investigação que realizei não se confundiram com os limites da observação (VICENT, 2010), ultrapassaram suas fronteiras – elas mesmas arbitrárias –, e se alargaram para outros cenários e dimensões das relações sociais.

Assim, pretendi produzir uma pesquisa e, posteriormente, uma narrativa pautada em diálogos e interlocuções, e alinhar diferentes relações sociais, políticas e estruturais e, também, os eventos (dimensões intrínsecas da vida), que caracterizaram e continuam a caracterizar os deslocamentos e as transformações urbanas e sociais em Salvador – vistas a partir das experiências dos migrantes, dos percursos produzidos no interior da cidade e das formas de inserção forjadas por estas pessoas. Considerando que a compreensão dos processos e das mudanças era o horizonte, trabalhei numa perspectiva geracional da trajetória migrante, registrando e colocando em relação as experiências dos filhos e netos – que denominei de filhos da cidade – com os projetos de “melhorar de vida” e “mudar de vida” que mobilizaram os mais velhos de suas famílias.

A preocupação com a memória vivida e contada, o intercruzamento de diferentes fontes orais, imagéticas e documentais me levou a universos inesperados da história e das relações sociais no Subúrbio Ferroviário e em outros espaços da cidade de Salvador. Os desafios postos: a montagem de uma narrativa etnográfica e a seleção das peças que dessem conta de contar as experiências dessas pessoas, consideradas a partir de

seus próprios relatos e, ao mesmo tempo, colocadas em diálogo com outros. A alternativa: fiar as peças encontradas no caminho percorrido, considerando, assim a ordem interna presente neste movimento, nos relatos produzidos e na dinâmica das lembranças e dos esquecimentos dos sujeitos.

Ainda sobre a análise dos eventos ocorridos no passado, Vicent (2010) diz que o aspecto mais estratégico ao produzi-la a partir de uma “unidade mínima” é que esta se constitui de “pessoa, lugar e tempo” – os quais definiu como grandes eixos de sua análise (VICENT, 2010, p. 475). Nesta tese, observo que acabei por intercruzar estes três eixos ao montar a narrativa que apresento aqui. Ao fim, trato: (i) do movimento de pessoas dentro e fora do local e do tempo observados; (ii) das conexões dessas pessoas com o passado, por meio de ligações familiares, casamentos, empregos etc; e, por fim, (iii) das conexões dessas pessoas com o exterior, isto é, suas conexões com outros indivíduos que não fazem parte desse grupo.⁴³⁰

Salvador é uma cidade marcada histórica, social e culturalmente por diferentes mobilidades. Desde o início de sua formação, a capital baiana configurou-se como um cenário de diferentes fluxos migratórios. A literatura histórica e sociológica trabalhada indicou momentos significativos destes fluxos ocorridos no período recortado desta tese, largamente investigados a partir do ideário economicista e macro-estrutural. Um dos objetivos deste trabalho foi, porém, como já dito, uma análise focada não no processo migratório propriamente dito, mas na trajetória das pessoas que viveram a experiência migratória. Inicialmente, a finalidade era “seguir as trajetórias de migrantes oriundos do Recôncavo para Salvador”. Diferentemente dessa orientação inicial – inspirada pelos estudos de migração que tomam por referência a dimensão geográfica-espacial (nos termos das convenções político-administrativas), e os fluxos demográficos de maior incidência que, no caso estudado, indicavam a relevância dos dados migratórios entre a capital baiana e os municípios da região do Recôncavo Baiano –, preferi trabalhar com a noção

430 *Ibidem*, p. 471.

de *interior*, comumente evocada por meus interlocutores ao se referirem genericamente aos locais de onde haviam migrado e por indicar força analítica e relacional.

A escolha em trabalhar com a noção local de *interior* me possibilitou redesenhar o perfil dos sujeitos da pesquisa e ampliar a rede de interlocutores. Afinal, isto me possibilitou registrar multiplicidades da experiência vivida no processo migratório em direção a Salvador. A partir das experiências dessas pessoas, busquei identificar e compreender suas estratégias, modos e arranjos de inserção social e cultural na metrópole baiana. Isto foi possível mediante a produção de um *corpus* empírico e etnográfico de pesquisa – registros de observação, relatos biográficos, fotografias, reprodução de fotografias de álbuns de família e de outros acervos, diferentes cartografias e desenhos – que, efetivamente, ampliaram os horizontes e as preocupações do trabalho.

Para construir o universo de interlocutores, trabalhei em rede, tomando como linhas de tessitura as pessoas com as quais eu possuía relações de amizade e trabalho no *locus* de partida da pesquisa. A partir destes contatos ampliei o alcance da rede, o conhecimento e as relações em outros espaços. Ao final, a rede dispunha de vinte e oito entrevistados, dos quais vinte e três oriundos de diferentes *interiores* da Bahia e cinco migrados de outros estados brasileiros, especialmente de Estados do nordeste brasileiro. Porém, no desenvolvimento do trabalho foquei a análise a partir das trajetórias de quatro pessoas: Seu Camilo, Dona Railda, Dona Elizete e Seu Hélio.

Ao narrar suas histórias na cidade de Salvador, alinhabei outras trajetórias para compreender os diferentes projetos e relações sociais e culturais no âmbito das redes familiares e de parentesco, de trabalho, de vizinhança e de amizade entre eles. Neste nível da análise, pude observar e refletir acerca dos conflitos cotidianos e de perspectivas na forma de compreender e estabelecer suas relações; as proximidades e distanciamentos entre projetos, sonhos e horizontes construídos entre diferentes gerações de migrantes e seus descendentes; bem como entre pessoas da mesma geração.

Neste caminho, recuei aos tempos evocados por estas pessoas para pensar sobre a decisão de migrar e os primeiros anos da vida na cidade. Ao mesmo tempo, mantive-me atenta às relações produzidas no presente para pensar como suas experiências se fazem incidir ou não nos projetos, nas experiências e nas identidades forjadas por seus descendentes já nascidos na cidade. Nestes percursos, observei a reafirmação – assim como

a negação – por parte dos “filhos da cidade”, dos sonhos e desejos motivadores do projeto migratório dos seus pais e/ou avós. Observei a reprodução de ofícios e lugares sociais, assim como a ruptura deles.

O processo de inserção na cidade a partir das redes produzidas e ou acessadas por estes sujeitos se entrecruzam, formado assim arranjos extremamente complexos de relações. Em termos gerais, estas trajetórias sinalizam para a construção de diferentes estratégias de *luta* por inserção e permanência em Salvador. Algumas destas estratégias, ou arranjos sociais aparecem associadas ao que, classicamente, convencionou-se denominar de movimentos sociais, ligados ou não a formas institucionais, a exemplo do *movimento das invasões*. Porém, estas experiências sinalizam para uma série de práticas socioculturais que indicam, sobretudo, outras formas mais subjetivas e simbólicas de *luta* por inserção no espaço urbano de Salvador.

Nas trajetórias analisadas nos fluxos migratórios para Salvador, o deslocamento de crianças e mulheres se afirma como característica marcante, um aspecto estrutural estudado em outros contextos etnográficos no Brasil e em outras partes do mundo, que estão associados aos processos de desenvolvimento e transformação no meio rural e ao crescimento das grandes cidades. Aspectos como estes, afirmam a necessidade de mais estudos que se posicionem em linhas de comunicação, rompendo as fronteiras temáticas e analíticas entre o que se definiu como o campo e a cidade. O contexto estudado me fez pensar em relação, pois os próprios sujeitos investigados trazem em suas experiências e em suas subjetividades marcas e perspectivas que apontam neste sentido.

Ainda sobre as experiências da migração vividas na infância, retorno às trajetórias construídas/vividas por Dona Elizete, Seu Hélio, Neco, Mãe Ciça, Dona Railda, Dona Cecília, Seu Haroldo, Dona Julieta, Pedro Cardoso e Seu Aluízio, que indicam para diferentes formas e efeitos no transcorrer de suas vidas. Dona Elizete, Dona Cecília, Seu Haroldo, Dona Julieta e Pedro Cardoso, como destaquei, não chegaram sozinhos à cidade como aconteceu com outros. A travessia deles aconteceu na companhia da família: pai, mãe e/ou irmãos. Os pais de Dona Elizete, Dona Julieta, Pedro Cardoso e Dona Cecília chegaram à cidade com ofícios especializados. Isto, de certa forma, possibilitou a eles e às suas famílias oportunidades concretas de inserção na cidade.

Como foi possível observar, a subalternização, que caracteriza a experiência de muitas destas pessoas, foi vivenciada na dinâmica da vida urbana; não foi fruto de uma relação de trabalho ou dependência em determinadas redes, em princípio. Foi se configurando mediante as condições e possibilidades no jogo da vida na cidade. A mãe de Dona Elizete era escolarizada, professora e costureira; seu pai, sapateiro. O pai de Pedro Cardoso era um trabalhador da *Leste*, que experimentou mobilidade no trabalho; o irmão mais velho de Seu Aluízio era operário do Complexo Industrial de Aratú, por exemplo. Isto possibilitou que eles ocupassem lugares diferenciados na rede de prestações de serviços que requeriam certo letramento na cidade.

Por outro lado, Dona Railda, Neco, Mãe Ciça e Seu Hélio, que compartilharam a experiência de chegar à *cidade da Bahia*, também ainda crianças, fizeram a travessia sozinhos. Uns fugidos, como Dona Railda; outros – Neco, Mãe Ciça e Seu Hélio –, para viver sob a tutela dos parentes e/ou nas redes de compadrio. As experiências de Seu Hélio e Dona Lita (sua cunhada) se assemelham às de outras crianças que tiveram histórias de vida marcadas pela sensação, ao mesmo tempo, de pertencimento e de exclusão dentro do grupo familiar onde se assentaram, configurando-se no que a literatura sobre este tipo de relação chama de *cria da casa*.

Dona Railda e, posteriormente, Mãe Ciça, passaram os primeiros anos na cidade ocupando-se do serviço de empregadas domésticas que “dormem no trabalho”. Esta foi a experiência de muitas jovens mulheres, negras, em sua imensa maioria, algumas das quais construíram suas vidas no seio das *casas de família*, no contexto de Salvador, também, definidas como *casas de branco*, que as incorporou como empregadas domésticas – algumas durante toda a vida. Este processo, a despeito das mudanças observadas nas últimas décadas, ainda é estrutural na sociedade brasileira. A mobilidade na juventude caracteriza a experiência migratória de Seu Camilo – um jovem “sertanejo”, que ocorreu através da *fuga*. A *fuga* era das obrigações estabelecidas pelas regras sociais, às quais não queria se submeter. Este espírito de ruptura e liberdade aparece descrito em outras trajetórias. Na *Cidade da Bahia*, Antônio Oliveira, Fernando, Mariana Oliveira e Dona Mira buscaram encontrar os seus “interiores”, evocando o *sertão* que carregavam em suas bagagens e que tantos outros também já haviam transportado para Salvador – historicamente, cidade de embarques e desembarques, por onde tantas pessoas atravessaram

seguindo seus caminhos para outros nortes. Nela aportaram e aí fizeram a vida, Pedro Cardoso, Maria Nelsina, José William e Severina, rompendo as fronteiras que separam os Estados da vasta zona “sertaneja”.

A importância das redes religiosas (Católica e do Candomblé) na experiência e nas formas de inserção é marcante no contexto estudado. A relação com a religião possibilitou a muitas pessoas a inserção no mundo do trabalho e na educação formal, que atravessou gerações. Este é o caso das famílias de Dona Elizete e Mãe Ciça. No caso de Dona Elizete, o contato de seu pai com as redes da Igreja – primeiro na Igreja da Nossa Senhora da Conceição da Praia e depois com a Igreja de Nossa Senhora de Pirajá –, foram fundamentais para os rumos seguidos pela família. Através dessas conexões circularam pela cidade, construíram amizades, conseguiram informações e trabalhos, e depois emprego. Da mesma forma, Antônia Garcia, Padre Oliveira, Mariana Oliveira, José Willian, Dona Alice e Dona Cecília, de maneiras diferentes, compartilharam esta forte ligação e, por conseguinte, uma base de apoio na Igreja Católica. Alguns, com o passar do tempo, romperam este vínculo, a exemplo de José Willian, Dona Julieta e Pedro Cardoso.

Mãe Ciça, por outro lado, construiu uma rede de apoio, vínculo e trocas no âmbito do Candomblé, desde os primeiros tempos em Salvador. Porém, a sua ligação só se consolidou na fé e na prática no terreiro, já adulta. Mas o caso de Mãe Ciça não se configura como uma exceção. A presença e importância dos terreiros de Candomblé no apoio junto a inúmeras pessoas aparece, direta ou indiretamente, nas relações sociais nesta e em outras partes da cidade de Salvador, conforme demonstra uma vasta literatura.

A migração em etapas caracteriza a dinâmica observada na rede analisada, assim como foi fundamental no processo de ocupação e transformação urbana de Salvador. Identifiquei ruas inteiras ocupadas por migrantes e, em alguns casos, por migrantes membros de uma mesma família e parentes por consanguinidade, aliança e consideração, conformando uma vizinhança, a exemplo de Dona Railda, Dona Raimunda e Dona Nalzina.

Os relatos trabalhados apontam para os diferentes sentidos que a *casa* assume entre os grupos migrados, que vivem nos bairros pobres de Salvador, a configuração de outras formas de ocupação do espaço da *rua* – esta podendo ser uma dimensão da própria casa. A *casa* é também o lugar de onde se vem ou para onde se vai; de onde os pais e avós vieram: a terra natal, de origem, da roça. Ela é o lugar para onde alguns querem voltar,

outros só querem passear e outros preferem deixar como um universo a se imaginar. Lugar que se constrói relações de pertencimento ou de distanciamento e negação.

Por fim, considero importante sublinhar que – ao analisar as relações que se forjam no seio da cidade e dos territórios que a constituem e os fenômenos que nela se configuram – é preciso levar em conta as marcas, inscritas nos espaços e nos corpos das pessoas, nos sentidos e nas representações dos habitantes do lugar. Neste sentido, é mister olhar na direção dos processos de territorialização destas pessoas; das diferentes formas de ocupação e reprodução; do espaço do vivido, o lugar com o qual as pessoas se identificam; dos processos históricos e sociais de apropriação e deslocamento territorial vivenciados pelo grupo ao se deslocarem por diferentes bairros. Ao estudar as redes sociais e culturais constituídas entre grupos e sujeitos sociais, na relação de circulação entre diferentes territórios situados entre o que a literatura convencionou chamar de cidade e campo, pude observar os fluxos e as trocas de coisas e de pessoas. Pude observá-lo, especialmente, ao estudar as estratégias de inserção no mundo do trabalho, da educação formal, da família, da religião, da ação política e do lazer forjadas nos processos de deslocamento e estabelecimento na cidade. Neste processo, estas pessoas que se deslocaram no tempo e no espaço em situação de vulnerabilidade vivenciaram e vivenciam a subalternização, a invisibilidade, a discriminação e o racismo. Entretanto, construíram e continuam forjando estratégias, formas sociais e simbólicas para subverter estes lugares.

FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Arquivo Público Baiano

SALVADOR, Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano, Habitação e Meio Ambiente. Disponível em:
<http://www.desenvolvimentourbano.salvador.ba.gov.br/lei7400_pddu/index.php>. Acesso em 20 de março de 2011.

Secretaria de Planejamento Urbano de Salvador, da Fundação Mario Leal Filho;
Companhia de Desenvolvimento Urbano (CONDER);
Biblioteca Central dos Barris – Série Jornais;

Fontes Orais

Acervo: Projeto “Memórias Suburbanas”. <<http://memoriassuburbanas.wordpress.com/>>
SOUZA, Cristiane. Acervo: Projeto “Violência e Masculinidade, 2005-2007.”
SOUZA, Cristiane. Acervo: Projeto Percepção e Produção Estética,

Imprensa

BRITO, George. Comunidade disputa com empresa posse de Plataforma. *Jornal A Tarde*. Salvador, 19, set. 2011, Cidade, p.A4. Disponível em:
<http://www.pierreverger.org/fpv/index.php?option=com_wrapper&Itemid=176>. Acesso em: 24 de abril de 2012.

O BNH SERVIU A QUEM? *Jornal A Tarde*. Salvador, 06 de janeiro de 1980, Caderno notícia em fato, p. 06.

DONAS-DE-CASA DA ÁREA SUBURBANA UNIDAS PARA REIVINDICAREM ESCOLAS. *Jornal A Tarde*. Salvador, 25 de fevereiro de 1980, p. 09.

A SECRETARIA DE URBANISMO E OBRAS PÚBLICAS – SUOP ENTREGA EM 15 DIAS 600 METROS DE PONTES NA ÁREA DE ALAGADOS. *Jornal A Tarde*. Salvador, 04 de fevereiro de 1980, Caderno notícia em fato, p. não localizada.

ALAGADOS UM TRABALHO QUE VALEU. *Jornal A Tarde*. Salvador, 25 de março de 1980, p. 10.

Referências Bibliográficas

ABU-LUGHOD, Lila. “Writing Against Culture” in Fox, R. (Org.) *Recapturing Anthropology*. Santa Fe, School of American Research Press, 1991.

ACSELRAD, Henri (org.) *Cartografias Sociais e Territórios*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, 2008.

AGIER, Michel. “Lugares e redes – As mediações da cultura urbana”. In: NIEMEYER, Ana Maria & GODOI, Emília Pietrafesa de (orgs.). *Além dos territórios*. Campinas: Mercado de Letras, 1998a.

_____. El Sujeto a pesar de si mismo: Relato de vida, genealogía e identidad en los medios afro-bahianenses (Brasil). In: LULLE, Thierry; VARGAS, pilar y ZAMUDIO, Lucero. (Coords). *Los usos e la historia de vida em las ciências sociales II*. Rubí (Barcelona): Antropos; Santafé de Bogotá: Centro de Investigaciones sobre Dinámica Social de la Universidad Externado de Colombia, p. 171-191, 1998b.

_____. “Espaço Urbano, família e Status Social. O novo operariado baiano nos seus bairros”. *Cadernos CRH*. Salvador, n. 13, p. 39-62, 1990a.

_____. O sexo da pobreza: homens, mulheres e família em Salvador da Bahia. *Tempo Social*. São Paulo, n. 2, v. 2, 1990b.

ALBUQUERQUE, Wlamyra Ribeiro de. *O jogo da dissimulação: abolição e cidadania negra no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ALMEIDA, Cláudio Roberto dos Santos de. *Flores no concreto: gênero e liderança institucional entre pentecostais da periferia de Salvador*. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal da Bahia, Salvador: 2009.

ALVES, André. Os Argonautas do Manguê. Precedido de Balinese Character (re)visitado por Etienne SAMAIN. Campinas/SP: Editora Unicamp; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.

AMADO, Jorge. *Capitães de Areia*. Rio de Janeiro, Record, 1991.

_____. *Bahia de Todos os Santos*. Rio de Janeiro: Livraria Martins Editora, 1975.

_____. *Velhos Marinheiros: duas histórias do cais da Bahia*. São Paulo, Martins, 1961.

_____. *Seara Vermelha*. São Paulo: Martins Fontes, 2 ed., 1951.

ANDRADE, Débora Safira; QUEIROZ, Lúcia Maria Aquino de; ALMEIDA SOUZA, Regina Celeste de. A implantação do sistema Ferry-Boat: um resgate histórico. *Revista de Ciências Sociais Aplicadas e Humanidades*. Salvador, SEPA, Ano VII - V. 7 - N. 7, 2003.

ANDREATTA, Graça. *Na lama prometida, a redenção*. São Paulo: O Recado, Editora Ltda., 1987.

APPIAH, Kwame Anthony. *Na casa do meu pai, a África na filosofia da cultura*. Rio de Janeiro, Editora Contraponto, 1997.

ARAÚJO, Ubiratan Castro. A Baía de Todos os Santos: um sistema geo-histórico resistente. *Bahia Análise & Dados*. Salvador: SEI. v. 9, nº 4, pp. 10-23, 2000.

ARIZA, Marina & VELASCO, Laura (cord.). *Métodos qualitativos y su aplicacion Empirica. Por los caminos de la investigación sobre migracion internacional*. México: UNAM, Instituto de Investigaciones Sociales, El Colégio de la Fontera Norte, AC, 2012

- AZEVEDO, Priscila Gomes de. “Criadas” para servir. In.: II Seminário Nacional de Sociologia e Política. *Tendências e Desafios contemporâneos [Anais]*. Curitiba/PR, V. 12, 2012.
- AZEVEDO, Thales. Imagens e Estereótipos raciais e nacionais. In: *Ensaio de Antropologia Social*. Salvador: Publicações da Universidade da Bahia, p. 121-140, 1959.
- _____. *As Elites de cor numa cidade Brasileira. Um estudo de Ascensão social e grupos de prestígio*. Salvador. Empresa Gráfica da Bahia. EDUFBA. 2ª edição [(1955) 1996].
- _____. *Cultura e situação racial no Brasil*. Rio de Janeiro. Editora Civilização Brasileira. 1956.
- _____. Classes Sociais e grupos de prestígio. In: *Cultura e situação racial no Brasil*. Rio de Janeiro. Editora Civilização Brasileira. 1956.
- _____. Cidade e cultura: o caso de Salvador. In: *Seminário sobre o centro da cidade do Salvador, [Anais]*. Salvador: Governo do Estado; Prefeitura Municipal, p. 41-57, 1977.
- _____. O advento da Petrobrás no Recôncavo. In: BRANDÃO, Maria de Azevedo (org.). *Recôncavo da Bahia – sociedade e economia em transição*. Salvador: Academia de Letras da Bahia, Universidade Federal da Bahia, 1998.
- BACELAR, Jeferson. Modernização e Cultura dos negros em Salvador. In. *A hierarquia das raças: negros e brancos em Salvador*. Rio de Janeiro: Pallas. 2001.
- _____. *Gingas e nós: o jogo do lazer na Bahia*. Salvador/BA: Fundação Casa de Jorge Amado, 1991.
- _____. *Etnicidade: ser negro em Salvador*. Salvador/BA: PENBA, Ianamá, 1989.
- BAHIA. Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia - SEI. *Panorama da migração dos municípios baianos em 1995-2000*. Salvador: SEI, 268 p. Il, 2007. [Série estudos e Pesquisas, 77].
- _____. *Migração e migrantes da Bahia nos anos de 1980-1990: tendências e perfis sociodemográficos*. Salvador: SEI, 124 p. il. 2006. [Série estudos e pesquisas, 76].
- _____. *Dinâmica sociodemográfica da Bahia: 1890-2000*. Salvador: SEI, vols. 1 e 2, 2003. [Série Estudos e Pesquisas: 60].
- _____. *Mudanças sociodemográficas recentes: Região Metropolitana de Salvador*. Salvador: SEI, 1999. [Série Estudos e Pesquisas: 41].
- BAHIA. Secretaria do Planejamento do Estado da Bahia - SEPLAN. *Edital para contratação de consultoria para elaboração de Estudo de Impacto Ambiental (EIA) e do Relatório de Impacto Ambiental (RIMA) para a implantação de sistema de travessia Salvador/Ilha de Itaparica sobre a Baía de Todos os Santos, do tipo ponte rodoviária, duplicação da Rodovia BA-001 do trecho de chagada até a Ponte do Funil, e demais estruturas associadas*. Disponível em: <<http://www.seplan.ba.gov.br/editais>>. Acesso em 10 de outubro de 2013.
- BAIROS, Luiza. Mulher negra: reforço da subordinação. In: João José Reis (org.). *Escravidão e Invenção da Liberdade. Estudos sobre o negro no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

- BARBOSA, Haroldo. Educação em Novos Alagados: Um estudo sobre as práticas Pedagógicas dos projetos sociais no Subúrbio Ferroviário de Salvador/Ba. 2007. Monografia de final de curso em Educação. Universidade Federal da Bahia, 2007.
- BARNES, J. A. “Redes Sociais e processo político”. In: FELDMAN-BIANCO, Bela (Org.). *Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos*. São Paulo: Editora da UNESP, 2010.
- BARTHES, Roland. Introdução à análise estrutural das narrativas. In: *A aventura Semiológica*. Lisboa/Portugal: Edições 70, 1987, pp.95-130.
- BECKER, Howard. Conferência – A Escola de Chicago. *Mana - Estudos de Antropologia Social*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, Out. de 1995.
- BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única*. São Paulo: Brasiliense, 5. ed., 1995. [Coleção Obras Escolhidas: III].
- BERTAUX, Daniel. *Les récits de vie*, Nathan, Paris, 2001.
- BHABA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte/MG: EdUFMG, 1998.
- BORGES, Antonádia. Mulheres e suas casas: reflexões etnográficas a partir do Brasil e da África do Sul. *Cadernos Pagu: Campinas/São Paulo*, (40), janeiro-junho, p. 197-227, 2013.
- _____. Sobre pessoas e variáveis: etnografia de uma crença política. *Mana - Estudos de Antropologia Social*. Rio de Janeiro, abr., vol.11, n. 1, p. 67-93, 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132005000100003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em outubro de 2011.
- _____. *Tempo de Brasília: etnografando lugares-eventos da política*. Relume Dumará, Rio de Janeiro, 2004.
- _____. *Tempo de Brasília: etnografando lugares-eventos da política*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.
- BORGES, Jorge Luis. História das Noites. In. *Obras completas*. vol. 3. São Paulo: Globo, 1999.
- BOSI, Ecléa. *Velhos Amigos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- _____. *O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- _____. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. 3 ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1979 (1994).
- BOTELHO, Tarcísio Rodrigues. A migração para Belo Horizonte na primeira metade do século XX. *Cadernos de História*, Belo Horizonte, v. 9, n. 12, p. 11-33, 2º sem. 2007.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de M. & AMADO, Janaína (orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.
- _____. *Esboço de auto-análise*. [Tradução, introdução, cronologia e notas de Sérgio Miceli]. São Paulo/SP: Companhia das Letras, 2005.

- _____. A ordem das coisas. In: *A Miséria do Mundo*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999a.
- _____. Efeitos de Lugar. In: *A miséria do Mundo*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999b.
- _____. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. [Tradução Miguel Serras Pereira]. Lisboa: Presença, 1996.
- BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. *Cadernos Pagu*. Campinas/SP, n.26, p. 329-376, 2006.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Fotografar, documentar, dizer com a imagem. In: *Cadernos de Antropologia e Imagem*. Rio de Janeiro, 18(1): 27-54, 2004.
- BRANDÃO, Maria de Azevedo (Org.). *Recôncavo da Bahia – sociedade e economia em transição*. Salvador: Academia de Letras da Bahia, Universidade Federal da Bahia, 1998.
- BRANDÃO, Maria de Azevedo. O último Dia da criação: mercado, propriedade e uso do solo em Salvador. In: VALLADARES, Lícia do P. (Org.). *Habitação em questão*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.
- _____. Origens da expansão periférica de Salvador. *Revista Planejamento*. Salvador, v. 6, n. 2. 1978.
- _____. *Estrutura Física, organização social e dinâmica do crescimento de Salvador*. In: *Coleção Estudos Baianos. Cidade do Salvador: aspectos geográficos, históricas, sociais e antropológicos*. Salvador: Imprensa oficial da Bahia, n. 1, p. 99-112, 1960.
- BRUNO, Fabiana. *Fotobiografia: por uma metodologia da estética em Antropologia*. 2009. Tese (Doutorado em Multimeios). Programa de Pós-Graduação em Multimeios, Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 2009.
- _____. Uma antropologia das 'supervivências': as fotobiografias. In: SAMAIN, Etienne (Org.). *Como pensam as imagens*. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2012.
- CABRAL JUNIOR, Vilson Antonio. *De Urdiduras e Tramas: Memórias e narrativas de trajetórias de vida na Serra da Mantiqueira Campo Redondo, Sul de Minas Gerais*. 2002. Dissertação (Mestrado Ciências Sociais). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas-SP, 2002.
- COMERFORD, John Cunha. *Fazendo a luta. Sociabilidade, falas e rituais na construção de organizações camponesas*. Rio de Janeiro: Relume Dumará. 1999 [Coleção Antropologia da Política].
- _____. *Como uma família: Sociabilidade, territórios de parentesco e sindicalismo rural*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003 [Coleção Antropologia da Política].
- CARDOSO, Ruth. Aventuras de antropólogos em campo, ou como escapar das armadilhas do método. In: *A aventura antropológica: teoria e pesquisa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- CARVALHO, Inaiá M. M. Metrôpole. *Cadernos CRH* [online]. 2010, vol.23, n.59, pp. 215-219. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-49792010000200001>>. Acesso em: 12 de agosto de 2012..

- _____; PASTERNAK, S.; BOGUS, L. M.M. Transformações Metropolitanas: São Paulo e Salvador. *Caderno CRH*. Salvador, v. 23, p. 301-321, 2010.
- _____; PEREIRA, Gilberto Corso. Dinâmica Metropolitana e Segregação Socioespacial. *Caderno CRH*. Salvador, v. 20, p. 261-279, 2007.
- _____; BARRETO, Vanda Sá. Segregação Residencial, Condição Social e Raça em Salvador. *Cadernos Metrópole*. São Paulo: PUCSP, v. 18, p. 251-273, 2007.
- _____. Segregação Sócio-Espacial e Dinâmica Metropolitana. In: CARVALHO, Inaiá M. M. e PEREIRA, Gilberto Corso (Org.). *Como Anda Salvador*. Salvador: Edufba, 2006.
- CARVALHO, Maria Rosário. *Identidade Étnica, Mobilização Política e Cidadania*. Salvador: UFBA / Empresa Gráfica da Bahia, 1998.
- CASTILLO, Lisa Earl & PARÉS, Luís Nicolau. Famílias atlânticas: redes de sociabilidade entre Bahia e Benim, século XIX. Campinas/ SP: *Seminário da Linha de pesquisa de Historia Social da África/Programa de Pós-Graduação em História/ Unicamp*, em 04 outubro de 2012.
- CASTILLO, Lisa Earl & PARÉS, Luís Nicolau. Marcelina da Silva e seu mundo: novos dados para uma historiografia do Candomblé Ketu. *Afro-Ásia*. Salvador, n. 36, p. 111-151, 2007.
- CASTRO, Mary Garcia. Jovens em situação de pobreza, vulnerabilidades sociais e violência. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, n. 116, p. 143-176, 2002a.
- _____. Gênero e raça: desafios à escola. In: *Relatório UNESCO*. Brasília, 2002b.
- _____. Alquimia de categorias sociais na produção dos sujeitos políticos. *Revista Estudos Feministas*. Santa Catarina, v.10, p. 57-74, 1992.
- CASTRO, Nádia Araújo. Sindicalismo metalúrgico: mesmas cenas em outros cenários? *Caderno do CRH*. Salvador, n. 14, p.73-95, Jan./Jul., 1991.
- _____; BARRETO, Vanda Sampaio de Sá. Os negros que dão certo: mercado de trabalho, mobilidade e desigualdades ocupacionais. *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*. Campinas, 9 (2), 1992.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Preconceito de marca: etnografia e relações raciais. *Tempo Social: Revista de Sociologia da USP*. São Paulo, 11(1): 97-110, maio de 1999. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/sociologia/temposocial/site/images/stories/edicoes/v111/v11n1a05.pdf>>. Acesso em janeiro de 2013.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Vozes, 1996.
- CHAMPGNE, Patrick. A visão mediática. In: BOURDIEU, Pierre (Coord.), *A Miséria do Mundo*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- COSTA, Sérgio. Desprovincializando a Sociologia: a contribuição pós-colonial. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, vol. 21, n. 60, fevereiro de 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092006000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso 10 de maio de 2009.

- COUTO, Mia. *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- _____. *O fio das missangas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- CUCHE, Denys. A invenção do conceito científico de Cultura. In: *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: EDUSC, 1999.
- DAMASCENO, Karine Teixeira. *Mal ou Bem Procedidas: cotidiano e transgressão das regras sociais e jurídicas em Feira de Santana, 1890-1920*. 2011. 158p. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.
- DAMATTA, Roberto. Digressão: a fábula das três raças, ou o problema do racismo à brasileira. In: *Relativizando*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- _____. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 6. ed. 1997b.
- _____. O ofício de etnólogo, ou como ter 'Anthropological Blues'. In: NUNES, E (Org.). *A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- DEBERT, Guita G. Problemas relativos à utilização da história de vida e história oral. In: CARDOSO, Ruth. (Org.). *A aventura antropológica: teoria e pesquisa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- DIAS, Acácia Batista. *Parentalidade juvenil e relações familiares em Salvador/Ba*. 2005. Tese (Doutorado em História). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Ante El Tiempo*. Buenos Aires: Adriana Hidalgo Editora, 2008.
- _____. L'image brûlée. In: ZIMMERMANN, Laurent (Org.). *Penser par les images. Autour des travaux de Georges Didi-Huberman*. Nantes: Ed. Cécile Defaut, 2006. p.11-52.
- _____. *Images malgré tout*. Paris: Editions de Minuit, 2003.
- _____. *O que vemos, o que nos olha*, São Paulo, Editora 34, 1998.
- DOIMO, Ana Maria. *A vez e a voz do popular: movimentos sociais e participação política no Brasil pós-70*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/ ANPOCS, 1995.
- DRUCK, Maria da Graça. & FRANCO, Tania. Padrões de industrialização, riscos e meio ambiente. *Ciências e Saúde Coletiva* [online]. 1998, vol.3, n.2, pp. 61-72. ISSN 1413-8123. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81231998000200006>.
- DRUCK, Maria da Graça. 1995. *Terceirização: (Des)Fordizando a Fábrica - Um Estudo do Complexo Petroquímico da Bahia*. Tese de Doutorado. Unicamp, Campinas. 275 pp, 1995.
- DUSSEL, Enrique. Europa, modernidad y eurocentrismo. In: LAENDER, Edgardo (Ed.). *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2000.
- DURHAM, Eunice. *A Caminho da cidade: A vida rural e a migração para São Paulo*. São Paulo/SP: Editora Perspectiva, 1973.

_____. A sociedade vista da periferia. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, v. 1, n.1, jun. pp. 84-99, 1986a.

_____. A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas. In: CARDOSO, Ruth (org.). *A aventura antropológica: teoria e pesquisa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986b.

_____. Migrantes rurais. In: THOMAZ, Omar Ribeiro. *A dinâmica da cultura – ensaios de Antropologia*. São Paulo: Cosacnsify, p, 181-201, 2004.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

ESPINHEIRA, Gey (Coord.). *Sociabilidade e violência: criminalidade no cotidiano de vida dos moradores do Subúrbio Ferroviário de Salvador*. Salvador: Ministério Público do Estado da Bahia, Universidade Federal da Bahia, 2005.

_____. Sociabilidade e violência na vida cotidiana em Salvador. *Bahia Análise & Dados*. Salvador, v. 11, n. 1, 2001.

_____. *Desaparecimento e desaparecidos: um estudo da violência urbana*. Salvador: Tribunal de Justiça do Estado da Bahia / CEFIJ, 1999.

_____. A casa e a rua. *Cadernos do CEAS*. Salvador, n. 145, pp. 24-38, 1993.

_____. Bate Coração: um estudo sociológico da urbanização periférica de Salvador. *Veracidade*. Salvador, set. 1992.

_____. Salvador província e metrópole. *Debates CENPES*. Salvador, v. 2, n. 7, 1986a.

_____. Urbanização, segregação – a expansão de Salvador. *Debates CENPES*. Salvador, v. 2, n. 6, 1986b.

_____. *Divergência e Prostituição: Uma Análise Sociológica da comunidade prostitucional do Maciel*. Rio de Janeiro/RJ: Tempo Brasileiro; Salvador/BA: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1985.

EVANS-PRITCHARD, Edward Evan. *Os Nuer*. São Paulo, Ed. Perspectiva, [2002 (1940)].

FELDMAN-BIANCO, Bela (Org.). *Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos*. São Paulo: Editora da UNESP, 2010.

FERNANDES, Ana; GOMES, Marco Aurélio A. F. Idealizações urbanas e a construção da Salvador moderna: 1850-1920. *Espaços & Debates*. XI, n. 34, 1991.

FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes: no limiar de uma nova era*. Volume 2. São Paulo: Globo, 2008.

FERNANDES, Rosali B. Processos recentes de urbanização em Salvador: O Miolo, região popular e estratégia da cidades. *Biblio 3W, Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales*. Universidad de Barcelona, Vol. IX, nº 523, 20 de julio de 2004. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/b3w-523.htm>>. Acesso em 21 de fevereiro, 2013.

_____. *Periferização sócio-espacial em Salvador, análise do Cabula, uma área representativa*. Feira de Santana: Sitientibus, n.11, 1993.

- FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996, 8ª ed., 2006.
- FIGUEIREDO, Fábio B; MURICY, Ivana; ROCHA, Ana Carla & SOUZA, Cristiane. Diagnóstico socioeconômico para implantação de empreendimento hoteleiro. In: V&S Engenharia. *Diagnóstico de Impacto Sócio-ambiental para implementação de empreendimento hoteleiro em Barra do Paraguaçu*. Salvador: 2000.
- FONSECA, Antônio Ângelo Martins da; SILVA, Sílvia C. Bandeira de Melo e. A população do Subúrbio Ferroviário de Salvador: Os exemplos de Paripe e Periperi. *Veracidade*. Salvador: Governo do Estado da Bahia. dezembro, pp. 67-80, 1992.
- FONSECA, Cláudia. Da circulação de crianças à adoção internacional: questões de pertencimento e posse. *Cadernos Pagu*. São Paulo, janeiro – junho, p.11-43, 2006.
- _____. *Família, Fofoca e Honra: Etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares*. Rio Grande do Sul: UFRGS Editora, 2000.
- _____. *Caminhos da adoção*. São Paulo: Cortez, 1995.
- FRAGA FILHO, Walter. Migrações, itinerários e esperanças de mobilidade social no recôncavo bahiano após a Abolição. *Cadernos AEL*, v.14, n.26, 2009.
- _____. *Encruzilhadas da liberdade: histórias de escravos e libertos na Bahia (1890-1910)*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2006.
- _____. *Mendigos, moleques, vadios na Bahia do século XIX*. São Paulo, SP: Hucitec, 1996.
- FRANCO, Ângela Maria A. *Habitação popular e solo urbano em Salvador*. 1983. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFBA, Salvador, 1983.
- GARCIA, Antônia dos Santos. *Desigualdades raciais e segregação urbana em antigas capitais: Salvador, cidade de Oxum e Rio de Janeiro, cidade de Ogun*. Rio de Janeiro: Garamond, 544p. 2009.
- GAUTHEROT, Marcel. Bahia: Rio São Francisco, Recôncavo and Salvador. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.
- GEERTZ, Clifford. *Nova Luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2001.
- _____. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GILROY, Paul. *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo: 34; Rio de Janeiro: CEEA, 2001, cap. 2, esp. p. 109-131.
- GODOI, Emília Pietrafesa de. Reciprocidade e circulação de crianças entre camponeses do Sertão. In: GODOI, Emília Pietrafesa de; MENEZES, Marilda Aparecida de; MARIN, Rosa Acevedo (Orgs.). *Diversidade do campesinato: expressões e categorias [v.2: estratégias de reprodução social]*. São Paulo: Editora UNESP; Brasília/DF: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009.

- _____. *O Trabalho da Memória: cotidiano e história no sertão do Piauí*. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.
- _____. O sistema do lugar: história, território e memória no sertão. In: NIEMEYER, Ana Maria; GODOI, Emília Pietrafesa de (Orgs.). *Além dos territórios*. Campinas: Mercado de Letras, 1998.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. São Paulo: LTC, 1988.
- GOHN, Maria da Glória. Cidadania. *Revista Textos*. Campinas/SP, n. 1, maio, 1994.
- GOMES, Edlaine de Campos; MENEZES, Rachael Aisengort. Etnografias possíveis: “estar” ou “ser” de dentro. Ponto Urbe: São Paulo: USP, Ano 2, Versão 3.0, julho de 2008. Disponível em: < <http://n-a-u.org/pontourbe03/Gomes&Menezesa.html> >, acesso em 20 de outubro de 2011.
- GORDILHO-SOUZA, Ângela (Org.). *Habitar contemporâneo, novas questões no Brasil dos Anos 90*. Salvador: FAUFBA, 1997.
- _____. *Limites do habitar: segregação e exclusão na configuração urbana contemporânea de Salvador e perspectivas no final do século XX*. Salvador: EdUFBA, 2000.
- _____. *Invasões e intervenções públicas: uma política de atribuição espacial em Salvador, 1946-1989*. 1990. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano Regional). Instituto de pesquisa e planejamento urbano regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1990.
- _____. Novas formas de habitação, velhas estruturas. *Bahia: Análise & Dados*. Salvador, v. 3, n. 2, 1993.
- GUÉRIOS, Paulo Renato. As condições sociais de produção das lembranças entre imigrantes ucranianos. *Mana - Estudos de Antropologia Social*. Rio de Janeiro, 14(2): 367-398, 2008.
- GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Intelectuais negros e formas de integração nacional. *Estudos Avançados*. São Paulo, v. 18, n. 50, p.271-284, jan./abr. 2004. Quadrimestral. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142004000100023&script=sci_arttext>. Acesso em: 12 de abril. 2012.
- _____. Preconceito de cor e racismo no Brasil. *Aula preparada como requisito parcial para o concurso público de Professor Titular em Sociologia*, maio de 2004. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/sociologia/asag/>>. Acesso em 12 de maio de 2009.
- _____. A questão racial na política brasileira (os últimos quinze anos). *Tempo Social: Revista Social da USP*. São Paulo, 13: 121-142 novembro de 2001.
- _____. *Classes, Raças e Democracia*. São Paulo, Editora 34, 2000.
- _____. Obreros y movilidad social em Bahía, Brasil: um análises de trayectoria social. In: LULLE, Thierry; VARGAS, pilar y ZAMUDIO, Lucero. (Coords). *Los usos e la historia de vida em las ciencias sociales I*. Rubí (Barcelona): Antopos; Santafé de Bogotá: Centro

de Investigaciones sobre Dinámica Social de la Universidad Externado de Colombia, pp. 143-170, 1998.

_____. *Racismo e anti-racismo no Brasil*. São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. *Formação e Crise da hegemonia burguesa na Bahia*. 1982. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1982. [Revista pelo autor em 2003].

GURAN, Milton. Da bricolagem da memória à construção da própria imagem entre os Águdas do Benin. *Afro-Ásia*. Salvador, n. 28, 46-76, 2002.

_____. *Agudás: os brasileiros do Benin*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

_____. A “fotografia eficiente” e as Ciências Sociais. In: ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson (Org.). *Sobre o fotográfico*. Porto Alegre: Prefeitura da Cidade de Porto Alegre; Unidade Editorial, pp:87-99, 1998.

_____. Fotografar para descobrir, fotografar para contar. *Cadernos de Antropologia e Imagem*. Universidade do Rio de Janeiro, Núcleo de Antropologia e Imagem – N.1, Rio de Janeiro: UERJ, NAI, 2000.1, p. 155-165, 1995.

HAESBAERT, Rogério. Desterritorialização, Multiterritorialidade e Regionalização. In: LIMONAD, Ester; HAESBAERT, Rogério; MOREIRA, Ruy; (orgs.). *Brasil Século XXI: por uma Nova Regionalização? Agentes, Processos e Escalas*. São Paulo: Max Limonad, p. 173-193. 2004a.

_____. *O Mito da desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004b.

_____. *Des-territorialização e Identidade: a rede “gaúcha” no Nordeste*. Niterói/RJ: EdUF, 1997.

_____. O mito da desterritorialização e as “regiões-rede”. *V Congresso Brasileiro de Geografia [Anais]*. Curitiba: AGB, 1994.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, p. 222, 2006.

HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. [Tradução Adelaine G. Resende et al]. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

_____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 7ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

HASENBALG, C. *Discriminação e desigualdades raciais no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

HATJE, Vanessa; ANDRADE, Jailson B. de. (Org.). *Baía de Todos os Santos. Aspectos Oceanográficos*. Salvador: EDUFBA, 2009. 306p.

HEILBORN, Maria Luiza & SORJ, Bila. Estudos de Gênero no Brasil. In: MICELI, Sérgio (Org.). *O que ler na Ciência Social brasileira (1970-1995)*. São Paulo: Editora Guamaré, ANPOCS, Brasília: Capes, 1999.

HERRNSTEIN, Barbara: Narrative Versions, Narrative Theories. *Critical Inquiry*, Vol. 7, No. 1, On Narrative (Autumn, 1980), pp. 213-236, The University of Chicago Press Stable URL: <<http://www.jstor.org/stable/1343185>>. Acesso em: 02 de maio de 2013.

- HORVÁTH, Gyöngyvér: Rephrased, Relocated, Repainted: visual anachronism as a narrative device. In: *Image & Narrative*, Vol 12, No 4 (2011), (Online Magazine of the Visual Narrative. Disponível em: <<http://ojs.arts.kuleuven.be/index.php/imagenarrative/issue/view/15>>. Acesso em: 02 de maio de 2013.
- HITA-DUSSEL, Maria Gabriela. *As casas das mães sem terreiro: etnografia de modelo familiar patriarcal em bairro popular negro na cidade de Salvador*. 2004. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 2004.
- INGOLD, Tim. A storied world, part IV. In: *Being Alive, Routledge*. London and New York, pp.141-176, 2011.
- _____. *The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill*. New York: Routledge, 2000.
- JACINTO, Andréa Borghi Moreira. *Afluentes de memória: Itinerários, taperas e histórias do Parque nacional Grande Sertão Veredas*. 1998. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Estadual de Campinas, 1998.
- KOFES, Suely (Org.). *Histórias de vida, biografias e trajetórias*. Campinas-SP: UNICAMP, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2004. 308p. (Cadernos do IFCH; 31)
- _____. *Mulher, mulheres - identidade, diferença e desigualdade na relação entre patroas e empregadas*. Campinas: Editora Unicamp, 2001a.
- _____. *Uma trajetória, em narrativas*. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2001b.
- _____. Experiencias sociales, interpretaciones individuales: posibilidades y limites de lãs historias de vida em lãs ciências sociales. In: LULLE, Thierry; VARGAS, pilar y ZAMUDIO, Lucero. (Coords). *Los usos e la historia de vida em las ciências sociales I*. Rubí (Barcelona): Antropos; Santafé de Bogotá: Centro de Investigaciones sobre Dinámica Social de la Universidad Externado de Colombia, pp. 82-101, 1998.
- _____. *Entre nós, os pobres, eles, os negros*. 1973. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 1973.
- KOTTAK, Conrad Phillip. O legado baiano da Universidade Columbia. In: PEREIRA, Claudio; SANSONE, Livio. *Projeto UNESCO no Brasil: textos críticos*. Salvador: EdUFBA, 2007, pp. 347-359.
- KOTTAK, Isabel (Betty) Wagley. Lembrança do meu pai, Charles Wagley. In: PEREIRA, Claudio; SANSONE, Livio. *Projeto UNESCO no Brasil: textos críticos*. Salvador: EdUFBA, 2007, pp. 74-80.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. “As violências invisíveis”. *Revista Política e Trabalho*. v. 10, n. 8, jul. 1994.
- KUPER, Adam. *Cultura, a visão dos antropólogos*. São Paulo, EDUSC, 2002.
- _____. *Antropólogos e Antropologia*. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1978.
- LANDES, Ruth. *A cidade das mulheres*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

- LEACH, Edmund. *A Diversidade da Antropologia*. Lisboa: Edições 70, 1982.
- LEEDS, Anthony; LEEDS Elizabeth. *A Sociologia do Brasil Urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- LEWIS, Oscar. *Os filhos de Sánches*. Lisboa: Moraes Editores, 1970.
- LIMA, Gisele Oliveira de. *Movimento Baixa do Marotinho: a luta pela moradia em Salvador (1974-1976)*. 2009. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.
- LIMA, Márcia. O legado de Oracy Nogueira ao estudo das relações raciais. *Tempo Social: Revista de Sociologia da USP*. São Paulo, vol. 19, no.1, Junho, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702007000100014>. Acesso em janeiro de 2013.
- LOERA, Nashieli Rangel. *Tempo de Acampamento*. 2009. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 2009.
- MACHADO, Eduardo. *Trajetórias da migração rural da Bahia*. 1992. Tese. (Doutorado em Filosofia). Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 1992.
- MACIEL, Lidiane M. *O sentido de Melhorar de Vida: arranjos familiares na dinâmica das migrações urbanos-rurais em São Carlos-SP*. 2012. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 2012.
- MARIANO, Agnes. *A invenção da baianidade*. São Paulo: Annablume, 2009.
- MAGNANI, José Guilherme C. A antropologia urbana e os desafios da metrópole. *Tempo Social – USP*. São Paulo, abril, 2003.R
- _____. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, 17 (49), jun., 2002.
- _____. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo: Hucitec, UNESP, [2003 (1998)].
- MARCELIN, Louis Herns. A linguagem da casa entre os negros no Recôncavo Baiano. *Mana - Estudos de Antropologia Social*. Rio de Janeiro, vol. 5, n.2, p. 31-60, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131999000200002&lng=en&nrm=iso> Acesso em: 12 fevereiro 2010.
- _____. *A invenção da família afro-americana: família, parentesco e domesticidade entre os negros do Recôncavo da Bahia, Brasil*. 1996. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Programa de Pós-Graduação de Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996.
- MATTEDI, Maria Raquel Mattoso. *As invasões em Salvador: uma alternativa habitacional*. 1979. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal da Bahia, 1979.

MATTOSO, Kátia Maria de Q. *Bahia: a cidade do Salvador e seu mercado no século XIX*. São Paulo: Hucitec; Salvador/BA: Secretaria Municipal de Educação e Cultura, 1978.

_____. *Bahia: século XIX: Uma província no império*. Rio de Janeiro/RJ: Editora Nova Fronteira S.A., 1992.

MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a dívida*. Lisboa: Edições 70, [1923-1924]1988.

MELO, Izabel Dias de Oliveira. O espaço da política e as políticas do espaço: tensões entre o programa de urbanização de favelas “Vila Viva” e as práticas cotidianas no Aglomerado da Serra em Belo Horizonte. 2009. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.

MENEZES, Marilda Aparecida & Godoi, Emília Pietrafesa de (Org.). *Mobilidades, Redes Sociais e trabalho*. São Paulo: Annablume; Brasília: CNPq, 2011.

MENEZES, Marilda Aparecida *et al.* O retorno para a festa. Revista. *Travessia*, São Paulo, ano III, n. 7, p.9-12, maio - ago. 1990.

MENEZES, Marilda Aparecida. Migrações: uma experiência história do campesinato do Nordeste. In: GODOI, Emília Pietrafesa de; MENEZES, Marilda Aparecida; MARIN, Rosa Acevedo (Orgs.). *Diversidade do campesinato: expressões e categorias*, v. 2: Estratégias de reprodução social. São Paulo: Unesp; Brasília, DF: Nead, , p. 269-287, 2009.

_____. *Redes e enredos nas trilhas dos imigrantes: um estudo de famílias de camponeses-migrantes*. Rio de Janeiro: Relume-Dumara; João Pessoa: EDUFPA, 2002.

MONTENEGRO, Antônio Torres. *História oral e memória: Cultura popular revisitada*. São Paulo: Contexto, 2007.

MORGAN, Lewis. *A Sociedade Primitiva*. São Paulo, Martins Fontes, [1979 (1877)].

MOTTA. Alda Brito. “Gênero, idades e gerações”. *Caderno CRH*. Salvador, v. 17, n. 42, 2004.

MOTTA-MAUES, Maria Angélica. Na 'casa da mãe'/na 'casa do pai': anotações (de uma antropóloga e avó) em torno da 'circulação' de crianças. *Revista de Antropologia*. São Paulo, [on line], vol. 47, no 2, p. 427-425, 2004.

MOURA, Milton. Organizações populares, cultura e habitação em Salvador. In: GORDILHO-SOUZA, Ângela (Org.). *Habitar contemporâneo, novas questões no Brasil dos Anos 90*. Salvador: FAUFBA, 1997.

_____. Notas sobre o verbo invadir no contexto social de Salvador. *Cadernos do CEAS*. Salvador: CEAS. Nº 125, 1990.

MURICY, Ivana Tavares. O éden terrestre: o consumo da cidade como mito. *Bahia Análise & Dados*, v. 11, p. 180-193, 2001.

_____. PINHO, Simone A. BELAS, Ângela O.; SANTOS, Cândida R. *Migração e migrantes da Bahia nos anos de 1980 e 1990: Tendência e perfis sociodemográficos*. Salvador: SEI, p. 124, 2007.

_____. BELAS, Ângela O. ; SANTOS, Cândida R. ; MAGALHÃES, Daniel S. ; LOPES, Diva ; ALVES, Luis André A. ; DIAZ, Patricia C. ; PINHO, Simone A. *Dinâmica sociodemográfica da Bahia: 1980-2000*. Salvador: SEI, 2003.

NOBRE, Maria Ivanilde Ferreira. *No reino de pedra e cal: o patrimônio e o Centro Histórico de Salvador em época pós-moderna*. 2001. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Minas Gerais, 2001.

NOGUEIRA, Verena Sevá. *Sair pelo mundo: A conformação de uma territorialidade Camponesa*. 2010. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Unicamp, 2010.

_____. Dádivas e redes: o processo migratório em famílias camponesas. In: MENEZES, Marilda Aparecida & Godoi, Emília Pietrafesa de (Org.). *Mobilidades, Redes Sociais e trabalho*. São Paulo: Annablume; Brasília: CNPq, 2011.

NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Projeto História. São Paulo: PUC-SP. N° 10., 1993.

OLIVEIRA, Francisco de. *O elo perdido: classe e identidade de classe na Bahia*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003. (Coleção História do povo brasileiro)

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *O trabalho do antropólogo*. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. (Org.). *A Antropologia de Rivers*. Campinas: Editora da Unicamp, 1991.

OLIVEN, Ruben George. *A antropologia de grupos urbanos*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2003.

_____. O popular e o nacional. In: *A moderna tradição brasileira*. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

_____. Notas sobre as Ciências Sociais no Brasil. *Novos Estudos CEBRAP*. São Paulo, n. 27, jul. 1990.

ORTNER, Sherry. Uma atualização da teoria da prática. In: GROSSI, M. P.; ECKERT, C. e FRY, Peter H. (Orgs.). *Conferências e Diálogos: saberes e práticas antropológicas*. Blumenau/SC: Nova Letra, 2007.

PACHECO, Ana Cláudia L. “*Branca para casar, mulata para f... e negra para trabalhar*”: escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia. 2008. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 2008.

_____. Raça, gênero e escolhas afetivas: uma abordagem preliminar sobre solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia, *Temáticas*, Campinas, 11(21/22): 11-48, jan./dez., pp.11-48, 2003.

- PARAGUASSÚ, Lidice Almeida Arlego. *A Agricultura Urbana como estratégia de sustentabilidade da cidade de Salvador, Bahia, Brasil*. 2013. Tese (Doutorado em Meio Ambiente e Sociologia). Programa El Medio Ambiente en las Ciencias Sociales, Universidad de Salamanca, Salamanca. 2013.
- PEIRANO, Mariza. Etnografia, ou a teoria vivida. *Ponto Urbe*. São Paulo: USP, ano 2, Versão 2, fevereiro, 2008. Disponível em: <<http://n-a-u.org/pontourbe02/Peirano.html>>, acesso em 20 de outubro de 2011.
- PEREIRA, Iranilde Viana. *A dimensão educativa do movimento social na invasão do Vale da Muriçocas*. 1989. 182 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia
- PEREIRA, Josemeire Alves. *O tombamento do “Casarão da Barragem” e as representações da favela em Belo Horizonte*. 2012. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Campinas, 2012.
- PIERSON, Donald. *Branços e pretos na Bahia*. São Paulo/SP: Companhia Editora Nacional, 20 edição[(1942) 1971].
- PINA-CABRAL, João de; SILVA, Vanda Aparecida. *Gente livre: considerações e pessoa no Baixo Sul da Bahia*. São Paulo: Terceiro Nome, 2013.
- PINA-CABRAL, João de; LIMA, Antônia Pedrosa de. *Como fazer uma História de Família: um exercício de contextualização social*. Lisboa: Etnográfica, Vol. IX (2), 2005, pp355-388. Disponível em: <http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol_09/N2/Vol_ix_N2_JPCabral&APLima.pdf>. Acesso em 27 de agosto de 2009.
- PINA-CABRAL, João de. *O homem na família: cinco Ensaios de Antropologia*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 2003.
- _____. Comentários críticos sobre a casa e a família no Alto Minho rural. *Análise Social – Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa*. Lisboa. vol XX (81-82), 2.º 3º, p.263-284, 1984.
- PINHO, Osmundo S. de Araújo. *O mundo negro: sócio-antropologia da reafrikanização em Salvador*. 2003. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2003.
- _____. *Descentrando o Pelô: narrativas, territórios e desigualdades raciais no centro histórico de Salvador*. 1996. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 1996.
- PINTO, L. A Costa. Recôncavo: Laboratório de uma experiência humana. In: BRANDÃO, Maria de Azevedo (Org.). *Recôncavo da Bahia – sociedade e economia em transição*. Salvador: Academia de Letras da Bahia, Universidade Federal da Bahia, 1998.
- PISCITELLI, Adriana. Nas fronteiras do natural: gênero e parentesco. *Revista de Estudos Feministas*. Santa Catarina, 6 (2) pp. 305-321, 1998.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitela Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luta e senso comum. In: FERREIRA, Marieta de M. & AMADO, Janaína (Orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 8. ed., 2006.

QUIROS, Julieta. Tempo de Brasília: etnografando lugares-eventos da política. *Mana, Estudos de Antropologia Social*. Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, Oct. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132004000200008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 18 de Outubro de 2013.

RADCLIFFE-BROWN, A. R. *Estrutura e Função na Sociedade Primitiva*. Petrópolis: Editora Vozes LTDA., 1973.

REDFIELD, Robert. *The Little community and peasant society and culture*. Chicago & London. The University of Chicago Press, 1960.

REIS, João José; SILVA, Eduardo. *Negociação e conflito. A resistência negra no Brasil escravista*. São Paulo/SP: Companhia das Letras, 1989.

REIS, João José. De olho no Canto: trabalho de ruas na Bahia na véspera da Abolição. *Áfro-Ásia*: Salvador, n. 24. 2000, pp. 199-242.

_____. *Rebeliões Escravas no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

RIGAMONTE, Rosani. *Sertanejos contemporâneos: entre a metrópole e o sertão*. São Paulo: Humanistas/Fapesp, 2001.

RIOS, Ana Lugão; MATTOS, Hebe. *Memórias do cativo: família, trabalho e cidadania no pós-abolição*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2005.

RISÉRIO, Antonio. *Uma história da cidade da Bahia*. Imprensa Rio de Janeiro, RJ: Versal, 2004.

RORTY, Richard. Acerca do Etnocentrismo: uma réplica a Clifford Geertz. In: *Objetivismo, Relativismo e Verdade*. Escritos Filosóficos, vol. 1. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1997.

SAHLINS, Marshal. O 'Pessimismo Sentimental' e a Experiência Etnográfica: porque a cultura não é um objeto em extinção. *Mana, Estudos de Antropologia Social*. Rio de Janeiro, vol. 3, n. 1 e 2, 1997.

SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. *Fora do Lugar*. São Paulo. Companhia das Letras, 2004.

SALVADOR. Comissão de Planejamento Econômico – CEP. *Carta da região turística de Salvador: Baía de Todos os Santos, elo de integração regional*. Salvador: Secretaria do Planejamento, Ciência e Tecnologia, num 29, 1994.

SAMAIN, Etienne. As imagens não são bolas de sinuca. Como pensam as imagens. In: SAMAIN, Etienne (org.). *Como pensam as imagens*. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2012.

_____. Aby Warburg. Mnemosyne. Constelação de culturas e ampulheta de memórias. In: SAMAIN, Etienne (org.). *Como pensam as imagens*. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2012.

SAMPAIO, José Augusto Laranjeiras. A presença indígena na Bahia de Todos os Santos e na área do Parque São Bartolomeu. In: CEASB/PROJETO MEMORIAL PIRAJÁ. *Parque Metropolitano de Pirajá, história, natureza e cultura*. Salvador: Editora do Parque, 1998. [col. Cadernos do Parque].

SANSONE, Lívio. *Pai preto, filho negro, cor e diferenças de geração*. Rio de Janeiro, Estudos Afro-asiáticos, n. 25, 1993, pp. 73-98.

_____. *Cor, classe e modernidade em duas áreas da Bahia. Algumas primeiras impressões*. Salvador: UFBA/CRH, 1992. [Série Toques].

SANTANA, Charles D'Almeida. *Fatura e ventura camponesas: trabalho, cotidiano e migrações – Bahia: 1950-1980*. São Paulo: Annablume; Feira de Santana/Ba: Universidade Estadual de Feira de Santana, 1998.

SANTANA, Lúcia Conceição. *Itinerários negros, negros itinerantes: trabalho, lazer e sociabilidade em Salvador, 1870-1887*. 2008. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Bahia, 2008.

SANTOS, J. L. J. *Políticas públicas e ações populares: o caso dos Alagados - Salvador/Ba*. Revista Estudos Geográficos, Rio Claro, v. 1, p. 1, 2005.

SANTOS, José Eduardo Ferreira. *Aspectos sócio-histórico do Subúrbio Ferroviário de Salvador: a ancestralidade africana e indígena, fundadora do território*. Sementes - Cadernos de Pesquisas, S, vol 3. nº 5/9, jan/dez.2002. Salvador.

_____. *Protagonismo e Organização Comunitária em Novos Alagados*. Sementes – Cadernos de Pesquisas, vol.5. nº 7, jan/dez. 2004. Salvador.

_____. *Novos Alagados: história do povo e do lugar*. Bauru/ SP: EDUSC, 2005.

_____. *Travessias: a adolescência em Novos Alagados*. Bauru/ SP: EDUSC, 2005.

SANTOS, Milton. *Pobreza urbana*. São Paulo: Hucitec, 1978.

_____. *O centro da cidade do Salvador: estudo de geografia urbana*. Salvador: Livraria Progresso, 1959.

_____. A rede urbana do Recôncavo. In: BRANDÃO, Maria de Azevedo (Org.). *Recôncavo da Bahia – sociedade e economia em transição*. Salvador: Academia de Letras da Bahia: Universidade Federal da Bahia, 1998.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo (SP); Belo Horizonte: Companhia Das Letras: UFMG, 2007 [2005]. 129 p.

SAYAD, Abdelmalek. Elghorba: o mecanismo de reprodução da imigração In: SAYAD, A. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998, p. 25-44.

_____. Uma família deslocada. In: BOURDIEU, Pierre. (Dir.). *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 35-51.

SCHWARCZ, Lilia K. Moritz. Uma história de 'diferenças e desigualdades': as doutrinas raciais do século XIX. In: *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCOTT, Russel Parry. Famílias camponesas, migrações e contextos de poder no Nordeste: entre o “cativeiro” e o “meio do mundo”. In: GODOI, Emília Pietrafesa de; MENEZES, Marilda Aparecida; MARIN, Rosa Acevedo (Orgs.). *Diversidade do campesinato: expressões e categorias, v.2: estratégias de reprodução social*. São Paulo: Unesp; Brasília, DF: Nead, 2009, p 245-267.

_____. Estratégias familiares de emigração e retorno no Nordeste. *Travessia*, v.5, n. 22, p. 23-27, maio-ago. 1995.

SERRA, Ordep. Sinais no escuro: Quem faz Salvador? In: ESTEVES JUNIOR, Milton; YRIARTE, Urpi Montoya (Org). *Panoramas urbanos: reflexões sobre a cidade*. Salvador: EDUFBA, 2003;

SERPA, Ângelo. Apropriação social versus requalificação dos parques e praças na capital baiana. ESTEVES JUNIOR, Milton; YRIARTE, Urpi Montoya (Org). *Panoramas urbanos: reflexões sobre a cidade*. Salvador: EDUFBA, 2003.

_____. (Org.) *Fala periferia! Uma reflexão sobre a produção do espaço periférico metropolitano*. Salvador: UFBA, 2001. [série UFBA em campo: Estudos].

SEYFERTH, Giralda. A invenção da Raça e o Poder Discricionário dos Estereótipos. *Anuário Antropológico/93*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

SILVA, Abigail Alcântara. “*Eu nasci aqui, na maré...*”: a luta pela moradia e consolidação do espaço em Alagados. 2002. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. *Errantes do fim do século*. São Paulo: Fundação editora UNESP, 1999.

_____. Destinos e trajetórias dos migrantes. *Anais do VIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais*. Águas de São Pedro: Associação Brasileira de Estudos Populacionais, v. 3, Abep, 1992, p.161-177.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.) *Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SINGER, Paul. Migrações internas: considerações teóricas sobre o seu estudo. In: *Economia política da urbanização*. 3a ed. São Paulo: Brasiliense, 1976.

SKIDMORE, Thomas . Gilberto Freyre e os Primeiros Tempos da República Brasileira. In: *O Brasil visto de Fora*. São Paulo: Paz e Terra, 1994: 9-31

_____. *Preto no Branco – raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. 2 ° ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

_____. Criadores de Mitos: Os Arquitetos da Identidade Nacional Brasileira”. In: *O Brasil Visto de Fora*. São Paulo: Paz e Terra, 1994: 71-97 *Livro de apoio*

SOARES, Valter Guimarães. *Cartografia da Saudade: Eurico Alves e a invenção da Bahia sertaneja*. Salvador/Feira de Santana: EDUFBA/UEFS, 2009.

SOUZA, Cristiane Santos. Entre relatos de vida, fotografias e cartografias: uma etnografia em diferentes proximidades. In: KOFES, Suely; MANICA, Daniela. (Orgs.). *Etnografia e Biografia na Antropologia: experiência com diversas grafias sobre a vida*. [texto completo no prelo].

_____.; PARAGUASSU, Lidice A. A. Entre os de dentro e os de fora, um empreendimento turístico: formas de organização e participação sociais no Litoral Norte da Bahia. In: SEI - SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA. *Turismo e desenvolvimento na Área de Proteção Ambiental Litoral Norte – Bahia*. Salvador, p. 251-267 [Série estudos e pesquisas, 82], 2009.

_____. No percurso da luta por moradia: memória e estratégias de inserção social na metrópole baiana. In: VII Seminário Nacional do Centro de Memória da UNICAMP-CMU. *Memória, cidade e educação das sensibilidades [Anais]*. Campinas/SP: Centro de Memória da Unicamp, 2012.

_____. Imagens e Representações da cidade: as inquietações e emoções dos moradores de Novos Alagados no Subúrbio Ferroviário de Salvador/Ba. In: NASCIMENTO, Francisco Alcides. (Org.) *Sentimentos e ressentimentos em cidades brasileiras*. Teresina: EDUEFPI; Imperatriz, MA: Ética, 2010.

_____. Violência e masculinidade: conhecimento e experiência de pesquisa na construção de novas perspectivas de inserção e ação social entre jovens do Subúrbio Ferroviário de Salvador (BA). In: Reunião Brasileira de Antropologia, XXV, 2006, Goiânia. *Saberes e práticas antropológicas desafios para o século XXI [Anais]*. Goiânia: Associação Brasileira de Antropologia, 2006.

_____. *Percepção e produção estética: Configuração do modo de vida em Novos Alagados no Subúrbio Ferroviário de Salvador*. 2002. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal da Bahia, 2002.

SOUZA, Guaraci Adeodato Alves de; FARIA, Valter. (Orgs.). *Bahia de todos os pobres*. Petrópolis: Vozes, CEBRAP, 1985.

SOUZA, Guaraci A. ; LOPES, Diva ; MURICY, I. T. ; MOTTA, Margarida ; PINHO, Simone A. *Mudanças sociodemográficas recentes: Região Metropolitana de Salvador*. Salvador: CRH/UFBA E SEI/SEPLANTEC, 1999.

SOUZA, Guaraci Adeodato Alves de. “Construção do espaço metropolitano: efeitos sobre as condições de trabalho e habitação”. *Revista Força do Trabalho e Emprego*. Salvador, n. 2, 1988.

_____. Urbanização e Fluxos Migratórios para Salvador. SOUZA, Guaraci A.; FARIA, Valter. (Orgs.). *Bahia de todos os pobres*. Petrópolis: Vozes; CEBRAP: São Paulo, 1985.

SOUZA, Guaraci Adeodato de. *Migração e subemprego em Salvador*. 1978. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1978.

SOUZA, Robério S. *Tudo pelo trabalho livre! Trabalhadores e conflitos no pós-abolição (Bahia, 1892-1909)*. São Paulo: FAPESP; Salvador: EDUFBA, 2011.

_____. *Experiências de trabalhadores nos caminhos de ferro da Bahia: trabalho, solidariedade e conflitos (1892-1902)*. Campinas-SP: Programa de Pós-Graduação em História, 2007.

STOCKING Jr., George W. Antropologia em Chicago: a fundação de um Departamento independente, 1923-1929. In: PEIXOTO, Fernanda Arêas; PONTES, Heloisa & SCHWARCZ, Lilia Mortiz (Orgs.). *Antropologias, Histórias, Experiências*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

STOLCKE, Verena. Cultura Europeia: uma nova retórica da exclusão?. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, n. 22, ano 8, junho de 1993.

STRASSLER, Karen. *Refracted Visions: Popular Photography and National Modernity*. Java, Duke University Press, Durham and London, 2010.

TAVARES, Luís Henrique. *A Independência do Brasil na Bahia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, [(1982) 1977].

TELLES, Edward. *Racismo à brasileira: uma nova perspectiva sociológica*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

THOMPSON, Paul Richard. *A voz do passado: História oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VALLADARES, Lícia do Prado. (org.) *Repensando a Habitação no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

VELHO, Gilberto; KUSCHNIER, Karina (Orgs.). *Pesquisas Urbanas: desafios do trabalho antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editoras, 2003.

VELHO, Gilberto. O desafio da proximidade. In: VELHO, Gilberto; KUSCHNIER, Karina (Orgs.). *Pesquisas Urbanas: desafios do trabalho antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editoras, 2003.

_____. *A Utopia Urbana: um estudo de antropologia social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2002.

_____. *Desvio e divergência: uma crítica da patologia social*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

VELHO, Gilberto; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O conceito de cultura e o estudo de sociedades complexas: uma abordagem antropológica. *Revista Artefato*. n. 1, jan. 1978.

VELHO, Otávio (Org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro. Guanabara. 1987.

VENTURA, Roberto; SUSSEKIND, Flora. *História e dependência: Cultura e sociedade em Manoel Bomfim*. São Paulo: Moderna, 1984.

VERGER, Pierre. *Retratos da Bahia - 1946 a 1952*. Salvador: Ed. Corrupio, 1980.

VICENT, Joan. A sociedade agrária como fluxo organizado: processos de desenvolvimento passados e presentes. In: FELDMAN-BIANCO, Bela (Org.). *Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos*. São Paulo: Editora da UNESP, 2010.

VIANNA, Hildegardes. *A Bahia já foi assim* (crônicas de costumes). Salvador: Itapuã, 1973.

- WAGNER, Roy. *A invenção da Cultura*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- _____. *Hazarding Intent. Why Sogo Left Hweabi*. In. ROSEN, Lawrence. *Other Intentions*. School of American Research Press, Santa Fé, New Mexico, US, p. 163-175, 1995.
- WEBER, Max. *Max Weber: Sociologia*. São Paulo: Ática, [Série Grandes Cientistas Sociais], 1982.
- WOORTMANN, Ellen. *Herdeiros, parentes e compadres: Colonos do Sul e Sitiantes do Nordeste*. São Paulo-Brasília: Hucitec-Edunb, 1995.
- WOORTMANN, Klas. *A família das mulheres*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Brasília: CNPq, 1987 (col. Biblioteca Tempo Universitário: 82).
- _____. *Migração, família e campesinato*. In Clifford Andrew Welch et al (Orgs.). *Camponeses Brasileiros: leituras e interpretações clássicas*, v1. São Paulo: Unesp; Brasília, DF: Nead, .2009, p. 217-238.
- _____. “Com parente não se negueia”: o campesinato como ordem moral. *Anuário Antropológico* 87. Brasília: Editora Universidade de Brasília, p. 11-73, 1990.
- ZALUAR, Alba. *A máquina e a revolta: as organizações e o significado da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- ZANETTI, José C; OLIVEIRA, Nelson de; RIBEIRO, Lutz Mulert (Orgs.). *A outra face da moeda: a violência na Bahia*. Salvador: Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de Salvador, 2000.
- ZONABEND, Fraçoise. *La mémoire longue – temps et histoires au village*. Paris, PUF, 1980.

APÊNDICE

Ensaio Fotográfico 1. Vidas que saem do Mar















Ensaio Fotográfico 2. no nascer do dia o assado da castanha de caju







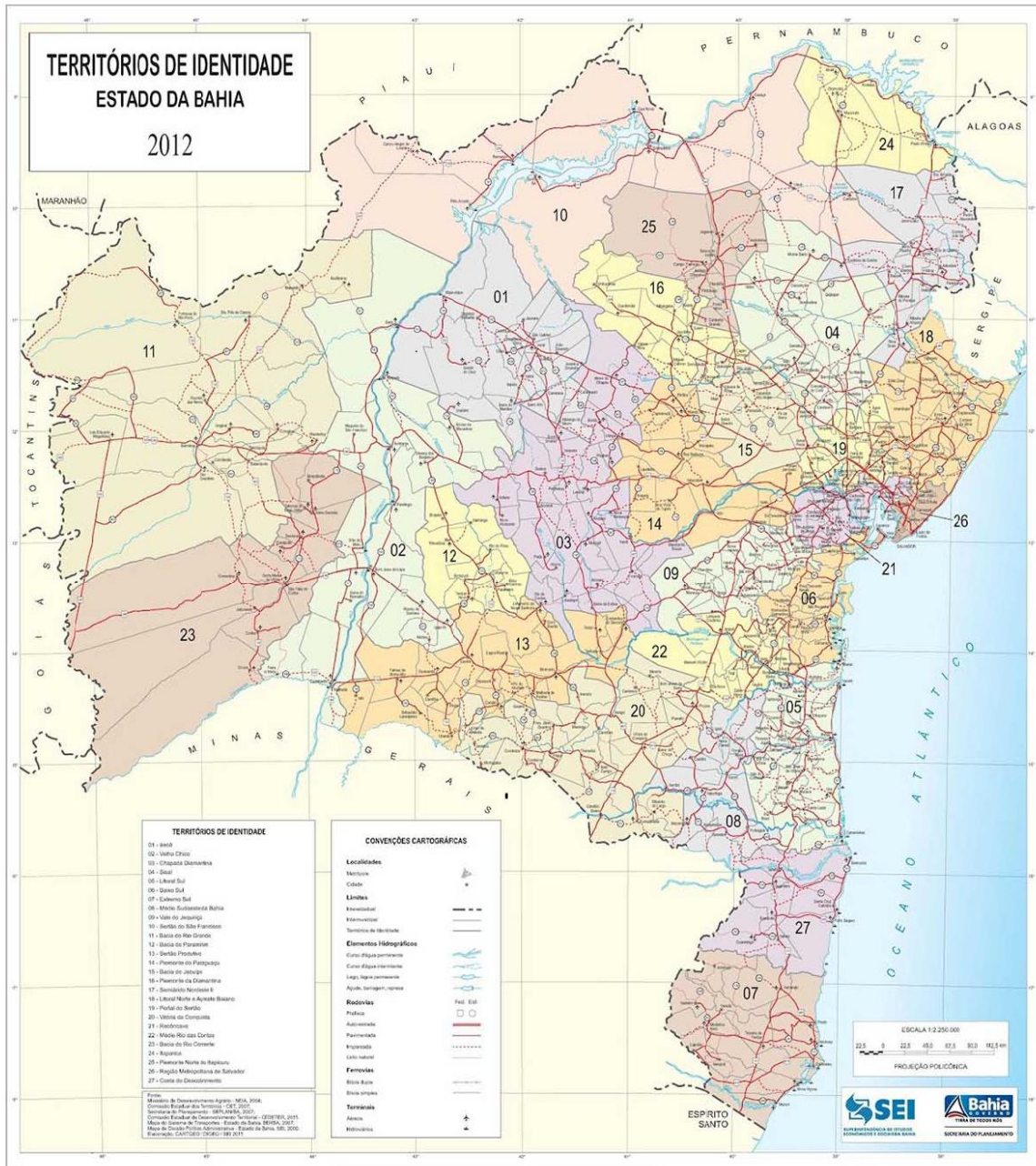




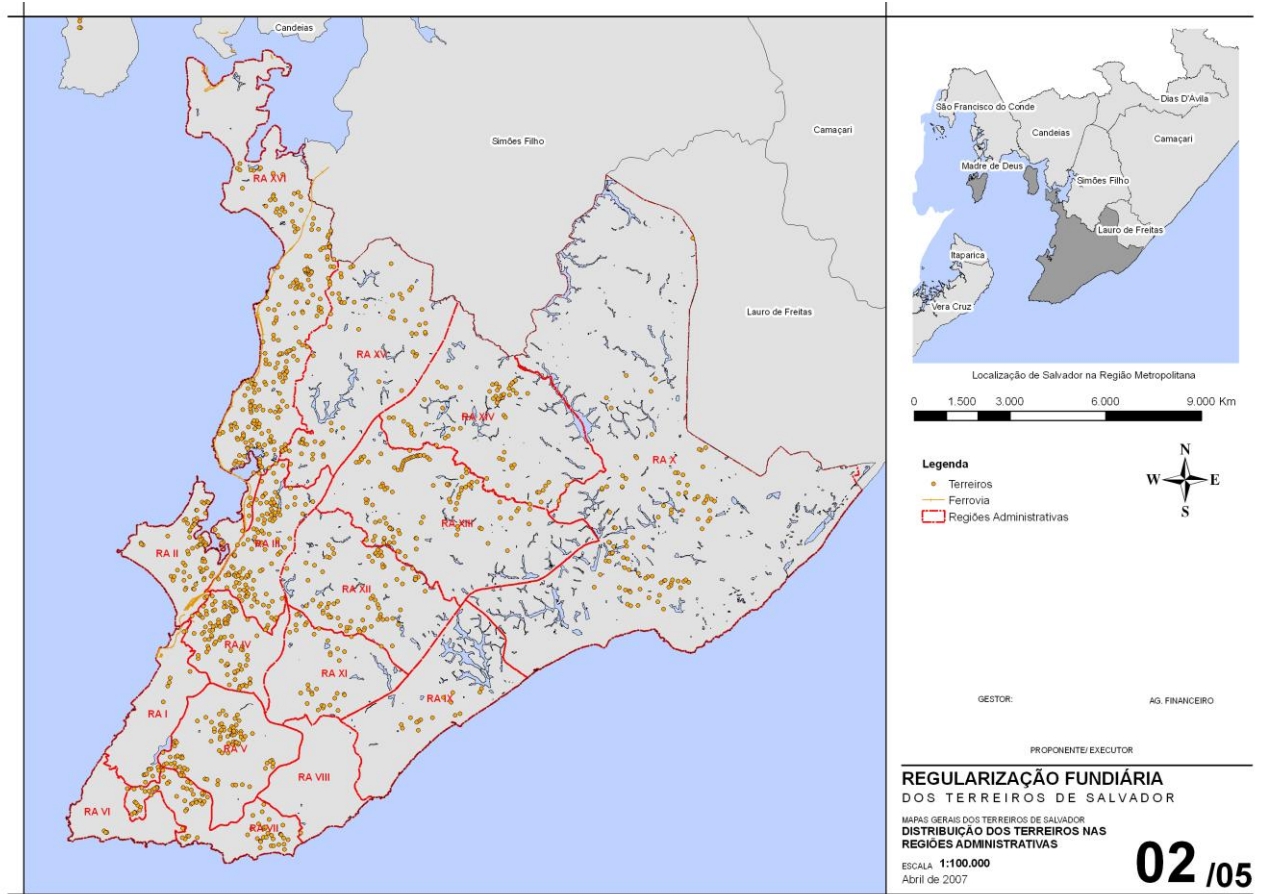


ANEXOS

Anexo 1. Mapa Territórios de Idenidade do Estado da Bahia



Anexo 2. Distribuição dos Terreiros de Candonblé de Salvador por Regiões Administrativas



Anexo 3. Fontes de água por Bacia Hidrográfica

